

ILKKA AUER

VENCEDOR DO PRÊMIO KUVAJATAJA DE MELHOR LIVRO DE FANTASIA,
CONCEDIDO PELA TOLKIEN SOCIETY DA FINLÂNDIA

A
ANDARILHA
das

Sombras

TERRAS DE NEVE
E GELO • VOL. 2

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

ILKKA AUER

A
ANDARILHA
das
Sombras

TERRAS DE NEVE
E GELO – VOL. 2

Tradução
Pasi Loman e Lilia Loman



GUTENBERG

Para Renata e Victoria

AGRADECIMENTOS

Agradeço muitíssimo a meus leitores, destacando todos aqueles cujo *feedback*, recebido de diversas formas, me deu enorme motivação durante a jornada de criação de *A andarilha das sombras*. Agradecimentos especiais para Anni, Hanna e Ella, pelo incentivo, pela revisão do manuscrito e pelos comentários; para Sini, pelo entusiasmo; e, é claro, para minha professora de finlandês, Ulla.

O agradecimento por ter sido a inspiração para Nonna é para Minni.

Gostaria de agradecer a Ragnheiður Tryggvadóttir, por ajudar com os nomes e o vocabulário e, mais uma vez, à Anne Luukkanen, por trabalhar com entusiasmo e profissionalismo com o texto.

O agradecimento maior vai para Renata e Victoria, pelo encorajamento infinito, pela paciência e por dividir a dor do processo criativo.

Prólogo

“Hoje, dia 8 de setembro de 816, após o fim da Guerra dos Deuses, estou partindo em viagem, cujo retorno é incerto, a despeito de todos os presságios que interpretei. Quando a manhã chegar e o sol iluminar um rochedo no Cabo da Águia, embarcarei no navio dos hiitis para Nimwich e, seguindo os desejos do suprasoberano, de lá continuarei para a obscura Caldia, e para até mais ao norte. O destino da viagem me é de extremo desagrado e eu não colocaria meus pés lá, a não ser que meu Senhor me desse ordens específicas para fazê-lo. Pois sua alma, como a de todos, está acometida por preocupações.

O manuscrito mais importante de nosso respeitado historiador, Beda, jaz ao lado do trono do salão ocidental e os eventos daquelas profecias, existentes há séculos, podem estar por se realizar. Isso gela nossos corações. Beda escreveu sua profecia após Gudrun, a Senhora das terras escuras do norte, arquimaga e esposa do dragão-negro Skafloc, ter atravessado a baía congelada da Caldia e atacado Nawyr, no ano de 127. Com ela, trouxe milhares de trolls, gnomos, bestas e outras criaturas trazidas das profundezas do inferno, uma mais horripilante do que a outra. A bruxa teve tempo de destruir toda a costa setentrional e fugir de volta a seu reino gelado, antes que as tropas de nosso governante na época, Deneblain, tivessem tempo de detê-la. Ela também destruiu a casa onde nosso governante nasceu, a Lupistara, deixando uma mensagem para um jovem chamado Beda, que ali estava. Ele deveria encaminhá-la apenas para o suprasoberano, e mais ninguém. Apesar da proibição, o jovem a leu e escreveu sua profecia, que é conhecida por todo o reino e baseada nessa

mensagem. Segundo a predição, uma menina nasceria, em algum lugar no distante norte, descendente dos próprios Gudrun e Skafloc, e dos dragões-negros. A menina ganharia poderes com os quais restituiria o antigo poder desses dragões. E, quando nosso poderoso reino menos esperasse, uma Bruxa do Gelo viria novamente para congelar a Baía da Caldia e libertar todos os horrores das terras do norte, flagelando o povo de Nawyr. Nas ruínas de Lupistara, Gudrun jurou a Beda que, a partir desse dia, as chamas sob o reino de Nawyr jamais apagariam e que a neve e o gelo cobririam suas terras verdes. Essa seria a vingança da Bruxa do Gelo para Nawyr por ter seu reino destruído.

Recentemente, foi trazido ao nosso conhecimento que, bem ao norte, em Noridium, entre selvagens comedores de humanos, um rumor começou a circular sobre uma criança-bruxa que caminharia protegida por um urso-do-gelo; uma menina que teria parentesco com o clã dos dragões e que possuiria poderes mágicos obscuros e grandiosos. E que a expressão Bruxa do Gelo passara a ser usada, com frequência. Portanto, os sábios adivinhos de nosso suprasoberano – e me incluo entre eles – acreditam e temem que as profecias de Beda possam, por fim, estar se tornando realidade.

O futuro de nosso reino está em minhas mãos, pois o suprasoberano pediu-me que viajasse para o norte e descobrisse qual é a situação naquela terra maldita e selvagem. Espero que os boatos sejam falsos, pois o medo de encontrar a tal criança-bruxa está me consumindo. Se o rumor for verdadeiro, pode bem ser que não regresse dessa viagem. Mas farei tudo o que me for possível realizar por meu reino e por nosso suprasoberano, e me doarei ao máximo para deter a ameaça da bruxa devota do Senhor do Inferno.

Que os deuses me ajudem.

Sibyrht”

Despertares

GRANDE COLUNA Verão de 816

Os estrondos de distantes trovões podiam ser ouvidos do outro lado da floresta que cercava as montanhas, lembrando a tempestade furiosa que havia ocorrido naquele dia. A chuva, que seguia os raios e os trovões ensurdecedores, deixou para trás feno espalhado e profundas poças de água límpida nos recortes da grama cheia de musgo. O sol escaldante aquecia os penhascos e uma nuvem se formava com o vapor ascendente, espalhando-se em torno da montanha e se misturando com a névoa da noite que subia dos pântanos da floresta.

Um pássaro iniciava sua canção noturna e os últimos gafanhotos do verão haviam começado a estridular, quando tudo se calou, de súbito, e um silêncio absoluto caiu sobre a floresta. Nada mais era ouvido e os tentáculos cada vez mais grossos da névoa se moviam de modo fantasmagórico em meio à quietude.

As estrelas que haviam iluminado o céu do anoitecer se apagaram quando uma grande sombra deslizou em frente a elas, espalhando o medo.

Um enorme dragão-negro sobrevoou o vale. Com suas asas, ele deu vida à névoa que cobria o lugar, fazendo-a subir em redemoinhos inquietos para depois se quebrar no ar que esfriava. O zunido grave das asas de Nereid desapareceu dentro da floresta, enquanto ela a sobrevoava mais uma vez para checar se nenhum perigo espreitava sob as árvores.

Nereid mergulhou sobre o vale, desacelerou e pousou no meio de um campo gramado. Seus pés enormes afundaram no musgo ao fechar suas asas. O dragão observou os arredores com seus olhos negros reluzentes e notou alguns rochedos, decorados por humanos com martelos e cinzéis, há mais de dois mil anos. As ruínas das enormes colunas e muros estavam caídas aqui e acolá. O musgo cobria a maior parte delas e de alguns rochedos, e os pedaços de ferro e correntes pendurados em algumas pedras eram apenas resquícios enferrujados de suas glórias passadas.

Ao abaixar sua cabeça enorme, porém delicada, Nereid rugiu. Sua idade e o meio milênio de experiência não levaram embora a sensação desagradável que as metamorfoses traziam. Uma sombra indefinida cobriu a forma do dragão-negro e, quando desapareceu, fez despontar uma bela mulher em seu lugar, vestida com uma capa preta. Os cabelos longos e escuros ressaltavam sua pele quase branca.

Com passos leves, Nereid atravessou o campo. Em seguida, descansou os pés brevemente sobre uma coluna de pedra antiga, que no passado talvez fizesse parte de algo maior, mas que agora jazia em meio a trepadeiras e feno. Nereid voltou a caminhar com determinação pela estrada rochosa, em direção à luz esmaecida no alto da serra.

Ela estava de pé sobre um patamar rachado, bem acima do vale enevado. Em uma lamparina de ferro a seu lado, uma vela queimava. Nereid levou a mão até a argola enferrujada, presa às grandes portas, seriamente danificadas pelos rochedos com os quais haviam sido cobertas após serem fechadas.

No meio delas, resquícios escurecidos do sinete dos deuses da luz, com o qual o espaço fora lacrado, para sempre. Entretanto, a eternidade foi quebrada quando trolls encontraram as ruínas e Nereid não teve certeza sobre quem havia destruído o sinete, pois poucos teriam tamanha força. Ela, decerto, não.

Ouviu-se um som profundo quando Nereid bateu a argola contra a porta.

Uma trava foi aberta pelo lado de dentro, revelando uma figura de pele escura sob uma luz quente amarela, usando uma armadura de cota de malha desbotada. Com seu grosso cabelo preto preso em dezenas de tranças, a criatura observou Nereid com olhos de um negro intenso. Por trás do troll da montanha, Nereid viu um bando de criaturas semelhantes, com armas cruéis nas mãos. Ao lado do troll, um atro-hiiti, infeliz criatura da montanha, vestido com roupas cinzas, segurava uma mapa rasgado e de aparência antiga.

Sem dizer uma palavra, o troll da montanha fez um gesto com a cabeça para Nereid e a deixou prosseguir.

Ao entrar, ela notou que o corredor se via em um estado deplorável. As paredes de granito quase pretas, que um dia haviam sido lustrosas, todas rachadas; o chão de pedras de mármore, coberto por pedaços lascados de pedras. Embora houvesse pouca luz, Nereid deduziu que o teto desabara por boa parte do corredor e soterrara pouco menos de todo o saguão do forte-dragão.

A porta bateu, fechando-se em suas costas.

– Quem quebrou o sinete? – perguntou Nereid.

As roupas do atro-hiiti fizeram um ruído quando ele se curvou.

– Não sabemos, minha Senhora. O forte foi encontrado há anos, mas apenas no último outono o sinete se quebrou. Fala-se de homens vestidos de preto e de uma grande besta listrada. Por muito tempo, todos foram afugentados de medo.

– Leve-me até lá – disse Nereid.

Acompanhados por uma dúzia de trolls da montanha, Nereid e o atro-hiitti começaram a andar pelos corredores e salões do forte-dragão destruído em direção à câmara onde estava a razão de sua presença ali.

Certa vez, Nereid ouvira falar sobre um viajante sombrio e seus companheiros, igualmente estranhos. Quando Nonna lhe contara sobre o misterioso Sigwulf, que a ajudara no caminho para Unha do Dragão, Nereid imaginou saber de quem falava. Os deuses antigos haviam retornado, assim como a constelação do Grande Dragão, que se iluminara no céu, dera-lhe razão para acreditar. E um dos deuses era Cerbiurus, o pai e governante de todos os dragões-negros. O que Nereid não entendia era a razão pela qual nenhum dos deuses

havia se revelado ainda, pois sabia que todos tinham autoridade para levar os dragões a governar os humanos mais uma vez. A única razão que presumia capaz era que os deuses estivessem estudando o mundo que haviam deixado para trás. Quando desapareceram, milhares de anos antes, os humanos eram escravos na nação dos dragões. Depois, tudo mudara. Os dragões haviam perdido seu poder e voltado a ser animais selvagens, caçando nas periferias. E os humanos rastreamos resquícios dos tesouros antigos.

O que os antepassados pensariam daquilo, pensou Nereid, ao entrar em um salão enorme, acompanhada pelos trolls da montanha. As várias partes do teto do salão haviam desabado.

– Cripta funerária? – suspirou Nereid, balançando a cabeça de horror.

– Infelizmente, ela foi destruída por completo. Os vândalos não pouparam esforços – lamentou o atro-hiitti.

As estátuas que ornamentaram as paredes por séculos haviam sido derrubadas e despedaçadas, túmulos haviam sido abertos e profanados, as paredes, o teto e o chão estavam plenos de rachaduras. Todo o reino dos dragões havia sido destruído. Seus ancestrais não ficariam felizes de ver aquela cena. Nereid olhou em volta, enquanto os trolls abriam uma porta secreta que fora encontrada em uma parede. Em seguida, eles levantaram suas lamparinas para iluminar a caverna, do outro lado da porta.

O mesmo se repetiria em todos os lugares, desejou Nereid. As ruínas de cada raça de dragão seriam escavadas e, nos próximos anos, os dragões-negros, os dragões-do-fogo, os dragões-do-gelo, assim como os que controlavam os mares e as flores, recuperariam seus poderes. Então, uma vez que os deuses antigos chegassem a uma decisão, a raça humana perderia seu poder.

Antes disso, haveria muito a ser feito, pensou ela, ao atravessar a porta secreta de uma câmara e se deparar com um jovem dragão-negro que juntava forças ao acordar, após hibernar pelos oitocentos anos anteriores.

Seria um intenso trabalho, mas Nonna a ajudaria, assim como a toda família dos dragões-negros.

Criança-bruxa

UNHA DO DRAGÃO, NORIDIUM **Fim de setembro de 816**

Nonna acordou de sobressalto quando o vento fez bater os pequenos vidros verde-acinzentados das janelas do aposento circular na torre. Ela respirou fundo e esticou as mãos por ter estado sentada por muito tempo em uma só posição, no meio do quarto, com as pernas cruzadas no chão.

Não havia quase nada no quarto vazio. Estava sentada em uma velha pele de rena com velas amarelas queimando a seu lado e um velho livro, amarrado com um cordão de couro, em seu colo. Vestia uma túnica azul de lã e seus cabelos estavam soltos, exceto por uma trança. Ela fechou os olhos, apreciando o silêncio e sorrindo, pois sabia que sua irmã estava ali. Erna sentara por um longo período na companhia de Nonna, na forma de um falcão acinzentado e com pintas marrons sobre um suporte de tochas enferrujado.

Era a época do ano em que as tempestades de outono começavam. As primeiras rajadas de vento violentas perambulavam com impaciência no exterior do aposento da torre. Elas zuniam no telhado e guinchavam entre as placas grossas de madeiras das paredes. As chamas das velas queimavam e se agitavam, incansáveis, e Nonna sentia o vento frio atravessar sua túnica de lã.

Ela havia ficado no aposento da torre desde a manhã, acompanhada apenas do espírito de sua irmã, de um livro antigo e dos espíritos solitários que pareciam vagar inquietos e curiosos por toda parte, naquele dia, como se previssem a chegada das tempestades de outono e do inverno escuro.

Meses antes, Nonna encontrara o caminho para a torre da parte mais velha do forte e sua curiosidade sem-fim a levou até o aposento no topo da construção, por suas gastas escadas de pedra. Assim que entrou, sentiu a presença dos espíritos, mas sua agressividade e raiva a afugentaram de volta para baixo, e para a proteção de Fenris. Runolf, o mago-da-morte, que vivia nas criptas funerárias e porões, explicara à Nonna que a torre havia sido o local favorito de Gudrun, a primeira Senhora da Unha do Dragão. Muitos séculos antes, a torre era mais alta do que o resto do forte e Gudrun passava longos períodos por lá, fazendo sua magia e falando com os espíritos dos ventos. A poderosa alma de Gudrun deixara sua marca na madeira e na pedra, atraía muitos espíritos errantes e, assim, o aposento da torre se tornara um local temido após sua morte. Todos o evitavam, até Astrid, a atual Senhora do forte.

Apesar dos alertas de Runolf, Nonna juntou toda sua coragem e voltou ao local, segurando com força o amuleto de Gudrun em sua mão. Os espíritos furiosos, agressivos e assustados tentaram fazê-la recuar de medo e pavor; ela não desistiu. No fim, após tentar por dias, teve coragem de fechar a porta do aposento e ficar na companhia dos espíritos inquietos.

Desde então, Nonna passou a repetir o ritual com frequência. A curiosidade e a força dos espíritos a assustaram por um longo tempo. Porém, com coragem e determinação, ela entrou naquele espaço para ficar. Em nenhum lugar, sentia a presença de Gudrun com tanta força ou vivia o mundo espiritual com tanta profundidade como na reclusão empoeirada do aposento da torre.

Com cuidado, Nonna fechou o antigo livro que estava sobre seu colo. Ela limpou a capa grossa e desnivelada com os dedos e, com o indicador, desenhou o símbolo de Skafloc sobre a superfície empoeirada. Nonna sentiu que um espírito que esteve com ela por toda a manhã logo se afastou. Ela lhe desejou boa viagem de volta às sombras de onde viera. O falcão se moveu um pouco, abrindo as asas.

– Espere, vou deixar você sair – sussurrou, passando a mão pelo cabelo.

Nonna se levantou e se espreguiçou, caminhando até a janela. O vidro era tão velho e de qualidade tão ruim que sua superfície áspera não deixava passar mais do que um brilho fraco de luz. Ela abriu a trava e a janela.

O vento entrou no quarto e agarrou seu cabelo, emaranhando-o ainda mais. Seu rosto começou a ficar frio e os olhos passaram a lacrimejar.

O dia estava soturno, o céu coberto por nuvens cinza-azuladas e o sol se mantendo atrás delas. A região em torno de Unha do Dragão já estava, em grande parte, coberta de neve e gelo, embora mais adiante fosse possível avistar trechos de amarelo de outono e urze colorido, e planícies úmidas. Com o vento de outono, gotas solitárias de chuva flutuavam no ar e se espalhavam por superfícies de madeira. O falcão, o espírito de Erna, voou de seu assento enferrujado para o braço de Nonna. As garras afiadas apertavam sua manga.

– Tenha uma boa viagem, Erna. Mande lembranças para todos – falou Nonna, fazendo carinho na cabeça da ave e esticando sua mão ao vento. O falcão soltou um grito ao decolar, mergulhou e se virou com o vento, desaparecendo de vista ao dar a volta na torre, na direção da Floresta da Raposa e do mundo do povo divino, oculto dos olhos humanos.

Ela se apoiou na janela com os cotovelos, descansou a cabeça sobre as mãos e suspirou, olhando para a paisagem desolada. Sabia que um inverno cheio de neve adorável estava se aproximando e, com ele, seu primeiro ano em Unha do Dragão se completaria.

Nonna passara o inverno anterior dentro do forte, com as amigas, estudando livros e pergaminhos na biblioteca, lendo e correndo pelos corredores de Unha do Dragão. Freydis, Kara, Isrid e ela haviam se tornado um quarteto que se conhecia muito bem. As garotas se confiavam mutuamente e Fenris se tornara seu animal de estimação e protetor, indo a todos os lugares com elas.

Quando a primavera e o verão chegaram, Nonna viu pela primeira vez como era a estação quente nas planícies de Unha do Dragão. E, para sua surpresa, aprendeu que a neve e o gelo nas planícies nunca derretiam totalmente, nem durante a parte mais

quente do verão, embora a uma curta distância a neve derretesse e os verões fossem verdes.

Apesar da relutância, as garotas haviam passado o curto verão perto da Floresta da Raposa estudando, coletando plantas e nadando nos lagos profundos e límpidos. Enquanto as outras meninas gostavam do calor do verão, Nonna sentia uma constante falta do inverno.

Ainda que o verão fosse claro e a natureza em volta das planícies plena de cores, Nonna não apreciava aquela estação ou a primavera. Segundo ela, ambas eram leves demais, mal podendo esperar pelos ventos frios do outono e pelas nuvens cinzas e pesadas que prometiam as primeiras neves. Toda vez que voltavam para as planícies geladas de Unha do Dragão, Nonna suspirava de alívio. Perto do anoitecer, passeava no jardim gelado, junto às árvores sempre cobertas por gelo, como cristais.

Durante o ano, com frequência dividia seu tempo com Skald, o dragão-branco de Unha do Dragão. Como dizia seu nome, era conhecido dentre os dragões-do-gelo por ser um ótimo contador de histórias. Ele as compartilhava, e sua sabedoria de milhares de anos, com prazer com a mente curiosa de Nonna.

Enquanto Skald lhe contava histórias e lendas, Nereid lhe ensinava os segredos dos dragões-negros. Nas noites de inverno de extrema escuridão, enquanto os outros dormiam, Nereid introduzia Nonna nos segredos da magia negra, conhecida pelos dragões de sua espécie, e continuava a lhe ensinar quando a primavera se aproximava e as noites se tornavam mais curtas. Antes, Nonna não podia sequer imaginar a existência de tais segredos e poderes mágicos, muito menos reconhecer já ser detentora deles. No entanto, por teimosia, decidira aprender tudo o que Nereid lhe ensinava. Ela começara bem, mas quando o verão chegou ao fim, sem qualquer aviso, Nereid desaparecera, segundo rumores, para o leste distante.

Quando as folhas começaram a adquirir cores de outono, Skald também foi para o norte com Godmund para encontrar as bestas-do-gelo que governavam a distante Terra do Gelo. Nonna tornou-se

extremamente curiosa. Quando o dia da deusa dos lobos chegou, tomou sua decisão, oferecendo pão feito dos últimos grãos do verão à Ylva.

As conversas sobre o passado com as garotas não aconteceriam mais, nem histórias, lendas, músicas e outros passatempos divertidos. Com a ajuda de Nereid, Nonna já desenterrara alguns manuscritos da biblioteca e, ao descobrir sobre o aposento de Gudrun, arrastara-os para a base da torre, com a ajuda de Fenris. Depois disso, permaneceu quase todos os dias no aposento da torre, lendo e, acima de tudo, pensando e tentando aprender como explorar a força de seu entorno, que ela precisaria para fazer mágica.

Sua mãe observava tudo com paciência, tentando lhe dar total apoio, embora não soubesse nada sobre a mágica dos dragões-negros. Gunhilde entendia, entretanto, que, mais do que qualquer coisa, Nonna queria se tornar uma bruxa forte, tanto que apenas Gudrun a superaria. E Gunhilde não queria ficar no caminho das esperanças da filha.

Nonna bocejou, esticou-se para olhar para baixo, pela janela, e viu os muros acinzentados do forte de Unha do Dragão, que ficava em meio às encostas das montanhas e penhascos. O prédio principal estava bem abaixo e o portão, com sua ponte levadiça, ficava para trás, fora de sua vista. Mais ao longe, podia enxergar as planícies e notou carroças puxadas por bois na estrada que levava ao forte. Havia grandes carroças e muitas pessoas vestidas de roupas escuras rumando devagar para o castelo.

– Bem-vindos – pensou Nonna, e sorriu, pois sabia quem eram.

O dia chegara, no qual, segundo o costume antiquíssimo, dava-se boas vindas às tribos hurg e hiisi que viviam nas montanhas. Ela esperara pelo dia com especial interesse, pois sabia que algumas das carroças estavam cheias de ferros dos habilidosos ferreiros de Unha do Dragão, embora não adivinhasse o que havia nas outras carroças. Era interessante também avistar hurgs e hiisis, porque veria, pela primeira vez, as famílias daquelas temidas criaturas. Aparentemente, mulheres hurg e hiisi e seus filhos estavam o grupo e Nonna mal

podia esperar para ver como eram. Apesar de em Unha do Dragão haver dezenas de soldados hurgs, ferreiros e armeiros, nenhum deles estava com suas famílias. Cantarolando com alegria, Nonna se virou mais uma vez para olhar para a paisagem de fim de outono, fechou a janela e arrumou um pouco o cabelo. No quarto que esfriava, agradeceu aos espíritos com os quais conversara e apagou todas as velas, à exceção de uma. Ela a tomou para iluminar a escadaria escura e ir ao encontro de Fenris, que a esperava na base da torre. Nonna correu para o saguão do forte com os cabelos voando e Fenris logo atrás.

– Nonna, venha cá! – gritou Freydis de cima de uma carroça vazia, acenando com entusiasmo. Ela atendeu seu pedido e pulou sobre a carroça para acompanhar Isrid, Kara e Freydis.

– Como foi? – sussurrou Isrid, vestida de branco, com um pouco de medo. Sabia que Nonna estava conjurando espíritos para si, de forma proposital, e sempre perguntava se ela havia conseguido.

– Contarei para você, tenha um pouco de paciência – respondeu Nonna, virando os olhos para o salão.

O grande saguão de Unha do Dragão estava totalmente lotado de hurgs e hiisis, suas carroças e animais de carga. Os soldados hurgs de Unha do Dragão haviam chegado para dar boas-vindas aos visitantes e, em meio ao alarido, podia-se ouvir o mugido grave dos bois. Astrid, Asbrand e Focinho de Sangue, os Senhores dos ursos-do-gelo do forte, estavam cumprimentando e abraçando os poderosos líderes dos hurgs e dos hiisis, vestidos com suas melhores armaduras. Nonna viu sua mãe de pé, um pouco adiante. Quando seus olhos se encontraram, Gunhilde fez um gesto de quem não podia acreditar. Nonna estava impressionada, pois Gunhilde, que nascera em um lugar distante, além do mar, achara difícil viver entre os hurgs, que antes considerava inimigos e monstros.

Os líderes, conhecidos por sua força, estavam acostumados a mostrar seu prestígio com armaduras e armas maravilhosas e Nonna nunca vira armaria decorada de forma tão grandiosa. Não saberia dizer se o líder dos hiisis ou dos hurgs tinha o melhor traje, pois ambos eram feitos com grande esmero. As armas de aparência

poderosa dos líderes estavam penduradas em seus cintos, ameaçadores, brilhando sob a luz das tochas.

– Você já viu alguém como eles? – perguntou Freydis, tocando-a com o cotovelo e Nonna virou a cabeça para os bois e as carroças.

Com dificuldade, conteve a admiração ao ver, pela primeira vez, mulheres hiisis e hurgs e seus filhos, que saíam da proteção das carroças, olhando para tudo com curiosidade. Nonna nem imaginava antes que hurgs – assim como hiisis – tinham mulheres e filhos. Segundo todas as histórias que ouvira, eram apenas monstros e ela nunca pensara sobre suas vidas fora das batalhas. Agora, tal pensamento a envergonhava, pois durante o último ano tivera a chance de conhecer melhor hurgs ferreiros, soldados e artesãos, que viviam em Unha do Dragão, e aprender que a maioria das histórias era, de fato, puro preconceito, sem nenhuma base em fatos. Os hurgs haviam sempre sido amigáveis com Nonna, ainda que um pouco severos e de comportamento um tanto rude. Nunca foram mais cruéis ou maldosos do que os humanos, apesar de parecerem assustadores e brutais. Nonna os vira, é claro, enraivecendo-se com facilidade, mas isso não lhe era mais estranho e, no fim, gostava do caráter direto e confiável dos hurgs. – Vocês acham que eles são feios? – questionou Freydis, baixinho.

Nonna não pode responder, de tão deslumbrada com o que via. As mulheres hurgs tinham a pele escura e os cabelos pretos. Seus traços duros eram destacados por grandes narizes e queixos pontudos, assim como por presas curtas que saíam de suas bocas. As mulheres eram menos encorpadas do que os homens. Cuidavam com muito cuidado de suas crianças e pareciam querer ser bonitas. Vestiam roupas grosseiras, mas coloridas, semelhantes àquelas dos bárbaros do norte. Enfeites brilhantes cintilavam de seus cabelos, havia brincos em suas orelhas e grandes anéis de ouro em seus dedos.

– Não fale isso, Frey. Eles não são feios...

– É o que também acho – disse Freydis sorrindo. – Sob circunstância nenhuma chegue perto das crianças, as mães são muito cuidadosas e podem ficar bravas, pois têm o pavio curto. Olhe

aquela! – Freydis apontou para um grupo de hiisis, no meio do qual havia duas figuras maiores.

Nonna ficou chocada, pois elas eram muito maiores do que os homens.

– Parecem montanhas, não é? Dizem que são tão fortes e sólidas quanto montanhas e que protegem suas famílias contra tudo. Mulheres hiisis são como Astrid, fortes e confiantes. É possível ver isso, não acha? – disse Freydis, em voz baixa, no ouvido de Nonna, que concordou com a cabeça.

Havia apenas duas mulheres hiisis, bem altas. Eram robustas, tinham a pele escura e os cabelos totalmente negros presos em dezenas de pequenas tranças, com argolas de metal nas pontas. Usavam vestidos pretos de lã, que haviam prendido com cintos grossos de couro. Por cima dos vestidos, ambas usavam um avental cinza decorado. Elas gritavam ordens aos homens para que descarregassem as carroças e esses começavam a trabalhar, levantando enormes barras e pratos de ferro para dentro dos depósitos dos ferreiros. Não parecia haver crianças com eles.

– Por que os hiisis não trouxeram os filhos? – perguntou Nonna, com curiosidade.

– Eles evitam mostrar suas crianças e as deixam na segurança das montanhas. Não sei direito, parece que as mães hiisis têm muito cuidado com seus filhos – Isrid soube responder. – Os hurgs têm muito mais filhos, é por isso que ousam trazê-los juntos, mas uma mãe hiisi só tem um ou dois filhos durante toda a vida.

– Então eles vivem muitas centenas de anos! – disse Kara, sem tirar os olhos dos trajes do líder hurg. – Pelos deuses, espero poder um dia ter um desses – suspirou, olhando para o sabre que o chefe carregava, que, para Nonna, parecia apenas comum.

– O que é tão especial nele?

– Ah, o que é tão especial... Queria que você pudesse ver. Nenhum humano é capaz de fazer um como aquele. Ele pode cortar espadas comuns em duas com um golpe e, ainda assim, é fácil e leve de ser usado. Vocês não entendem nada sobre isso, suas bobas.

– Kara mostrou a língua para as outras garotas. Trocando

provoações, as meninas pularam da carroça e correram para o meio do grupo de mulheres e crianças hurgas.

Nereid voltou à Unha do Dragão na noite em que os reis da montanha chegaram. Quando o dragão-negro entrou no campo de vista dos guardas do castelo, ao horizonte, Freydis e Isrid estavam no quarto de Nonna, com esta e Fenris. Deitada de bruços na cama, Freydis tentava decifrar um antigo manuscrito que havia pego na biblioteca. Isrid estava no chão, apoiada nas costas de Fenris e examinava pedras de runas gastas, organizando-as de diferentes formas. O urso quase dormia atrás da garota. Nonna, por sua vez, derrubava sementes em um pilão e as moía em um pó fino.

O cheiro forte das ervas se espalhou pelo quarto, que Nonna enchera ao máximo e com os mais variados objetos durante o ano. Do teto, havia maços de flores e ervas secas que ela coletara na Floresta da Raposa, no verão. No chão, jaziam pilhas de livros que ela trouxera da biblioteca e, por todo lugar, recipientes, pequenas caixas, bolsas e sacos. Em cima da pilha mais alta de livros, seu velho boneco de pano trazia um maço de flores secas entre as patas e sua cabeça caída parecia olhar para as meninas logo abaixo.

Como ela não limpava seu quarto com muita frequência, as coisas haviam encontrado seus próprios lugares, deixando apenas a cama e a frente da lareira livres. Não era possível nem alcançar a janela sem pular folhas de papel, lenha e pilhas de exemplares já lidos, ou por ler. Fenris mal conseguia virar o corpo naquele espaço. Nonna fizera de seu quarto uma espécie de ninho só seu e talvez fosse por isso que Freydis e Isrid gostavam de ir lá com tanta frequência. Gunhilde lembrava a filha de limpar o quarto quase todos os dias, mas ela acabava sempre se esquecendo. Até Runolf muitas vezes lhe pedira que devolvesse os livros a seus lugares certos na biblioteca e nos depósitos.

– Você já sabe do que se trata? – disse Nonna para Freydis, concentrada em moer as sementes.

– Eu sei, eu sei, é o que você está procurando. Aqui diz o que o musgo-de-tumba pode fazer. Sabia que é melhor moer as sementes? – devolveu a menina.

– Isso você acabou de me dizer, o que acha que estou fazendo?
– disparou Nonna, franzindo a testa.

– Você tem de ter cuidado com as raízes, elas são perigosas. Segundo li, as sementes dão a habilidade de ver coisas que normalmente não são vistas. Não sei se significa visão de bruxa, mas elas tornam aquele que realiza a mágica mais habilidoso.

Nonna sorriu, alegre.

– Há muitas delas. Sementes, quero dizer. – E colocou o resto das sementes no pilão, com cuidado.

– Parece que o musgo-de-tumba é uma das plantas básicas da bruxaria – sorriu Freydis. – Em que parte do dia nós o coletamos? Você se lembra?

– Você é maluca – sorriu Nonna e continuou a moer. – Não se lembra que foi quando Kara se intrigou com o fogo-fátuo, perto do monte?

– Foi um milagre ela reparar em outra coisa, que não espadas... Bem, você está certa, é no instante das bruxas que eles têm de ser colhidos.

Nonna resmungou algo para si, tirou um pequeno tubo de chifre e nele despejou o pó, colocando uma tampa e passando uma cera de aparência pastosa como vedação.

– Certo, está pronto.

– Você marcou, certo? – perguntou Isrid. Ela derrubou as pedras de runas uma a uma em sua bolsa e se levantou.

Satisfeita com o que fizera, Nonna fez um gesto com a cabeça. No pequeno tubo, havia uma runa representando musgo-de-tumba e, em sua parte de cima, uma faixa de couro permitia amarrá-lo em seu cinto, como bruxas e magos tinham o costume de fazer.

– O que há nas raízes, então? – perguntou para Freydis. Astrid guardara a raiz que ela tinha colhido e alertara para que Nonna não a procurasse mais.

– Elas são muito venenosas – disse Freydis. – Podem ser fatais.

Nonna franziu a testa.

– Então, não é de se surpreender que Astrid a tenha levado – disse, prendendo o chifre no cinto e limpando as mãos no vestido.

Um livro sobre a mesa atraiu o interesse de Isrid. O móvel estava coberto com todo tipo de coisas. Havia inúmeros pergaminhos e, em cima deles, um livro grosso, cuja capa preta se cobria de cinzas e pó. Isrid limpou a poeira, que revelou a presença de runas desenhadas.

– Nonna, o que é este livro? – perguntou Isrid, franzindo a testa. Sua voz tinha um tom baixo e preocupado.

Nonna olhou para ela e deu de ombros.

– O grimório de Bjollok.

Isrid ficou aterrorizada e retirou a mão correndo, como se lhe queimasse a pele.

– Você está lendo isso? – sua voz não disfarçou o temor.

– Sim. Bem, estou tentando, pelo menos. É difícil demais.

Freydis olhou para elas, mostrando-se confusa.

– Não é magia negra?

– É sobre bruxaria – respondeu Nonna, com calma. Ela se levantou e abriu o livro, com delicadeza. – Ainda não consegui passar do começo, mas há alguns bons truques e dicas – disse, colocando sua única trança atrás da orelha.

– Eu não teria coragem. Você não tem medo? – questionou Isrid.

– Não, pois não deixo que me assuste. Nereid me disse que devo ler tudo para poder conhecer a bruxaria. Pense nisso, o livro tem todos os fatos mais importantes da vida de Bjollok – disse, com entusiasmo. – Além disso, há vários livros parecidos em Unha do Dragão. – Nonna tocou de leve nas antigas páginas de pergaminho do livro. As folhas grossas haviam se amarelado com o tempo, traziam estranhas manchas escuras e as beiradas estavam gastas pelo uso. O texto fora escrito com uma caligrafia belamente ornamentada e, de certa forma, rebuscada.

– Quem era Bjollok? – perguntou Freydis, apoiando o rosto nas mãos.

– O que você lê? – retrucou Nonna – Só canções antigas e romances?

– Bjollok era um bruxa muito velha, que sobreviveu a Guerra dos Deuses e morreu do outro lado da Floresta da Raposa. Era uma das poucas que conhecia os poderes mágicos dos dragões e, por essa

razão, tornou-se uma das bruxas mais fortes e temidas. Nereid disse que até os conquistadores de Nawyr tinham medo dela, tanto que não ousavam matá-la, apenas se afastando.

– Isso me dá arrepios – disse Isrid. – Dizem que a bruxa negra era má e cruel.

– Isso segundo algumas pessoas, claro. Ela foi aluna de Skafloc desde jovem e aprendeu seus segredos com ele. Skafloc fez questão de ensiná-la a ser especialista em terror e medo. Naquela época, ninguém ousava dizer seu nome quando estava escuro – respondeu Nonna. – Quando Skafloc e Valgard foram para a guerra, Bjollok ficou nos Montes do Dragão e, no fim, enfrentou as tropas de Nawyr com seus poderes obscuros. Bjollok foi capturada, mas o povo de Nawyr tinha tanto medo dela que não ousou matá-la, muito menos levá-la a qualquer lugar próximo de lá como prisioneira. Então, exilaram Bjollok no norte distante e ela passou o resto de sua vida atrás da Floresta da Raposa, onde Nereid, mais tarde, iria conhecê-la. Agora, quero descobrir todos os segredos de Bjollok. Não vou me incomodar se o povo de Nawyr disser que sou maldosa. É assim que temem Astrid também.

Freydis levantou a cabeça do livro que examinava e as duas garotas sorriram com malícia.

– Uma vez, vi Nereid e Asbrand se abraçando. E por muito tempo – gracejou, mudando de assunto.

– Eles passaram um bom período juntos, no verão – cochichou Isrid, enrubescendo. Ela virou rápido a cabeça, como se assustada, e o livro logo foi esquecido.

As meninas riam, pois há algum tempo observavam, com curiosidade, como Asbrand e Nereid desfrutavam da companhia um do outro. Nonna também os vira caminhando de mãos dadas sobre os muros. Quando Nereid partira, sem dizer nada a ninguém, Asbrand se tornara impaciente, carrancudo e irritável. Aquele pensamento trouxe à mente de Nonna algo que ela queria contar às amigas, já há alguns dias.

– Vocês viram uma velha andando perto do jardim? – sussurrou Nonna.

As garotas balançaram a cabeça, enquanto se entreolhavam.

– Uma velha? – falou Freydis. – Bem, há velhas aqui, mas no jardim?

O jardim no meio da forte era um dos lugares favoritos de Astrid e das meninas e, mais tarde, Asbrand e Nereid passaram a apreciá-lo. Era um pequeno espaço cheio de sombras, em cujo centro havia um carvalho, eternamente congelado. E todos os arbustos do jardim pareciam ser feitos de cristal.

Nonna se levantou para sentar na cama e olhou para as amigas, misteriosa.

– Eu a vi pelo menos duas vezes. É uma mulher muito, muito velha, vestida de branco, tem cabelos brancos e é enrugada. Ela caminha bem devagar e com frequência olha a seu redor.

– Como você a viu?

Nonna sorriu.

– De uma janela da torre de Gudrun.

– O que ela faz no jardim?

– Nada. Senta-se e alimenta os pássaros. Ninguém fica por lá muito tempo. Nunca a vi em outro lugar. É isso que acho estranho.

Isrid estava prestes a dizer algo quando a porta do quarto foi aberta, em silêncio. O rosto hesitante da criada se espreitou pelo vão.

– *Deshculpe* incomodar, o *shenhor* Ashbrand pediu que eu falasse para *tus* que o dragão está a caminho, é a *shenhora* Nereid – disse a tímida menina.

– Nereid? Maravilhoso! – gritou Nonna, entusiasmada, com um salto. Ela colocou o pilão em cima de uma cômoda e jogou o saco vazio no canto, em cima da lenha. Freydis levantou os ombros, desceu da cama e quase tropeçou em um livro que estava no chão. E balançou a cabeça, diante de tanta bagunça. As meninas colocavam capas enquanto Fenris rugia e se esticava no chão. Nonna mexeu no pelo do amigo e o empurrou com força para fora da porta. Então, todas começaram a correr para a torre do dragão, o mais rápido que podiam.

Nereid já aterrissara quando as meninas chegaram ao patamar. Acabara de se colocar ao lado de Asbrand, com suas asas coladas ao

corpo totalmente preto. Havia um vento leve, mas a chuva parara e a superfície da torre brilhava, por estar coberta de gelo. Podia-se ver apenas uma pequena lua crescente por trás das nuvens desbotadas e, a seu lado, o brilho da estrela grande e brilhante de Cerbiurus, uma das que haviam nascido após a Grande Constelação do Dragão. A luz fraca da lua não brilhava no enorme corpo de Nereid. Ali, no patamar prateado, ela parecia apenas uma sombra enorme, que se movia com vagar e elegância. À distância, em meio à escuridão do anoitecer, Nonna podia ver um bando de wyrms que descera da montanha para ver o retorno de Nereid.

Desviando o olhar de Asbrand, Nereid virou a cabeça para as meninas e a luz da estrela de Cerbiurus cintilou em seus olhos negros. O dragão-negro deu um largo sorriso, revelando suas presas. Ela deu um passo na direção das meninas e esticou a pata para Nonna.

Uma unha preta lustrosa tocou levemente o cabelo de Nonna, que ouviu a voz de Nereid em sua mente.

– Que bom vê-la, pequenina – murmurou Nereid, enquanto as outras garotas passavam correndo pelo dragão em direção de Asbrand, que estava de pé, vestindo um casaco de pele.

– Onde você esteve? – perguntou Nonna, feliz com seu retorno, mas ainda magoada por ela ter partido de forma tão inesperada.

– Longe, no leste, na terra de minha família. Tenho boas notícias, mas elas podem esperar até mais tarde. – Nereid respondeu e Nonna soube que ninguém mais ouviu a resposta. A voz do dragão-negro ecoava apenas em sua mente quando ela queria. – Está tudo bem?

Nonna fez um gesto afirmativo e segurou o dedo frio de Nereid.

– Olhe isto, acabei de fazer farinha de sementes de musgo-de-tumba.

Com certa distração, Nereid tocou com a unha no tubo dado por Nonna e depois virou a cabeça para a garota.

– Por que vocês todas não entram, agora? Daqui a pouco, vamos nos ver no salão – sussurrou Nereid, levantando-se até sua altura total.

Nonna mal podia aguardar o dia em que Nereid a levaria para algum lugar distante em seu dorso, talvez para sua terra natal no leste. E suspirou, enquanto Freydis e Isrid se juntaram a ela. Freydis colocou a mão no ombro de Nonna e as garotas voltaram para dentro. Elas logo começariam a preparar o banquete da noite, do qual os reis dos hiisis e dos hurgs também participariam, desta vez.

Notícias do leste

FORTE DE UNHA DO DRAGÃO **Fim de setembro de 816**

Uma multidão de chefes hurgs, grandes e assustadores hiisis, somados a todos os Senhores de Unha do Dragão, à exceção de Godmund, haviam se reunido no Salão Branco, naquela noite.

Nonna e as outras garotas estavam sentadas junto à mesa longa do salão, ladeadas por Gunhilde e as mães de Freydis e Isrid. Em uma ponta da mesa estavam Astrid, Asbrand, Nereid e Focinho de Sangue e, na outra ponta, o enorme rei hiisi Haikin e Ermanaric, o Senhor de Guerra dos hurgs. Fenris se deitara no chão, próximo da porta, para aproveitar a corrente de ar.

Apenas o fogo que ardia na lareira e algumas velas aqui e ali iluminavam o Salão Branco. A claridade das chamas radiava luz suficiente para todos. Sentada ali, porém, Nonna sentia estar em meio a uma grande escuridão, que continuava pelos campos, atrás das janelas. Embora o inverno ainda não houvesse alcançado o resto do reino, já nevava muito em torno de Unha do Dragão. Grandes e calmos flocos de neve flutuavam no ar.

A multidão servia do banquete com avidez, os homens bebiam sucessivos canecos de cerveja e conversas em alto tom preenchiam o salão. Floki, o bardo do forte, tocava com seu alaúde, divertindo hiisis e hurgs, entre os quais pouca música era executada.

Quando Nonna não conseguia mais comer mais um doce sequer, ela se espreguiçou em sua cadeira, sentindo-se satisfeita, e acordou apenas quando Asbrand pediu a todos que fizessem silêncio.

– Amigos e aliados, sua atenção, por favor, pois temos uma informação que Nereid trouxe para este evento – disse Astrid, depois que todos se calaram.

Nonna viu o rei hiisi se encostar em sua cadeira com uma expressão confusa. Um chefe hurg sentado a seu lado tirava o cabelo, decorado com argolas douradas, do rosto, colocando lentamente o caneco sobre a mesa.

– Estive no leste distante e logo voltarei para lá – começou Nereid com voz calma, no fundo da qual podia-se perceber alegria. – Fui para Magna Madeira no verão, após ter recebido uma mensagem de lá, que, segundo entendemos, era extremamente importante. – Nereid lançou um olhar para Nonna, como se pedisse desculpas por sua partida inesperada.

– O que era tão importante para que a temida Nereid enfrentasse a maldição da noite clara de verão e fizesse viagem tão longa? – gritou Halkin.

Nereid respondeu com um sorriso e o silêncio desceu sobre a mesa, só quebrado pelo zunido baixo da lareira e os estalos da madeira que queimava.

– Fui checar se era verdadeiro o rumor de que o primeiro dragão-negro, um dos adormecidos, revivera, após mais de oitocentos anos – disse Nereid, sorrindo, claramente orgulhosa.

A quietude foi golpeada por uma enxurrada de perguntas, em meio das quais Nonna olhou, sem nada entender, para as outras meninas. Isrid parecia ter comido algo que lhe fizera mal, estava pálida e olhava fixamente para Nereid, com uma expressão atônita.

O líder das tribos hurgs, Ermanaric, levantou-se e, apoiado contra a mesa, socou-a com o punho fechado.

– Pelos deuses, o rumor era verdade? – gritou.

Quando Nereid fez um gesto afirmativo com a cabeça, tanto os hiisis quanto os hurgs levantaram seus canecos ao ar e começaram a bater na mesa. Nonna teve compreensão da felicidade que a novidade gerava a todos.

– É verdade, exatamente como o rumor dizia – disse Nereid. – Um dragão-negro adormecido despertou em Magna Madeira. Ainda levará anos até que possa voar, mas isso não é tudo. Uma notícia

parecida foi recebida de mais longe, das montanhas negras de Kheanhi. Ainda não a confirmei, mas depois disso não há razão para achar que é falsa. E, além de tudo, os trolls da montanha encontraram um dos antigos castelos e, embora pareça que habitantes de Nawyr o tenham saqueado, não estou certa do que pode haver dentro dele.

– Um dragão-negro adormecido, o que isso significa? – Nonna perguntou e logo viu que todas as cabeças, incluindo a do rei hiisi, haviam se virado para ela. Freydis lhe deu uma cotovelada e ela enrubesceu.

Nereid sorriu.

– Durante a Guerra dos Deuses, muitos dos dragões-negros que foram às batalhas deixaram seus recém-nascidos escondidos dos inimigos, por temer que estes, em sua sede por destruição, alcançassem seus fortes. Os bebês foram postos em sono profundo para que não sofressem, caso nunca pudessem sair de seus esconderijos. Eles foram chamados de adormecidos e ninguém conhecia sua exata localização ou como podiam ser acordados após a morte de seus pais. Nenhum deles havia sido encontrado, até agora.

– Por Cerbiurus, *tus* trouxe boas *notíshias* – comentou Halkin, com um grande sorriso no rosto.

– Certamente. O que foi feito para proteger o dragão-negro que despertou? – perguntou Ermanaric, franzindo a testa.

– Ele está escondido no fundo do castelo do dragão e hiisis estão arriscando suas vidas para protegê-lo, assim como trolls da montanha. Assim, ninguém irá chegar às montanhas e o bebê poderá crescer sem ser incomodado. Mas preciso dizer mais uma coisa.

Nereid abaixou a voz e seu belo rosto ficou sério.

– Ninguém pode revelar esta informação: se o povo de Nawyr descobrir, fará de tudo para encontrá-lo e não hesitará em iniciar uma guerra para destruí-lo.

– Não só o povo de Nawyr – interrompeu Asbrand.

Como todos os demais, Nonna se voltou para ele, que passava a mão na barba, com expressão séria. Haikin e Ermanaric se

entreolharam, perturbados.

– Quem mais ameaçaria os dragões-negros, Asbrand? Quem ousaria? – perguntou Haikin.

– O Salão Negro – respondeu Asbrand, sem se importar com os rugidos confusos de Haikin e Ermanaric. – O Salão Negro e seus sacerdotes das trevas.

– Por que eles iriam querer destruir os dragões-negros? – quis saber Ermanaric. – Os dragões-negros são uma força poderosa, até em suas mãos.

– Exatamente por isso. Na Guerra dos Deuses, o Salão Negro e o Senhor do Inferno, que iniciou o conflito, conseguiram envolver os dragões-negros em sua esfera de influência. Os dragões foram subjugados à magia do deus da escuridão e forçados a atacar Nawyr. Isso os levou à destruição de sua raça! – A voz de Asbrand era alta e raivosa. – O que vocês acham que os sacerdotes das trevas do Salão Negro farão, se souberem que os dragões-negros reviveram? Esperarão até conseguir seu poder de volta, ainda mais que há rumores sobre o retorno dos deuses do antigo dragão. Mais cedo ou mais tarde, eles terão informações sobre o despertar dos adormecidos.

Ermanaric e Haikin se juntaram aos outros, acenando com as cabeças e murmurando em concordância.

– Não permitiremos isso, não uma segunda vez – a mão de Nereid silenciou as conversas no salão. – O Salão Negro é uma ameaça tão grande para os dragões-negros quanto Nawyr, que considera todos os dragões-negros subordinados ao Senhor do Inferno. Embora o reino do Salão Negro se estenda com força pelo continente setentrional, em especial entre suas nações – ela apontou para Ermanaric e Haikin, antes de continuar –, não deixaremos o Senhor do Inferno subordinar os dragões a seus poderes da escuridão, de novo. Para isso, precisaremos de sua ajuda, mais do que nunca.

Ermanaric olhava para Nereid, sem se mexer. Afinal, compreendia muito bem o que ela queria dizer com o reino do Salão Negro. O Senhor do Salão Negro sempre fora uma espécie de Senhor de todas as criaturas da escuridão. Além disso, havia um elo eterno entre o

Senhor do Inferno, o Salão Negro e as raças da escuridão, embora se tornasse cada vez mais fraco, à medida que o Senhor do Inferno continuava se apagando na memória de todos.

Quando o silêncio tornou a dominar o salão, Nonna sentiu um frio súbito e tenebroso. Halkin e Ermanaric olhavam fixos para Nereid, Asbrand e Astrid, que esperavam calados o que os chefes da montanhas responderiam sobre o desafio proposto por Nereid.

– O que isso quer dizer? – perguntou Halkin, cético.

– Quebrem seus elos com o Salão Negro e seus líderes – antecipou-se Astrid. Nonna notou uma hesitação em sua voz e pressentiu que a atmosfera no salão era suspensa por uma corda frágil. Uma palavra errada e ela se romperia.

A mudez geral se tornou ainda mais profunda, quebrada apenas pelos estalidos que vinham da lareira e pela batida de dedos de Ermanaric sobre a mesa. Ele lançava olhares alternados entre Haikin e o povo de Unha do Dragão.

– Certamente, a senhora deve entender que não podemos prometer algo assim, não de imediato. Unha do Dragão sempre foi nosso aliado, não negamos isso, mas o Salão Negro... – Haikin interrompeu sua fala insegura quando Astrid levantou a mão.

– Entendemos isso, Haikin, e não exigimos uma resposta agora. A única coisa que pedimos é que pensem a respeito antes que o Salão Negro exija sua lealdade de outra maneira.

– Não resolveremos nada antes de trazer notícias ao Unha do Dragão, Senhora. Pensaremos sobre o assunto e vocês saberão nossa decisão antes do meio do inverno.

– Ficamos satisfeitos. – Astrid aceitou, sem conseguir esconder uma ponta de decepção. Ela se sentou e, após uma curta pausa de murmúrios, as pessoas voltaram a conversar. Porém, a atmosfera não mais foi a mesma.

Nonna anteviu um véu invisível de tensão no ar e, quando notou Nereid e Asbrand sussurrando entre si com expressão desapontada, a sensação ficou mais forte. Ela colocou a mão no pelo quente de Fenris e deu um suspiro profundo.

NEGRUM, NORIDIUM

Fim de setembro 816

O dia de um cinza desolador enfatizava a atmosfera sombria em volta do topo do forte de Negrum. O vento, que anunciava a chuva, batia do mar sobre o campo amarelo e seco e as nuvens corriam no céu, cobrindo o sol. Um aspecto taciturno e quase inquebrantável se espalhava, no aguardo do inverno. Nada pretendia incomodar as almas adormecidas naquela época do ano.

E eram muitas delas, em Negrum. Batalhas violentas foram travadas naquelas terras, muito tempo antes, deixando marcas profundas no solo, ao longo dos séculos. Apenas numerosos montes lembravam as lutas e as vítimas. Debaixo deles, entre pilhas de pedras, jaziam corpos esquecidos de centenas de soldados, oficiais e inocentes passantes.

O edifício principal de Negrum se situava no topo de uma colina árida. Era longo, estreito e baixo, construído com a maior e mais grossa madeira do bosque próximo. Seu uso era exclusivo de seu líder, Ingolf, e de sua família. Os demais membros da tribo viviam em cabanas menores a sua volta. Em frente ao prédio maior havia um pátio plano e todo o forte era cercado por um muro de madeira. Ninguém o havia tentado conquistar e o muro de madeira com suas pontas afiadas praticamente não tinha utilidade. A razão não era sua localização.

Negrum se encontrava junto ao mar, em uma terra fértil. No entanto, o medo dos poderes dos antigos fantasmas mantivera os humanos longe de lá. Embora a maldição que assombrava o local não tivesse afastado as famílias que o habitavam, contava-se que ela as afetara e as tornara tão cruéis e temidas quanto se dizia que eram. Assim, elas puderam viver em paz, sem serem perturbadas. Até o vilarejo mais próximo era pouco visível: longe o bastante das forças da escuridão, perto o suficiente para que o forte ajudasse em tempos de perigo.

A atmosfera no prédio principal de Negrum era quieta e soturna. O salão, cujas paredes haviam escurecido, era pouco iluminado.

Apenas algumas velas em enormes candelabros. Um fogo ocioso queimava na lareira central, seus ruídos parecendo se sufocar nas paredes grossas. Sua fumaça subia para o teto, criando um fino véu enevoado que ondulava em direção ao respiradouro no teto e por lá desaparecia para se misturar ao vento frio e úmido do mar.

O ambiente era repleto de saques de diferentes invasões e conquistas. Escudos e armas, tapeçarias e decorações de terras distantes do sul, leste e até do oeste haviam sido penduradas em ganchos. Dentre os muitos símbolos de vitória, havia cabeças de animais, crânios decorados com cores fortes, chifres e galhadas de alces, renas e veados. Na outra ponta do salão, destacava-se uma mesa de carvalho com as beiradas cobertas por decorações talhadas. Em volta dela, cadeiras almofadadas no formato de cubos em que os homens de Negrum se sentavam, taciturnos e pensativos, com grandes canecos diante de si.

O lado oposto trazia mesas menores, com cadeiras e bancos longos. As mulheres e as crianças da tribo se sentavam lá, cochichando umas com outras. Aos pés das crianças, descansavam dois enormes buldogues pretos e marrons, com cabeças robustas e patas grossas. A dona era Solveig, uma mulher alta e rechonchuda, cujo cabelo, amarelo como trigo, estava preso em tranças grossas.

Sobre a mesa diante dos homens de Negrum, um velho mapa amarelado e amassado fora aberto. Ao lado dele, sobre uma placa grossa de madeira, um assado ainda muito quente era atacado. Os homens cortavam pedaços grandes e os devoravam, entre generosos goles de cerveja. Ingolf se posicionara ao centro. Seus primos, Alfgeirr Chifre e Gils Selvagem, ficaram à direita e à esquerda, e um terceiro primo, Broddr Rato, mantivera-se diante deles. Enquanto os demais comiam e bebiam, eles resmungavam e discutiam, olhando o mapa de Noridium.

Solveig passou pelos homens, tocou de leve na mão de Ingolf e levou a boca até seu ouvido.

– Os espíritos se enraivecem com isso – sussurrou, com um tom sério.

Ingolf forçou a vista ao olhar para a esposa, mas não disse nada. Solveig deu de ombros, jogou as tranças para trás e virou a cabeça

para os outros homens, que evitaram encarar a irritada mulher.

– Comportem-se. A ira dos espíritos é pequena comparada ao que eu *faz*, se vocês falarem alto em minha casa – disse Solveig em voz baixa, para que as crianças brincando no outro extremo do salão não a ouvissem. Ela apertou com força o ombro do marido e retornou para as crianças e outras mulheres.

Os homens se entreolharam e, ao verem o sorriso largo no rosto de Ingolf, suspiraram de alívio e voltaram para o mapa, continuando a resmungar.

– Eymunt *eshtá* fraco – mencionou Alfgeirr, bebendo de seu caneco. – E *eshtá* ficando cada dia pior. Dizem que não *pasharrá* do inverno.

– Não, provavelmente não – disse Broddr Rato, com uma voz que lembrava o guincho de um roedor. Sua voz aguda tivera origem em uma doença na infância, que quase o deixara mudo. Mas seu apelido não se referia apenas à voz, muito mais por seu caráter pernicioso.

– Se Eymunt morrer, quem *tomarrá* o poder? – perguntou Gils Selvagem, virando-se para Ingolf. – Bem, *isho* já foi *penchado* muitas vezes, mas *agorra*, *comecha* a parecer real. Como Broddr diz, Eymunt não *shobreviverrá* ao inverno.

A dúvida persistiu por um tempo, antes que Ingolf a quebrasse.

– O mais forte – vociferou. – O mais forte *subirrá* ao poder. O filho do rei está ausente, se ainda estiver vivo, e sua filha não serve para governante, pois este reino não é governado por mulheres – continuou Ingolf, com raiva. – Não. Neste caso, *estamos* mais próximos de Barra *Frria*, e se Eymunt der seu último *shuspiro*, *terremos* de *eshtar* *preparrados*.

Ingolf acertou sua adaga no meio do símbolo de pássaro de Barra Fria e se aproximou dos homens.

– Olvir é um homem *shábio* e *irrá* convocar uma *asshsembleia*, se Eymunt morrer. No inverno, nenhuma *asshsembleia* ocorrerá mais, então, até lá, Olvir *ashumirrá* o poder com a *garrota*. E... – Ingolf levantou seu caneco e o bebeu inteiro. – Barra *Frria*, tome cuidado, quando a *asshsembleia* ocorrer, outra *peshoa* que não Olvir ou a filha do rei talvez se sente no *trrono*.

– Como? – perguntou Alfgeirr.

Ingolf se encostou na cadeira e um sorriso largo tomou seu rosto.

– Na *asshsembleia*, a pessoa na melhor posição é aquela que *eshtá dentro* dos *murros* de Barra *Fria*. E *tus...* – Ingolf apontou para Broddr. – *Tus se ashegurará* que entremos nos *murros*.

– E a *garrota* e o adivinho? – Alfgeirr sabia que o plano deles não seria nada bom, ao menos para a filha de Eymunt.

– Bem, o que *tus* acha? Devo deixá-la *parra* que arme *contra* mim? Ingolf serviu mais cerveja para si e bebeu meio caneco de uma vez. Ele coçou a barba e tirou os cabelos longos da testa, jogando-os para as costas. – Eu *querro* me *livrrar* dela e o mesmo vale *parra* o adivinho. Olvir é *perrigoso* demais. Broddr, *tus* vai pensar em algo, certo?

A expressão no rosto de Broddr era impiedosa. Ele já sabia o que faria e fez um gesto com a cabeça, sorrindo perversamente.

Gils e Alfgeirr se entreolharam.

– *Tus* ouviu que com a ajuda do Salão Negro, Negrum se *tornará a trribo* mais forte em todo reino do norte – falou, cerrando os punhos.

– Mas... O Salão Negro? O mais odiado de todos os aliados? – duvidou Alfgeirr, com expressão séria e desdém em sua voz.

– E a mais forte – completou Broddr.

Ingolf fez um gesto com a cabeça e rosnou.

– Eu não tenho medo das forças da *eshcurridão*. O Salão Negro é o aliado mais forte e *eshtá preparrado* para fazer o que *querremos* fazer. – Ele balançou a cabeça como se estivesse entediado. – Chega de bate-papo. Reúna todos que puder, aqueles da *floreshta* também, e deixem todas suas armas *prrontas* no barraco velho – disse Ingolf com um sorriso alegre e confiante no rosto. – Se tudo for bem, o *shimbolo* de Negrum ascenderá no estandarte de Barra *Fria* já neste inverno.

Temendo que Solveig se enervasse, os homens brindaram em silêncio, riram e beberam por seu plano. Broddr se levantou, cortou um pedaço grande de carne para si e saiu do salão, mastigando. No vestibulo, vestiu uma capa quente, prendeu a espada em seu quadril

e saiu, no final de um dia de outono frio e escuro, caminhando para o cercado de cavalos.

No pátio, onde o vento batia, havia apenas duas criadas levando lenha para dentro, além de um guarda de pé junto ao portão aberto, segurando uma lança. Fumaça flutuava próximo ao solo, circulando devagar no vento preguiçoso. Mastigando seu último pedaço de carne, Broddr colocou a sela em seu cavalo, jogou um cobertor grosso por cima e, com um movimento ágil, subiu no animal.

Quando as primeiras gotas de chuva dançaram, caindo do céu, ele abriu um sorriso largo e deixou Negrum, cavalgando para o sul, rumo à Barra Fria.

UNHA DO DRAGÃO

Fim de setembro de 816

Nonna pegou o anel da porta do aposento de Nereid, tão grosso quanto seu pulso, e bateu com força. O som ecoou na escadaria em espiral estreita e alta. Fenris estava na área fresca, atrás dela, evitando a porta preta.

– Do que raios você está com medo, seu bobo? – ela deu uma bronca em Fenris, de brincadeira.

Fenris respondeu com um rugido e se sentou.

A porta foi aberta e um sorriso espalhou-se no rosto de Nereid, vestida de preto, ao perceber que Nonna e Fenris estavam ali.

– Nonna, o que a traz em minha porta tão cedo?

– Gostaria de lhe perguntar algo e, de qualquer forma, queria vê-la antes que partisse.

Nereid deixou Nonna entrar.

– E Fenris, não vai?

O urso rugiu e Nonna olhou em sua direção, sorrindo.

– Não, por alguma razão ele não tem coragem, não sei por quê.

A mulher riu.

– Ele não é o primeiro da família dos ursos-do-gelo que não quer entrar neste quarto – disse e fitou direto nos olhos de Fenris. – Fique aí e espere em paz.

Nereid fechou a porta.

– Sente-se e conte-me o que a preocupa.

O aposento de Nereid tinha o formato de um semicírculo. Em sua parede reta, havia uma porta dupla de muitos metros de largura e tão alta quanto o quarto, atrás da qual estava a torre do dragão. Fora construído dentro da montanha e, sobre suas paredes lisas, pendiam tapeçarias negras simples. Cobrindo o piso natural de pedra, havia peles e tapetes tingidos de preto. O espaço todo seria completamente negro, se não fosse uma luz azulada e fraca que brilhava de um lustre pendurado no teto, tremulando fantasmagórica.

O quarto fora decorado de forma bastante modesta. Os grandes cobertores e travesseiros da cama de cerejeira eram de veludo preto e, ao lado dela, havia uma poltrona de madeira preta, estofada com veludo azul-escuro. Do outro lado da poltrona, em uma pequena mesa, Nonna viu cálices dourados e candelabros e caixas decoradas com diamantes. Além disso, uma pilha de livros antigos e gastos se amontoava sobre ela.

– Bem, teria todos os tipos de perguntas, mas... Vim por causa de ontem, o que tudo aquilo significa?

– Você se refere ao dragão-negro bebê, o adormecido?

Nonna fez um gesto afirmativo com a cabeça e continuou brincando com o amuleto negro no formato de unha. Ela o ganhara do homem que Nereid dissera ser Cerbiurus, um deus antigo dos dragões-negros.

– Após a Guerra dos Deuses, havia apenas dois dragões-negros, além de mim. Um atrás de Magna Madeira, escondido no meio das montanhas, e outro no leste distante, em Kheanh, o dragão-negro que dizem ser o rei dos mortos.

– Sim, li sobre ele em uma das histórias que você me deu. Ele foi o único que sobreviveu quando atacou o Reino do Dragão contra os dragões-do-fogo, e fugiu para o próprio reino. Mas Nawyr não conquistou Kheanh também?

– Sim, conquistou. Eles a destruíram e a deram de presente ao mais ganancioso e ignorante de seus governantes menores. O rei dos mortos se escondeu por séculos nas montanhas e só reapareceu

há alguns anos, em circunstâncias estranhas. Bem, apenas um dos que restou era fêmea, e sou eu. – Nereid riu e piscou um olho para Nonna. – Então, as chances de nossa família ter aumentado são pequenas, não acha? Agora você entende, então, porque o povo de Nawyr queria tanto me destruir na Guerra dos Deuses.

– Por que você não pode ter um filho? – disse Nonna, sem pensar. Nereid não pareceu se chatear com a pergunta, pois esticou a mão e tocou sua trança.

– Vamos conversar sobre isso mais tarde, certo? A verdade é que, durante a guerra, diversos fortes foram deixados para trás e, no fundo deles, vários dragões-negros bebês.

– São eles que você chama de adormecidos?

Nereid assentiu com a cabeça.

– Os pais fizeram os bebês mais novos caírem em um sono profundo e os fecharam em esconderijos, dentro dos fortes. Antes deles partirem para a guerra, eles colocaram cães de templo, fantasmas, encantamentos e armadilhas para guardá-los.

– Por quê? Por que os bebês não foram levados para algum lugar seguro?

– Não havia lugar seguro. A Guerra dos Deuses estava fervendo em todos os lugares e acreditava-se que os inimigos do Senhor do Inferno encontrariam os bebês indefesos de dragões-negros em qualquer lugar, exceto nas criptas funerárias protegidas por encantamentos ou nas profundezas das montanhas. – Nereid deu um longo suspiro. – Quando os pais dos bebês foram dizimados, não sobrou ninguém para revivê-los. O povo de Nawyr veio com seus deuses, matou os dragões-negros sem piedade e destruiu totalmente seus fortes. Mas não conseguiram aniquilar tudo.

– Espero que não. Alguém deve ter ficado em Magna Madeira, quero dizer, se há um bebê – Nonna mordeu os lábios.

– É verdade. Mesmo após a guerra, o povo de Nawyr encontrou e destruiu mais alguns fortes e nossos amigos trolls e hiisis trabalharam duro para encontrar os adormecidos remanescentes. Uma busca difícil, pois foi tanta a destruição, que tudo mudou. Ao longo dos séculos, entretanto, hiisis e trolls escavaram cada vez mais fundo e subiram em picos ainda mais elevados, procurando pelos

fortes. E encontraram alguns. Muitos foram achados desertos e destruídos, outros, intocados. Esses, porém, estavam lacrados com os encantamentos dos deuses de Nawyr. Selos que ninguém, até hoje, conseguiu quebrar. Eles selaram todos os fortes que não conseguiram destruir por completo ou aqueles em que não puderam entrar.

– Por quê?

– Para que ninguém pudesse entrar e reavivar seus possíveis segredos, especialmente os dragões-negros bebês. Eles sabiam que, de fato, até uma joia de aparência modesta podia conter um espírito ou algum segredo e queriam se assegurar que fossem esquecidos. E planejavam se livrar de toda a família dos dragões-negros da face da Terra, para sempre.

– Bem, como o dragão-negro bebê foi encontrado, então? E quem o despertou de seu sono?

Balançando a cabeça, Nereid encolheu os ombros. – Hiisis e trolls contaram que, há não muito tempo, alguém quebrou os encantamentos que mantinham as portas fechadas. Quando tiveram coragem de entrar nas ruínas, eles conseguiram cavar até as criptas e encontraram lá um bebê acordado.

Nonna aparentou seu deslumbramento.

– Gostaria de um dia visitar tal castelo. É muito diferente de Unha do Dragão?

– Sim, são ainda mais poderosos e do tamanho de montanhas. Talvez um dia eu a leve para Magna Madeira.

– Quem teria sido capaz de remover os encantamentos? Quem esteve lá?

Nereid esticou o braço e tomou de sua mão o amuleto em formato de unha pendurado no pescoço de Nonna.

Então, percebeu a quem Nereid se referia.

– Depois de falar com os trolls, lembrei-me de sua história e tudo pareceu se encaixar. Os selos mágicos haviam sido quebrados meio ano antes de você encontrar Cerbiurus. É ele, acredito. Ele estava passando por seus velhos reinos e revivendo seus antigos poderes. Apenas temos de encontrá-los.

– Então, por que ele não faz mais nada? Por que não ascende ao poder e reúne todos os dragões-negros?

Mais uma vez, Nereid suspirou.

– Temos de fazer isso sozinhos, ele pode apenas dar indicações de caminho, que devemos encontrar e seguir. Ele é mais sábio do que todos nós e, embora seja capaz de despertar os dragões-negros e, talvez, reascendê-los ao poder, certamente não o faria. Como todos os deuses, ele pode nos guiar na direção certa. Algo mais pode nos levar à destruição – ela tentou explicar. – Além disso, acho que está decepcionado.

– Decepcionado?

– Pense no tipo de reino que os antigos deuses dragões deixaram ao partir. Todo o mundo setentrional estava sob o controle de fortes de dragões-negros e seu povo. Os humanos eram seus súditos. Depois disso, a sede por poder e a ganância das pessoas destruiu tudo e, agora, quando ele retorna, os dragões desapareceram e os humanos estão no poder. Talvez ele tema que até o menor dos erros possa destruir tudo para sempre.

– Mas ele é um deus antigo afinal, mais forte do que qualquer um, como ele pode ter medo de alguma coisa?

– Ele é apenas tão forte quanto todos seus súditos juntos. Quantos, hoje, acreditam em Cerbiurus ou dragões-negros? O povo de Noridium nos considera uma simples lenda e, em Nawyr, somos odiados mais do que qualquer coisa.

– Bem, e os outros deuses antigos?

– Eles, sem dúvida, despertam poderes em espíritos entre suas próprias famílias. Todas as estrelas acenderam, então, se Cerbiurus voltou, os outros deuses dragões também. Isso significa que outros clãs dos dragões também estão despertando.

Nonna balançou a cabeça, sem acreditar.

– Quer dizer que os dragões-do-fogo atacarão aqui, assim que seu deus devolver seus poderes?

Nereid riu.

– Não. Dragões-do-fogo não odeiam dragões-negros, os deuses dos humanos é que os jogaram uns contra os outros. Não há ódio entre Cerbiurus e Audun. Ambos querem que os dragões voltem ao

poder, mas as pessoas temem o fato e querem evitá-lo. – Nereid se recostou na poltrona. Ela gostava de discutir aquele assunto. – Se mais dragões-negros renascessem, nossos poderes se multiplicariam e poderíamos voltar ao poder. Ainda é uma possibilidade remota e talvez apenas um sonho, mas poderíamos nos tornar tão poderosos que talvez finalmente ousássemos não nos esconder mais. Não teríamos mais de ter medo.

– Medo de quê?

– De que nossos inimigos juntem suas forças para destruir o último de nós. A maioria dos humanos acredita que somos os culpados pela Guerra dos Deuses, nos veem como um símbolo do mal. Se os números de nossa espécie crescessem, faríamos tudo voltar a ser como era antes e não cometeríamos os erros.

– Não nos subjugaríamos ao Senhor do Inferno ou ao Salão Negro?

– Isso mesmo. Pense nisso, se nosso povo se tornasse tão poderoso quanto já foi e a fé em Cerbiurus voltasse, descobriríamos os fortes e os reconstruiríamos. Poderia voltar o dia em que os dragões-negros voariam pelos céus sem que as pessoas tivessem medo. Eles não seriam mais criaturas de lendas odiadas e temidas. Assim, o poder voltaria aos dragões e tudo seria como nos tempos antigos.

Nereid sorriu e tocou de leve no rosto de Nonna.

– Você pertence à família dos dragões-negros, é parte de nosso povo e entende tudo melhor do que as pessoas comuns. Entre elas também há aquelas que entendem quanto mal foi causado pelos humanos no poder. Na era dos dragões, não havia guerras contínuas ou pequenos governantes sedentos por poder. Como o aristocrata que persegue sua mãe. Os humanos podiam viver sem ser incomodados por líderes poderosos – completou Nereid.

– Você reconstruiria o forte de Skafloc? – perguntou Nonna, hesitante, embora temesse que nada mais restasse de lá.

– É claro, para ser ainda mais magnífico do que antes. Mas há muito tempo para isso.

– Os hiisis e os hurgs ainda são subordinados ao Senhor do Inferno? – Nonna mostrou-se tímida, pois ainda pensava na

discussão da noite anterior. – O Salão Negro ainda os controla?

A expressão de Nereid se contraiu e ela olhou para o alto, antes de falar.

– O Salão Negro merece seu nome, Nonna. É o lar da religião das trevas e temo que o Senhor do Inferno sempre tenha algum controle sobre hurgs e hiisis. O líder do Salão Negro, com certeza, tomará proveito desse fato.

Nonna não queria acreditar que isso fosse verdade. Depois de tudo que ouvira e passara, ela achava que os hurgs não teriam mais nada com o Senhor do Inferno. Ela sabia que, na Guerra dos Deuses, ele colocara os dragões-negros sob sua influência e os usara como armas contra outros deuses e humanos, mas não entendia como aquilo podia se repetir.

– O líder do Salão Negro ainda poderia subjugar os dragões-negros?

– É complicado, Nonna, mas temo que sim. Os sacerdotes das trevas ainda podem ter suas táticas e não quero correr o risco.

– Então, por que você contou tudo para Ermanaric e Haikin? Afinal, eles podem nos trair e mandar uma mensagem para o Salão Negro.

– Este é um risco que teremos de correr. De qualquer forma, o Salão Negro ficará sabendo dos adormecidos, mais cedo ou mais tarde. Se eles tivessem tido tempo de exigir a lealdade de Ermanaric e Haikin antes de nós, ninguém sabe a que tipos de tramas poderiam ser seduzidos. Agora que já a pedimos, pode ser que a consigamos. Ao menos, saberemos logo.

– Os trolls das montanhas, hiisis e hurgs, na Magna Madeira, também são subordinados ao Salão Negro?

– Sim, assim como Ermanaric e Haikin. E acredito que, ao menos por enquanto, sejam mais leais a mim. Pois sempre receberam minha ajuda quando precisaram e suas famílias ainda têm a lembrança do tempo em que os dragões-negros estavam no poder. Vamos ver o que o futuro trará. Por ora, o pequeno dragão-negro está seguro do povo de Nawyr e do Salão Negro.

Incerta sobre tantas questões, Nonna suspirou. As palavras de Nereid só haviam aumentado seu medo e insegurança. Ela ainda

pensaria sobre tudo aquilo sozinha. Talvez o espírito de Gudrun pudesse esclarecer mais as coisas.

– Quanto tempo leva para um bebê aprender a voar?

– Alguns anos. Ele crescerá rápido até ficar maior do que um wyrm, mas só poderá voar quando seus poderes espirituais estiverem desenvolvidos. Isso demora mais tempo.

– Ah, queria poder ver um.

– Com certeza verá, querida Nonna. Agora, conte-me como você está. Parece que tem passado longos dias e noites na torre de Gudrun, não é? Sinto muito por ter partido de um jeito tão abrupto.

Nonna se endireitou, orgulhosa, e mordeu o lábio inferior, do modo usual.

– Bem... Não tem importância – disse Nonna e deu de ombros, antes de se animar. – Há muitos espíritos na torre. Falei muito com eles e sou capaz de conjurá-los sempre que quero. Eles me mostram coisas.

– Que tipo de coisas? Coisas assustadoras?

– Não, assustadoras não, mas obscuras, segredos. Eu sempre os conjuro quando não entendo algo nos livros e eles me explicam.

– E os livros que lhe dei? Você já começou a aprender encantamentos e mágica com eles? Você já leu o grimório de Bjollok?

– É terrivelmente difícil, mas consegui ler um pouco. Ela lida com o medo, não é?

– Bjollok controlava o medo e as criaturas das trevas.

– Por que seu livro é tão importante?

Nereid teve de pensar antes de responder.

– O medo é a arma mais forte e uma defesa ainda mais poderosa. As trevas são repletas de espíritos assim, dos quais os humanos têm medo. Uma vez que você aprende a controlá-los, faz seus inimigos a temerem e fica seguro. Quando você tiver lido o livro todo, terá passado pela vida de Bjollok e aprenderá seus segredos. acredite em mim, Nonna. Depois disso, nenhum humano ousará lhe levantar a mão e você não precisará nunca mais fugir de ninguém.

Nereid ficou séria e se inclinou para a frente.

– Por favor, tenha cuidado, Nonna. Aprender as habilidades de Bjollok pode ser mais fácil do que você pensa, mas controlá-las é muito mais difícil. Tenha cuidado com suas habilidades.

Nonna concordou, com um gesto, e se lembrou do aviso de Runolf. Se ela fosse começar a usar seus poderes para machucar os outros, acabaria sob o encanto dos poderes do Senhor do Inferno. A linha que divide as duas condições é muito tênue e ela não queria atravessá-la.

– Você acreditaria em mim se eu dissesse que às vezes sinto que Gudrun está falando comigo? Isso pode ser possível?

– E o que ela diz?

– Que a maioria das habilidades mágicas não pode ser aprendida nos livros. É verdade?

– Sim, é. E também é verdade que consegue ouvir a voz de Gudrun, afinal você tem seu amuleto. Muitos disseram que seu espírito permanece próximo do aposento da torre, como se ocasionalmente quisesse fugir de sua cripta funerária. Seus poderes estão no mundo espiritual, não em livros. *Essa* é a mágica verdadeira, Nonna.

– Vou precisar conhecer a natureza, os animais e os espíritos, não vou? Foi isso que Gudrun me falou.

– O que era aquela conversa sobre o dom de Erna? Ouvi algo sobre isso... – perguntou Nereid, de repente.

– O adivinho da tribo de Erna me deu um presente, ou uma benção, na noite do equinócio de verão. Quando durmo, posso assumir a forma de um pássaro para ser meu espírito e me mover para qualquer lugar que ele possa ir.

Nereid ficou surpresa.

– É realmente um dom, Nonna. E você já o usou?

– Posso usá-lo quando quiser, mas fico com uma dor de cabeça terrível. Uma vez voei na forma de um falcão, mas minha cabeça doía muito e eu fiquei tonta o dia seguinte inteiro.

Nereid riu alto.

– Bem, isso não deve acontecer quando você tiver mais experiência. E seus poderes de bruxa? Você sente que possui mais?

Apreendeu a controlá-los? Estive longe muito tempo, você precisaria de orientação.

– Pelo menos, sinto que meus poderes cresceram e que sou capaz de captar mais o que me cerca. Mas parece estranho. Como quando estou com muita sede e, depois de beber água gelada, ela fosse fluindo para dentro. Eu começo a sentir isso e que posso fazer qualquer coisa, só não tenho coragem de usar, pois deixa os outros cansados.

– Outros? O que você quer dizer? – Nereid franziu a testa, parecendo preocupada.

– Bem, tentei na cozinha, uma vez. Fogos se acenderam aqui e ali e havia algumas criadas por perto. Freydis estava tomando café com Isrid e Kara. Eu queria ver se podia reunir poder.

– E?

– Você não vai contar para ninguém? Astrid pode ficar brava.

– Não, isso ficará entre nós. Conte-me.

– Concentrei-me como aprendi e tive uma sensação ardente que acontece quando os espíritos estão próximos de mim, mas...

Nereid olhou fixo para Nonna, sem dizer nada.

– Todos os fogos foram se apagando aos poucos e as garotas e as criadas começaram a bocejar e essas tiveram de se sentar. Eu me assustei e parei. Era como se tivesse tirado a energia delas. Fiz algo errado?

Por um momento, Nereid ficou sentada com uma expressão séria, olhando para a menina. Ela se curvou na direção de Nonna e tomou suas mãos nas dela. Nonna sentiu que as mãos de Nereid estavam muito frias. Uma faísca azulada brilhou em suas unhas pretas.

– Como você se sentiu? Cansada?

Nonna balançou a cabeça e mordeu o lábio.

– Senti como se pudesse fazer qualquer coisa, como se houvesse um fogo dentro de mim que tentava sair. Não me senti nem um pouco cansada. – Ela respondeu e pensou na sensação estranha e explosiva que, depois disso, não ousou alcançar.

– Você não fez nada de errado. É o que aprendeu com os humanos. Eles anseiam por energia e a adquirem de outros

humanos próximos – Nereid sussurrou. – Se você é capaz de fazer isso, é porque está se tornando uma bruxa parecida com Gudrun. Ela podia absorver seu poder até do fogo em brasa e usá-lo em seu benefício. Nonna, tenha cuidado. Você tem um poder que pode matar um humano, por acidente. Desde que aprenda a controlá-lo, ele não terá limites. Você pode acabar sendo uma bruxa muito poderosa, ainda mais forte do que Gudrun, entende? Os espíritos do inferno já se aproximaram de você?

Nonna tornou a balançar a cabeça.

– Não, não se aproximaram. Runolf me ensinou a mantê-los longe. Eu desenho um círculo no chão e queimo velas no quarto. As velas que ele me deu têm algumas ervas em sua cera. Os espíritos do inferno não podem entrar no quarto, não é?

– Não, lá não. Mas tenha cuidado onde você usa seus poderes. Se estiver em alguma área amaldiçoada por um espírito do inferno, você terá de ser capaz de afugentá-lo ou ele usará seus poderes em seu benefício.

– Tentarei aprender. – Nonna deu um longo suspiro – Ah... Tem mais uma coisa. Um sonho.

– Um sonho. Que sonho?

– Depois que fui para o aposento da torre pela primeira vez e ouvi a voz de Gudrun, já tive o mesmo sonho duas vezes.

– Você se lembra dele?

– Lembro. – Nonna fechou os olhos e se concentrou. – Estou de pé em um penhasco alto e é inverno. Não posso ver o que há atrás de mim, mas sinto, e sei, que há um grande número de hurgs, hiisis, trolls e sabe-se lá que outras criaturas. Eu sei que há uma guerra ocorrendo.

Suspirando, continuou.

– Diante de mim, há o mar e, além dele, ilhas e uma costa. Há ondas e eu sinto muita raiva. De repente, as ondas param, o mar se torna calmo e sinto o poder crescendo em mim. Um vento frio bate e olho para baixo, para o pé da montanha. Então, o mar começa a congelar. Enquanto congela, ele estala e estoura e o gelo se expande cada vez mais. E então...

Nereid sentiu arrepios, pois vira aquilo na vida real, há muito tempo.

– Continue, Nonna.

– Então, ouço rugidos, como trovões. Viro a cabeça para a esquerda, onde uma leve subida leva ao mar e vejo toda ela coberta por soldados marchando. Há milhares e milhares deles, hurgs, hiisis, ursos-do-gelo e até bestas-do-gelo. O penhasco balança, enquanto eles marcham em uma enorme fileira, sobre o gelo. E começam a caminhar sobre ele, atravessando o mar.

– Oh, Nonna... – sussurrou Nereid, balançando a cabeça.

Ela se lembrava dela própria, de pé em um penhasco, setecentos anos antes, quando Gudrun congelara a Baía da Caldia para liderar a travessia de um enorme exército para atacar Nawyr e se vingar da morte de Skafloc. Enquanto pousava a mão na cabeça de Nonna, Nereid teve certeza de que o povo de Nawyr ainda teria de temer pelo futuro.

BOSQUE DE HIITE

Fim de setembro de 816

Poucos eram os que ousavam entrar no Bosque de Hiite, mesmo que na segurança da luz quente e brilhante do sol dos meses de verão. Menos ainda nos dias curtos, escuros e chuvosos do outono.

O caráter sombrio do lugar, a escuridão e o ar tétrico que pairava sob suas árvores haviam afugentado todos os humanos das redondezas, há tempos. Nem sequer o rei Eymund, ou qualquer governante anterior, ousara explorar a região para derrotar as criaturas que se escondiam entre os seus mistérios.

Durante a Guerra dos Deuses, o Bosque de Hiite foi o domínio de Thurstan, rei hiisi e soldado leal do Senhor do Inferno. Quando os exércitos dos soldados de Nawyr atacaram Noridium, todas as raças das trevas ali se refugiaram. O povo de Nawyr lutou repetidamente com o Bosque de Hiite, mas este sempre se manteve. No fim, até Nawyr desistiu e, depois de destruir todos os castelos e casas de Noridium, retirou-se para além-mar. Desde então, tudo se manteve intocado, por quase mil anos.

As árvores no Bosque de Hiite eram mais grossas do que as torres de muitos fortes. Suas enormes raízes penetravam no solo, aproveitando as energias que de lá fluíam e as faziam crescer ainda mais. Com o passar dos séculos, elas já haviam se espalhado para fora do bosque e por centenas de metros cresciam carvalhos e salgueiros negros, preenchidos pelas forças da escuridão. Eymund, muito tempo depois, ousou mandar cortar as árvores externas e o Bosque de Hiite parou de se expandir.

– É uma *loucurra* total vir aqui – sussurrou Broddr. – Ainda mais a *eshta horra* da manhã, o *sol* não *aparrecerrá* por muito tempo ainda.

– Fique quieto! – disse um sacerdote das trevas do Salão Negro, enquanto espalhava pedaços de ossos e farinha em uma fogueira acesa ao lado de Broddr, provocando um cheiro forte e fumaça. Ele balbuciava palavras incompreensíveis sobre o fogo.

Uma fumaça cinza-azulada subiu da fogueira, formando uma nuvem grossa e malcheirosa sobre eles, quebrando-se em seguida entre os galhos das árvores negras.

Broddr nunca estivera antes dentro do Bosque de Hiite e isso lhe dava arrepios, embora o sacerdote das trevas lhe houvesse prometido que estariam seguros. As árvores enormes eram assustadoras para ele, seus galhos podiam sustentar casas. Seu sangue congelava a cada vez que ouvia estalos, rangidos, sibilos e batidas. Sentia como se em algum lugar nas profundezas houvesse alguma criatura indestrutível criando aqueles ruídos, com o único intuito de aterrorizar os que estavam próximos.

O sentimento de medo não lhe era frequente. Talvez por causa de sua arrogância, pois sabia que conseguiria arranjar uma saída de qualquer situação em que se metesse. Ele confiava na segurança que sua astúcia lhe dava, mas, quando olhou para o sacerdote das trevas fazendo suas rezas, ouvindo seus balbucios e vendo a fumaça da fogueira criar uma sombra, como um muro que os circundava agarrado aos troncos com dedos esfumaçados, Broddr sentiu medo.

Enfim, Agenald parou de conjurar e se levantou.

– Estamos seguros.

– Bem, e *agorra* então?

– Agora, esperaremos. Sente-se. – O sacerdote das trevas se sentou ao lado de sua fogueira e se apoiou em sua vara.

Broddr não queria se sentar, ao contrário, tirou sua faca afiada e ficou de pé. Os cavalos do lado de fora do bosque não estavam longe e ele olhou em volta para escolher uma rota de escape, caso as coisas fugissem de controle. Com uma leve hesitação, reparou no assento de Agenald, que se sentava em um baú de madeira firme, cujo conteúdo Broddr conhecia terrivelmente bem. Ele continha ouro. Pagamentos adiantados, ouvira do sacerdote. O preço para Negrum ter os poderes do Bosque de Hiite, que Agenald parecia conhecer à perfeição.

Ambição e sede por poder eram como parasitas famintos dentro de Broddr, exigiam mais e mais o tempo todo e ele estava sempre pronto para fazer o que fosse necessário para satisfazer a fome crescente. Nem queria pensar no que Ingolf faria com ele, se descobrisse tudo que Broddr fizera em seu nome, e que faria novamente no futuro.

Broddr afastou o pensamento. Se Ingolf algum dia vier a desconfiar, então irá se preocupar. Até lá, Ingolf teria de acreditar que ele estava fazendo uma aliança apenas com os soldados da fé e os sacerdotes do Salão Negro. Não tinha de saber das forças da escuridão, muito menos dos planos do próprio Broddr.

– Está certo. – O sacerdote das trevas se levantou e resmungou para a escuridão e as sombras inquietas que o cercavam, tocando-as de leve com a vara.

– Pelos deuses – Broddr sussurrou, quando uma criatura enorme envolvida em peles cinzas surgiu por entre árvores. Ela tinha ao menos o tamanho de dois homens, a pele era clara, quase branca, e os pés eram como troncos de árvores, cobertos por botas de pele. – O que é *ishto*? – disse Broddr, boquiaberto, ao ver os símbolos mágicos vermelhos e azuis e as runas pintadas no corpo. Os trolls da floresta, de pele escura e nariz de gancho, vestidos em armaduras esqueléticas, pareciam minúsculos ao lado da grande criatura.

– Grol, uma das maiores criações de nosso Senhor – disse Agenald, encantado.

Era impossível para Brodd desviar a vista da clava cheia de espinhos que Grol carregava em seu ombro. Olhando por cima do próprio ombro para o campo que se abria à distância, ele desejou estar lá.

– Fique aí onde está, os espíritos não deixarão você passar por eles com vida – disse o sacerdote, ao notar o titubeio de Broddr. Levantando sua vara, gritou algo que o homem de Negrum não entendeu.

Grol respondeu com uma voz que lembrava uma enorme rocha caindo de uma pedreira. O balbucio grave pareceu fazer tremer o solo debaixo dos pés de ambos. Depois, parou bem em frente a Broddr e o sacerdote, do outro lado do muro de fumaça. Grol levantou sua clava e, com a ponta, furou as sombras levantadas pelo muro de Agenald, como se testasse sua força. Aparentemente, ficou satisfeito com o que viu e sentiu, pois colocou o bastão no chão e virou os olhos assustadores para o sacerdote.

Os trolls da floresta se moveram em volta deles, silenciosos e misteriosos, mas não ousaram passar pela fumaça. Broddr suspirou de decepção ao notar que sua rota de escape estava bloqueada.

– *U que che querrr?* – disse Grol em um dialeto do norte, quase incompreensível. – *U que che essta fazzendo aqui?*

Uma dúvida veio à mente de Broddr. Ele sabia realmente o que estava fazendo ou fizera uma promessa a alguém que comeria sua alma? Pela primeira vez, teve medo da estrada pela qual o sacerdote o levava.

– Responda – exortou Agenald, perturbando seus pensamentos.

Tarde demais, pensou Broddr. Tendo entrado nesta estrada, teria de caminhar até o fim, não importa qual fosse.

Com um suspiro, Broddr abriu o baú que estava no chão, com um chute. O ouro brilhou nos grandes olhos azuis e ofuscantes de Grol.

– *Querremos* uma aliança entre Negrum e o Bosque de Hiite.

Partida

SERRA OCIDENTAL DE UNHA DO DRAGÃO **Início de outubro de 816**

O sol forte do outono cegava os olhos de Nonna, enquanto subia os rochedos cobertos de musgo de uma torre em ruínas. Ela sentiu um aroma fresco e revigorante de folhas mortas em seu rosto, o vento diminuía e o céu límpido estava azul-claro. Embora o ar de fim de outono fosse muito mais frio nas montanhas do que na planície de Unha do Dragão, o sol a aquecia de modo agradável.

Finalmente, Nonna subiu no rochedo mais alto e se levantou. Vestia sua capa cinza-azulada e usava um cinto coberto de amuletos de espíritos da natureza coletados e abençoados por ela e Erna, além de ossos de animais, penas e pequenos sacos de ervas que tinham poderes mágicos. Os ossos quebradiços roçavam ruidosos uns contra os outros, enquanto ela arrumava sua capa e colocava a vara que fizera de um galho de carvalho para descansar, junto ao muro da torre. Na vara lisa havia várias coisas penduradas, dentes e unhas de urso, penas de corvo e, em seu topo, o crânio de um rato preso com um prego de prata e pintado de verde.

– Maravilhoso, Fenris, maravilhoso! – gritou Nonna, abrindo os braços de alegria.

As ruínas ficavam na parte ocidental das montanhas que cercavam Unha do Dragão, bem ao lado do desfiladeiro e a alguns metros acima das planícies. Os habitantes da montanha, controlados pelo povo dragão, haviam construído um forte para guardar o desfiladeiro que fora destruído nas guerras, e depois deixado intocado. Nos invernos, um vento constante batia com força em

torno das ruínas, jogando neve do topo das montanhas e formando nuvens enormes. Acima dali, a escalada era muito perigosa, até em outras estações, pois fazia sempre um frio congelante.

Nonna encontrara as ruínas na primavera anterior quando os enormes rochedos antigos estavam cobertos com musgo verde-vivo. Assim que chegara ao local, apaixonara-se por ele. Não restava muito do forte, mas ela retornava lá repetidas vezes para, curiosa, poder explorar o que sobrara dos velhos muros, os objetos enferrujados a sua volta e a gigantesca catapulta, cujos restos jaziam em uma colina, do outro lado do desfiladeiro. Ao lado da catapulta deteriorada, havia uma pilha de grandes pedras, que no passado eram usadas como munição.

O mais importante para Nonna era a completa paz que sentia entre as ruínas. Cansada de estar sempre fazendo algo em Unha do Dragão e de todos os barulhos e de tantas pessoas, ela queria ficar sozinha, às vezes. Queria pensar e lembrar em paz e pedia a Fenris para trazê-la. Em algumas ocasiões, o urso se mantinha do lado de Nonna, enquanto ela se sentava com as pernas cruzadas ou se deitava olhando para as nuvens. Raramente, no entanto, ele sentia que a menina queria ficar inteiramente só e ia mais além fazer suas próprias coisas.

Nonna estudara mapas e aprendera muito sobre o que havia dentro das fronteiras do reino de Noridium. Certa vez, ela viu uma enorme floresta diante de si, e soube se tratar do temido e amaldiçoado Bosque de Hiite. Desde a Guerra dos Deuses, ele estava sob o controle das forças da escuridão e quase ninguém ousava viver nele. Nem os dragões de Unha do Dragão sabiam exatamente o que havia em seu interior. Nereid explicou que ele era coberto por um encantamento tão forte que ninguém era capaz, ou desejava, desfazê-lo. Segundo ela, muitas vezes era melhor deixar certas coisas como estavam e o Bosque de Hiite era um exemplo disso. Melhor seria mantê-lo imperturbado e dormente. Nonna desviou os olhos do bosque para ver os montes do território setentrional à direita, assim como o vasto espaço aberto completamente branco – a Terra do Gelo. Tão distante que desaparecia na névoa no horizonte, Nonna sabia que aquela terra

era coberta por um gelo permanente, mas, estando diante dela, foi o necessário para atizar sua infinita curiosidade.

A Terra do Gelo era governada por ursos-do-gelo e bestas-do-gelo e ninguém parecia saber o que havia por detrás dela ou se existia algo além de uma morada dos deuses. Quando Nonna ficasse grande o suficiente para que sua mãe a deixasse se sentar em um dragão, ela pediria para Skald, o dragão-do-gelo, voar à Terra do Gelo com ela e, talvez, até o palácio de gelo do líder que por lá governava, a terra natal de toda neve e criaturas do gelo.

Apoiada na torre, Nonna forçou a vista e olhou à distância, ao sul. O sol estava batendo direto em seu rosto e ela teve de cobri-lo com a mão para poder enxergar ao longe, em direção ao sudoeste, atrás do Bosque de Hiite. Embora não fosse visível àquela distância, ela sabia que a cidade de Barra Fria estava lá, assim como o forte de seu rei.

Ela se sentia feliz em deixar o sol aquecer seu rosto. O ar fresco limpava sua mente e dirigia os pensamentos para a profundidade de sua alma. Concentrando-se ao máximo, Nonna começou a perceber como as energias da natureza ao redor começavam a fluir lentamente para dentro dela e a escuridão por trás de seus olhos fechados começava a se tornar um mundo repleto de pontos coloridos. Ela conjurou a visão de bruxa em sua consciência, abrindo o mundo espiritual diante de si. Sentia como se estivesse de pé sobre as ruínas, em meio a uma noite completamente escura. Nas trevas, havia diferentes criaturas coloridas da floresta e suas energias naturais.

O caráter forte de Fenris reluzia sob ela, a grama e as plantas brilhavam, opacas, e aqui e ali flutuava a respiração nebulosa do espírito do vento. De debaixo do brilho da grama, pequenos redemoinhos subiam, os espíritos de soldados há muito esquecidos, que tentavam alcançar as almas cheias de vida de Nonna e Fenris. A garota levantou mais a cabeça e mirou o horizonte com os olhos fechados, mas seus poderes não eram tão fortes. Com exceção das coisas muito próximas, tudo estava em total escuridão.

Aos poucos, Nonna acalmou a respiração, concentrou-se com dificuldade e estava prestes a convidar os espíritos da natureza mais próximos, entre os que a rodeavam, quando à distância notou uma figura piscante no breu. Ela estremeceu, afastou a ideia de conjurar espíritos e moveu a visão desajeitada de bruxa na direção da figura que a espreitava ao longe. O vulto escuro se aproximou cada vez mais, até se ver o movimento lento das asas de um falcão.

Ela parou de usar a visão de bruxa e abriu os olhos. O brilho do sol a cegou, por um momento, Nonna se sentiu tonta e levou a mão ao rosto, enquanto tentava olhar na direção em que vira o espírito da ave.

– É lá que está o falcão. Estaria vindo para cá? – Nonna falou em voz alta e tirou a trança de seu rosto, inclinando-se para a frente.

O pássaro era um búteo grande e rápido, que trazia algo pendurado em seu pé, como uma fita ou um pedaço de barbante. Nonna forçou a vista para ver melhor o que ele carregava.

– Uma mensagem? – gritou Nonna, surpresa com a fita em tom vermelho-vivo amarrada no falcão, com sua ponta solta ao vento.

O pássaro marrom-acinzentado voou em volta da montanha, virou suas asas e cauda para alcançar o vento, olhou com curiosidade para Nonna e Fenris e, por fim, passou em silêncio sobre ambos. Ela seguiu o pássaro até que este desaparecesse por trás de um penhasco, em direção às planícies de Unha do Dragão, franzindo a testa, perdida em seus pensamentos.

– Pergunto-me se ele veio de Barra Fria... – murmurou, olhando para baixo para a encosta que Fenris ainda mirava, na direção que o pássaro voara.

O urso virou a cabeça para Nonna e respondeu com um rugido confuso.

– Devemos ir, e se for algo importante?

Fenris balançou a cabeça e começou a esfregar sua lateral contra a catapulta de madeira. E sorriu de prazer ao empurrar-se contra o tronco grosso, esfregando nele seus pelos, enquanto olhava a garota que descia da torre acima, com cuidado.

Não levou muito tempo para uma trompa ser ouvida de algum lugar distante. Nonna desviou o olhar das pedras para Fenris.

– Você ouviu?

O som tornou a perturbar o silêncio das montanhas e o urso gesticulou que sim.

– Bem, é claro – lamentou Nonna. Ela sabia que a trompa só era tocada para chamá-la de volta com Fenris. – Em nome de Forni, é melhor ser algo importante – praguejou.

Descendo das ruínas, ela subiu no dorso do amigo. Desapontada, bateu o pé das pedras de seu vestido e abriu um pequeno saco que estava pendurado nas costas de Fenris.

– Deixe que esperem um pouco para eu poder comer meu lanche, pelo menos – resmungou.

Fenris se virou e começou a caminhar com calma, descendo a encosta que levava ao forte.

Assim que chegou ao saguão de Unha do Dragão, Nonna viu que havia algo errado. Estava tudo quieto demais. Quando partira, de manhã, o pátio estava cheio de pessoas ocupadas com suas tarefas. Agora todos andavam sem pressa, sussurrando uns para os outros, parecendo sérios e olhando para os lados. Ao saltar de Fenris, Nonna viu a mãe correr em sua direção com a grossa trança vermelha balançando às costas.

– Nonna, onde você esteve? – Gunhilde lhe deu uma bronca e Nonna notou a preocupação de sua voz.

– O que aconteceu, por que todos estão tão quietos?

Gunhilde se agachou em frente dela e a segurou com força pelos ombros.

– O rei Eymund faleceu. A mensagem acabou de vir de Barra Fria.

Então, de fato, o pássaro trouxera notícias más e importantes.

– Faleceu? Como?

– Bem, ele já estava doente há meses.

Nonna esteve em Noridium por tão pouco tempo que o rei Eymund não se tornou uma pessoa familiar ou importante para ela. Embora fosse o governante do reino, Nonna, na realidade, não pensara nele em Unha do Dragão. Sim, ouvira falar que o rei estava

fraco, mas imaginou que ele iria se recuperar da enfermidade, pois ninguém parecia se preocupar tanto assim com o assunto.

– Astrid pediu para vê-la assim que viesse. Mais uma vez, ninguém sabia onde você estava. Já lhe pedi mil vezes para não desaparecer assim – disse Gunhilde e tentou sorrir. – Irei com você, vamos.

Com a mãe a guiá-la para dentro do forte sem deixá-la nem tirar sua capa de peles, Nonna ainda estava absorta em seus pensamentos.

– Estávamos nas montanhas, nas velhas ruínas. De lá, era possível ver quase até Barra Fria e vi o falcão trazendo a mensagem. Eu podia tê-lo chamado para vir comigo. – Nonna tentava falar, enquanto corria atrás da mãe pela grande escadaria central. – Além disso, Fenris gostou da corrida, não gostou?

Ele respondeu com um rugido, chacoalhou-se, tirando o cheiro de outono do pelo, e tentou seguir atrás de Nonna e de uma apressada Gunhilde.

A mulher balançou a cabeça sem compreender como Nonna sempre conseguia surpreendê-la. Elas correram pelas escadas com rapidez.

As janelas do quarto de Astrid estavam abertas e a luz forte do sol refletia nos objetos de bronze, prata e ouro, nos tecidos coloridos e nos castiçais lustrosos. O fogo não estava aceso na lareira, o ar estava gelado e tinha cheiro de outono, fumaça e galhos de abeto, especiarias e das ervas que Astrid guardava em seu aposento.

Enquanto tirava sua capa e a colocava em uma cadeira, ao lado da porta, Nonna notou que Asbrand e Focinho de Sangue estavam sentados ao lado da janela, com expressão séria. Uma sombra se moveu em um canto escuro, não podia ser ninguém mais que Runolf, o mago-da-morte. A própria Astrid estava de pé no centro do aposento, com os braços cruzados, olhando para fora da janela. Da porta, Fenris observou o ambiente e, percebendo que não gostaria da atmosfera tensa, decidiu que ficaria, com prazer, esperando do lado de fora, junto de uma janela aberta. Gunhilde entrou na sala depois de Nonna e fechou a porta.

– O rei Eymund faleceu na noite passada, em decorrência de uma séria doença – disse Astrid, com a voz fria, acenando para que Nonna e Gunhilde se sentassem perto dela. – Noridium está sem um soberano.

Nonna não tinha muita certeza do que aquilo significava, mas os líderes de Unha do Dragão estavam tão apreensivos que o assunto devia ser importante.

– Asbrand, diga-me qual é a situação no reino – disse Astrid.

– Eymund não tem um filho que possa assumir o poder. Ou, de fato, tem um filho, mas ninguém sabe onde ele está. Dizem que desapareceu – respondeu, parecendo um pouco receoso. – Ele tem uma jovem filha, alguns invernos mais velha do que Nonna, mas ela não é adequada para ser uma soberana, ao menos segundo os outros governantes.

– Por que não? – exclamou Nonna por instinto, interrompendo a fala.

– Nunca houve uma soberana mulher em Noridium e a garota seria inexperiente e jovem demais para isso. – Asbrand se levantou e bateu na parede de pedra, com o punho cerrado, de frustração.

– Algumas tribos podem tentar conquistar o lugar do rei para si. Todos sabemos que há muitos chefes em Noridium que há muito anseiam por fama e honra, apenas para poder governar sobre todo o reino após Eymund, sendo os piores deles Ingolf, de Negrum, e Varg Barba de Osso, seu aliado.

Gunhilde o interpelou, gentilmente.

– Isso é uma ameaça para Unha do Dragão?

Asbrand desviou o olhar para Focinho de Sangue e Astrid, sem responder. Sua expressão se tornou ainda mais séria.

– Unha do Dragão não é ameaçada por nada, ao menos por nenhuma tribo de Noridium. Só o que nos ameaça é um velho juramento que Gudrun fez há centenas de anos. Para nós, ele é mais importante do que qualquer coisa.

– Um juramento?

– A Senhora de Unha do Dragão fez uma aliança com o ancestral de Eymund e ajudou a elevar sua família a governantes soberanos de Noridium. Gudrun fez isso porque um dos ancestrais de Eymund,

seu líder na época, jurou que nunca faria uma aliança com o Salão Negro, por razões que é melhor não serem tratadas agora. Gudrum sabia que se forças erradas ascendessem ao poder em Noridium, isso significaria a destruição de todo o reino, a repetição de eventos antigos.

– Destruição? Como assim?

– Há forças muito adormecidas nas terras do reino de Noridium que, em mãos erradas, podem causar uma grande ameaça às bestas-do-gelo da Terra do Gelo. Os últimos heróis do Salão Negro, os soldados poderosos e sacerdotes do Senhor do Inferno fugiram para cá, no fim da guerra. Dizem que esconderam vários objetos que contém os poderes do Senhor do Inferno em túmulos e nas montanhas. Se forem encontrados, certamente serão usados para levar o Senhor do Inferno ao poder e para conjurar espíritos maus. Gudrun jurou que isso nunca aconteceria, que os líderes de Noridium se assegurariam disso. No fim, ela conseguiu que as bestas-do-gelo confiassem em sua promessa. Se a família de Eymund e seu reino morrer, as bestas-do-gelo sentirão que a velha promessa foi quebrada e poderão atacar aqui e destruir tudo para se protegerem. De qualquer forma, isso levaria a uma guerra, do tipo que nenhum de nós quer. O rei Eymund era sábio. Ele deixou que o povo de Noridium conquistasse e roubasse os reinos do sul, para que os fortes e inquietos soldados pudessem fazer o que melhor faziam: lutar e navegar os mares. Mas nunca deixou ninguém procurar por velhas forças nem perturbar a Terra do Gelo. Ele vinha de uma antiga família que tinha elos com a própria Gudrun.

– O que o líder do Salão Negro fará quando ficar sabendo que Noridium está sem um soberano? Seus dedos já estão prontos para apertar aquele reino, pois ele sabe que há muitas coisas que são desejadas por aqui – alertou Astrid.

– Quer dizer, o Bosque de Hiite? – perguntou Nonna.

– Não só isso – Astrid olhou para Runolf. – No Salão Negro, eles sempre acreditaram haver caminhos para o inferno nas terras de Noridium e espíritos e tesouros enterrados que poderiam dar vida aos servos do Senhor do Inferno. Só os deuses sabem quantos

espiões do Salão Negro existem e quantos aventureiros já foram capturados à procura de tudo isso.

– O que poderia acontecer? O Salão Negro conquistaria Noridium? – perguntou Nonna, horrorizada com a ideia.

Astrid deu um longo suspiro e balançou a cabeça. – Eles abririam velhos túmulos para buscar ferramentas mágicas neles escondidas. Trariam seus sacerdotes e começariam a adorar seus deuses em florestas, como o Bosque dos Ursos, onde os espíritos são fortes. Antes que notássemos, nos locais em que Forni é adorado atualmente, ursos logo seriam sacrificados para seu deus da escuridão e espíritos do Salão Negro conjurariam espíritos maus do Senhor do Inferno de volta à superfície.

O rosto de Nonna se contorceu de ódio, pois Runolf lhe contara que tipo de forças eram essas. A última das grandes batalhas foi travada em Noridium, onde as tropas do sul alcançaram aquelas que lutavam sob uma bandeira preta, sem que os dragões-negros ainda estivessem lá para protegê-las. Acredita-se que carregavam alguns segredos consigo que não queriam que terminassem nas mãos do Senhor do Inferno e que, com elas, tais segredos foram enterrados nas profundezas de bosques, pântanos e montanhas, para sempre. O Bosque dos Ursos tinha sido, certa vez, um desses lugares amaldiçoados, até Nonna e Fenris o atravessarem e trazerem um pouco de vida.

– O que podemos fazer? Eu, pelo menos, não quero uma guerra aqui! – A recordação dos mercenários atacando o vilarejo de seu pai voltou vívida à mente de Nonna. Ela também não desejava que florestas como o Bosque dos Ursos retornassem às sombras. Lembrou-se do sacerdote do Salão Negro que vira em sua viagem, um ano antes, e tal imagem a deixou ainda mais furiosa.

Asbrand, Focinho de Sangue e Gunhilde se entreolharam, procurando uma resposta e, em seguida, os olhos de todos repousaram em Astrid. Runolf estava sentado nas sombras e não disse uma única palavra, mas sua vareta batia no chão, de vez em quando.

– Precisamos decidir em uma assembleia – disse Astrid, pensativa. – E teremos de fazê-la logo. Sinceramente, espero que

Olvir decida convocá-la assim que terminarem as cerimônias do funeral de Eymund.

– Olvir? – perguntou Nonna, ao reconhecer o nome do velho adivinho do rei. – A decisão é dele?

Astrid fez um gesto afirmativo com a cabeça.

– Olvir é o adivinho do rei e o governante até a assembleia ser realizada. Gostaria que fosse decidido que Freya governasse Noridium, ao menos por enquanto.

– Freya? – exclamou Nonna, lembrando-se de ter ouvido o nome antes, sem muita certeza.

– Freya Filhadeeymund, a filha do rei. Ela é alguns anos mais velha do que você, uma menina muito gentil e quieta. Talvez até quieta demais. Freya era o tesouro de Eymund e ele lhe deu tudo o que ela quis. Tenho certeza que a morte de seu pai está sendo muito difícil.

– Freya não tem mãe?

– Sua mãe foi para o Mundo dos Mortos já há alguns anos. Agora, ela está órfã e a família de Eymund não lhe representa qualquer apoio. A cada ano, seu nicho familiar foi ficando menor e, após a morte de sua mãe, Barra Fria se tornou soturna e silenciosa – lamentou Astrid.

Nonna abaixou a cabeça e brincou com os dedos. Sabia como Freya devia se sentir. Talvez pudesse dar algum tipo de apoio para a garota, a não ser que fosse mimada demais. De fato, ela não gostava de crianças mimadas, mas, pelo menos, não estaria lidando com um garoto, felizmente.

– Nonna, acho que Freya não poderá assumir o poder na assembleia, embora ele lhe pertença, em teoria – disse Asbrand, com cuidado

– Por que não?

– Freya é retraída demais. Ela precisaria de alguém a seu lado que todos respeitassem – respondeu, enquanto se colocava atrás da cadeira vazia de Nereid. Ele mexia os botões em cima do encosto, sem disfarçar a contrariedade. – Freya seria fraca e crédula demais, e não seria temida em Nawyr. Eles pensariam que Noridium estivesse enfraquecendo. Se os homens não tivessem permissão

para conquistar o sol, e lutar suas batalhas, começariam a criar brigas dentro da própria casa. Isso geraria problemas. Segundo os líderes da tribo, Freya não seria adequada como soberana por muito tempo.

– Bem, e quem seria?

– Se ela tivesse um marido, seria mais fácil. Um homem de uma família poderosa manteria Freya em Barra Fria. Mas isso provavelmente não acontecerá.

Nonna calou-se. Ela não sabia mais o que perguntar e se sentia confusa. – Olvir tentará ao máximo fazer com que o poder fique com a família de Eymund. Será difícil, pois tantos outros estão atrás desse poder – disse Asbrand. – Temos de lhes dar apoio e ajudar Freya a se manter forte e confiante. Se ela projetar determinação e fé na assembleia, poderá ganhar a confiança dos líderes tribais. Só não sei como fazê-la determinada, ela é tão retraída e calada.

– De qualquer maneira, iremos para Barra Fria – disse Astrid. – A família de Eymund está ligada ao futuro de Noridium e temos obrigação de saber o que devemos fazer por Freya. Os funerais serão logo. Precisamos nos apressar.

Asbrand parecia pensativo e olhou para Runolf, sentado nas sombras. O mago se moveu um pouco, colocou a vareta no chão e se inclinou para a frente para que seu rosto pálido surgisse das sombras.

– Há abutres de diferentes tribos voando em volta de Freya, desejando somente seu favor. Eles tentarão levar embora a grande fortuna de Eymund. Ela deve estar devastada com o luto e muitos farão o que puder para aumentar sua dor, a fim de torná-la mais fraca na assembleia.

Astrid se virou para o mago-da-morte.

– O que você sugere?

– Freya precisa de alguém em quem confie e cuja palavra escute por sua própria vontade. Temos de oferecer uma pessoa, talvez duas, para lhe dar apoio.

O coração de Nonna saltou e a excitação jorrou em suas veias.

– Leve Nonna e Fenris com você. Se alguém pode aumentar a fé e a determinação de Freya, é aquela criança ruiva e teimosa ali –

disse Runolf, apontando para ela com seu dedo trêmulo. – O que você me diz, Nonna? Acha que pode fazer isso?

Nonna engoliu em seco. Ela poderia visitar Barra Fria pela primeira vez e aquilo era algo pelo que esperava há muito tempo. Claro que não poderia ser melhor do que Unha do Dragão, mas veria um castelo real, de verdade, e poderia até encontrar a filha do rei. Ela concordou com a cabeça, timidamente.

– Então, é o que faremos. Nonna virá conosco, se Gunhilde permitir – anunciou Astrid, virando o rosto para a mãe da garota.

Hesitante, Gunhilde olhou primeiro para Nonna e depois para Astrid.

– É certo que ela não correrá perigo? E se algo acontecer?

– Ela estará segura. Afinal, estaremos lá, assim como Fenris e os guarda-costas de Freya. Além disso, é bom para sua filha ter experiência com lutas pelo poder – Astrid se voltou para Nonna – Não é, Nonna? Você quer ir?

Gunhilde virou os olhos, indecisa. Tinha absoluta certeza da resposta que ouviria, pois a garota nunca perderia uma experiência emocionante e desafios.

– É claro que quero – respondeu Nonna, com um sorriso maroto para a mãe, que deu um suspiro desconsolado.

Barra Fria

BARRA FRIA, NORIDIUM **Início de outubro de 816**

Um velho vestindo um roupão de linho subia as escadas frias com uma lamparina acesa em sua mão. Sob aquela luz, a escadaria tinha a aparência do inverno e a corrente de ar que vinha entre suas frestas fazia voar os cabelos do homem, enquanto ele se esforçava para continuar subindo. Respirando com dificuldade, Olvir chegou ao andar de cima, abriu a porta e entrou em um corredor. A correnteza vinda da porta quase apagou a chama da lamparina.

Do lado direito do corredor, havia janelas estreitas pelas quais o luar prateado entrava, brilhante. Sobre as paredes, escudos e lanças e, do lado esquerdo, duas grandes passagens. Pequenos degraus levavam às portas. Próximas às janelas, tochas se queimavam, mal iluminando os dois homens de pé perto da entrada. O silêncio era quebrado pelos estalos do fogo e os sussurros dos homens.

Quando Olvir saiu das sombras das escadas, ambos se viraram para ele.

O homem mais velho, Ingmar, primo da esposa de Eymund, vestia uma túnica cinza simples. Tinha cabelos loiros, bem-arrumados. Seu rosto pálido e enrugado tinha certo sorriso malicioso. O outro homem era seu completo oposto.

Ulfar, um dos *berserkers* do rei, era muito alto, robusto e musculoso. Usava cabelos loiros compridos e sua barba era presa em duas tranças curtas, que atingiam seu peito. Vestia calças de couro, seu tronco musculoso estava coberto por uma camisa fina e, em seu quadril, trazia um machado de cabo curto.

– Onde está Freya? – perguntou Olvir, ao se aproximar dos dois. Ulfar estava de pé, com as mãos na cintura, em frente à porta, e uma expressão determinada.

– Com o pai, ela não se cansa de velá-lo e não deixa ninguém entrar no quarto, nem mesmo para retirá-lo – sussurrou Ingmar, com uma expressão que fingia preocupação. Olvir notou a presença, mais além, do filho de Ingmar, Eirik, que sempre se comportava como um cachorro medroso. Para o velho, Ingmar e Eirik eram os membros mais desagradáveis da família de Eymund. Olvir balançava a cabeça, resignado.

Freya fora muito afetada pela morte do pai. O rei havia sido deixado em um quarto, à luz de velas, à espera da cerimônia funerária e sua filha não deixara o aposento, desde então. Já se encontrava sem comer ou beber há dois dias.

– Pobre garota... Ficaré doente, se continuar assim. Temos de ajudá-la – disse Ingmar, com falsa apreensão.

Olvir pôs-se em frente do soldado para subir os degraus e abrir a porta, mas Ulfar não fez um movimento sequer para lhe dar passagem.

– A *shenhora* pediu que *mantivesshe* todos longe. Todos incluem *tus*, velho. – Ulfar falou com sua voz grave, que fez Olvir recuar um passo. Apesar de tudo, o velho adivinho estava feliz com a atitude irredutível de Ulfar, pois era precisamente o necessário para manter Freya viva durante os próximos meses. Os *berserkers* do rei Eymund eram leais até a morte e nunca haviam traído a confiança de seu Senhor. Seria impossível até para Olvir passar pelos homens, ainda que estivesse muito determinado. Ele retribuiu o olhar duro do soldado, tentando usar seus poderes espirituais para levar o homem para seu lado.

– Não use sua mágica em mim, seu velho! – exortou Ulfar, segurando o machado com uma das mãos. Olvir estremeceu.

– Ulfar, deixe-me entrar. Freya precisa de ajuda e você não pode ajudá-la desta forma. Mantenha os inimigos longe, mas deixe um amigo entrar, antes que seja tarde demais.

Ulfar sabia que Olvir estava certo, mas Freya dera ordens para manter todos longe e ele não podia desobedecer.

– Ninguém *pasha* por esta porta – respondeu, sem ceder.

– Por favor, ouça, Olvir – disparou Ingmar, com raiva. – Freya é filha única, não pode dar tais ordens – disse, impaciente, franzindo a testa.

– De fato, ela pode, Ingmar – resmungou Olvir. – Ulfar, a garota está sofrendo sozinha. Ela tem o coração partido de pesar e o pesar é um inimigo, contra o qual nem você ou seu machado pode ajudar. Você sabe muito bem que Freya nunca quis proibir que eu entrasse, ao menos quando se referiu a “todos”.

Ulfar respirou, irritado, e Olvir o viu rangendo os dentes.

– Espere aí! – ordenou Ulfar. Ele subiu os degraus levando à porta, abriu-a e desapareceu do outro lado. Olvir podia ouvir lá dentro o choro inconsolável da jovem.

– Maldito mercenário, alguém deveria... – praguejou Ingmar, mas o olhar furioso de Olvir o silenciou e ele virou a cabeça para o outro lado. O velho pensou ter ouvido Eirik se espreitar nas sombras.

Levou um tempo para Ulfar voltar. Ele deixou a porta entreaberta e deixou Olvir entrar. Ingmar tentou aproveitar a chance, mas Ulfar levantou a mão e o homem parou, como se estivesse diante uma parede. Ulfar balançou a cabeça.

– *Tus* não.

Ingmar praguejou, balançou os braços de frustração e foi embora com seu filho, furioso, batendo a porta ao sair.

O aposento de Eymund normalmente era muito iluminado, no entanto, como a maioria das velas havia se queimado por completo, a escuridão estendeu sua coberta sombria sobre o ambiente enlutado.

O quarto era quadrado e bastante baixo. A janela no lado ocidental estava entreaberta, e o vento impiedoso vindo do mar batia contra ela e esfriava o local. Lamparinas quase apagadas ardiavam nos nichos da janela, exalando uma fumaça de cheiro forte que ascendia com o propósito de proteger contra maus espíritos.

Nas paredes, viam-se escudos, lanças e grandes e belas galhadas de alce e veado. O chão era coberto por tapetes grossos e, do lado esquerdo da porta, entre as janelas, havia uma cama grande. O rei

morto jazia deitado, com os cabelos e a barba escovados e trançados, segurando uma espada entre as mãos. Uma única vela queimava no piso, ao lado do rei. Sob sua luz fraca, ajoelhada ao lado da cama e com a cabeça entre as mãos do pai, a filha soluçava.

– Olvir, não tenho velas o suficiente... – sussurrou a garota, entre soluços, com a voz abafada de dor.

Olvir foi até a garota e colocou a mão sobre sua cabeça. Murmurou um encantamento quase inaudível, exorcizando os espíritos desconsolados que haviam se juntado em torno dela durante os últimos dois dias, apenas aumentando seu pesar.

– Eymund não queria que vos rendêsseis ao desespero. Vós tendes de descansar para poderdes carregar o espírito do rei convosco. O pesar apenas vos afastareis disso. – Olvir fazia carinho na cabeça da jovem ao falar

– Mas... O que farei? Olvir, eu sei o que acontecerá e não anseio por isso.

Olvir sabia a que Freya se referia. Como mulher, seria quase impossível que ela governasse o reino. Suas alternativas eram se casar com algum homem capaz de governar ou abdicar do poder para outra pessoa e deixar Barra Fria, opções em nada atraentes.

– Não importa o que aconteça, será a vontade dos deuses, Freya, e vós pensareis sobre isso quando o momento chegar. Agora, precisais descansar e enviar vosso pai para sua última viagem. Deixai-o ir, menina.

– Olvir, diga para mim que há ao menos alguma esperança. Se você puder dizer isso, honestamente, prometo ir com você e dormir. Caso contrário, ficarei aqui e lamentarei até a morte. Eu sei que você não pode mentir para mim.

Um sorriso surgiu no rosto sério de Olvir.

– Freya, minha garota. Vosso desejo chegará aqui, amanhã.

O rosto de Freya se iluminou e um olhar curioso se formou no semblante cansado.

– O que você quer dizer?

– Astrid, de Unha do Dragão, está vindo com Asbrand, um dos melhores amigos de vosso pai. – Olvir abaixou as mãos, segurou o queixo de Freya com os dedos trêmulos e levantou sua cabeça. A luz

das velas brilhou sobre as lágrimas que escorriam pelo rosto de Freya. – Eles também trarão com eles certa pessoa que vós decerto quereis encontrar.

A jovem enxugou os olhos com a manga de sua túnica de lã.

– Quem eu poderia querer encontrar nesse momento?

– Uma criança-bruxa e seu urso-do-gelo.

Freya parecia aterrorizada. Nos últimos tempos, ouvira falar sobre uma menina e um urso-do-gelo que caminhavam pelas montanhas próximas à Unha do Dragão. A garota, aparentemente, era forte na magia e a Bruxa do Gelo a tomara sob seus cuidados gélidos. Há um ano, quando ela visitara Barra Fria, um rumor começara a ser espalhado pelas canções dos músicos e, na cidade, haviam começado a chamá-la de criança-bruxa. Freya era uma das poucas que conhecia um pouco da história distante de Nonna, pois Olvir estivera em contato com Astrid e Unha do Dragão era mais familiar ao rei e à filha do que qualquer outra coisa, em toda Barra Fria.

– Ela? Por que ela está vindo para cá? – perguntou Freya, bocejando, e Olvir ficou feliz que outra emoção, momentânea, apagava o amargo pesar do rosto da menina. O velho pediu perdão ao espírito de Eymund, enquanto proferia um encanto com o pensamento, que depositou na cabeça de Freya com as seguintes palavras:

“Vós recebereis um visitante, minha menina. Isso não vos acalmais?”

Olvir sentiu que o encantamento tomou apenas uma fração de sua força, mas pareceu ter tido um efeito imediato.

Freya estava exausta, bocejava e esfregava os olhos.

– Uma visita? Uma criança-bruxa e um urso-do-gelo? Estou cansada, Olvir, extremamente cansada – sussurrou, quase sem poder ser ouvida. – Preciso dormir.

A filha colocou a cabeça na cama do pai e seu corpo desabou, entregue ao sono. Olvir chamou Ulfar para que entrasse e a carregasse, profundamente adormecida, levando-a para longe do quarto do rei e dos espíritos de luto que por lá flutuavam.

ESTRADA DO NORTE, NORIDIUM

Início de outubro, 816

Um platô ensolarado abriu-se ao redor de Nonna, pontilhado de cores fortes, com cheiro de folhas apodrecidas e solo úmido. Grama amarela desbotada e galhos pequeninos balançavam com o vento fraco do campo. Ainda eram vistas algumas folhas amarelas nos arbustos e árvores encolhidas pela geada noturna, cintilantes pelo gelo. Nonna sentia-se feliz, pois o outono não duraria mais muito tempo. Logo, as tempestades de inverno cobririam todo o reino com uma nova e grossa camada de neve.

Estava sentada no dorso de Fenris, enquanto a pequena procissão viajava pela Estrada do Norte, que ia do Vale do Ferro, odiado por Nonna, até o Monte de Hiite e, de lá, contornando o Bosque de Hiite, até Barra Fria. No início da manhã, o grupo já havia passado a ponte do Cimo Negro, que atravessava as florestas, e as matas aterradoras do lado direito ficavam cada vez mais distantes da estrada.

Vestindo uma modesta capa cinza, em frente de Nonna, Astrid montava seu cavalo cinza, com Asbrand à frente, em seu cavalo de guerra da Baradia, Hipocrina. Ao lado dele, dois cavalos de carga caminhavam preguiçosamente, com todas as pertences dos viajantes em suas costas.

Ao deixarem o acampamento anterior, Asbrand tinha posto sua armadura de guerra e, com isso, sua cota de malha de caçador de crânios havia ficado um tanto impressionante e assustadora. Não vestia nada na cabeça, o capuz feito de argolas de metal descansava em suas costas e ele mantinha o elmo decorado com chifres em seu colo, sobre a sela.

Após saírem de Unha do Dragão, eles viajaram em um ritmo veloz em meio à passagem ocidental para a região desértica da fronteira e Nonna se viu, pela primeira vez, muito perto das notórias florestas. Ela notou que o Bosque de Hiite merecia totalmente sua reputação, ao menos à distância. Suas árvores eram extremamente grossas, altas e contorcidas. Dentre os abetos gigantescos, havia espécies decíduas robustas, cujos troncos eram cobertos de musgo.

Seus galhos balançavam de forma nefasta. Um cheiro abafado de bolor era emanado.

Os sons misteriosos saídos da floresta causavam arrepios. Gritos estranhos, guinchos e estalos eram acompanhados de rangidos e estouros, como se grandes galhos houvessem se quebrado e pedras colidido umas contra as outras. Nonna nem ousava imaginar o que causava os sons e, com certeza, tampouco Asbrand ou Astrid tinha qualquer explicação. Segundo eles, as florestas podiam conter grols ou criaturas ainda maiores que jamais haviam saído de lá. Apenas os deuses podiam saber que tipo de seres as habitavam.

Nonna tinha total certeza que vira sombras se movendo às margens do bosque, a algumas centenas de metros deles. Aquelas sombras emanavam curiosidade e malevolência ao alcançá-la com suas mãos tétricas. Astrid e Asbrand também não queriam passar a noite perto do Bosque de Hiite e, assim, deixaram para armar acampamento uma vez que estavam fora de seu alcance, mais perto do Monte de Hiite e da segurança das ruínas dessa vila deserta. Nonna não conseguiu dormir quase toda noite, sem parar de olhar para a mata próxima, banhada pelo luar melancólico. Depois que a escuridão caiu, gritos quase inaudíveis, semelhantes aos uivos dos lobos, misturaram-se com os outros sons da floresta.

Ela se apoiou em Fenris para se sentir mais segura e puxou sua capa de peles para mais perto. Apesar da fogueira acesa por Asbrand, sentia-se temerosa e muito pequena ao lado do bosque. Naquela noite, seus poucos sonhos foram assombrados pela intuição perturbadora que, um dia, ainda viria a enfrentar os monstros dali e que suas sombras vorazes a alcançariam com unhas frias.

– Lá está Barra Fria! – gritou Asbrand ao parar Hipocrina. Ele levantou o capuz de argolas de metal sobre a cabeça e colocou seu elmo. A simplicidade do elmo preto de metal de dragão era enfatizada pelo visor estreito, através do qual não se podia ver seus olhos.

Nonna viu um monte no horizonte, sobre o qual havia um grande forte. A uma curta distância à direita, outro monte igualmente alto e descampado e, entre eles, uma ravina com beiradas íngremes que

parecia bastante pequena contra os penhascos escarpados. Ela pôde avistar uma cidade, ao pé do forte, da qual muitas linhas de fumaça subiam em redemoinhos no céu claro.

De onde estava, Barra Fria parecia ser uma cidade muito maior do que Águas Cinzas e Barra do Alce. Ela estava entusiasmada com a ideia de que logo andaria pelas ruas movimentadas do povoado do rei e, depois, dentro do forte, quando conheceria a filha deste. Nonna apertou o pelo de Fenris, enquanto a excitação tentava dominar sua mente. Asbrand voltou a se mover e Fenris continuou a caminhar de seu modo calmo, atrás dos cavalos.

No meio do dia, eles chegaram em uma encruzilhada, da qual uma estrada pequenina e quase invisível começava a subir para o outro monte, ao lado de Barra Fria. Em seu pico, Nonna pôde perceber a existência de um círculo de rochas, acima do qual um bando de corvos planavam no ar. Outra estrada ia para o sul, a partir da encruzilhada, em direção a uma grande região florestal que podia ser vista à distância e um terceiro caminho, que adotaram, seguia rumo à muralha que cercava Barra Fria, com um grande vão que dava acesso ao forte.

Havia dezenas de cabanas pequenas e baixas, que haviam sido construídas apressadamente com pedras naturais e telhados de palha, além de outras, de madeira, e diversas tendas gastas. Em volta das habitações simples, pessoas faziam suas tarefas e, a seus pés, cães e galinhas corriam a esmo. Entre as casas, chiqueiros e celeiros para gado e porcos. O ar estava preenchido pelo aroma de feno molhado, misturado com os odores de esterco e a fumaça de cheiro forte das muitas fogueiras presentes.

A maioria das pessoas vestia roupas simples e rotas e andava de um lado para o outro, enquanto trabalhava, aos gritos. A cidade movimentada parecia, a princípio, fascinante para Nonna, mas não demorou para ela começar a se sentir um pouco nervosa, pois todos se calavam ao vê-los.

Quando Asbrand cavalgou pela rua lamacenta, o povo reagiu assustado e se afastou rapidamente de seu caminho. As pessoas apontaram com temor para os crânios pendurados na sela de Asbrand e muitas crianças, chorando, saíram correndo para se

esconder, sem que ele nem ao menos passasse os olhos sobre elas. Hipocrina marchava com orgulho na rua suja, relinchando e balançando sua cabeça, pronto para a batalha – como se esperasse alguém aparecer à frente para que pudesse derrubá-lo.

Ninguém pareceu reparar em Astrid, que cavalgava em silêncio e discrição atrás de Asbrand, mas quando Nonna e Fenris passaram pela pequena multidão, certamente foram notados. A menina percebeu que todos olhavam fixamente para ela e especialmente para o enorme urso branco, que chacoalhava suas patas, impaciente com toda aquela lama. Nonna tentou ficar sentada no dorso de Fenris com a maior indiferença possível. Ainda assim, suspirou de alívio quando chegaram ao vão que atravessava a alta muralha, longe dos olhares fixos das pessoas.

Diante deles, ascendiam os muros grossos e cheios de protuberâncias de Barra Fria. Nonna não teve dificuldade para notar que fortes construídos pelo povo dragão e por pessoas eram diferentes como a noite e o dia. Enquanto os muros e as torres de Unha do Dragão tinham superfícies lisas e limpas, o que via parecia ter sido construído com enormes rochedos de diferentes formas e tamanhos, que haviam sido juntados com gesso manchado. Barra Fria lhe parecia muito grosseira comparada à Unha do Dragão. Cá e lá, no topo dos muros, havia torres sentinelas de madeira. Diante de Nonna, a robusta ponte levadiça do forte despontava e, atrás dela, um portal sombrio parecia uma boca gigantesca, no meio do muro.

Com Asbrand em seu dorso, Hipocrina cavalgava com passos ruidosos para a ponte levadiça que levava ao portal. Os cascos pretos do cavalo de guerra davam batidas tão altas que todas as pessoas próximas se viravam, surpresas. Astrid seguia logo atrás de Asbrand e, por último, vinha Fenris, com as patas cobertas por uma grossa camada de lama.

O portal era frio e iluminado apenas por uma única tocha oscilante. Os passantes abriram caminho e sussurraram entre si, confusas, olhando com suspeita para Asbrand, Astrid e Nonna, que se sentia desconfortável e se concentrava em manter a atenção apenas adiante.

Logo após o portal, de cada lado do caminho, havia armazéns baixos construídos com rochedos antigos e telhados flácidos de palha dependurados até o chão. Do lado de dentro dos muros, vários prédios e plataformas tinham sido erguidos, com a presença de acessos entre eles e escadas aqui e ali. À direita, em um chiqueiro, o grunhido dos porcos era abafado pelo barulho das pessoas em seu trabalho diário. Elas realizavam diferentes afazeres e corriam pelo pátio, com mulheres fazendo cestos ou carregando baldes de água fervente e homens talhando todo tipo de coisa em madeira, trocando ou examinando barris, caixas e sacos. Sons metálicos podiam ser ouvidos da ferraria. No meio de tudo isso, caminhavam alguns soldados com armaduras de couro e pequenas e estranhas espadas balançando nos quadris.

O pátio interno era uma verdadeira miscelânea, composta por barulhos variados, conversas e sons de animais. A tal caos, somava-se uma fumaça que flutuava perto do chão vinda de lareiras, construções, fogueiras e tochas.

O ruído que ecoava no local silenciou quase por completo quando Nonna e seus companheiros passaram por ele. As pessoas abaixaram suas ferramentas, para admirar a entidade poderosa de Asbrand e a frieza de Astrid, que o seguia. Astrid, de fato, parecia uma brisa gelada em meio à lama, ao escuro e à fumaça. Nonna notou que cabeças curiosas sempre se voltavam da dupla para ela. Teve a impressão de ter ouvido sussurros de “criança-bruxa” aqui e ali, e constatou que algumas pessoas se assustavam com qualquer contato visual, voltando para suas tarefas. Outras faziam sinais contra bruxaria com as mãos, como se tivessem medo de Nonna lhes jogar um encanto apenas com um olhar.

Tentando desviar sua atenção de toda aquela reação, ela examinou o prédio principal de Barra Fria, que agora estava diante de si. A construção era áspera, construída de rochedos enormes. Do seu lado, em direção ao mar, havia duas torres quadradas. Do lado direito do prédio principal, destacava-se um armazém mais baixo e claramente mais velho com uma densa fumaça subindo do telhado.

Um homem com uma enorme barriga examinava barris logo à frente, enquanto algumas criadas realizavam afazeres ao redor.

A entrada para o prédio principal era superior à altura de dois homens. Um patamar de madeira fora construído, com uma escadaria íngreme que levava até ele. Mais adiante, nas paredes, viam-se nichos nas janelas tão pequenos que até Nonna não teria conseguido passar por eles.

As torres eram apenas um pouco mais altas do que o prédio principal e, sobre elas, havia patamares de madeira com telhados sobre os quais alguns soldados podiam ser vistos caminhando. Em cima de uma das torres sobressaía um poste grosso no qual uma bandeira vermelha tremulava, com a figura de dois ursos pretos de pé em suas patas traseiras encostados um contra o outro.

– O reino dos dois ursos – murmurou Nonna sobre o nome como Noridium fora chamado, um dia. Os dois ursos do símbolo da família de Eymund representavam o poder do reino.

Um homem velho, vestindo um robe cinza, descia as escadas, com grande esforço. Nonna supôs se tratar do adivinho de Eymund, Olvir. Atrás dele, a presença de três soldados lhe causou arrepios.

– Os *berserkers* de Eymund – sussurrou Nonna para Fenris e levou a mão à boca, assustada. Ela já tinha lido e ouvido falar sobre os soldados selvagens muitas vezes. Dizia-se que nas batalhas eles se empolgavam com uma fúria inacreditável. Nonna lembrava-se de ter ouvido que os *berserkers* bebiam sangue e algumas bebidas misteriosas antes de lutar e que mordiam o cabo das lanças e escudos para ficar em um estado de fúria implacável. Uma vez que começavam a lutar, nunca cediam ou se rendiam. Só paravam se o inimigo fosse destruído até o último homem – ou se eles próprios fossem mortos.

Os homens eram enormes, ainda maiores do que Asbrand. Embora fizesse frio e todos os demais estivessem cobertos por roupas grossas, os *berserkers* vestiam apenas calças de couro até o joelho e chinelos. Seus troncos estavam nus e inteiramente cobertos por pinturas escuras. Seus cabelos longos e embaraçados voavam soltos no vento e suas barbas estavam presas em tranças finas. Argolas douradas brilhavam em suas orelhas e cada um deles tinha

um pingente de prata pendurado no pescoço, significando nobreza. Em seus quadris, carregavam espadas de aparência tão cruel que Nonna nunca havia visto antes.

Ela estremeceu ao notar que um deles olhava em sua direção. Embora tentasse, era quase impossível desviar a vista daqueles olhos ardentes que a assustavam com força surpreendente. Por fim, o *berserker* parou de olhar para ela e Nonna balançou a cabeça sem saber porque sentia tanto medo.

– Olvir! – gritou Asbrand, apeando do cavalo e retirando seu elmo. O velho caminhou até Asbrand e lhe estendeu a mão para cumprimentá-lo. – Que bom esse novo encontro, embora seja em um instante tão triste.

– Verdade, muito triste – respondeu Olvir, roucamente e tão baixo que Nonna teve dificuldade para ouvir. – Vocês são, entretanto, calorosamente bem-vindos à Barra Fria, todos vocês.

– Sua hospitalidade é sempre calorosa – emendou Astrid, elegante.

Olvir ordenou que alguns criados cuidassem dos cavalos e acenou para que todos entrassem. Nonna agarrou a manga de Olvir enquanto este andava.

– As patas de Fenris precisarão ser lavadas – disse a menina, com determinação, apontando para as patas brancas enlameadas do urso. Olvir sorriu e se abaixou para ela.

– Bem, elas precisam, com certeza. As criadas tomaram conta do assunto lá dentro, certo?

Nonna concordou com a cabeça e entrou, seguindo os outros, com Fenris a seu lado. Junto à entrada, notou que os *berserkers* haviam desaparecido.

Tão vazio e sombrio quanto do lado de fora era a parte interna do castelo, pensou Nonna, enquanto estudava o ambiente. As paredes eram irregulares e escuras, cobertas por partes úmidas, aqui e ali. Os pisos, que pareciam grossos, eram feitos de tábuas de madeira que com o tempo haviam se tornado lisas e brilhantes, e rangiam sob seus pés.

A atmosfera carregada era quebrada pelas flâmulas e tapeçarias, cujas beiradas desfiadas e cores desbotadas denotavam sua idade. A decoração, assim como as tochas e as lareiras, não conseguia minimizar a desolação melancólica que pairava dentro do castelo. A impressão inicial sentida colaborou para aumentar a diferença do que Nonna sentia, vivendo em Unha do Dragão, e agora, em Barra Fria, ainda que fosse muito cedo para chegar a alguma conclusão.

Um grupo de pessoas cercou os novos hóspedes no saguão. Homens de roupas escuras cumprimentaram Asbrand e Astrid. Em seguida, Nonna viu diversas criadas correndo em sua direção com baldes quentes. Olvir ordenou-as que lavassem as patas do urso-do-gelo, mas elas ficaram paralisadas, olhando o urso, assustadas.

– Ele não morderá – disse Nonna, afagando Fenris. – Não vai, certo?

Olhando para ela, confuso, ele rugiu sua resposta e chacoalhou as patas enlameadas, impaciente. Foi preciso ainda um pouco de conversa para que as jovens ousassem começar a fazer o ordenado.

– Então, esta é aquela que acreditam ser uma criança-bruxa? – Uma voz masculina grave ecoou na sala e Nonna sentiu uma mão apertando seu ombro. Um homem bonito, com cabelos e barbas pretos, vestindo uma túnica azul-escuro, agachou-se diante dela. Um dragão dourado estava bordado no peito da túnica e, em seu cinto, pendia uma adaga na qual um grande diamante azul fora encrustado. Nonna encarou os olhos pretos do dono da peça.

– Esta aqui, de fato – respondeu Asbrand e Nonna notou que todos se viraram para olhar para eles. Ser o constante centro das atenções já começava a pesar para ela, que desejava que aquilo acabasse logo para poder relaxar em algum lugar tranquilo, pelo menos por um instante.

– Nonna, este homem, diante de você, é Vermund, de Valgard, conhecido como Vermund, o Quietos, governante do Castelo do Bramido – disse Asbrand, fazendo a apresentação.

– Prazer em conhecê-lo – respondeu Nonna, curvando-se em reverência a um dos governantes mais poderosos de Noridium. Ela sabia que os ancestrais de Valgard haviam sido aliados de Skafloc. –

Sou Nonna, da família de Radulf e Skafloc – disse com orgulho, sentindo bochechas e orelhas ficarem quentes.

– Ouvi falar de você. Diga-me, você gosta de ficar no meio do solo congelado em Unha do Dragão?

– Claro que sim, muito... – respondeu Nonna, surpresa.

Vermund sorriu e se levantou, piscando um olho para Nonna.

– Agora entendo bem o que é dito sobre a garota – disse Vermund, com seriedade.

– O que dizem de mim? – Nonna perguntou antes de pensar se tal atitude direta era adequada diante de um homem tão nobre.

– Que é uma garota selvagem, parecida com lobos, de cabelos embaraçados, e que vem de um lugar distante e estranho.

– Oh, de cabelos embaraçados. Quem diz isso? Você acha meus cabelos embaraçados? – perguntou Nonna, magoada, levando as mãos até eles. Bem, eles estavam mesmo embaraçados, admitiu. Afinal, ela viajara por muitos dias e, nessas condições, ninguém se preocupa com o estado dos cabelos.

– Claro que não, mas você é como um lobo selvagem, concordo com isso. Um lobo selvagem de pele vermelha, que raridade!

Desapontada, a menina torceu os lábios. Também teria ficado chateada com as palavras de Vermont, se não soubesse que ele estava falando a verdade. Por muito tempo (ou sempre, de fato) ela deixara de se importar com a aparência. Seus cabelos vermelhos estavam sempre despenteados e desarrumados pelo vento. Ela se vestia do jeito que queria e seu comportamento talvez fosse um pouco selvagem mesmo, refletiu Nonna.

– Bem, não há nada de errado com lobos selvagens. Pelo menos, eles se viram sozinhos – rebateu, erguendo a cabeça com orgulho. Vermund riu alto.

– Exatamente, garota. E você está absolutamente certa.

Nonna se sentiu contente, enquanto Fenris se esfregava contra suas costas. Ela viu que as patas do urso-do-gelo estavam limpas e ouviu as criadas desaparecendo no longo corredor do lado direito, gracejando.

– Entrem no salão do rei – disse Olvir, acenando para todos.

Uma sombra se moveu junto à porta do saguão, mas ninguém lhe deu atenção. Um dos criados estava carregando um pesado barril, quando Nonna e os outros chegaram, e não foi notado quando o depositou no chão e começou a atizar as chamas, que morriam na lareira. Uma vez que os convidados estavam no salão principal e a porta para o saguão fora fechada, ele olhava para trás.

– Da família de Skafloc, é isso? – resmungou. – Uma criança-bruxa.

Por um momento, ele apertou os lábios, absorto. Depois, colocou o barril bem atrás da porta e olhou em volta, para checar se alguém o vira. Em seguida, colocou um capuz e saiu pela porta principal, fechando-a em silêncio.

A entrada para o salão do rei se dava por uma porta estreita e baixa, robusta e reforçada com uma banda de metal. O símbolo de urso de Eymund fora talhado em uma pedra, acima do batente, e dentro do salão havia guerreiros de aparência ameaçadora, dentre eles, alguns *berserkers*. Assim que Nonna entrou, ficou surpreendida. Embora Barra Fria fosse uma construção sombria e soturna, o salão do rei era completamente diferente, como se estivesse em outro forte.

O espaço era quase do tamanho de todo o piso térreo do prédio principal. Suas paredes eram das mesmas pedras manchadas de tom escuro, como no resto do forte, e o piso, de madeira escura e gasta. No meio do salão, seis colunas de pedra robustas, com muitos metros de altura, sustentavam o teto de madeira. Na parede oposta à porta, por dois nichos com janelas verdes denteadas, uma luz fraca conseguia passar. Além da porta principal, dois outros corredores levavam para fora do salão e, nos dois cantos da parede com duas janelas, havia grandes lareiras, tão grandes que permitiria Fenris ficar de pé. O fogo ardia em chamas altas em uma delas, emanando um calor agradável até a porta principal. Além disso, tochas queimavam em cada parede, em suportes de ferro preto.

O chão era descoberto e limpo, ocupado por banquinhos de diferentes tamanhos, cadeiras e bancos maiores, pequenas mesas e candelabros. Havia escudos, flâmulas, bandeiras e tapeçarias com

estranhas figuras animais e humanas representadas. Nas paredes, grandes nichos com bancos avermelhados ladeados por baús e caixas, alguns deles com as tampas abertas. Em seu interior, Nonna viu tecidos, pratos e xícaras de cobre e bronze brilhantes, objetos de prata reluzentes, armas, elmos e objetos decorativos de diferentes tipos e formas, que ela não reconhecia.

Ao lado de cada janela, uma tapeçaria longa e vermelha pendia do teto ao chão e, no meio da parede, destacava-se o trono modestamente decorado do rei, com um longo encosto. Em frente e nas laterais deste, foram dispostos pequenos bancos baixos estofados e, encostado ao trono, uma grande coleção de magníficos objetos que brilhavam na luz das tochas e da lareira. No centro do salão, exatamente entre as colunas de pedra, uma grande mesa fora construída, com muitos candelabros de diversas velas, que ainda não haviam sido acesas.

Para Nonna, aquilo parecia mais uma câmara do tesouro do que uma salão normal, e, apesar de tantos brilhos, algo lhe parecia estar faltando: ela não era quente ou aconchegante.

– Ouvir sua risada parte meu coração. – Nonna ouviu uma voz frágil e uma menina surgiu detrás de uma coluna, ao lado de uma das lareiras.

Freya, a filha do rei Eymund, estava elegantemente vestida com um vestido vermelho-sangue, que destacava sua pele clara e a expressão depressiva e triste. A garota tinha um rosto pálido esbelto e cabelos loiros quase brancos, cuja brancura era enfatizada por uma tiara dourada. Seu vestido emitia ruídos à medida que caminhava em direção ao trono.

Parados junto à porta, e já em silêncio, todos assistiram sentar-se em um dos banquinhos diante do trono e respirar fundo. Ela se arrumou, endireitou as mangas largas e decoradas e levantou o olhar triste para os visitantes.

– Perdoe-me, Senhora. Pensei que a alegria fosse aliviar um pouco seu pesar, mas parece que estava enganado. – Vermund curvou-se para Freya.

Olvir mostrou o caminho e Astrid e seu grupo adentraram no salão. Os estalos das chamas ecoavam nas paredes e a armadura de Asbrand tilintava, enquanto caminhava em direção à Freya. Asbrand, Vermund e os outros homens se curvaram e até Astrid fez reverência para a rainha de apenas 16 anos.

– Saudações, Senhora. – Astrid abaixou a cabeça.

– Saudações, Astrid, de Unha do Dragão, seja bem-vinda à Barra Fria – respondeu Freya, formal, olhando com curiosidade na direção de Nonna.

Uma vez que estavam bem próximas, a filha de Gunhilde pôde analisar a órfã do rei com cuidado. O rosto de Freya era bem mais magro do que o das mulheres daquela região. Parecia muito angustiada e dava a impressão que iria cair em prantos a qualquer momento. Julgando pelo todo, deveria ter chorado há pouco tempo, pois seus olhos estavam vermelhos.

Sem pensar muito, Nonna tocou de leve em Fenris e lhe enviou um pensamento. O urso estremeceu e pareceu hesitar, mas fez o que sua dona pediu que fizesse: deu a volta no grupo de pessoas e começou a caminhar em direção ao trono. Nonna escutou os soldados erguendo suas armas e se movendo para o animal, mas pararam imediatamente quando a mão de Freya se levantou.

Sem dizer uma palavra, Freya abaixou a mão e deixou que Fenris viesse até ela. Parado diante da jovem rainha, o urso se moveu um pouco para encontrar uma boa posição e, então, sentou-se bem a seu lado. Após se acomodar, ele depositou a cabeça em seu colo. Confusa e surpresa, Freya levantou as mãos, sem saber onde colocá-las, agora que um enorme urso-do-gelo ocupava seu colo. Por um momento, ela olhou fixo para Fenris e franziu a testa e, no fim, levou-as cuidadosamente até sua cabeça.

Nonna notou um sorriso se esboçando no rosto da menina ao levantar a cabeça para os visitantes outra vez.

– Este deve ser o urso-do-gelo de que tanto ouvi falar – disse Freya, esticando o pescoço para olhar para as pessoas diante dela. – E você deve ser sua dona, aquela que chamam de criança-bruxa... – Ela olhava para Nonna, acenando para que saísse detrás das pessoas, embora sua voz estremecesse, como se contivesse medo.

Nonna fez uma reverência e quase caiu quando sua capa ficou presa sob os pés. Impaciente, ela puxou a capa de debaixo das botas e os objetos mágicos de seu cinto bateram ruidosamente uns contra os outros. Ao levantar a cabeça, mordida os lábios.

– Sim, sou, minha Senhora – respondeu Nonna, confusa com o silêncio. E, para variar, não gostando de se sentir o centro das atenções.

– Você gostaria de acompanhar seu urso ao meu lado? Eu ficaria realmente feliz com isso – disse Freya, abrindo-lhe espaço.

Levantando os ombros e ainda mordendo os lábios, Nonna caminhou até Freya e se sentou bem ao seu lado. Ela percebeu que os olhos da garota se voltaram para os ossos que balançavam em seu cinto e o crânio na ponta de sua vara de viagem, disposta contra o banco. No fim, Freya esticou o braço e segurou a mão de Nonna, com tanta força que ela teve medo de ter os dedos quebrados. Ao sentir as mãos frias e úmidas de Freya, Nonna percebeu o quanto esta se encontrava nervosa e assustada.

A futura rainha se aproximou da menina de cabelos embaraçados.

– Olvir me contou que você poderia se tornar minha amiga – sussurrou.

– Sim, eu gostaria – murmurou Nonna.

Freya respirou, fez um gesto de satisfação com a cabeça e se voltou para os outros visitantes, novamente.

– É um grande alívio que o povo de Unha do Dragão venha me visitar. Vocês todos são bem-vindos – disse, com uma voz que ainda revelava pouca autoconfiança. Em seguida, convidou todos a se sentarem à mesa.

– Embora o falecimento de meu querido pai seja de grande pesar para meu coração, talvez possamos colocar a dor de lado, por um momento.

– Então, ordenou que as criadas trouxessem comida e bebida e estas passaram a arrumar a mesa. Nonna viu que Freya fazia carinho na cabeça de Fenris, sem se dar conta.

– Olvir, todos os outros já chegaram? – perguntou Freya enquanto as criadas carregavam travessas quentes da cozinha.

Nonna começou a lambar os lábios ao sentir o cheiro irresistível de comida. Ela não tinha uma refeição de verdade há dias, apenas pequenos lanches durante a viagem.

– Ainda não. Muitos virão ao castelo à noite, mas já estão na cidade – respondeu Olvir.

– E Thorvid, de Monte de Hiite? – perguntou Asbrand.

Olvir balançou a cabeça.

– Não tivemos notícias, embora tenhamos enviado uma mensagem.

– Que estranho, não? – Freya sorriu. – A família de Monte de Hiite não se afasta de lá nem para o funeral do rei. Por que será que algumas pessoas os chamam de eremitas?

A voz de Freya tremia de forma estranha quando falava. Tentando ser engraçada, ainda assim deixava escapar uma grande decepção, ou mesmo raiva, fato que Nonna avaliou ao ouvi-la.

A reputação da família de Monte de Hiite de ser composta de eremitas ou de pessoas que preferiam ficar sozinhas era conhecida por todos – assim como o fato de serem bastante antigos. Ela vivia nas montanhas desde o começo dos tempos, próximo ao velho vilarejo em ruínas onde Nonna, Astrid e Asbrand haviam passado a noite, a caminho de Barra Fria. A tribo de Monte de Hiite mantinha a Estrada do Norte, que atravessava suas terras, mas, com exceção disso, evitava outras pessoas. Outras tribos preferiam manter uma distância segura, pois dizia-se que adoravam o antigo deus de Höggvandil e que eram próximos dos hiisis e dos trolls. Sem nunca ter visto qualquer um de seus componentes, Nonna tinha uma imagem um tanto assustadora e sombria deles e não estava certa se gostaria de encontrá-los.

– Quem chegou à cidade? – Nonna ouviu Freya perguntar, levantando-se e segurando sua mão. – Você não pensou que comeríamos aqui, pensou? – disse, levando-a à mesa.

– Thorgeirr, o Desafiador, chegou no início da manhã, assim como Brynjolf Knot, Steinarr, de Vale do Ferro, Grimarr Wolfclan, Varg Barba-de-Osso e Thorgil de Ferro, de Praia Perdida.

Nonna amaldiçoou silenciosamente o nome de Steinarr assim que o ouviu, lembrando-se das noites passadas no calabouço sombrio.

Quase desejava ver Steinarr em uma situação que envolvesse Asbrand. Este poderia dizer poucas e boas para o careca, que era mais burro do que uma mula. Ao mesmo tempo, agradava-lhe que Thorgil, de Praia Perdida, seu lar por um curto período, chegasse. Queria muito reencontrá-lo.

– Bom apetite, espero que gostem da comida – disse Freya e com sua adaga pegou um pedaço do delicioso assado que estava no prato de argila. – Onde estão eles agora, Olvir, em que parte da cidade?

– Estão comendo, bebendo e se divertindo bastante em uma das tavernas mais simples da cidade, sem dúvida. E virão ao castelo apenas à noite ou amanhã, como já imaginara – respondeu o velho.

– Isso é bom. É uma grande pena que Thorvid, do Monte de Hiite, não tenha vindo – Nonna sentiu novamente um tom estranho naquela voz. E notou que Vermund e Asbrand haviam se entreolhado, o que lhe deu vontade de perguntar a razão. Porém, precisava aproveitar a boa refeição e a atmosfera calorosa. O aroma da comida, misturado com o cheiro da madeira real, a fumaça, as chamas na lareira, que estalavam e zuniam, as tochas, tudo fazia com que ela se sentisse quente e confortável, além de estar sentada na companhia da filha do rei com Fenris a seu lado.

Nonna se segurou em um corrimão de madeira molhado e escorregadio, sentiu o cheiro do ar marinho salgado de outono e admirou a vista. O dia inteiro fora claro e belo e, no horizonte distante, o sol densamente amarelo jogava seus últimos raios, enquanto se escondia no mar.

Quando ela olhou para baixo, da torre alta de Barra Fria, viu um penhasco coberto de musgo começando junto ao muro e o precipício assustador, que terminava no mar que bramava, inquieto. Nem uma única embarcação podia ser avistada, por mais que tentasse procurar, apenas algumas gaivotas flutuavam e guinchavam junto à costa.

As tempestades de outono haviam cessado por um tempo e os barcos haviam atracado na segurança do porto. Nonna se inclinou sobre a grade. À distância, do lado esquerdo, podia-se ver o porto

de Barra Fria, com um quebra-mar feito de pedra. Atrás dele, em uma praia arenosa com alguma grama e a salvo das ondas incansáveis, um grupo de naus longas aguardava para ser puxado para dentro dos depósitos de inverno.

Pouco a pouco, o entardecer caiu sobre as ondas brancas e o vento marítimo começou a bater mais forte. Os sons do mar podiam ser ouvidos como um rugido grave, desde a torre.

– Bem, aqui está você – disse Freya, com um discreto toque no ombro de Nonna, que se virou.

– Os lobos voltaram. Estão lá embaixo e se reuniram, formando um bando ávido. Olvir ordenou que fosse servida uma cerveja tão forte que logo dormissem de tanto beber.

Naquele dia, Asbrand chamara de lobos os homens que mais estavam ávidos pelo poder em Noridium. Como o maior de todos, mencionara a reputação cruel e assustadora de Ingolf, de Negrum. Muitos o consideravam o governante perfeito para um povo tempestuoso como o de Noridium. Era, porém, o último para quem Freya gostaria de ceder Barra Fria.

Embora Olvir presumisse que os representantes das tribos passariam a noite na cidade, desfrutando da comida e das tentações das tavernas, as tropas haviam montado um acampamento no pátio do castelo, no início da noite. E continuavam a celebrar a memória do falecido rei de sua própria maneira.

O olhar de Freya transparecia angústia e grande desamparo.

– Astrid está dando o melhor de si. Você pode confiar nela – disse Nonna, segurando-lhe pela mão. – Vermund de Valgard também parece digno de confiança. Você não pode perder as esperanças, está bem?

Freya se agachou ao lado de Fenris e acariciou o urso-do-gelo sentado, que levantava a cabeça para o alto em direção à brisa marítima.

– Espero que esteja certa. Só não sei se tenho forças para tentar. O melhor, talvez, fosse desistir e passar o reino para outras mãos, deixá-los fazer o que quiserem. O que você acha?

– Você não pode desistir, nem que isso torne as coisas mais fáceis! – Nonna retrucou com tanta severidade que até Fenris virou

a cabeça.

– Suponho que saiba. Perguntei a Olvir sobre você e ele me contou o que havia ouvido de Astrid, embora eu já soubesse de algo.

– Sobre mim?

Freya se levantou.

– Uma menina e um urso-do-gelo, uma grande batalha no Vale Perdido. Ah, sim, certamente ouvi falar de você, assim como muitas pessoas na cidade e na corte. A jovem sorria. – Um ano atrás, um bardo visitou Barra Fria. Ele cantou uma canção sobre uma menina e um urso-do-gelo. Meu pai o convidou ao forte, com seu grupo, e eles repetiram a música no salão. Eu mesma a ouvi – disse Freya, marota. – O bardo fez com que tudo parecesse real. Pude sentir como se estivesse com você no vale escuro e coberto por neve, lutando contra hurgs e trolls assustadores. Você já era conhecida por aqui, as pessoas falam sobre isso há muito tempo.

Nonna começou a rir. Lembrou-se da comitiva de Cerbiurus e de seu bardo, Havard, que de fato tinha prometido compor uma canção sobre ela e Fenris para levar a todos os lugares. Então, Havard havia cumprido sua promessa...

– Você é do clã dos dragões e sobreviveu à prisão em um reino do sul, à ameaça de um espírito maligno, a uma batalha contra trolls e hurgs. Se diz que não devo desistir, devo acreditar em você. Mas...

– O quê?

Freya hesitou e Nonna sentiu sua mão tremer, prestes a cair em prantos.

– Não aguento pensar, vamos ver o que o amanhã trará. Parece terrível que a assembleia aconteça tão logo, mal o rei tenha sido enviado para os deuses. Você virá junto?

– À assembleia? Não acho que permitirão.

Freya riu.

– Claro que permitirão, se eu a convidar. Todos podem levar um conselheiro. *Bah...* Conselheiros só bebem cerveja e se desafiam em brigas. Você já esteve em uma reunião de líderes de uma tribo ou em uma assembleia?

– Não – respondeu Nonna.

– Não perdeu nada. Um bando de homens molambentos e gananciosos se sentam em volta de uma mesa, comem carne gordurosa com as mãos, bebem cerveja e discutem uns com os outros. Já é muito se conseguem decidir uma coisa por noite. Quase sempre acabam discutindo e, mais tarde, os bate-bocas são acertados com armas.

– Quem virá à assembleia?

– Todos os líderes de tribos. Você já ouviu os nomes dos principais. Além deles, mais meia dúzia de outros, menos poderosos e, ainda assim, fortes.

– Como eles tomam as decisões?

– O mais forte e com a voz mais alta decide, os outros ou acatam ou têm de se cuidar. Ingolf, de Negrum, exigirá o poder para si, amanhã, lembre-se do que estou falando. – Freya rangeu os dentes e disse, com uma voz irônica: – Pois uma *mulher* não pode governar um reino! Você deveria ver Solveig, a Senhora de Negrum. Seria bom saber se é um homem ou uma mulher que, de fato, dá as ordens por ali... – Ela riu, zombeteira, e piscou um olho.

– Asbrand diz que Unha do Dragão exigirá que você fique no trono. Isso lhe agrada? – Nonna perguntou, depois de refletir por um momento.

A jovem suspirou e olhou para trás. Dois soldados de guarda se apoiavam contra o corrimão de madeira da torre e vigiavam o pátio. Podia-se ouvir gritos e outros sons de festa.

– Não sei, Nonna. Eu, certamente, gostaria muito de tentar – disse, sem qualquer sombra de autoconfiança, tentando encontrar um modo de transformar pensamentos em palavras. – Gostaria de mostrar que sou capaz, que meu pai estava certo. Entende?

– Claro que entendo. – Nonna respondeu, com um gesto de cabeça. – E acho que pode conseguir, mas para isso é preciso querer.

Freya sorriu.

– Você me faz feliz. Você e Fenris. Foi maravilhoso terem vindo. Amanhã, poderá se sentar comigo, à esquerda. Ulfar também virá.

– Ele é muito confiável, certo? – Nonna queria saber mais sobre os guerreiros *berserks*. Já sabia que Ulfar era o líder e, muito

provavelmente, o homem que olhou para ela quando chegaram no pátio.

Enfim, Freya deu uma risada relaxada.

– Ulfar é um *berserker* louco. Meu pai confiava nele mais do que em qualquer outro. Agora, faz o que bem entende. Mas jurou me proteger com a vida e sei que faria isso. Ele e seus homens.

No alto, uma flâmula se debateu no vento crescente. O sol já se pusera atrás do mar e seu último raio quente desaparecera do tecido vermelho ondulante. O frio caía rápido, como um presságio do que estava por vir.

– O inverno está para chegar – disse Freya, absorta, e se inclinou sobre a grade em direção ao mar. – Apenas os deuses sabem se haverá paz no reino quando a neve cair pela primeira vez.

No pátio, à distância, homens exaltados bebiam cerveja em volta de uma fogueira, e discutiam aos berros.

– Lobos... Estou surpresa de não haver uivos para a lua – disparou Freya, com raiva, virando-se na direção do pátio. – O que está acontecendo? – perguntou Freya a um dos guardas. O homem se voltou para ela.

– Eles estão festejando, minha Senhora. Negrum chegou – Foi outro dos guardas que respondeu, cuspiendo no chão para demonstrar seu desprezo por Ingolf. Todos os guerreiros de Barra Fria pareciam ter nojo de Negrum.

– Quem ele traz consigo? – perguntou Freya.

– Algeirr Chifre, Gils Selvagem e Broddr Rato.

Freya balançou a cabeça.

– Algeirr Chifre é um bêbado lunático, Gils é um briguento de pavio curto e Broddr, bem, não é uma pessoa, é uma cobra. – Depois de pensar um pouco, ela segurou Nonna pela mão. – Venha comigo. Astrid e os outros estão negociando sobre amanhã e eu não quero estar sozinha.

Segurando a convidada pelos ombros, ambas saíram da torre, deixando apenas o vento marítimo como companhia para os guardas.

Nonna e Fenris ficaram sentados no quarto colorido de Freya até Olvir vir pegá-la para as cerimônias fúnebres. Havia sido destinado um local para sua comitiva passar a noite. Era o salão do rei, pois Barra Fria não tinha aposentos para visitantes. Criadas e serviçais prepararam camas confortáveis no espaço, que já estava escuro, mas Nonna não quis ir para lá sozinha.

Uma vez que ela não poderia participar das preparações fúnebres, decidiu ir procurar Asbrand e Astrid, com Fenris. Olvir lhe disse que talvez estivessem no velho salão do rei, onde a assembleia ocorreria, no dia seguinte. Ele a orientou quanto ao trajeto correto e foi categórico para que evitasse fazê-lo no escuro. O caminho passaria por um penhasco íngreme e uma queda seria fatal.

Os avisos não a assustaram, ao contrário, apenas atiçaram sua curiosidade. Nonna decidiu ver como era o tal salão e aproveitar para tomar um pouco de ar fresco e ver o que estava acontecendo no pátio do castelo.

Enquanto seguia pelos corredores, ela começou, pouco a pouco, a gostar da atmosfera antiga de Barra Fria. Embora fosse sombria, podia-se encontrar estabilidade e segurança naquela lugubridade. Ainda assim, era totalmente diferente de Unha do Dragão, onde tudo era grande, belo e grandioso – feito pelo povo dragão. Barra Fria era feita pelo homem e refletia a rudeza da raça e do povo do norte. Suas paredes eram estreitas e irregulares, havia correntes de ar por todas as partes e, apesar do frio, um cheiro de pó e de idade era emanado.

As paredes tinham nichos, cantos, pequenos enclaves e buracos para armas. Em alguns dos nichos havia banquinhos solitários, desocupados há anos. Em outros, candelabros cobertos de cera e teias de aranha. Tapeçarias e flâmulas penduradas oscilavam gentilmente na leve corrente de ar dos corredores.

Barra Fria era muito escura. Em poucos lugares uma vela, uma tocha solitária ou uma lamparina queimava, iluminando sombras e segredos.

Os dois podiam caminhar pelos corredores quase desacompanhados. Criadas e serviçais estavam reunidos na cozinha e no depósito e os outros empregados do castelo preparavam o

banquete no andar superior do depósito. Olvir e Freya estavam no quarto do rei, repassando os eventos do dia seguinte.

Após darem a volta para o outro lado do prédio principal, Nonna e Fenris desceram a escadaria da torre até o primeiro andar e seguiram para fora por um corredor estreito, iluminado por uma única tocha. O urso era mais lento, farejando distraído os objetos que encontrava nos vários enclaves e nichos, como se estivesse examinando a história de cada um.

Ao se aproximar da porta que levava ao corredor para o depósito, Nonna viu um lampejo fraco de luz, ouviu uma porta bater e, então, a escuridão tornou a cair. Alertada pelo instinto, ela olhou para a esquerda e sofreu um enorme susto.

Um homem grande caminhava a passos largos em sua direção e veio de encontro a ela com toda a força. Nonna tropeçou, caindo contra a parede e sentindo o impacto doloroso do ombro na pedra. O homem a olhava, furioso.

– Maldita criancinha, *tus* devia olhar por onde anda! – ele vociferou e continuou a andar, jogando sua capa sobre o ombro de forma que sua barra molhada batesse no rosto de Nonna.

Ela fez uma careta com o tecido molhado e seu cheiro abafado de cavalo. Por um momento, ia deixar passar, depois mudou de ideia quando a raiva lhe subiu à cabeça. A luz da tocha se apagava rápido.

– Não sou uma criancinha... Você que devia olhar por onde anda! – gritou.

Ela se aprumou, enquanto o homem parou, rosnando de forma nefasta. Nonna não estava com medo nem se arrependeu. Ele era enorme, vestia uma capa grossa, debaixo da qual uma cota de malha e o cabo brilhante de uma espada cintilavam. Tinha uma barba grande e grossa, traços faciais rudes e cabelos loiros longos, que estavam soltos e cheio de nós sobre seus ombros.

O homem estava a apenas alguns passos de Nonna e ela viu que seu rosto se contorcia de ódio. Não se lembrava de ter visto antes um olhar tão cruel no rosto de uma pessoa. Exceto no de Gerhard, é claro, que mandara matar seu pai e era a personificação do mal.

– Que *tus* *falhou*? – o homem resmungou e se pôs diante de Nonna.

– Você me ouviu bem! Não sou nenhuma criancinha e ninguém sai me empurrando desse jeito.

Nonna sentiu uma força crescendo dentro dela, por si só. Ela nem precisava se concentrar ou fazer esforço. No corredor, a chama da tocha solitária se tornava mais fraca, mas aquela força se incendiava em sua mente. Com o amuleto de Gudrun contra a pele e uma determinação cada vez maior, estava certa que iria se defender, sem dar a mínima para quem era o homem.

– Quem é *tus*?

– Sou Nonna, de Unha do...

– Agora *tus* vai aprender uma lição – disse o homem com arrogância, levantando a mão em direção à Nonna.

– Se você bater em mim, irá se arrepender – disse Nonna por entre os dentes, usando no tom de sua voz o poder que juntara dentro dela e a mágica que já aprendera.

A mão do homem parou no meio do movimento e ele tropeçou, dando um passo para trás, com o rosto cheio de terror. Nonna sentia a respiração acelerar, o sangue ferver nas veias. A tocha estava prestes a se apagar.

– Eu ia dizer que sou de Unha do Dragão. Está claro? E se você levantar a mão para mim mais uma vez, Fenris a arrancará com uma mordida – disse, com a voz cheia de poder e provocação.

Com o rosto cada vez mais tomado por terror, o homem olhou para Fenris rosnando atrás de Nonna e hesitou. O medo fez sua mão tremer. Rangendo os dentes, usou de toda sua força para se controlar e afastar o medo de bruxas que Nonna despertara nele. E teve de fazer um sinal contra maus espíritos antes de juntar os últimos resquícios de sua autoconfiança.

– Eu sei quem *tus* é, sua criança-bruxa maldita! Nunca mais use seus poderes contra mim! – O medo era um calmante suficiente para deixar o ódio lhe voltar ao rosto. – Ah, de Unha do Dragão, certo? – disparou, com o rosto contorcido em fúria. Nonna notou, entretanto, um pouco de hesitação e insegurança no tom da voz.

– Sim e você podia se desculpar por ter me empurrado.

Um sorriso malicioso surgiu no rosto do homem.

– Perdão? Ah, *tus* não *conseguirá* fazer essa palavra sair de mim, criança-bruxa de Unha do Dragão. Nós nos *encontraremos* novamente e aí...

– Se nos encontrarmos de novo, aí talvez você ouse dizer seu nome, para que eu saiba quem é aquele que empurra pessoas menores do que ele.

– Em nome de Hamarr, *tus* não sabe manter seus olhos abertos – disse o homem com escárnio e um cheiro forte de cerveja chegou até o rosto de Nonna. – Sou Ingolf, de Negrum. *Mim* espada já cortou homens e mulheres como o foice corta o feno, *mim* viu batalhas, guerras e *asshasshinatos*, mas, até hoje, nenhuma criança que ainda tem de crescer veio me desafiar.

O homem perfurou Nonna com o olhar, colocou a mão no cabo de sua espada e se inclinou para mais perto. Fenris rugiu como aviso, pronto para saltar sobre aquela ameaça.

– *Tus* ainda *acabarrá* em encrenca, criança-bruxa. Tome cuidado. Quando se *eshtá* entre lobos, é melhor aprender a ser um deles e não somente agir como um – grunhiu Ingolf, levando a cabeça para ainda mais perto. – *Asshegurre-se* muito bem que *tus* não *irá* usar sua mágica em mim de novo: *Mim* sabe como tratar bruxas. – Ingolf tirou a espada da bainha apenas para que seu metal frio ecoasse no corredor e sua lâmina brilhasse, ameaçadora.

Então, latiu como um cão e voltou a espada para a bainha, ruidosamente. E, nesse momento, ele se virou e se afastou, com Fenris rosnando a suas costas. Quando já virara para outro corredor, Nonna ainda podia ouvi-lo resmungando e rindo alto, até a porta do saguão bater.

Ela deu um suspiro de alívio enquanto Fenris caminhava em sua direção.

– Meus deuses! – disse, um pouco chocada – Era ele, Negrum.

Uma dor de cabeça familiar que sucedia a um encantamento se fez presente. Nonna não tivera força para manter o poder de sua mente por muito tempo, mas conseguira amedrontar uma criatura que a ameaçava pela primeira vez. Isso a fez rir, sozinha, apesar da dor de cabeça.

Orgulhosa e satisfeita, deu de ombros e foi atrás de Ingolf para sair.

Em tempos de calmaria os portões de Barra Fria quase nunca eram trancados e nem era hábito erguer a ponte levadiça. Não houve enfrentamento de inimigos por décadas, então a entrada para o pátio estava quase sempre aberta, dia e noite. A movimentação diurna, de fato, diminuiu com o cair da noite e o povo se recolheu na cidade e nos prédios do pátio. No entanto, com as exéquias do rei se aproximando, o local estava repleto de líderes tribais, seus soldados e serviçais, além dos habitantes curiosos da cidade.

Os guardas ficavam observando a situação das torres por cima do portão, na passagem e junto à ponte levadiça. Quando a escuridão caiu e a noite se tornou mais fria, um velho vestindo uma capa marrom, apoiado em sua vara de viagem, caminhou devagar sobre a ponte levadiça. Chegando ao portão, um dos guardas olhou para ele, mas fez um sinal para que seguisse em frente.

Sibyrht seguiu com cuidado para o pátio e, sem pressa, olhou em volta.

A grande área estava iluminada pelas chamas agitadas de uma fogueira, em volta da qual se reunira um grupo de homens rudes e rugosos das tribos de Noridium. Cerveja espumava nos canecos e um cheiro de carne succulenta pairava por toda parte. Junto à tenda, líderes tribais, vestidos com valiosas peles de lobo, couro lustroso ou armaduras de ferro, estavam sentados com seus machados, espadas e canecos brilhantes feitos de osso.

A atmosfera era tensa, tal qual Sibyrht imaginara. A diversão não era bem-vista, pois o rei ainda não fora enterrado. Embora houvesse algazarra, não se detectava quase nenhuma alegria em suas vozes.

Sentando-se em um banquinho de lenhador, Sibyrht começou a tirar os pedaços secos de lama das solas de suas botas, sem deixar de prestar atenção no que via. O forte era realmente robusto, como também supusera. Seria difícil conquistá-lo, pensou, deixando os olhos deslizarem entre as pessoas dali, em especial os guerreiros, que o faziam tremer. Os guerreiros do norte eram selvagens primitivos e não lhe surpreendia que tudo o que pudessem fazer era

roubar os calmos vilarejos costeiros de Nawyr, raciocinou Sibyrht, sentindo a amargura das velhas lembranças que retornavam.

Uma jovem ruiva, com cerca de treze anos, acabara de sair. Era, sem dúvida, a que ele vira antes. Vestia uma capa cinza-azulada e seus cabelos profundamente vermelhos brilhavam de forma encantadora sob a luz das chamas. Sibyrht enxergou com clareza seu rosto estreito, enquanto ela se apoiava sobre a grade para olhar para o pátio, como se procurasse por algo. Vários objetos estavam pendurados em seu cinto. O velho só os vira com sábios naturais e bruxas maldosas, padrão eremita. Ele reparou que a garota segurava um bastão de madeira com objetos similares, sem dúvida com poderes mágicos, e, pior, o crânio pintado de um roedor. Sibyrht fez um gesto de satisfação com a cabeça, pois suspeitava saber quem era a menina. O enorme urso que via na varanda, seguindo a garota, só reforçava a ideia.

– Criança-bruxa – o velho sussurrou e apertou seu cajado com tanta força que os nós de suas mãos ficaram brancos. Sibyrht rangeu os dentes com a exaltação e forçou os olhos para ver melhor a garota atrás das chamas.

Examinou os traços da menina com rigor, memorizando-os, pois sabia que teria de anotá-los mais tarde, em detalhes. A capa estava presa por um fecho de bronze e uma única trança podia ser vista no meio de seus cabelos despenteados. Ao vê-la, Sibyrht entendeu grande determinação, observação e esperteza. O olhar da garota, entretanto, não era o que deixava o velho em alerta. Ao contrário, era o sentimento que emanava dela e que ia direto para seus ossos. Ela carregava tamanha força que fazia seu escalpo formigar. O velho estava acostumado a confiar em seus instintos e não tinha dúvida que a menina era uma bruxa.

Tão jovem e já tão poderosa, pensou, enquanto o medo subia por sua espinha e uma preocupação surgia em sua mente. Ele não encontrava tamanho poder em anos e a dúvida acerca do rumor sobre uma criança-bruxa começava a desaparecer. De fato, Sibyrht e seu Senhor tinham razão para temer. Porém, ele estava um pouco desapontado, pois a menina não preenchia sua expectativa. Sibyrht temera ir de encontro a uma pessoa feia e, de certa forma,

assustadora. Mas a criança-bruxa parecia uma menina completamente normal, não lembrava uma súdita do Senhor do Inferno. Ele já ouvira dizer antes que a garota tinha relação com a lendária Bruxa do Gelo que vivia no norte, assim como com o próprio Skafloc e isso o deixava com certa dúvida. Se Beda estivesse certo – e por que não? –, a profecia podia se realizar por meio dessa criança-bruxa, em particular, e isso significaria a destruição de seu reino.

O velho balançou a cabeça e suspirou ao se levantar. Ele já vira o bastante. Não havia sentido em pôr a missão que recebera em risco, revelando-se. Embora sentisse a presença da garota às costas, ele se virou e continuou a andar, lenta e cuidadosamente, de volta à passagem.

Em seguida, decidiu anotar tudo o que vira, com sua própria e meticulosa maneira. Pergaminho, tinta e canetas o esperavam na cabana do porto, aquecida por uma lareira. Apenas uma breve descrição sobre os muros do castelo e o número de guerreiros seria o suficiente, mas um relato detalhado sobre o tipo de poderes que a famosa criança-bruxa possuía seria necessária aos conselheiros do suprassoberano de Nawyr. E a mensagem teria de ser enviada o mais rápido possível. Enquanto ela fosse para o sul, ele precisaria, entretanto, impedir que a garota conseguisse a posição que a profecia lhe dava. Sibyrht não deixaria uma súdita do Senhor do Inferno ameaçar seu reino, nem que se disfarçasse de forma muito bela. Algo, porém, ele ainda tinha de checar e, por isso, iria se aproximar mais dela, ao menos por um momento. Depois, tomaria sua decisão.

Ao entrar na escuridão dos portões, com raiva, o velho não sabia que a menina o notara e estava olhando para ele, franzindo a testa e pensando em muitas coisas.

Nonna seguiu o velho com os olhos até os portões. Quando o homem entrou nas sombras, sua capa escura podia ser vista contra a luz da tocha, desaparecendo na escuridão da estrada que levava à cidade. Pensativa, ela mordeu os lábios e se perguntou quem seria o velho.

Depois de sair pela porta do prédio principal, Nonna notara um velho sentado em um banquinho de lenhador entre as pessoas que festejavam, olhando fixamente para ela com a expressão séria de um falcão em caça. Embora estivesse vestido como qualquer outro idoso, Nonna desconfiou de sua figura. O ancião parecia um ser estranho. Antes de tudo, algo que emanou dele a assustou.

Uma vez que desapareceu, Nonna voltou à realidade. Olhou para a cena no pátio, iluminada pelas chamas, sem ter sinal de Asbrand ou de Astrid, para não mencionar Vermund. Ela já notara um buraco no muro do forte, do qual se via o mar cintilando, à distância. O vão só podia levar ao velho salão do rei, pensou, enquanto descia as escadas para o pátio, com Fenris.

Nonna passou pelos homens que celebravam, sem se importar com seus olhares curiosos ou com os gritos para ela. A maior parte dos líderes tribais e seus homens havia reconhecido a criança-bruxa e seu urso-do-gelo, e ela estava determinada. Sem se deixar perturbar, escalou um trecho do penhasco escorregadio, alcançando o muro.

Do outro lado da parede, uma área pedregosa e de forte vento se abria, coberta por uma grama amarela curta. Aqui e ali, arbustos baixos de aparência seca cresciam e, entre eles, havia rochedos. Do outro lado do penhasco, agitava-se o mar retumbante e, à curta distância, Nonna podia ver a forma escura de um prédio baixo e longo.

– Fenris, temos de tomar cuidado – sussurrou Nonna, enquanto subia em seu dorso. – Olhe bem onde você pisa. Vamos.

Rugindo, Fenris passou pelo buraco para o outro lado do muro e imediatamente o vento frio e salgado agarrou seus pelos.

Longe dos muros, o vento era muito mais forte do que no pátio fechado. Ele batia frio e úmido, vindo do mar agitado. Com os cabelos voando no ar, Nonna levantou o capuz sobre a cabeça e os empurrou, molhados, para dentro.

O chão encharcado parecia sugar toda a luz das estrelas e da lua, que reluzia apenas de leve. Quando Nonna se virou para olhar para o mar, começou a se sentir tonta e entendeu por que Olvir a alertara. O único caminho viável para o salão passava bem ao lado

do penhasco. A cada passo, escorregavam pedras para o mar. Cerca de um metro separava as patas de Fenris do cânion e Nonna viu as ondas brancas do mar, enquanto batiam nos rochedos da costa.

– Cuidado... – sussurrou Nonna, mordendo o lábio inferior e indagando o motivo de nenhum caminho melhor para o velho edifício ter sido feito. Logo, porém, a trilha se afastou do penhasco e ela viu a construção à frente. Engoliu em seco e olhou para trás, aliviada.

O forte de Barra Fria podia ser visto, iluminado por tochas e chamas, e só então ela notou o quão próximo do precipício ele também havia sido construído. Seus muros pareciam emergir da beirada do despenhadeiro, como se fossem sua continuação. Sons de passos rápidos fizeram-na parar de pensar.

Ela virou a cabeça e estremeceu, olhando a sombra que se aproximava.

– Quem... – Nonna mal teve tempo de gritar, antes que a criada que corria os alcançasse. A garota olhou para Nonna, abaixou a cabeça e pediu desculpas, antes de passar correndo por ambos, com a saia esvoaçante.

Nonna ficou impressionada com o modo como a criada podia correr por aquele penhasco. Ela desapareceu nas sombras que cercavam os muros do castelo. Não houve nem tempo de perguntar se Asbrand e Astrid estavam no velho salão. A garota parecia aterrorizada. Ao olhar para o velho salão, Nonna não conseguia parar de pensar no que podia tê-la assustado.

O velho salão do rei fora erguido com toras grossas e um telhado íngreme, duas vezes mais alto do que as paredes. Em cada extremo da construção havia gárgulas de dragão. Sentia-se um cheiro de alcatrão, solo molhado e madeira podre. Nonna viu a luz da lua refletida na fumaça que subia de um buraco em uma ponta do prédio. O barulho de chicoteadas no ar das flâmulas pretas que o cercavam acentuava a atmosfera tempestuosa do topo do penhasco.

Nonna saltou de Fenris, caminhou até a porta do salão e bateu forte. Sem resposta, ela a abriu, entrou e deixou que o animal a

seguisse para depois fechá-la, com alguma dificuldade, por causa do forte vento.

O espaço era bastante longo e estreito, do tamanho de um prédio inteiro. No centro, em um buraco no chão, queimavam chamas recém-acesas. Junto delas, em uma comprida mesa de superfície preta e brilhante, havia apenas candelabros escurecidos e uma imagem de Forni, de madeira antiga. Próximos das paredes, viam-se bancos longos e galhadas de veados e renas sobre eles. O chão era de uma terra que expressava o quanto fora pisada.

Do lado esquerdo, ao lado da mesa, havia uma poltrona alta. Sua superfície preta de madeira era decorada com entalhes caprichados. O assento e seu encosto tinham um estofamento vermelho gasto. Sobre os braços, descansava uma grande espada, a empunhadura e a lâmina brilhando sob a luz do fogo.

Apesar do ambiente sombrio e opressivo, nada podia ser visto lá dentro que pudesse ter assustado a criada que correria por eles.

Na sala solitária, só se ouviam os estalos abafados do fogo e de algumas brasas que caíam. As paredes grossas mantinham do lado de fora o uivo dos ventos da tempestade.

De repente, Fenris começou a rugir e Nonna viu que ele suspeitava de algo no salão. Ela colocou as mãos no pelo de Fenris. Embora ninguém pudesse ser visto na sala escura, percebeu que não estavam a sós.

– Apareça, quem quer que seja! – ordenou Nonna, com voz hesitante. A sala tinha poucos lugares com sombras nos quais alguém poderia se esconder. No entanto, foi preciso falar aquilo para ela deduzir que ninguém apareceria. Seu companheiro sombrio não era deste mundo.

Arrepios escalaram sua espinha. Ela fechou os olhos e se concentrou o melhor que pôde para controlar sua visão de bruxa.

Os espíritos do fogo cintilavam no meio da escuridão, o de Fenris flutuava bem ao lado de Nonna e, atrás dele, do outro lado da sala, para seu horror, havia uma criatura ígnea incandescente. Deixando de lado sua visão de bruxa e sem fôlego, ela abriu os olhos e se moveu para trás, com a mão mantida sobre Fenris.

– Fique longe! – exortou Nonna para a criatura preto-azulado junto a uma cadeira, cujo ódio, raiva e ameaça superavam tudo o que ela já vira antes.

Fenris se abaixou e rugiu furioso para o fim da mesa. Podia ver o fantasma com mais facilidade. A figura sentada na cadeira era apenas uma sombra translúcida de um homem muito bem-vestido, sentado e com boa postura, de expressão irritada, que mirava para a frente com olhos incandescentes que não se preocupavam com os intrusos. Vestia uma rica capa vermelha, decorada com costuras douradas, sobre a qual havia o símbolo de dois ursos. A barba e o cabelo estavam bem penteados e ele segurava a espada sobre a cadeira com mãos fortes. O urso atentava para a figura com a cabeça virada para o lado quando, naquele momento, o fantasma voltou os olhos espectrais sobre ambos.

O animal estremeceu, embora estivesse acostumado a ver espíritos. O olhar amargo e sombrio do fantasma sentado na cadeira parecia atravessá-lo como o frio e Fenris notou que os lábios da figura se moviam. A voz emitida lembrava o som do vento que batia sobre a neve congelada.

Quando ele começou a falar, Nonna pôde ouvi-lo, mas semelhante a um sussurro fraco, distante e descompassado. Ela não conseguia tirar os olhos da cadeira vazia e sentia aquele olhar nas profundezas de sua alma. Controlando a ansiedade, ela concentrou toda sua capacidade para ouvir o que o ele tinha a dizer, sem reparar que apertava o pelo de Fenris com força tal que suas unhas cortavam a pele da palma de sua mão.

O fantasma era do rei Eymund. Ele se escondera da filha no velho salão real para lamentar o destino que teve, e que não lhe surpreendeu. Na verdade, fora covardemente envenenado, morto pelas mãos de um traidor. Embora, por décadas, houvesse lutado com bravura em nome do deus da guerra, sacrificara seu saque mais valioso no oásis sagrado de Hamarr, pois não entraria no rol de seus heróis, em Hades. Ao contrário de uma morte honrosa, deu seu último suspiro em sua cama, o que só lhe garantiria um lugar nos bosques calmos e fantasmagóricos de Hades. Ou poderia esperar

para conseguir sua vingança, aguardando seu assassino na fronteira de Hades, coberto de ossos.

O ódio e a raiva do rei podiam ser ouvidos na voz do fantasma, tocando a alma de Nonna. Eymund jamais aceitaria ser esquecido. Como um fantasma, continuaria a assombrar o castelo e todos os que lá moravam até sua morte ser vingada. Seu assassino teria de pagar pelo ato com a própria morte, nada menos o satisfaria.

A espada sobre a cadeira centelhou e o móvel se moveu. Nonna sentiu uma corrente de ar congelante batendo contra ela e, por instinto, usou a mágica que conhecia para protegê-los contra espíritos maus.

– Deixe-me em paz! – gritou, esticando a mão.

Ouviu-se um sussurro de congelar o sangue, que soou como um grito agonizante, e um vento frio os cercou, batendo sobre o fogo que quase morria, no meio do salão, despertando-o e transformando-o em uma fornalha, para depois desaparecer dentro das sombras. A sensação congelante e opressiva não deixava a mente de Nonna. Sabia que o fantasma olhava para eles de algum lugar nas sombras. O fogo minguou e foi perdendo toda sua força, reduzindo-se a algumas brasas acesas.

– Quem o matou? – sussurrou Nonna.

Apenas os estalos das brasas ecoaram na sala até o fantasma falar.

– *Mim* não sei. – A resposta foi uma mistura de tristeza e raiva. – O que *mim* sei é que o *asshasshino eshtá* aqui. *Mim* sente *issho* e se *mim* pudesse, *mostrarria* para você. Vingue-se por meu nome! – Uma voz retumbou e o fantasma não conseguiu mais se controlar. Com um uivo aterrador, voou pela sala e saiu pelo buraco no teto, para dentro da noite que caía.

Ansiedade e pesar misturados tomaram de assalto o corpo de Nonna. Seu coração batia muito rápido e ela sentia dor na mão que apertava o pelo de Fenris, cuja palma tinha marcas de sangue feitas pelos próprios dedos.

Engolindo em seco, respirou fundo, sem ousar se mover.

Então, Eymund poderia ter sido assassinado, pensou, enquanto Fenris erguia a cabeça para ela.

O que, em nomes dos deuses, Freya diria sobre aquilo? A informação desolaria a garota, Nonna estava certa daquilo. Depois de refletir um bom tempo, ela decidiu não contar nada à Freya, ao menos de início, perguntando-se se Olvir saberia a verdade sobre o rei ou se ela seria a única, após o encontro vivido.

Nonna tocou as marcas na palma da mão e se voltou para Fenris. Seu reconfortante olhar azul devolveu-lhe a coragem e ela se reanimou, batendo de leve na cabeça do urso.

– Parece que temos algo a fazer – falou Nonna, em voz baixa. Antes de sair, parou e olhou mais uma vez para o trono. – Fique em paz – sussurrou, saindo dali.

A porta rangeu quando um homem vestido com uma capa preta a empurrou. Ar quente, úmido e cheirando a fumaça, veio da escadaria. Com a capa fazendo um leve ruído, ele entrou e puxou a porta de volta, fechando-a e assegurando-se de não fazer barulho. Da sombra de seu capuz, ela se virou e olhou para o aposento, semelhante a uma cripta.

No canto mais distante do ambiente, havia uma lareira ardente, cercada por pedras grandes e pesadas, escurecidas pelo fogo. Barris, caldeirões e diferentes tipos de pratos ocupavam diversos lugares e, bem no meio da sala, um grande tonel emanava um forte cheiro de cerveja,

As paredes de pedra robustas continham marcas de bolor e umidade, camundongos rastejavam pelos cantos e teias de aranha se dependuravam por toda parte. No extremo oposto, havia escadas e, junto dessas, sacos de grãos e malte. O homem sabia que as escadas levavam a um terraço apertado, no qual, entre todas aquelas coisas, o obeso destilador do castelo passava suas noites.

Além dele, não havia mais ninguém no aposento escuro e, movendo-se com cuidado, o homem se esgueirou na direção de uma mesa antiga, em um dos cantos. Junto dela, viu pequenos barris, bujões de madeira, jarros e ferramentas, que não lhe interessaram. Arrastando-se com agilidade para debaixo do móvel, ele afastou uma

caixa do caminho, limpou a areia e o pó do chão e levantou uma pedra chata. De lá, ergueu um pequeno caldeirão preto e, sem fazer ruído, pendurou o objeto em um gancho sobre a lareira, abrindo a tampa.

De sua capa, retirou um saquinho de couro e, deste, algumas fatias brancas que, com uso de sua adaga, derrubou dentro do caldeirão. Sobre elas, colocou água, recolocou a tampa e girou o gancho para que o caldeirão ficasse sobre as brasas quentes. Sem tocar na lâmina, o homem a limpou com um pano deixado sobre a mesa e, com as pontas dos dedos, jogou o tecido nas brasas. O trapo ficou preto, torcido e logo foi consumido pelas chamas, desaparecendo antes do homem puxar um banquinho para se sentar e aguardar junto ao calor.

Satisfeito, ele voltou a adaga à bainha, apoiou as costas contra a parede quente da lareira e riu internamente. Embora tivesse de esperar com paciência por toda noite e repetir o ritual na noite seguinte, o resultado obtido valeria a pena. No fim, restaria apenas uma colher de líquido grosso, mais do que suficiente para o que pretendia fazer.

O veneno agiria rápido, e definitivamente.

Novo soberano

BARRA FRIA
Outubro de 816

Grandes nuvens pairavam sobre Barra Fria quando o sol nasceu. Os ventos marinhos que haviam soprado com violência por toda a noite tinham diminuído. A cidade estava quieta, com fumaça subindo de inúmeras chaminés e ventanas. Exaustas e imóveis, flâmulas pretas estavam penduradas sobre as velhas casas. Havia uma camada fina de gelo sobre as poças d'água na rua.

Enquanto as ruas de Barra Fria viviam cheias de pessoas, de mendigos a mercadores, naquela manhã, elas estavam tetricamente vazias e quietas. Apenas vira-latas inquietos com rabos curtos e nós nos pelos quebravam a profunda paz, com seus focinhos vasculhando o chão de um canto a outro, em suas habituais tarefas caninas.

Se alguém saísse para um passeio em direção ao leste, a partir da estrada que levava ao castelo, naquela pálida manhã de fim de outono, teria podido alcançar sozinho, sem ser perturbado, a praça do mercado e até as casas do famoso mercador Thobard e de seu vizinho, o mercador de especiarias, Shahyar. Embora a frente das residências dos dois mercadores mais famosos de Barra Fria fossem sempre repletas de curiosos e negociantes ricos, só se movia um gato preguiçoso com manchas marrons, que parecia confuso com tanto silêncio.

Um passante poderia ter prosseguido sua viagem por qualquer uma das vielas rumo à nova parte densamente construída da cidade,

cujas vielas eram tão estreitas e labirínticas quanto escuras e movimentadas.

Desertas, elas o teriam levado a um baluarte alto e íngreme, que emergia à beira da cidade. Pequenos quiosques, estábulos, depósitos e habitações modestas estavam emudecidos. No meio do baluarte, entre duas torres de madeira, elevava-se um buraco escuro, o portal oriental de Barra Fria, em cujo telhado meia dúzia de soldados estavam parados de pé, emudecidos. Os homens se encostavam contra o muro frio do portal. Entre eles, um caldeirão de ferro era aquecido por um fogo forte, com cães ousados se aproximando de vez em quando, sonhando com possíveis restos.

Se o viajante continuasse pelo portão, chegaria à estrada que levava ao leste de Barra Fria e que, um pouco mais tarde, iria se bifurcar, com a estrada maior, levando para o norte. Logo após os muros da cidade, habitações simples espalhadas aqui e acolá acomodavam os que não dispuseram de espaço dentro do baluarte. Naquela manhã elas também estavam silenciosas, trazendo do lado de fora as mesmas flâmulas pretas penduradas. Sobre os tecidos negros, corvos e gralhas de nuca cinzenta exibiam restos de comida em seus bicos, roubado de chiqueiros e estábulos onde não tinham coragem de ir em dias comuns.

Junto às casas mais distantes, uma estrada em zigue-zague partia de uma encruzilhada para o norte, atravessando uma ponte de pedras e subindo um monte íngreme. Raramente andava-se por ela. Naquela manhã, centenas de pés haviam quebrado sua superfície enlameada, desde que o sol nascera para iluminar o horizonte.

O povo da cidade estava de pé, no topo do monte, sobre o qual existia, há milênios, um círculo sagrado de rochas feito por antigos adivinhos, composto por doze grandes rochedos. No centro das pedras de bruxaria, uma rocha coberta de escritas rúnicas trazia os nomes de todos os reis de Noridium.

Para aquecer os presentes, tochas haviam sido enfiadas no solo e entre os rochedos. A fumaça proveniente delas subia ao céu que se abria. As pessoas sussurravam entre si, espalhadas em uma área

enorme sobre o monte e as beiradas dos penhascos próximos. Os olhos de todos se voltavam para o mar.

A meio quilômetro do penhasco, boiava o longo barco do rei, com sua vela listrada em vermelho e preto inflada pelo vento moderado. Ele boiaria para além, em direção ao mar aberto, empurrado por um bote a remo baixo e longo, movido por um grupo de guerreiros cobertos por peles. Na parte de trás do bote, Ulfar, o líder dos *berserkers*, tinha o peito nu decorado com pinturas pretas e runas.

A grande embarcação era tradicional, estreita e veloz. Fora construída no grande salão de construção naval de Barra Fria, elaborada com a melhor madeira disponível, abençoada pelos espíritos do mar e lançada quando Eymund completara 15 anos – apenas quatro décadas antes. Pela madrugada, porém, fora enviada para sua última viagem, levando em seu deque o rei que inúmeras vezes carregara.

O corpo do rei jazia sobre sua capa, vestido com uma armadura de cota de malha brilhante e pele de urso. Tinha sua espada de ouro, decorada, nas mãos. Escudos com as marcas de batalhas foram perfilados a seu lado e o barco estava repleto de objetos que Eymund precisaria, na eternidade dos salões de Hamarr.

Dezesseis guerreiros remavam o bote de cabeça de dragão, lateral ao navio. Na parte da frente do bote a remo, dentro de um caldeirão de ferro, uma chama ardia, gerando fumaça e cheiro de alcatrão. Olvir e Freya estavam de pé, ao lado do fogo, tentando se equilibrar com o movimento.

Desde que o navio de Eymund deixou o porto, o bote permaneceu a seu lado. Em voz alta, Olvir fez encantamentos, pedidos e agradecimentos em intenção do rei e de sua última viagem. Freya se manteve ereta com uma tiara de ouro e suas joias mais finas.

Ela aguardava com pensamentos temerosos que o sol da manhã tocasse o mastro do navio de seu pai com seus raios. Quanto mais longe o grande barco conseguisse chegar antes dos primeiros raios, mais feliz seria a viagem de seu pai a Hades e aos salões de Hamarr.

Quando um ponto amarelo-vivo surgiu no topo do mastro, Freya suspirou de tristeza. Entendeu que sua espera chegava ao fim.

– Chegou o momento... – murmurou Olvir, e os homens pararam os remos e os deixaram no ar, pingando água enquanto tocavam o topo das ondas. – Os deuses o trouxeram para longe.

– Eu sei – respondeu Freya com a voz embargada, agarrando a tocha dada por Olvir. De tão pesada, ela mal conseguiu incliná-la sobre o caldeirão. As chamas a incendiaram e Freya a levantou. – Adeus, pai... – ela balbuciou, arremessando a tocha com toda sua força na direção do navio. O clarão voou e formou um grande arco sobre o bordo, desaparecendo por trás dele.

Freya limpou as lágrimas com as mãos. Não sentia o vento que soprava nem o cheiro fresco do mar. Somente olhava em silêncio para a espiral de fumaça que subia do deque, crescendo à medida que as chamas começavam a aumentar. Olvir jogou no barco um tronco de carvalho que havia benzido.

– Vá, com todos os deuses – disse e fez um sinal com a cabeça para os remadores, que devolveram os remos à água e começaram a se afastar do navio.

As chamas se espalharam com rapidez pelo feno que forrava a embarcação. Elas subiram, cresceram e ganharam força até todo o navio se incendiar, criando uma coluna de fumaça tão densa que nem o vento conseguia vencê-la, permitindo que emergisse negra e pontilhada de faíscas para o céu.

O bote parou sobre as ondas quando o fogo tomou a embarcação com o símbolo de urso. A fumaça alcançou as nuvens e, após uma batalha que pareceu interminável, o navio de Eymund, consumido pelas chamas, começou a afundar.

– Certo – disse Olvir, enquanto os remadores se esforçavam para fazer o bote chegar à costa. Ele se voltou para Freya, que chorava. – Vosso pai já está com os deuses. Ele terá porco e cerveja para o jantar, no grande salão de Hamarr. – Olvir limpou as lágrimas da garota e segurou sua mão. – Estás pronta?

Freya se recompôs, com um gesto afirmativo.

– Mais do que nunca.

– Então, sede forte como os muros de Barra Fria. Levai isso e carregai com orgulho. Mostrai a todos que vós o mereceis – sussurrou Olvir, passando um colar às mãos de Freya.

O objeto era grosso e pesado, composto de inúmeros palitos de ouro torcidos, cada um trazendo a cabeça de um urso em sua ponta. O colar era o símbolo do poder do rei e fora dado pelo próprio Hamarr, há muitas gerações, para os ancestrais de Eymund. Dizia-se que tinha poderes mágicos que tornavam seu dono invencível.

Segurando o colar, Freya se virou e o ergueu, para que todos na costa pudessem ver o sol da manhã brilhando em sua superfície dourada. Em seguida, abriu o fecho e o colocou em seu pescoço.

A multidão na orla engasgou de surpresa e choque. Nunca na história de Noridium uma mulher carregara o colar do rei e, agora, uma garota de apenas 16 anos o usava como símbolo de seu governo no reino.

– Ninguém acreditava que Freya ousaria assumir o poder para si – disse Olvir, em voz baixa, para Vermund, Asbrand e Astrid. Nonna estava sentada um pouco mais longe, com Fenris, olhando para o mar pela janela. Freya estava sentada a seu lado, em uma grande poltrona, enrolada em peles e calada. Ulfar estava de pé junto à porta do salão com seis *berserkers*, pois a atmosfera no forte seguia muito tensa desde a manhã.

Os líderes tribais reunidos no pátio do castelo estavam confusos sobre o que iria acontecer. Curiosos se reuniam nos jardins durante toda manhã e nem todos que queriam conseguiam entrar, tendo de ficar atrás dos muros. Fogos haviam sido acesos na rampa que levava ao castelo e alguns mercadores vagavam entre as pessoas, vendendo comida e bebidas ou pequenos bonecos parecidos com Freya, feitos às pressas por carpinteiros.

– Só os deuses sabem o que irá acontecer depois disto. Os líderes tribais estão confusos – disse Asbrand. Ainda não tirara a armadura usada na cerimônia e ela começava a pesar em seus ombros.

– Ingolf, claro, trará muitos problemas – falou Vermund, brincando com sua adaga.

– Ingolf e quem mais? Varg Barba de Osso e Steinarr, do Vale de Ferro? – praguejou Asbrand. Nonna tornou a estremecer ao ouvir o

nome do careca Steinarr. Mas ele a fez se lembrar de Thorgil, o líder do vilarejo onde morara antes. Ela se irritou com a própria distração.

– Quando a assembleia terá início? – Nonna perguntou, de repente.

– Em pouco tempo – respondeu Olvir.

Pedindo licença à Freya, Nonna se levantou e pôs as mãos em seus ombros.

– Vou encontrar Thorgil, de Praia Perdida, mas já estarei de volta. Tudo bem, não é?

– Claro, vá em frente, mas você virá à assembleia comigo, está lembrada disto? – concordou Freya, com um olhar confuso, que disfarçou com um sorriso.

Nonna fez um gesto afirmativo e puxou Fenris consigo. Ele não parecia querer ir.

– Volto logo. – E saiu correndo do salão com os cabelos voando.

– Como está sua mãe? – Essa foi a primeira coisa que Thorgil de Ferro disse à Nonna, sentado ao lado de seu irmão, Frode, com um grande caneco de cerveja nas mãos. Eles vestiam suas melhores roupas e camisas de argolas de ferro cintilavam debaixo de suas capas; as camisas haviam sido polidas e estavam brilhando. Grandes espadas estavam ao lado de ambos e, em sua mão direita, Thorgil calçava uma luva de ferro. Nonna se sentou ao lado dele, sem se importar com a areia e a terra do muro.

– Bem – respondeu Nonna, olhando para ele, que sorria amigavelmente. – Ela falou muito sobre você, no último ano.

– Verdade... Bom saber disso. E você? Fiquei sabendo que está sendo chamada de criança-bruxa em quase todos os lugares.

– Todos os lugares? Até em Praia Perdida?

Thorgil riu.

– Bem, não exatamente lá, ainda não. Aqui, em Barra Fria, sim. Pensei que sua mãe fosse uma bruxa, não você.

Nonna encolheu os ombros.

– Não conte para ninguém, mas, na verdade, não sou uma bruxa, ainda. Como estão as coisas em Praia Perdida? Sua cabana ainda está vazia?

– Não, não está. Coletei todas suas coisas de lá e as levei para minha própria casa. Nós demos a cabana, precisavam dela.

Nonna tinha uma pergunta em mente, algo em que pensava há bastante tempo. Desde o último verão, sua mãe se comportava de maneira estranha e mencionava o nome de Thorgil com surpreendente frequência, com um ar de saudade nos olhos. Nonna não conseguia deixar de pensar no assunto. Sabia que Gunhilde tinha saudades de algumas coisas de Praia Perdida, por mais estranho que parecesse.

– Eu teria dado Gella para você – disse Thorgil e suspirou.

– O que você disse? Gella, para mim? – Nonna estava surpresa. Gella era a égua de Thorgil, de crina branca e cascos cobertos de pelo branco.

– Se você tivesse ficado em Praia Perdida, eu a teria dado de presente – confirmou Thorgil, um tanto envergonhado. – Mas, seja como for. Você ainda está na companhia da filha de Eymund?

– Sim, estou. Freya é uma boa garota. Você ainda pode dar Gella para mim, se quiser – disse Nonna e piscou um olho.

– Quem sabe? É verdade que vocês agora vivem em Unha do Dragão?

Nonna fez apenas um gesto afirmativo e Thorgil balançou a cabeça, sem acreditar.

– Eu só ouvia sobre esse lugar em histórias. Não acreditava que um dia veríamos sua governante em carne e osso. A senhora congelante – emendou Thorgil e fez um gesto em direção ao prédio principal do castelo. – Mas não conte isto a ela, está bem?

Nonna negou com a cabeça, sorrindo.

– Você e sua mãe e aquela... Bruxa. Vocês apoiam a filha de Eymund? – questionou Thorgil, sarcástico.

Nonna fez um gesto afirmativo.

– *Bah...* Vocês mulheres estão sempre cuidando umas das outras, não é?

– Thorgil, não seja tão... Homem – retrucou Nonna, como se estivesse magoada.

– Também apoiamos a filha de Eymund, mas mantenha segredo. Anunciaremos isso quando o instante chegar, mas você está sabendo

antes – Thorgil cobriu a boca com sua mão de luva de ferro.

O sino tocou, anunciando o início da assembleia e Nonna mordeu os lábios. Não tinha mais tempo para pensar. Se quisesse dizer algo, tinha de agir já.

– Thorgil, seja sincero comigo. Você tem uma queda por minha mãe?

Thorgil pareceu ter engolido algo e Frode caiu na gargalhada.

– Cale a boca, pirralho! – disse Thorgil e bateu em seu irmão, na coxa. – Como assim?

– Bem, tenho a impressão que minha mãe, às vezes, sente saudades de Praia Perdida e, talvez, até de você, embora eu não entenda o porquê... – Nonna o provocou ao se levantar e limpou areia, terra e pedaços de feno de seu vestido. Curiosos já se aproximavam da porta do prédio principal e guerreiros, junto às tendas, reuniam-se em grupos fechados em volta de seus líderes.

– E se meu irmão tiver uma queda por sua mãe? – perguntou Frode, tentando não rir, dizendo que toda vez que Thorgil ficava bêbado, ele falava sem parar sobre Gunhilde, até ninguém mais aguentar.

– Vocês dois são bobos. Não entende? – disse Nonna, inclinándose sobre Thorgil. – Se eu fosse você, iria já visitar Unha do Dragão!

– Em nomes dos deuses! Para lá? Nem que a vaca tussa!

– Vamos, não há com o que se preocupar. Você virá? Fale logo, não tenho o dia todo para perder aqui, olhando para você, hesitando.

Thorgil olhou para o irmão, que franzira a testa, de boca calada. Unha do Dragão não era um lugar tentador para uma visita, ainda que significasse encontrar Gunhilde.

O sino tocou mais uma vez e a porta principal foi aberta. As pessoas que estavam esperando elevaram a voz quando Freya apareceu. Era possível ouvir alguns gritos de apoio, mas vacilantes. Nonna viu como Freya parecia confusa e sabia que precisava dela. Ao notar Fenris sentado em um muro, a garota olhou para Nonna, nervosa.

– Me diga agora, você virá? – Nonna voltou a pressionar Thorgil ao ver o olhar no rosto de Freya.

– Maldita garota! Vamos, então. Quando? E como encontraremos o lugar?

– Depois do dia dos mortos, talvez, não importa quando. Pegue a Estrada do Norte, depois do Bosque de Hiite, e a um dia de viagem do norte do vilarejo deserto você encontrará uma passagem para o leste. De lá, chegará à Unha do Dragão. – Nonna falou devagar e com clareza para que os homens lembrassem de suas instruções. Fenris rugiu e puxou a saia de Nonna que, rindo de alegria, correu para as escadas, com o urso abrindo caminho à frente.

Ela se sentiu tímida ao caminhar por entre a multidão, na direção do salão do rei. Curiosos e guerreiros de diferentes tribos se enfileiravam de cada lado do caminho para a praça. Nonna notou que a multidão estava nervosa por ver os maiores líderes tribais reunidos e saber que o futuro do reino seria discutido na assembleia. Ela via Asbrand e Olvir à distância, mas não enxergava Astrid por mais que tentasse. Atrás dela, um grupo de guerreiros caminhava, e de vez em quando a cabeça de Vermund surgia entre eles, de relance.

Nonna ia ao lado de Freya, com Fenris junto dela. Os *berserkers* seguiam em torno. Olhando rápido para trás, ela viu Thorgil e Frode descendo de um muro e se juntando à procissão, caminhando para o salão do rei. As pessoas falavam alto, apontavam para os líderes tribais, para Freya e até para ela e Fenris. Os olhares curiosos ainda pareciam estranhos para Nonna.

Muitos tinham ido para conhecer a Bruxa do Gelo, pois nunca a haviam visto em carne e osso. No entanto, estavam desapontados, pois não havia sinal de Astrid em lugar algum. Então, dirigiram a atenção para Freya e a menina conhecida como criança-bruxa. Para surpresa de Nonna, algumas mulheres mais jovens faziam sinais de proteção contra forças do mal ao vê-la.

O sol estava alto e brilhava forte, de forma encorajadora, por entre as nuvens. Nonna se sentia insegura e tensa. Uma razão foi ter ido de encontro ao olhar furioso de Ingolf, de Negrum, ao correr do muro em direção à Freya. Ao lado dele, estavam alguns de seus parentes, provavelmente Alfgeirr Chifre, Gils Selvagem e Broddr

Rato, conhecido por fazer todo tipo de tramoia. A impressão que ela teve ao olhar para ele combinou à perfeição com sua reputação. Broddr lhe pareceu um sujeito ardiloso e em nada confiável, parado de pé com os ombros arredondados, sem parar de olhar em volta.

Observando os presentes, Nonna notou que no meio da multidão estava o velho que ela vira no dia anterior e que parecia olhar fixo para ela, e somente para ela. O homem tentava, sem muito sucesso, fingir modéstia e indiferença. Ao passar pelo velho, ela pensou muito na razão pela qual ele a olhava tanto. O que não percebeu foi que, ao se aproximarem, ele fechara os olhos e movera os lábios como se murmurasse algo.

Quando ela já estava distante, ele quase caiu, estremeceu, abriu os olhos e fugiu para o meio da massa de gente.

Um falatório contido enchia o salão. Criadas corriam de um lado para o outro carregando canecos de chifre e comida. Quando finalmente entrou, Nonna viu um homem enorme vestindo um robe marrom, rolando barris de cerveja para longe dos convidados e os abrindo com a ajuda de um criado.

Para sua surpresa, viu Astrid na ponta da mesa. Embora ela a tenha acenado com alegria, Nonna pensou ter notado cansaço em seus olhos. Seguindo Freya, ela foi até Astrid e, nesse instante, viu Ingolf entornar um caneco de chifre cheio de cerveja. Uma criada o encheu novamente antes que Nonna tivesse a chance de se sentar do lado esquerdo do trono de Freya. De onde estava, ela podia ver Thorgil, Frode e Vermund sentados à mesa e, rodeados por um grande grupo de líderes tribais, um mais forte e mais rude do que o outro.

Nonna nunca esteve em tal situação nem cercada por tais homens, embora, acompanhasse com frequência as reuniões de seu pai com os líderes de Bariadia. Porém, os bariadianos, eram muito diferentes e até seus líderes se vestiam com elegância e cores. Agora, Nonna via homens de aparência assustadora, que tinham rostos que pareciam de pedra, com cicatrizes. Alguns usavam barbas amarelas e outros as exibiam tingidas de vermelho vivo.

Elas eram trançadas e, em certos casos, ornamentadas com anéis de ouro. Os cabelos longos e cheios de nós caíam sobre seus ombros largos. Usavam capas grossas com aparência cara e por baixo vestiam camisas de couro ou de anéis de ferro. Tinham argolas de bronze, cobre e prata em volta dos braços, braceletes nos pulsos, estranhos e brilhantes brincos nas orelhas.

Quando alguns dos líderes tribais se sentavam, batiam com as adagas na mesa diante deles. Agarravam seus canecos de chifre, bebiam fazendo barulho, deleitavam-se com as bebidas e se cumprimentavam em voz alta, apertando as mãos com muita força. Nonna observou toda aquela situação encantada com a rudeza e autoconfiança dos homens, nem um pouco surpresa que aqueles ali fossem temidos por todos os lugares ao sul.

Atrás dos líderes ficavam parentes e conselheiros, carregando suas capas para os bancos juntos às paredes e acomodando suas armas próximas.

A porta foi trancada pelo lado de dentro e Nonna sentiu a mão de Freya tateando para segurar a sua, enquanto as criadas colocavam enormes assados de porco e os líderes tribais os atacavam com seus dedos e adagas.

O banquete levou o tempo previsto, até que Olvir enfim o interrompeu, levantando-se e batendo forte com sua vara no chão para que todos silenciassem. Os homens devolveram a comida para seus pratos ou a jogaram no fogo que ardia no meio das mesas, encostaram-se e arrotaram, prestando atenção.

– Em nome de Hamarr e Forni – anunciou Olvir com o semblante sério e a barba a balançar. – Esta é a assembleia de Barra Fria, convocada após Eymund de Fyris, o rei deste reino, ter ascendido aos honoráveis salões de Hamarr para passar à eternidade.

Os líderes levantaram seus canecos para o alto e bateram na mesa com as mãos fechadas, gritando o nome de Eymund. Olvir os deixou gritar por um tempo antes de pará-los.

– Vocês estão neste salão para decidir uma única questão. Não deixem ninguém questionar ou pôr em dúvida a decisão que será tomada aqui, esta noite – exclamou Olvir, com um olhar firme para todos os presentes.

Os líderes fizeram um gesto afirmativo com a cabeça, olhando-se entre si, e gritaram em concordância com a fala de Olvir. Mas Nonna reparou que Ingolf sorria maliciosamente, como se não desse a mínima para o que ouvia.

– Se algum de vocês tiver uma reclamação a fazer sobre os presentes neste salão, fale agora – disse Olvir e se silenciou.

Ingolf, de Negrum, bateu na mesa com tanta força que a madeira tremeu.

– O que faz a criança-bruxa aqui? – gritou, com ódio estampado no rosto. – Desde quando mudamos nossos costumes e começamos a trazer *mulheres* e crianças *parra* as negociações? – vociferou, com acidez.

– Ingolf, caso você não tenha notado, eu sou uma mulher também! – disse Astrid, com voz congelante, e Nonna sentiu o gelo se espalhar pela mesa com a reação, fazendo Ingolf tremer de frio. – E participo de negociações em Noridium há mais tempo que você!

Dirigindo os olhos para Astrid, Ingolf tentou se segurar para não gritar insultos nem se sufocar com cerveja. Nonna notou medo em seus olhos, antes que pudesse mascará-lo com uma falsa expressão de raiva.

– *Tus shabe* que não me *referri* a *tus*. A *senhorra* de Unha do Dragão é uma exceção.

– Eu chamei Nonna, de Unha do Dragão – respondeu Freya, em voz alta, encarando Ingolf. – E posso convidar quem bem entender.

Ingolf lhe devolveu o olhar, sem tentar esconder seu desprezo e, então, disparou, agitando as mãos:

– Certo, tudo está claro... Senhora – disse, com escárnio, mordendo um pedaço de carne gordurosa e bebendo todo seu caneco de uma só vez, fazendo um barulho proposital. Uma criada correu para mantê-lo cheio, de novo.

Confirmando a possibilidade de que a assembleia talvez não fosse uma experiência agradável, não começara nada bem para Nonna. Ela acariciou o pelo de Fenris, pensativa.

Olvir anunciou aos líderes tribais que eles deveriam decidir sobre a continuidade de Freya no poder. Ao dizer isso em voz alta,

conversas inflamadas invadiram o salão, ecoando nas velhas paredes de madeira como rugidos de lobos e ursos.

Os mais ruidosos eram Ingolf e seu aliado, Varg Barba de Osso, ao gritarem suas objeções.

– Ela não tem suas mãos e, em nome de Hamarr, seu corpo *inteirro* sujo com o sangue dos inimigos em uma batalha – vociferou Varg. – O *soberrano* tem de ser forte em sua relação com as *pesshoas*. Ele deve causar tanto medo em seus inimigos que estes molham as calças e saem correndo ao vê-lo como rei de Noridium. Como uma mulher pode ter *esshe* papel, ainda mais uma garota imatura? – gritou Varg, batendo na mesa. Muitos concordaram com a opinião e a mão de Freya que Nonna segurava pareceu se tornar ainda mais fria.

Vermund e Astrid se colocaram imediatamente ao lado de Freya.

– Olhe para mim, Varg Barba de Osso – Astrid ronronou como um gato. Nonna ouviu em sua mente o eco macio da mágica da bruxa que sabia que seria usada para provocar medo nos homens. – Em sua opinião, eu não causo medo no inimigo?

Varg Barba de Osso estremeceu.

– Mulher! – Varg gritou tão alto que Nonna pensou que as paredes fossem desabar. – *Tus é diferente!* Ninguém nesta mesa ousa negar o poder de Unha do Dragão, ninguém. Mas a filha de Eymund não é nada como *tus!* – Ele continuou e, mais uma vez, teve o apoio de muitos dos líderes. Ao se levantar, tirou o cabelo grosso do rosto. – *Abaterremos* com força os reinos de Nawyr e não há muitos que ousem se levantar contra isso. *Conquistaremos* terras, *queimarremos* campos, *escravizaremos...* *Farremos* o que quisermos, onde quisermos!

Os homens começaram a gritar o nome de Noridium, batendo na mesa e no chão com os pés e mãos, com tanta força que os ouvidos de Nonna zuniram. Fenris rugiu ao se sentir ameaçado por todos esses sons. Sentia falta de estar em um lugar mais calmo e frio.

Varg silenciou os outros com o olho branco cego e um movimento de seu braço. Nonna se surpreendeu com o poder que ele exercia sobre os demais. O homem de barba vermelha se voltou para Freya.

– Por que seremos capazes *dissho*? Por que ninguém ousará levantar o braço contra nós, sabendo que o terá cortado, se o fizer? – perguntou Varg, silenciando por um momento, para depois cerrar o punho e o agitar no ar. – Porque a reputação do rei é cruel, forte e *poderrosa* e porque ele *meshmo* participa das viagens e mostra sua liderança para os outros povos! – Varg recebeu uma recepção calorosa. Nonna olhou para Freya, que se tornava mais pálida do que antes. De súbito, a nova rainha levantou a cabeça e os homens ficaram quietos.

– E você acha que eu diminuiria essa reputação? Uma mulher no trono mostrará que vocês, como guerreiros e conquistadores, são tão bravos que não se preocupam com quem os lidera em tempos difíceis – Freya apertou a mão de Nonna. – Os outros nada serão além de cachorros chorões aos pés de um rei com seus ursos *berserkers*. Isso não causa ainda mais medo? – continuou Freya, silenciando até o último dos homens.

Todos à mesa se entreolharam e, para Nonna, a boca de Varg ficou aberta de forma divertidíssima.

– As palavras da garota exprimem uma verdade! – Um homem enorme no fim do salão berrou, levantando-se. Ele tinha ombros largos e vestia uma camisa de argolas sem brilho, debaixo de uma pele preta brilhante. Sua cabeça se parecia com a de um boi e trazia uma cicatriz feia, que levava um grande pedaço de seu nariz, atravessando o rosto. Era Thorgeirr, o Desafiador, líder de Barra do Alce, que mereceu uma reação quase tão barulhenta quanto Varg. Nonna ouviu que Thorgil, de Praia Perdida, era o que gritava mais alto.

– É verdade! Os nawyrianos são uns covardes medrosos que correm atrás de seu supressoberano, assim que nos veem. Para que precisamos de um rei forte? Para nos fazer preguiçosos e gordos, pois ele fala por nós? – completou Thorgeirr e o barulhou cresceu ainda mais. Nonna aguardava o momento em que Ingolf, de Negrum, participaria da discussão, quando o viu com o rosto vermelho, batendo na mesa. Todos ficaram quietos e se sentaram.

– Um *soberrano* tem de ser capaz de dar ordens e manter o reino unido – rosnou Ingolf. – Um *soberrano* tem de ser capaz de levantar

pirralhos malcriados pelas *parredes*. Um *soberrano* tem de ser cruel quando *necesshário*. *Tus* pode fazer tudo *issho*? – perguntou Ingolf para Freya, com um olhar demolidor. Ela estremeceu um pouco e ficou tanto tempo quieta que Ingolf começou a sorrir, com sarcasmo, prestes a continuar.

– Cruel? – disparou Freya. – Eu? Nunca. Você está certo sobre isso.

Agora era a vez de Freya ser irônica.

– Todos conhecem sua crueldade. Você gosta de ser cruel com seu próprio povo também? – Freya se levantou. – Meu pai nunca foi cruel. Ainda assim, era respeitado. Eu sei dar ordens e posso aprender, acreditem. Meu pai me ensinou muitas coisas de que você nem imagina. Se quiserem crueldade, porém, certamente o melhor exemplo está bem aí – prosseguiu, apontando para Ingolf antes de se sentar. Conversas acaloradas reiniciaram pela mesa. Alguns gritos apoiavam Freya, outros Ingolf.

Nonna viu o ódio se aprofundar no rosto de Ingolf. Ele teve de usar todas suas forças para não insultar Freya.

– *Palavrório* de mulher – soltou Ingolf. – *Tus verrão*. Se a *garrota* estiver no poder, os *nawyrianos* logo *estarrão* em nossas praias. Somos um pedra no caminho e eles *querrem* se livrar de nós há *shéculos* – disparou Ingolf e se sentou. Nonna sabia que aquelas palavras eram verdadeiras. Desde que o povo de Noridium começou a navegar em seus barcos longos e a saquear as costas de *Nawyr*, as duas nações se tornaram inimigas. Até então, porém, os *nawyrianos* não ousaram, nem uma única vez, atacar a costa *noridiana* em alta escala. Entretanto, quem poderia afirmar que isso não viria a acontecer?

A discussão continuou por muito tempo, acirrada e dura. Velas e tochas tiveram de ser trocadas e mais comida e bebida foi carregada para a mesa. Os homens começaram a se embriagar e as vozes se tornaram cada vez mais altas. Nonna estava satisfeita, pois parecia que a defesa de Freya se tornava mais forte. Olvir mencionou a possibilidade dela se casar, no futuro, o que trouxe muitos indecisos para seu lado antes que começassem a votar.

Ele já havia posto sobre a mesa uma grande vasilha dourada, que brilhava sob a luz das tochas, e convocado os treze líderes para o voto. Nonna viu que uma coluna de fumaça flutuava no teto e que Ingolf abria um sorriso largo, confiante na vitória. A vasilha tilintou mais uma vez e os olhos de todos se voltaram para Thorgil, de Praia Perdida, que voltava a se sentar, após votar, sorrindo para Nonna. – Praia Perdida apoia a filha de Eymund – disse, bebendo todo seu caneco de chifre, e depois batendo-o contra a mesa.

Três votos, com os de Vermund e Astrid, antes de Thorgeirr, o Desafiador, apoiar. Em seguida, foram as vezes de Grimarr, líder de Wolfclan do Monte do Poço de Piche e Dyri, o Gritador do Monte Frio.

– Para Monte Frio, a menina pode ficar no poder, mas é melhor que se case logo. E com um bom guerreiro – falou Dyri, o homem chamado de Gritador, com uma voz rouca quase inaudível. Foram os últimos votos, pois ninguém mais levantou a mão, por mais que Olvir os encorajasse.

Ingolf e Varg encaravam os que poderiam apoiar Freya, e só seis votos favoráveis haviam sido dados, sem que outros parecessem querer fazê-lo. Nonna se irritou, vendo de relance como Steinarr Calvo disfarçava com sua cédula, e lamentou, percebendo o sorriso que surgia no rosto de Ingolf, certo da vitória.

A mão de Freya começou a se soltar da sua. A filha do rei escorregou cada vez mais em seu assento. Asbrand, Vermund e Olvir abaixaram suas cabeças e Astrid não escondeu sua decepção. Era doloroso para Nonna que Freya perdesse, mas ninguém parecia ser capaz de fazer nada quanto a isso.

Houve uma batida forte na porta e um grito abafado foi ouvido do lado de fora.

– Abram a porta! – gritou Olvir. Os criados correram para levantar a barra que trancava a entrada e alguém a abriu tão rápido que um dos criados foi jogado para trás. Nonna ouviu o som das armas sendo puxadas, diante de um possível ataque. Todos os líderes tribais já haviam se levantado.

Dois homens correram para dentro, um deles lembrando um urso com sua capa de peles e os cabelos esvoaçantes. Tinha um rosto

estreito, com olhos verdes brilhantes e a barba amarela e espessa dividida em duas tranças. Ele vasculhou o ambiente com o olhar, em alerta. Junto dele, havia um homem jovem sem barba, vestindo uma camisa de argolas e uma capa grossa, e que trazia uma profunda cicatriz no rosto. Os olhos verdes do rapaz se voltaram para Freya, que não conteve a expressão de alívio.

– Boa noite para este lar – gritou o homem grande, tirando sua capa de peles tão rápido que o jovem quase não conseguiu segurá-la. Debaixo dela, revelou-se uma longa camisa preta de argolas, coberta por uma túnica preta. O símbolo de uma caveira preta no peito fez Nonna estremecer de medo. Havia uma espada preta com um cabo longo pendurada no quadril do homem, que a retirou e entregou para o jovem.

Os líderes à mesa se sentaram e, reservados, murmuraram boas-vindas ao visitante recém-chegado. Ele contornou a mesa com passos pesados e metálicos, cumprimentando todos, exceto Ingolf e Varg, de forma mais ou menos amigável. No fim, caminhou com passos determinados até Freya e se ajoelhou diante dela.

Nós, de Monte de Hiite, choramos a sua perda. Somos seus mais humildes servos – disse, em voz alta. Ingolf se encostou, rangendo e mostrando os dentes.

– Veja só, a família de Monte de Hiite resolveu vir – sussurrou Asbrand para Astrid. Nonna ouviu e olhou para o recém-chegado com mais interesse. Deduziu que o homem deveria ser Thorvid, e o jovem seria seu filho Sigfastr, por quem Freya pareceu ter uma clara queda.

– Bem-vindos, Thorvild e Sigfastr, de Monte de Hiite – disse Freya cerimoniosa, tocando o ombro do homem e pedindo-lhe que subisse. Thorvild fez o que lhe foi mandado e virou a cabeça faminta para a mesa.

– Porco! – gritou Thorvild, arrancando um pedaço grande e recebendo um caneco de cerveja de uma criada. Ele bebeu um grande gole, fez barulho enquanto comeu e arrotou alto, limpando a boca com sua luva, enquanto os outros só o olharam, sem dizer nada sobre a cena.

– *Dechidimos* participar da *asshsembleia* no último instante. Sobre o que *tus* estão votando? – perguntou, entre uma mordida barulhenta e outra, indicando a vasilha de votos com o dedo.

– Dê uma cédula a Thorvild – ordenou Olvir.

– Ele chegou tarde demais! – gritou Ingolf, socando a mesa.

– Cale a boca – rosou Thorvild, enfiando um pedaço de carne na boca. Ele lambeu o dedo e pegou uma cédula dada a ele por uma criada.

Ingolf cerrou os punhos com tanta força que seu rosto se contraía.

– O que *tus disshe*?

– Eu *disshe* cale a boca – Thorvild se inclinou sobre Ingolf. – Estava falando com Olvir, não com *tus*. Chegamos antes da decisão ser tomada, não?

Olvir fez um gesto afirmativo.

– É *issho* aí. E *parre* de ranger seus dentes, não tive medo de você antes, nem *agorra*. – Thorvild riu e, desdenhando, brincou com a cédula em sua mão. – Então, velho, o que está sendo votado aqui?

– Dê seu voto se você acredita que Freya deve governar sobre o reino até se casar – resumiu Olvir.

– Ah, *issho*? – disse Thorvild, encarando Ingolf. – *Issho* é fácil de decidir.

A cédula de Thorvild bateu na vasilha e Olvir bateu com sua vara no chão.

– Foi decidido. O empate significa que a situação continua como está. Uma vez que agora Freya está no trono, continuará nele! – anunciou Olvir, com um suspiro de alívio. Nonna entendeu que fora exatamente por isso que Freya assumira o poder pela manhã, em vez de esperar a decisão da assembleia. Desta forma, um empate lhe garantiria uma vitória. – Que os deuses abençoem a senhora de Noridium, Freya, filha de Eymund! – gritou Olvir.

Os líderes tribais começaram a bater na mesa, com os punhos fechados, e no chão, com os pés. Um enorme clamor repetia as palavras de Olvir com a participação de todos os homens.

Todos, exceto Ingolf, de Negrum, e Varg Barba de Osso. Observando o olhar de ambos, Nonna pressentiu que algo de ruim

iria resultar daquilo.

Após a decisão, Freya não ficou no salão por muito mais tempo. O evento lhe tomara as forças e logo ela se despediu das pessoas na assembleia, partindo com Ulfar e Nonna. A filha de Gunhilde não viu razão para ficar com os homens baderneiros e acompanhou a nova rainha, com Fenris, que rugia baixo de alívio.

Ao sair do salão, Nonna viu como o dia passou rápido. O entardecer já havia chegado há algum tempo, tochas e piras foram acesas em volta do penhasco. Os guerreiros no pátio festejavam e celebravam tanto pela herdeira que os sons se espalhavam para além dos muros.

Estava ficando mais frio, o céu se mantinha limpo e coberto de estrelas. O ar fresco e gelado era um sonho para Nonna, depois de ter passado tanto tempo em um salão abafado, cheio de pessoas barulhentas.

Freya caminhava à frente, enquanto Nonna vinha um pouco atrás, admirando a paisagem. Ao se aproximarem do muro, porém, algo na sombra deste chamou sua atenção.

Dois homens estavam ali. Ela distinguia apenas a presença das figuras na escuridão, bastante longe da entrada que atravessava o muro. Pareceu-lhe que conversavam nervosamente sobre algo. As palavras não lhe chegavam aos ouvidos e ela diminuiu a velocidade ainda mais, tentando se acostumar com a escuridão e descobrir quem eram.

Quando estava prestes a atravessar o vão, o homem de costas para ela se voltou. Nonna logo reconheceu Broddr, de Negrum. A expressão no rosto dele era de ódio indisfarçado. Os dois ficaram quietos, o homem que falava com Broddr virou o rosto e, por mais que tentasse, Nonna via apenas suas roupas escuras. Havia algo de familiar nele, mas ela não estava certa do que era.

Ao sair do buraco para o pátio cheio de sons e luz, Nonna se perguntou por que Broddr Rato conversaria com alguém de forma tão misteriosa e tensa nas sombras. E começou a suspeitar de algo ruim.

– Vamos, Fenris. Vamos alcançar Freya e Ulfar – sussurrou Nonna e começou a correr, com o urso logo atrás dela. Ao fechar a porta do prédio principal, ela olhou para trás mais uma vez. E viu uma figura masculina junto ao velho portal, que olhava em sua direção.

Sem ter certeza se por Broddr Rato ou pelo homem com quem ele falava, arrepios correram ao longo de sua espinha. Nonna suspirou.

– Fenris, no que será que nos envolvemos, de novo?

Ameaças

FORTE DE BARRA FRIA, NORIDIUM Outubro de 816, uma semana antes do Dia de Inverno

Uma onda de ansiedade atingiu Nonna ao ver Astrid subindo em seu cavalo, no dia seguinte à assembleia. Fenris estava a seu lado e ela apertou com força seu pelo. Asbrand já havia montado e checava sua sela. Todo o pátio estava um caos com homens de diferentes tribos juntando suas coisas para partir. Pessoas e carroças saíam do pátio do castelo e um vento frio rodopiava entre os muros, espalhando cinzas das fogueiras que, a esta altura, já estavam apagadas.

– Você tem certeza, Nonna? – perguntou Astrid, enquanto arrumava melhor sua capa.

– Sim, tenho. Freya pediu-me que ficasse – respondeu Nonna, com um imperceptível traço de dúvida em sua voz. – E se Thorgil for para Unha do Dragão, por volta do dia dos mortos, poderei ir com ele, daqui. Serão apenas algumas semanas de viagem.

Freya sabia que todos deixariam o castelo após a assembleia e, insegura, pediu a Nonna que ficasse com ela por um tempo. Havia prometido mandar um grupo de guerreiros acompanhá-la até sua casa, se ela concordasse ficar ao menos até o dia dos mortos.

Na noite anterior, enquanto o luar entrava no salão do rei através das janelas esverdeadas, Nonna pensara sobre o assunto e sobre o que responder à Freya. Sentia falta de Unha do Dragão e tinha muitas histórias para contar à mãe e às amigas, mas sua mente estava inquieta e indecisa. Sentia que Barra Fria poderia oferecer

experiências emocionantes. Os eventos da noite anterior ainda lhe perturbavam a mente.

Além de tudo, não conseguia parar de pensar no fantasma do rei Eymund, que lhe pedira ajuda, fato que Nonna não contou para ninguém.

No fim, tomou sua decisão e disse a Asbrand e Astrid que preferia ficar. Não revelou uma palavra sobre o fantasma nem sobre as pessoas misteriosas que conversavam nas sombras, pois estava certa que, se Astrid soubesse, iria levá-la em segurança para Unha do Dragão. Com isso, ela perderia eventos interessantes e não teria a oportunidade de ajudar o fantasma de Eymund a descansar.

Astrid sabia que era inútil tentar fazer Nonna mudar de ideia, pois, durante o ano, ela provara ser muito teimosa. Deixou que ficasse, mas a fez prometer que se cuidaria, uma vez que a comunicação entre ambas se limitaria ao falcão mensageiro treinado por Olvir. Se algo acontecesse com Nonna, Gunhilde jamais se perdoaria. Astrid não estava segura de sua decisão, mas sabia que aquela talvez fosse a melhor oportunidade de ensiná-la sobre a vida no centro do poder. Nonna havia passado algum tempo em Unha do Dragão, longe do movimento da cidade de Noridium.

Mais cedo ou mais tarde, a menina teria de enfrentar isso. Se tudo acontecia por determinada razão, Astrid concluiu ser melhor permitir sua permanência em Barra Fria.

Nonna correu até Thorgil e lhe pediu que parasse no castelo se ele e seu irmão decidissem ir para Unha do Dragão, antes do inverno. Ela se juntaria aos homens de Praia Perdida e lhes mostraria o caminho até lá.

– Nonna, cuide-se muito bem. Se algo acontecer, lembre-se de enviar uma mensagem. – Astrid parecia preocupada.

– O que poderia acontecer aqui? – riu Nonna.

– Diga para minha mãe que tudo está bem e que logo estarei de volta. Não quero que ela fique preocupada por nada – completou. – E mande lembranças calorosas para Freydis e as outras meninas. Só isso.

Astrid sorriu e agarrou o arreio, absorta.

– Que os deuses estejam com vocês, Nonna e Fenris. Fiquem em paz.

Asbrand acenou para Nonna e o par cavalgou com elegância pelo pátio cinza de Barra Fria, acompanhados por Vermund, de Valgard, e os homens de Monte de Hiite. Os cascos dos grandes cavalos batiam no chão coberto de gelo e grandes nacos de lama voavam enquanto caminhavam pela rua fria. De cima de seu cavalo, Sigfastr, de Monte de Hiite, olhou rápido para trás e Nonna viu Freya devolver o olhar, nervosa, da porta do prédio principal.

O grupo desapareceu no portal e Nonna ouviu o trotar abafado dos cascos do cavalo de Asbrand ao atravessar a ponte levadiça. Seguiu-se o silêncio, que parecia opressor em comparação com o barulho de pouco antes.

– Bem, Fenris. Eles se foram. Somos só nós dois, outra vez... – Nonna acariciou o urso-do-gelo atrás da orelha.

Ela olhou para o céu, com nuvens tão cinzas quanto o ferro, sinal certo de chuva. O pátio inteiro estava movimentado. Felizmente, o povo de Negrum parecia já ter partido, Nonna sorriu e correu para Freya.

– O quê? – gritou Agenald. Frustrado, jogou em seu prato um pedaço da carne que segurava, fazendo-o bater e decolar, caindo em um ponto distante da mesa. Ele limpou as mãos em um trapo que estava ao lado e agarrou uma taça de vinho com os dedos cobertos por anéis decorados.

– O que você disse? – disse o sacerdote, terminando de beber.

– É verdade, a criança-bruxa ficou no castelo com seu urso-do-gelo – sussurrou um homem atrás de Agenald. A voz era rouca e arrastada, como se alguém arrastasse um objeto pesado pelo chão de pedra.

– E você tem certeza absoluta que os outros de Unha do Dragão já partiram? Talvez só tenham ido para a cidade e depois voltem para pegar a menina... – ponderou, com seus dedos gordos e sua carranca. Ele vestia um robe preto e, sob sua barba aparada, carregava um grosso colar de prata com o pentagrama do Senhor do Inferno pendurado.

– Os de Unha do Dragão deixaram a cidade pela manhã, assim como aqueles de Monte de Hiite e Valgard, e todos os demais – disse a voz rouca, mudando um pouco de posição, ainda nas sombras. – Esperei até agora, o castelo está sem visitantes, apenas a criança-bruxa e o urso ficaram.

Agenald serviu-se de mais vinho tinto, derrubando um pouco na mesa.

– E Broddr?

– Broddr deu-me instruções claras, completarei a tarefa o mais rápido possível. Duvido que a criança-bruxa cause qualquer dano. Ela dorme com seu urso no salão do rei, no andar de baixo, longe da soberana.

Um filete de vinho correu pela taça até a mão de Agenald, que a lambeu com avidez.

– Não tenha tanta certeza – disparou, estalando os lábios. – Vi a garota uma vez, no Vale do Ferro. Estava acompanhada por um grupo suspeito. Com ela, nunca se sabe.

Agenald se virou e apontou o dedo para o homem sentado na sombra.

– Assegure-se de que a informação não escape de sua boca ou eu mesmo cortarei sua língua. Um ano atrás, Steinarr, do Vale do Ferro, tinha certo governante do sul a visitá-lo, talvez do clã dos dragões. Por acaso, ouvi algumas palavras de sua conversa, que não deviam ser ouvidas por Steinarr, muito menos por mim.

O homem nas sombras continuou quieto, ouvindo os eventos de um ano antes. Raiva e ódio ascenderam a seu rosto ao pensar no convidado misterioso, Vermgard com esposa e filhos. Agenald disse que havia tentado fazer Steinarr afastá-los de suas terras, e que este não tivera coragem, embora suspeitasse que Vermgard fora apenas bisbilhotar coisas que não lhe diziam respeito.

– Se for verdade, dragões-de-fogo ressuscitaram no sul. Quando você leva em conta tais rumores e o nascimento das constelações estelares (o retorno dos antigos deuses) começa a suspeitar se isso não poderia acontecer com os dragões-negros.

– O que você quer dizer? – perguntou, confusa, a voz nas sombras.

– Idiota! Que os dragões-negros também podem estar ressuscitando. Os adormecidos, aqueles que sobreviveram após a grande guerra – praguejou. Apoiando-se em sua vara, ele se levantou, com um pouco de dificuldade. Um arroteo profundo escapou de seus lábios e ele massageou a barriga, satisfeito.

– E daí? Isso não devia preocupá-lo, mas sim os nawyrianos.

Agenald balançou a cabeça, desconsolado, e lançou um olhar furioso para seu interlocutor.

– De que nos servem os dragões-negros se não podemos subjugar-los sob nosso controle? Seu único propósito, desde o nascimento, é servir o Senhor do Inferno, mais ninguém, e não podemos permitir que sejam livres, especialmente se os deuses antigos voltarem à Terra e os outros dragões forem despertados. Pois isso pode significar a ascensão de toda religião antiga e o domínio do clã dos dragões – Agenald mostrou os dentes, com nojo. – Acredito que malditos antigos não estão muito felizes com o que o Senhor do Inferno fez. O Salão Negro pode ser assolado sob seu ódio.

O homem nas sombras bufou.

– O que uma coisa tem a ver com outra? Você fala como se isso tivesse algo a ver com a criança-bruxa.

– Pode ter e a garota pode trazer mais problemas do que você pensa. – Com a ajuda de sua vara, Agenald caminhou até uma pilha de lenha, ao lado da lareira. Fungando e bufando, inclinou-se e jogou uma tora no fogo. – Maldito outono. E esses barracos não retém o calor dentro nem isolam a umidade do lado de fora. Suspeito algo de ruim sobre a criança-bruxa e é por isso que você terá de realizar um trabalho para mim.

O sacerdote do Salão Negro pegou um pedaço de carne da mesa de jantar e o jogou no chão. Sem fazer um ruído, um gato cor de madeira veio cheirar o presente, comendo-o e saltando na poltrona de Agenald para lambear os cantos da boca.

– Não sabia que você tinha um gato – disse o homem na sombra, suspeitando que o trabalho tivesse relação com a criatura que ronronava no colo do sacerdote das trevas.

Agenald bufou.

– Não deixe sua aparência enganá-lo. Talvez o veja com uma forma diferente, o que é melhor quando humanos não estão por perto. – Ele parou um pouco, antes de continuar, com a voz afetada: – Você levará o gato para o castelo e se assegurará que ele se aproxime da criança-bruxa.

– Entendo.

– Quanto mais tempo ele ficar perto dela, melhor. Daí, saberei mais.

Agenald pôs o gato no chão. Ele andou com preguiça até o outro homem.

– Bem, e seu pagamento, quando você receberá?

– Broddr pagará assim que o serviço estiver feito – sorriu o homem de voz rouca, com desdém. – Na verdade, não tenho certeza do quanto seu amo sabe desses planos.

– Quem se importa com isso? Para mim, é indiferente – disparou Agenald. – Não quero passar outro inverno aqui. Pretendo voltar para o Salão Negro antes da neve cair. Você acha possível?

– O Salão Negro está muito longe, mas acho que um baú cheio de ouro faz a viagem mais rápida.

O sacerdote riu, com ironia maldosa.

– Você está certo, mas... – Agenald se inclinou para trás e apontou o dedo indicador engordurado, decorado com um anel dourado de caveira, para o homem. – Não se esqueça do que é melhor para seu reino e sua fé. O dia em que Noridis se aliar com o Salão Negro, o velho reino estará mais uma vez unido e locais de sacrifício serão escavados. – Seu dedo tremia de excitação. – E uma vez que eu ponha as mãos nos objetos sagrados que foram escondidos aqui, chamarei o Senhor do Inferno e seu filho na face da Terra e receberei deles uma recompensa. Eu, ninguém mais – gritou, a baba escorrendo de sua boca.

O homem nas sombras se levantou, sem se importar com a empolgação do sacerdote.

– Devo ir. Os preparativos ainda não estão terminados e tudo tem de ser mantido em segredo, o que torna as coisas mais lentas. – Ele colocou a capa e o capuz sobre os olhos, antes de se mostrar sob a luz oscilante da lareira. – Logo, outro funeral ocorrerá em

Barra Fria... – E, com o gato em seu colo, saiu da sala, deixando o sacerdote sentado em sua poltrona, em pleno contentamento.

Agenald limpou a boca com uma das mangas, colocou o caneco vazio sobre a mesa e esfregou as mãos, como se estivesse certo da vitória.

– Outro funeral, de fato.

Com passos macios, quase artificiais, o gato de pintas cinzas caminhou do depósito de madeira até a porta da cozinha de Barra Fria sem que ninguém notasse. Fundindo-se com as cores do ambiente, espremeu a cabeça contra a porta e, embora esta fosse pesada e suas dobradiças velhas e endurecidas, empurrou-a com facilidade, entrando na cozinha, já com um brilho dourado.

Ela ficava no piso térreo do prédio lateral de Barra Fria. Seu enorme fogão permanecia aceso quase dia e noite e, acima do fogo quente, havia todo o tipo de comida sendo preparada ou reaquecida em grossos ganchos de ferro. Ao lado do fogão, via-se um grande forno e, nas paredes da cozinha, prateleiras cheias de sacos, vidros e pratos. No centro, uma mesa de aparência antiga descansava.

As criadas limpavam a bagunça do jantar com rapidez. Algumas corriam do prédio principal do forte, carregando pratos sujos com restos. O que fosse reaproveitável era dado aos criados, pedaços menores eram guardados para os cachorros, antes que as meninas corressem para lavar os pratos com areia e um pouco de água de chuva.

Nilla, a cozinheira gorda e grisalha, estava fazendo uma grande massa e dando ordens severas às criadas. Sempre que estava por perto, as criadas ficavam sérias e começavam a andar mais rápido, mas Nonna, que estava à mesa, ouviu-as rindo assim que chegaram à despensa.

– O que raios está acontecendo aqui? – perguntou Nilla e estava prestes a chutar o gato para o lado, mas Freya o agarrou.

– Não, eu o levo – disse Freya, tentando pegar o animal em seus braços. Com chiados horríveis, ele escorregou das mãos de Freya, miou e pulou no colo de Nonna, onde se deitou e começou a ronronar.

Nonna riu, um pouco confusa, passando a acariciar o gato e deixando que ele esfregasse a cabeça contra seu braço.

Freya e Nonna foram para a cozinha logo após o jantar, pois não gostavam de ficar com as outras pessoas do forte. Nonna sentiu a atmosfera no prédio principal. Por isso, seguiu Freya até a cozinha para caçar coisas gostosas para comer.

Embora todos estivessem trabalhando com pressa para tentar aproveitar o pouco tempo livre que tinham, Freya entrou lá de modo solene, sentando-se em uma mesa para ser servida com as delícias de Nilla. A jovem soberana tinha uma relação muito mais fria com suas criadas do que a menina, em Unha do Dragão, o que fez Nonna se sentir um pouco desconfortável. Ela viu os olhos alertas, até temerosos, das criadas e, pela primeira vez, constatou aspectos negativos no caráter de Freya.

A filha do antigo rei sabia que estava acima dos outros e tinha se acostumado a pegar o que quisesse na cozinha. A velha cozinheira, entretanto, não se comportava de forma submissa ou com muita humildade. Nilla tratava Freya como uma criança e sabia satisfazê-la.

Nonna torceu os lábios, perdida em seus pensamentos, e deixou Fenris sair, pois sofria com o calor da cozinha. Nilla ofereceu tortas e suco para as garotas, que, para Nonna, tinham um gosto estranho, azedo e picante. As duas permaneceram ali um tempo, cochichando sobre isso e aquilo.

Após o funeral de Eymund e a posterior assembleia, Freya relaxou um pouco. Para ela, assim como para os demais, o espírito de Eymund encontrara paz e, por ter chegado ao fim de sua jornada terrena de forma honrosa, não havia razão para mais lamentos. Nonna sentia que, em todos os lugares, as pessoas tratavam a morte de forma parecida, como a vontade dos deuses e como um destino que não podia ser evitado. Freya sentia falta do pai, o que se via em seu rosto com a clareza de uma Aurora Boreal no céu noturno de Unha do Dragão, pensou Nonna, mas fazia de tudo para ocultar a tristeza sob uma camada de alegria e felicidade, da forma exata que se esperava dela. Talvez por isso, falasse quase sem parar e, quando quieta, se concentrasse em fazer algo o tempo todo para manter os pensamentos distantes da melancolia.

– Como é a vida em Unha do Dragão? – Freya perguntou de surpresa, enquanto Nonna acariciava o gato, ainda em seu colo.

– Como você acha que é? – respondeu Nonna. Alguma coisa perturbava sua concentração e ela pensou ser o gato, animal que nunca apreciou. Eles eram egoístas demais e não se importavam com humanos como cães ou ursos-do-gelo.

Freya deu de ombros.

– Dizem que é no meio de uma planície gelada e que apenas monstros vivem lá. Que eles vivem e se movem debaixo da neve e do gelo e que dragam qualquer um que pisa em seu solo. Deve haver muitos ursos-do-gelo, já vi alguns, como Fenris. Além disso há hiisis brancos e trolls e espíritos invisíveis que devoram as almas dos humanos.

Nonna olhou para Freya, atônita.

– Conte-me, é assim? Astrid comanda todos esses monstros, como dizem? De onde ela adquire seus poderes? Por que você está de boca aberta? – Freya parecia falar mais rápido do que pensava.

Fechando a boca, Nonna pensou em uma resposta. Jamais ouvira alegações tão extremas sobre Unha do Dragão. Sobre outros lugares, sim. Com isso, começou a suspeitar se os demais rumores também não seriam infundados. Sem importar o quanto honesta quisesse ser com Freya, sabia que grande parte desses rumores haviam começado de propósito, para que as pessoas ficassem longe das terras de Unha do Dragão.

– Bem, há todo tipo de criaturas, é verdade, e elas não gostam que pessoas que não foram convidadas venham para suas terras – explicou Nonna e ganhou algum tempo, colocando um pedaço de pão doce na boca. Faltava canela, mas estava bom, de todo jeito.

– Eu sabia! Olvir diz que há apenas duas estradas para se chegar lá e que ambas são guardadas por um velho castelo e seus espíritos mortos. Nem os monstros de Unha do Dragão ousam atravessar os vales até a planície, muito menos os mortais. Dizem que Astrid pode ver qualquer um que invada as planícies. É verdade? Ela decide quem será morto ou poupado?

Embora Nonna tentasse pensar, não conseguia se concentrar. Sentia o gato esfregando a cabeça contra sua mão. O pelo da

criatura parecia muito frio e ele era ossudo. Nonna pensou ser porque viera do frio externo, mas, de qualquer maneira, ele parecia sugar o calor da pele de Nonna.

– É verdade, não se deve ir, a não ser que tenha sido convidado por Astrid – Nonna conseguiu dizer, enquanto chacoalhava a cabeça.
– Nilla, este suco foi fermentado? – perguntou Nonna, começando a se sentir tonta.

A cozinheira parou de abrir a massa do pão, limpou as mãos no avental e experimentou o suco.

– Não – Nilla balançou a cabeça e voltou a seus afazeres.

– E os ursos-do-gelo? Quantos há, na verdade? Milhares?

Nonna encarou o gato e, então, pôde ver seus olhos verdes e o olhar molhado e profundo. Os estranhos olhos do gato pareciam lagos cobertos de musgo, belos e límpidos, mas algo a alarmou. Ela se lembrou de ter tido uma sensação parecida quando outra criatura olhara para ela. Naquele instante, um pensamento assustador lhe veio à mente.

Antes que tivesse tempo de agir, o gato pulou do colo para a mesa, como se sentisse sua hesitação.

– Tenebroso! – disparou Nonna e tentou agarrar o gato tão rápido que seu copo caiu, derramando o suco vermelho na mesa. O animal evitou sua mão, pulou a mesa com dois saltos, sem balançar os objetos sobre ela e passou por Freya, chiando.

Mais cedo do que qualquer reação humana, o gato se evadiu.

– Que raios foi isso? – perguntou Freya, levantando-se e olhando na direção em que o gato disparou. – O que você disse? Terroso? O quê...?

– Há um bruxo aqui! – disse Nonna, furiosa, saindo correndo atrás dele. Ao abrir a porta da despensa, foi de encontro a uma criada que entrava, derrubando-a. Sem se importar com a menina, saiu tropeçando em meio às criadas confusas que limpavam os pratos.

– Para onde o gato foi? – gritou Nonna, recebendo dedos apontando para uma porta que estava entreaberta como resposta. Ela correu para fora e olhou para o pátio.

Cachorros devoravam restos, rosnando, mas não havia sinal do gato. Nonna praguejou e fechou os olhos para consultar o mundo espiritual em volta. A agitação excessiva e uma mão em seu ombro fez com que parasse até de tentar se concentrar.

– Um bruxo? Do que você está falando? – sussurrou Freya, atrás dela. – Você está me assustando, explique o que está dizendo. O que é temeroso?

– Tenebroso. É um animal de estimação de bruxos.

– Como você sabia disso...

Nonna encolheu os ombros e se virou para Freya, franzindo a testa.

– Não sei, eu senti. Você conhece algum bruxo ou mago por aqui?

– Você está louca? Um bruxo ou mago? Olvir é o único! Mas, quem sabe, talvez haja um na cidade... Ele é reconhecível?

Nonna balançou a cabeça.

– Acho que não, bem... É melhor voltarmos para a cozinha. – Mas ela ainda olhava para trás.

Estava certa de que não se tratava de um simples animal de estimação. A criatura que deitara em seu colo devia ser um tenebroso que tomara a forma de um gato. E bruxos comuns não costumavam tê-los consigo.

Apenas magos-da-morte, feiticeiros-da-morte e sacerdotes do Senhor do Inferno podiam dar ordens a tenebrosos e Nonna não se sentia mais confortável. Ela já sabia que havia algo de errado em Barra Fria.

Só o fato de Astrid, Asbrand e Vermund terem dormido no mesmo salão conseguiu manter Nonna em seu colchão nas últimas duas noites.

No momento em que ela se viu deitada sozinha debaixo de peles, olhando para a escuridão, teve a certeza de que não queria ficar parada. Precisava explorar os segredos de Barra Fria e o que ela já vira não a deixava em paz.

Por muito tempo, ficou olhando fixo para o luar pálido que brilhava pelas grandes janelas esverdeadas, como uma névoa

azulada sobre o velho piso de madeira. O pó flutuando no ar cintilava de forma encantadora. Fenris roncava a seu lado e a lareira não parava de estalar alto no canto do salão.

Os pensamentos de Nonna a atormentavam, afastando o sono. Não conseguia parar de pensar em quem seria o dono do tenebroso que sentara em seu colo e por qual razão o enviou. O fantasma de Eymund estava sempre em sua lembrança e ela se perguntava quem poderia estar por trás do assassinato do rei. Depois de assistir a luta pelo poder, a participação dos dedos de Negrum na morte do rei, no mínimo, ficou-lhe evidente, pois Ingolf pareceu ganancioso e sedento de poder o suficiente para tal.

Aquele seu parente, Broddr, era uma criatura muito misteriosa. Nonna sentia que ele seria capaz de qualquer tipo de maldade e se indagava como Eymund morrera, considerando que ninguém abordava o tema. Quanto a Olvir, decidiu questionar-lhe sobre o assunto, assim que tivesse uma chance. Nos próximos dias, porém, ficaria só a maior parte do tempo, sem a companhia de Freya e Olvir. A soberana iria resolver alguns assuntos de Barra Fria e do reino.

O raciocínio de Nonna ia e voltava, girando em torno do possível assassino. Era pouco provável que Brodd tivesse conseguido chegar tão perto do rei a ponto de poder matá-lo, além de não parecer corajoso a ponto de fazê-lo, exceto com algum artifício secreto. Quanto à presença dele nas sombras do muro, Nonna pensou, de início, que Broddr estivesse abordando um dos serviçais. No entanto, já havia aprendido que conversas entre homens sempre se davam entre iguais, não entre um empregado e um nobre.

Nonna balançou a cabeça e se sentou. Depois, colocou os pés para fora do colchão, puxou as meias e pisou no chão.

Sem acordar Fenris, esgueirou-se até a lareira com uma pequena lamparina, pegando uma das brasas acesas com uma pinça para acendê-la. A pequena chama tremulava sozinha no grande salão e, sob sua luz, Nonna retirou um livro do fundo de sua bolsa, aquele que estudava há tempos e o único que havia trazido de Unha do Dragão. O grimório de Bjollok fora escrito com uma linguagem antiga e sua leitura parecia levar uma eternidade. Nereid lhe dera o livro há meses e a encorajara a lê-lo para que aprendesse toda

informação que ele continha. Nonna havia prometido fazê-lo, sem ter ideia da dificuldade que enfrentaria. O livro era repleto de enigmas ardilosos e instruções que Bjollok coletara durante sua vida. Em dados momentos, a escrita era tão obscura e confusa que ela passava dias até compreender o que tal seção significava. Sabia que o primeiro capítulo falava sobre reunião de poderes e acreditava que guardava um grande segredo, que ela teria de solucionar. Como? Não fazia ideia.

Movendo os dedos sobre as runas, com paciência, murmurou para si as palavras que se formavam. Ela já aprendera algumas poucas coisas, mas todo o restante ainda permanecia sem explicação. A garota não poderia mais perder tempo algum. Os segredos lhe seriam revelados lentamente, pensava. Nos últimos tempos, começava a notar que algo emanava em sua direção das sombras mais escuras, algo curioso e poderoso, que talvez fosse o caminho para os segredos mais poderosos das bruxas. Nonna chegou ao fim da página que já havia sido lida várias vezes, em Unha do Dragão. Quando a luz da vela já ia se apagar, desviou o olhar do livro para o salão escuro.

– Bem, vamos tentar de novo. Haverá alguma coisa aqui? – sussurrou, fechando o livro e se concentrando. A lamparina a seu lado tremulou, cansada. Um longo momento de silêncio se passou, durante o qual apenas a respiração pesada de Fenris interferia.

Ela murmurou seu conjuro e a chama da lamparina quase se esvaiu.

Um clique de bronze acordou Fenris, que levantou a cabeça pesada de sono e a colocou de volta em cima das patas, vendo que Nonna estava sentada no escuro. Depois de um instante, um camundongo surgiu, caminhando no campo de visão de Fenris, à distância, junto de um baú aberto. Outro camundongo o seguiu, depois um terceiro, e logo havia camundongos vindo de todos os lugares. Fenris rugiu, entediado.

Guinchos e pequenos ruídos passaram a ser ouvidos no salão do rei de Barra Fria. Os roedores obedeciam ao chamado de Nonna e corriam o mais rápido que seus pés podiam, juntando-se na forma

de um tapete cinza, diante dela, e contemplando aquela que os chamara.

Nonna riu para si.

– Camundongos... Acho que não há mesmo mais nada por aqui – disse, em voz baixa. – Criaturas da escuridão, escutem meu chamado – ela sussurrou, cerimoniosa, e se concentrou em seus poderes com mais intensidade, enquanto fechava os olhos.

O vidro da janela tiniu e os ratinhos guincharam, aterrorizados. Nonna virou-se para as janelas e viu sombras negras deslizando no luar.

– Ah, assim já está melhor – brincou. – Não é, Fenris? Eu sei que você está acordado.

O urso deu um rugido baixo. Olhou para o assustado grupo de camundongos, viu de relance corvos e gralhas voando pelas janelas, e se virou para Nonna, que sorria.

– Está bem. Vão, retornem para seus ninhos ou de onde tenham vindo, já! – Os roedores correram rápido para a segurança da escuridão, com tinidos e batidas enquanto esbarravam em objetos jogados no chão. Os pássaros pretos desapareceram da janela e, em um instante, tudo voltou a ficar silencioso.

– Você viu? É cada vez mais fácil – falou Nonna para Fenris. Foi quando percebeu, para seu deleite, que não havia sinal de dor de cabeça. Era a segunda vez que chamava animais sem ser tomada por uma dor lancinante.

Naquele instante, a pele de Nonna ficou arrepiada. Ela sentiu o ar se tornar mais frio. Algo gelado havia passado por ela, como o vento.

Tremendo de medo, moveu-se para mais perto de Fenris. Sabia que o encantamento feito também podia atrair um lado negativo. Espíritos maus que estavam por perto poderiam ter ouvido o chamado e vindo até ela.

Engolindo em seco, temendo que um espírito negro tivesse chegado, viu que um redemoinho enevoado, que brilhava sob o luar, passava correndo pelo salão, balançando candelabros e cortinas. Rapidamente, ela fechou os olhos, lamentando o fato de não ser poderosa o bastante para usar a visão de bruxa com eles abertos.

Usando essa ferramenta, ela varreu o salão, mas quando notou um espírito amargo e de brilho forte vindo da porta em sua direção, gritou alto.

Nonna se enrolou em torno de Fenris para se proteger, no instante em que algo congelante se aproximou e um murmurar distante chegou-lhe aos ouvidos.

– Freya! – O som triste e de partir o coração atravessou a mente de Nonna. – Corra para estar com Freya, já! – disparou o fantasma de Eymund com a voz fragmentada por ódio e mágoa, antes de se afastar de Nonna e do salão, com enorme velocidade. A porta bateu quando ele a fechou, como um vento de tempestade, antes de desaparecer.

– Você viu? – perguntou Nonna para Fenris e o urso-do-gelo fez um gesto afirmativo. Na realidade, vira mais do que só o perfil brilhante de um fantasma. Tinha acabado de contemplar o rosto de Eymund em meio à névoa, tomado por pânico, e entendido que havia algo de muito errado por acontecer. Fenris se levantou de imediato para agarrar o pijama fino de Nonna com os dentes, puxando-a para a porta.

– Espere um pouco! – Ela pegou seu cinto, prendendo-o na cintura. Talvez fosse preciso usar sua adaga, afinal. Abriu a porta e disparou atrás de Fenris, segurando uma lanterna.

O quarto de Freya emanava quietude. As brasas na lareira brilhavam e traçavam linhas a sua volta. Exceto por esse detalhe, o aposento estava escuro, repleto de sombras. Dentre elas, Freya dormia profundamente, respirando de modo pausado. O vento se movia no topo da chaminé. Do lado de dentro, o som podia ser ouvido como um leve murmurinho.

Um homem vestido de preto estava de pé, imóvel, ouvindo sua respiração. Sem fazer qualquer barulho, pegou um pequeno frasco de um saco pendurado em seu cinto. Com os dedos, arranhou o selo de cera que o mantinha fechado, puxou a rolha e, devagar, moveu-se para mais perto do rosto da menina adormecida. Em seguida, inclinou o frasco ligeiramente, logo acima da boca de Freya, deixando que algumas gotas turvas pingassem em seus lábios.

Um grande sorriso de satisfação espalhou-se no rosto do homem quando a garota lambeu as gotas amargas. O homem tampou o frasco com a rolha, empurrou-o de volta para o saquinho e limpou as mãos em sua capa.

O homem se afastou até a porta e parou para ouvir por trás dela, antes de voltar para a cama de Freya e se sentar, cantarolando uma canção. Após um tempo, a jovem começou a se mover, com enorme agitação. De repente, começou a sufocar, levando as mãos à garganta, sem acordar.

– Só mais um instante, Senhora... – O homem, impassível, ergueu-se e caminhou até a porta. Ele a abriu com cuidado, medindo cada movimento e, deixando para trás Freya, que parara de se debater, entrou no corredor azulado. Em silêncio, fechou a porta, sorriu e se virou para a escadaria da torre.

Ao chegar em um nicho na parede, parou, encostou-se o quanto pôde na parede e esperou. Uma corrente congelante de ar passou por ele, fazendo a capa esvoaçar, mas o homem segurou o capuz sobre o rosto e se inclinou para a frente. Uma ansiedade profunda penetrou sua alma. Ele pensou estar ouvindo maldições e sentiu um frio repentino, tão logo viu uma luz tremulante entrar no corredor, vinda de seu lado esquerdo.

Era o instante das bruxas, Nonna sentia isso ao correr pelos corredores vazios de Barra Fria sob a luz de uma pequena lamparina. Ela constatava uma mudança significativa em seus poderes, que podia ser sentida não só naquele momento particular. Se àquela altura ainda não tivesse dormido, não conseguiria mais fazê-lo a noite toda, inquieta que era. Entretanto, a inquietude rotineira não era nada comparada ao que sentia. Com Fenris adiante, ela virou em um corredor que levava aos aposentos do rei e de Freya, mas se chocou no grande traseiro do urso, que parara subitamente.

O corredor estava vazio. O luar brilhante atravessava as janelas do lado sul de Barra Fria. A claridade se refletia nas tábuas do chão e nas tapeçarias penduradas nas paredes. Diante deles, o corredor

acabava em sombras negras. Apenas o rugido de Fenris quebrava o silêncio.

– O que foi? – sussurrou Nonna, agachando-se próxima de Fenris, cujo olhar se fixava em um único ponto. Ele mostrava os dentes e rugia, baixinho.

– Você está vendo alguma coisa lá? – disse ela, em voz baixa, olhando para o corredor sem ver nada, além de sombras. – Ou não está?

Um mau pressentimento fez Nonna ficar alerta. Fechando os olhos, ela pôs as mãos em cima de Fenris. Sabendo que poderia sentir, naquele momento, tudo o que o urso sentia, ela percebeu um cheiro estranho no corredor. Então, reparou em um vulto à frente.

– Quem está aí? – Nonna levantou a lamparina, e ninguém respondeu.

– Saia ou mandarei Fenris ir pegá-lo, está ouvindo? – Tentou soar o mais firme que pôde. Algo estava errado, ela sabia. Então, virou-se para Fenris.

– O problema agora é seu... – completou – Vá e pegue-o, Fenris – ordenou Nonna. Rosnando, o urso começou a caminhar lentamente para a frente.

– Droga! – praguejou o homem, enquanto uma corrente de ar puxava sua capa e maldições sussurradas tinham em sua cabeça, assombrando-o.

Bastaria um rápido olhar para o nicho e a criança-bruxa o notaria, pensou. E por que, em nome do Senhor do Inferno, aquela criatura tinha de aparecer? Ele apertou sua adaga preta com mais força e olhou para seu lado direito. A porta da escadaria estava a apenas poucos passos. Ele poderia facilmente conseguir correr para a torre antes da criaturinha, mas poderia ser rápido o bastante para não ser pego pelas garras do urso-do-gelo?

O homem respirou fundo, pulou para fora do nicho e jogou a adaga que segurava na direção ao urso-do-gelo. Correndo para a porta, percebeu que o urso-do-gelo estava agachado a apenas alguns passos dele. Ao abri-la, em meio aos rugidos da fera, saltou para as escadas, ciente que sua vida dependia disso.

Nonna estremeceu ao ver uma sombra sair da outra ponta do corredor e correr. Fenris pulou para a frente, furioso, com as patas arranhando o chão.

No mesmo instante, algo se chocou na lamparina que carregava. O vidro quebrou, cacos afiados voaram em seu rosto e ela caiu de suas mãos, com a luz se apagando assim que tocou o solo.

O fugitivo bateu a porta com tanta força que a fez abrir-se novamente e Fenris conseguiu atravessá-la para a torre.

– Adaga – sussurrou Nonna, perplexa, ao se abaixar no chão em meio a todos os cacos. Subitamente, ela se lembrou porque havia saído. – Freya! – gritou e correu para a porta do quarto, esquecendo de todo o resto. Ela subiu os poucos degraus que levavam à porta, abriu-a com toda a força e invadiu o aposento.

Um silêncio total dominava o ambiente e nem a respiração de Freya podia ser ouvida. Nonna teve tempo de pensar, enquanto uma corrente congelante passava por ela. Podia sentir que o fantasma de Eymund viera atrás dela, mas seus sussurros inquietos chegavam abafados com tamanha preocupação.

– Freya, acorde! – gritou, correndo para a cama, em meio ao breu. Seu pé bateu em uma cadeira e ela gemeu de dor.

Nonna agarrou a amiga pelos ombros e a chacoalhou, mas a garota não se moveu. Tomada pelo terror, ela levou o rosto à face de Freya, temendo o pior.

– Freya, acorde, querida – sussurrou e a chacoalhou com mais força, sem conseguir sinais de vida. *Ela não podia estar morta*, pensou, desesperada. Foi aí que notou o estranho odor que vinha daquela boca.

– Envenenada, você foi envenenada, aquela sombra... – balbuciou, levando as mãos ao rosto, estarrecida.

Lembrou-se que nem sabia onde Olvir dormia. Não poderia pedir ajuda em nenhum lugar, pelo contrário, teria de fazer algo sozinha. Pelos deuses, o que ela poderia fazer com uma menina envenenada?

– Socorro! – O fantasma gemeu de forma tão impaciente e dolorosa que despedaçou o coração de Nonna.

De algum lugar distante, uma lembrança lhe veio à mente. Ela tentou acalmar sua mente em pânico e, então, lembrou-se do grupo de Sigwulf, e de Fahd, o assassino, além do pequeno frasco que ele lhe dera. E de ter ouvido que seu conteúdo era um antídoto para qualquer tipo de veneno.

Nonna arrancou o saquinho de seu cinto, partindo o cordão fino. Com as mãos tremendo, ela o abriu e espalhou todo seu conteúdo sobre a cama de Freya. Tateou moedas, penas, pedras, chaves e outras coisas pequenas e, por fim, seus dedos sentiram o vidro frio.

– Em nome dos deuses, espero que não tenha secado por completo! – pediu Nonna, tirando a rolha com os dentes. Com a outra mão, abriu a boca sem vida de Freya e levantou o frasco sobre ela. – Em nome de Forni... – sussurrou. Após um momento de hesitação, ela virou o frasco de cabeça para baixo.

Gotas de cor dourada brilharam na escuridão, caíram nos lábios de Freya e correram para sua boca.

– Engula, Freya, engula – suplicou. Ela agarrou a mão de Freya, que ainda estava quente, e desabou a seu lado. Temia ter chegado tarde demais. Os gritos de horror do fantasma ecoavam pelo quarto de dormir.

Fenris corria com as patas pesadas o mais rápido que conseguia.

As escadas íngremes e estreitas eram apertadas demais e ele escorregava o tempo todo, batendo dolorosamente contra as paredes. Ainda assim, descia rápido, rugindo com fúria. No final, a porta foi aberta e fechada com força. Fenris saltou contra ela com toda sua força, fazendo-a sair de suas dobradiças. Com um enorme estrondo, a porta voou pelo corredor e o urso-do-gelo saiu da torre, desequilibrado, tropeçando na porta. O vulto adiante se afastava demais, mas Fenris o perseguia sem esmorecer.

O homem desapareceu em uma curva e Fenris prosseguiu, com as garras arrancando pedaços do piso de madeira. Ao se aproximar da figura, sentiu o forte odor que ela liberava. E rugiu ainda mais alto quando a sombra desapareceu pela porta que levava ao saguão.

Mesmo grossa e pesada, Fenris a derrubou no chão, deslizando-a contra a outra parede. Enquanto acelerava pelo corredor, ele viu que

o vulto tornava a escapar por outra passagem, que levava ao corredor norte do castelo. Fenris se jogou com toda velocidade contra a porta trancada.

Pequenos pedaços de pedra caíram no chão quando a porta chacoalhou contra o batente. Com o enorme peso do animal, as dobradiças grossas se retorceram, e não cederam.

Fenris rugiu de frustração, tomando velocidade mais uma vez. Ele sentiu a dor do impacto, mas tentou repetidamente, gerando estrondos que ecoavam nos corredores noturnos do castelo. A porta rangia e estalava, e pedaços de pedra voavam sobre o urso: ela não quebrava nem se abria.

Desapontado e furioso, ele deixou na madeira as marcas de suas garras, que poderiam ser vistas por muito tempo.

A figura escura se apoiou contra a parede na sombra da escadaria estreita e profunda que levava para baixo. O homem se inclinou para encontrar apoio na parede oposta e tentou não rir de alívio. Quando conseguiu fazer sua respiração se normalizar, tirou o roupão preto e o dobrou. Assanhando os próprios cabelos, que haviam sido bem penteados, desceu as escadas com o roupão nas mãos e abriu a porta ao pé das escadas.

Brasas ardião no forno da cozinha, em cima do qual um grande caldeirão coberto de fuligem exalava um aroma delicioso. Ao lado do forno, uma jovem criada dormia, roncando docemente com uma grande concha em sua mão e o som abafado do sono das muitas outras criadas se ouvia no ambiente escurecido.

Com cuidado, o homem caminhou até a porta do lado oposto e desapareceu por ela, sorrindo de contentamento. Chegando em seu quarto de dormir, pôs a capa dentro de uma bolsa. Abrindo um saquinho pendurado em seu cinto, tateou seu conteúdo, sem pressa. Ali havia frascos do tamanho de um dedo, fechados com rolhas com runas profundamente talhadas em suas laterais. Ele brincou com o frasco que acabara de usar e balançou a cabeça.

– Não, criança-bruxa... – O ronco dos demais criados soava como um zumbido constante. Ele se apoiou contra uma pilha de toras e puxou um cobertor sobre si. – Você precisará de algo ainda mais

poderoso – resmungou o homem e olhou alguns pratos até encontrar o que procurava. Sobre ele, depositou o objeto que retirara do saquinho e guardou os outros frascos em sua bolsa.

Com alegria incontida, fechou os olhos.

– Boa noite, Senhora. Tenha um bom e longo sono – e riu, de modo maligno, deitando a cabeça no monte de feno.

Uma respiração ofegante chamou a atenção de Nonna, que saltou, agarrando Freya pelo ombro.

Com a pele totalmente branca, a menina respirou com tanta dificuldade, e de forma tão dolorosa em sua cama, que Nonna pôde sentir a dor em si. Uma vez que conseguiu manter a respiração estável, Freya abriu os olhos e lançou um olhar suplicante para Nonna.

– Espere um momento... – Lágrimas de alegria inundaram os olhos de Nonna. Freya apertou-lhe a mão, mas ela precisou se afastar para correr até a porta. Não sentia mais a presença do fantasma de Eymund.

– Ajudem, Freya está morrendo! – Nonna gritou com toda a força que possuía. Sua voz, dolorosa e suplicante, corria pelas paredes do corredor e delas para a torre, para cima e para baixo, por todo lugar no forte.

– Ulfar, Olvir... Socorro! – berrou, sem saber mais o que fazer. – Freya está morrendo!

Após uma eternidade, barulhos começaram a ser ouvidos no corredor, e um grupo de homens da ala norte corria em sua direção, com Ulfar à frente com seu machado de guerra na mão. Dois outros *berserkers* vinham atrás dele e, ao fundo, diversas outras figuras corriam confusas.

Sem perguntar nada, Ulfar entrou no quarto de Freya com seus homens.

– Tragam o velho! Já! – gritou Ulfar e um dos guerreiros saiu correndo do quarto, voltando para onde viera. Enquanto corria pelos corredores, ia de encontro às pessoas sonolentas, impiedoso.

– Preciso disso, muito obrigada – disse Nonna, arrancando a lamparina de um dos homens do lado de fora, que vestia um pijama

largo. Ele não estava tão acordado que pudesse resistir, ao contrário, ficou todo confuso quando Nonna voltou ao quarto de Freya.

– O que está acontecendo? – perguntou Ulfar, voltando-se para Nonna e a agarrando pelo braço, enquanto se agachava diante dela.

– Um assassino. Fenris foi atrás dele – explicou Nonna. – Ele jogou isso em mim, acertou minha lamparina – disse, passando-lhe a adaga.

– Cuidado, pode estar envenenada! – gritou Ulfar e Nonna a derrubou no chão, assustada. Ele a pegou com cuidado enquanto ela voltava para Freya.

A respiração de Freya estava pesada, difícil e irregular, cada inspiração era árdua e dolorosa. Estava suada e havia um estranho odor azedo a sua volta.

Nonna limpou levemente a testa de Freya, pegou a unha que ganhara de Cerbiurus com a outra mão e se ajoelhou ao lado da cama para rezar por ajuda aos deuses dragões. A respiração da garota parecia tão áspera e fraca que Nonna temeu que seu coração parasse de bater a qualquer momento.

– É uma adaga de arremesso nawyriana – disparou Ulfar. – Malditos covardes!

Que seja, pensou Nonna. O principal era que Freya estava viva. Ela segurou a mão da garota até Olvir chegar com um grupo de criadas.

– Nonna, acenda o fogo... Faça um fogaréu, o maior que puder – Olvir a encorajou com voz segura. – Precisamos aquecer o quarto. Criadas, luz!

Olvir mexia em alguns utensílios junto à cama, enquanto criadas carregavam velas que haviam acabado de acender. Nonna jogou algumas toras de bétula na lareira, que estalaram por um instante. Ela as soprou e as brasas acordaram, transformando-se em chamas famintas, engolindo as toras. Nonna colocou mais pedaços de madeira e casca de árvore, aumentando o fogo. No fim, ele era tão grande que ela não ousava se aproximar. O calor começou a fluir da lareira para o quarto.

O velho já tivera tempo de fazer o que planejava e colocara um líquido amarelo, trazido por uma das criadas, na boca de Freya,

sentando-se.

– Gosma de aveia – Olvir resmungou para si, esfregou as mãos e se virou para Nonna. – Pois bem, conte-me o que se passou por aqui e onde Fenris... Ah, aí vem ele.

O animal entrou tropeçando no quarto, exausto, e Olvir pediu às criadas que saíssem e fechassem a porta. O urso-do-gelo fez uma careta para o calor, que pulsava em todo o aposento.

– Ela vai sobreviver? – perguntou Nonna, sentando-se em uma cadeira ao lado da cama de Freya. – Pode sair, está quente demais para você aqui – sussurrou para Fenris.

– Ulfar, você pode ir guardar o quarto. Não deixe que ninguém entre e Ulfar... – Olvir agarrou o braço do homenzarrão. – A partir de agora, Freya não irá a lugar nenhum sem você, está claro?

O *berserker* puxou o braço das mãos fracas do velho, com violência, e fez um sinal afirmativo, rangendo os dentes.

– Não a deixarei por um instante sequer, eu prometo.

Olvir mandou os homens saírem e Fenris deixou o quarto com eles.

Nonna explicou tudo o que se passou, sem contar nada sobre o fantasma de Eymund. Decidira que só falaria sobre isso ao adivinho em separado. O velho quis ver o frasco do antídoto e ela o entregou.

– Está vazio. – lamentou. No entanto, Olvir cheirava e experimentava seu conteúdo. – Fahd disse que seria um antídoto para quase todo tipo de veneno. Suponho que tenha funcionado... – explicou Nonna, um tanto tímida. Ela nem ousou dizer que no início teve medo de que o frasco contivesse um veneno ainda mais forte – Mas não havia nada escrito nele.

– Um frasco muito bonito. Por aqui ninguém pode fazer um desses e, certamente, em nenhum lugar no continente setentrional. Ouso suspeitar que nem alguém em Nawyr se tenha tal habilidade. – Olvir pensou alto e o devolveu. – Não sei o que era. Olhando para o vidro, pareceu algo do povo divino.

Olvir tomou as mãos de Nonna e a olhou com seriedade.

– Deram à Freya um veneno forte e de ação rápida, talvez cicuta. Sem você, ela não estaria mais conosco. Você salvou sua vida – disse, com um largo sorriso.

– Ela vai melhorar? – perguntou Nonna, preocupada.
– Se os deuses quiserem.
– Pobre Freya. O povo de Nawyr a odeia tanto que quer matá-la, Olvir?

– Os nawyrianos nos veem como selvagens cruéis e assassinos, Nonna – lamentou Olvir com a testa encharcada. – Mas não estou certo se são eles que estão por trás disto.

– Quem, então? Por que alguém iria querer machucá-la? Ela não causou dano a ninguém – insistiu.

– Pessoas gananciosas e vingativas farão de tudo para conseguir o que querem, qualquer coisa. Seja o que for. Alguém tem de proteger Freya. Ulfar não pode ir a todos os lugares com ela, daí... – Olvir olhou bem para Nonna.

– Eu? Protegê-la? Como? – Foi a vez de Nonna pensar alto.

O velho se apoiou em sua vara e sorriu.

– Sinto que você já fez mais do que a maioria pensa. É suficiente que você esteja junto de Freya. Certifique-se que ninguém estranho chegue perto dela. E, enquanto o mau indivíduo estiver por aí, assegure-se de que ela coma o mesmo que os outros. Você promete isso?

Nonna encolheu os ombros. Não sabia como proteger Freya, mas se Olvir confiava nela, talvez conseguisse. Ela fez um gesto positivo, sem muita confiança.

Conspiração

FORTE DE BARRA FRIA Outubro de 816

–Preguiçosos inúteis! – Petrus resmungou, andando para cima e para baixo, junto à porta do salão do rei.

O cervejeiro de Barra Fria era robusto e barrigudo, embora ele mesmo acreditasse que tivesse apenas ombros largos. O povo no castelo estava acostumado a chamá-lo por outros nomes, desde que ele não estivesse por perto. Caso contrário, a pessoa que fosse pega beberia apenas água de chuva. Sem sua cerveja, o longo inverno seria impossível de ser suportado.

Petrus tinha cabelos curtos e aparência de urso. Seu rosto, vermelho de qualquer jeito, dessa vez estava roxo de raiva, andando impaciente de um lado para o outro. Ele estava nervoso e esfregava as mãos, grossas como as de um urso, como se estivesse se segurando para não bater em alguém.

– O que você disse, Petrus? – falou Olvir com voz calma, tentando esconder a própria confusão e preocupação. Quase não dormira na noite anterior, pensando nos eventos em Barra Fria e passara um longo período conversando com os espíritos. Seus olhos estavam vermelhos de cansaço e ele respirava com dificuldade, enquanto caminhava até o cervejeiro.

Petrus estremeceu, parou e se virou para olhar para a porta, na qual Olvir estava parado com Nonna e Fenris logo atrás.

– Preguiçosos, todos eles – repetiu o homem, abanando as mãos, desconsolado. – Estou cheio deles! – gritou. Petrus viera do sul para Barra Fria há anos e Eymund o contratara de imediato ao

ouvir sobre suas habilidades. O rei nunca se arrependeu de sua decisão. Embora Petrus comesse apenas comida da melhor qualidade e quantidades suficientes para um cavalo, fazia a melhor cerveja da cidade e seu comportamento jovial agradava a todos.

– Está cheio de quem? – questionou Olvir, deixando Nonna e Fenris entrar no salão e fechando a porta. Petrus olhou firme para Nonna e aquele grande urso-do-gelo, franzindo a testa. Seus pensamentos passavam claramente de um para o outro. Olvir passou pelo cervejeiro e se sentou em um banquinho ao lado do trono do rei. – Com quem você está cheio?

– Onde está a Senhora? Quero lhe dizer algo – Petrus olhou em volta.

– Fale comigo, ela ainda está dormindo – disse Olvir, sem deixar seu rosto revelar o que houve. Nonna notou que ele transmitia certa preocupação.

Petrus caminhava ao lado de Olvir, respirando pesadamente ao andar. Nonna ficou surpresa de como ele era ágil, apesar do tamanho, notando que sua semelhança com um urso de pé era realmente óbvia. Ela achava a raiva frustrada do homem divertida, pois este apontava o dedo para fora do salão e balançava a mão violentamente na direção das portas.

– Preguiçosos... Filhos de uma égua – disse, com dificuldade para soltar as palavras. – Não suporto mais ouvir tanta reclamação. Preciso tolerá-los?

Olvir virou os olhos.

– Você se refere aos criados?

– E quem mais? – Petrus agarrou os cabelos e puxou tanto que Nonna ficou com medo que seu couro cabeludo se soltasse. Depois, resmungou algumas palavras em uma língua que ela desconhecia e ficou quieto por um tempo.

– As reclamações começam logo pela manhã – disse, fazendo uma careta e começando a imitar uma pessoa: – Por que tenho de pegar grãos se Hjalmar nunca pega? Não há fogo aqui, por que Mikkel não o acendeu, era sua vez de acender! *Por que, por que, por que* o tempo todo. De manhã até a noite.

Mesmo tão exausta, foi difícil para ela não cair na gargalhada. Petrus imitava criados reclamões com tanto esmero que Nonna achava que ele poderia fazer quase qualquer um rir. O homem notou seu sorriso e olhou para ela torcendo os lábios, com um dos olhos semicerrado. Nonna tossiu, disfarçando.

– Bem você os conhece, sempre foram assim, mas... – Olvir começou a defendê-los.

– Não, não, não, não. Agora estou cheio! Eymund, que os deuses o tenham, prometeu que se eles não trabalhassem direito, poderia mandá-los para o inferno ou ainda mais longe. E agora? Falo para eles irem para... – disse Petrus e olhou rápido para a menina, como que para checar se ela ainda achava graça, pensando em outra palavra para substituir o palavrão que era forte demais. – ... O inferno. Sabe o que Hjalmar respondeu? “Hmm, você não pode nos expulsar.” Foi o que ele disse. E Mikkel, em nome dos deuses? O sujeito é como um zumbi, um morcego. Dorme em pé ao lado do malte e não se lembra por quanto tempo cozinhou. Idiotas! Hjalmar quase jogou *ledum* no suco, em vez de na cerveja, imagine no que ia dar? E Jorekr bebe como um porco, ele está passando por essa fase, de novo.

– E aquele rapaz novo? Ele não é bom? – perguntou Olvir, suspirando.

Petrus ficou quieto e espremeu os olhos.

– Bem, aquele é um indivíduo particularmente inútil – disparou Petrus. – Ele, de fato, faz bem seu trabalho e não reclama tanto, mas Jorekr irá lhe ensinar a ser como os outros, com certeza. E é com os outros que eu vou precisar fazer mais cerveja para o Dia de Inverno. Quase tudo já foi consumido na assembleia. Tenho de fazer ainda mais rápido, mas aqueles preguiçosos já estão hibernando.

Olvir suspirou e se acomodou no banquinho.

Nonna olhou com atenção para o cervejeiro e sentiu que ele tinha um cheiro de cerveja doce. Ela gostava disso, embora fosse forte e se misturasse com os outros cheiros quase tão fortes que ele também gerava. O cheiro lembrava outra coisa, vagamente, que ela não conseguia saber o que era. Petrus parecia ser um homem bom e sua raiva divertia Nonna mais do que a assustava.

Olvir coçou a barba por um momento antes de responder ao cervejeiro, que estava um pouco cansado.

– Diga aos criados que eles podem ir para o inferno logo depois do Dia de Inverno, exceto se você quiser mantê-los – disse Olvir com voz cerimoniosa e lenta. – Acho que poderemos encontrar outros na cidade. Assim ficaria bom?

– Em nome de Hamarr, está ótimo! Preguiçosos ao inferno e novos garotos a substituí-los.

– Bem, está resolvido, então. E agora que já se acalmou, Petrus, esta é Nonna, de Unha de Dragão, e seu animal de estimação, Fenris – concluiu Olvir. O cervejeiro tentou estufar o peito, que se levantou sob a túnica marrom-escuro, manchada e suja.

– Ah, é verdade. Bem... Prazer em conhecê-los – disse Petrus, parecendo envergonhado por seu acesso de raiva.

– O prazer é nosso – respondeu Nonna, com educação, buscando esconder que se divertira.

– De Unha do Dragão, hein? Hmmm... Eles fazem cerveja lá? É boa? Unha de Dragão não é aquele lugar horrível..? – O homem espremeu os olhos, curioso, aproximando-se um pouco de Nonna.

– Sim, fazem cerveja e dizem que é boa. Claro que eu não experimentei, mas os sucos de lá são bons.

– Ela é melhor no outono, feita com mel fresco. Vocês criam abelhas?

– Não sei, acho que o mel vem da região de Barra Fria. Ao menos, vi muitos potes de mel em carroças da última vez que tivemos suprimentos daqui.

Confuso, Petrus ergueu as sobrancelhas grossas.

– É verdade. Bem, neste caso, ele deve vir do mesmo lugar que o recebemos. Você gostaria de conhecer nossa produção?

Nonna olhou para Olvir, que fez um sinal positivo, apesar do cansaço.

– Por que não? Pode ser divertido! – respondeu ela, sorrindo e se levantando. Com Freya se recuperando, Nonna quase não tinha o que fazer e Olvir parecia prestes a adormecer. Tendo todo o castelo para examinar e passear, podia muito bem começar pela fábrica do mestre cervejeiro, da qual nada sabia.

– Ótimo – Petrus se endireitou, com a nobre barriga empurrada para a frente, e se virou para Olvir.

– Vamos deixar os preguiçosos em paz, suponho que eles se acalmarão. Mas eu lhes direi que você me deu permissão para mandá-los ao inferno se não trabalharem direito, certo?

Divertindo-se, Olvir fez um gesto afirmativo e ela sentiu que aquela não era a primeira vez que Petrus reclamava dos criados. O homem girou o corpo, resmungando, e Nonna o seguiu para fora da sala, com Fenris logo atrás.

Nonna o seguiu pela cozinha até a sala onde guardavam toras. Em cada parede havia pilhas do chão ao teto. Em meio às toras, caixas, barris e móveis de aparência antiga descansavam. Poucas lâmpadas iluminavam o caminho e a sala era fria e úmida. O gato tenebroso de antes voltou a sua mente, como um rompante, enquanto ela andava entre as pilhas de toras, mas a voz de Petrus fez a ideia desaparecer.

– Esta é uma parte velha do castelo. Hoje em dia, tão poucas pessoas vivem nela que não vale a pena aquecê-la. É um armazém melhor do que os externos – explicou, descendo escadas íngremes e estreitas e abrindo a porta.

Atrás de uma porta que rangia, revelou-se um espaço no qual algumas tochas fumacentas queimavam. O cheiro de cerveja, fumaça e mel parecia doce quando Nonna entrou com Fenris, que rugiu para o ar quente.

– Bem-vinda. Aquele homem magro, com cavanhaque, é Mikkel – disse ele, apontando para um sujeito cansado que se apoiava com as duas mãos em um caldeirão quente. Nonna entendeu porque Petrus o chamara de zumbi, pois o indivíduo de fato parecia estar dormindo em pé. O cervejeiro apontou para outro homem, baixo e barrigudo. Para Nonna, uma mistura de humano com troll que tentava encontrar um esconderijo para o caneco de cerveja que segurava. – Aquele é Jorekr, que, segundo o próprio, sabe tudo e pode fazer de tudo. Certo. Hjalmar está lá... – Petrus apontou para um homem loiro alto e magro, que trabalhava junto a um longo tonel.

– Não havia mais uma pessoa? – perguntou ela, procurando com os olhos. Ninguém se parecia com aquele que ela vira ajudando Petrus com os barris de cerveja, no dia da assembleia. Talvez fosse um criado comum.

– Ah, sim, Sigeric... Hmm... Lá! – Petrus girou a cabeça antes de ver um homem baixo e de aparência comum agachado junto a um forno. Era moreno, tinha o rosto pálido, e trabalhava ao lado de um caldeirão escurecido. Nonna o observou moendo ervas e as lançando no caldeirão. Ficou evidente que não era de lá. Seus traços eram mais delicados e escuros do que das pessoas do norte e o nome Sigeric não sugeria Noridium.

– Sigeric? Um nome estranho. A Caldia é que tem nomes assim por lá...

– Eu não sei de onde ele é, mas... Hmm, olhe. Não é uma fábrica legal? – Petrus segurou Nonna pelos ombros, desviando-lhe a atenção de Sigeric.

A câmara dos cervejeiros era baixa, e longa. Por todo lugar havia barris, vasos de argila com camadas grossas de mel seco em suas beiradas, sacos, ervas, maçãs secas e outras frutas, além de todo tipo de produto necessário para criar bebidas. Mais adiante, em um canto quente, tonéis abertos com espuma e bolhas em suas superfícies chamavam a atenção. A câmara exalava um cheiro muito forte, que parecia familiar à Nonna. Mas eles bebiam cerveja em todos os lugares, afinal.

– Você coloca maçãs na cerveja? – perguntou ela, com curiosidade. Petrus abaixou os olhos na direção de Nonna.

– Era a bebida favorita do rei, feita de maltes defumados e aromatizada com maçãs, uma cerveja grossa e forte. Você gostaria de experimentar?

Ela sorriu.

– Não, obrigada. Onde estão as cervejas e os sucos prontos?

– Prontos? Lá, nos barris. Ou estariam, se não tivessem sido bebidos na assembleia. – Petrus apontou para baixo, na direção de onde vieram. – Há um porão frio em que são armazenados, embora não durem muito tempo. Nunca tivemos de jogar nada fora. Aliás, se

a cerveja parece que vai apodrecer, pode ser usada para cozinhar. Nilla faz um ótimo pão.

– O que há ali? – questionou Nonna.

– Maltes e meu lugar de dormir – respondeu ele, envergonhado.

– Felizmente, há outro caminho até lá, não apenas aquelas escadas frágeis. – Petrus riu tão alto que sua enorme barriga tremeu. Para Nonna, as escadas aguentavam até um touro, mas o homem era mesmo bem grande. Talvez fossem fracas demais para ele.

Petrus ficou quieto e suspirou de orgulho.

– Bem, agora eu lhe mostrarei como fazemos cervejas e sucos – disse ele, agarrando a pequena mão de Nonna com a sua, enorme, para levá-la pela cripta. Torcendo os lábios, ela encolheu os ombros e olhou rápido para Fenris, que se afastava. Aprender sobre aquilo não doeria. Cedeu toda a manhã para a conversa cheia de conhecimento de Petrus.

– A criança-bruxa é mais perigosa do que pensávamos – praguejou Agenald, olhando para Barra Fria pela janela entreaberta. Apenas a flâmula do castelo podia ser vista sobre os telhados.

– O urso podia ter me pegado – a voz masculina soou nas sombras.

– Que se dane o urso, a garota é do clã dos dragões! – Agenald agitou o punho cerrado. – Do clã dos dragões, ouviu? Os rumores sobre a família de Skafloc não eram só boatos, mas verdadeiros e um dia... – o sacerdote das trevas procurou pelas palavras certas.

– E daí? Clã dos dragões ou não, que diferença faz?

– Tolo! – Agenald agarrou um caneco, jogou-o no chão e praguejou. – Você não tem a mínima ideia de como Skafloc era. Se a garota tiver uma fração de seu poder, pode fazer renascer a antiga religião. O maldito Cerbiurus não poderia estar mais feliz – disse o sacerdote, com cuspe acumulando no canto dos lábios. – E eu tive a menina em minhas mãos, uma vez. Se soubesse, ela nunca teria deixado viva a prisão do Vale do Ferro.

– Ela é mesmo tão perigosa assim?

Agenald respirou e tentou ao máximo se acalmar.

– Ela pode ser, um dia. Os antigos voltaram, a constelação estelar está como costumava ser e, acima de tudo, um descendente dos dragões-negros surgiu diante de mim. Eu me pergunto o que tudo isso significa? – disse Agenald, com ironia em sua voz.

– E, além disso, há um espião de Nawyr na cidade – o outro homem pareceu sentir prazer em dizer, testando a paciência de Agenald.

– Do que você está falando?

– No último navio, antes do outono, um velho, que evita outras pessoas, veio do sul. Ele vive na cabana de um mercenário, perto do porto, e tem perguntado mais do que deve sobre a criança-bruxa. Vi esse sujeito duas vezes no castelo, observando a menina. O mercenário vai a todo lugar com ele.

– Você tem certeza que ele é de Nawyr?

A voz na sombra bufou.

– Sibyrht, o velho adivinho, é espião de confiança do suprasoberano de Nawyr. Ouvei falar que ele andou por diferentes reinos, por muito tempo, examinando velhos segredos enterrados. Aliás, é o culpado pela destruição do templo de seu deus, também.

O ódio explodiu dentro de Agenald, que começou a tremer, sentado.

– O que ele está fazendo aqui?

– Como posso saber? Ele espiona a criança-bruxa, isso é certo. E o mercenário, em cuja casa está não é um qualquer, mas o próprio Ealhere.

– Ealhere? Um dos heróis de Nawyr? Como você sabe disso?

– Eles não percebem que até sombras têm ouvidos. Não foi difícil me aproximar deles. Sibyrht escreve tudo sobre a criança-bruxa e está planejando mandar tudo para o suprasoberano, assim que puder.

– A profecia de Beda! – gritou Agenald e bateu no braço da poltrona com a mão. – Os nawyrianos ouviram falar sobre a criança-bruxa e temem que ela seja a bruxa da qual fala a profecia.

– Que profecia?

A risada de Agenald foi estridente.

– Ulfric, o suprassoberano, deve estar morrendo de medo para enviar um velho para tão longe, no norte, só para espionar, e por causa de uma velha profecia.

Ele se recostou na poltrona, buscando se recompor.

– Segundo a profecia escrita por Beda, um antigo adivinho de Nawyr, uma criança-bruxa, outra Bruxa do Gelo, nascerá no norte, como parte do clã dos dragões, talvez do próprio Skafloc. Ao crescer, ela se tornará a única capaz de tomar para si todos os monstros do norte, congelar a Baía da Caldia e, em seguida, libertá-los para que destruam o reino de Nawyr, como vingança pelo massacre perpetrado em Noridium após o término da Guerra dos Deuses – Agenald riu, com desdém. – Ao que tudo indica, Beda escreveu a profecia com base em uma carta escrita pela falecida Gudrun, viúva de Skafloc. Furiosa, ela deixou a carta para o ancestral do suprassoberano, tempos depois de ter atacado o norte de Nawyr e dizem que Beda e Gudrun até se encontraram nas ruínas de Lupistara. – Agenald deu a seu gato um pedaço de carne. Miando, gulosamente, ele correu para as sombras, mas a criatura que devorou a carne no escuro não soava mais como um gato. Agenald limpou as mãos em um trapo pendurado na mesa. – Então, os nawyrianos ouviram falar sobre a criança-bruxa e acreditam que seja aquela que um dia se tornará sua própria desgraça.

– Não entendo por que você está rindo, pois, se tudo for verdade, a criança-bruxa é parente de Skafloc.

– Se o suprassoberano descobrir que a garota é descendente de Skafloc, os nawyrianos farão tudo o que puderem para matá-la. Eles enviarão para cá um grupo de assassinos da Irmandade do Silêncio e a destruirão, sem piedade, ou Ealhere o fará antes. Isso descreve bem sua bondade e elevada moral – disse Agenald com ironia.

– E se a menina destruísse Nawyr, não seria bom?

O sacerdote das trevas brincou com o pentagrama pendurado em seu pescoço e pensou um pouco.

– Claro que seria.

– Então, deveríamos proteger a menina, não? Posso matar o velho, mas não Ealhere. Recuso-me a fazê-lo – disse o homem das sombras.

– Não. Ao contrário, fique longe do velho. Trata-se somente de uma profecia e ninguém no Salão Negro jamais acreditou nela. Nenhuma bruxa, sozinha, conseguiria juntar as forças da escuridão para uma nova guerra contra Nawyr. Apenas o Salão Negro seria capaz disso, com a bênção do Senhor do Inferno, e só *após* ele ser conjurado de volta à terra. Os nawyrianos são tolos em acreditar nos escritos de um quase cego como Beda. A menina, porém, será uma ameaça muito maior para nós.

– Como assim?

– Skafloc odiava nosso Senhor e nossa religião, pois, para ele, o Senhor do Inferno traiu os dragões-negros e seu deus, Cerbiurus. Skafloc só concordou em lutar a nosso lado porque os nawyrianos ameaçavam destruir seu reino. Seus descendentes não devem ter opinião diferente. Não, a menina é um perigo verdadeiro. Assim que o negócio de Barra Fria estiver finalizado, você poderá apagá-la. Por enquanto, concentre-se nisto. E tenha cuidado. Evite a garota de todas as maneiras, ela pode ser um grande empecilho. O que Broddr lhe disse? – Fechando uma janela, Agenald mudou de assunto. Em seguida, sentou-se outra vez, brincando com seu pingente.

– Ele ficou muito nervoso, disse que estava decepcionado e que havia pensado que seríamos capazes de fazer qualquer coisa – a voz do homem escapou como um rastro de despeito.

A gargalhada que ouviu como resposta lembrou o ranger de uma velha porta.

– E agora? Você vai tentar novamente?

– É difícil. Os *berserkers* guardam Freya e aquela criança-bruxa com seu urso-do-gelo passaram a dormir com ela. Broddr me contou o plano deles e, se funcionar, terei uma nova chance. A única coisa em meu caminho é a maldita criança-bruxa. Precisaríamos tirá-la do castelo.

Absorto, Agenald espremeu os olhos.

– Já lhes ocorreu o que Unha do Dragão fará quando souber que a vida de Freya está em perigo?

– Eles não saberão – riu o outro homem. – Eu dei fim ao falcão mensageiro do velho e falei para Broddr que ele está planejando

enviar alguém pela estrada setentrional para o Monte de Hiite. Broddr se assegurará que o sujeito nunca atinja seu destino.

– É melhor que não alcance. Se a bruxa de Unha do Dragão souber disso, será uma perda inútil de tempo para todos. Pretendo sair daqui assim que conseguir o contrato em minhas mãos.

– Você terá seu contrato e seu ouro, isso é certo. Tudo está pronto – falou o homem, confiante. – O Dia de Inverno está quase chegando. Depois dele, as coisas irão mudar em Barra Fria.

– Mais uma coisa – Agenald deteve o homem, prestes a partir –, você tem algum estramônio?

– Sim, por quê?

– Então, há mais uma chance – Agenald se sentiu orgulhoso da própria engenhosidade. – Podemos tentar com que a garota venha para nosso lado. Se conseguirmos fazer isso, eu a levarei ao Salão Negro e ela poderá nos assistir quando subordinarmos o despertar dos dragões-negros. Ou a trancarei em uma jaula, na Corte da Dor.

– A voz do sacerdote das trevas denunciava seu contentamento ao apontar para a sombra. – Faça a garota tomar estramônio. Se ela usar sua mágica, tudo dará certo. E você se livrará dos espíões de Nawyr.

– Farei isso – o homem sentado nas sombras vestiu sua capa e desapareceu na escuridão, com cheiro de bolor.

ESTRADA OCIDENTAL DO BOSQUE DE HIITE **Outubro de 816**

O anoitecer chegara e os cálidos raios do sol haviam se apagado, deixando a área à mercê dos espíritos do frio. Uma névoa marrom malcheirosa subia do Bosque de Hiite e flutuava, embaçando o ar com redemoinhos assustadores, em direção à única estrada, que levava ao norte. As espirais de vento, que vinham dos pântanos úmidos, passavam por entre o grupo de pessoas que subia a estrada, tocando com seus dedos cinzas nas carroças, nos bois que as puxavam e nos homens ao lado delas.

– *Parrem*, alguém está vindo – gritou Alfgeirr Chifre e a ordem foi passada adiante, para todo o grupo. Os homens de aparência

selvagem, vestindo capas grossas, desapareceram à beira do Bosque de Hiite, levando espadas, armaduras e machados tilintantes. Logo, eram apenas seis carros de boi e, à frente, Alfgeirr Chifre, Gils Selvagem e Ingolf Negrum, montados em seus cavalos.

À distância, ecoando nas árvores, ouvia-se o som de galopes. A noite seria congelante, pensou Ingolf, buscando traços dos cavaleiros na escuridão.

Da névoa, surgiu Broddr Rato sobre um pequeno cavalo, ainda assim com dificuldade de pará-lo.

– Irmãos! – gritou Broddr com a mão erguida, cumprimentando-os.

– Que notícias *tus* traz? – perguntou Ingolf, apertando a mão de Broddr. Dezenas de guerreiros saíram da floresta, voltando para a estrada. Os bois bufaram atrás deles.

– Cuidei de tudo – gabou-se Broddr. – Na véspera do Dia de Inverno, tudo *estarrá* pronto.

– E a criança-bruxa? E a filha do rei?

– O que tem?

– Seu traste, elas trarão problemas?

Broddr soltou uma risada maldosa.

– Não, não trarão. Nem uma criança-bruxa poderá impedir isso.

– No Dia de Inverno, então? – confirmou Ingolf, alisando o cabo da espada em seu quadril.

– No Dia de Inverno – respondeu Broddr e os homens apertaram as mãos em contentamento.

FORTE DE BARRA FRIA, NORIDIUM Outubro de 816

Enquanto Freya delirava, pelo terceiro dia consecutivo, Nonna passava o tempo andando pelo castelo e conhecendo seus habitantes. Uma vez, flagrou parentes distantes de Eymund cochichando sobre o que acontecera com Freya após a assembleia e como aquilo afetaria o futuro de Barra Fria. Sem querer que se soubesse daquela tentativa de assassinato, Olvir espalhou que ela adoecera em decorrência da exaustão causada pela morte do pai. O

povo deu a entender que acreditou, sem questionar a presença constante dos *berserkers* diante do aposento real, impedindo qualquer entrada, à exceção de Fenris, Nonna e Olvir.

Nonna permaneceu na frente da porta do quarto de Olvir um bom período, antes de ter coragem de se anunciar. Havia pensado o dia todo sobre o que diria ao adivinho e como apresentaria o assunto, pois não tinha nenhuma garantia de que ele acreditaria nela.

A porta abriu, rangendo, e Olvir olhou com curiosidade para Nonna de dentro do quarto iluminado à luz de velas.

– Ah, é você? – disse em voz baixa e olhou para trás, para seu quarto. – Espero só um instante – ele fechou a porta, de leve.

Nonna e Fenris se entreolharam e, antes que ela dissesse algo, a porta foi aberta novamente e Olvir deixou-os entrar, limpando as mãos em sua capa.

O cheiro de terra que veio de encontro à Nonna era tão forte que ela teve a impressão que o velho vivia em um depósito de batatas. Olvir fechou a porta e a trancou, passando por Nonna e Fenris. Depois, retirou algumas coisas de cima de um banco para a garota se sentar, e ela o fez com a boca aberta, com tudo que observava. Olvir permaneceu de pé, apoiado em sua vara.

– O que a trouxe aqui? – perguntou Olvir, com sinais de ansiedade em sua voz, nervoso com a presença de Fenris, que passara por ele no espaço apertado, farejando algo.

– Aonde você está indo? – Olvir se pôs à frente de Fenris. – Ora, ora, por que não vai com sua dona? – ordenou e empurrou o urso para trás.

Fenris olhou para Olvir e levou a cabeça na direção de um dos cantos do quarto, onde um objeto muito grande se encontrava sob uma vela antiga e rasgada. Com a altura do ambiente, era muito largo e, na opinião de Nonna, lembrava a estátua de uma figura sentada.

Nonna compreendeu a aflição de Olvir e pediu a Fenris que viesse até ela. O velho se mostrou aliviado e o urso se virou, derrubando duas caixas grandes cheias de pedras e terra, voltando para a menina. Depois, deitou-se e pôs a cabeça sobre as patas,

com uma expressão séria e os olhos voltados para o canto do quarto.

– Está bem – disse Olvir. Antes de se dedicar à visita, ele empurrou a terra e as pedras que haviam caído no chão com sua vara e as colocou de volta em suas caixas. Enquanto isso, Nonna já tivera tempo de deixar a vista vagar pelo aposento escuro e cheio de coisas, cuja única janela estava fechada com uma trava pesada. Sem chamas na lareira, tudo era úmido e frio, iluminado apenas por velas em lamparinas. Plantas e ervas pendiam do teto junto com vasilhames e outros objetos, além de papéis velhos. Pergaminhos e livros simples se espalhavam pelos cantos. Por todo o quarto havia runas desenhadas nas paredes. Quando Olvir tossiu, Nonna despertou e voltou a atenção para o velho.

– O que a trouxe aqui?

Nonna tomou coragem.

– Eymund foi assassinado?

Olvir franziu a testa.

– De onde você tirou esta ideia maluca?

– O fantasma de Eymund assombra o castelo, não é?

– O fantasma do rei? Não seja boba, garota – disse ele, virando a cabeça para o lado. Nonna percebeu que o velho adivinho não era um bom mentiroso.

– Então, você sabe? Vamos, admita – a voz de Nonna era séria.

Olvir suspirou e coçou a testa.

– Sim, sei, mas ele me evita. Já assustou criadas e serviçais, mas não chega perto de mim. Também achei que fosse Eymund. E de onde você tirou a ideia de assassinato?

– O fantasma contou para mim, para você não? Afinal, como Eymund morreu?

Lamentando-se, sem disfarçar, Olvir sentou-se em um banquinho e coçou a barba, antes de responder.

– Como consegue escutar sua voz? Em nome dos deuses, nunca pensei nisso – ele bateu a vara no chão com raiva.

– Como Eymund morreu?

– Doença. Ele ficou mais fraco no outono e nenhum tratamento ajudou. No fim, contraiu tifo e isso o matou muito rápido. Jamais

pensei em assassinato. Se foi, talvez não tenha sido um veneno qualquer. Tem absoluta certeza de que ouvir direito? E falando nisso, como você ouviu o fantasma?

– O que você quer dizer? É claro que ouvi direito.

– Bem, um fantasma não pode falar com mortais do outro lado, mas você é uma bruxa e do clã dos dragões. Já está acostumada a falar com os espíritos?

– Sim, estou e não ouvi errado, com certeza. Eymund foi assassinado, do jeito que tentaram assassinar Freya. E acho que o culpado ainda está no castelo.

Olvir deu um tapa na própria testa.

– Em nome dos deuses.

– O que foi?

– Tentei enviar uma mensagem para Unha do Dragão, mas alguém levou o falcão. Só penas restaram, mais nada.

Nonna estremeceu. O falcão, desde que ela soubesse, era a única forma de enviar mensagens para Unha do Dragão. E fora um presente de Floki, de Unha do Dragão, para Eymund.

– Não há mais nenhuma maneira de enviar uma mensagem para Astrid?

– Já mandei meu mensageiro para o Monte de Hiite, mas... Se os deuses permitirem, ele chegará lá, embora não aposte mais nisso.

– Acho que Negrum está atrás disso tudo – disse Nonna, em voz baixa.

Olvir respondeu às palavras de Nonna com um olhar sério.

– Esta é uma alegação séria. Você tem alguma prova?

Nonna balançou a cabeça.

– Na verdade, vi Broddr tramando algo com um homem durante a assembleia.

– Broddr está sempre tramando algo, mas duvido que Negrum tenha coragem de assassinar o rei e Freya – disse Olvir, balançando o dedo diante de Nonna. – E nunca diga isso em voz alta de novo. Se ouvirem sua acusação pelo assassinato do rei, nem precisarão de uma assembleia para puni-la. Se não puder provar, o exílio será o mínimo castigo. Cuidado com suas palavras.

– Mas...

Olvir balançou o dedo.

– Sem mas, mantenha sua boca fechada. Negrum é cruel, mas transparente. Ele nunca envenenaria ninguém, poderia até cortar a cabeça de alguém, envenenar não. Talvez você tenha razão. Pode ser que ele tenha sido assassinado. Afinal, quem sabe? Investigarei o assunto.

– O que eu faço? Podemos comunicar Unha do Dragão de alguma forma?

O velho pensou por muito tempo.

– Pode ser difícil. Esperaremos uma semana e se o mensageiro não responder, pensarei em outra forma. Até lá, temos de ficar de olho em Freya.

– Cuidarei dela – disse Nonna, com segurança. Olvir balançou a cabeça.

– Ulfar pode cuidar disso, mas fique de olho nela também. Em alguns assuntos, Freya a ouve mais. Não a deixe ir a lugar nenhum sem Ulfar – disse Olvir, levantando-se. – Ela ainda ficará se recuperando por alguns dias.

– Bem, o que farei enquanto isso?

Ele a segurou pelos ombros.

– Veja se consegue falar com o fantasma de novo, tente perguntar algo que possa ajudar. E não fale com mais ninguém, cuidado com o que diz. Não se pode nunca saber se há alguém ouvindo. Não confie em mais ninguém, exceto Ulfar, seus homens e eu.

Olvir abriu a porta do quarto, Nonna se levantou e caminhou até ela, seguindo Fenris.

– O que é a estátua no canto? – perguntou, rendendo-se à curiosidade.

Desconfortável, Olvir a empurrou para fora.

– Nada, absolutamente nada – disse e fechou a porta na cara de Nonna.

Ela o ouviu passar a tranca.

– Menina! – Nonna ouviu um grito atrás dela e se virou. Um homem vestindo uma túnica longa surrada, que ela reconheceu

como Ingmar, um dos parentes gananciosos de Eymund, vinha em sua direção. Nonna fechou o grimório de Bjollok, que segurava em seu colo e o empurrou para um nicho da janela. Antes de ele chegar. Fenris levantou a cabeça e olhou para o homem, sem grande interesse.

– Já basta! – disparou Ingmar, furioso. O urso imediatamente mudou de atitude e Nonna o ouviu rugir. O homem nem olhou para Fenris, ao contrário, levantou os punhos cerrados para ela.

Sem nem se mexer diante dos gestos ameaçadores, pois notara que ele não lhe causaria perigo de verdade, ela ergueu as sobrelanceiras, esperando uma resposta.

– O quê?

– Quem você pensa que é? O que faz de você tão importante que pode encontrar a filha de Eymund, e outros não podem? Você jogou algum encanto na garota? – gritou Ingmar, com o rosto vermelho e a barba chacoalhando. Nonna viu Eirik, seu filho lânguido, um pouco atrás, de pé e com as mãos na cintura, de forma ameaçadora. O garoto parecia estar se divertindo.

– Queremos ver Freya, agora! Não é aceitável que outra pessoa conte mais do que a família, especialmente em uma situação como esta.

– Vá pedir para Ulfar ou Olvir – retrucou Nonna, engolindo a maior parte de sua raiva.

Protegido pelas costas do pai, Eirik gritou:

– Desde quando os *berserkers* começaram a tomar decisões?

– Bem, se você acha que pode passar por Ulfar, vá em frente – Nonna riu do garoto. – Não adianta nada gritar comigo, Freya adoeceu e não terá energia para dar ouvidos para suas bobagens.

– Sua pirralha! – O homem se enraiveceu e a vermelhidão de seu rosto aumentou. – Como você ousa... Se pretende usar de magia para colocar Freya contra nós, irá se arrepender em um tronco. E sua Bruxa do Gelo não está aqui para salvá-la... E de onde você roubou isso? – Um pouco de cuspe voou quando esticou sua mão com surpreendente rapidez para o grimório.

Fenris agiu antes que Nonna tivesse tempo de fazer qualquer coisa. Ele levantou a cabeça, rugindo, e prendeu a mão do homem

entre as mandíbulas.

Gritando de medo, Ingmar tentou tirar a mão da boca do urso e Nonna notou que seu filho tentava tirar sua adaga.

Levantando-se devagar, Fenris manteve a mão de Ingmar com firmeza em sua boca e Nonna viu que o homem realmente sentia dor. A vermelhidão do rosto desaparecera, sendo substituída por uma palidez cadavérica. O homem arfava e bufava com o movimento do animal.

– Fale para seu urso soltar meu pai já ou acertarei a besta com minha adaga – gritou o garoto, aproximando-se com passos hesitantes.

Nonna sorriu para o garoto e olhou para seu pai, indignada.

– Então, além de tudo, você me acusa de ser uma ladra? Vocês, perdedores, não servem para nada, só para sobrevoar a carniça de Eymund. Tome cuidado para eu não jogar um encantamento nos dois! – gritou Nonna, tomando seu livro com ambas as mãos e fechando-o sobre o colo, enquanto pulava do nicho da janela. – Se você encostar em Fenris com essa reles adagazinha, só o deixará mais furioso e não o machucará mais do que isso. Mostrando a ponta de seu dedo, ela passou pelo garoto com a cabeça empinada, cheia de orgulho.

Os gemidos de Ingmar, contorcendo-se de dor, e os estranhos gritos e resmungos de Eirik ficaram para trás, e Nonna seguiu com calma até o fim do corredor. Antes de virar à direita, viu um grupo de pessoas confusas correndo na direção do homem e de seu filho, tendo ouvido o barulho da discussão.

– Fenris, deixe-o – disse ela.

Ingmar gritou ainda mais quando teve o braço chacoalhado de leve antes de ser solto, caindo de joelhos no chão do corredor. Fenris foi até Nonna com passos largos e um sorriso maroto em seu focinho.

Nonna estava chateada por não ter impedido Fenris de morder o braço de Ingmar. O homem não teria conseguido pegar o livro de qualquer forma e, ainda que tivesse êxito, ela conseguiria tê-lo pego de volta sozinha, sem dúvida. Agora, causara problemas

desnecessários e ganhara ao menos mais dois novos inimigos dentre os moradores do castelo. Não que se importasse com o que era dito sobre ela por lá ou como era descrita, mas a cena recente em nada ajudaria sua situação no castelo. Aborrecida, acabou nas escadas que levavam à cozinha e as desceu, sem pensar no que fazia. Abriu a porta de acesso e deixou Fenris entrar primeiro.

– Vamos examinar o porão – sussurrou Nonna para Fenris, colocando o livro pesado sobre a mesa da cozinha. Mas antes, vamos beber algo – Nonna disse em voz alta, pegando um copo da prateleira.

Em sua primeira visita à cozinha, Freya tinha pedido que aquele copo fosse dado à Nonna. Nilla fez o solicitado e, desde então, Nonna sempre usava o mesmo copo. Ela olhou para o objeto lavado, ainda úmido, despejou um pouco de suco e o bebeu inteiro, mas sentiu um gosto que a desagradou. Fez uma careta e decidiu contar sobre aquele sabor estranho quando encontrasse Nilla.

Limpando a boca na manga, ela pegou o livro de cima da mesa e abriu a porta da cozinha, deixando Fenris entrar no corredor. Não queria ser vista por ninguém, por enquanto, nem justificar para Olvir o ocorrido com Ingmar. Suspeitava que as pessoas em Barra Fria iriam preferir acreditar em Ingmar e Eirik do que nela, ainda mais sem ter Freya para defendê-la. Então, decidiu ficar longe de todos, o resto do dia.

Calabouços eram perfeitos para aquilo.

A porta que dava acesso à prisão estava manchada de umidade e ficava na torre noroeste, ao pé de uma escadaria estreita e íngreme. Nonna não sabia se havia outra entrada para as masmorras, mas Fenris coube no corredor estreito.

– Vamos ver o que há aí dentro – disse Nonna para Fenris, colocando a mão na trava que fechava a porta. Ela levantou a barra fria de ferro e empurrou a porta com as duas mãos.

A grossa madeira rangeu e Nonna teve a impressão de ninguém mais ter estado por lá, há tempos. As dobradiças enferrujadas fizeram um barulho terrível e uma escuridão impenetrável, além de

um forte cheiro de umidade, foram revelados. Nonna ergueu a lamparina e iluminou o caminho diante dela.

As escadas haviam sido construídas com rochas de cor cinza em uma fenda natural. A superfície lisa dos degraus estava coberta por um pó grosso e pequenas pedras. A uma curta distância, eles se inclinavam para a direita. Em determinado ponto, o corredor ficou estreito demais para Fenris passar.

– Que pena – resmungou Nonna, mordendo os lábios. – Fenris, você terá de esperar aqui.

Desconfiado, o urso olhou para Nonna e suspirou, como se lamentasse seu próprio tamanho, fazendo um gesto afirmativo com a cabeça.

– Cuide disso – Nonna colocou o grimório de Bjollok sobre os degraus. Fenris se sentou ao lado do livro e se encostou contra a parede com o corpo. – E não faça essa cara. Não levarei muito tempo, já que você não cabe aqui. Só vou entrar para ver o que há lá dentro – ela completou, ouvindo as criadas falando alto nos corredores e voltando para a cozinha com suas fofocas.

Nonna abraçou o urso, deu um beijo em seu focinho e entrou na escadaria escura com sua lamparina no alto.

O cheiro de umidade ficou mais forte, à medida que desceu as escadas. Não levou muito tempo para a superfície dos degraus começar a brilhar com a umidade e, ao tocar as paredes, Nonna sentiu que estavam molhadas e pegajosas com a água que pingava do alto. O piso começou a ficar escorregadio e Nonna teve de andar com muito cuidado para não deslizar e cair nos degraus de pedra ou, ainda pior, escada abaixo.

Ela não gostava do cheiro ácido e abafado que pairava a seu redor. O corredor parecia ser muito alto e gotas frias de água não paravam de cair em seus cabelos.

Após descer uma altura considerável, que imaginou ser equivalente a dois lances, Nonna chegou em um pequeno buraco natural, cujo centro continha um lago verde e sujo. Gotas d'água não paravam de cair, com seus sons ecoando na caverna escura. Ela levantou mais a lamparina para ver o que havia por ali.

Eram três buracos na cavidade, dois dos quais fechados por barras enferrujadas que já se esfarelavam. O terceiro se abria no meio de uma parede de pedra irregular, como a boca negra e amedrontadora de uma grande besta. Sobre a cavidade vazia, havia uma runa vermelho-escuro, que Nonna reconheceu como um sinal para prevenir que espíritos entrassem e, adiante, uma pilha de pedras que dificultava a entrada. Um pequeno vão, porém, fora deixado entre as pedras e por ele Nonna poderia passar por muito pouco, se desejasse.

A argila branca que corria das paredes da caverna formava pequenas saliências similares a dentes, de cujas pontas a água pingava. Guinchos de ratos eram ouvidos de algum lugar distante.

Nonna apertou as pálpebras ao sentir um cheiro estranho que a deixou tonta. Caminhando com cuidado até as barras, levantou a lamparina para ver o que havia atrás delas. Ela estremeceu ao ver masmorras sinistras, com o chão coberto por feno antigo apodrecido e correntes penduradas nas paredes. Enferrujadas, não indicavam qualquer vestígio de esqueletos, felizmente.

Um longo suspiro fez com que Nonna estremecesse de medo. Uma corrente úmida e quente de ar passou por ela, fazendo seu cabelo voar, e depois desapareceu em uma cavidade aberta, como se convidando a ser seguida. Ela caminhou até lá e tocou com o dedo em uma saliência superior. Uma gota fria de água correu por sua pele e ela sentiu que tinha muita sede. Então, deixou algumas gotas caírem em sua boca, aproveitando a sensação refrescante que surgia. Com os olhos fechados, Nonna apreciou o sabor pedregoso da água gelada, até que outro suspiro, mais alto do que o anterior, tornou a convidá-la a entrar.

Uma gota a atingiu no meio da testa, enquanto virava a cabeça e abria os olhos. Ela não se surpreendeu, embora sentisse que o ambiente havia mudado. A luz da lamparina transformara a cavidade em um tom estranho de amarelo e verde e Nonna distinguiu uma estranha névoa que flutuava na parte inferior, fluindo sorrateira para dentro da caverna aberta.

Segurando a lamparina com mais força, ela se esgueirou até a caverna escura pelo buraco deixado entre as pedras.

Com o tempo, as paredes haviam sido alisadas pela água. O chão era ainda mais escorregadio e parecia ondulado. Por todos os lugares, ouviam-se sons de gotas pingando, isoladas. A escuridão parecia infinita, mas ela continuava dando um passo após o outro, sem medo. Às vezes, a névoa escura era tanta que tinha a impressão de poder aspirá-la. Então, ela ria com a ideia. A sede voltara, sua boca estava seca e ela tinha dificuldade de engolir.

Sua pele coçava, ressequida como papel, apesar da umidade. Nonna parecia sonambular na escuridão, seus pés começando a ficar dormentes e uma sensação de flutuar em meio à névoa. A luz da lamparina mudava de cor como a Aurora Boreal e isso a divertia. Enquanto ria, quase foi de encontro a barras muito grossas, surgidas repentinamente na escuridão.

Ela gritou ao tocá-las.

Na verdade, eram cobras enormes dependuradas do teto, com uma delas, maior que as demais, posicionada na horizontal, segurando-se pelas mandíbulas às outras, fechando as barras com força. Nonna estremeceu, dando um passo para trás, enquanto riso, em vez de terror, saiu de sua boca. Ela ergueu a lamparina, agarrou a cabeça da cobra horizontal e a levantou.

Enquanto empurrava e abria a gelada grade, nem notou que murmurava algo. Ratos guinchavam por toda parte e ela se voltou para a caverna íngreme e apertada. Correntes de ar quentes e frias fluíam a seu redor, criando estranhos sussurros, chamados e gritos que ecoavam nas paredes de pedra.

Nonna estava tão tonta que precisou se sentar no chão molhado, pondo a lamparina do lado. Embora esta tenha caído e quase se apagado, ela não conseguia parar de murmurar. Começando a ver estranhas figuras, sentia arrepios e, da escuridão, mais ratos curiosos e barulhentos vinham até ela.

Sem perceber, Nonna continuava repetindo um encantamento que usara muitas vezes. As palavras do antigo encanto foram ouvidas pelos espíritos que, por muito tempo, haviam dormido na caverna. Ela sentia um calor incandescente no peito, que vinha do amuleto de Gudrun. Em algum lugar, muito distante, uma voz de mulher a proibia de seguir em frente. A voz sussurrava avisos, mas

Nonna continuava mesmo assim, rindo enquanto o fazia, sem parar de murmurar até sombras negras correrem para ela.

Espíritos congelantes e amargos agarraram Nonna com seus dedos escuros. Eles apunhalaram sua alma e giraram em círculos, gritando palavras assustadoras em sua mente e a motivando a repeti-las.

Sem poder resistir à tentação das figuras negras e, sob o controle das sombras perversas, Nonna passou a murmurar as palavras que elas ordenavam que dissesse, sem saber o que significavam. O amuleto de Gudrun queimava sua pele e a voz de mulher ecoava à distância, proibindo que continuasse. Ainda assim, ela fechou os olhos. Concentrando-se e juntando todos os poderes que possuía, Nonna começou, sem perceber, a conjurar forças que nunca havia desejado. A garganta queimava, a pele ardia e a sede parecia sufocar sua voz, mas ela continuava a repetir o encantamento.

No instante em que o frio congelante caiu sobre o corredor e a sombra cobriu a lamparina, Nonna percebeu, mesmo em seu estupor, que tinha concebido algo terrível. Os alertas da mulher, gritados em sua mente, fizeram com que virasse a cabeça. E então, ela viu dois olhos brancos brilhantes em meio à escuridão.

– O Senhor do Inferno... – sussurrou, e a escuridão desabou sobre ela.

O som monótono de água pingando aos poucos trouxe Nonna de volta da escuridão desolada. Ela abriu os olhos devagar e viu que olhava para a superfície escura e áspera de uma parede na qual linhas estreitas de água corriam.

Ao virar a cabeça, logo se arrependeu de tê-la movido. As dores de cabeça causadas pelos encantos nada eram se comparadas ao que sentiu no pescoço e nas têmporas. Quis gritar de lamento, mas apenas um ganido rouco saiu de sua boca e ele pareceu cortar seus pulmões.

Aspirando o ar com dificuldade, Nonna tentou se concentrar e lembrar o que houve. Fora o fraco círculo de luz, tudo estava escuro, a caverna molhada e escorregadia continuava ali e, por um instante,

ela não teve ideia de onde estava ou porquê. Fechando os olhos, as dores lancinantes aliviavam, por ora. Em seguida, no entanto, retornavam tão fortes quanto antes.

O chão de pedra da caverna era frio contra a mão de Nonna e ela teve a sensação de estar segurando algo. Abrindo os olhos, sem pressa, notou o punho contraído e, ao descerrá-lo, contemplou o amuleto de Gudrun que tirara do pescoço. As unhas haviam rasgado a pele ao redor do amuleto e a palma de sua mão estava manchada com sangue seco. Ver o amuleto a fez lembrar os fatos ocorridos e a dor de cabeça a atingiu ainda com mais força. Voltou-lhe à mente ter conjurado um hediondo espírito das trevas, mensageiro de Abaddon, o próprio Senhor do Inferno.

Tonta de pavor, ela moveu o rosto, esperando que a criatura aterradora a estivesse espreitando da escuridão com seus olhos brilhantes.

Gudrun a salvara. Nonna se lembrou de que foi preciso ouvir seus repetidos alertas para que, no último instante, ela agarrasse seu amuleto e ele lhe desse força para parar o encanto e exorcizar o espírito do inferno.

O pescoço de Nonna doeu ao colocar o amuleto de volta e, com dificuldade, fechar o pequeno ferrolho que havia entortado ao se abrir. Com um suspiro profundo, ela ergueu a lamparina, apoiou-se na parede pegajosa e se levantou, trôpega.

Sua sede era enorme e Nonna prensou a boca contra a parede molhada, apesar do nojo que transmitia, deixando a água com gosto de pedra correr para sua garganta. Refrescada, perguntou-se em que direção deveria seguir para voltar ao castelo. Decidiu virar à direita, na esperança de que fosse o sentido de onde veio.

Em certos pontos, a caverna descendia, formando pequenas poças de água suja, que lhe cobriam os tornozelos. Andando cambaleante um curto trecho, ela chegou a uma grade trancada, feita de barras de ferro tão grossas como pulsos. Estava coberta por ferrugem e algas verdes e era ladeada por uma grande poça, um pouco menos rasa. Lembrava-se vagamente daquelas barras. Se

levantasse a pesada trava que a mantinha bloqueada e empurrasse com muita força, o caminho ficaria livre.

Enquanto lutava com a porta de ferro, Nonna reparou que as dobradiças haviam se tornado tão enferrujadas que quase não se moviam, momento em que duvidou se teria escolhido a direção errada. Uma vez mais, a curiosidade que sempre a acompanhava foi maior e ela preferiu andar pela poça até vislumbrar outra escada – curta, molhada e lisa. Descendo seus poucos degraus, deparou-se com um buraco estreito, fechado por outra velha porta.

Fascinada, Nonna tocou na madeira de aparência muito antiga e constatou sua incrível robustez. Erguendo a trava com as duas mãos, pressionou o ombro contra ela e a empurrou com toda a força que conseguiu reunir. Sua cabeça latejava quando a porta abriu e o ar fresco de outono bateu em seu rosto, levando embora grande parte de sua exaustão.

Nonna se viu em uma área estreita, no meio do mato, que talvez fosse parte do leito do rio entre os montes do castelo de Barra Fria e do antigo círculo de rochas. Olhando por cima do muro feito de cardo, ela viu o céu preto da noite e as estrelas que nele cintilavam.

Havia acabado de encontrar uma passagem secreta para Barra Fria.

A noite caiu e tudo era uma quietude só quando Nonna, completamente exausta, seguia para o andar superior de Barra Fria com Fenris. Na lamparina, o coração negro da vela estava prestes a cair sobre a cera derretida e tremulava em seus derradeiros instantes. Os corredores estavam silenciosos e escuros. As unhas de Fenris faziam um ruído solitário ao caminhar bem ao lado de Nonna, dando apoio à garota extenuada.

Bocejando muito, ela virou ao fim do corredor e viu uma única vela queimando em um nicho de janela oposto ao quarto de Freya. Ulfar estava sentado dentro do círculo de luz amarelo-mel. Enrolado em peles de lobo e apoiado contra a parede, ele estava olhando pela janela, mas girou a cabeça quando Nonna e Fenris apareceram.

– Ah, são *tus* – disse, tão somente.

Ela viu o machado ao lado de sua mão. A luz da vela brilhava sobre o tamanho ameaçador da lâmina da arma.

– Fiquei pensando onde *tus* estavam. Está tudo bem?

Os olhos de Ulfar se surpreenderam ao ver que a menina se encontrava esgotada e trajava roupas imundas. O guerreiro tirou os pés do nicho e se esticou.

– Suponho que sim, como está Freya? – perguntou Nonna, colocando-se diante de Ulfar, lutando contra o impulso de bocejar. Sua dor de cabeça quase desaparecera, mas as roupas molhadas esfriavam demais sua pele.

– A Senhora está dormindo e *asshim deverria* estar. As *pesshoas* estiveram procurando por *tus* e seu urso também.

Nonna fez um gesto com a cabeça, sem dizer nada.

– Posso me sentar com você, por um instante?

Ulfar resmungou, moveu o machado e o jarro de água de sobre o banco para abrir-lhe espaço e puxou as peles para mais perto dele.

– A tempestade de inverno está se aproximando – disse, mexendo no cabelo com os dedos.

– Ninguém, fora Olvir e eu, visita Freya, certo, Ulfar?

Ele confirmou com a cabeça.

– Isso é bom. Quem lhe trouxe água, a propósito?

Ulfar fez uma expressão séria.

– O que há de errado?

Nonna relatou suas experiências, enquanto bebia dois copos de água morna, sem mencionar nenhuma palavra sobre o fato do rei ter sido envenenado.

– Terrível – disparou Ulfar. – *Asshasshinos*, eu os odeio mais do que qualquer um, covardes. A partir de agora, *pegarrei* minha própria água do poço, mas quem *estarrá* a salvo com um *conspirrador* no castelo? – praguejou Ulfar.

– Ninguém.

– Também já estive nas masmorras, lugar nojento.

– Há uma passagem secreta lá – disse Nonna, tentando descobrir se todos sabiam de sua existência.

Ulfar parou para pensar.

– Há um corredor para fora, mas seu outro lado foi fechado e desabou, há muito tempo. Era no *burraco* do monte sagrado e sua *abertura* ainda está debaixo da água, ninguém pode *atravessá-la* mais. Além disso, dizem que quando estava em uso também era trancada.

– Aconteceu algo estranho lá? – perguntou Nonna, sugestionando as coisas que viu, sentando-se em uma posição melhor. Ela não imaginava que Ulfar, que tomava conta de Freya sozinho, não tivesse nada contra ter companhia.

– O de sempre, um *espírito* mau vaga por lá – respondeu, com um sinal.

A curiosidade da garota foi atiçada e o cansaço diminuiu. Fenris veio para seu lado e colocou a cabeça em seus joelhos. – Espírito mau de que tipo?

Ele olhou em volta e se inclinou para mais perto de Nonna.

– No túnel, há um *espírito* maldito. Dizem que lá, *querro* dizer, nas masmorras, *erram* mantidos *asshasshinos* leais ao Senhor do Inferno. E *erram* deixados lá *parra* morrer de fome. Desde então, *espíritos* maus vagam por ali. Olvir jogou um encanto *parra* proteção e ninguém mais esteve lá, desde então.

– Qual foi a última vez que houve um prisioneiro?

Ulfar coçou a testa, pensativo.

– Há muito tempo. Alguns guerreiros safados *forram* pegos tentando roubar o navio de um mercador de *especiarias*. Acho que *fizerram* algo muito ruim *parra* o rei os jogar lá. Não *durraram* muito.

Nonna suspirou, sentindo que a conversa diminuiria o impacto que o espírito mau deixara em sua mente. Ela se sentia segura ao lado do guerreiro *berserker*, com Fenris do outro lado.

– Vocês bebem alguma coisa antes das batalhas? – perguntou Nonna, pensando nas ervas e venenos.

Ele fez um gesto afirmativo.

– Sangue – disse e sorriu.

– Ugh! – Nonna fez uma careta. – Mas outra coisa também, não é?

– É segredo – disse Ulfar e colocou um dedo na boca de Nonna.
– É uma bebida *sagrada*, feita pelo *grrande Vorni*. *Sempre* bebemos *entrrre* nós, desde o início dos tempos.

– Entre nós? Nós, os *berserkers*?

– Sim e entre os *guerreiros* brancos de *Vorni*.

– No culto de Forni?

Ulfar sorriu e mexeu nos cabelos.

– Bem, também é chamado assim.

Quando em Unha do Dragão, Nonna se tornou bastante interessada no misterioso culto de Forni, ao qual passou a suspeitar que pertencia Berenhard, seu tio por parte de mãe, antes dela nascer. Gunhilde lhe contou que ele partira de Nascente Negra para procurar o tal culto, cujos soldados eram tidos como os mais furiosos de todo o continente setentrional. Desde então, não mais fora visto. Ela já sabia que seu tio e Fenris eram entrelaçados pelas almas, mas não tinha muitas outras informações sobre o culto misterioso. Decidiu testar a sorte.

– Você conhece alguma história do culto de Forni, os guerreiros brancos?

– Muitas *histórias* são contadas *entrrre* nós – Ulfar confirmou. – Mas não se costuma contá-las *parra* outras *pesshoas*, muito menos *criancinhas*.

– Você já ouviu falar de Berenhard?

Fenris rugiu e a cutucou com o focinho. Nonna deu um sorriso maroto.

– *Perenhart...* Ovi *esshe* nome antes em algum lugar. – Ulfar levantou a cabeça e sorriu. – Ah, claro, *Perenhart*, o Forte, um *estrangeirro*. *Serria* ele?

Ela olhou para Fenris que parecia magoado. – Deve ser. Quem é ele?

– Infelizmente, só sei que foi morto, há muito tempo – lamentou Ulfar. – Ovi falar dele, por que tinha a reputação de *guerreirro* temido. *Erra* apenas um *garroto* quando se uniu ao culto pela *primeirra* vez. Naquela época, os *guerreiros* ainda viviam nos terrenos do velho templo.

– Que velho templo? – questionou Nonna, assumindo uma posição mais confortável, o cansaço quase desaparecendo, naquele instante.

O homemzarrão apontou para o norte com o dedo.

– Do outro lado do Bosque de Hiite, perto das terras de *Negrrum* e junto à *vronteira* com a Terra do Gelo. Há um velho templo de *Vorni* por lá, no meio da *Florresta* dos Sussurros. Dizem que um *guerreiro* do sul se recusou a deixar o culto. Então, foi enviado a muitas *misshões*, uma mais *perrigosa* do que a outra, *parra* provar sua *bravurra*. Ele voltava *verrido*, exausto, às vezes quase morrendo, mas mostrava sua *bravura*. Depois, fazia o *jurramento* de sangue.

As habilidades de narrador de Ulfar estavam longe das de Skafloc ou de Runolf, mas sua voz rouca fascinava Nonna e ela ansiava por mais.

– No *vim*, *Perenhart* foi levado para seu *grrupo* e, logo após, escolheu seu caminho. Desde então, as pessoas só *ouvirram* rumores sobre ele e que estava a serviço deste ou daquele Senhor e que *atavesshou* as terras da *Barridia* e da *Caldia*. Dizem que quer se vingar de alguém, se me lembro bem.

– Provavelmente, de um aristocrata de *Nawyr*, Gerhard de Campo Negro – interrompeu Nonna e sorriu.

– Pode muito bem ser *esshe* nobre de *Nawyr*, *issho* eu não sei. Infelizmente, só conheço duas canções em que ele é citado.

– Você sabe o que aconteceu a *Berenhard*?

Ele suspirou, enquanto forçava a memória. A luz da lamparina de Nonna morrera e eles estavam à mercê de uma única vela, que tremulava. A lua, quase cheia, espiava por detrás das nuvens, com sua luz azulada tremulando através do vidro áspero da janela pelo corredor. Ulfar cantarolou em voz baixa uma canção simples, tentando lembrar da letra.

– Longe, ao leste, uma batalha selvagem *voi* travada, na qual *Perenhart* notabilizou-se, pela última vez. Os *nawyrianos* invadiram até terras próximas ao Grande Tronco e saquearam um velho templo ou castelo, mas *Perenhart* e seus *guerreiros* os *alcançaram*. Os *nawyrianos* *vorraram* todos destruídos, seus navios queimados e o *tesouro recuperrado*, e *Perenhart* morreu com *sheus ferrimentos*.

A menina começou a chorar quando Fenris desviou o olhar para a escuridão. O urso se levantou e saiu, de cabeça baixa. Caminhou para a outra ponta do corredor e se sentou sob o luar, olhando fixamente para o chão, triste.

– O que aconteceu, então? Ele foi enterrado?

Ulfar acenou com a cabeça.

– O último dos *guerreiros* brancos carregou *Perenhart* até seu túmulo e colocou o *tesouro* lá também, *parra* que *Perenhart* pudesse levá-lo aos salões de *Vorni* e guardá-lo por toda a eternidade.

– O que era o tesouro? – perguntou Nonna, ainda mais curiosa.

– Não sei, algo muito valioso, *parra* ter sido trazido de tão longe.

Nonna franziu a testa, confusa. Uma suspeita estranha começou a fazer sua testa formigar.

– Trazido de longa distância? Para onde? Onde Berenhard foi enterrado, então?

Ele encolheu os ombros, como se Nonna já devesse saber.

– Aqui, ora! – respondeu. – Na *Florresta* dos *Susshurros*, entre os outros *heróis*.

O inverno se aproxima

GRANDE TRONCO
Outubro de 816

Um vento que parecia frio, úmido e que tinha cheiro de folhas, girava e girava sobre um patamar construído na encosta íngreme de uma montanha. Rochedos antigos eram cobertos por fendas, embora nenhum poder terrestre devesse ser capaz de quebrá-los. A grama crescia das rachaduras, o musgo manchava as rochas, gastas pelo clima, e o cardo crescia dos buracos protegidos pelas rochas, aqui e ali.

O cabelo de um preto profundo de Nereid voava ao vento enquanto ela estava de pé no patamar, olhando para a paisagem à frente.

Encontrava-se no Grande Tronco sobre o patamar mais alto do castelo dragão e se lembrava, há quase mil anos, como voava do penhasco e olhava em deslumbramento para o chão que se aproximava rápido e, no último instante, subia sobre as árvores, em direção ao mar que podia ser visto à distância.

Ela sentiu um nó na garganta ao recordar que voava sobre o reino de seu pai, na época em que a floresta era cortada por uma estrada que ia para uma cidade povoada por humanos.

Nereid amava os voos noturnos, na escuridão, em meio aos perfumes despertados pela noite e cercados pelo canto dos pássaros negros. O cheiro distante vinha da cidade dos humanos, que, em noites de verão, misturava-se com a névoa úmida dos pântanos da floresta escura e o aroma encantador das plantas doces. Toda aquela alegria fora arrancada dela, há oitocentos anos.

O ódio, naquele tempo, ainda lhe era desconhecido. Agora, porém, estava em seu coração para sempre. De pé na plataforma, ela viu o mar. Nunca esqueceria a última vez que esteve em cima do castelo do pai, olhando para o sul.

Era um dia claro e frio de outono. Nereid se lembrava de ter corrido para a plataforma assim que ouviu o alerta. Seu pai a segurava, enquanto observavam os navios cobrindo todo o horizonte. Sobre eles, grandes dragões-do-fogo do antigo Reino do Dragão voavam e ela ainda recordava as palavras de seu pai, pedindo para sua mãe trancar a cripta funerária e acordar os guardas dos corredores baixos para vigiá-la.

Logo após aquele momento de dor, Nereid seguira seus pais, partindo do patamar. Com fortes batidas de asas, eles voavam sobre a estrada que cortava a floresta e Nereid a via coberta por um exército com armaduras negras. Milhares de guerreiros marchavam para a costa para se unir ao exército do Salão Negro, que por meses lá se escondera, com a intenção de se defender das tropas invasoras do sul da Caldia do Leste. Dizia-se que o objetivo dos invasores era destruir o continente do norte para sempre, como vingança pelo Senhor do Inferno de lá ter iniciado sua guerra.

Nereid e seus pais se uniram aos dragões-negros e wyrms-negros que haviam ascendido dos esconderijos obscuros da costa. Nereid estava muito confusa, pois nunca participara de uma batalha. E aquela seria a encruzilhada mais terrível de sua vida.

Os dragões lutaram até meio caminho da costa. Os dragões-do-fogo queimaram dolorosamente as peles dos dragões-negros, com seus sopros flamejantes, mas não foram capazes de destruí-los. Nereid respondera aos ataques com encantos poderosos e com o fogo negro, que destruía tudo o que era vivo. Ela cumprira sua missão e deixara os dragões-do-fogo a cargo dos dragões-negros maiores e mais poderosos, enquanto penetrava, veloz, com as tropas que os protegiam. A rápida Nereid, como o pai a chamava, voava na direção dos navios como um raio e gritos de terror dos humanos eram ouvidos de longe.

O fogo negro cuspidor por Nereid engolia um navio após o outro, entre labaredas pretas e azuis. Flechas ricocheteavam nas escamas

de Nereid, enquanto voava para destruir as embarcações, cuja tripulação congelara de pânico e só conseguia se defender daquela forma do dragão solitário. Algumas flechas atiradas de lanças maiores haviam penetrado seu casco, mas nem a dor a parava e ela levava pessoas e navios de madeira à destruição, sem piedade.

De vez em quando, Nereid olhava para trás e via a luta selvagem entre os dragões. Dentre eles, seu pai, que evitava, com bravura, que os dragões-do-fogo voltassem para defender os navios de Nawyr. E, no momento mais aterrorizante de sua vida, até então, assistiu sua mãe cair sem vida nas ondas do mar.

Das ruínas do poderoso castelo, Nereid enxugou uma lágrima ao olhar para o mar, lembrando da imagem que a assombraria para sempre e dos eventos que se seguiriam.

Após ter feito o que foi possível para salvar a mãe de Nereid, seu pai fraquejou e um enorme e velho dragão-do-fogo o atacou com dentes e garras. A luta contra a morte de seu pai durou muito tempo. Enquanto a mãe ainda afundava, seu pai finalmente caía sem vida no mar. Nisso, um poderoso ódio nasceu pela primeira vez em sua alma.

Tomada por uma cólera indescritível, Nereid voou para o deque do maior navio, rasgou suas velas e matou toda a tripulação com suas garras, sem sentir piedade ou dó. Depois de atear fogo, jogou um encantamento sobre os wyrms, fazendo-os querer destruir tudo de modo selvagem. Ela própria voou de um navio para outro, destruindo-os com crueldade, antes que os vitoriosos dragões-do-fogo voltassem para detê-la.

Gravemente ferida, Nereid conseguiu escapar e voltar para casa, a tempo de assistir um grupo de dragões-do-fogo que a destruía por completo. A cidade humana e a bela floresta que a cercava estavam em chamas. Os pássaros negros haviam se calado, e tudo o que ela podia fazer era fugir o mais rápido que pudesse.

Voando por dias, com os dragões-do-fogo em seu encalço, alcançou uma planície congelada na qual nevava e enormes bestas-do-gelo construía um grande forte, no topo de uma montanha solitária.

Exausta, Nereid pôde apenas soltar um suspiro de terror ao ver um dragão-branco decolar junto ao forte e voar em sua direção. Nereid não tinha mais energia para lutar nem fugir. Mas Skald não pretendia destruí-la.

Gudrun, a misteriosa Senhora do forte da montanha de gelo, vestindo roupas completamente pretas, escondeu ambos nas profundezas da montanha, em uma cripta funerária. Embora os dragões-do-fogo que vieram mais tarde tenham passado quase um ano sitiando o forte, Gudrun não cedeu. Protegida pelas bestas-do-gelo e por sua própria mágica, manteve pulso firme, salvando as vidas de Nereid e Skald e, por fim, afastando os dragões-do-fogo.

Nereid deu um longo suspiro. Infinitas vezes, repassara todos os fatos em sua cabeça. De novo em um dos patamares do forte de seu pai, porém, o único que havia restado da destruição nawyriana, sentia pela primeira vez que encontrava paz de espírito das lembranças que a atormentavam.

Da cidade humana, nada sobrara, apenas pilhas de pedras cobertas de musgo, em meio às quais despontavam torres de vigia de hurgs e hiisis e suas cabanas molambentas. Não importava para onde Nereid olhasse, não era possível avistar uma única trilha de fumaça como sinal de habitação. Toda a vizinhança fora abandonada depois da guerra e as pessoas nunca mais retornaram. No entanto, as ruínas do forte de seu pai haviam sido abertas.

Milhares de trolls cortavam pedras e removiam os destroços. Seriam anos para o forte poder se livrar de todo o caos e sujeira deixado pelos nawyrianos e muitos mais para ser reconstruído. Ela acreditava que um dia cumpriria o plano.

Assim que os navios de Nawyr não representassem mais uma ameaça, após a chegada das tempestades de inverno, Nereid voltaria à Unha do Dragão para instruir Nonna no que ela precisasse. Quando a garota aprendesse os segredos dos antepassados, seria a vez de ela retribuir, ajudando a restituir a velha ordem à região deserta. Até lá, Nereid teria de esperar, o que a incomodava.

Ela levantou a mão, que segurava uma antiga pata de dragão cortada da pedra, incrivelmente bem-feita e detalhada com precisão,

cada escama parecendo real. Forças antigas emanavam dali e Nereid tocou o local em que o indicador do dragão fora extirpado.

Embora soubesse com exatidão o local em que ficavam o dedo médio, o indicador e o polegar do dragão, e apesar de procurar por eles, assim como milhares de trolls, hiisis e hurgs, só os encontrou em ruínas desoladas. Nereid já havia restituído todos os tesouros roubados de sua família, o que não seria suficiente para compensar o que ela perdera naquele objeto.

As montanhas deveriam ter protegido a cripta funerária de sua família, mas não foram páreo contra os dragões-do-fogo dos nawyrianos e os deuses humanos que carregavam. Cortada por sua ira, no fim da Guerra dos Deuses, ela desmoronou sobre o forte queimado e destruído. Centenas de anos mais tarde, hurgs, hiisis e trolls trabalharam sem trégua para desenterrar a cripta de debaixo dos escombros. Quando a alcançaram, enfim, notaram que o selo da porta estava incólume. Ninguém, nem ao menos Nereid, foi capaz de quebrá-lo. As ruínas se mantiveram intactas até que alguém assustou os guardas hiisis, quebrou o selo e desapareceu nas sombras.

Recuperados do susto, os hiisis repararam o selo quebrado e, com isso, puderam explorar a cripta funerária, descobrindo que os nawyrianos já a haviam invadido, por meio de uma fratura na montanha, profanando-a. Eles destruíram os cães do templo e tudo o que puderam, deixando para trás apenas destroços e lembranças enterradas.

Entretanto, não puderam destruir a estátua de dragão, colocada em um altar no ponto mais distante da cripta funerária. E, em uma fúria vingativa, quebraram a pata da estátua, levando o pedestal em que ela se apoiava.

Nereid olhou para o sul, além do mar. E amaldiçoou os profanadores de túmulos de Nawyr pelo que haviam tomado dela.

BARRA FRIA
Outubro de 816

Um leve toque acordou Nonna de um sono profundo. Ela estremeceu, esfregando os olhos, ainda sonolenta.

– Bom dia, bela adormecida – sussurrou Freya, com voz rouca.

– Freya! – foi o que Nonna conseguiu dizer, enquanto se sentava.

– O que você está fazendo acordada? Como você está?

Freya se espreguiçou ao se sentar no colchão e acariciava Fenris, que estava ao lado delas.

– Estou bem, mas minha memória não me diz o que aconteceu. Parece que estive dormindo por muito tempo, é verdade?

Nonna fez um gesto afirmativo e contou tudo o que se passou e também a suspeita de que ela própria bebera suco com veneno. Embora tentasse ser sensível e apoiá-la, Freya ficou ainda mais pálida e, no fim, caiu em prantos, escondendo o rosto em suas mãos trêmulas. Nonna a acalmou como pôde.

– Veja no que a envolvi – disse Freya, chorando. – Eles tentaram matá-la também. Devia ter ouvido os outros... Minha ganância é a causa disso tudo!

– Não, não é você! Nós não somos culpadas pelo que os outros fazem. Fenris e eu encontraremos o traidor e aí você poderá jogá-lo na masmorra. O principal é que você esteja saudável. Vou chamar Olvir.

Nonna se levantou, pôs seu vestido sujo e, prestes a deixar o quarto, foi segurada pela mão de Freya.

– Eu vou junto. Não há nada de errado comigo, a não ser fome – fungou.

Ao abrir a porta do quarto, a filha de Gunhilde quase foi atropelada por uma criada que corria. Uma luz forte vinha da janela e gritos de pânico podiam ser ouvidos por todos os lados. Piscando os olhos com força, para acordar de vez, ela viu Ulfar apoiado contra a parede da janela.

– O que está acontecendo aqui? – perguntou. As janelas estavam sendo abertas para ser protegidas por tábuas de madeira.

– O que eu disse antes: o inverno se aproxima. Uma tempestade está se aproximando, mais forte do que nunca. – Ele riu e se curvou para Freya que entrava no corredor, espremendo os olhos. Depois, de imediato, aproximou-se, parecendo protegê-la.

Um criado veio correndo, pediu desculpas e abriu uma janela, deixando o ar entrar e chicotear o rosto de Nonna. O criado abriu as dobradiças que seguravam as janelas, usou tábuas grossas para vedação e as recolocou. No corredor escuro, apenas linhas finas de luz atravessavam os buracos em forma de folhas de carvalho. Uma atmosfera misteriosa se espalhou por todo o lugar.

Freya agarrou a mão de Nonna.

– Estou com uma fome tremenda! – Entusiasmadas, começaram a correr para a torre, seguidas de Fenris e Ulfar.

As tempestades de inverno na costa ocidental de Noridium eram lendárias. Os ventos bateram contra as paredes geladas de Barra Fria, Nonna estremeceu e quase derrubou a colher de mingau. As lareiras no salão do rei estavam acesas e todos os habitantes da corte estavam sentados à mesa, para o desjejum matinal, quando as tábuas protegendo as janelas do grande salão bateram com toda a força, pela ação de um vento descomunal.

Em um piscar de olhos, as pessoas ficaram quietas e pararam de comer quando pancadas abafadas e um zumbido baixo surgiram de repente, do nada. As chamas das lareiras abaixaram com o vento que desceu pelas chaminés e, em seguida, cresceram em labaredas quando ele retornou ao normal.

Nonna olhou para as pessoas sentadas em volta da mesa com apenas uma pergunta na cabeça. Qual deles seria culpado pelas tentativas de envenenamento? Seus olhos pararam sobre Ingmar e Eirik, próximos dela.

O rapaz olhava fixo para Nonna com expressão de nojo e ódio. Ingmar a viu de relance e, recuperado da surpresa da tempestade, mostrou a mão ferida para uma senhora à frente. A presença de ambos a fez perder o apetite e ela empurrou o prato para longe.

Quando Olvir se levantou e foi para a porta principal, Nonna pediu licença para Freya e correu atrás do velho.

– Olvir! – gritou Nonna para ele, que estava no saguão, indo para o corredor rumo ao sul. – Alguma notícia do mensageiro? – perguntou. Olvir balançou a cabeça em resposta.

– Nem seria possível ainda. Uma viagem para o Monte de Hiite leva dois ou três dias.

– Pensei que ele fosse direto para Unha do Dragão – lamentou Nonna.

– Ah, não. Poucos aqui ousam ir a qualquer lugar próximo às planícies de Unha do Dragão, muito menos ao castelo. Não, o mensageiro está indo ao Monte de Hiite e Thovid, então, irá levar a mensagem até Unha do Dragão. – O rosto de Olvir ficou sombrio. – Apesar de agora a questão ter mudado mais do que esperávamos.

– Como assim?

Olvir balançou sua vara.

– A tempestade de inverno. Os presságios são que ela será mais forte do que qualquer outra. Ela será ainda pior no Bosque de Hiite. É provável que a Estrada do Norte fique inutilizável por dias.

A menina praguejou alto, fazendo Olvir rir.

– Não temos nada a temer, temos comida o suficiente e estamos seguros.

– Não, não estamos – respondeu Nonna, baixinho. – Ontem, bebi veneno em um suco e isso me causou delírios quando examinava os porões e por muito pouco não conjurei o espírito do inferno.

Olvir deu um passo para trás.

– Você fez isso? Eu pude sentir uma grande escuridão em volta, de fato. O que fizeram você beber e como?

– Tenho certeza de que estava em meu copo na cozinha, ou no suco. Fui até lá mais tarde, mas os copos haviam sido lavados e o suco jogado fora. Acredite, o assassino ainda está no castelo.

Freya saiu do salão do rei com muitas pessoas que a seguiam, tentando servi-la. Algumas delas a bajulavam tanto que Nonna começou a ter náuseas. Freya se virou para olhar para ela.

– Vamos continuar nossa conversa mais tarde, Nonna – sussurrou Olvir. – Investigarei isso. Tente encontrar o fantasma de Eymund e lhe faça perguntas, talvez consiga algumas informações. – Ele bateu de maneira paternal na cabeça de Nonna e desapareceu pelo corredor com sua capa esvoaçante.

Freya não entendia o que causava a atmosfera estranha e, de certa forma triste, que pairava a seu redor quando se sentaram no aposento da torre com suas paredes grossas, ouvindo o vento da tempestade. As rajadas não paravam de fazer as tábuas da janela bater e uivavam nos corredores e nas chaminés. A tempestade de outono trouxe consigo um frio congelante e os espíritos da neve do norte distante. Pelo lado de dentro, a neve mais leve entrava como um pó branco através das menores frestas, formando pequenos montes em volta.

Quando Nonna olhou pelos buracos das tábuas nas janelas, tudo o que pode ver foi a nevasca branca. Parecia que Barra Fria se assentava no meio de um tornado de neve selvagem. O vento lutava incansavelmente contra os muros enormes do castelo. Batidas e assobios abafavam os sons de conversas e as pessoas se agachavam quietas e temerosas, esperando que os espíritos do frio e a tempestade se acalmassem. Ou será que jamais se acalmariam e deixariam o forte e a cidade eternamente à mercê de sua fúria?

A presença opressiva do fantasma de Eymund estava entre elas, Nonna podia senti-la. A correnteza, que Freya achava ser apenas o vento que passava pelas paredes, era, de fato, a alma inquieta e amarga de seu pai, que vagava sem conseguir parar por um único momento. Nonna estava incomodada com os sussurros ululantes do fantasma, que formavam palavras confusas quando se avizinhava dela. E via como Freya estremecia de tristeza cada vez que o fantasma a tocava com seus dedos invisíveis e que não podiam ser sentidos.

Nonna não via o fantasma, mas sentia sua presença e percebia que o rei sentia tanta falta da filha que, embora soubesse que causava dor com sua presença, tinha de passar algum tempo perto de Freya. Quando o dia avançava, as energias do espectro iam se apagando e, assim que a escuridão caía por trás das janelas, ele partia e não retornava mais à noite. Freya suspirava aliviada.

– Parece que a tempestade está diminuindo – disse Freya. – Isso me fez pensar no traidor. Quem poderia ser ele?

Nonna encolheu os ombros.

– Qualquer um. Embora poucos de sua família pudessem fazer isso.

Freya riu com frieza.

– Sei o que quer dizer. Eles são inúteis demais para conseguir assassinar alguém. Seu tempo é tomado com conversas sem sentido, não com ação, meu pai costumava dizer.

– Freya, alguém acompanhava seu pai quando ele estava doente?

– Ah, todo mundo, é claro. Como assim?

– Alguém mais do que os outros?

Freya pensou um instante.

– Petrus. Meu pai acreditava que a cerveja era a única bebida limpa, com certeza, e bebia caneco após caneco. O próprio Petrus a levava para o quarto de meu pai. O que você quer dizer?

Nonna encolheu os ombros. Não podia acreditar que Petrus fosse culpado de envenenar o rei, embora, por outro lado, não confiasse em ninguém além de Ulfar e Olvir. Entretanto, alguém podia ter facilmente envenenado a cerveja, mas, uma vez que ninguém mais fora morto, o assassino teria de saber qual cerveja seria levada ao rei e quando. Petrus tinha cuidado com seus barris, ela sabia disso. Portanto, não acreditava que o veneno chegasse à boca de Eymund pela cerveja. Nonna se lamentou por não saber o que precisaria sobre venenos.

– Seu pai dormia sozinho?

– Depois que minha morreu, sim. Às vezes, eu dormia em seu quarto quando ele estava fraco, ou Olvir. Exceto isso, ele dormia só.

– A porta do quarto era mantida trancada?

Nonna percebeu que fora um pouco longe, pois Freya pareceu querer saber mais.

– Conte-me, o que você sabe? Você está pensando que meu pai foi morto? Ninguém ousaria fazer isso e Olvir disse que foi uma doença que o levou.

– Eu só estava pensando se alguém poderia ter entrado de fininho... – Nonna mentiu, mas a suspeita permaneceu no rosto de Freya por um momento, depois ela deu de ombros e enrugou a testa, preocupada.

– O que faremos? Podemos confiar em alguém? – Freya fez um gesto largo com as mãos, para uma audiência invisível. Fenris estava de pé junto à janela, lambendo a neve que entrava pelas fendas. Ulfar, sentado nas escadas a uma pequena distância delas, mastigava uma raiz que dizia acalmá-lo. Nonna se perguntou por quanto tempo ele conseguiria ficar acordado, considerando que também passara a noite desperto.

– Em Ulfar e Olvir, e Fenris – respondeu Nonna, com seriedade.

– Na cidade, há um mercador – falou Freya. – É Thorbard. Ele vende tudo aquilo em que põe as mãos. Muitos guerreiros levam saques valiosos para ele, após as batalhas. Certa vez, contou-me que tinha um amuleto com uma bela pedra verde que protegia seu dono de venenos. Naquela época, pensei que jamais precisaria de algo assim, pois ninguém já havia sido envenenado aqui.

Freya se inclinou ao lado do ouvido de Nonna.

– Você iria comigo à cidade quando a tempestade acabar? Vamos perguntar a Thobard se ele ainda tem aquele amuleto. Eu poderia comprá-lo e, com isso, você conheceria a cidade – cochichou, com entusiasmo.

– Ulfar deve vir conosco – respondeu Nonna, excitada com a ideia. Ela queria bastante ver a cidade e suas pessoas. Daí, teria algo a mais para contar à Freydis e às outras meninas de Unha do Dragão além de apenas ter passado todo o tempo dentro de um castelo cinza.

– Claro! – concordou Freya. – E Fenris também. Eu lhe mostrarei a praça do mercado, a pedra da corte e o ponto no velho muro em que certa vez uma bruxa do Salão Negro foi enterrada – Freya cutucou a amiga com alegria e começou a contar a história da bruxa maldosa que fora colocada dentro do muro.

Embora fingisse estar feliz, Nonna notava medo na linguagem corporal da jovem rainha. Freya temia por sua vida, Nonna estava certa disso.

Havia duas formas de sair do prédio principal de Barra Fria, excluindo o corredor secreto, e Nonna raramente queria usar a

oficial. Para ela, a entrada parecia pomposa demais. Então, mais uma vez, foi pela cozinha, passando por uma despensa de lenha.

Ela deixou para trás criadas desconfiadas na cozinha, e serviçais sentados junto ao fogo na despensa de lenha. As expressões em seus rostos eram curiosas e inseguras. Embora a nevasca parecesse bastante forte até para Nonna e, apesar de sentir a presença de muitos espíritos brancos do tempo frio, todos curiosos e marotos, não havia animosidade ou ódio neles e ela não queria sentir medo da tempestade como todos os outros. Em Noridium, eles haviam se acostumado com o clima gelado e com as nevascas e ninguém queria incomodar os espíritos do frio que faziam suas tarefas e cobriam a região com seu lençol branco. O povo ficava quieto e deixava os espíritos trabalhar.

Nonna abriu ligeiramente a porta da despensa de lenha, que deixava a neve passar pelas frestas entre as tábuas. O tempo frio e o vento haviam coberto de gelo até a barra de ferro.

Ela precisou duelar com o vento para que este não arrancasse a porta de suas mãos ao entreabri-la. Satisfeito, Fenris rugiu ao sentir o cheiro forte da neve e forçou a passagem para a neve macia que cobria todo o pátio.

Um redemoinho violento puxou a capa de Nonna e arrancou o capuz de sua cabeça assim que ela pôs o pé para fora. Ele agarrou seus cabelos e os espalhou em uma irritante desordem dançante. Inúmeros flocos de neve pálidos bateram em seu rosto quando ela empurrou a porta. Assim que se virou para olhar em volta, o frio e o vento fizeram com que ela perdesse o ar.

Hesitando por um momento, questionou-se se sua ideia impulsiva não era uma completa estupidez, se não teria sido melhor ficar no calor do interior do castelo, passando a noite com os outros. Ela apertou os olhos contra o vento cortante e limpou a neve do rosto para poder enxergar adiante.

Sob a cobertura da escuridão, o pátio era um campo de batalha de espirais de neve e de vento. Nonna mal enxergava além da própria mão, mas Fenris se divertia na tempestade. Ele já correria para tão longe que Nonna não o via mais e seus rugidos graves de alegria podiam ser ouvidos no meio da nevasca, enquanto ele se

deleitava no vento, no frio e no frescor intenso. Nonna puxou as luvas e se afastou da proteção do muro para o meio do vento.

Não era difícil para ela ver os espíritos do frio e alguns seres menores. As crianças do frio, que lembravam flocos de neve, flutuavam com a tempestade, circulando e fazendo com que tudo que tocassem se tornasse gelo. Por toda parte via-se espíritos brancos apagados que pareciam vagamente com humanos, filhos do gelo e da geada, que sempre gostavam de ficar com os espíritos do frio.

Pessoas normais raramente viam esses espíritos, ou mesmo nunca. Se viam, duvidavam e não falavam sobre o assunto com ninguém. Os espíritos perambulavam em meio à natureza – águas congeladas, gramados e folhas de árvores – com seus alertas sobre a proximidade do inverno e a queda das temperaturas sussurrados para os animais. Nonna aprendera a ver os espíritos do frio com a ajuda da irmã, Erna, e eles não tinham mais medo dela. Ao contrário, ousavam vir para perto de seus pés, cheios de curiosidade, enquanto ela caminhava com dificuldade, com Fenris seguindo alegremente diante dela.

O pátio escuro e tempestuoso não era muito atraente, mas Nonna queria algumas informações e só poderia consegui-las do fantasma de Eymund. Por isso, precisava ir até o salão do rei assim que pudesse. Tão logo Freya partira com Olvir para uma reunião importante sobre a segurança dos armazéns navais, Nonna tomara sua decisão. Sabia que o caminho para o velho salão era ainda mais perigoso em um clima como aquele, mas, sem deixar que o medo a detivesse, passou pelo buraco do muro para a baía do salão do rei.

Se dentro dos muros do castelo a tempestade era violenta, fora deles era indescritível. Nonna se segurou no pelo de Fenris como se sua vida dependesse disso, de modo que o vento não a levasse. Não ouvia nada mais além daquele uivo furioso e não conseguia manter os olhos abertos contra a tormenta. Ela abaixou a cabeça, protegeu os olhos com as mãos e confiou nos sentidos de Fenris, enquanto ele caminhava sobre uma camada fina de neve em direção à velha construção.

Quase nenhum animal, à exceção de ursos-do-gelo, claro, gostariam de sair em tal tempestade. Apesar disso, um gato viralatas sujo e com o pelo cheio de nós pôs a cabeça para fora pela porta da despensa de lenha, ainda entreaberta. Apertando os olhos contra a tempestade, ele olhou para as pegadas pouco visíveis da garota e do urso-do-gelo, cada vez mais cobertas de neve e levadas pelo vento.

A vontade do gato de seguir as pegadas era maior do que seu medo da força do vendaval. Ele começou a forçar o corpo ágil para sair. Nenhum dos serviçais sentados sob a proteção da despensa notou como o gato mudou de tamanho para passar pelo espaço e deslizar para a nevasca violenta. Lá fora, seu pelo se transformou em branco e isso não se deu somente graças à neve que caía.

O animal, que dentro do castelo era cinza e coberto de nós, já branco desapareceu na neve em meio à tempestade, e os espíritos do gelo e da geada abriram caminho ao ver seu real caráter.

No velho salão do rei, Nonna bateu a neve de sua capa e tirou os cabelos cobertos de gelo e neve de sobre o rosto. Fenris ficara do lado de fora, sentado ao lado do salão com o focinho apontado para a direção de onde a tempestade batia.

O local estava totalmente escuro e o vento que batia contra suas laterais o tornava ainda mais sombrio. As paredes rangiam, lutando contra a força das rajadas e Nonna não podia ver nada, exceto a escuridão soturna. Mais do que isso, sentia a presença deprimida e opressora do fantasma de Eymund. Seu poder emanava da direção do trono. Nonna bateu o joelho contra o banco junto à mesa, tentando encontrar o caminho para o centro da sala e para o trono.

O fantasma esperava do outro lado da mesa quando Nonna abriu um tubo longo que trouxe pendurado em seu cinto, e jogou pó de musgo-de-tumba na boca. Ela colocou os joelhos contra o peito e fechou os olhos, concentrando-se em apenas uma coisa: o fantasma furioso e impaciente de Eymund.

Arrepios subiram por sua espinha tão logo o fantasma cintilante de Eymund saiu da escuridão. Estava muito mais claro do que antes e, embora cintilasse, era claramente humano – como um homem em

meio à névoa, que, às vezes era mais visível e outras se apagava, quase desaparecendo no breu.

Os olhos de Eymund ardiam ao se dirigir para Nonna.

– *Tus* sabe que *criaturas* aterrorizantes *eshta escuridão* também esconde – O fantasma de Eymund perguntou por entre os dentes, sem mover os lábios. – *Passhei* minha vida entre *esshas criaturas* sem saber nada sobre elas – disse o fantasma, furioso.

– Como eu poderia saber? – respondeu Nonna, com insegurança. Na verdade, ela já ouvira falar que criaturas da escuridão sempre pairavam em torno de fantasmas, atormentando-os sem cessar. Além disso, suas próprias lembranças os assombravam, ainda mais do que quando eram vivos.

– Elas não me dão um momento de paz. Ódio e amargor, nunca achei que os *sentirria* tão fortemente. – O fantasma levou as mãos ao rosto e o tapou, enquanto tremia de modo doloroso.

– Vá para Hades, vá... – disse Nonna, calando-se quando o fantasma levantou a cabeça, colérico.

– Nunca, não antes de me vingar! – vociferou Eymund e bateu a mão na mesa, fazendo-a chacoalhar, de fato. – Nunca diga *issho* de novo, não *possho* ir *emborra* antes que o *asshasshino* esteja morto e minha filha a salvo!

– Conte-me o que você sabe – pediu Nonna, esperando que o fantasma se acalmasse. – Quem tentou matar Freya, você o viu? Eu sei que você estava lá.

Uma visão passou pela mente de Nonna recebida diretamente de Eymund para sua alma. Uma figura negra fantasmagórica, que parecia coberta por uma sombra. Eymund praguejou, desapontado.

– *Mim* não vi, o rosto não foi revelado por trás da sombra, por mais que *mim* tentasse.

– Você conhecia a figura? Saberria se a encontrasse de novo no castelo?

Eymund balançou a cabeça.

– Tudo o que sei é que ele ainda está no castelo. *Possho* sentir isso em meus *osshos*, sei que ele caminha entre as *pesshoas*, mas não sou capaz de dizer quem é.

– Há um bruxo no castelo? Ou em Barra Fria?

– Além de *tus*, quer dizer? – Eymund riu, balançando a mão brilhante. – Não, não há um bruxo no castelo. Na cidade não *possho* dizer, mas no castelo há uma *criaturra* que jamais vi igual.

– Um tenebroso.

– Um o quê?

– Um bicho de estimação de bruxo, ele segue seu dono por todos os lugares. É capaz de transformar sua forma e se esconder dos olhos dos mortais. Você sabe onde ele está? Na companhia de quem ele gosta de ficar?

– É um gato, mas sua *vorma* muda sem *parrar*.

– Você o viu com outra pessoa?

Mais uma vez, Eymund balançou a cabeça, decepcionado.

– Ele foge toda vez que me aproximo. E me assusta – sussurrou.

– Não teria jamais coragem de me aproximar dele.

Nonna indagou por um momento se ousaria perguntar ao fantasma o que desejava. Após um intervalo de hesitação, criou coragem.

– Negrum poderia estar por trás do assassinato?

Os olhos de Eymund se estreitaram com a suspeita. O fantasma levou a cabeça na direção de Nonna.

– Digo para *tus* que Ingolf é ganancioso e cruel, mas não é traiçoeiro. Não *possho* dizer o mesmo de Broddr. Recentemente, Broddr esteve em Barra *Fria* mais tempo do que antes.

– Com quem?

– Não sei. Broddr ficou no depósito e na cozinha, antes de o espantar.

A cozinha e o depósito pareciam ser lugares onde o assassino gostava de ficar, pensou Nonna. Ela começou a acreditar que um dos serviçais poderia muito bem estar por trás da trama. E lamentava o fato de não ter visto com quem Broddr falava.

– Você pode me contar qualquer coisa que possa ajudar? – perguntou Nonna, franzindo a testa.

– *Mim* não *shei*, mas *possho* falar uma coisa. A sua volta, sinto outros *espíritos* e um poder que me faz estremecer. *Querria* que você fosse mais velha *parra* que pudesse *garrantir* que o poder de Barra *Fria* permaneça aqui.

– Por que isso é tão importante?

O fantasma se aproximou ainda mais de Nonna. Ela podia ver seus olhos tão claramente que, por um momento, pensou estar olhando para um ser vivo.

– Enquanto nossa *vamília* governar no reino, o poder do Salão Negro não *chegará* aqui, *issho* é um *jurramento* que meu ancestral fez, certa vez, para os hiisis da Terra do Gelo. *Nossho* elo com os hiisis-do-gelo *asshusta* o Salão Negro e isso é uma coisa boa, pois há *vorças* sob a terra, em Noridium, que nunca *poderrão* ser desenterradas.

Eymund apontou para Nonna.

– *Tus* é uma bruxa e nada mais do que *parece*. *Tus* é capaz de ajudar Freya, *possho* sentir *issho*. Prometa que sempre *estará* do lado de minha filha e *farrá* tudo *parra* que ela fique no *trono* – disse.

– É claro que prometo, mas e se...

– *Tus shabe* o que fazer. Desde que os nawyrianos e o Salão Negro sejam mantidos *forra* de nosso reino e que o que estiver enterrado permaneça enterrado, Noridium *prevalecerá*, acredite em mim.

– Antes temos de pegar o assassino – disse Nonna, dolorida. A figura de Eymund começava a oscilar de sua vista e ela começava a sentir uma dor de cabeça e um cansaço que aumentavam rápido, perturbando sua concentração.

– Proteja Freya, bruxa... – sussurrou ele, com uma voz que se apagava, passando a ser abafada pelo som do vento. – Faça o que tiver de fazer!

Os olhos de Nonna passearam e quando tornaram a se elevar, o fantasma de Eymund havia desaparecido. Ela sentiu que ele ainda sussurrava, mas não conseguia mais entender as palavras.

A dor de cabeça lancinante latejava em suas têmporas e ela se levantou, cambaleante, puxou a capa e saiu para a tempestade em que Fenris a aguardava.

Enquanto lutava no vendaval, deixando o velho prédio, Nonna não percebeu um gato branco que pulou na neve do telhado e que

mudou de forma para uma criatura que se assemelhava a um morcego, voando com o vento em direção à cidade de Barra Fria.

Uma noite após o encontro com o fantasma de Eymund, Nonna conseguiu terminar de ler o grimório de Bjollok. Ela depositou o livro na mesa com pensamentos confusos e uma dor de cabeça persistente. Apenas as últimas palavras do capítulo final a fizeram entender do que o livro tratava, embora estivesse incomodada por uma runa apagada no pé da última página.

Pela primeira vez, havia lido sobre as energias que fluíam debaixo da terra, origem da energia de cada ser vivo e dos segredos e da magia de todo o povo dragão, desde o início dos tempos. Era como um rio brilhante fluindo no centro da Terra que, em determinados pontos, subia para mais próximo da superfície, causando estranhos fenômenos. Poucos conseguiam canalizar tais energias e usá-las para fazer mágica, mas os dragões – e talvez os gigantes – desde sempre as dominaram. Com o tempo, tornaram-se partes tão indissociáveis que passaram a vagar em seus corpos, misturadas com o sangue.

O coração de Nonna batia rápido, e ansioso, ao se aproximar de se conectar com essas energias. Ela acreditava que, afinal, estava por descobrir o segredo para usá-las, como Nereid e Runolf há tanto lhe falavam. Desvendar aqueles segredos a deixava impaciente e ela achou prudente desenhar a runa que via repetidas vezes em sua mente, antes que os sonhos a apagassem.

Para aprender o que pretendia, Nonna ainda teria de ler muito, pois transformar as forças da natureza em magia trazia muitos perigos. Dentre esses, sem dúvida, o maior era ser destruída como resultado de ser mera condutora entre ambas: forças e magia. Ela queria assimilar tudo, e logo, e se chateava ao perceber que levaria muito tempo e que não poderia começar de imediato. Não era sua intenção desperdiçar mais nada para aprender os segredos da bruxaria.

A tempestade ainda ressoava do lado de fora do castelo e seus sons eram carregados para o interior, até o velho aposento de Freya em que Nonna passava as noites. Seu entusiasmo era tão grande

que ela queria experimentar o conhecimento de Bjollok o quanto antes, algo impossível de ser feito dentro do castelo. O andar superior da fortificação estava a boa distância e, acima de tudo, havia um penhasco pedregoso em sua porção inferior. O provável, portanto, era que não conseguisse se conectar com as energias que fluíam debaixo da terra, por sua própria inexperiência, gerando uma forte dose de desapontamento.

Ela queria testar suas habilidades em algum lugar em que o sucesso fosse possível e decidiu que teria de encontrá-lo o quanto antes.

Bocejando, levou a cabeça ao travesseiro rude, puxou as cobertas, saudou deuses e espíritos e, depois, sua mãe e seu pai, que descansava em Hades.

CIDADE DE BARRA FRIA

Outubro de 816, duas luas antes do Dia de Inverno

A manhã começou fria e com neve. O vento diminuiu durante a noite e o sol surgiu em um céu azul límpido, clareando a cobertura de neve com sua luz abundante. O cheiro fresco do clima frio atravessava as paredes do castelo, enquanto as criadas e os serviçais circulavam com seus chinelos grossos pelos corredores, abrindo janelas e deixando o sol entrar para aquecer os ambientes que acordavam devagar, como se evitassem quebrar a calma trazida pela neve. Todos os sons eram abafados por sua pesada e gelada cobertura.

Os cachorros que haviam corrido para se abrigar durante a tempestade agora corriam excitados, latindo, com serviçais menos entusiasmados, vestindo casacos de pele, limpando a neve dos caminhos do pátio, do topo de carroças e de suas ferramentas. O sol, limpo e brilhante, era ofuscante. Os guardas abriam caminho na neve e trabalhavam para abrir o portão. O tempo frio, a neve e o gelo emperraram a ponte levadiça de tal maneira que só com martelos e muito esforço seria possível abaixá-la.

Freya abriu a porta de Nonna com tanto entusiasmo que a fez acordar gritando. Em resposta instintiva, Fenris rugiu, furioso.

– Levante-se rápido! – gritou Freya, correndo para Nonna e puxando suas cobertas. Ela agarrou sua mão, ainda sonolenta, e a levantou.

– Há mais neve lá fora do que você pode imaginar – emendou Freya, com excitação. Nonna, que limpava os olhos e bocejava, agradecia aos deuses que as janelas não abriam na direção do sol. Porém, a luz refletida na neve era tão forte que até apertou os olhos ao puxar as meias de lã e seguir para o corredor.

Freya passou correndo pelos homens de Ulfar, para o corredor leste, direto para o sol que inundava as janelas, abrindo a janela e se apoiando para admirar. O ar frio renovado entrou com abundância e fez com que o pó que saía das tapeçarias flutuasse preguiçosamente entre os raios de luz.

A paisagem era de tirar o fôlego. A área visível estava toda ela coberta pela neve que se acumulara em pilhas grossas e onduladas junto aos muros.

Além do topo dos muros, podia-se ver os telhados da cidade de Barra Fria e os corvos inquietos que voavam sobre eles. O tempo frio acariciou o rosto de Nonna e levou embora o sono e o ar abafado do castelo. Ela olhou para o sol que nascia e o deixou aquecer a pele e a alma. Tinha esperado por muito tempo pela chegada do inverno.

Encantada, Freya suspirou. Abaixo dela, serviçais limpavam a neve do pátio, criadas varriam os degraus diante da porta principal e cães corriam pela neve, ganindo e latindo. O portão já estava aberto, afinal, mas nem um único mercador ou qualquer outro habitante da cidade era visto caminhando no pátio, com a estrada como estava pela generosa camada de neve.

– Somos favorecidos pelos deuses – sussurrou Freya. – Uma primeira neve como esta só pode ser um bom presságio.

Nonna concordou e afastou os pensamentos que lhe chegaram à cabeça. Não queria pensar neles em uma manhã como aquela, embora fosse difícil.

– Hoje vamos para a cidade – disse Freya e desceu da janela. – Olvir exige que eu participe de uma reunião com construtores navais, se conseguirem chegar aqui, mas, depois disso, deixarei o castelo com você e Ulfar.

Freya olhou em torno e se inclinou para Nonna.

– Você encontrou alguma coisa à noite? – sussurrou.

Ela encolheu os ombros.

– Talvez. Acho que o malfeitor é um dos serviçais.

– Paspalhos! – disparou Freya, o ódio encheu seu rosto por um instante. – Você contou para Olvir?

– Ainda não. O gato, que vimos na cozinha, tem algo a ver com isso.

– O gato? Não o vi desde então, e você?

Nonna negou com a cabeça.

– Suponho que ninguém consiga chegar à Barra Fria por nenhuma estrada agora, não é?

– Depois de uma tempestade assim? Com certeza, não. Ela trouxe uma quantidade tamanha de neve para a Estrada do Norte, vindo do Monte do Dragão, que é impossível atravessá-la sem renas ou bons cavalos. A Estrada da Velha Floresta está em más condições há muito tempo. Por quê?

– Estava pensando no mensageiro, se poderá voltar do Monte de Hiite...

Freya pôs a mão no ombro de Nonna para tranquilizá-la.

– Sim, poderá, mas vai demorar. Não há renas em Monte de Hiite e, durante o inverno, mal temos notícias deles, de qualquer forma – lamentou Freya. – Ele terá de vir a cavalo, o que é lento e perigoso. Não é seguro dormir perto do Bosque de Hiite nesta época do ano, talvez nunca.

Nonna fez um gesto com a cabeça, lamentando. Tão cedo não teria resposta de Astrid a respeito da tentativa de assassinato de Freya. Precisaria se virar sozinha por muito tempo, esperando sobreviver de alguma maneira às tramas do assassino.

Com tal reponsabilidade nas costas, ela se flagrou preocupada, instante em que percebeu que não sentia a presença do fantasma de Eymund. Além delas, havia apenas dois serviçais no corredor, fora os guerreiros de Ulfar e de Olvir, que vinha em sua direção pelas escadas.

Ao se aproximar, ele se inclinou para Freya, e Nonna aventou um claro cheiro de terra, como se o velho tivesse rolado em um porão

de batatas. Olvir olhou preocupado para Nonna antes de virar o rosto para Freya.

– Minha Senhora, os deuses nos abençoaram com um belo dia de neve.

– Está tudo bem? – Freya franziu a testa ao notar o tom de sua voz.

– Tudo está bem no castelo, a tempestade, de fato, quebrou algumas tábuas das janelas, o que não é problema. Não há notícias da cidade, ainda. Entretanto, há algo que não é agradável para ninguém. – Mais uma vez, Olvir olhou para Nonna.

– Qual é o problema? – perguntou Freya.

– Ingmar. Ele exige um castigo para Fenris e Nonna, por ter sido atacado.

A raiva pulsou nas veias de Nonna, que fez menção de abrir a boca quando Freya levantou a mão, com a expressão séria.

– Decerto que não – respondeu, com firmeza. – A meu ver, Ingmar só pode culpar a si próprio. Recuso-me a discutir um castigo.

– Ele exige que o urso seja expulso do castelo ou preso nos estábulos – prosseguiu Olvir, mostrando-se entediado com o assunto.

– Prender o urso-do-gelo nos estábulos? – disparou Freya. – O que ele quer, desencadear a ira de Forni? Um dia, Ingmar se arrependerá de ser tão arrogante diante dos deuses.

Olvir balançou a cabeça, confuso.

– O quanto antes, melhor. Ele está lá embaixo, com seu filho, e se recusa a partir sem vê-la.

Freya suspirou.

– Não se preocupe com Ingmar, Nonna. Você tem mais o que fazer do que dar ouvidos a reclamações de pessoas preguiçosas. Venha depois ao salão, com Fenris, para irmos à cidade. – Ela deu umas batidinhas na cabeça do urso, acenou e saiu com confiança em direção à escadaria, com Olvir e alguns guerreiros a seguindo.

Espumando de raiva, Nonna correu para o quarto e se vestiu, voando. Enfiou os pés nas botas de pele, amarrou o cinto com suas coisas mágicas e jogou uma capa de peles nos ombros.

– Estábulos, está bem! Mostrarei àquele cretino – disparou Nonna, pegando sua vara e deixando o quarto. – Venha Fenris, vamos sair.

Nem o clima enregelado pôde apagar a ira de Nonna, sentada no dorso de Fenris, enquanto subiam a encosta íngreme. Os sons do pátio tinham ficado para trás e a neve os havia levado para um mundo único, no qual podia-se ouvir apenas o sussurro distante do vento e os sons abafados das ondas, que ainda se viam livres para explodir na costa, após o penhasco.

Os rochedos do círculo de pedras cintilavam, ocultos sob o gelo, e Fenris dava os últimos passos no topo deserto da colina congelada e intocada.

As patas de Fenris quebraram a camada fina de gelo e afundaram dentro da nova cobertura de neve. Nonna sequer supunha quanta neve caíra em Barra Fria durante a primeira nevasca do ano e a espessura da cobertura branca a surpreendia. A preocupação e a raiva causadas pelo desejo amargo de vingança de Ingmar a seguiram desde os muros do castelo e ela pulou de Fenris, ainda furiosa, assim que chegou à primeira rocha.

Lá, sem dúvida, haveria um forte elo com os poderes mágicos fluindo debaixo da terra, pensou Nonna. Quando o mar separava o monte do castelo e o monte sagrado e naquele local havia apenas uma baía rasa coberta por juncos, sem qualquer sinal de cabana da região de Barra Fria, as rochas foram dispostas.

Os rochedos verticais eram muito maiores do que Nonna. Suas superfícies eram cobertas de rachaduras e musgo, sendo visível o estrago do tempo sobre runas, em vestígios. Sobre as doze pedras havia um altar de pedra horizontal.

O círculo era sagrado, disse Nonna sabia. Durante os ritos funerários de Eymund, ninguém, além de Olvir, ousou pisar além das rochas.

A raiva causada pelo maldito Ingmar foi a gota d'água para Nonna, que decidiu que iria encontrar já o lugar em que testaria sua capacidade de controlar o poder da terra com sua magia, sem dar a mínima para os perigos da tentativa. Os alertas de Nereid e Runolf

foram soterrados pelo ódio causado por Ingmar e os possíveis impactos do experimento se apagaram de sua lembrança.

Ela também não se importava com o fato do período da manhã não ser o ideal para uma conjuração de forças. Não suportava a ideia de esperar mais uma noite e de haver uma possível nevasca que a prendesse atrás de paredes grossas, outra vez. Mais do que tudo, queria experimentar o que aprendera de Bjollok e, naquele momento, provar seus poderes para si própria e mostrá-los para Ingmar e os outros, apesar de não estarem lá para assistir.

– Por favor, perdoem-me, se perturbo sua paz. – Nonna disse, tomando coragem e entrando no círculo de rochas com os olhos fechados, esperando receber um presságio furioso dos espíritos que protegiam o círculo ou dos deuses em cuja honra os rochedos haviam sido erigidos, certo dia.

A superfície de gelo rachou sob a bota de Nonna e seus pés afundaram na neve. Um corvo foi ouvido, como se desse um alerta, mas ela não prestou atenção. Ao contrário, dirigiu-se para o centro do altar.

Em sua lateral, observou um grupo de nomes e datas escritas em runas quadradas claras. Por um momento, correu os dedos pela superfície, perdida em seus pensamentos, e leu em voz baixa os nomes que ouvira antes, em Praia Perdida e Unha do Dragão.

Nonna ouviu os passos de Fenris atrás, enquanto ele caminhava para a beira do penhasco para sentir o aroma da brisa marítima. Ela limpou a neve do altar e pensou no que fazer. Só recordava um único encantamento com o qual poderia testar seus poderes, mas jamais o havia usado após aprendê-lo do antigo pergaminho. O encanto do fogo negro lhe veio à mente e ela sabia que podia usá-lo quando bem pretendesse, ainda que nunca o tivesse colocado em prática. O pergaminho de encantos em si continha o poder necessário. O fato, porém, é que ela não dispunha dele naquele instante.

O risco de seguir seu intento com poderes reunidos apenas por si era real. Nonna tinha consciência de que lhe faltava aquele poder e de que não era possível sua obtenção em grau suficiente em lugar

algun, exceto em fogueiras e tochas – se ela o tirasse de seres vivos, estes poderiam morrer por causa disso.

Ao descalçar as luvas, ela agarrou sua vara com as duas mãos e o bateu com tamanha determinação e força que certamente conseguiu atingir o solo firme sob a neve. Sem pensar mais, fechou os olhos, concentrou-se e começou a repetir sem parar o encanto de Bjollok, lido na noite anterior. Devotando-se com seriedade, balbuciou as palavras que o velho bruxo escrevera sobre um pergaminho amassado, centenas de anos antes. Elas deveriam criar uma conexão com os segredos fluindo debaixo da terra.

Alcançando seus pensamentos na profundidade de sua alma, ela colocou todos os poderes espirituais que dispunha nas palavras que repetia. Pouco a pouco, estas começaram a vir mais rápido e mais claras de sua boca, tudo em volta pareceu desaparecer e o mundo de Nonna consistiu apenas da superfície da terra e do encanto de bruxo que ecoava em torno de si.

Subitamente, sentiu que algo mudava, como se uma criatura se movesse dentro dela e a fizesse estremecer. Ela vivenciou uma transformação, seguida por uma lembrança muito clara de Skafloc, Cerbiurus e Gudrun.

Nonna se sentiu tonta, como se um portal nascesse dentro dela, explodindo em chamas. O portal estava entreaberto aos segredos que a aguardavam nas profundezas da terra.

As energias que fluíam no subterrâneo pulsaram em sua mente com tamanha velocidade que ela não pôde controlá-las. Ela abriu os olhos e viu que tudo reluzia e brilhava, tanto que até as sombras mais escuras das pedras eram como figuras enevoadas. Sua pele formigou como em uma tempestade de trovões, sua cabeça e seu peito pulsaram. Ela sentiu falta de ar e teve medo de morrer, por não ter capacidade de liberar a energia que ainda lhe chegava. Vendo que havia esquecido o encanto do fogo negro, o desespero preencheu seu coração.

Naquele instante, para sua surpresa, ouviu-se uma voz atrás de Nonna. Ela se virou e o susto liberou a energia que havia colhido dentro de si.

Seguiu-se um som parecido com uma rajada poderosa de vento e os poderes mágicos da menina acertaram o peito de Sibyrht como um golpe invisível de uma marreta. Gritando de dor, o homem voou vários metros para trás, caindo de costas sobre a neve.

Nonna gritou de terror e recuou um passo, tendo sido despertada pelos poderes mágicos liberados. Ela se segurou em uma coluna de pedra, com faíscas voando dos olhos, e nada foi capaz de fazer a não ser ver o jovem assustado que subia o monte, correndo, e se ajoelhava ao lado do velho deitado na neve.

Ealhere levantou o rosto e gritou colérico em alguma língua que ela não reconheceu. O jovem se ergueu, jogou a capa para o lado e agarrou a espada de seu cinto, em fúria e ódio.

A luz do sol refletiu na larga lâmina da espada com um brilho mais forte que um raio e ela pensou ter ouvido um som com o vento quando ele levantou sua arma, ficando em posição de ataque. A cabeça de Nonna rodopiava e o sol refletido na lâmina da espada a cegava. Naquele momento, Fenris surgiu a sua frente, rugindo ferozmente.

O jovem soltou uma palavra desconhecida com nojo e ódio e estancou com rapidez. Fenris rugia diante de Nonna com sua ameaçadora cabeça voltada para Ealhere. O guerreiro olhou para os muros de Barra Fria e pareceu notar algum movimento, pois logo repôs a espada na bainha e retornou até o velho, inerte. Fumaça subia da capa de Sibyrht, enquanto o jovem o levantava nos ombros, como se fosse leve como um saco de batatas, e começava a descer a encosta que levava ao círculo de rochas.

– O que... – resmungou Nonna, impotente e atordoada.

Ela tentou se segurar com as mãos na coluna de pedra, mas, por alguma razão, a escuridão caiu rápido demais, como se uma nuvem escura houvesse ficado em frente da luz do sol. Só teve tempo de sentir um pelo frio contra o corpo, ouvir o rugido distante de Fenris e sentir um cansaço enorme e infinito tomá-la em seus braços.

Nonna sentiu afundar, suas mãos sobre o altar de pedras se tornaram fracas e ela caiu inconsciente sobre a neve.

Gritos distantes levantaram Nonna da profunda escuridão para uma forma enevoada e suave. Em vez do nada, ela começou a sentir o frio em seu rosto e detrás dos olhos fechados, passou a ver sombras escuras em movimento. Depois, ouviu estalos e o zumbido de uma brisa agradável. Além dos sons e visões acalentadoras, identificou a voz distante de uma menina, que despertou imagens familiares em sua mente. Ainda muito sonolenta, ela abriu os olhos contra a luz forte e o mundo a seu redor renasceu.

– Olvir, ela está acordando! – gritou Freya e o rosto preocupado coberto por peles da jovem surgiu como que do nada diante dela. – Nonna, sou eu, Freya! – exclamou, percebendo que a amiga parecia perplexa.

Alguém se ajoelhou atrás dela e o rosto de Freya foi substituído pelo rosto enrugado de um velho. Nonna precisou pensar bastante para se lembrar de Olvir.

– Onde está Fenris? – Nonna conseguiu dizer, com uma voz não muito diferente da de um corvo. Sentia a garganta grossa, e o simples fato de engolir saliva se tornava algo muito penoso.

– Aqui, ao lado, espere um pouco – disse Olvir e limpou seu nariz com um pano manchado. Nonna ficou horrorizada ao ver que o pano ficou vermelho com sangue fresco.

– O que aconteceu? – perguntou Nonna, virando-se. Ela estremeceu com a enorme dor que refletiu do pescoço em seus olhos, cegando-a com uma rajada de faíscas. Apesar disso, esticou a mão e tocou o pelo de Fenris.

– Acho que só você pode nos dizer o que aconteceu – respondeu Olvir, em voz baixa. – Não sabemos. Os guardas disseram que algo estranho estava acontecendo e a encontramos aqui, deitada no chão.

Uma voz masculina foi ouvida adiante e gritava algo sobre pegadas. Olvir se levantou dando o pano para Freya, que estava sentada ao lado dela.

– De onde vem esse sangue? – perguntou Nonna.

Freya limpou-a de novo e sorriu.

– De seu nariz, mas não se preocupe, não está sangrando mais tanto. Você precisa de roupas limpas, que lhe darei. – Freya se

inclinou bem perto de Nonna. – O que aconteceu, você se lembra?

Tentar lembrar era doloroso, pois cada lembrança levava a outra e a sucessão de imagens tornava a entontecê-la.

– Eu reunia minhas energias para uma magia. Estava brava com Ingmar – começou Nonna e Freya suspirou de horror, levando as mãos à boca. – Daí, alguém surgiu em minhas costas, eu me assustei e algo aconteceu. Só me lembro de um velho caindo na terra e de um homem que tinha uma espada brilhante.

– Isso foi visto dos muros, também. O brilho alertou um guarda, que viu que algo estava acontecendo no monte, conseguiu ver a grande forma do urso-do-gelo e nos alertou. Quando chegamos aqui, você estava caída no chão toda ensanguentada, com Fenris a seu lado, e ninguém mais que pudesse ser visto.

Nonna começou a sentir o frio contra suas costas, que estavam até adormecidas, e se sentou. Quando o torpor inicial começou a passar, o frio passou a dominá-la por inteiro. A dor não era tão ruim como antes e ela se virou para olhar em volta.

Sobre o monte com o círculo de rochas havia cerca de uma dezena de guerreiros armados. Três dos *berserkers* de Ulfar estavam de pé, atrás de Freya, com seus cabelos cheios de nó e apenas coletes de pele cobrindo os peitos nus. Nas costas de cada um, levavam lanças curtas e eles seguravam espadas de aparência cruel com lâminas largas. Um pouco para a frente, Olvir estava de pé com dois guerreiros, olhando para as pegadas na neve. Fenris estava sentado ao lado de Nonna, cutucando-a sem parar com seu focinho.

Ao ver sua vara encostada contra a coluna de pedra, Nonna se lembrou da sensação vivida um pouco antes do velho aparecer atrás dela. Os alertas de Runolf e Nereid lhe voltaram à mente e ela entendeu seu significado, balançando a cabeça e agradecendo aos deuses por ter sobrevivido. Mas não teve certeza da situação do velho. Nonna percebeu que dirigiu todo o poder que coletara contra uma pessoa desconhecida e ficou aterrorizada com o dano causado.

– Não sei quem eram eles, o velho e o jovem – disse Nonna, pensativa. – Sinto que no velho há algo... – Ela estremeceu e segurou os ombros de Freya.

– Eu conheço o velho! – completou. – Ele era o homem que estive algumas vezes no pátio do castelo, observando algo. Você o viu?

Freya balançou a cabeça.

– Muita gente vai até lá, não lembro de todos.

– Havia algo estranho nele, desde o início. Nefasto – Nonna pensou alto.

– As pegadas desaparecem na estrada e se misturam com outras – mencionou Olvir, aproximando-se de Nonna e Freya. Esta contou para Olvir o que tinha acabado de ouvir, apenas com um pouco mais de entusiasmo.

– Pelo menos você não matou o velho – disse Olvir, franzindo a testa e soltando vapor ao respirar. – Ao chegar à estrada, ele voltou a caminhar, ajudado pelo homem que o carregara antes. – Olvir acenou em direção ao castelo. – É inútil ficar aqui, voltaremos ao castelo antes que Nonna morra de frio e continuaremos lá nossa conversa. Minha Senhora, há uma coisa, porém. Seria melhor não comentarmos com ninguém sobre o que ela estava fazendo aqui. Bruxaria e mágica dão asas à imaginação das pessoas.

– Você está certo, não darei um pio – prometeu Freya, enquanto ajudava a colocar Nonna no dorso de Fenris.

– Você ainda tem energia para ir à cidade? – perguntou Freya, tímida.

Nonna assentiu com a cabeça, levou a caneca aos lábios e experimentou a bebida amarga que Olvir preparara. Quando procurou um lugar para cuspir o pavoroso líquido, seus olhos foram de encontro aos de Olvir, atentos, e ela se viu obrigada a engolir tudo, com relutância.

Aquilo queimou em sua garganta, mas espalhou um intenso calor por seu corpo, eliminando o suor frio que a assombrava desde o monte.

– Ruim, não é? – sussurrou Freya, com expressão de nojo. – Também não sei o que tem aí. Tomo isso desde pequena, mas, acredite, até hoje não me acostumei com o sabor.

Nonna estremeceu de repulsão.

– Beba tudo. Quanto pior, melhor é – disse Olvir, à distância.

Elas se sentaram no canto mais distante do salão do rei, enquanto os homens de Ulfar guardavam as três entradas. Os eventos no monte haviam atiçado a curiosidade dos habitantes do castelo e os curiosos que haviam tido tempo de subir no muro, incluindo o filho de Ingmar, haviam se amontoado em volta deles assim que retornaram.

Olvir afastara todos, sentando-se com as garotas no grande espaço, onde a luz do sol que entrava pelas janelas brilhava em diferentes objetos e animava as decorações antigas das tapeçarias. O pó, espalhado por uma incansável correnteza de ar, flutuava calmo sob a luz do sol e as chamas preguiçosas da lareira traziam uma atmosfera quente para o salão.

Nonna relatou a sequência dos acontecimentos para Olvir, com a cautela de sussurrar algumas das situações para que Freya não as entendesse. Depois de ouvir a história, o adivinho se recolheu em uma poltrona para pensar e deixou as garotas sozinhas, com Nonna duelando com aquela beberagem intragável. Após ela beber a última gota e empurrar a caneca para bem longe, com expressão de repulsa, ele se levantou e se dirigiu para perto de ambas.

– Não sei nada sobre o velho que você viu, mas o clarão me fez lembrar certa história, a do Espírito da Primavera – o tom misterioso de sua voz trouxe arrepios à espinha de Nonna. – Acho que nem Freya chegou a ouvi-la – continuou, inclinando-se para mais próximo das duas.

As meninas se entreolharam e até Fenris se aproximou, empurrando o focinho para mais perto de Olvir.

– Por onde devo começar? – ele tocou sua barba. – O Espírito da Primavera é uma espada lendária, uma das armas batizadas com nome das estações, feitas no Reino do Dragão, há muito tempo. O pai de todos os deuses, adorado pelos nawyrianos, deu a seus filhos a tarefa de conceder a própria bênção a cada uma das espadas. O Espírito da Primavera foi abençoado por sua filha, Deas, famosa pela beleza.

Olvir parou um pouco e olhou para a claridade do sol, antes de prosseguir.

– Dizem que a espada brilha de maneira ofuscante, quando retirada da bainha. Ela cega seu inimigo e suspira como o vento da primavera quando é agitada e nenhum mortal sobrevive a seu golpe, ao menos deste lado das forças da escuridão. Parece que a espada foi usada na conquista do Salão Negro, na Guerra dos Deuses. Na época, matou centenas de súditos do Senhor do Inferno, antes do fim da guerra.

– Você está sugerindo que tal espada foi usada para ameaçar a Nonna? O que uma arma dessas estaria fazendo aqui, nas mãos de um caipira? Com certeza, vale mais do que ouro – afirmou Freya.

Olvir fez um gesto de concordância e sorriu, maroto. – Bem, o fato é esse. Ela nunca se encontraria nas mãos de qualquer um, somente nas de um herói.

– Um herói? – Nonna perguntou, por sua vez.

– Sim, um herói. Assim como temos nossos próprios heróis, Brand, Ulfr, Sleggja e muitos outros, os nawyrianos também têm seus próprios heróis. Eles supõem que os mais fortes são descendentes diretos dos deuses, ainda mais ferozes do que os dragões. Dizem que um deles é Ealhere, o Modesto. O mesmo Ealhere que, há séculos, matou o próprio filho do Senhor do Inferno, o mais cruel dos sacerdotes do Salão Negro – não ousou dizer seu nome agora. Não conheço mais nada a respeito de sua família, só que é um de seus maiores heróis.

– Por que é chamado de Modesto? Não é um apelido diminutivo para um grande herói, cuja espada matou centenas de inimigos? – perguntou Freya.

– Imagino que quem possua uma arma desse porte e fica sujeito a esse tipo de poder até consiga ser piedoso, traço inerente aos tipos modestos. – disse Olvir.

– Um herói de nosso maior inimigo teria matado Nonna e Fenris de maneira cruel e sem piedade. Com certeza, estamos lidando com uma espada comum, na qual o sol refletiu, não é? – raciocinou Freya, procurando o apoio de Olvir para suas palavras. Ela temia a ideia de que um personagem como esse estivesse alojado em sua cidade e não podia crer que tais lendas viessem acabar em Barra Fria, pelos mares.

Olvir riu e passou a mão enrugada no rosto da garota.

– Duvido que tenha sido tal herói com sua arma, a história que eu conhecia apenas me ocorreu. Ouvir histórias nunca ruim, afinal.

– Você devia ter nos alegrado com uma história sobre nossos próprios heróis, como Skeggja – Freya usou um tom desapontado na voz.

– Quem é Skeggja? – perguntou Nonna.

– Skeggja-Oco é um dos caçadores de crânios que perambularam na fronteira entre Bariadia e Noridium, dizimando inimigos de Valgard – respondeu Olvir. – Um de nossos guerreiros mais temidos, a quem até Ealhere recearia.

– Por que Oco? – Nonna se perguntou, em voz alta.

– Porque sua alma é oca e fria e nunca hesita no instante de abater um adversário. Ele monta um velho cavalo preto de guerra, similar ao de Asbrand, de Unha do Dragão, e carrega consigo uma enorme marreta com a qual golpeia qualquer um – disse Freya, com medo e admiração. – Nunca o vi, mas meu pai sim, uma vez, e não desejou mais chegar perto dele. Sleggja adora um deus louco, Höggvandil, que dizem ser tão cruel que algumas pessoas o confundem com ele.

Uma questão interessante incomodou Nonna. Quando Freya se calou, ela levou os olhos para Olvir.

– Sobre aquelas espadas. Se há uma para cada estação, qual é o nome da espada do inverno e quem a abençoou?

Olvir levantou a cabeça para o alto e coçou a barba, pensativo.

– Se não estou enganado, seu nome é Canção do Inverno e foi abençoada pelo irmão gêmeo de Deas, que se chamava Riarch. Nunca se contou muito sobre ele, há mais histórias e canções sobre Deas, por sua beleza – disse Olvir, enrubescendo.

– Chega de falar sobre essas coisas – interrompeu Freya, com voz séria. – Não quero mais ouvir histórias sobre o povo do sul, suas armas e heróis. Olvir só devia ter desenterrado de sua memória histórias de nossos próprios heróis, como Skafloc ou o aterrorador Sleggja, o que nos teria animado muito mais. Vamos, Nonna – disse Freya e se levantou, segurando-a pela mão.

– Ulfar, junte seus homens. Siga-nos, estamos indo para a cidade
– ordenou Freya, correndo para a porta principal e de lá para seu quarto.

A estrada do forte até a cidade descia a encosta em zigue-zague, como um simples caminho que as poucas pessoas que se deram ao trabalho de ir para o castelo haviam formado com seus passos sobre a neve. Os telhados escondidos sob a neve cintilavam com a luz do sol da tarde, os muros e os taludes estavam praticamente soterrados e a paisagem vista da encosta do castelo era um cobertor branco que se estendia por toda parte. A fumaça que subia de dezenas de fornos formava uma camada quase invisível de névoa. Todos os sons da cidade eram abafados pela branquidão.

Fenris andava sobre a neve profunda, trazendo Nonna em seu dorso, vestida com suas novas roupas de inverno, de cor cinza. A seu lado, Freya usava uma longa capa de peles. Parte dos homens de Ulfar seguia à frente, abrindo caminho, e parte atrás, protegendo a jovem soberana. Ninguém mais que usava a estrada esperava uma ordem para sair. Os poucos que cruzaram com eles se afastaram, sem reclamar, ficando parados no lugar por um bom tempo, antes de continuar a viagem, olhando sempre para trás.

Do alto, a cidade de Barra Fria tinha, segundo Nonna, o tamanho aproximado de Barra do Alce, onde permanecera dois anos, antes de seguir pela primeira vez para o reino do norte. Barra Fria parecia animada e era muito densamente construída. No meio da cidade, havia uma grande praça, que ela supôs ser o mercado, sobre ao qual corvos planavam entre pássaros menores.

Vozes altas e um sem-número de pessoas a cercaram já nas primeiras casas e depósitos. Nos limites da cidade, na encosta do castelo, ficavam construções antigas simples. Erguiam-se também casas mais novas, com dois ou três andares, estreitas e de aparência bastante singular. Algumas eram feitas de grandes troncos, outras de tábuas e, em certos casos, de pedras. As paredes possuíam janelas de diferentes tamanhos e formatos. Nas laterais, escadas e patamares de construções menores. Aqui e ali, os parapeitos das janelas eram decorados com formas talhadas, pinturas e relevos de

várias dimensões distintas. Sobre algumas portas, bandeiras, flâmulas e placas de diferentes cores eram penduradas em suportes de metal. Elas continham figuras de cavalos, cães, carneiros e até trolls, com textos que explicavam o ramo de atividade envolvido. Nonna viu ferreiros, alfaiates, ourives, contadores, vários tipos de vendedores de alimentos, fabricantes de barris, de papel e até uma oficina de escovas.

Todas as ruas da cidade estavam cobertas de branco, mas haviam sido limpas o suficiente para se andar sobre elas e grandes pilhas de neve se acumulavam contra os muros das casas e em cruzamentos. As crianças corriam por toda parte, com as roupas já brancas de tanto se jogarem bolas de neve, indo de encontro às demais pessoas, que andavam para lá e para cá. Gatos e cachorros vira-latas conviviam em relativa harmonia e Nonna flagrou um porco, fugindo de um homem gordo que praguejava, com rosto vermelho.

Ela tentava apreciar o movimento a sua volta, embora tudo parecesse um pouco opressivo e barulhento, apesar da neve brilhante e do dia bonito.

Os passantes e as pessoas paradas se afastavam sem resistir quando o grupo de Freya se aproximava. Ulfar empurrava sem dó qualquer um que se aproximasse, por acidente ou não, e acompanhava cada movimento da menina.

Freya mostrava a cidade para Nonna, explicando tudo em voz alta, como forma de se mostrar à população. Donos de oficina corriam para fora de seus estabelecimentos para cumprimentar a Senhora. Alguns conseguiam alcançá-la, de fato, enquanto outros eram detidos pelas mãos firmes de Ulfar ou de seus homens. Nonna se sentia encantada, mas não com a cidade em si. Ela dava preferência aos detalhes que via: ferramentas, capas, tapeçarias, joias, armas e objetos pendurados em paredes, uns mais estranhos do que os outros.

Em meio às pessoas comuns, havia aquelas com cavalos, renas e carros de boi, com toda a aparência de visitantes de outras regiões. E ela ouviu o canto e a música vindo tavernas e estalagens. Depois de caminhar pelas ruas por bastante tempo, Nonna já vira, segundo

Freya, quase todas as casas e pontos mais importantes. Então, seguiram para a praça central.

A extensa área, composta por paralelepípedos e coberta por uma leve camada de neve era um pouco maior do que o pátio do forte de Barra Fria. Cercava-se por magníficas e robustas casas, cujas fachadas exteriores se mostravam mais belas do que de qualquer outra que Nonna conhecia. Nos telhados, desenhos em forma de dragão e, nos cantos, pilares representando árvores, pés de lobos e dragões. Até toras usadas nas construções acabavam decoradas com cabeças de dragões, ursos ou lobos.

No centro da praça, assentava-se uma grande pedra, coberta de neve, cercada por uma árvore sem folhas, local no qual, segundo Freya, o soberano de Barra Fria celebrou o acordo de paz, após o fim da Guerra das Tribos. Naquela época, não existia quase nada, exceto grama, pequenas pedras e algumas cabanas molambentas. Agora, havia gente reunida para vender artesanato, roupas e alimentos. O cheiro de comida, em especial das tortas, espalhava-se sedutor pelo ar frio e renovado.

Freya atravessou o contingente de pessoas e barracas da praça do mercado, indo até uma casa de dois andares, no lado oposto, parando diante de sua porta. Nonna olhou para a placa, pendurada no alto. Escrita à mão, lia-se apenas o nome Thorbard. Na pequena vitrine alta, no entanto, ela viu objetos estranhos, pratos, pequenas estátuas e um belo instrumento.

– Eis a loja de Thorbard – apresentou Freya. – Porém, é inútil entrar, pois ficaríamos tempo demais aí dentro.

– Você não quer aquele amuleto para se proteger? – perguntou Nonna.

Freya encolheu os ombros.

– Já faz tanto tempo, ele não o deve ter mais. Mas se você procura por algo especial, irá encontrar aqui.

– Como assim?

Freya abriu um sorriso largo.

– Basicamente, todo o saque do sul passa pelas mãos de Thorbard. Ele é um hiiti, velho e sábio, e conhece como ninguém

aquilo que tem valor e o que nada vale. Já me sentei no chão dessa loja quando criança e ele carregou diante de mim todo o tipo de tesouro que vinha de Nawyr, da ilha de Wyr, do deserto de areia de Bazastar e até do Kheanh negro, de todos os lugares – Freya suspirou de admiração. – Não, levaria muito tempo, e ainda há mais um lugar que quero lhe mostrar. Depois, compraremos canela de um mercador de especiarias e pedirei às criadas que nos façam bolinhos enormes e gostosos, hoje à noite – sussurrou Freya, com o entusiasmo de uma criança, apontando para a loja colorida junto à praça do mercado.

Antes que Nonna tivesse tempo de opinar, Freya já havia corrido para uma ruela estreita e escura, que levava à parte mais velha e decadente da cidade.

Seguindo por pequenas ruas, cada vez menos claras, até o local em que uma bruxa foi emparedada nos destroços de um muro que, certo dia, fora a primeira barreira de proteção da cidade. O sol começava a se pôr, uma escuridão azulada se aproximava e as ruelas se cobriam de sombras ainda mais escuras. O frio aumentava, com o decréscimo de luz e forçava as pessoas a acender tochas e lamparinas ao lado e acima das portas das casas.

Freya parou, cheia de entusiasmo, em um lugar que Nonna supôs ser a única parte intacta do muro original, coberta de musgo. O local era mais espesso do que o restante e, em sua superfície, viam-se velhas runas de pontas arredondadas que Nonna reconheceu parcialmente. Antes de Freya dizer algo, Nonna já tinha identificado as runas mais importantes, que protegiam contra o mal e lhe traziam arrepios. Os símbolos não eram vistos em outro lugar, exceto nos que as pessoas temiam ser capturadas por espíritos maus e cruéis.

– Aqui! Aqui uma bruxa foi colocada dentro do muro, há mais de três gerações – Freya não ousou se aproximar mais do que alguns passos do muro. Nonna reparou que a neve em volta do muro estava intocada, o cardo congelado apontava para fora da neve e ninguém se aventurava a se chegar perto da pilha de pedras coberta de runas. Era provável que se mantivesse intacta desde o início,

pois, embora as pedras tivessem sido levadas do muro como material de construção para as casas, aquela parte estava incólume.

– Por quê? Quem era ela? – perguntou Nonna, olhando em volta. Um sentimento nefasto capturou sua mente e ela sentiu que algo estava prestes a acontecer. Pressentindo um alerta sobre seu futuro, ela começou a olhar ao redor, com ansiedade.

– Mykansalrin, a bruxa do Salão Negro. Eles têm outro nome para ela: sacerdotisa. Foi capturada quando sacrificava humanos para seus deuses, revelando ser a causa de inúmeros fatos negativos que estavam ocorrendo. E ela também assassinava crianças. Concluiu-se que queimá-la seria piedoso demais para o monstro que era e ela foi enterrada viva dentro da parede, com as mãos presas por algemas de ferro. Você sabia que o ferro impede as bruxas de usarem seus poderes mágicos?

Nonna sabia e era por isso que nunca carregava qualquer objeto feito de ferro. Ela apenas assentiu, nervosa, enquanto continuava olhando para os arredores. Ulfar e seus guerreiros estavam em pé, alertas, como se temessem que a velha bruxa saísse do muro e atacasse Freya com as próprias mãos.

– Aparentemente, semanas se passaram até cessar os gritos furiosos do muro, embora algumas pessoas digam que ainda os escutam – disse Freya, aterrorizada. – É um alerta para todas as bruxas do Salão Negro, meu pai disse. Que fiquem longe daqui, embora eu acredite que algumas tenham nos visitado, desde então. Onde você está indo?

Por alguma razão, a atenção de Nonna se voltara para uma construção robusta, atrás de uma torre demolida. As paredes do prédio eram de pedras e o antigo telhado suspenso estava coberto por uma grossa camada de neve, assim como os demais. Uma lamparina pendurada na casa oposta iluminava a parede de pedra escura e a porta em seu centro. Algo ali fez com que Nonna sentisse arrepios. Ela ia responder à Freya quando a porta foi aberta e uma pessoa conhecida apareceu sob a luz fraca.

Embora Broddr, de Negrum, estivesse vestindo uma capa preta, Nonna o reconheceu sem dificuldade, por seu rosto de rato e andar

trêmulo. Ele ficou junto à porta do prédio escuro, falando com alguém do lado de dentro que se mostrou, de relance. Aí, seu coração quase parou, ela se sentiu tonta e nauseada.

Não havia como se enganar diante do rosto pálido do sacerdote do Senhor do Inferno, vestindo um robe preto, pensou Nonna. Ela nunca esqueceria o homem gordo, mal-encarado e de rosto quase branco, que vira no Vale do Ferro, nem de seu ser cruel e arrogante. Naquele momento, a pessoa no interior do edifício fechou a porta.

Broddr olhou para os lados, cobriu a cabeça com seu capuz, virou-se e desapareceu nas sombras ainda mais profundas dos prédios decadentes, como uma marta em duas pernas. Nonna, com nojo, pôde jurar ter visto um gato preto e marrom aos pés do sacerdote.

– Que edifício é aquele? – perguntou, apontando para o prédio com o dedo trêmulo. Freya se aproximou de Nonna, sorrindo, agarrou-a pelos ombros e, sem suspeitar de nada, olhou para aquela direção. Seu sorriso desapareceu ao perceber que edifício Nonna apontara.

– É o depósito de Steinarr, de Vale do Ferro. Por quê?

– Broddr acabou de sair de lá – disse Nonna.

– Broddr, de Negrum? Aquele homenzinho seboso? – perguntou Freya com uma careta no rosto.

O gesto de Nonna foi afirmativo.

– Não é de admirar. Negrum já é, há muito tempo, um dos melhores aliados do Vale do Ferro. Que seja, Broddr deve gostar de passar seu tempo aí – Freya apontou para as ruelas escuras. – Com companhias adequadas.

Nonna pensou um pouco sobre contar quem também estava à porta, mas Freya a puxava com impaciência, encorajando-os a voltar ao castelo e a oportunidade desapareceu nas sombras escuras do fim de tarde.

Ela suspirou, conformada, e seguiu Freya, contente por poder retornar ao castelo. Entretanto, ter visto o sacerdote das trevas e Broddr lhe trouxe de volta preocupações vívidas, de maneira mais intensa do que teria preferido.

Caminhando para a loja de especiarias, na praça do mercado, Nonna se viu mergulhada em pensamentos. Uma sensação nefasta cresceu dentro dela. Tinha descoberto quem era o dono do tenebroso castelo que visitou e estava segura de sua participação no assassinato do rei e tentativa de morte de Freya. Se o Salão Negro tivesse se aliado a Negrum, a conspiração era maior do que havia imaginado. Ela se lembrou do alerta do fantasma de que nunca se devia fazer uma aliança com o Salão Negro e começou a temer o que, de fato, ocorria nas sombras da cidade.

Sem ideia do que fazer, acordou quando Freya a cutucou com o cotovelo.

Estavam em um porão cheio, quente e seco. Os diferentes aromas dos vários tipos de especiarias e ervas eram fortes em todos os lugares e Freya conversava com um jovem que falava um forte dialeto. Nonna vasculhou o ambiente e notou um homem robusto sentado junto à porta, segurando uma adaga de lâmina longa. Mais adiante, nas sombras, dois outros homens sentados e quietos, que a deixaram desconfortável.

– Guardas – sussurrou Freya. – Algumas dessas especiarias são mais valiosas do que ouro e muito mais leves de carregar. Já houve muitas tentativas de assalto à loja, a mais recente há pouquíssimo tempo – continuou, enquanto o jovem lhe dava uma pequena garrafa de barro.

Freya tirou a carteira do cinto e deu ao homem algumas pequenas lâminas de prata. Ele as pesou com cuidado, fez um gesto com a cabeça e as deixou sair da loja. Nonna olhou para trás mais uma vez, para tudo que havia na loja, e seus olhos foram de encontro ao sorriso de um jovem de pele escura. Ao pisar na neve da rua, ela teve certeza de ser alguém muito parecido com Alhena.

Correndo pela praça, pensou se uma pessoa acostumada aos desertos quentes de Bazastar teria dificuldade para se acostumar com um mundo em que a neve branca e fria, durante a maior parte do ano, substituíria a areia.

Quando a noite caiu, o vento aumentou e trouxe consigo nuvens e a neve. O solo congelara de tal forma que as lufadas que batiam

não conseguiam fazer nada se mover. Ao atingir pilhas de neve feitas por humanos, porém, eram impiedosas, espalhando-as para todos os lados. Os habitantes de Barra Fria estavam esperando uma nevasca noturna e todas as janelas haviam sido fechadas como proteção contra o vento enfurecido.

A tempestade atravessava com fúria as ruelas estreitas e as ruas. As chamas das lamparinas esquecidas fora se apagavam com o vento, que também as arrancava das paredes, arremessando-as longe. Placas de madeira das oficinas não paravam de bater contra as paredes e árvores sem folhas na praça principal rangiam com força. O uivo do vento, seus suspiros profundos e gritos agudos haviam tomado Barra Fria. Nada mais podia ser ouvido nas ruas cobertas de neve, nem mesmo de alguma de suas tavernas.

Um único corvo desafiava o poder dos ventos e tentava voar do forte até a cidade. O pássaro era pego por redemoinhos, mas sempre retomava seu caminho à procura de lugares seguros, sempre seguindo para as ruínas do velho muro.

As batidas das asas negras enfim o levaram para debaixo do telhado do depósito e ele ali permaneceu por instantes, antes de novo esforço. Depois de descansar e apreciar a nevasca furiosa com olhos negros brilhantes, ele decolou mais uma vez, indo para trás do edifício e pousando na beira de um buraco escurecido. Ao olhar para baixo, observou o espaço iluminado por uma lareira solitária, ao lado da qual um homem com robe e peles pretas estava sentado.

– E isso não é tudo – disse a voz rouca das sombras. – A menina apontou para cá, ela não pode não ter visto Broddr.

Agenald levou uma taça de vinho aos lábios e bebeu tudo com um gole guloso.

– Aquele homem é um tolo, deveria ter esperado até escurecer. Bem, o que você acha, isso irá levar a algo?

– Não. A criança-bruxa contou o caso para o velho adivinho e para a filha de Eymund...

– O que eles responderam?

– A filha de Eymund queria enviar *berserkers* para cá, supostamente para prendê-lo, mas estava com medo.

– Com medo? De quê? – disse Agenald, com um tom que misturava satisfação, arrogância e diversão.

O homem de voz rouca riu.

– De você, do ódio do Salão Negro e de seus poderes – disse e tossiu para limpar a garganta. – Além disso, o adivinho falou que eles não podem pisar ao mesmo tempo nos calos do Vale de Ferro, de Negrum e do Salão Negro, ao menos antes de uma resposta de Unha do Dragão.

Agenald riu com tanto entusiasmo que um fio de saliva cor de vinho escorreu em seu queixo.

– Bem, a resposta não deverá vir tão cedo. Broddr cuidou disso. – Ele abanou a mensagem manchada de sangue que o primo de Ingolf lhe trouxera. O mensageiro enviado por Olvir já estava à mercê dos monstros do Bosque de Hiite, Broddr dissera. Com as mãos atrapalhadas, Agenald jogou a mensagem sobre a mesa e quase derrubou o decanter de vinho. Então, encheu mais seu copo e se enrolou melhor nas peles, tossindo repetidas vezes.

– Droga, o inverno poderia ter chegado um pouco mais tarde. E os espiões de Nawyr, você pensou sobre seu destino?

– Eu os matarei, assim que Negrum voltar aqui e tiver alguma ajuda dele.

– Para que você precisa de ajuda?

– O guarda-costas do velho nawyriano é forte, você sabe disso. Ele não sucumbirá com veneno ou flecha. Ah sim, preciso dizer que a criança-bruxa fez algo com o velho hoje.

Agenald levantou a mão espalmada, ouviu algo, franzindo a testa, e olhou para cima. Agarrou a taça de vinho e bebeu mais um gole ruidoso, antes de fazer um gesto para que o outro continuasse.

– Ingmar, o primo da mulher de Eymund, é uma verdadeira cobra e um grande fofoqueiro. Ele despreza a filha de Eymund e odeia a criança-bruxa e tomaria o poder, se sua preguiça permitisse.

– Vá direto ao assunto, você falava do velho – disparou Agenald.

– Ao que parece, a criança-bruxa encontrou o velho no círculo de rochas, pela manhã. Ela fez algo com ele, não sei o quê, mas ouvi que o velho foi carregado monte abaixo. O povo do castelo não sabe

ainda quem era ele, mas acho que era Sibirht. E quem sabe o que Sibirht estava fazendo no monte perto da criança-bruxa...

Agenald riu tanto que sentiu dor e balançou a cabeça.

– Excelente, isso significa que a garota está tão cheia de ódio que queria machucar um velho. Isso é ainda melhor, agora, se ao menos...

Mais uma vez, Agenald virou a cabeça como se fosse ouvir algo e depois olhou para cima. Um sorriso arrogante se espalhou por seu rosto e ele chamou seu gato. Sussurrou-lhe algo e este, com um salto ágil, desapareceu na escuridão.

– Você estava prestes a dizer algo... – disse a voz rouca.

– Você é capaz de capturá-la?

– A criança-bruxa?

Impaciente, Agenald fez um gesto afirmativo.

– Não será fácil, além disso, estamos com pouco tempo. Mais cedo ou mais tarde, Unha do Dragão ou Monte de Hiite irão começar a desconfiar sobre o silêncio, temos de agir antes disso.

– Espere um momento, olhe – sussurrou Agenald, apontando para cima.

O corvo permaneceu muito tempo sentado em seu lugar, movendo-se apenas de lado a lado e olhando sem parar para baixo. Ele havia tentado se aproximar do homem sentado nas sombras, sem notar nada alarmante, até que o homem vestido de preto apontou o dedo para ele.

Antes que tivesse tempo de entender o que se passava, unhas afiadas atingiram seu pescoço e uma mordida firme e gulosa levou sua vida. A última coisa que o corvo ouviu foi a risada cruel de Agenald. Nonna acordou se sentindo sufocada, agarrou a garganta e não conseguiu respirar. Aterrorizada, tateou ao redor e tudo o que viu foi a escuridão, sem saber onde estava. A dor em seu pescoço era indescritível, mas nada comparável ao terror de sua alma.

Sua mão bateu em alguma coisa, houve um estrondo alto e algo macio surgiu ao lado de sua cabeça. Ela sentiu uma respiração quente em seu rosto, tentou com todas as forças puxar ao menos

um pouco de ar dos pulmões, e não conseguiu. A escuridão se transformou em um brilho vermelho e ela se debateu, em pânico.

Nonna caiu no chão e isso salvou sua vida. A batida em sua cabeça liberou seus músculos paralisados e, com um chiado, ela finalmente conseguiu puxar algum ar para dentro. Ela se sentou e chorou, enquanto Fenris lambia seu rosto, atordoado, sem saber que Nonna acabava de passar muito perto da morte.

Foi a sorte concedida pelos deuses que a impediu de morrer, assim que seu espírito foi aniquilado pelas mãos de um tenebroso. Sentada no quarto escuro, Nonna teve consciência de que jamais esqueceria aquela sensação.

Aquilo a assombraria para sempre. Algo dentro dela mudara de novo, pela segunda vez em um único dia. Ela abraçou Fenris com toda a força e mergulhou a cabeça no pelo macio do urso, buscando apoio e conforto, até que adormecesse.

Caindo de sono, colocou a cabeça sobre suas patas e dormiu, tendo um sonho inquieto no qual um corvo morria repetidas vezes e dois homens tinham uma conversa, da qual só lembrava vagamente.

FRONTEIRAS DO BOSQUE DE HIITE **Outubro de 816, véspera do Dia de Inverno**

As velhas árvores do Bosque de Hiite não se moviam um dedo, nem sob as enormes forças da tempestade de inverno, embora estalassem e ragessem com sons graves no clima congelante.

Pequenos flocos de neve pontiagudos açoitavam a vizinhança e cobriam tudo com uma camada branca, como se desafiassem a lugubridade severa do Bosque de Hiite com seu brilho. O ar ficou fresco depois que a neve cobriu o cheiro podre e mofado da floresta.

Perdido em seus pensamentos, Ingolf olhou, da proteção das árvores robustas do bosque, na direção das planícies tempestuosas. A escuridão era quase total, mas, muito à distância, bem no horizonte, as luzes fracas de Barra Fria podiam ser vistas quando a nevasca erguia um pouco sua cortina. Aquilo parecia incomodá-lo, como se o tentasse a fazer algo que ainda não pudesse.

– O que *tus* está *penshando*? – perguntou Gils, colocando a mão no ombro de Ingolf e levando a cabeça para bem perto do primo, para sua voz poder ser ouvida com todo o uivo e o zumbido do vento.

– Amanhã é Dia de Inverno – resmungou Ingolf, mexendo a espada no cinto, impaciente. Uma vez que partira para a batalha, não se desfaria de sua espada até tudo terminar e ter conseguido seu intento, ou ter morrido tentando e, portanto, ido para sempre para os salões de Hamarr.

Gils bufou e encolheu os ombros.

– Broddr cuidará das coisas ou *tus* teme que o trairá?

– Não tenho medo. O cara de rato não ousaria isso. Não tenho medo dele.

– O que é, então? Aquela pirralha-bruxa? De fato, ela tem sido um problema maior do que *mim* também imaginava.

Ingolf concordou, em silêncio. Ele tinha medo de Nonna, e já admitira isso para si, mas não para outra pessoa, até então. Ele a encontrou uma vez e ela arrepiou seus cabelos. A causa foi mágica, mágica poderosa, imaginou. De que outra forma uma garotinha poderia causar medo nele? Tinha um pavor mortal de bruxas e já tinha cortado a cabeça de muitos de quem suspeitou, antes ainda que pudessem dizer uma única palavra.

– Ela é apenas uma...

– Bruxa. A menina é uma bruxa e é *issho*. *Tus* sabe de onde ela conseguiu seus *poderres*, da vadia de Unha do Dragão ou de seus *ancestrais*, não importa. Ela usa mágica contra nós – disse Ingolf, com raiva. – Broddr devia ter lidado com isso antes.

– Ele deve fazê-lo *agorra* ou *tus* o fará, amanhã. Nem ela pode impedir o que *irrá* acontecer. Sua vida *estarrá* em suas mãos – riu Gils, batendo no ombro de Ingolf.

Envolvido em seus pensamentos, Ingolf apertou os olhos quando a nevasca veio em sua direção e bateu em seu rosto, com seu vento congelante. E observou as luzes que tremulavam à distância, com uma mistura de desejo e ganância ardendo dentro dele.

Era o que esperava há anos e, agora, ele se sentia mais perto de seu sonho do que nunca, embora tivesse de pagar um alto preço

para isso. Porém, o Vale do Ferro e a Pedra do Dragão estavam de seu lado e ele estava pronto para atacar qualquer um que ficasse em seu caminho.

Contudo, uma bruxa era algo diferente, pensou Ingolf.

– Uma bruxa é uma bruxa. Até *tus* sabe o que a morte uma delas poderia causar – disse Ingolf, olhando para Gils com os olhos repletos de preocupação, sem conseguir manter a calma sobre aquele assunto, não importa o quanto tentasse.

Calado, Gils concordou com a cabeça.

– *Tus* está com medo de uma maldição? Coloque-a em uma cela de prisão, em algum lugar distante, com algemas de ferro. Daí, ela não poderá usar sua mágica nem o *amaldichoar*.

– Onde? Que cela seria tão profunda assim?

– O Penhasco do Chifre – Gils respondeu, rindo, e Ingolf começou a sorrir.

– Em nome de Hamarr, *mim* havia esquecido *dissho*. Lá seria um lugar adequado para uma bruxa. Até a força de Unha do Dragão não chegaria lá, pois é um lugar abandonado pelos deuses.

– E *tus* ainda tem outra alternativa, vendê-la ao Salão Negro. Broddr disse que Akenalt estaria preparado para levar a menina com ele.

Ele balançou a cabeça.

– *Mim* não sei. *Mim* poderia vender a filha de Eymund lá, ou não, mas não sei quanto a criança-bruxa. Eles só a *criarriam parra* ser ainda mais *poderrosa* no Salão Negro.

– *Facha* como quiser – disse Gils, abrindo um sorriso largo. – *Mim* não ficarei mais aqui. Venha, seu caneco de cerveja deve estar cheio, um bife já estará em cima de um pão e Aalfkeirr sofre se bebe sozinho.

Gils agarrou Ingolf pelo ombro e apontou para as tendas. Este viu três dúzias de homens de Negrum acampados junto ao Bosque de Hiite e mais de cem habitantes das florestas, parentes dos hiisis, que faziam o que podiam para pôr as mãos em ouro. Fogueiras fracas queimavam por trás dos rochedos e tentavam iluminar, no meio de tudo, a própria barraca marrom suja.

Persistente, Gils bateu nas costas de Ingolf.

– Não adianta se preocupar. O que os deuses quiserem, irá acontecer.

Ingolf bufou e acompanhou o primo, pensando vividamente nos deuses.

Que Hamarr perdoasse o que ele estava prestes a fazer, pois não podia parar de pensar se era uma traição a seu próprio deus tramar com os sacerdotes do Salão Negro. Ocorreu-lhe que sua sede de poder superava qualquer hesitação e ele não podia desistir mais. A ilha pedregosa seria a prisão perfeita para qualquer um que tentasse atravessar seu caminho.

Se as lendas fossem verdade, ninguém jogado lá viveria além da lua cheia. E esta se daria em alguns dias, de qualquer maneira.

Uma tempestade começa

FORTE DE BARRA FRIA Outubro de 816, Dia de Inverno

Nonna e Fenris estavam de pé na torre de Barra Fria sem que ninguém os incomodasse. Embora o patamar fosse coberto por um telhado em forma de cone, o vento tinha soprado tanta neve que era muito difícil abrir a porta de acesso. Havia neve demais acumulada junto aos muros, em alguns pontos até ultrapassando-os, o que não incomodava Nonna e menos ainda Fenris, que amava o gelo de todo o coração e estava encostado contra o muro com as patas dianteiras, farejando o ar marítimo da manhã de olhos fechados.

O céu estava coberto por nuvens cinza-azuladas, sinal de que mais tarde tornaria a nevar. As ondas baixas e macias do mar batiam no penhasco abaixo deles com sons ocos. Seus respingos congelavam em pequenos blocos e o solo perto da praia se via coberto por uma mistura fria de neve e água. Não restava muito tempo para o mar acalmar e passar a congelar, pensou Nonna.

Freya estava no salão, organizando a festa do Dia de Inverno, que Nonna esquecera por completo e teria preferido celebrar em Unha do Dragão, com a mãe, de acordo com suas tradições modestas.

Primeiro, pela manhã, Gunhilde e ela se sentariam para falar sobre seu pai, repetindo coisas que já haviam relembado muitas vezes, para somente depois participarem da festa em Unha do Dragão. Freydis dizia que na manhã do Dia de Inverno as crianças menores iam para um lago congelado em trenós puxados por filhotes de ursos. Os filhotes selvagens eram uma carona tão

fantástica para as crianças que elas não podiam pedir nada melhor. Haveria muita comida e bebida no castelo e a Aurora Boreal iluminaria o céu durante a noite. Nonna suspirou, pois não via o fenômeno desde que chegara à Barra Fria com Astrid e Asbrand. E pensou em como era curto esse tempo.

Colocando um pouco de neve na boca, ela olhou para o mar com saudade e tristeza. A noite anterior fora horrível.

Embora tivesse ouvido a conversa entre um sacerdote das trevas e, quem sabe, o próprio assassino, não queria que o corvo tivesse morrido para tornar seu desejo uma realidade. Nonna rezara por perdão para Hrafnidís, o deus dos corvos e gralhas, mas ainda temia que a habilidade recém-adquirida lhe fosse retirada como punição.

Ela deu um tapinha na cabeça de Fenris e suspirou.

– Vamos, talvez Freya já esteja livre, ao menos por um momento... – Ela abriu a porta que levava para baixo, deixando o urso seguir na frente pela escadaria íngreme.

Ao chegar ao piso de baixo da torre, Nonna ficou surpresa, pois quase foi de encontro a Olvir, que subia, carregado, com uma caixa cheia de terra e pedras. Ela o ouviu balbuciar algo sobre um homem da terra antes dele notá-la e estremecer, quase deixando a caixa cair das mãos.

– Ops, bem, aqui está Nonna – disse Olvir e a vara que ele trazia com alguma dificuldade caiu no chão. – Você pegaria aquilo, minha garota? – ele pediu com as mãos sobre a caixa de terra. Nonna o fez, franzindo a testa.

– Coloque em cima da caixa, assim... – falou o adivinho, ofegante. Ela, então, entendeu de onde vinha o cheiro de terra que cercava o velho.

– Posso perguntar...

– É só terra. Você deve estar procurando Freya, certo? – disse Olvir e começou a levar a caixa pelo corredor escuro rumo à escada que levava até seu quarto. – Ela está no salão e eu irei para lá em um instante.

Nonna decidiu não perguntar mais sobre a terra. Ele devia ter suas razões para carregar a caixa pesada de lá das masmorras até

seu quarto. Mas Nonna tinha, de fato, uma pergunta que não podia esperar.

– A que distância daqui fica a Floresta dos Sussurros?

Olvir encolheu os ombros e colocou a caixa no degrau, antes de se sentar ao lado dela. Ele deu um suspiro profundo e se apoiou em sua vara.

– Céus, é pesado! A Floresta dos Sussurros? Por que você está perguntando isso?

Apoiada contra a parede ao lado de Olvir, ela não notou o filho de Ingmar saindo da cozinha e voltando rápido para dentro para poder ouvi-los.

– Há um velho cemitério por lá?

– Como sabe disso? Bem, é claro, por que não saberia? Você deve ter conversado com Ulfar. Hmm, sim, há um cemitério lá que os fornianos costumavam manter como local de reunião, mas não fale sobre isso por aí.

– É longe daqui?

– Com este tempo? Com um bom trenó de renas, chega-se lá em meio dia, no dorso de Fenris, ainda mais rápido. Por quê? O que você quer saber?

– A noite anterior ao Dia de Inverno é um dos momentos mais fortes dos espíritos, certo?

– Garota, conte o que pretende ou não direi mais uma palavra.

Nonna deu uma olhada em volta, o corredor estava vazio e quieto. As pessoas se reuniam do lado de fora, no pátio, para empilhar madeira na pira e beber cerveja em honra da festa que se aproximava.

– Pensei em fazer uma visita ao local, hoje à noite.

– Em nomes dos deuses, você perdeu a cabeça?

– Espero que não – disse Nonna, mordendo os lábios.

– Por que ir lá à noite, e com um tempo destes? Freya precisa de você.

– Bem, ela dorme à noite. E tem Ulfar para protegê-la. Então, pensei que à noite seria um horário adequado. Se não, quando? A Floresta dos Sussurros é um lugar importante para Fenris e este

seria o melhor momento para ir lá – Nonna distorceu a verdade, esperando que o velho não visse isso em seus olhos.

Olvir balançou a cabeça.

– Não estou certo de seus planos.

– Se você me der permissão, Freya também dará. E, se for possível chegar em meio dia, significa que estarei de volta pela manhã.

– A viagem não é fácil. Você terá de passar pelo Bosque de Hiite e atravessar o Rio Gelado. Seu gelo ainda não está sólido o bastante.

– Eu ficarei bem. E você cuidará de Freya, enquanto estiver fora, certo?

Olvir torceu o nariz, em dúvida.

– Não farei mais perguntas sobre a terra, embora saiba que você tem algo secreto em seu quarto. E prometo não querer saber quem é o homem da terra... Quer dizer, se você me der permissão para ir – Nonna chantageou o velho com um olhar maroto.

Olvir reagiu com visível irritação.

– Sua pirralha! – gritou. – Está bem, mas você é que falará com Freya. Se ela concordar, poderá ir, caso contrário, terei prazer de trancafiá-la em seu quarto.

Rindo com satisfação, Nonna fez uma reverência como agradecimento.

– Mas lembre-se bem de uma coisa – Olvir balançou o dedo para Nonna. – Tenha cuidado perto do Bosque de Hiite e não o atravesse ainda que isso possa tornar a viagem mais curta. Vá pelo Rio Gelado e cruze-o em sua parte rasa, a água é mais calma e talvez já esteja congelada.

Ela concordou com a cabeça, prestando atenção no conselho de Olvir.

– E tenha cuidado. A Noite de Inverno é cheia de espíritos e alguns deles não são do tipo que se quer por perto – salientou, levantando-se e a sua caixa.

Nonna o seguiu com os olhos até ele entrar em seu quarto e fechar a porta. Em seguida, foi procurar Freya com Fenris. Ao

passarem pelas escadas que levavam à cozinha, nenhum deles notou Eirik escondido nas sombras.

Petrus servia um pouco de cerveja quente de um jarro para Ingmar no momento em que Eirik correu para dentro da câmara de pressão.

– Pai! – gritou Eirik, excitado, correndo até Ingmar.

Ingmar levantou a mão enfaixada e levou um caneco de madeira aos lábios, bebendo seu conteúdo ruidosamente. O rapazote veio a seu lado como um cachorrinho, o rosto vermelho de agitação.

A câmara de pressão estava repleta de ação. Os serviçais de Petrus, cheios de trabalho, despejavam cerveja marrom-escuro recém-feita em dois barris grandes, tentando ao máximo não esbarrar em Petrus ou em Ingmar, que vestia roupas finas.

Ingmar afastou o caneco do rosto e soltou um longo arrote, com clara expressão de satisfação.

– Muito boa. É a melhor coisa para eliminar os maus sentimentos de um homem. Há o suficiente para todos, incluindo os guardas, certo?

– Sim! – respondeu Petrus, exausto. Tanta cerveja fora feita que haveria o bastante para todos, pois na noite anterior ao Dia de Inverno todo o reino celebraria. Os portões do castelo estariam fechados e todos os guerreiros beberiam um jarro ou dois de sua cerveja doce e quente.

– Encha mais um caneco, meu bom homem – pediu Ingmar. – O que há com você, filho? – perguntou, com o rosto cansado e os olhos úmidos típicos de uma noite passada em claro, na farra.

– Por acaso, ouvi que a maldita bruxa vai sair do castelo hoje à noite e deixar Freya sozinha – disse Eirik, em voz alta.

– Você não precisa falar gritando – Ingmar lhe deu uma bronca e olhou em volta, sorrindo com orgulho. O rosto de Petrus ficou sério e ele derramou um pouco de cerveja na mão de Ingmar, de modo proposital.

– Cuidado! – reclamou ele. – Aonde ela vai? Embora? Para sempre?

– Só por uma noite, para uma tal de Floresta dos Sussurros.

– Que os monstros a levem consigo, ela e aquela maldita besta– resmungou Ingmar, parecendo absorto em suas ideias. Ele bebeu outro caneco, tomou o jarro de cerveja da mão de Petrus e pôs o braço nos ombros do filho.

– Temos de pensar, quem sabe possamos nos beneficiar disso de alguma maneira – prosseguiu, deixando Petrus estupefato e sem nada nas mãos, pensando no que estaria acontecendo.

O sol da tarde brilhava através das janelas do salão do rei, com raios intensos que pintavam tudo com um ardor amarelado. A mesa maior estava coberta com toalhas branquíssimas, pois Freya ordenara que se retirassem os tecidos mais alvos e brilhantes dos armários e gavetas para usá-los em cadeiras, mesas e banquinhos.

O chão do salão estava coberto com feno seco e limpo e parecia refletir a luz amarelo-dourada do sol que se punha. Nos lugares mais escuros, havia velas e lamparinas e cada suporte continha tochas acesas, luz que afastava a escuridão, removendo quaisquer esconderijos de espíritos maus durante a festa.

O falatório era alto em volta de Nonna e Freya, sentadas em banquinhos baixos na plataforma do trono com as barrigas cheias de comida e sucos. Junto à parede, um bardo da cidade tocava um alaúde e entoava canções. As pessoas lhe davam muita cerveja em troca de ouvir as músicas que mais gostavam. A atmosfera era animada e feliz e Nonna não estava mais tão decepcionada por não passar aquela data especial em Unha do Dragão.

Os presentes cantaram e festejaram ao longo do dia. Quando o sol, afinal, desapareceu no horizonte, o anoitecer fez com que todos vestissem suas roupas de inverno e fossem para o terraço do salão do rei, conversando e gritando pelo caminho, com alegria. Estava ficando escuro e uma lua quase cheia brilhava entre as nuvens. Para onde Nonna olhasse, via tochas e lareiras que acesas para as comemorações do dia.

Depois de dirigir algumas palavras ao deus do frio e seus filhos, Gelo e Geada, Olvir introduziu uma tocha acesa em uma enorme pira, fazendo surgir um fogaréu no terraço e clareando as paredes do velho salão com sua luz tremulante. Enormes chamas reluzentes

subiram para o céu, levando consigo os desejos dos presentes por um bom ano.

As pessoas em volta do fogo festejavam e as criadas dançavam com os serviçais, com grande animação. O jovem bardo ainda tocava, com alguma dificuldade para manter o tom. A maioria ria e se divertia.

Quando a comemoração se encerrava, Nonna se recolheu para o quarto de Freya, com Fenris. A jovem soberana se sentou em sua cama grande e a amiga em um banco muito bem decorado, diante dela. Ambas estavam cansadas da festa.

– Há dias estou para perguntar como você aprendeu a ler runas, pois essa habilidade é muito rara – disse Freya.

– Meu pai. Eu era a única criança de Nascente Negra que sabia ler alguma coisa. Aquela língua não era muito diferente da falada aqui – explicou Nonna, alisando o vestido, distraída. Ela sabia que Freya evitava falar sobre seu passeio noturno. Embora tivesse obtido sua permissão imediata, foi fácil notar tristeza ou decepção, ou ambas, em sua voz. Desde então, não tocaram mais no assunto.

– As runas que estão em meu livro, não sei como aprendi a lê-las. Só percebi um dia que as entendia, quero dizer, a língua antiga dos dragões e as runas antigas. Estas são muito difíceis, com certeza, e é necessário pensar muito. Leva-se muito tempo para ler esse livro. – Nonna alisou a capa do livro de Bjollok. Ela não disse que foi no lar de Skafloc que notou que podia ler runas na língua dos dragões e que, bem mais tarde, viu que era uma habilidade incomum.

– Você pode falar a língua dos dragões? – perguntou Freya, encantada.

– Não muito bem, entendo uma palavra aqui, outra ali. Asbrand está sempre me incentivando. Astrid me ensina o velho dialeto de Noridium e Runolf, as velhas runas.

– Tudo o que sei das velhas runas são as do frio, de Hamarr e Forni, e poucas outras – lamentou Freya. – Todas parecem estranhas. Nunca vi as runas da língua dos dragões... Como elas são?

Nonna parou para pensar como poderia descrevê-las.

– Elas são incrivelmente agudas, como se tivessem sido talhadas com uma unha afiada. Asbrand me contou que elas lembram caracteres escritos no extremo oriente, de uma ilha em que até os dragões teriam barbas e bigodes. Mas acho que ele estava brincando, pois um dragão não pode ter barba.

Freya riu.

– Com certeza, não. Mas seria muito engraçado! – Com um suspiro, Freya puxou uma bolsinha que estava jogada em sua cama para seu colo e a deu para Nonna, falando com a voz trêmula. – Pedi que lhe preparassem lanches para essa noite.

Ela a aceitou, comovida.

– Obrigada. Você está triste que estou saindo?

– Vou ficar mais triste quando você voltar para Unha do Dragão – falou Freya, com outro suspiro. – O que é isto comparado àquilo? Somente uma noite. Mas e se você não voltar?

– É claro que voltarei, não fale isso.

– É melhor você se cuidar. Eu enviarei Ulfar atrás de você se não estiver aqui até de manhã.

– Eu estarei, prometo – disse Nonna, sem ouvir os sinais de alerta em seu interior. Não deveria ser tão fácil fazer promessas.

FORTE DE BARRA FRIA **Outubro de 816, noite do Dia de Inverno**

Vestindo roupas rotas e fedendo a malte, Sigeric percorreu os corredores de Barra Fria carregando um barril de cerveja. Era noite alta e a festa já havia acabado. O serviçal desceu as escadas da torre até o andar real, abriu a porta e entrou, fechando a porta. O corredor da soberana estava silencioso e escuro e apenas um dos *berserkers* de Ulfar estava em um banco, diante da porta de Freya.

– Você gostaria de mais cerveja? – Sigeric falou com educação para o enorme guerreiro. – É a real, feita de maçã, e é escura – disse tentando-o.

Ogmund, o *berserker*, deu seu caneco.

– Cale a boca e encha – rosnou. Quando Sigeric o encheu e estava prestes a levar o barril, Ogmund agarrou sua mão. – Ainda não, *garroto*. Tem mais aí? – O barril quase caiu das mãos do serviçal, no exato momento em que a porta do quarto de Freya se abriu. Sigeric ficou paralisado ao ver Nonna e Fenris saírem.

– *Tus* não ouviu o que eu *disshe*?

– Claro, senhor – respondeu Sigeric, voltando os olhos para Ogmund e completando o caneco. – Perdão – disse, com a voz rouca. O aroma de cerveja doce se espalhou e nem uma gota caiu no chão.

Ogmund depositou o caneco cheio no nicho de janela ao lado e limpou a barba com o braço nu.

– Vá embora! – ordenou, e o serviçal andou para trás com cuidado, sorrindo e se curvando repetidas vezes.

Nonna assistiu a cena, confusa, e olhou com suspeita para o serviçal, antes de se voltar para o *berserker*.

– Ogmund, vou sair. Guarde bem Freya e não beba cerveja demais – disse a menina, dando-lhe uma bronca bem-humorada.

– Eu a *guardarrei* com minha vida e esta bebida aguada não me *deixarrá* bêbado – disse Ogmund, sorrindo, enquanto jogava o cabelo em suas costas.

Ela ainda olhou para o serviçal, que saía de costas, virou em sua direção e passou por ele sem dizer nada. Sigeric encostou-se na parede e viu o enorme urso-do-gelo passar por ele. Quando Nonna desapareceu de vista, ele esperou uns instantes para segui-los.

Andando o mais rápido que podiam, eles foram até o piso térreo e, de lá, para fora. O tempo frio os golpeou, impiedoso, e a fumaça densa que vinha da fogueira no meio do pátio fez os olhos de Nonna lacrimejarem. Ela puxou a capa de pele em torno de si e jogou a bolsa sobre o ombro, trancando a porta principal e correndo até os guerreiros que estavam fechando o portão.

– Não fechem ainda! – gritou Nonna, puxando o pelo de Fenris e correndo pelo pátio, onde alguns ainda cantavam, fazendo as criadas rirem. Grandes flocos de neve caíam do céu.

– Onde você acha que vai? – perguntou Ingmar, saindo das sombras com um sorriso maldoso no rosto. Eirik estava escondido atrás de suas costas e Nonna percebeu que o homem havia bebido demais.

Ela deu de ombros, sem dar a mínima para o homem rude.

– Não será uma pena se você não voltar! – O grito amargo ecoou pelos portões no instante que ela saía do forte, passando entre alguns guerreiros.

Nonna se virou, mostrou a língua para Ingmar e subiu em Fenris. Fora do forte, viram-se sob uma escuridão azulada, apenas a luz da lua desenhava sombras na neve brilhante. A ponte levadiça coberta de gelo rangeu e o portão fechou, batendo atrás deles, transformando os agouros de Ingmar em um balbucio indistinto.

Balançando a cabeça, Nonna se inclinou para Fenris.

– Não fique zangado. Não ficaremos fora por muito tempo, estaremos de volta antes da manhã. Ogmund tomará bem conta de Freya – disse Nonna, tentando se convencer que estava fazendo a coisa certa, partindo naquela viagem. Um sentimento de suspeita a devorava, mas ela não sabia dizer o que era. – Vamos, você sabe para onde – sussurrou Nonna para Fenris, que mal tempo de se mover, pois um cavaleiro solitário se postou diante deles.

– Abra o portão! – seu grito foi ouvido em meio ao vento.

– Sigfastr! – exclamou Nonna, estupefata.

O homem, montando um cavalo todo preto, vestia uma longa armadura de cota de malha, um pouco danificada. Sobre ela, trajava um casaco de pele grosso e rasgado. As botas até a altura do joelho estavam fortemente amarradas e a cabeça estava protegida por um cachecol de lã grosso e um capuz de peles. O focinho do cavalo se encontrava coberto de gelo.

– Ah, se não é Nonna, de Unha do Dragão! Olá, aonde você está indo?

– Estarei de volta pela manhã. O que está fazendo aqui? Você foi ferido?

Sigfastr riu.

– Uma briguinha perto do Bosque de Hiite, nada pior do que isso. As bestas pareciam estar animadas, meu outro cavalo ficou em suas

garras. Venho trazer uma notícia para a Senhora – disse Sigfastr e sorriu. – Uma boa notícia. Pergunto-me se ela ainda está acordada ou exausta com as celebrações.

Ela estava prestes a explodir, a mensagem que haviam enviado alcançara Monte de Hiite afinal, embora lembrasse que o sacerdote das trevas tivesse dito algo muito diferente. Ela mal podia esperar até de manhã para ouvir o que Sigfastr tinha a dizer. Talvez tivesse notícias de sua mãe também.

– Alguma mensagem de Unha do Dragão?

– Sim, com certeza. Conte-me, minha amiga, Freya está acordada ou vim tarde demais?

– Ela já dorme, você terá de esperar que acorde – lamentou Nonna.

– Isso não é problema, uma notícia tão boa é, de fato, boa para ser dada à luz da manhã – disse Sigfastr, tirando o cachecol de sobre a cabeça. Ela pôde ver sangue seco em seu rosto e ferimentos, mas não quis fazer mais perguntas, pois o portão era reaberto. Os gritos de Ingmar ecoaram em sua memória.

– Então, até logo, Nonna. Que os deuses a protejam, não importa aonde vá – disse Sigfastr, abanando a mão com alegria e cavalcando pela ponte levadiça para entrar no pátio.

Por um momento, apreciando a imagem, ela teve tempo de duvidar se retornaria para ouvir a mensagem trazida por Sigfastr. Quando os portões bateram, entretanto, Nonna se lembrou das palavras do jovem.

– Sim, notícias tão boas podem esperar – sorriu para si própria. – Vamos, Fenris – sussurrou, agarrando seu pelo.

A neve voava para todos os lados quando o urso-do-gelo correu para a ponte e desapareceu na escuridão com a menina em seu dorso.

Em plena madrugada, Barra Fria dormia um sono profundo. Mais e mais neve caía nas ruas e nos telhados e a cidade inteira estava sendo coberta por uma camada cada vez mais grossa. O luar cintilava nos grandes flocos de neve que abafavam os sons noturnos, transformando-os em sussurros.

Um grande grupo de homens correu pelas ruas, portando lanças, espadas e machados nas mãos.

Parecendo brotar de todas as ruelas e sombras da cidade, assim que o primeiro deles alcançou o arvoredor, antes do monte que levava à Barra Fria, mais de cem vieram, todos correndo para os muros do forte, sem emitir sons.

Os rostos dos guerreiros selvagens de Negrum estavam cobertos por tinta vermelha e preta. Alguns traziam os cabelos descoloridos e espetados, mais parecendo bestas do que humanos. Seus olhos brilhavam, brancos, ávidos e sedentos pela batalha.

Eles avançaram para os portões da ponte levadiça, que ainda estavam entreabertos. Nem um único guerreiro era visto acordado nos muros ou nas torres e o batalhão inimigo inteiro pôde correr livre pelo pátio, iluminado apenas por uma fogueira que morria.

Alguns serviçais e guerreiros que haviam acordado com os sons dos invasores correram para fora de suas cabanas, mas seus gritos de alerta chegaram tarde demais. Enquanto Ingolf e seus primos cavalgavam pelo pátio vestindo armaduras e com espadas nas mãos, os poucos defensores de Barra Fria que tentavam se defender, em desespero, trajavam roupas de dormir e usavam tudo o que lhes pudesse servir como arma. Os invasores animais atacavam com avidez qualquer um que ousasse aparecer, até os que estavam desarmados e, embora alguns dos habitantes do castelo lutassem com bravura, logo se viam impedidos de prosseguir.

Ingolf, que pintara o rosto com um vermelho de guerra assustador, deu o grito de guerra sobre seu cavalo, sob condições congelantes. Ele cavalgou pelo pátio e, com fúria indescritível, passou a golpear com a espada qualquer um que se aproximasse, fosse serviçal ou guerreiro. Aquilo, porém, foi pouco para o líder de Negrum. A batalha, fácil demais, e sem uma real oposição, deixou-o ainda mais furioso e ele passou a descarregar sua raiva, matando qualquer um com golpes violentos. Até criadas caíram mortas sobre a neve.

Gils, Alfgeirr e Broddr pularam de seus cavalos e correram atrás do exército de guerreiros da floresta, subindo as escadas para

dentro do prédio principal, cuja porta estava aberta, como o último havia prometido.

Quando o primeiro dos invasores passou pela porta, esta caiu e um grupo de *berserkers* de Ulfar veio correndo, dando gritos de guerras de gelar o sangue, com suas barbas e cabelos voando no ar, ainda confusos, mas prontos para batalha. Os guerreiros da floresta, parados no terraço, não tiveram tempo para muito mais, além de se horrorizarem com o líquido vermelho que escorria das barbas dos *berserkers* e o olhar enlouquecido de seus rostos, antes que espadas assustadoras acabassem com eles. Os *berserkers* jogaram os corpos sem vida de seus inimigos do terraço sobre a neve.

Ao notá-los, Ingolf gritou de alegria, pulou de seu cavalo e correu para as escadas, louco para lutar contra um adversário à altura.

– Covarde! – gritou ele para Broddr, que passou correndo na direção oposta. Seu primo fugiu pelas escadas do prédio principal tão logo viu os *berserkers* surgirem.

Com Ulfar à frente, os *berserkers* matavam um guerreiro da floresta após o outro, diante de Alfgeirr e Gils e, finalmente, foi a vez destes ficarem diante dos guardiões do forte. Com um só golpe, Ulfar tirou a espada da mão de Alfgeirr e, com um soco, jogou-o longe, sobre o chão coberto de neve. Gils perdeu a mão que segurava sua arma, cortada por outro *berserker*, fazendo com que urrasse de dor e caísse pelas escadas, enquanto seu outro primo saltava sobre ele.

Ingolf não era chamado de guerreiro forte e cruel por nada, mas, até para ele, seria impossível subir as escadas e entrar no prédio principal diante de dois guerreiros *berserkers*, sendo um deles o próprio Ulfar.

À beira da derrocada, ele precisou recuar, no instante em que meia dúzia de *berserkers* pulou do terraço para o pátio cheio de neve, gritando de forma assustadora para iniciar a luta contra o grande bando de invasores.

Com as barbas vermelhas de sangue, os *berserkers* atacaram os invasores com tamanha ferocidade que, por um momento, nem o grande grupo parecia ser páreo para eles. Espadas e machados

massacraram os guerreiros da floresta e os homens de Negrum, seguidamente.

Ingolf, que descera das escadas para o pátio, duelava com Ulfar. Gils estava caído nas escadas, inconsciente e sangrando, e Algeirr tentava ao máximo manter-se vivo, enquanto lutava contra outro *berserker*.

A batalha entre Ingolf e Ulfar era equilibrada, como um combate entre dois guerreiros imponentes devia ser. Nenhum dos demais ousava ajudá-los, pois todos estavam ocupados tentando abater algum inimigo. Para guerreiros, envolver-se em um duelo alheio era contra as regras, e, ainda que alguém tivesse tentado, nem Ingolf nem Ulfar teria permitido.

Broddr, entretanto, tinha muito a perder para deixar qualquer possibilidade escapar. Apesar da ameaça da ira de Ingolf, ou de Hamarr, agarrou uma lança jogada no chão e se espreitou para perto de Ulfar, como um lobo.

Quando este levantava a espada mais uma vez para outro golpe poderoso, Broddr arremessou a lança. A arma atravessou o colete de pele de Ulfar e perfurou sua lateral.

Embora Ulfar, furioso como estava, não tenha percebido ter sido atingido, o golpe foi suficiente para desequilibrar a batalha a favor de Ingolf. Quando Ulfar hesitou por um instante, Ingolf usou toda sua força para jogar-lhe a espada para longe e, com outro golpe violento, abatê-lo.

Com Ulfar caído sobre o chão gelado, Ingolf virou os olhos para o alegre Broddr, certo da vitória, e com dois passos largos foi até ele, acertando-o com um soco, fazendo-o cair sobre a neve.

– Maldito covarde! – gritou para Broddr, caído no campo de batalha, ensanguentado. Suado e ferido, Ingolf balançou o dedo para Broddr, mas sem dizer nada por causa de seu ódio, apenas cuspiu nele, enojado.

Praguejando, o líder de Negrum agarrou a espada com as duas mãos e correu de volta à batalha, deixando Broddr limpando o rosto ensanguentado.

Os *berserkers* de Barra Fria eram quase os únicos que lutavam contra os invasores quando Olvir apareceu à porta do prédio principal.

A maior parte dos guerreiros de Barra Fria estava caída sobre a neve, morta ou gravemente ferida, e alguns observavam a batalha golpeados ou desarmados, e acuados. A neve no pátio estava manchada de sangue, os *berserkers* haviam sido empurrados contra o muro e os invasores já estavam fechando os portões do castelo para esconder a cena de quem pudesse chegar.

Broddr se virou para olhar para Olvir e, embora o nariz e o queixo doessem muito, pensou ter encontrado um adversário adequado. Assim que correu na direção de Olvir, algo surgiu pela porta e o fez estancar, horrorizado.

– Ingolf! – gritou Broddr o mais alto que pôde, apontando para porta.

Os invasores hesitaram em seus golpes ao verem uma figura preta e marrom aparecer, duas vezes do tamanho de um homem. A criatura parecia ser feita de terra, argila e pedra e, lembrando um pouco o corpo humano, descia as escadas com pernas curtas.

Ao vê-la, Ingolf fraquejou e foi acertado no ombro por um *berserker*. Gritando de dor e pronto para ser abatido, ainda conseguiu organizar as ideias.

– O que estão esperando? Destruam-na! – gritou para seus homens.

Todos os guerreiros da floresta e de Negrum que puderam correram para a figura disforme, com armas nas mãos, e começaram a golpeá-la. Nenhum dos ataques conseguiu mais do que tirar um pouco de argila e pequenas pedras da criatura despertada pela magia de Olvir. Com aquilo que lembrava mãos, ela passou a fazer o que lhe foi ordenado, e corpos sem vida voaram para longe.

Flechas lançadas dos muros não surtiram qualquer efeito. Para horror de Ingolf, a batalha estava virando a favor dos que defendiam Barra Fria.

Freya acordou com uma sensação fria na garganta. Ela estremeceu e abriu os olhos, vendo um rosto masculino familiar com

um sorriso largo. O novo cervejeiro assistente, lembrou.

– Não se mova, Senhora. Você está com uma adaga em sua garganta – disse Sigeric, com sarcasmo. – Ah, você me reconhece – riu. – Deixe-me contar um segredo. – Ele se inclinou para bem perto do ouvido de Freya. – Desta vez, não tenho veneno comigo. Gostaria de ter, com certeza, mas eles me pagam mais por você viva.

– Porco! – disparou Freya e a adaga foi prensada com mais força contra sua garganta.

– Levante-se e veja seu forte mudar de dono – sussurrou Sigeric, com os olhos brilhando.

Ele a puxou da cama com brutalidade e a dor trouxe lágrimas aos olhos de Freya. Ainda segurando a adaga, o homem a arrastou para as janelas, na frente das quais Ogmund estava caído, com as mãos amarradas por grossas cordas. A criatura ao lado do *berserker* fez Freya suspirar.

Com as roupas rasgadas, Sigfastr estava de joelhos ao lado de Ogmund, coberto de hematomas e sangue. Atrás dele, que estava quase desacordado, havia um guerreiro de aparência aterradora, com cabelo amarelo-vivo espetado e olhos brilhantes de fúria alucinada a emoldurar o rosto pintado de cores escuras. O homem segurava uma faca do tamanho de uma espada contra o pescoço de Sigfastr. Um pouco além, no corredor, via-se Eirik, escondido nas sombras.

– Como... – começou Freya sem ter ideia da razão pela qual Sigfastr estava em Barra Fria. O garoto de Monte de Hiite, entretanto, não podia dizer nada, pois a faca prensava firmemente a pele de seu pescoço.

– A vida do garoto só foi poupada porque descobri o quanto ele é importante para você – sussurrou Sigeric, olhando para Eirik. Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, ele a empurrou para a janela que dava para o pátio. O soldado aterrador arrastou Sigfastr, em seguida.

Freya gritou de horror ao ver o pátio de Barra Fria. A neve, que durante o dia era de um branco imaculado, estava ensanguentada e coberta de guerreiros mortos. No meio do pátio, um grupo de homens de aparência selvagem atacava um monstro preto e marrom

aterrorizador, que não parava de arremessar seus inimigos, já sem vida, na neve. Junto ao muro, alguns *berserkers* lutavam uma batalha furiosa, e desesperada, com homens selvagens, liderados por uma figura que ela conhecia muito bem.

– Maldito Ingolf! – gritou Freya da janela, mas seu grito foi abafado pelo tumulto da batalha. Os *berserkers*, bastante feridos, começavam a cansar, mas prosseguiram, com bravura. Quando Freya viu Ulfar caído sobre a neve, imóvel, próximo de Alfgeirr e Gils, feridos, soube que Barra Fria não resistiria.

– Você não pode fazer nada quanto a isso. Mesmo que ordene, os *berserkers* não desistirão, não é? Eles lutarão até morrer... – sussurrou Sigeric, irônico, no ouvido de Freya. – Mas, por causa daquele ali, você ordenará seus homens a deixar as armas e mandará seu adivinho parar seu monstro. – Ele apontou para o homem de terra, que continuava a avançar. – Se não mandar Olvir parar, Sigfastr será morto e, depois dele, você! – Sigeric segurava Freya pelos cabelos com tanta força que os olhos da garota brilhavam de dor.

Freya olhou para o lânguido Sigfastr, depois para os guerreiros selvagens da floresta e viu que seu reino chegava ao fim. Se desistir significava levar embora todo o mau e infelicidade, ela estava pronta para isso.

– Pare, Olvir! – Freya gritou com toda força. – Pare imediatamente!

Acuado por guerreiros hostis da floresta, Olvir ouviu dor e medo na voz de Freya e, relutante, ordenou que sua criação parasse. Ela o fez no meio do pátio, a apenas alguns passos de Ingolf e dos *berserkers* que lutavam contra ele. Naquele momento, a criatura impotente foi derrubada pela força de mais de dez guerreiros da floresta e quebrada em pedaços, diante de Olvir.

Apesar disso, os homens de Ulfar não desistiram. No entanto, depois que o homem de terra caiu, todos os guerreiros da floresta e homens de Negrum puderam ajudar Ingolf em sua luta e cada um dos *berserkers* foi abatido sem piedade, frente à superioridade numérica.

Freya se afastou da janela, chorando.

– Traidor!– Freya se virou e tentou dar um soco em Sigeric com sua mão delicada. Ele evitou o golpe com facilidade, agarrou-a pelo pulso e o levou para trás de suas costas.

– Ora, ora, acho que você terá um ótimo futuro como escrava, nos porões do Salão Negro – debochou, satisfeito, empurrando-a na direção de Sigfastr.

FRONTEIRA DO BOSQUE DE HIITE **Outubro de 816, a noite do Dia de Inverno**

Fenris corria o mais rápido que suas patas permitiam sobre as planícies polidas pelo vento. A neve erguida atrás dele, reluzia antes de repousar no solo coberto de gelo e apenas sua respiração pesada e o baque de seus movimentos quebravam o silêncio.

A proximidade cada vez maior do Bosque de Hiite o obrigava a buscar manter uma rota na direção do mar para fugir da assustadora floresta negra.

– Devagar... – pediu Nonna, ao pressentir algo ameaçador emanando de suas sombras. Um estalo e um rangido soaram ainda mais assustadores. – Sem dúvida, não iremos por aí. – Com os olhos, ela procurou pelo trecho raso indicado por Olvir para evitar o bosque.

O início do Rio Gelado se encontrava a pouca distância e, quando a lua surgiu por trás das nuvens, Nonna viu que sua superfície estava coberta de gelo e neve. Do outro lado do largo rio, ela vislumbrou uma paisagem montanhosa quase infinita e, aqui e ali, florestas de abetos.

– Onde será o trecho raso? – Uma faixa de terra entre o Bosque de Hiite e o rio era visível. Ela formava um declive acentuado e mal continha vinte passos de largura. As árvores à beira do bosque caíam na direção do leito e seus galhos enormes chegavam a alcançar a lateral oposta. Avaliando a situação, Nonna balançou a cabeça. As margens estreitas, cobertas por galhos assustadores formavam um trajeto não muito acolhedor.

– Suponho que não se possa fazer nada a não ser costear as margens – sussurrou Nonna. Ela agarrou sua vara e o pelo de Fenris como se, ao fazê-lo, eliminasse a ameaça da floresta de sua cabeça.

Uma fumaça malcheirosa semelhante a uma névoa caía sobre o solo gelado, envolvendo as patas de Fenris, enquanto ele o percorria com vagar. O odor fétido enterrava o aroma fresco do clima frio e Nonna reconhecia o caráter nefasto da floresta em seu coração. Os galhos das enormes árvores arranhavam sua cabeça ao passar debaixo deles. Ela se inclinou ainda mais junto de Fenris e, embora as profundezas do Bosque de Hiite lhe dessem arrepios, não conseguia desviar os olhos dali.

Sombras negras se moviam junto às árvores e fizeram Nonna aumentar seu estado de alerta. Era-lhe difícil crer no que via diante das figuras longas e esguias que deslizavam entre as árvores, lembrando imagens humanas que surgiam de lugar nenhum, como se houvessem sido arrancadas da escuridão da floresta. Sem fazer sons, os esboços esfarrapados pareciam se fundir à vegetação.

O arranhão de um galho a fez despertar e ela desviou o olhar enfeitiçado das figuras negras e se voltou para a frente.

– O que raios...? – Nonna ficou aterrorizada ao ver enormes galhos tremularem e, em seguida, virem diretos para ela, de forma fantasmagórica. Sólidos, e cobertos de nódulos, eles desceram e a atacaram. Fenris, que notou a ameaça, estacou. No entanto, antes que pudesse esboçar reação, os primeiros galhos já haviam agarrado suas patas, à medida que pontas finas se enrolavam no pescoço de Nonna.

– Vamos sair daqui, Fenris! – Nonna gritou e tirou sua adaga.

Fenris se agitou com tamanha força que os galhos se partiram e as árvores rangeram, raivosas. Ele olhou em volta, rapidamente, e viu que o único caminho livre levava a uma encosta íngreme coberta por gelo fino, rumo ao rio.

– Para o rio, rápido! – ordenou, usando a adaga contra os galhos que pretendiam atingi-la. A lâmina cortou a vegetação, mas o líquen existente ficou grudado em suas mãos, como uma gaze fria, e seu mau cheiro a fez sentir-se nauseada. As árvores estalaram mais alto e uma sombra pairou sobre eles.

Com um rugido determinado, Fenris agarrou um galho que buscava seu pescoço, arrancou-o e cuspiu sobre a neve. Então, correu para a encosta. Os ramos que tentavam agarrá-los se precipitaram sobre os dois. Eles se grudavam às pernas do urso, enroscavam-se nos cabelos e nas roupas de Nonna, enquanto Fenris lutava para manter o equilíbrio, correndo e escorregando pela margem pedregosa do rio até o gelo.

A camada congelada estalou. Um estouro e uma crepitação medonhos foram ouvidos, aproximando-se de ambos. Nonna fez uma careta de medo.

– Atravesse depressa, agora! – gritou Nonna e rezou para os deuses para que o gelo suportasse o peso de Fenris. Cada um dos passos fazia o piso rachar e quase ceder sob o urso-do-gelo, mas, como por milagre, sem se romper. Durante a travessia, ela olhava para trás.

O Bosque de Hiite oscilava. À distância, Nonna via que as árvores se inclinavam para fora e que seus galhos se esticavam pelo gelo, tentando alcançá-los. Com um rangido horrível, como um gemido de decepção, eles se recolheram, as árvores se endireitaram e, quando Fenris alcançou a margem oposta, para o lado da Terra do Gelo, nenhum movimento podia ser visto no Bosque de Hiite.

TERRA DO GELO

Outubro de 816, a noite do Dia de Inverno

Não foi difícil para Nonna adivinhar qual era a Floresta dos Sussurros ao subir um monte ao lado do Rio Gelado, do qual podia-se avistar à distância em todas as direções. A apenas uma curta distância deles, havia uma grande floresta de abetos no fundo abrigado de um vale, tão intrigante que o destino de ambos ficou evidente. Depois de refletir por um momento, ela pediu a Fenris que corresse para os abetos cobertos de neve que a esperavam embaixo.

Já à beira da Floresta dos Sussurros, entre as árvores, Fenris sentiu que uma força tomava a alma de Berenhard, em seu interior.

Sua mente tinha uma lembrança do lugar, de suas árvores e rochas, que haviam sido pintadas de azul e protuberavam da neve. Ele sabia ter estado lá antes, não como um urso-do-gelo, mas como Berenhard. Ainda que o sentimento fosse quente, também se conectava ao medo de reencontrar elementos que haviam sido deixados para trás.

Ao chegar às primeiras árvores, Nonna saltou de seu dorso e se agachou à beira da floresta para dar sua oferta sacrificial, enquanto ele estudava o local.

Perto, uma chama azul queimava atrás de uma rocha. Pouco adiante, outra. A chama flamejante ascendia do meio de um círculo de tufo de musgo e Fenris sabia que sob a neve, dentro da circunferência, cresciam cogumelos vermelhos. Ele já vira a cena antes e não se surpreendia ao ver donzelas-azuis, barbas-de-líquen e musgos que mal se davam o trabalho de olhar em sua direção.

Mastigando um pedaço de pão, Nonna tornou a subir nas costas de Fenris e lhe pediu que seguisse viagem. O urso desviou os olhos das fadas de inverno, voltando ao caminho coberto de neve entre os troncos sólidos de árvore.

Nonna sentiu a presença de espíritos assim que entrou na floresta. Ela tirou capuz, embora o tempo estivesse congelante. Apesar de não ventar na clareira, era como se houvesse uma leve brisa em sua superfície, criando um zumbido sussurrado ao passar pelos troncos e pelos rochedos pintados de azul.

Sem saber o rumo correto, pediu a Fenris que se guiasse pelo instinto.

Havia algo de incomum, totalmente diferente de qualquer outra floresta conhecida. Sobre alguns dos rochedos azuis, repousavam estranhas imagens de animais e figuras humanas feitas de madeira. Quando o vento passava por essas criações, ou soprava entre peças ocas de madeira penduradas nos galhos de árvores mortas, mas ainda de pé, o resultado beirava o irreal. Mais além, atrás dos abetos, construções cobertas de neve lembravam grandes colmeias e Nonna se questionou se seriam a origem do mel de Barra Fria, ou de Unha do Dragão.

Ela ouviu o pio grave de corujas ao seu redor e, de vez em quando, um galho quebrado por alguma criatura. Algumas runas azuis desconhecidas estavam pintadas nos troncos das árvores.

A atmosfera limpa de inverno dentre aquelas árvores era reconfortante e lhe trazia segurança. Ali, Nonna não sentia medo de encontrar qualquer uma das lendárias criaturas da Terra do Gelo. O solo subia e descia à medida que caminhavam e ela, no fim, já não sabia o que era alto ou baixo, além de ter o senso de direção alterado. Linda, a lua brilhava entre os galhos e os sussurros da floresta transmitiam calma.

– O que foi? – murmurou Nonna, chegando em um muro baixo. Apesar de Fenris poder saltá-lo sem esforço, parou.

Ele levantou a cabeça, como se tentasse explicar algo, e Nonna pousou as mãos em seu pelo, esperando que mostrasse o que havia de errado.

Ela entendeu que aquele era um sinal de fronteira entre a floresta sagrada e algo ainda mais virtuoso, e sabia que atravessá-la não seria uma boa ideia. Notou a existência de crânios pintados de azul em galhos próximos, com olhos vazios que pareciam observá-la. Hesitante, percebeu que, onde estava, a floresta parecia acolhedora, e que o outro lado do muro não trazia nada de atraente.

O rugido de Fenris a despertou de seus pensamentos. Ela olhou para onde apontava o focinho do urso e notou, a curta distância, um pequeno vão no muro, pelo qual conseguiriam passar.

– Está bem, vamos lá, então! – sussurrou Nonna e encolheu os ombros.

Enquanto seguiam para o vão, ela viu um caminho do outro lado do muro e, a seu lado, uma estátua parcialmente coberta de neve de um homem de cabeça de urso. A estátua lembrava a do filhote de urso, que vira no Bosque dos Ursos. Ela desceu de Fenris no caminho estreito e seguiu até a estátua.

Ao lado de um grande rochedo, um velho de cabelos brancos, vestido com um casaco de pele da mesma cor, levantou a mão como se dando uma ordem para parar. Ele tinha uma vara azul em uma das mãos e, com a outra, fazia com que um menino, que mal tinha a

idade de Nonna, aquietasse. Um leve ruído veio dos pequenos ossos pendurados em sua barba quando virou o corpo para trás.

O menino, também com peles brancas, estava de pé atrás do rochedo com dois tigres brancos e cinzas, do tamanho de Fenris, ao lado. Com olhos amarelos brilhantes, as criaturas de aparência cruel alternavam-se entre um e outro, prontos para saltar se o velho ou o menino mandassem.

– Uma menina e um urso-do-gelo – murmurou o velho, baixinho.

– Um guerreiro, não deste mundo, com o urso – continuou, balbuciando para si.

– Você os deixará continuar? – perguntou o garoto.

– Ah, não! Algo melhor – riu o velho. – Eu os levarei ao cemitério.

– E eu?

– Fique aqui – disse o velho. – Guarde bem este lugar.

– Sim, pai – respondeu o garoto, com obediência, parando agachado entre os tigres-da-neve, apoiando-se contra uma vara de madeira, enquanto o velho se colocava em frente do rochedo.

Mal Nonna pôs a mão na superfície da estátua e limpou a neve para vê-la melhor, Fenris rugiu. Ao se voltar, deparou-se com um velho caminhando na neve profunda, aproximando-se de Fenris.

A reação do urso foi surpreendente, sob todos os aspectos. Ele pulou como um cachorro sobre o dono. O velho riu e se agachou e o deixou se esfregar em seu peito e sua barba, dando-lhe tapinhas na cabeça de forma amigável.

– Quem... – Nonna tentou completar a fala, mas não soube fazê-lo, caminhando para perto dos dois. E não conseguiu dizer nada, vendo o velho sussurrar no ouvido de Fenris como se ambos se conhecessem há muito tempo. Ela nunca vira Fenris reagir daquela forma com ninguém.

Ao notar a surpresa da menina, o velho se levantou e empurrou Fenris com delicadeza, pedindo-lhe que voltasse para Nonna, que franziu a testa e o agarrou pelo pescoço, com um pouco de medo e, de certa forma, ciúmes.

– Sinto muito – disse o velho, diante de Nonna. – Estou acostumado com ursos-do-gelo e eles parecem saber disso – disse e piscou um olho.

– Quem é você? – perguntou ela, curiosa.

– Para o povo da floresta, possuo vários nomes. Mas você pode me chamar apenas de Vördur. Qual seu nome?

– Sou Nonna, filha de Radulf, de Unha do Dragão. Seu nome não significa *guarda*? – Ela tentou pensar em uma velha língua que já havia estudado antes.

O velho fez um gesto positivo e sorriu.

– Você é guarda do cemitério de Forni, que fica aqui na floresta, certo?

– Sim, e sou seu Senhor. Eu cuido dele e de sua paz – disse o velho, mostrando o caminho para Nonna.

– Suponho que nem todos possam ir lá sem mais nem menos... – Ela caminhava ao lado do homem. O percurso parecia ter sido soprado na neve e não contava com uma única pegada em sua superfície.

– Posso manter distantes todos os indesejados, se precisar – disse ele.

Ela teve dificuldade para acreditar que um ancião conseguisse manter os invasores afastados. Ouvira falar, com frequência, de ladrões de sepulturas e de como eram rudes, cruéis e prontos para perpetrar qualquer barbaridade.

– Como... – começou Nonna, olhando ao redor. A estranha sensação de estar sendo seguida, fez com que parasse. Imaginando-se observada, pensou ter ouvido alguma coisa nas proximidades, como se algo muito grande deslizesse sobre a neve, a curta distância, ao lado deles.

– Não sou o único guarda, há mais de nós. Talvez minha função aqui, de fato, seja assegurar que aqueles que são permitidos, os que são bem-vindos, entrem. As sombras da floresta escondem grandes poderes que não querem ser perturbados, entende?

Nonna concordou.

– Gostaria de ir ao cemitério – disse, sem saber aonde o velho estava a levando.

- Eu sei – respondeu Vördur. – Eu sabia que você viria.
- Você sabia?

Eles subiram um caminho ligeiramente íngreme. Os abetos eram mais densos do que nos outros lugares, seus galhos verdes cheios varriam o chão coberto de neve e seu líquen brilhava, coberto pelo gelo. Não havia mais crânios azuis e a mente de Nonna estava em paz novamente.

– No inverno passado, um visitante falou sobre você. Ele disse que um dia você viria e me pediu para assegurar que chegasse ao cemitério. Se entendi direito, algo a esperaria por lá.

– Um visitante? Esperando por mim? – Nonna tinha os pensamentos confusos e não conseguia imaginar quem seria aquele visitante.

– Você entenderá, no momento certo. Afinal, embora não o mostre para ninguém, sei bem que sempre carrega um símbolo consigo – riu o velho.

Atônita, ela se lembrou de Cerbiurus, mas, quando ia perguntar, chegaram ao topo do monte e o velho parou ao lado de Nonna. Ele apontou para a frente.

– Estamos lá – sussurrou o homem.

Diante deles, uma encosta íngreme descia para um lago profundo, coberto de neve, sobre o qual árvores enormes esticavam seus longos galhos cobertos por neve e líquen. No meio do lago, uma ilha se cobria de numerosos montes. Seu centro trazia um círculo de rochas de aparência antiga, idêntico ao de Barra Fria.

A lua surgia das nuvens e iluminava o vale, que parecia protegido de tudo pelas árvores e montes. A cobertura macia de neve tinha apenas pegadas esparsas de animais. Corujas piavam na escuridão e a lua mais uma vez se escondia, trazendo a escuridão de volta, compondo uma cena idílica.

– Lá está o cemitério dos heróis que lhe mandaram visitar – disse Vördur, em voz baixa. – Estou certo de que sabe o que procura.

– Como você pode saber de tudo isso? – perguntou Nonna, franzindo a testa e mordendo o lábio ao olhar para o homem, interrogativa.

– Contaram-me. Vá, agora, enquanto a espero aqui.

– Ele pode ir comigo?

O velho se virou para o urso e balançou a cabeça.

– Ele pode ficar, em minha companhia.

A voz do homem não deu margem a discussão. Depois de fazer um pequeno carinho em Fenris, Nonna começou a descer para o lago, que reluzia sob o vaivém da lua, e para a ilha do cemitério, que a aguardava em seu centro.

Algo sobre a encosta que circundava o lago parecia anormal. Nonna não podia deixar de sentir que ela se parecia com uma cobra gigantesca, mas, não tendo tempo para conclusões, atravessou o lago congelado, incomodada por múltiplos receios.

Os montes sepulcrais não eram como aqueles com que se acostumara. Todos eram muito altos e suas entradas eram feitas por meio de escadas, que estavam quase lisas de tão gastas. Em cima de cada monte, havia uma pedra, sendo umas mais retas do que outras.

No total, havia em torno de vinte montes, segundo os cálculos de Nonna, que não tinha certeza do que procurava até reparar em um, ligeiramente diferente. As portas de todos os outros estavam cobertas por uma camada grossa de neve e gelo, mas aquela tinha apenas uma camada fina. Suspirando, com determinação e cuidado em cada passo, ela subiu a escada encoberta por neve.

Não havia nada escrito na porta comum de madeira robusta, cujo lado esquerdo trazia pendurada uma argola em forma de cobra. A neve em volta indicava que há tempos ninguém tocava na porta ou em seu anel. Sem pensar mais, Nonna segurou a argola e a puxou.

A porta abriu pouco, e ela precisou fazer um grande esforço para que abrisse mais e pudesse entrar. Ao entrar pela abertura estreita, logo sentiu um cheiro forte de terra, misturado a outro odor intenso e amargo.

O luar se refletia no interior como uma linha estreita e brilhante. Era o suficiente para iluminar a câmara do monte sepulcral com uma luz azulada espectral que se apagava cada vez que a lua sumia entre as nuvens.

O curto corredor, ladeado por pedras, levava a uma câmara com teto alto, no meio da qual repousava um caixão feito com grandes pedras. Nas laterais da câmara, havia numerosos baús e caixas, sobre os quais jaziam velhas roupas cobertas de pó e gelo. A brisa fria que entrava pela porta fazia o ar abafado de dentro da câmara se mover pela primeira vez em mais de dez anos, enquanto o pano que cobria o caixão tremulava na correnteza.

Toda vez que o luar brilhava, Nonna adentrava mais na câmara, chegando, enfim, ao caixão. Notando-o muito modesto, achou ainda mais estranho pensar que Berenhard estivesse dentro dele.

Tomada por tristeza, ela se ajoelhou diante do caixão, levou as mãos à pedra gelada e, em silêncio, pensou em tudo o que sabia sobre o tio. Bloqueando o mundo de sua mente, rezou aos deuses para que fosse tão forte quanto Berenhard, sua mãe e seu pai. Fazendo o que podia para bloquear sua dor, ela meditou com altivez e se levantou com determinação. Sua ida ali teve significado, a certeza lhe veio sem espaço para dúvida.

Em cima do caixão, Nonna viu uma espada familiar, coberta de pó. E sobre o pano azul, em volta desta, uma caixa simples de madeira. Na tampa do caixão, coberta de nomes, um texto estava gravado e foi lido por ela, em voz baixa.

– Aqui jaz Berenhard, um dos guerreiros mais fortes do Grande Forni. Suas mãos mataram os seguintes heróis – sussurrou Nonna. Seguia-se uma longa lista de nomes, alguns claramente de Nawyr ou Caldia. Debaixo deles, a runa do próprio Forni e uma data alusiva: Dia de Outono, 800.

A espada era de Berenhard, foi fácil deduzir. Ela a vira em algumas ocasiões nas mãos de seu espírito, embora a de cima do caixão houvesse sido inutilizada. Nonna a tocou de leve, movendo os olhos para a caixa.

Nonna se lembrava dos alertas que já tinha lido sobre armadilhas com as quais tumbas eram protegidas contra ladrões. De alguma forma, porém, sentia que, além de Vördur e dos outros guardas na floresta, nenhuma armadilha fora colocada lá. Esticando a mão, ela virou sua chave e ergueu a tampa.

De início, a pedra preta lisa pareceu fria contra a pele de Nonna, mas sua superfície logo se aqueceu, tanto que a obrigou retirar a mão.

Algo se havia se estendido de dentro da pedra e tocado em sua alma. O sentimento foi claro como qualquer outro, como se uma mão quente tivesse tocado seu coração e feito com que disparasse. Nem desagradável nem ameaçador, mas suficiente para testá-la e logo se afastar, deixando-a em paz. De alguma forma distante, era semelhante ao primeiro toque de Skafloc.

Nonna retirou a pedra da caixa. Do formato de um ovo, era tão lisa quanto escura ao extremo. Na parte de baixo havia algo colado e Nonna virou o objeto para ver melhor, à luz do luar.

– Um dedo? – sussurrou Nonna, diante da peça anexada à pedra. Lembrava o topo cortado de um dedo, em cima do qual ficava a pedra. Nonna estava perplexa. – O que estou fazendo aqui? – ela se perguntou, em voz baixa. –Levar a pedra seria roubo ou a razão pela qual fora à tumba de Berenhard?

Encolhendo os ombros, ela pôs a pedra de volta na caixa, fechando a tampa, e a colocou em seu colo.

– Perdoe-me se não gostar disso, meu tio, mas acho que a levarei comigo – murmurou Nonna, respeitosa. – Descanse em paz, cuidado por Forni e todos os outros deuses – disse Nonna, virando-se para partir e olhando para o caixão, mais uma vez. – Ah, sim! E por Cerbiurus também, é claro – acrescentou e deixou a câmara com a caixa.

– O que é isso? – perguntou Nonna ao velho, enquanto caminhava até Fenris. Ela levantou a caixa no ar e a mostrou para Vördur.

– O quê?

– O tesouro, que diziam estar na tumba de Berenhard?

O velho se retraiu.

– Essas tumbas têm tesouros, de fato, mas algumas coisas espera-se que fiquem por lá. Não sei o que você deveria encontrar nem se havia – respondeu, com uma expressão séria.

– Na verdade, encontrei outra coisa também... – Nonna se orgulhou, pensando na paz de espírito que vivenciou durante a visita. – Por que as tumbas têm portas? – perguntou, de supetão. Tinha pensado nisso logo que as vira, pois nunca vira algo como aquilo antes.

– Bem, casas têm portas – o velho respondeu, com simplicidade.

– Por que o último lugar de descanso dos mortos diferiria delas?

– Mas... Ladrões? Eles podem abrir as portas.

Vördur ruiu e apontou em volta.

– Nunca houve nenhum ladrão de sepultura neste cemitério. E também nunca haverá – ele voltou os olhos para Nonna e sorriu. – Quem sabe, talvez, alguém tenha o poder de entrar em tumbas. Para isso, os fortes têm câmaras funerárias, não é?

Nonna concordou com a cabeça e não ousou prosseguir.

– Posso vir de novo, com minha mãe, para olhar a tumba de Berenhard?

– Vamos ver se você realmente vem, não estou prometendo nada.

– A porta foi deixada entreaberta, não consegui fechá-la mais – disse Nonna, empurrando a caixa em sua bolsa e jogando-a sobre Fenris.

– O que você planeja fazer com isso? – perguntou o velho, ignorando o que Nonna acabara de dizer, apontando para a bolsa. – Não sei se é permitido que seja levado daqui.

– Seu visitante não disse que eu viria pegá-la, que essa era a razão de minha vinda? – perguntou Nonna, com ar matreiro.

– Talvez ele tenha dito... O que você vai fazer com isso?

– Não sei. Acho que ela é muito importante para alguém. É provável que apenas mostre para as pessoas de Unha do Dragão.

– Isso é bom.

Ao deixar o vale das tumbas e começar a caminhar em direção à Floresta dos Sussurros, Nonna não parava de pensar no significado daquela caixa que encontrara. A pedra parecia conter algo muito poderoso, mas sua aparência misteriosa e o dedo cortado debaixo dela faziam com que se perguntasse sobre suas origens e usos. Ela

decidiu não mostrá-la para ninguém em Barra Fria, e com isso se lembrou da chegada de Sigfastr. A espera por boas notícias de Unha do Dragão fizeram com que se apressasse. Eles chegariam à Barra Fria antes do amanhecer, se Fenris fosse rápido.

FORTE DE BARRA FRIA

Outubro, 816, a noite do Dia de Inverno

Ingolf, de Negrum, pôs sua capa rasgada no encosto do trono, sentou-se no assento macio e se recostou, fazendo sons de satisfação.

Acendiam-se tochas e velas no salão do rei, em Barra Fria. Gils, que havia enfaixado o braço com bandagens largas, estava sentado, quase desmaiado em uma cadeira colocada ao lado de Ingolf. Broddr, de pé atrás dele, tinha o lábio cortado e a boca inchada por ter apanhado do primo. Os homens de Negrum caminhavam pelo salão, curiosos, admirando e tocando nos objetos de valor jogados no chão ou pendurados nas paredes. Os guerreiros da floresta saíram roubando os lares das pessoas que moravam nas construções do pátio, como parte do que Ingolf lhes prometera como saque pela vitória. Ele havia proibido que se roubasse o prédio principal, mas alguns dos guerreiros já haviam causado danos, antes de sua chegada. Roupas bonitas e belos tecidos jaziam nos cantos, rasgados durante a busca insana por coisas mais valiosas em baús. Ingolf pretendia aproveitar os tesouros da família de Eymund e não deixar que fossem levados para as florestas por selvagens aparentados aos hiisis.

Ele começou a beber um jarro inteiro de cerveja e olhou com alegria a sua volta. Barra Fria tinha sido finalmente conquistada, embora a custo da vida de dezenas de homens. Sentia-se exausto, no trono real, com as roupas molhadas de suor, rosto e mãos cobertos de ferimentos ensanguentados, aproveitando ao máximo a sensação de vitória e poder. Agora, teria de eliminar algumas coisas e uma delas, em especial, que tanto o incomodava, o medo da criança-bruxa.

Nonna, de Unha do Dragão, havia deixado o castelo e ainda não retornara. Ingolf sabia que a garota fora para a região da Terra do Gelo, para a Floresta dos Sussurros, cuja distância conhecia, sem precisão. A menina voltaria apenas pelo amanhecer, se sobrevivesse à viagem, para ser presa por ele, que se livraria dela, de uma forma ou de outra.

Porém, o mais importante era terem capturado a filha de Eymund e o velho adivinho magrelo, que de tudo sabia. O filho de Monte de Hiite era um prisioneiro, por quem Ingolf poderia exigir um enorme resgate, se necessário.

Após beber o jarro todo, ordenou que os prisioneiros fossem trazidos.

As criadas mal tinham tido tempo de trazer outro jarro para ele e os parentes de Eymund, assim como Olvir, Freya e Sigfastr, que mal podia ficar de pé, foram empurrados para o salão.

A vara de Olvir fora tomada dele e suas mãos estavam amarradas com uma corda grossa atrás das costas, embora continuasse a lutar, vermelho de ódio. Freya estava ao lado do velho adivinho, exausta de decepção, ainda vestindo apenas uma camisola. Seus olhos estavam vermelhos de tanto chorar e ela gritou de dor quando Broddr puxou com força o colar do rei em seu pescoço.

– *Possho* lhe falar, Senhor – disse Ingmar, fazendo reverência diante de Ingolf. Freya o fitou com nojo.

Broddr, que dera o colar para Ingolf, foi do trono até Ingmar e desferiu-lhe um tapa.

– Cale a boca! – rosnaram seus lábios inchados.

– Broddr, deixe o homem falar – Ingolf riu, vendo Ingmar se reerguer.

– Obrigado, Senhor. *Possho* ir até *tus*? Minhas palavras não devem ser ouvidas por todos. – Ingmar se agachou e ficou olhando para os demais prisioneiros. Ele nem ousava passar os olhos em Olvir ou Freya.

– Diga o que tem a dizer daí ou *perderrá* a cabeça, e agora! – Ingolf acenou para Broddr, que tirou uma das espadas tomada dos

berserkers.

Ingmar teria preferido revelar suas intenções sem que os outros ouvissem. Assim, tentou formulá-las de forma a causar mínimo de dano para si.

– Sei muitas coisas que podem ser valiosas para *tus*, Senhor. Inclusive sobre a criança-bruxa. Submetendo-nos *a tus*, pedimos-lhe *parra* estar de seu lado – disse Ingmar, colocando um joelho no chão.

– Maldito covarde! – gritou Freya, a tempo de cuspir em Ingmar antes de Broddr empurrá-la, derrubando-a.

Ingolf riu alto.

– Ora, ora, se não temos um verdadeiro cavaleiro aqui – gritou para todos ouvirem. – Se todos na família de Eymund são tão mulherzinhas, não me surpreende que *quiserram* ter Freya no poder.

Ele bebeu mais cerveja e pensou um pouco antes de acenar para Broddr.

– Mais tarde, pergunte o que esse paspalho sabe, quem são os aliados mais fortes de Freya. Você sabe, *esshe* tipo de coisa – sussurrou Ingolf.

– Devemos levar todos embora?

Ele balançou a cabeça.

– Os que *possham* ser úteis ficam, os outros podem ir *emborra* pela manhã.

– E seus objetos de valor?

– Tudo fica aqui – Ingolf sorriu.

– E as criadas, os serviçais e os guerreiros?

– As criadas e os serviçais ficam, assim como os guerreiros, se *concordarem* em jurar por meu nome. Caso *contrário*, *tus* sabe o que fazer. Nenhum guerreiro deixa o castelo vivo, está claro?

Broddr fez um gesto afirmativo, com satisfação.

– *Agorra*, livre-se desses parentes e fique aqui – disse, apontando para os parentes de Eymund e os serviçais. – *Tus* pode contar ao Broddr o que sabe, depois. – Ingolf acenou para Ingmar, mas não se deu o trabalho de ouvir seu agradecimento choroso. Bebendo ruidosamente de seu caneco, esperou que todos fossem

retirados. Quando as portas se fecharam, ele voltou os olhos para Olvir, Freya e Sigfastr.

Ele se endireitou no trono, penteou os cabelos com os dedos, abaixou seu caneco e pegou o colar do rei que Broddr lhe dera. Inclinando-se para a frente, apoiou os cotovelos nos joelhos e encarou os prisioneiros, enquanto brincava com o colar. Os homens de Negrum estavam quietos e esperavam o julgamento.

– Bem, *Senhorra*, diga-me uma coisa. Quem é o governante do reino de *Norridium* agora? – Ingolf riu alto.

Os guerreiros caíram em uma enorme gargalhada, à exceção de Broddr, que fervia de raiva, mordendo o buraco deixado pela perda de um dente da frente. Freya levantou a cabeça com altivez e todos silenciaram para ouvi-la.

– Você, pelo menos, sei que não é! – disparou ela.

A expressão de Ingolf passou de diversão à raiva.

– Você não é nada, exceto um intruso em Barra Fria. Pegue seus homens e volte para o buraco de onde saiu, o fundo do inferno. Você é só um...

– Chega! – gritou Ingolf, sentado de lado no trono. – Eu falei *parra tus* que a *pesshoa* que governa o reino é aquela que é a mais forte. Nem crianças nem velhos governam aqui, muito menos uma criancinha *aterrorrizada*!

Olvir balançou a cabeça, com ódio.

– Quando os outros ficarem sabendo disto, você se arrependerá do que fez, Ingolf. A decisão da assembleia permanece válida e você a está traíndo e, com isso, a todas as demais tribos.

Ingolf deu uma gargalhada.

– Quem mais? A bruxa de Unha do Dragão e *Valkard*, talvez? Ou *tus* talvez se *refirra* àquelas *peessoas* loucas da montanha do Monte de Hiite? – vociferou Ingolf, balançando o anel do rei na direção de Sigfastr. – Tenho o apoio de, no mínimo, metade das tribos de *Norridium*, não se *esquecha dissho*, velho magrelo. Ninguém *virrá* e *tentarrá* tomar Barra *Fria* com Negrum no controle. Nem os *nawyrianos* nem os loucos de Monte de Hiite. – Sua risada maldosa ecoou nas paredes de pedra do salão, enquanto se sentava.

Olvir temia que as palavras de Ingolf pudessem ser verdadeiras. A decisão da assembleia fora apertada, sim. Uma vez no poder, ele poderia conquistar o apoio de alguns pelo medo e ninguém o desafiaria para uma batalha. Era sabido da maioria que, apesar da crueldade, Ingolf era um oponente inteligente demais, que defenderia o castelo contra todos os inimigos em potencial, certamente.

O adivinho só pensava em duas criaturas capazes de expulsar Ingolf do trono. No entanto, após uma investida de Skald e Nereid, o castelo se reduziria a uma pilha de pedras. Entretanto, talvez alguém de Unha do Dragão pudesse fazer algo com Valgard, pensou Olvir, sem perder toda a esperança.

Naquele instante, a porta principal foi aberta e por ela entrou Agenald, vestindo robes pretos, com um pentagrama brilhante no pescoço.

Os olhos de Freya se arregalaram de terror ao ver o sacerdote do Salão Negro pela primeira vez. Ela teria se protegido com sinais contra espíritos malignos, se suas mãos não estivessem amarradas. Lembrando-se das palavras de Nonna, suspeitou estar defronte do sacerdote de quem ela falara antes.

– Em nome de todos os deuses – sussurrou Freya, apavorada.

Lenta e cerimoniosamente, com uma vara grande batendo no chão, Agenald caminhou em direção a Ingolf, olhando de modo presunçoso para Freya.

– A bênção de Abaddon ao novo soberano – disse o sacerdote, sarcástico, curvando-se de leve para Ingolf.

Este se limitou a rosar como resposta, com um olhar de desprezo no rosto. Não era uma surpresa para Agenald, que sabia muito bem o quanto não era bem-vindo. Ele não fora ali para fazer amigos com a família de Negrum, tampouco dava a mínima para o desprezo de Ingolf. Na verdade, tinha assuntos mais importantes para cuidar.

– Pagarei um excelente preço pela menina – declarou Agenald, tão alto que todos ouviram. Freya sabia de quem falavam e seu rosto se contorceu de pavor ainda maior e repulsa. Broddr esfregou

as mãos de satisfação, certo que Ingolf a venderia como escrava para o Salão Negro.

– Fique com seu *ourro* – rebateu Ingolf. – O Salão Negro pode conseguir escravos de outro lugar, ela não está à venda.

O ódio varreu o rosto de Agenald, mas seus olhos se depararam com a espada amassada e ensanguentada ao lado do novo líder.

– Mas, primo... – começou Broddr.

– Cale a boca! – disparou Ingolf e se inclinou para o sacerdote. – *Tus* tem seu contrato, mas não a *garrota*, fui *clarro*?

Agenald fez um aceno imperceptível com a cabeça.

– E a criança-bruxa?

– *Essha tus* pode levar *conshigo*. A *garrota* está voltando pela manhã, até lá, *tus terrá* que *esperar*. *Agorra*, saia do caminho – Ingolf fez um gesto com a mão, Agenald assentiu e se moveu para o lado.

– Sigfastr, de Monte de Hiite... – Ingolf começou a falar e Broddr ordenou aos guerreiros que levantassem o jovem, deixando-o reto para ouvir sua sentença. – *Mim poderria* ganhar um bom resgate por *tus*, *mim* acha. Seu pai *pagarria* todo o *ourro* de Monte de Hiite por seu filho, o que *tus* acha?

– Sim, ele pagaria – respondeu Freya no lugar de Sigfastr. – Envie uma mensagem a Monte de Hiite e você certamente terá seu ouro.

Ingolf riu tanto que caiu cerveja de seu caneco.

– Verdade? E eu *deixarria* Monte de Hiite saber o que aconteceu? Ah, não, minha *garrota*. Não estou com *pressha* de *passhar essha* informação para aqueles lados ou anseio por mais *ourro*. Seu pai deixou mais do que o suficiente para trás. – Ingolf riu e apontou para os objetos de valor jogado pelo salão.

A objeção jocosa de Freya foi interrompida por Broddr, que pôs o punho fechado em frente de seu rosto, ameaçando socá-la.

– O pobre *garroto* de Monte de Hiite não vai ser libertado por um resgate, ele *ficarrá* aqui, e seu pai com certeza não *levantarrá* um dedo contra mim, desde que a vida do *garroto* esteja em minhas mãos. Até lá, deixe que ele *apodrecha* em uma masmorra. Mas... –

Ingolf entornou um grande gole e soltou um arroteo enorme, obviamente sentindo-se muito satisfeito consigo.

– *Tus* dois, por outro lado, são uma questão completamente *diferrente* – prosseguiu sua fala, apontando para Olvir e Freya. – Velho. *Tus* é sábio e *mim* sabe que, como homem livre, *tus* faria tudo o que *pudesshe* contra mim. *Mim* não ousou libertá-lo, mas também não o *querro* aqui com seus *espíritos* e *poderres*.

Ele acreditava piamente que, se Olvir fosse feito prisioneiro em Barra Fria, ele iria mais cedo ou mais tarde conjurar espíritos para assombrá-lo. Se fosse levado como prisioneiro para Negrum, seus parentes sofreriam e, caso o lançasse em exílio, encontraria o caminho para Unha do Dragão e começaria a tramar uma vingança. Ingolf também pensava sobre o destino de Freya. Não podia tirar-lhe a vida, pois seria uma covardia imperdoável e, com tal ato, poderia receber até a ira de tribos amigáveis. Além disso, por honra, as vidas de governantes depostos eram sempre mantidas.

Gils, que agonizava de dor e já delirava, resolveu o problema do primo, sussurrando em seu ouvido para lembrá-lo da desolada ilha de Penhasco do Chifre. Sorrindo de satisfação, Ingolf apontou para Freya.

– O Penhasco do Chifre é o lugar *parra tus* dois. *Tus poderrão passhar* o curto resto de suas vidas isolados de todos os demais. – Ingolf decidiu e riu alto, sem notar que Broddr e Agenald se entreolhavam. – Broddr, tome as *providências parra* que o velho e Freya sejam levados *dirreto parra* a península de Penhasco do Chifre e de lá *parra* a ilha. E *asshegurre-se* que não saiam de lá quando *tus* partir. E leve uma mensagem para Varg dizendo que a partir de *agorra* Negrum governa *Norridium*. Desta forma, ele *terrá* uma razão *parra comemorar* – Ingolf exortou entre os dentes e acenou para que os prisioneiros saíssem.

Fenris levara Nonna rapidamente da Floresta dos Sussurros até o rio. Ao atravessar o gelo sobre a parte rasa, logo avistaram o brilho da manhã à distância, atrás do Bosque de Hiite.

O urso quase voou pelo rio ao lado do bosque, com Nonna agarrada em seus pelos e, embora as árvores tenham se mexido,

não conseguiram agarrar nenhum deles quando já estavam em sua lateral. Com o Bosque de Hiite deixado para trás, a paisagem se mostrou coberta de neve e o brilho da manhã voltou a desaparecer. Nonna começou a pensar em sua chegada à Barra Fria.

Pensando nisso, ela se lembrou do momento em que deixara seu quarto e ouvira um dos serviçais conversando com Ogmund, servindo-lhe cerveja. Algo a respeito daquele comportamento lhe parecera misterioso, apesar de familiar, além de estranho.

Nonna já havia reconhecido o homem como o novo assistente de Petrus e, agora, sentada no dorso de Fenris, percebia o que mais lhe era familiar.

A lembrança bateu em sua mente como um raio surgido do nada e seu coração pareceu saltar pela garganta. Um suor frio encharcou sua pele e, de repente, ela percebeu que cometera um enorme erro, deixando Barra Fria.

– Em nome dos deuses, Fenris! – Ela gritou e levou a mão à boca ao lembrar da voz rouca do serviçal e do lugar em que a ouvira antes, na forma de um corvo. Seus cabelos se arrepiaram ao perceber que o ajudante de Petrus, que servia cerveja para Ogmund, era o assassino.

– Fenris, corra o mais rápido que puder! – Nonna gritou de terror, recordando a noite em que haviam tentado assassinar Freya. Ela usara os sentidos de Fenris para seguir a pista do cheiro deixado junto à porta, após o criminoso sair. O cheiro de cerveja e malte era tão fraco que Nonna nunca o teria percebido, mas o urso possuía sentidos muito mais apurados do que ela.

– Aquele ajudante de cervejeiro é o assassino, Fenris. Corra!

Como poderia ter sido tão cega? Nonna lamentava o engano cometido, entre lágrimas. Fenris corria como o vento pela neve, que voava por baixo de suas patas no ar da manhã. Iam tão rápido que o capuz de Nonna saiu de sua cabeça e a neve que caía grudou em seu rosto quente. Nonna rezou para todos os espíritos e deuses conhecidos para que tivessem cuidado de Freya e que nada pudesse ter ocorrido com ela, enquanto estiveram fora.

Os homens de Negrum estavam de pé junto ao portão quando Nonna e Fenris chegaram à ponte levadiça, que se encontrava erguida. Eles olharam sem acreditar para os dois que chegavam ao portão sob a neve que aumentava. Logo, ouviu-se uma voz fraca de menina no alto do muro.

– Deixe-nos entrar, rápido! – Ela gritou o mais forte que pôde, sentindo que algo estava muito errado. Há algum tempo, começara a se acostumar com os alertas distantes e esporádicos de Gudrun e, ao chegar ao portão, ouvira seu aviso sobre um perigo iminente.

– *Shó* um instante, vamos abaixar a ponte *levadicha* – disse um guarda.

Nonna sorriu e olhou para Fenris, como se perguntasse alguma coisa.

– O quê...? – murmurou para Fenris, confusa com aquela fala. Nunca ouvira os guardas de Barra Fria com tal sotaque e, entre os *berserkers*, apenas Ulfar usava o velho dialeto. O mecanismo da ponte levadiça estava rígido após a noite fria e, ao ser acionado, gerando uma série de barulhos, uma dúvida crescente invadiu Nonna. Ela olhou para a neve do chão, desorientada.

Não se podia ouvir os sons rotineiros de Barra Fria àquela altura. A neve sobre o caminho que levava ao castelo estava coberta de pegadas. Os instintos de Nonna lhe indicaram para se manter alerta, enquanto a ponte levadiça se abria.

– Bem, entre! – gritou o guarda. Ela se perguntou por que o portão ainda não havia sido aberto.

– Abra o portão! – gritou Nonna. – Fenris, fique alerta, agora... – Ela sussurrou no ouvido do urso quando viu que o portão começou a se mover, bem devagar, revelando um guerreiro com vestes estranhas. Os homens passaram a acenar para que ambos entrassem. Ele deu um passo para trás e virou a cabeça, como se tivesse sentido um cheiro ruim.

– O que foi, Fenris? – perguntou Nonna.

O animal podia sentir o cheiro do sangue e da morte no pátio e sabia que as coisas estavam anormais. Um dos guerreiros veio em sua direção com um sorriso amigável no rosto, e uma lança em uma das mãos.

Nonna captava que Fenris estava aflito. Ele não queria entrar no castelo e deu mais um passo para trás. Ela não tirava os olhos do guerreiro que se aproximava. Havia algo de errado no ar, era possível se perceber, apesar da neve. O cabelo do homem era grosso e desfeito e ele não se parecia com os demais guerreiros de Barra Fria.

O comportamento amistoso daqueles homens só reforçava suas suspeitas. Ela estudou Fenris, hesitou um pouco, e tomou sua decisão. As coisas estavam tão suspeitas que era melhor dar meia-volta, embora não quisesse acreditar no pior. Nonna queria que tudo estivesse bem.

Quando Fenris deu mais um passo para trás, o olhar no rosto do guerreiro mudou e ele ergueu a lança no ar.

– Entre no castelo agora ou enfiarei isso em seu peito! – gritou o homem para Nonna. Outros deles, com mais armas nas mãos, vieram até o portão, deixando-a em pânico.

– Para trás! – disparou Nonna para o guerreiro, com toda sua capacidade de ser assustadora. O homem gritou de horror, a lança caiu de sua mão e ele saiu tropeçando, tão rápido que se enroscou nos próprios pés, caindo de costas na neve. Isso bastou para os demais atacarem os dois.

– Vamos fugir, Fenris! – gritou, agarrada ao pelo do urso. Com gritos que vinham dos muros ecoando em seus ouvidos, eles saíram em disparada tanto dos guerreiros como das lanças que zuniam sobre suas cabeças.

A estrada que descia para a cidade era longa e íngreme e, ao chegar às primeiras casas, os urros cheios de ira de seus perseguidores ainda eram ouvidos. O sol iniciava sua ascensão e a luz amarelada tremulava no horizonte.

– Vire à direita, agora! – pediu Nonna, apontando para o mar. Ele desacelerou e escorregou na superfície coberta de gelo da estrada, rumo às sombras das casas e ao mar.

Ela sabia que a estrada levava ao porto de Barra Fria, com seus grandes galpões e navios. Se pudessem chegar lá, talvez encontrassem um esconderijo ou, passando pelo porto por trás dele, abrissem caminho para a grande floresta.

Por que tantos guerreiros raivosos os perseguiram? Nonna tentava pensar com o vento frio batendo em seu rosto. Tudo estava ainda pior do que imaginara! Uma lança curta passou raspando por ela, que gritou de medo ao vê-la atingir uma carroça muito próxima.

– Em nome dos deuses! – Alguns guerreiros de cabelos embaraçados haviam tomado um atalho e a surpreenderam em uma posição estratégica.

Um deslocamento furioso de ar foi ouvido e flechas lançadas atingiram parte da roupa de Nonna, além de paredes laterais, fazendo barulhos violentos.

– Mais rápido, Fenris, mais rápido! – gritou Nonna.

Abrindo caminho entre carroças, barris e caixas, a neve voava longe sob suas passadas, deixando os sons dos guerreiros cada vez mais para trás.

Por fim, alcançaram o pé de uma pequena colina, iluminada pelo sol matinal. Do lado oposto, construções menores e o mar aberto brilhavam. Nonna sussurrou para que fossem direto para o mar e ele seguiu com passadas furiosas.

Fenris estava muito cansado. Correria muito do Bosque de Hiite para Barra Fria e, após tanto esforço, era obrigado a enfrentar uma repetição daquilo. Suas patas e seu dorso doíam demais, mas ele correria até a morte por Nonna, se necessário. De algum lugar, conseguiria tirar mais forças para subir o monte e desaparecer nas sombras.

O depósito dos barcos era composto de cabanas bastante longas, com coberturas simples de telha e paredes sólidas de madeira, contando com portas duplas, em uma das extremidades, pelas quais as embarcações eram movidas. Em volta deles, botes a remo, pilhas enormes de lenha, suportes para serras, barris, cordas, velas antigas e redes quebradas. Em algum lugar em meio a tudo, um cachorro bravo latia. Fenris foi para trás do maior dos galpões.

– Quietos agora, Fenris – disse Nonna, saltando para a neve. – Fique quietinho, o mais que puder – ordenou e se espremeu ao lado do urso exausto. Ela abriu o tubo em seu cinto, derramou o resto do pó de musgo-de-tumba em sua boca e o engoliu. Uma sensação tépida se espalhou por seu corpo, como se tivesse bebido algo muito

quente. O calor alcançou os pés, as mãos e até as pontas dos dedos, espalhando-se para a cabeça, e tudo em volta começou a ficar diferente. Nonna fechou os olhos e começou a conjurar.

– Espíritos das sombras, cubram-nos com seus braços e não nos revelem – murmurou, repetidas vezes, concentrando-se em cada palavra. Sombras escuras ouviram seu chamado como se esperassem há muito tempo para se aproximar dela. Em silêncio, deslizaram da escuridão, encontraram o caminho até os dois e os protegeram.

Os armados guerreiros de Negrum percorreram o trajeto da colina até o porto. Por um momento, olharam em volta, limpando a neve de seus rostos, e se mantiveram no encalço das pegadas de Fenris que quase desapareciam nos pontos de neve muito pisada. Apesar da dificuldade, elas os levaram para trás do primeiro dos depósitos de barcos, sumindo de vez, misturadas com serragem e pedaços de madeira. O vento marítimo batia cada vez com mais força.

– Ingolf quer a garota viva. Ele não disse nada a respeito do urso-do-gelo, mas eu quero distância desse animal. – O homem que ia à frente falou, esgueirando-se para o lado oposto do galpão, onde os vestígios pareciam levar. Só o que encontrou por lá foi uma sombra assustadora.

– Como pode ser? – disse, voltando para a frente. – As pegadas evaporaram e não há sinal do urso ou da garota.

– Bruxaria... – Um dos homens aludiu ao tema, fazendo um sinal de proteção contra as forças do mau e dando alguns passos para trás.

Um guerreiro ergueu sua lamparina, que chiou contra os flocos de neve que a tocavam. A verdade é que as pegadas do urso-do-gelo não podiam mais ser vistas em lugar nenhum, apenas sombras sinistras que pareciam forjar uma parede negra. O medo começou a rastejar por suas costas e ele recolheu a lamparina, que não seria capaz de penetrar naquela penumbra, afinal.

– Quem está aí? – os homens foram surpreendidos por uma voz grossa. Uma luz fraca tremulou sob a neve e o latido de um cão

bravo também veio dali.

– Procuramos por uma fugitiva – gritou o líder do grupo de guerreiros, cuspiendo na neve, desapontado. O gosto de cerveja aumentava em sua boca.

– Uma fugitiva? – A voz que portava uma lamparina se aproximou e se revelou, vestindo peles, com uma longa barba loira trançada. Um machado de aparência cruel despontava em sua cintura e ele trazia um *elkhound*, um enorme cão quase do tamanho de um cavalo preso por uma coleira. Os olhos do cachorro de pelo emaranhado brilhavam de ódio e ele rosnava furioso, mostrando os dentes.

– Bem, *tus* conseguiram achar a fugitiva? – disse o homem, imitando o dialeto dos guerreiros de Ingolf.

– Não, não conseguimos. Se, por acaso, *tus* vir uma menina com um urso-do-gelo, mande uma mensagem ao castelo e *receberá* uma boa recompensa – disse um guerreiro de cabelos cheios de nós, com forçosa educação.

– Uma menina com um urso-do-gelo – repetiu o homem, irônico.
– Vemos isso quase todo dia... Bem, mandarei uma mensagem, se for necessário. Como foi a festa do Dia de Inverno, eles serviram cerveja o suficiente?

– Sim, serviram, bem... Temos de voltar, *agorra*. – O guerreiro lamentou em pensamento, sabendo que Ingolf não ficaria feliz.

O homem que guardava o porto seguiu os guerreiros até que desaparecessem, segurando o cachorro que puxava, nervosamente. Ele balançou a cabeça, virou-se e voltou para sua cabana com a certeza de que os guerreiros que encontrara não eram homens de Freya.

Ao fechar a porta de sua cabana, uma enorme pira funerária foi acesa na península, enviando sua mensagem negra para as profundezas da neve que caía.

À distância, no leste, a luz da manhã coloria o horizonte sobre as montanhas com um brilho amarelo pálido. A neve se tornara mais fraca e somente alguns flocos de neve mais leves caíam de nuvens

cansadas. Elas se afastavam, aos poucos, estrelas ainda brilhavam, já sem força, e a lua desaparecia nas ondas mais distantes do mar.

O momento mais calmo do dia se anunciava, a paz quebrada apenas por cavalos solitários que puxavam pesados trenós pela grande floresta. Em volta destes, uma dezena de homens de aparência selvagem vestindo capas simples de lã e portando lanças.

Olvir e Freya estavam sentados e amarrados, juntos. A garota chorara a noite toda e, agora, seus olhos vermelhos começavam a se fechar de exaustão. Olvir tentara acalmar a menina e conjurara os espíritos do sono sobre ela, embora suas forças também estivessem no limite. O trenó rangia e fazia barulhos, os cavalos bufavam e relinchavam e o movimento começava a deixar o velho sonolento.

Seus últimos pensamentos, antes de adormecer, referiram-se ao Penhasco do Chifre, a península dos enfeitados, há muito assombrada por uma maldição: a de que ninguém sobrevivia mais de um mês naquela terra abandonada.

Sozinha

CIDADE DE BARRA FRIA
Outubro de 816

Nonna acordou com um cutucão, ouvindo um murmúrio distante e sentindo o cheiro de árvores frescas ao seu redor.

– Saia! – ela ouviu. Fenris acordou, rugindo. Nonna abriu os olhos e tudo que viu foi a escuridão a seu redor. O urso se moveu um pouco, mas o lugar era tão apertado que o impediu de se levantar. Ele rugiu, de novo, recebendo rosnados raivosos como resposta. *Cachorros*, pensou Nonna, notando que alguém a cutucava com uma vara.

– Saia daí, agora! – A voz soou outra vez e a fez se lembrar de onde estavam. A dor de cabeça decorrente da mágica latejava forte em suas têmporas e todas os fatos pareciam distantes e confusos.

Nonna e Fenris haviam encontrado um caminho em um dos depósitos, depois que os guerreiros haviam partido, e se arrastado para baixo de um barco de cabeça para baixo, para poder dormir. No entanto, alguém os cutucava com uma vara entre o chão e o barco e Fenris olhava para Nonna, intrigado. Havia cachorros grandes e bravos por todos os lados, os sons de suas patas e os latidos podiam ser ouvidos com facilidade, indicando a presença dos animais.

– Já vou sair – respondeu Nonna, bocejando e começando a se arrastar para fora. Quando sua cabeça apareceu, alguém a agarrou pelo pescoço e a puxou para cima, com violência.

– Pare! – Ela gritou de dor quando o homem grande e furioso a ergueu.

– Seu urso-do-gelo parece ainda estar escondido aí debaixo. Ordene que ele saia com calma! – O homem vociferou com uma lança de aparência feroz em sua mão, do tipo que Nonna vira há tempos com caçadores de ursos. Seus olhos azuis brilhavam e o pó que flutuava no ar cintilava com os raios enevoados do sol que entravam pelos buracos das paredes do depósito, que era muito frio.

– Fenris, saia devagar – pediu Nonna.

O urso saiu de costas de sob o barco e logo foi cercado por três enormes *elkhounds*. Os cães rosnaram, prontos para o ataque, focinhos para cima e dentes à mostra, mas ele não deu a mínima. Esticou-se todo e se pôs ao lado de Nonna, balançando a cabeça.

O homem deu um passo para trás e os mediu.

– Uma menina e um urso-do-gelo. Ou melhor, uma criança-bruxa, como devia ter adivinhado – disse, coçando a barba, pensativo.

– Algo ocorreu no castelo – disparou Nonna. Ela se sentia exausta.

– É verdade? – disse o homem, sentando-se em um toco de madeira. Nonna olhou em volta e viu serragem, pedaços de madeira, pequenos machados, martelos e cinzéis. Atrás dela, um barco de cabeça para baixo fora consertado com pedaços de madeira recentemente talhados. Uma leve poeira flutuava no ar.

– O que devo fazer com vocês? Fale para mim – ele pensou alto.

– Como assim?

– Bem, você chegou aqui pela madrugada com um bando de guerreiros mal-encarados a persegui-la. Eles disseram que eram do castelo, embora não soassem como o povo de lá. Perguntaram sobre você. Você e seu urso-do-gelo.

– Eu não sei quem eles eram – Nonna franziu a testa. O medo e a confusão cresciam, mas ela os bloqueou, fazendo sua raiva prevalecer.

– Eu não quero o ódio da Senhora nem do povo do castelo contra mim, não importa quem fossem. Se Meldun souber que você se escondeu em seu depósito de barcos, terá problemas por causa disso, o que não trará nada de bom para mim também.

– Preciso de ajuda – disse Nonna.

– Ajuda?

– Preciso de abrigo, um esconderijo, entende? – disse Nonna, torcendo os lábios, pensativa. Ela não tinha certeza de nada, só que precisava de um momento para pensar sobre tudo em paz. Estava sozinha, mas em uma cidade que lhe era desconhecida, o que a tornava insegura. Talvez fosse mais fácil fugir para outro lugar, para a floresta ou algo assim. Lá, poderia pensar com calma no que fazer. Antes, porém, tinha de descobrir o que acontecera no castelo.

O homem diante dela coçava a cabeça.

– Se prometer que não fará nenhuma mágica, você poderá passar o dia aqui. Meldun estava festejando ontem, sua cabeça não vai deixá-lo trabalhar até amanhã. Mas de manhã você terá de partir. Está claro?

Nonna concordou com a cabeça e até ousou pedir alguma comida para o homem, pois não havia nada na caixa da tumba em sua bolsa.

– Trarei mingau, é só o que posso oferecer – disse, mandando os cães o seguirem. Quando ele abriu a porta do depósito para sair, Nonna vislumbrou o mar, coberto de lodo congelado, banhando-se na luz da manhã.

Ela se sentou no colo de Fenris para pensar. Precisava saber o que tinha se passado no castelo e só havia um modo seguro de fazê-lo, se ainda fosse capaz.

Nonna aguardou o homem trazer o mingau prometido e o comeu com gula e rapidez, pondo o prato no chão sobre a serragem e os pedaços de madeira.

– Fenris, venha aqui – chamou ela, limpando a boca. Eles se retiraram para o canto mais escuro do depósito. O urso se acomodou, deitado no chão, com Nonna atrás dele, fora de vista. – Não deixe que ninguém venha perturbar, certo? – pediu. Um rugido suave foi sua resposta.

Ela fechou os olhos e tentou relaxar, apesar da dor de cabeça lancinante.

Não havia alívio no clima congelante, em Barra Fria, inclusive de manhã. Como uma nuvem invisível, toda a área abaixo do forte foi

envolvida, espalhando flocos de neve cintilantes, pintando as paredes das casas, as árvores e os muros com gelo, fazendo a respiração das pessoas virar nuvens de vapor. O céu estava limpo, quase sem nuvens, o que significava que a noite seguinte seria ainda mais fria.

Como sempre, os corvos haviam se reunido em volta das casas que cercavam a praça do mercado e, quando o sol da manhã começou a aquecê-los, começaram a voar sobre as construções da cidade, à procura de comida, que não era mais encontrada com facilidade. Eles atravessavam os ares, vendo os cães que latiam, coletavam alguns petiscos e pairavam sobre tudo, sempre curiosos, por cima dos telhados das casas, das bancas do mercado ou das carroças, até os galhos sem folhas das árvores da praça. Lá, limpavam as asas e grasnavam.

Um único corvo voou para o forte. Ele bateu as asas sobre a colina, confuso com o grupo de pessoas de aparência deprimida que descia do castelo. Vestidos com capas pesadas, elas carregavam seus pertences e olhavam para trás, desapontados e indignados. Os que vinham na direção oposta paravam e retornavam, agitadas e com pressa de espalhar as notícias.

As asas pretas elevavam o corvo cada vez mais alto. Ele desenhou um arco sobre o pátio, desceu com cuidado e se acomodou em um canto do prédio principal. Seus olhos pretos brilhavam contra o sol, enquanto observava tudo com a máxima atenção. Viu um homem vestido de armadura de cota de malha montando um cavalo e saindo do castelo, seguido por outro e um terceiro. Depois deles, os portões foram mantidos abertos e a ponte levadiça abaixada.

O corvo ficou parado por um tempo, bateu as asas, impaciente, coçou o bico com as garras e abanou o rabo.

Uma fumaça começou a subir das fogueiras e lareiras acendidas pelas criadas e serviçais, assim como das chaminés das cabanas e logo, cercou o corvo. Ele ouviu sons às costas e notou que havia guerreiros abaixando a flâmula do mastro e levantando uma nova em seu lugar.

O corvo reabriu as asas pretas, levantou voo e ultrapassou os muros, de volta à cidade. A ave regressou à companhia de seus parceiros na praça do mercado, a tempo de ouvir o anúncio feito pelos cavaleiros.

Nonna despertou com o tempo esfriando ainda mais no depósito de barcos. Estava tonta, com as têmporas latejando. Uma sensação congelante crescia dentro de sua alma e de seu corpo ao entender o que se passara.

– Negrum invadiu Barra Fria! – disse para Fenris, chocada. Tudo se dera enquanto estava fora e não havia sinal de Freya, Olvir ou Sigfastr.

– A culpa é minha. – Ela tinha um nó na garganta e estava inconformada. Por que não mantivera sua promessa de ficar com Freya?

Na forma de um corvo, vira Ingolf, de Negrum, com seus guerreiros, todos a cavalo, encaminhando-se à praça do mercado de Barra Fria para anunciar seu reinado. Atestara suas flâmulas, no azul-escuro de Negrum, substituindo as de urso vermelho, de Eymund. A cena congelou seu coração mais do que qualquer espírito do frio poderia fazê-lo.

Talvez não tivesse evitado a tomada. No entanto, poderia ao menos ter sido capaz de cuidar de Freya, pensava ela, arrependida. Se descobrisse a tempo que o assistente do cervejeiro era o assassino, tudo teria ficado como antes.

Embora o remorso a invadissem, não o deixaria paralisá-la.

Precisava consertar as coisas e, se não desistira antes, não o faria agora. Ela buscou a caixa retirada da tumba de Berenhard e a olhou como se ali pudesse encontrar respostas.

O que deveria fazer? Unha do Dragão precisava saber da conquista de Negrum, embora não soubesse como. Após ouvir a notícia, Astrid talvez enviasse seu exército completo para reconquistar Barra Fria. Entretanto, antes disso, era essencial descobrir o destino de Freya. O assunto era, de fato, ainda mais urgente, raciocinava Nonna. Quem sabe o que poderia ter ocorrido com a filha de Eymund? Em todo caso, sabia que viriam procurá-la

na cidade e que Fenris era uma figura muito visível, motivo para não poderem andar juntos. Ela teria de ficar só e encontrar Freya.

De alguma forma, entraria no castelo.

FORTE DE BARRA FRIA

Noite do dia seguinte ao Dia de Inverno, 816

O entardecer cobria o pátio do castelo e Nonna atravessava o portão em meio a um grupo desconhecido e barulhento de homens. Ela puxara bastante o capuz, cobrindo a cabeça, e tentava parecer parte integrante do bloco de gente.

O tempo estava ficando mais frio e uma tempestade podia começar a qualquer momento. Naquele dia, o vento testara sua força nas ruas da cidade e o ar, agora, tinha um cheiro diferente, tempestuoso. Na colina que levava à cidade, bodes haviam lambido os troncos das árvores, tido como um presságio para um temporal iminente.

Antes do dia dos mortos, as tempestades de inverno aumentariam nos Montes do Dragão e trariam ventos congelantes e uma camada ainda mais grossa de neve sobre todo o reino. Daí, a locomoção poderia se tornar difícil. Ela caminhava com cuidado pelo portal, com uma pequena bolsa nas costas.

O pátio estava arrumado. Aqui e ali, pequenos fogos queimavam, em cima dos quais grandes caldeirões se penduravam em tripés. Nenhum porco era visto e os cachorros se deitavam debaixo das casas, em geral, os pontos mais quentes.

Nonna parou no fim do portal, juntando coragem. Embora insegura, respirou fundo e começou a andar de modo confiante na direção de um prédio lateral. Tentando não olhar para os guardas sobre os muros, ainda assim sentia que estavam lhe encarando. Para sua sorte, havia muito movimento no pátio. Os mercadores tinham vindo comprar os objetos que estavam sendo vendidos pelos homens de Negrum, alguns dos quais parecendo ser de Eymund e Freya.

Os guerreiros da floresta estavam ocupados, pois alguém lhes entregava seus pagamentos. Uma vez que recebiam, juntavam suas

armas e deixavam o castelo. A ganância que brilhava nos olhos dos conquistadores selvagens e de péssima aparência não lhes permitia notar que uma menina franzina corria para dentro de um dos prédios, fechando sua porta.

Ela virou rápido para a esquerda, subiu as escadas e ouviu pela porta da cozinha as vozes femininas que de lá vinham. Não havendo maneira de passar pelo cômodo sem ser notada, Nonna dependia das criadas não alertarem alguém da família de Negrum quando a vissem.

Ela abriu a porta e entrou no calor da cozinha.

– Em nome dos deuses, Nonna, de Unha do Dragão – disse Nilla, atônita. Com aparência desconsolada, as demais criadas viraram suas cabeças para ela.

– Shhh! Por favor, não me entregue, eu lhe suplico – implorou Nonna, fechando a porta.

– Mas é claro que não! O que você está fazendo aqui, senhorita? Este lugar é perigoso demais para você! Kada, por favor, feche a porta – disse, enquanto caminhava até Nonna com uma grande colher, que pingava sopa, em uma das mãos. Uma jovem criada se levantou rápido e correu para fechar a porta que levava às escadas íngremes para o prédio principal.

– Eu vim... Onde está Freya? – Nonna hesitava perguntar. Uma má suspeita a incomodava ao ver as mulheres trocando olhares infelizes.

– *Tus* não ficou sabendo? A Senhora e Olvir foram levados *emborra* – disse Nilla, parecendo pesarosa e claramente sentindo a falta deles.

– Levados? Para onde? – questionou Nonna, em parte feliz por saber que Freya ainda estava viva.

– Ninguém sabe, *forram* levados logo de manhã. *Mim* vi quando os *colocaram* nos vagões.

– E Ulfar e os *berserkers*?

– Estão todos mortos, eles *lutaram* como heróis, mas... – Nilla balançou a cabeça, com tristeza.

Arrasada, Nonna pensou na última conversa que teve com Ulfar.

– Onde estão minhas coisas e as de Freya? Ingolf as levou?

– *Mim* não sei. Ninguém deixou alguém entrar no quarto da Senhora.

– Preciso ir... – disse Nonna. – Onde estão os homens de Negrum?

– Broddr, Ingolf e Gils estão com os outros, comendo no grande salão. Alfgeirr morreu, ontem à noite. Gils perdeu uma das mãos na batalha.

– Bem feito! Tenho de correr, agora! – Ela disparou para a porta que levava ao prédio principal.

– É *perrigoso, tus serrá* pega. Além de tantas coisas ruins, há um sujeito vestido de preto que *parrece* se alimentar de maldade – segredou Nilla.

As outras criadas pareciam congeladas. Nonna se encheu de tristeza ao ver que o conforto e o calor da cozinha, em meio a tantos aromas, ainda assim, traziam medo e desespero enormes em seu coração. O sentimento lhe deu um nó na garganta e se tornou pior quando ela entendeu que o homem citado por Nilla era o sacerdote do Salão Negro. Ela suspirou e balançou a cabeça.

– Se algo acontecer comigo, tente enviar um recado para Unha do Dragão – sussurrou Nonna para a mulher, que a olhava, aflita. – Fenris está escondido no porto, prometa que contará a ele, se eu for capturada, por favor.

Nilla a encarou com determinação e fez um gesto com a cabeça.

– *Falarremos. Tus vai agorra, tentarremos* manter os homens no salão, enquanto isso – respondeu. – Rauni, *tus vai parra* a porta do salão e as outras vão acender os fogos. Se alguém estiver para deixar o salão, *tus* corre imediatamente *parra* lá com um jarro de cerveja – A mulher se dirigiu a uma criada e deu um tapinha no cabeça de Nonna. – Boa sorte e se apresse.

A menina abriu a porta que levava ao salão principal, ouviu por um momento os sons de festa que vinham de lá e, depois, subiu as escadas íngremes e estreitas. Olhando para os dois lados do corredor, pôde ver apenas alguns trechos escuros e outros, iluminados por velas. Do lado direito, ouviu homens se divertindo, cantando e tocando alaúde, com alegria.

Torcendo os lábios, ela mandou a família inteira de Negrum para o quinto dos infernos, antes de começar a seguir para o lado esquerdo do corredor e ouvir uma das criadas lhe desejar boa sorte para, em seguida, correr na direção oposta.

Na ponta dos pés, Nonna andou pelo corredor principal do castelo, rumo à porta sólida do saguão. Quando chegou ali, apertou o ouvido contra ela. Era fácil ouvir os homens fanfarrões gritando do lado de dentro. Ela hesitou, mas agarrou a argola gelada da porta, olhando ao redor antes de abri-la um pouco. Uma luz forte brilhava no corredor, quase cegando Nonna, e nele havia cheiros de ar frio fresco, fumaça e comida. Ela espiou o saguão pela porta entreaberta.

Uma corrente de ar se formou e a porta que dava para fora bateu, à esquerda de Nonna, fechando-se. Um homem grande parou bem em frente dela, junto à porta do salão principal.

Ela logo tirou a cabeça da porta e se espremeu contra a parede do corredor, distante de qualquer porta que pudesse ser aberta.

– Está esfriando! – gritou o homem que vinha de fora, dando um passo para o salão principal. Depois, ele parou e a porta que Nonna entreabrira começou a ser aberta.

Prendendo a respiração, ela ficou imóvel e se grudou ao máximo na parede áspera e irregular. A luz do salão principal bateu na parede em frente à Nonna e ela fechou os olhos. Sua cabeça doía tanto que não tinha capacidade de conjurar as sombras para virem ajudá-la, embora quisesse. Então, teria de dar um jeito sem sua modesta mágica.

O homem resmungou, fechou a porta outra vez, e ela ouviu seus passos se afastando pelo salão.

Nonna se esgueirou pelo saguão. Atravessá-lo dependeria de pura sorte, uma vez que as tochas estavam brilhando forte e as portas do salão estavam abertas. Ela esperou até os homens caírem na gargalhada e, então, lançou-se para dentro do saguão e direto para a porta do outro lado, que abriu, de imediato, desaparecendo na escuridão do outro corredor.

Apenas uma lamparina iluminava a passagem e, à distância, Nonna ouviu alguns homens conversando. Se Barra Fria era sombria antes, ficou ainda mais, pensou. Antes, ao menos, os corredores eram iluminados, agora eram escuros e frios. De qualquer forma, o perigo estava por perto, pois passos vinham em sua direção. Começando a correr, a menina entrou no nicho da porta do porão e se apertou contra ela.

Com o coração saindo pela boca, ficou tão quieta quanto pôde e esperou até três homens passarem por ela, empolgados com a conversa, sem notá-la. Um deles era parente de Eymund e fazia de tudo para agradar os outros. Nonna se perguntou como ainda havia parentes do antigo rei no castelo, esperando do fundo do coração que não viesse a dar de encontro com Ingmar e Eirik.

Ela esperou no lugar e apenas após ouvir a porta para o saguão bater saiu de seu nicho, correndo para o cruzamento de corredores.

Os fogos que ardiam podiam ser vistos pelas janelas do corredor que levava à torre e criavam sombras dançantes nas paredes. As tapeçarias tremulavam na correnteza silenciosa, enquanto Nonna corria. Felizmente, a porta para o salão do rei estava fechada e ela conseguiu chegar à entrada da torre sem mais surpresas.

Abrindo-a, apurou sua audição ao máximo, apesar da tremenda dor de cabeça. E escutou gargalhadas que a deixaram furiosa, desejando acabar com a farra dos homens de Negrum, enviando-os às masmorras.

– Queria que Nereid estivesse aqui – sussurrou para si, deslizando para dentro da torre.

Ela entrou na escadaria e começou a subir, correndo. Após chegar ao patamar de cima, abriu a porta e averiguou as condições.

Para seu azar, uma luz forte brilhava no corredor dos quartos do rei e de Freya. Nonna entrou no corredor, como uma sombra quieta, e estava prestes a sair quando ouviu uma voz vindo da direção do quarto de Freya.

– Leve o que quiser. De qualquer *maneira*, *tus* já recebeu o pagamento devido. – Alguém falava com voz irritada, diante do quarto de Freya. Nonna deslizou de volta à torre e, da porta entreaberta, olhou para o corredor.

Sua raiva explodiu, transformando-se em ódio, quando viu Broddr Rato sair do quarto de Freya com uma lamparina na mão. O homem-rato se virou mais uma vez para dentro do aposento.

– *Mim* ainda preciso de *tus*, não *desapareça* – ganiu Broddr, caminhando para onde se encontrava ela, que apreciou com bastante gosto ver as contusões em seu rosto, como consequências da batalha.

Afastando-se para as escadas, Nonna esperou do fundo de seu coração que Broddr descesse. Ela subiu um pouco e ficou esperando, na escuridão, com o ódio brilhando como fogo nos olhos.

Ele cantava alegremente ao abrir a porta da torre, batê-la e caminhar para o portão. Nonna teve vontade de arremessar algo grande o suficiente para que caísse das escadas e quebrasse o pescoço. Quando os passos desapareceram e a porta debaixo da torre foi fechada, ela suspirou e voltou para o corredor.

Em seguida, sem fazer barulho, entrou no quarto mais próximo. Havia lamparinas queimando no antigo aposento do rei, cujo chão estava uma completa desordem. Ladrões haviam revirado tudo. Praguejando, ela se encaminhou para o quarto de Freya, no qual também dormira algumas noites, e olhou pelo vão da porta entreaberta para ver com quem Broddr falava.

Sigeric, o assassino, vestido com roupas caras, vasculhava os objetos de valor existentes com indisfarçável ganância. Nonna se encolheu no corredor e se encostou na parede de pedra. A raiva lhe comprimia o peito, subia por sua espinha com arrepios congelantes, puxava sua pele e alongava sua respiração. A cólera inundou sua cabeça como uma nuvem negra, sufocando todos os demais pensamentos e sentimentos.

O criminoso vestia uma túnica preta alinhada. Uma adaga, semelhante àquela que quebrara a lamparina de Nonna com o objetivo de machucá-la, estava pendurada em seu cinto. O homem não parava de abrir caixas e baús e de olhar as joias e outros pertences que encontrava contra a luz. O grimório de Bjollok permanecia no chão, fechado.

Nonna se apoiou contra a parede, consumida pelo ódio. O assassino do rei e o homem que tentara matar Freya estava diante

dela. Sem sua existência, nada teria ocorrido.

Contudo, o que ela poderia fazer? Uma menininha contra um homem enorme. Era provável que nem o encanto do medo funcionasse contra tal assassino, pensou. Súbito, ela se lembrou de uma possibilidade.

Com cuidado, ela colocou sua bolsa no chão, tirou a bolsinha do cinto e mexeu em seu conteúdo até os dedos encontrarem uma pequena estatueta de pedra de um animal. Um sorriso largo lhe iluminou o rosto ao apreciar a peça fria no formato de um cachorro contra a luz que brilhava no corredor.

– Cerbiurus – disse –, agora depositarei toda minha confiança em você.

Ela fechou a mão com a estatueta, tomou coragem, e subiu bem devagar as escadas que levavam ao quarto. Para a surpresa de Nonna, não havia mais sinal de Sigeric ali dentro.

Naquele instante, uma mão forte a agarrou pelo ombro e a puxou com tamanha violência que ela caiu, batendo as costas em uma das colunas do quarto, fazendo a estatueta rolar para longe de seu alcance.

– Você? – gritou Sigeric, com surpresa. – Graças ao Senhor do Inferno, logo você é que aparece diante de mim. Onde está o urso, criança-bruxa? – Ele a erguia no ar como um saco de batatas. Nonna sentia o ar desaparecendo dos pulmões à medida que era empurrada contra a coluna.

Sigeric se curvou para perto dela. Nem a luz quente que tremulava das lanternas conseguia amenizar seus traços sem qualquer emoção.

– Tenho uma bebida perfeita para você. Que tal? É uma pena que meu Senhor também queira pôr as mãos sobre seu pescoço. Assim, você não poderá acompanhar sua Senhora e aquele velho fracote para Penhasco do Chifre. Bom, pelo menos acabará como escrava no templo da Corte da Dor, no Salão Negro – disse, com frieza.

Nonna cuspiu no rosto do homem e lhe chutou o joelho com toda sua raiva. Sigeric gritou de dor e, por um piscar de olhos, soltou-a.

Ela contornou a coluna e pegou a estatueta do chão, com enorme agilidade.

– Pirralha maldita! – gritou Sigeric, rangendo os dentes, enquanto pegava a adaga. – Não me importa o que Agenald quer, tenho certeza que aceitará uma escrava ferida – disparou, levantando a mão para lançar a arma.

– Vá para o inferno! – gritou Nonna, abrindo a mão. – Ataque! – ordenou. Para sua surpresa, a estatueta imediatamente desapareceu.

O aposento inteiro foi tomado por um rosnado grave. A voz abafada parecia vir de uma criatura enorme, por todos os lados, mas nada podia ser visto.

Ele não teve tempo para dizer nada, nem para se mexer. Só para expressar sua estupefação com o rosto, abrindo a boca, instante em que algo invisível o acertou com força inacreditável. Como se partida por mãos invisíveis, a túnica preta do assassino foi rasgada pela metade e o homem voou contra a parede dos fundos do quarto, como uma boneca de pano.

A criatura invisível atacou com um rosnado ávido. Nonna fechou os olhos e virou-se de costas, sem querer assistir mais. Os sons da luta misturavam-se aos gritos abafados de Sigeric e, logo, tudo acabou. Ouviu-se o tinido metálico da adaga caindo no chão e, em seguida, o silêncio. Com receio, ela se virou.

Não restava nada dele, exceto suas roupas rasgadas e a adaga preta que brilhava entre elas. Sigeric desaparecera. No chão, na frente de Nonna, a estatueta de cachorro parecia igual mas, quando a tocou, ela estava congelada.

– Fez bem por merecer – disse Nonna, com sentimentos divididos, chutando as roupas com a ponta das botas. Ela não tinha ideia do que acontecera com Sigeric, mas o que quer que tivesse sido, foi cabido. Nonna não sentia qualquer traço de pena do destino do assassino. Ao recolocar a estatueta em sua bolsa, olhou para a adaga, pensando se deveria levá-la, mas preferiu chutá-la para debaixo da cama.

Depois, correu para pegar suas próprias coisas e enfiou o grimório no fundo da bolsa. Ela parou por um instante, resolvendo

separar algumas das coisas que Freya guardava em seus baús para também pôr na bolsa. No fim, foi para dentro do quarto do rei.

A enorme desordem fez Nonna estremecer de raiva. Tudo fora jogado no chão e havia roupas e outros objetos sobre a grande poltrona, ao lado da cama, que não deviam estar ali.

– São de Ingolf – disse Nonna. Ela deixou a bolsa no chão, correu até a cama do rei, levou a mão para baixo das cobertas e puxou uma joia que pertencera à mãe de Freya.

Eymund sempre a mantivera em sua cama e a filha, certa vez, mostrara a peça para Nonna, dizendo que a pegaria e a carregaria depois, se certo desejo se tornasse realidade. Apesar de desconhecer o intento de Freya, ela decidiu que a joia não podia ser deixada nas mãos traiçoeiras de Ingolf.

Mal a segurou, ruídos vieram da porta.

Convencida que Ingolf ou Broddr estaria de pé atrás dela com uma espada nas mãos, ela voltou o corpo, resignada.

– O que é isso? – disse Eirik, segurando a bolsa de Nonna.

Tão atônita quanto o filho de Ingmar ao vê-la, ela pensou em ambos bajulando Ingolf para ter seu apoio e poder se manter no castelo.

– Espere um pouco, agora pegamos você – disse Eirik, virando-se para o corredor. – Pai! – gritou alto.

– Cale essa boca... – disparou Nonna, que, sem notar, incluiu alguns encantos nas palavras.

Eirik estancou, assustado como um rato diante de um gato. Seus olhos se arregalaram de medo, sua boca ficou aberta e ele deu um passo para trás.

Nonna percebeu que era tarde demais ao ouvir o grito fraco de Ingmar no fim do corredor. Ela correu até Eirik, ainda paralisado, e estava prestes a pegar sua bolsa quando ele se reanimou e fugiu.

– Covarde! – gritou Nonna, reunindo na voz tudo o que havia de mais assustador. O garoto correu no sentido dos gritos do pai e ela viu que, a não ser que saísse rápido dali, seria pega. Com a proximidade da fala de Ingmar, foi fácil deduzir que não tinha mais tempo para nada.

Praguejando para si, Nonna disparou pelo corredor e, ao fechar a porta da torre, ouviu que pai e filho tinham acabado de trombar.

Com o coração batendo rápido, ela rumou para as escadas que levavam à cozinha, descendo com aflição. Ao abrir a porta, deparou-se com as criadas e a cozinheira, todas com uma expressão de preocupação.

– Rápido! – falou uma das criadas. – Os portões serão fechados logo e, então, você não poderá deixar o castelo.

Com as feições sérias, Nilla agarrou Nonna pelos ombros.

– Salve a filha de Eymund, se *tus* puder. E vá com os deuses – a cozinheira assoprou as palavras e empurrou Nonna, quase à força, para fora da cozinha.

A menina correu por entre serviçais que coletavam lenha para o depósito e olhou para o pátio. Para seu horror, ele já estava quase vazio. Os mercadores haviam ido embora e apenas alguns guerreiros checavam as sobras das vendas. Ao ouvir xingamentos na parte anterior do depósito e o som de carroças sendo carregadas, ela imaginou que um dos mercadores ainda estivesse por ali. Saindo de entre as cabanas no meio do pátio, ela passou por trás de três guerreiros, no sentido do portal.

De repente, sentiu-se imobilizada por um movimento grosseiro.

– Quem é *tus*? – Um guerreiro com nós no cabelo fez cair seu capuz, revelando seus cabelos vermelhos, que brilhavam sob a luz dos fogos.

– Maldita criada! – gritou Petrus, surgindo na cena de modo inesperado. Ele caminhou até os guerreiros como um touro obeso. – Desculpe, essa *garrota* só me dá trabalho. – Petrus puxou as orelhas de Nonna e a agarrou com firmeza. Nem os guerreiros podiam fazer algo contra a grande força de Petrus e ela foi para outras mãos como um objeto sem peso. Quando ia chutar o pé do cervejeiro, entendeu que ele pretendia levá-la para longe dos guerreiros.

– O que... – balbuciou o homem com nós nos cabelos, colocando a mão no cabo de seu machado.

– A menina é uma imbecil e está bêbada de cerveja! – Petrus disparou. – De volta ao trabalho, leve o saco de malte para a

carroça, agora mesmo. – Ele chutou o traseiro de Nonna, fazendo-a cair no chão coberto de neve e ela se levantou, furiosa.

Um grito alto foi ouvido do castelo, parecendo a voz aguda de Ingmar.

O guerreiro estudou o homem gordo, observando-o, depois passou os olhos por Nonna que, a esta altura, trabalhava com os sacos de malte. E desistiu de seu machado.

– Saia daqui e não volte! – gritou.

– Imbecil? Seu... – disparou ela, mas Petrus agarrou sua mão com força e a arrastou até a carroça. Ele jogou o saco carregado por Nonna, junto com outros mantimentos, para a carroça.

– Mantenha a menina *forra* do castelo, *tus* me ouviu? – O guerreiro gritou outra vez, enquanto eles desapareciam na escuridão do portal. O portão bateu, sendo fechado atrás deles, para a ponte levadiça, logo depois, começar a ser erguida com rangidos e estalos.

Eles se apressaram, seguindo os últimos mercadores, buscando alcançar uma distância em que pudessem ser protegidos pela escuridão.

– *Essha* foi por pouco. *Agradecha* aos céus que, por acaso, ainda estava por lá – disse Petrus, bravo, enquanto corriam rumo à cidade.

– Você deve parar de dar sopa *parra* o azar. Ingolf a está *procurrando* e você vem direto para o colo dele? E cadê o urso?

– Fenris está escondido no galpão de barcos. Depressa, Petrus. Não acho bom ficarmos aqui por muito mais tempo.

– Ah! No galpão de barcos. Que bom que ele gosta de frio, não é? Vamos levar as coisas *parra* casa e depois pegar o urso – falou. – E *tus* já pode relaxar. – Ele teve de soltar as mãos de Nonna que ainda agarravam a barra horizontal.

Ela sentiu um grande alívio. Agora, teriam um lugar para ficar à noite e, talvez, um amigo com quem contar nos momentos mais difíceis, pensou.

CIDADE DE BARRA FRIA
A noite após o Dia de Inverno 816

Petrus deixou a porta aberta e Nonna desceu as escadas para o barraco esqualida do cervejeiro. Fenris veio atrás dela, com passos pesados.

O cheiro forte de malte e de fermentação predominava, o ar era abafado, e era possível ver uma camada grossa de musgo sobre as paredes. O cômodo em que entraram era quase escuro, sendo iluminado apenas por uma lamparina sobre a mesa e as brasas debaixo de um caldeirão. O teto do barraco era baixo, com conchas, baldes, peneiras e pilhas de plantas secas penduradas no teto preto de madeira, também invadido pelo musgo.

– Um lugar simpático, não é? – Petrus vangloriava-se, retirando a neve de seus sapatos. – Entrem.

Nonna e Fenris o fizeram, pisando no chão de terra batida. As paredes estavam empoeiradas e cheias de teias de aranha que se mexiam com os movimentos de ar. Petrus acendeu uma vela grossa que parecia antiquíssima e que estalava e estourava, enquanto queimava.

– Onde estamos? – perguntou Nonna, em dúvida se deveria admirar ou temer o lugar.

– Aqui, *comeshei* meu trabalho, há mais de dez anos. Desde que Eymund me levou para o castelo, este local ficou vazio. *Mim* o visito, de vez em quando, para pegar alguma coisa ou para checar se *eshtá* tudo bem.

Nonna se sentou à única mesa, cuja superfície estava úmida.

– Ah, o chão está mais seco do que a mesa – lamentou Petrus. – Você *gostarria* de comer algo?

Só então, percebeu que seu estômago estava roncando. Afinal, não comia nada desde o mingau ganho pela manhã e a fraqueza começava a tomar conta dela, sem mencionar a dor de cabeça. Ela concordou, pensativa, e Petrus, das sacolas, trouxe pão, manteiga, carne defumada e um pedaço grande de um queijo com cheiro forte.

– Peguei tudo *issho* da cozinha, com a *permisshão* de Nilla, claro – riu, colocando os mantimentos sobre a mesa. Nonna pegou uma adaga do cinto e cortou um pedaço de carne.

– A única coisa que tenho *parra* beber é cerveja, todos os *shucos ficarram* com Negrum, aquele maldito filho de uma égua – Petrus

praguejou, colocando um barrilete de cerveja sobre a mesa. – Não é forte e não há muito mais do que *issho*, mas *tus* pode beber, se quiser.

– Obrigada, tenho certeza que vou gostar. – Petrus soprou o pó de dois canecos e serviu um pouco da cerveja de cheiro forte para ambos. Nonna experimentou a bebida e notou que gostava dela. Felizmente, não era forte, era bastante doce e tinha goste de malte queimado.

– É boa, sim. Foi você que fez?

Petrus fez um gesto afirmativo, com todo o orgulho.

– Aromatizado com mel da Floresta dos Sussurros e maçãs – murmurou, acomodando seu enorme corpo em um banco barulhento, do outro lado da mesa.

– Bem, *garrota*, acho que estamos com problemas – suspirou Petrus, comendo seu queijo como se fosse o último de todos os pedaços.

Ao comer e beber, o desespero de Nonna foi aliviado, e ela pôde contar a Petrus quase tudo pelo que passara, omitindo apenas alguns detalhes, como a visita à tumba de Berenhard. Petrus ouviu tudo com muito interesse, chegando a esquecer de mastigar o que comia, só de olhar para Nonna.

– Não sei o que devo fazer, foi tudo culpa minha – Nonna se lamentou, limpou sua adaga e, quando estava brilhando de novo, colocou-a em sua bainha.

– Bobagem – disse Petrus. – Você não poderia ter evitado nada e, na pior das hipóteses, *estaria* com Freya no penhasco citado por Sigeric. Agora, você pode tentar ajudar, não é verdade?

– Como? – Nonna massageou o pescoço cansado e suas mãos tocaram o amuleto dado por Gudrun. Ela o tirou e olhou para ele sob o brilho das brasas. Teriam Gudrun e Skafloc, ou sua mãe e seu pai, desejado que o desespero tomasse conta de seu coração?

– Darei um jeito nisso – falou, quebrando um longo silêncio. – Salvarei Freya e a levarei para a segurança de Unha do Dragão.

– *Tus*? Sozinha? Mande uma mensagem *parra* Unha do Dragão e *esperre* que alguém venha ajudá-la – disse Petrus, surpreso.

Nonna mordeu o lábio inferior com tanta força que até doeu.

– Como? Não posso esperar que alguém venha de lá até aqui. Você já ouviu falar na maldição do Penhasco do Chifre?

Petrus balançou a cabeça.

– Não *shou* daqui, além de fazer cerveja, não tive tempo de estudar maldições.

– Bem, dizem que há uma maldição no Penhasco do Chifre: ninguém sobrevive por lá mais que duas luas cheias. Você entende? Antes de qualquer ajuda chegar, já terá sido o fim.

– E como *tus* vai conseguir *shozinha*?

Nonna limpou o nariz, olhou para baixo e suspirou. Não tinha ideia de como fazê-lo. O desespero devorava sua coragem. O pensamento, porém, era inimigo da ação. Então, ela tomou sua decisão, rápida e teimosa, como sempre.

– Eu vou conseguir. Além disso, traí a confiança de Freya e assim, tenho de resolver tudo sozinha – disse Nonna. Quando Fenris rugiu, ela riu e se corrigiu. – Quero dizer, com Fenris, é claro.

Petrus estava de boca aberta.

– Bom, pelo menos feche a boca. Tenho um pedido a fazer para você – gracejou a menina.

Ele mastigou de novo e lavou a boca com cerveja.

– Como *possho* ajudar?

– Preciso partir antes do amanhecer, para que ninguém me veja. Você poderia me dar um pouco de comida para levar? – Nonna pediu, sem rodeios.

ESTRADA DA VELHA FLORESTA **Outubro de 816**

A estrada da Velha Floresta ia de Barra Fria à Pedra do Dragão em zigue-zague por dentro de uma enorme área florestal de dezenas de quilômetros. Em certos pontos, aprofundava-se na floresta, subindo e descendo montes e costeando grandes rochedos. No entanto, em dados momentos, saía da floresta até os penhascos altos em volta do mar. Às vezes, descia para a praia e passava por algumas construções, algumas habitadas, a maioria abandonada ou caindo aos pedaços. Embora não houvesse, com frequência, hiisis,

trolls ou outras criaturas ameaçadoras, uma grande alcateia de lobos tornava inseguro morar ali.

A neve caiu o tempo todo desde o momento em que Nonna e Fenris deixaram Barra Fria, e o vento ficou mais forte logo após o nascer do sol. Porém, eles haviam chegado à floresta um pouco antes da primeira nevasca e a estrada os guiara para debaixo de grandes abetos e pinheiros.

As árvores estavam cobertas por uma grossa camada semelhante a um véu branco de neve e Fenris caminhava entre elas com passos regulares. Entre o grasnar dos corvos, podia-se, de quando em quando, ouvir os ecos distantes de alguém cortando árvores. Um vento de tempestade uivava sobre elas, atirando-lhes flocos de neve afiados.

O caminho estava silencioso e apenas uma ou outra ocasional rajada de vento soprava redemoinhos de neve em sua superfície. Enquanto seguiam, Nonna tentava ordenar os pensamentos, parecendo haver tantos que ela não sabia por onde começar. O cansaço lhe pesava como uma nuvem de tempestade, seu raciocínio parecia girar em um círculo enevoado e ela não conseguia encontrar uma linha clara para se apoiar. Decidiu parar de pensar e juntar as forças do tempo frio, sentindo o cheiro dos gravetos que flutuavam ao redor, mas sua mente estava inquieta. O sono acumulado pesava em suas pálpebras e ela começava a adormecer sentada no dorso de Fenris.

Enquanto iam pela estrada, protegidos da tempestade, Fenris sentiu a presença de espíritos entre as árvores e estes passaram a se interessar por eles. Quanto mais andavam, mais perto os espíritos e as sombras ficavam. Para sua surpresa, Fenris notou espíritos das florestas usando roupas de inverno e até claras donzelas-azul e musgos esverdeados que se aproximavam de Nonna, com curiosidade, sendo comum evitarem a companhia de humanos.

Havia na menina algo que atraía os espíritos, o que parecia estranho para o urso. Quando uma donzela-azul mais ousada, e que perdera parte de sua cor para o inverno, aproximou-se e tocou seu cabelo, ela pensou, em sua exaustão, que era só uma rajada qualquer e continuou dormindo, sem se importar.

O dia passou lento e calmo. Finalmente, ao anoitecer, o vento cessou e a neve aumentou até cobrir a visibilidade e todos os sons da floresta. Os espíritos curiosos se recolheram na escuridão e o tempo frio pareceu amenizar. Depois de momentos inquietos, adormecida no dorso de Fenris, Nonna tirou o capuz e ouviu um eco que lhe chamou a atenção.

Os sons de pessoas cortando árvores estavam mais altos e se misturavam ao latido de cachorros e Nonna teve certeza de que estavam se aproximando de habitações, onde talvez encontrasse um lugar quente para passar a noite.

A ideia a animou um pouco, antes da exaustão tomá-la por completo.

A TAVERNA DA VELHA FLORESTA **Outubro 816**

Diante de Nonna e Fenris havia uma construção baixa e arredondada, que fora construída em um vale, em meio a abetos densos. As paredes eram feitas de pedras e o telhado, coberto por telhas com piche. Ao lado do edifício, encontravam-se estábulos e, junto de sua porta, um jovem fumando charuto que os encarou com indiferença. Alguns cavalos relinchavam do lado de dentro, iluminados por lamparinas.

Próximo do estábulo, um dossel cobria uma pilha enorme de lenha estocada, em frente da qual, em cima de serragem e pedaços de madeira, dois buldogues pretos e marrons, com coleiras de espinhos, guardavam o local. Atrás do edifício, escondidos na floresta, um minúsculo prédio lateral e uma cabana de pedra com telhado de palha mal podiam ser vistos entre as sombras.

No anoitecer azulado, a luz cor de mel proveniente das pequenas janelas da taverna era tão sedutora que Nonna não pode e nem quis resistir. Além da luz e do calor tentadores, podia-se ouvir música animada e gritos alegres vindo de dentro, além do cheiro de comida.

– Vá, entre na taverna, há lugar para você lá! – O jovem gritou do estábulo, terminando sua frase com um acesso de tosse.

Nonna agradeceu, desceu de Fenris e abriu sua porta.

O ar quente, misturado com muitos cheiros, bateu no rosto de Nonna. Ela olhou o salão grande, no centro do qual havia um forno, cercado por um círculo de pedras, onde o fogo ardia. O chão estava coberto de palha e o teto de madeira, escurecido pela fumaça, era um pouco mais alto do que a altura de um homem.

Do outro lado do fogo, uma mesa com a largura do salão trazia bancos longos em suas laterais, sobre os quais pessoas vestidas com roupas simples jantavam. Em um canto, um grupo sentado perto de outro jogava um jogo de tabuleiro que Nonna conhecia.

Três homens estavam no fim de uma mesa baixa, um deles tocando alaúde, o outro flauta e o terceiro um tambor chato e grande. Ao lado dos músicos, sentava-se um homem baixo, mas forte, com nós nos cabelos, barba comprida e mãos como patas de urso. Ele olhou rapidamente, mas com atenção, para Nonna, voltando os olhos para os músicos. Ao lado dele, ela viu um machado de forma estranha que, certamente, não fora feito para cortar madeira.

Sobre a lareira, em um tripé forte, havia um caldeirão escurecido e, ao lado desse, uma mulher gorducha sentada com uma colher grande na mão, que olhava para ela. A mulher sorriu com alegria e disse algo que Nonna não ouviu, acenando com sua colher para que Nonna entrasse.

Ninguém mais pareceu dar qualquer atenção à forasteira, mas quando Fenris entrou, até os músicos cometeram alguns erros. Estarrecidos, as pessoas sentadas no canto viraram suas cabeças, com olhos arregalados, e começaram a cochichar entre si. Nonna notou que o homem baixinho estava olhando para ela e Fenris, franzindo a testa. Um olhar estranho e confuso surgiu naquele rosto.

– *Gostarria de shopa?* – a mulher do caldeirão perguntou para Nonna, enquanto ela tirava sua capa. – Não custa nada.

Nonna se sentou ao lado da mulher no banco.

– Não custa nada?

– Bem, ainda não, pelo menos – disse a mulher, enquanto mexia a sopa grossa e dava um pouco para ela. – *Durrante* o reinado de Eymunt a comida *erra* de graça, quem *shabe* sobre o *futurro*? Knuti, traga algo *parra* a menina beber.

O homem mais jovem e que tocava flauta colocou algo sobre a mesa, olhou de relance para Nonna e desapareceu. Depois de um tempo, voltou com uma caneca de argila nas mãos.

– É só água, *tus* provavelmente não quer cerveja, de qualquer forma – disse, passando-lhe o apetrecho.

Exausta, Nonna agradeceu a ambos, com educação, dobrou a capa e acomodou-se melhor à mesa. Fenris se sentou a seu lado, no fim da mesa, o mais longe possível do fogo e começou a lamber as patas cheias de neve.

Concentrada na comida, a menina não prestou atenção nos sons de um cavalo que se aproximava e só percebeu o fato quando a porta abriu com um safanão. Nonna se virou para olhar quem havia chegado e se engasgou de terror quando Gils Selvagem a notou. Ele vestia peles cobertas de neve e seu rosto estava vermelho e torturado pela dor.

– *Tus!* – Gils gritou por entre os dentes e bateu a porta para fechá-la. Com o mais puro reflexo, ele jogou sua capa para o lado e levou a mão saudável até o cabo da espada, puxando-a. – *Agorra tus serrá pega, pirralha!* – gritou, quase fora de si de dor e raiva.

Fenris correu para defendê-la, mas nem o assustou. Ao contrário, este só agarrou a espada com mais força.

A música parou e um silêncio aterrador tomou conta da taverna. Nonna agarrou o pelo de Fenris e se arrependeu de ter ido para lá. Devia ter imaginado que, depois de tudo, Ingolf certamente iria atrás dela. Não era difícil seguir os passos de Fenris.

– O urso *padecerrá*, a não ser que *tus* mande se retirar – disparou Gils.

Fenris rugiu furioso para Gils e Nonna conseguiu se levantar do banco, aterrorizada, quando, naquele instante, ouviu-se o som de outro banco caindo.

– Abaixе a espada, agora! – Um grito valente veio das costas de Nonna e, naquele instante, um homem baixo e musculoso apareceu diante dela e de Fenris. Seu machado se moveu mais rápido do que foi possível notar.

O cabo do machado atingiu a espada de Gils e a jogou para o outro lado do salão. Com o mesmo movimento, a arma subiu para

debaixo de seu queixo e levantou sua cabeça. Com uma grande lâmina próxima do pescoço, ele se moveu até a parede, empurrado pelo homem baixinho.

– Quem raios é *tus*? – perguntou o homem, enquanto espremia Gils contra as pedras. – Levantando uma arma em uma taverna do rei e, *parra piorrar*, contra uma criança.

– Sou primo do rei, Ingolf, de Negrum – Gils conseguiu responder, com alguma dificuldade.

– *Mim* não dou a mínima *parra* quem *tus* é, e o traidor Negrum não é reconhecido como rei, pelo menos não neste reino. Saia daqui *agorra* ou *perderrá* o outro braço também.

O homem baixo abaixou seu machado, agarrou Gils pelo peito e abriu a porta, jogando-o para fora como um pano de chão usado, saindo atrás dele. Mais gritos foram ouvidos, além das objeções de Gils, um cavalo relinchou e, no fim, galopou para dentro da noite.

Coberto de neve e muito calmo, o homem fechou a porta. Ele parou um pouco para retirar a neve e o povo da taverna começou a gritar elogios e a fazer brindes com canecos e canecas em sua homenagem.

Os músicos voltaram a tocar, de forma um pouco enferrujada, e o sujeito se sentou ao lado de Nonna, fazendo carinho na cabeça de Fenris.

– Olá, de novo, Nonna! – disse-lhe, abrindo um sorriso largo e com um brilho nos olhos.

Algo lhe pareceu familiar, mas ela não conseguiu se lembrar. A voz a fez lembrar de escuridão, pedras e umidade. De repente, ela pulou para abraçá-lo.

– Karttu! – disse, cheia de alegria. – Você foi libertado!

Um pouco embaraçado, Karttu afastou Nonna e bagunçou seu cabelo com a mão grande.

– Sim, fui, graças a você. Você salvou minha vida, Nonna, mas Steinarr, do Vale do Ferro, e seu sacerdote não ficaram muito felizes.

– Agora, foi você que me salvou – respondeu ela, agradecida.

– Parece que andou fazendo más amizades, de novo – Karttu riu, apontando para porta.

Nonna fez um resumo de tudo que vivenciara, desde que deixou a masmorra do Vale do Ferro em direção à Unha do Dragão. Quando terminou sua história, a música já havia parado, mais madeira havia sido jogada na lareira e Karttu tinha bebido um caneco de cerveja após o outro.

– O que o traz aqui? – perguntou ela, cheia de curiosidade. – Pelo menos, você parece bem.

– Knutti me contratou como cortador de madeira e guarda, no verão passado. Parece que aqui eles precisam de um braço forte, de vez em quando – respondeu Karttu. – No último inverno, não fiz quase nada em Pedra do Dragão. Eu devia ter seguido em um navio, mas achei que o mar não era para mim, afinal.

– Em Pedra do Dragão? Não é a terra de Varg Barba de Osso? – perguntou Nonna. Ela deveria passar por lá em sua viagem e Varg não iria dar-lhe boas-vindas em suas terras.

– Sim, embora haja mais de um castelo nos montes e algumas tribos.

– Você sabe de algo sobre a península de Penhasco do Chifre?

– Só que ninguém vive lá. É para lá que está indo?

Nonna respondeu que sim com a cabeça.

– Se você planeja atravessar as terras de Pedra do Dragão, lembre-se de uma coisa: não saia do caminho e, se for acampar à noite, esconda sua fogueira.

– Por quê?

– Eles ficam de olho em qualquer um que passa por suas terras, mais ainda agora que sabem o que aconteceu em Barra Fria. As pessoas que saem do caminho são sempre consideradas inimigas. E, se você acender uma fogueira em qualquer lugar, exceto áreas do castelo, os homens de Varg aparecerão.

– Algum grupo veio por esses dias que pudesse estar com Freya?

– Um grande trenó coberto, puxado por cavalos, passou por aqui ontem, acompanhado por vários guerreiros. Um deles entrou para comprar um barril de cerveja e não disse quem eram, embora eu tenha perguntado. Só disse, de fato, que Negrum seria o rei, a partir de agora.

– Vamos ver por quanto tempo! – rebateu Nonna, com raiva.

Knutti veio até eles e sussurrou algo no ouvido de Karttu. Nonna percebeu que as pessoas estavam se deitando no chão da taverna com suas capas, peles e cobertores de feltro e entendeu que deveria dormir. Ela conversou um pouco mais com Karttu que, no fim, ofereceu-lhe um lugar para dormir, perto do fogo, e lhe trouxe um cobertor de feltro grosso, trancando a taverna com zelo.

Eles deixaram o calor do forno morrer sozinho. A temperatura dentro da taverna caiu e, exausta, Nonna adormeceu junto à luz que se apagava, com Fenris respirando pesadamente em suas costas.

FORTE DE BARRA FRIA **Outubro de 816**

Gils deixou o salão do rei em silêncio, depois de ter contado a Broddr o acontecido. Ainda sentindo dor, deixou o primo sozinho na penumbra do salão do rei e correu para contar as notícias para Ingolf, no aposento principal.

– Aquela *garrota é purra* encrenca – disse Broddr, com sua voz quebrada, e Agenald, sempre de preto, surgiu de detrás de uma coluna. Broddr estremeceu, pois não o ouvira.

– De onde *tus* veio? – perguntou ele, pensando estar sozinho no salão.

– A criança-bruxa nos trará cada vez mais problemas, a partir de agora – disse o sacerdote das trevas, apoiado em sua vara. Broddr não notou a presença de outra coisa naquela fala, algo surpreendentemente convincente. As palavras do homem se fixaram em sua mente como se queimadas com ferro em brasa e o atormentariam por muito tempo, até que conseguisse encontrar algum curativo para elas.

– *Mim* sei, mas ela não *consheguirá* salvar a filha do rei – disse Broddr.

– Tanto faz. A filha do rei não faz diferença, ela traz muito menos problemas do que a criança-bruxa.

– Como *asshim*?

Agenald caminhou de maneira cadenciada e firme para o outro lado da mesa e fitou direto nos olhos de Broddr.

– A garota será uma pedra no caminho de Negrum, enquanto estiver livre – O sacerdote se aproximou ainda mais do rosto de Broddr. – Ela arruinará nossos planos, e está ficando mais forte, você entende?

– *Nosshos* ou *sheus* planos? – retrucou Broddr. – Por que *tus* e seu Senhor querem uma base tão forte aqui?

Agenald riu, sarcástico.

– Não se incomode pensando nisso. A criança-bruxa está adquirindo cada vez mais poderes mágicos e, com suas ações estúpidas, enfraquece o poder que vocês também ambicionam. – O rosto do sacerdote se contorceu de ódio. – Aquele maldita criança está desfazendo velhas maldições, com que tanto contávamos.

– Que maldições? – Broddr estava confuso. – *Tus* se *referre* ao Bosque dos Ursos?

Agenald fez um gesto afirmativo.

– Se tudo tivesse ficado como era, poderíamos ter usado o Bosque dos Ursos para nossos propósitos. Mas não, a garota foi lá e quebrou aquela maldição também, agora o bosque está crescendo e o espírito está de volta. Durante o verão, não ousei nem passar perto dele.

– E os Montes do Dragão?

– O espírito de Skafloc manteve todos fora deles por séculos, e pelo menos um de nós nunca voltou, após ter ido lá. Adivinhe quem irá, agora que a criatura se foi – ele tremeu de raiva. – A garota faz tudo de propósito ou por acidente? O que você acha?

– Espíritos da natureza, bah! Bobagem! – prosseguiu, batendo a vara no chão. – Você! – Ele a levantou para apontar para Broddr. – Ingolf é muito antiquado e tem honestidade enrustida em algum lugar. Se ele descobrir quem está por trás do assassinato do rei, o que você acha que dirá? Ele ainda confiará em você ou começará a suspeitar que pode acontecer o mesmo com ele?

– Quietos! – disparou Broddr, olhando temeroso para os lados. Ninguém mais estava no salão, exceto os dois. – Ele jamais *descobrirá*, se *tus* não *dissher*, considerando que Sigeric está... – Broddr deixou a frase inacabada. Ninguém encontrara sinal do assassino, exceto as roupas rasgadas e a adaga preta.

Broddr afastou Sigeric dos pensamentos e apontou para Agenald com sua adaga.

– *Tus* prometeu me ajudar, se *consequissh*e o que quer.

– Sim, eu ajudo – disse Agenald e pôs-se ao lado de Broddr com um sorriso malicioso, colocando a mão em seu ombro. – Desde que você se assegure que a criança-bruxa não estrague as coisas.

– Como *possho*...

– Encontre-a e traga-a para mim, antes que eu retorne ao Salão Negro. Mande seus homens atrás dela, envie uma mensagem ao Bosque de Hiite, a todo lugar. Faça tudo o que puder: quero aquela criança-bruxa para mim – o sacerdote se aproximou do ouvido de Broddr. – Se fizer o que estou pedindo, certamente terá o que deseja quando eu voltar, na próxima primavera. E, depois, você se sentará no trono de Barra Fria – segredou, tentador.

As palavras maravilhosas que Broddr ouviu pareceram doces como mel para a sua mente amarga e sedenta por poder. Ele nem percebeu o encanto que estava escondido nelas e que o prendia ainda mais às algemas de Agenald.

PEDRA DO DRAGÃO **Outubro de 816**

A viagem de Nonna e Fenris à Pedra do Dragão foi rápida. Houve neve ocasional, mas o sol brilhou o dia todo em outros momentos. Nuvens de tempestade foram vistas ao longe e o vento chegou a bater com rajadas fortes.

Quando deixaram a floresta principal, passaram por outras, menores, até avistarem as terras de Pedra do Dragão, cobertas por neve branca brilhante.

O Rio do Dragão fazia um corte profundo na paisagem e Nonna viu três castelos sobre montes, na margem oposta, e uma grande planície infinita. O muro de madeira e os edifícios dos castelos ocupavam o topo dos altos montes. Fumaça subia de detrás dos muros e pássaros pretos voavam sobre eles. No horizonte, perto da costa, um castelo maior sobre uma grande montanha, e com uma

cidade próxima, tinha de ser Pedra do Dragão, governada por Varg Barba de Osso.

Do lado esquerdo, a paisagem dominada por pequenas florestas se transformava em uma área pedregosa e montanhosa e Nonna sabia que mais além, atrás daqueles montes, encontraria a fronteira ocidental de Montes do Dragão e, no meio deles, as ruínas do forte de Skafloc.

Pensar no encontro com seu ancestral, um ano antes, fez Nonna suspirar de emoção e ela desejou, do fundo do coração, ter vivido o ano que se seguiu de acordo com os desejos de Skafloc. Afastando a nostalgia, ela levantou o capuz para proteger sua cabeça do tempo congelante.

Depois de atravessar uma ponte coberta de neve sobre o Rio do Dragão, Nonna e Fenris chegaram em um grande rochedo, que dera o nome à Pedra do Dragão, e que ficava sobre o solo coberto de neve, do lado direito da estrada. Em cima dele, houve uma estátua que, certa vez, representou um dragão, embora ainda contivesse runas antigas. Para sua decepção, ela não poderia ficar para examiná-las, lembrando-se, porém, que vira rochedos similares nas margens do Rio do Dragão, muito tempo antes, a caminho do forte de Skafloc.

Dizia-se que as estátuas haviam sido feita por dragões e que mil anos mais tarde só uma estaria de pé em seu lugar, apesar de quebrada e erodida.

Nonna não queria, sob nenhuma circunstância, chegar perto da cidade de Pedra do Dragão. Varg Barba de Osso era aliado de Ingolf e, de qualquer maneira, não pareceu um homem com quem Nonna quisesse se encontrar. Para evitar encontrar homens como Ingolf e Varg, ela decidiu não correr riscos e, ao chegar o anoitecer, pediu para Fenris que caminhasse para uma floresta próxima.

Da proteção das árvores e pedras, Nonna encontrou um lugar adequado para ambos acamparem, de onde poderiam ver as planícies inteiras. Ela colheu bastantes galhos de abetos para fazer uma cama para eles sobre a neve, acendeu uma fogueira em um buraco, de onde não podia ser vista de lugar algum, e acompanhou a bela subida da lua, absorta.

Uma escuridão azul-escuro cobriu as terras, as nuvens se dispersaram revelando as estrelas e, diante de Nonna, enormes planícies se apresentaram, com os fogos tremulantes dos castelos criando uma cena encantadora.

Ela se encostou em Fenris, dobrou os joelhos sob o queixo e observou a paisagem, pensativa. Para a surpresa de Fenris, um espírito de sombra que governava a pequena floresta se acomodou ao lado deles e estendeu sua capa protetora sobre ambos. O urso não compreendia o que Nonna trazia de especial que atraía espíritos com tamanha facilidade.

A Aurora Boreal iluminou o céu noturno, mas apareceu quando Nonna já estava dormindo um sono profundo, contra o pelo quente de Fenris. Ela sonhou com sua irmã e seu pai e, quando a manhã chegou, nublada e horrivelmente cinza, uma saudade dolorosa havia se enraizado dentro dela.

Penhasco do chifre

PENÍNSULA DO PENHASCO DO CHIFRE **Outubro de 816**

Nonna ouviu o barulho ensurdecido das ondas muito antes de chegarem ao penhasco da costa. O solo parecia tremer debaixo de seus pés, como se uma criatura maior do que um gigante batesse na neve com uma enorme marreta. Um sol forte de inverno iluminava a neve. Congelado pelo vento, o solo estalava, ruidoso, cada vez que as patas de Fenris o quebravam.

Já no início da manhã, haviam saído do caminho estreito, e raramente usado, a fim de evitar possíveis transeuntes e nem uma única criatura, exceto eles próprios, foi vista nas planícies durante todo o dia.

Não faltava muito mais para a beira do penhasco e Nonna já podia ver o mar e suas ondas azuis, com muito gelo quebrado na superfície. O sol esquentava as costas de Nonna e ela podia senti-lo, começando a espalhar os dedos brilhantes em seus cabelos.

Todo calor e beleza foram quebrados por uma enorme e altíssima ilha pedregosa que emergia do mar, emanando desesperança. Do lado continental, à frente dela, havia um monte solitário, cercado por árvores e, no topo deste, um redemoinho de fumaça pobre subia. Próximo ao monte, iniciava-se uma floresta pantanosa. A estrada que haviam usado antes deveria seguir para lá.

Os penhascos da ilha pedregosa emergiam verticalmente do mar, parecendo que, no passado, ela tivesse sido parte do continente e, mais tarde, houvesse se separado, formando a península. Agora,

entre a ponta da península e a ilha havia um cânion íngreme e estreito.

Fenris caminhou o mais perto da beira do penhasco que ousava e Nonna se sentiu tonta ao olhar para baixo, pois estavam muito acima do nível do mar. Logo abaixo deles, as ondas batiam nos penhascos verticais com um estrondo poderoso, cobrindo a parte inferior com pedaços de gelo e estilhaços afiados.

Os vagalhões eram gigantescos. A superfície macia e curvilínea se deslocava lenta e pesadamente, como se o mar estivesse respirando e seu peito se movesse para cima e para baixo. A névoa que subia das ondas cintilava na luz do sol nas cores do arco-íris e gaivotas brancas voavam perto dos penhascos e guinchavam, melancólicas.

Não havia pássaros voando sobre o Penhasco do Chifre. Em sua superfície áspera e pedregosa, apenas algumas árvores contorcidas cobertas de neve cresciam e seu topo era coberto por montes baixos. Do lado continental da ilha, havia ruínas de uma construção de grande porte. Quase imperceptível, um redemoinho fino e solitário de fumaça subia do topo do penhasco, antes de desaparecer no ar frio que o envolvia.

– Bem, será difícil entrar – falou Nonna. Ela suspirou, olhando para o lado continental. – Será que um guarda mora naquele monte?

Fenris rugiu para as perguntas de Nonna, balançando a cabeça, confuso.

– Imagino que não há outro jeito a não ser ir lá e dar uma olhada – ela mordeu os lábios um pouco e, em seguida, pediu a Fenris que seguisse em frente.

As margens da floresta cobertas de neve estavam a apenas alguns passos. Podia-se ouvir o som estridente dos corvos e o canto baixo de alguns pássaros.

Após um breve intervalo, Nonna e Fenris chegaram a uma trilha levando à floresta e puderam ver que, há poucos dias, pessoas haviam andado sobre ela. Marcas fracas de um grande trenó eram identificáveis sobre a neve e, entre elas, pegadas de cavalos que o

vento tornara mais rasas. Todas levavam para um monte pedregoso, em cujo topo havia uma construção que Nonna já distinguia.

Na parte posterior, um muro construído de pedras, tão alto quanto ela, era fechado por um portão feito de toras grossas e que estava entreaberto. De cada lado, ele trazia caldeirões de aparência antiga pendurados em hastes de metal, que balançavam calmamente ao vento, criando um rangido suave que parecia apenas aumentar a desolação e desesperança do lugar.

O sol começou a descer e Nonna se indagou se deveria entrar pelo portão ou deixar o assunto por aquele dia e acampar na floresta, antes de voltar na manhã seguinte. A pressa pesou em seus ombros, no entanto. Ela não podia esperar mais, tinha de descobrir o destino de Freya e consertar o que podia ser consertado, o mais rápido possível.

Fenris subiu o monte e abriu o portão para que pudessem passar para o outro lado, um pátio coberto de pilhas de pedras. Nonna sentiu arrepios, sabia que pisava em um solo contemplado por algum tipo de encanto. Quando apurou o olhar, apavorou-se ao perceber o tipo de encanto que se tratava.

No meio do topo do monte havia uma grande cabana, construída com pedras enormes, cujas paredes tinham duas vezes a altura de Nonna e sobre as quais um telhado feito de troncos inteiros de árvores estava coberto de neve.

Não se avistava uma única janela, mas a parede contrária ao mar possuía uma porta sólida. No meio do telhado da cabana, um buraco escurecido permitia a saída de uma espiral de fumaça, jogada para os lados pelo vento. Correntes enferrujadas pendiam nos beirais da cabana, onde olhos vazios de crânios cinzentos olhavam fixamente para Nonna.

O pátio inteiro estava repleto de pilhas de pedras, que brotavam da neve irregulares e desoladamente cinzentas. Colunas, com farrapos dependurados, haviam sido enfiadas entre as pedras. Em outras, eram espadas com lâminas enferrujadas e lanças cujas pontas há muito cegaram pela ação do tempo.

– Túmulos – sussurrou ela, aterrorizada. – Um bruxo mora aqui?
– Crânios, montes funerários, armas abandonadas e uma desolação

assustadora fizeram Nonna pensar que podiam ser um indício da presença de um bruxo ou um mago, como Runolf, que possuía familiaridade com a magia da morte. Fenris hesitou por um tempo e, depois, começou a se mover e rugir, mas ela pediu que fossem até a cabana. O urso obedeceu, relutante.

Nonna gritou quando a porta diante dela foi subitamente escancarada e uma criatura aterradora e disforme surgiu na entrada escura.

Não tinha pelos e sua pele variava entre amarelo-pálido e cinza, coberta de manchas, como se o líquen brotasse dela. Sua cabeça grande cercava-se de um tufo curto de cabelo, as narinas grandes eram achatadas e a mandíbula inferior, proeminente, revelava presas curtas e amarelas. Vestia calças feitas de vários pedaços de pele e uma camisa de argolas cor de bronze, cada uma mais grossa do que os dedos de Nonna. Ela questionava a presença da menina de modo hostil e observador, com olhos pretos sob uma testa baixa.

Fenris se afastou quando a criatura saiu com um bastão grosso de madeira com pontas prateadas brilhantes nas duas extremidades.

A criatura rosnou um pouco e não desgrudou o olhar de Nonna e Fenris. Quando se ergueu por completo, ela entendeu que estava diante de um enorme semi-hiisi, cuja reputação era mais perigosa do que a dos hiisis comuns.

– O que *tus* quer?

– Desculpe incomodar – disse ela, saltando de Fenris. – Sou Nonna, da família de Radulf e Skafloc, e de Unha do Dragão. Gostaria de saber se minha amiga foi levada para Penhasco do Chifre.

O peito do semi-hiisi subiu ao respirar fundo.

– Uma amiga?

– Uma menina jovem, com um velho.

– Uma jovem e um velho. – a criatura riu. – Sim, estão no penhasco. E daí?

– Posso encontrá-los?

Uma risada gutural quebrou o silêncio ao redor deles.

– Sim, se quiser. Mas *tus* não retornará, depois *dissho* – o guarda parecia se divertir. – *Tus* quer que eu a coloque no penhasco? *Tus* é

a *primeirra* que quer ir por vontade própria.

Confusa, Nonna mordeu o lábio inferior por um tempo.

A ponta prateada do bastão cutucou seu ombro.

– *Tus* os quer de volta, não quer? Antes da lua cheia e do monstro acordar, não é?

Sem entender o que significava o tal monstro, ela concordou.

– Sim, quero. É possível?

A criatura balançou a cabeça.

– Não. *Issho* não é *possível*. Não *possho* deixar ninguém deixar a ilha. Então, se era *issho* que *tus* queria, pode dar o fora.

– Eu poderia pagar por eles – disse Nonna, pensando nos objetos de valor que retirara do quarto de Freya. Depois de falar, arrependeu-se, pois tudo ficara nas mãos de Eirik, exceto a joia da esposa de Eymunt, que tinha um único e insubstituível destinatário, sua filha.

O semi-hiisi rosnou e se inclinou sobre Nonna.

– O que *mim* farria com *ourro*? – disse. – Por aqui, *issho* me *traria* poucas alegrias – vociferou. – Saia!

Agitando as mãos no ar, ele ordenou que Nonna fosse embora.

– O que você gostaria, então?

– *Tus* não acredita em mim? *Mim* não pode deixar *tus* sair da ilha.

– Por que não? Quem está aqui para controlá-lo? Você está aqui sozinho... – Nonna ficou na ponta dos pés para dar mais ênfase às palavras.

– *Essha* é minha *tarrefa*. *Mim* precisa guardar quem é trazido *parra* a ilha. E *agorra*, ou eu a levo *parra* lá ou *tus* e seu animal vão *emborra* – gritou a criatura, em tom ameaçador.

– Não vou sair daqui, enquanto você não libertar minha amiga! – Nonna desafiou o semi-hiisi. – Ela é filha do rei Eymund.

– Eu não dou a mínima *parra* quem ela é – Furiosa, a criatura agarrou seu bastão com as duas mãos. – Se não *desaparecer* em um piscar de olhos, *tus* *verrá* só. Olhe em volta, *pirralha*, o pátio está cheio de túmulos dos que *quiserram* libertar alguém levado *parra* ilha. *Tus* quer se juntar a eles?

A menina parou de falar. A paisagem pareceu ter escurecido, como se uma névoa negra sombria vinda do solo turvasse tudo em volta da cabana. O semi-hiisi balbuciou algumas palavras desconhecidas.

– *Tus* está vendo? Vá *emborra agorra* ou se *machucarrá* – a criatura deu uma risada terrível, levantou o bastão no ar e, outra vez, gritou palavras que Nonna não entendeu. As sombras se tornaram mais escuras e um odor insuportável começou a se espalhar.

Nonna saltou para o dorso de Fenris.

– Rápido, vamos sair daqui – gritou e o urso obedeceu, com prazer. Ele começou a correr com o som da risada maldosa os seguindo até o portão. Depois, deixou os muros que cercavam o monte, sem olhar para trás.

A risada do guardião de Penhasco do Chifre ecoou por muito tempo, até mesmo enquanto iam em direção à floresta, entre árvores cobertas de neve. Após um tempo, ambos pararam junto a três carvalhos cobertos de nós, cujas raízes haviam se enrolado em volta dos rochedos, criando uma cavidade escura.

Nonna saltou e caminhou um pouco mais, oferecendo presentes aos espíritos da floresta, para que eles lhes dessem um lugar seguro para passar a noite. Embora sentisse uma presença estranha por perto, não tinha ainda ideia de que aqueles espíritos vinham até ela de forma espontânea. Sem saber, algo emanava dela e os espíritos não conseguiam resistir.

Um acampamento modesto logo foi montado, incluindo uma pequena fogueira para aquecer e iluminar. Depois de tirar comida da sacola, ela se sentou no chão para descansar e pensar em tudo o que já lera e ouvira falar sobre o Penhasco do Chifre.

Com esforço, recordou que não muito distante da península de Penhasco do Chifre ficava a Ilha dos Mortos, para a qual os primeiros habitantes de Noridium levavam doentes e mortos, desde antes da Guerra dos Deuses. Dizia-se que a própria Morte vivia no local, podendo muito bem haver um caminho para Hades de lá. Ela lembrava de histórias semelhantes de Penhasco do Chifre.

Quando fazia parte do continente e era região mais distante da península, o penhasco tinha habitantes. Em volta de uma torre de guarda, havia algumas habitações, mas a área era um tanto decadente e poucos moradores queriam permanecer ali. Segundo sua memória, algo terrível ocorreu, relacionado com o Senhor do Inferno ter conjurado espíritos e deuses maus, e o solo se movimentou, isolando Penhasco do Chifre pelo mar e evitando-o de todos. A escassa população local desapareceu um pouco mais tarde, antes da grande guerra. Nonna se lembrou que, por muito e muito tempo, pessoas indesejadas foram desterradas na ilha. Uma gente para quem até a sentença de morte teria sido um castigo mais leve. Ainda assim, faltava alguma informação sobre a tal maldição do penhasco.

Se Skald ou Nereid podia sobrevoar qualquer penhasco para salvar alguém, pensou Nonna, mastigando um pedaço de carne, devia existir, de fato, algo muito poderoso no local, capaz de deter inclusive os dois.

De qualquer modo, já fazia muito tempo desde que os dragões de Unha do Dragão voaram sobre aquelas terras pela última vez. Assim, Nonna estava completamente sozinha. Ela forçou as lembranças de tudo que conhecia para descobrir algum modo de chegar até lá, superando o guarda da ilha pedregosa – a criatura hostil e terrível que parecia também conhecer a magia, inclusive a do tipo que controlava os espíritos dos mortos.

Exausta de tanto pensar, ela se espremeu contra a lateral de Fenris, ouviu o barulho das árvores e os estalos de sua pequena fogueira e, enfim, adormeceu.

A pele de Fenris coçava desde que chegara aos carvalhos e ele sabia que havia algo muito antigo e poderoso escondido debaixo da neve. Como se dedos frios invisíveis vindos das entranhas do solo agarrassem sua alma, seus ossos e cada pelo. Eles mexiam na alma de Fenris, trazendo à superfície recordações e sentimentos dos quais não lembrava nem fragmentos. Ao pressionar a cabeça contra as costas de Nonna, sobre o chão coberto de neve, e fechar os olhos

cansados, Fenris viu diante de si fatos dele e da vida de sua alma paralela.

Na verdade, estavam sobre um monte funerário de centenas de anos. As raízes dos três carvalhos abaixo deles, enrolaram-se dentro de um túmulo decorado e santificado, e em volta de outros três. Próximo ao Penhasco do Chifre, aquilo era bastante comum, sendo uma das razões para as populações não terem se fixado na península após as guerras. As pessoas temiam as vozes que vinham de debaixo da terra e os espíritos que vagavam pelas florestas.

Os carvalhos sagrados sussurravam vozes de espíritos que jaziam a grande profundidade e traziam à tona sentimentos e pensamentos dos mortais – e imortais – que deles se aproximavam. Dormir em um lugar como aquele era uma disputa entre a vida e a morte, pois os espíritos ansiavam sedentos pelo poder da vida. Eles aspiravam voltar a caminhar sobre o solo, sem compreender que não lhes era mais possível. Em sua sede por vida, eram capazes de, mesmo sem querer, tirar o poder vital das criaturas que, por ora, estivessem próximas.

Entretanto, uma criatura que os espíritos jamais haviam encontrado chegara às raízes cobertas de neve dos carvalhos: um urso-do-gelo com duas almas, ambas atreladas com elos invisíveis à menina que dormia em seu colo.

Os espíritos de três lordes hiisis examinaram Nonna e Fenris e penetraram tão fundo na alma e nas lembranças da garota que encontraram um terceiro elo, uma ligação com criaturas que já não sentiam nas proximidades há séculos: os dragões-negros.

No espírito da menina adormecida, eles encontraram sentimentos raros – que podiam lhes ser úteis – em meio a tais poderes: compaixão e pena. Pois eles não dormiam em paz há muito, muito tempo. A cada mês, por séculos, seus espíritos eram incomodados por uma maldição lançada pelo Senhor do Inferno e eles já estavam exaustos disso.

Embora o corvo de Hades grasnasse em um galho de carvalho, exigindo um vítima sacrificial, os espíritos sussurraram apenas uma sentença no sonho de Nonna: “Acabe com a maldição e deixe-nos descansar, finalmente”.

O grasnado de um corvo solitário acordou Nonna depois do pôr do sol; o frio vagava aos pés das árvores, procurando vítimas. Ela não sentia Fenris às costas, mas sim, em sua mente sonolenta, a fumaça próxima e os estalos do fogo.

Ao abrir os olhos, viu que o céu se tornara um teto azul-escuro coberto por estrelas, com nuvens enrugadas viajantes e que, sobre o solo branco, flocos de neve cintilavam sob a luz da fogueira. Piscando para afastar a sonolência, esticou os braços adormecidos e lentamente voltou os olhos para o fogo.

– Berenhard! – gritou e correu para abraçar o tio, sentado junto da luz.

O homem a abraçou, apertando sua cabeça contra os cabelos e a barba.

– Minha Nonna! – Berenhard empurrou a sobrinha a uma distância de um braço e a admirou. – Cabelos idênticos aos de sua mãe... – ele sorriu.

– Como você... – disse ela, incrédula.

– Olhe atrás de você – disse Berenhard, apontando para os carvalhos. – Lugares como este são raros demais. – Nonna notou um enorme corvo preto abrindo as asas sobre os galhos cobertos de neve de um carvalho.

Pondo-se ao lado do tio, ela descalçou as luvas e massageou as mãos sobre o calor da fogueira.

– Você só aparece em lugares controlados por espíritos. Quais deles existem por aqui?

Berenhard encolheu os ombros.

– Espíritos de guerreiros hiisi e de lordes da guerra. Muito antigos, porém bastante poderosos.

– Por que você não apareceu na Floresta dos Sussurros? – quis saber Nonna, curiosa e um pouco desapontada. – Sua tumba está lá. Seu tio deu um sorriso maroto.

– Vördur não me queria lá para perturbá-la – sussurrou, deixando-a ainda mais confusa.

– Você o conhece?

Ele fez um gesto afirmativo e cutucou a fogueira com uma longa vareta.

– Por que Fenris gosta tanto dele? – perguntou ela.

Nonna viu as chamas da fogueira refletidas nos olhos de Berenhard enquanto ele erguia a cabeça.

– Eles são parentes – respondeu, em tom misterioso.

A menina balançou a cabeça.

– Parentes? Do que você está falando?

Berenhard riu alto e assanhou os cabelos de Nonna.

– Isso não importa. Conte para mim, quem fez essa trança em você?

– Freydis. E não tente mudar de assunto – disparou ela.

– Você acreditaria em mim, se lhe contasse? – perguntou Berenhard e sua expressão ficou séria por um momento, antes do sorriso lhe voltar ao rosto.

– Tente!

– Bem, ele poderia ter aparecido para você em outra forma também, como um homem caminhando com um urso branco e outro marrom. Você talvez saiba o nome do urso branco...

Nonna estava atônita.

– Birna – ela conseguiu gaguejar.

Berenhard sorriu e fez um sinal afirmativo.

– Em nome dos deuses, você está dizendo que Vördur é único... Ele é Forni, o deus dos ursos-do-gelo?

– Há muitas mudanças acontecendo, Nonna – disse Berenhard, sério. – Até os deuses querem ser parte delas, consertar velhos erros. Vördur é um protetor e você estava em seu cemitério. Por acaso não achou o monte que protegia o cemitério um pouco estranho?

Nonna não conseguiu responder, apenas concordou com a cabeça.

– Hvittr, Branco, jaz ali. Um dos maiores dragões-do-gelo dorme seu sono eterno perto do túmulo de Forni. Por isso, nosso culto considerava aquele lugar como nossa casa.

– Mas, Forni? Eu não entendo. Por que os encontrei, Cerbiurus e Forni?

Berenhard tocou de leve no rosto de Nonna.

– Este é seu destino. Talvez Skafloc tenha algo a ver com isso. Cerbiurus, enquanto atravessava a floresta, prometeu a Forni que um dia você iria à Floresta dos Sussurros e receberia aquilo que encontrou na tumba. Onde está?

Nonna torceu os lábios, magoada.

– O maldito Eirik roubou minha bolsa, em Barra Fria, e, com ela, a caixa. Que tesouro você trouxe do leste? – perguntou, após narrar o ocorrido no castelo.

– Não sei o que é, muito menos seu significado. Só sei que os nawyrianos sacrificaram quase duzentos homens para consegui-lo – disse Berenhard.

A menina, que ficara muito chateada, dobrou os pés para perto de si e olhou para o tio, com afeição. Ela amava contos e velhas histórias.

– Conte-me o que houve – implorou Nonna.

– Estávamos no Grande Tronco, há meses, junto de algumas ruínas, aproveitando as recompensas da última batalha. Ouvimos falar que os nawyrianos tinham desembarcado um pouco adiante e fomos ver do que se tratava – disse Berenhard, sem pressa, parando de vez em quando para pensar – Chegamos às ruínas, que deviam ser de um antigo forte dragão, e nos deparamos com cadáveres frescos de hiisis e hurgs. Os nawyrianos já estavam a caminho de seu navio quando os encontramos, dentre os quais, um adivinho vestido de branco, que carregava um pequeno baú e tentou lançar um encantamento, sendo cercado por dezenas de guerreiros. Eles fizeram o que puderam para levar o adivinho e seu baú para o navio que os esperava na praia, pronto para partir.

Berenhard coçou a barba e olhou para o céu.

– Quando o atingi, eles lançaram flechas com seus arcos e eu fiquei gravemente ferido, embora, no fim, tenha pego o baú. Os nawyrianos ainda tentaram escapar, mas ouvi que haviam sido todos pegos e mortos, quando acordei. Foi o que nos sucedeu, também. Éramos uns poucos sobreviventes e eu sabia que não resistiria por muito tempo. Analisei o baú carregado pelo adivinho e a caixa que havia nele. Ao compreender que ela continha algo de enorme valor,

pedi a meus colegas para que fosse enterrada comigo, em um local em que estivesse segura dos nawyrianos.

Berengard desviou os olhos e, por um momento, ficou em silêncio, até se voltar para Nonna e sorrir. Ele alisou os cabelos da menina com os dedos.

– A próxima coisa que me recordo é a lembrança da cabana de seu pai e de você, deitada ao lado de sua mãe, recém-nascida – disse e suspirou. – Antes, só consigo lembrar de um grande forte branco com ursos-do-gelo, guerreiros brancos e um homem todo de branco, Forni. E de uma violenta discussão com este, que não sei se foi um sonho ou parte de um delírio.

– Tenho de pegar o baú de volta – disse Nonna, murmurando um pedido de desculpas.

– Sim, tem e conseguirá, um dia – prometeu Berengard e suspirou.

– Como é estar com Fenris? – perguntou Nonna.

– Não seja boba, não posso contar tudo, até para você. Mas uma coisa quero dizer, embora não tenha certeza se posso – disse ele, pensativo. – Há mais espíritos flutuando em sua volta do que já vi em torno de qualquer outro.

– Espíritos? Por quê?

– Não sei, mas está relacionado com algo que você fez dentro das rochas do círculo sagrado, em Barra Fria, pois antes não via isso, nem Fenris. Às vezes, ouço-os falando sobre você e o que gostariam que fizesse. Eles estão a seu lado.

– Seria tão bom se soubesse o que desejam – suspirou ela.

– Seu ancestral, Skafloc, deixou um reino destruído para trás. Faça o melhor que puder para consertá-lo.

– Por que eu?

– Você tem o sangue dos dragões, sei que sente isso. Suponho que já tenha ouvido sobre a crença de que algumas mulheres do povo dragão possuíam poderes especiais, que os homens não tinham...

Nonna fez um gesto afirmativo e franziu a testa.

– Você sabe algo sobre elas? Todos são sempre tão vagos e nunca contam as coisas de forma clara.

– Parece que algumas podiam usar poderes misteriosos para gerar criaturas – ou vida, como as mulheres já fazem –, mas de uma forma um pouco diferente. Posso deduzir que a filha de Skafloc teria essa habilidade e que talvez seja esse o motivo de se esperar tanto de você. Se cumprir essas expectativas, ninguém sabe o que poderá alcançar. De qualquer forma, essas maldições não pertencem a este lugar – o tom de voz de Berenhard indicava desapontamento.

– Primeiro, terei de salvar Freya desta maldita ilha. O único caminho está sendo guardado por um semi-hiisi cruel e seus ajudantes do inferno – lamentou Nonna. – Como posso passar por eles na ida e, de novo, na volta?

Berenhard pensou sobre o assunto.

– Um semi-hiisi deve ter um apetite para lá de grande.

– Com certeza, ele come muito – concordou Nonna. – Por quê?

– Você acha que ele dispõe de um depósito suficiente de comida?

Nonna encolheu os ombros.

– Como posso saber? O que eles comem?

– Carne. Deve haver bastante carne de caça por aqui. O que você acha, a criatura sai para caçar?

Um sorriso maroto se espalhou pelo rosto da menina.

– Ele pode ficar fora bastante tempo, certo? Só que... Não deve ser burro a ponto de não deixar outro guarda, enquanto não está. E se chamar alguém dos mortos para ajudar?

– Espere com paciência e veja o que acontece. Bem, é uma alternativa, a menos que você tenha uma ideia para atrair o semi-hiisi para longe do monte.

– Você virá comigo para ajudar? – perguntou Nonna, a testa franzida.

Berenhard a descabelou de vez e sorriu.

– Fenris irá. Agora, devo-me ir. Mande lembranças para sua mãe.

– Ele a abraçou com força e beijou as faces de seu rosto. Nonna apertou-se no tio.

– Berenhard – sussurrou, enquanto ele entrava atrás dos carvalhos. – Nós nos veremos de novo?

– Sim, algum dia – afirmou ele, desaparecendo na escuridão.

A manhã veio um pouco nublada, fria e sem vento. O mar da península de Penhasco do Chifre estava calmo e as gaivotas gritavam nos penhascos cobertos de neve. Acima da floresta, um corvo planava rumo à cabana do semi-hiisi, aterrissando por trás dela, sobre uma estranha construção à beira do penhasco vertical. Ele se virou para observar a ilha pedregosa e desolada diante de si.

A distância da ponta da península atrás da cabana do semi-hiisi até o Penhasco do Chifre era de apenas alguns passos. Muitos animais da floresta poderiam saltar entre ambos, se não houvesse obstáculos. Ocorre que, atrás da cabana, haviam sido enfiados postes de madeira afiados e apontados para a ilha. Embora a distância não fosse grande, qualquer criatura que saltasse para fugir de lá seria empalada, não havendo modo de evitar isso.

O único acesso à ilha, distante dali, era por meio de uma ponte levadiça sólida, sobre a qual o corvo estava sentado. De tão robusta e pesada, só uma criatura muito grande e forte parecia poder empurrá-la para o outro lado do cânion aterrador, profundo e faminto. Os penhascos eram verticais e o mar abaixo deles, cheios de correntes, redemoinhos e ondas ávidas, que retumbavam com um som poderoso contra os penhascos. As encostas mais baixas eram cobertas por gelo escorregadio azul e verde.

O corvo decolou e, com um movimento frenético de asas, subiu o necessário para estudar a ilha pedregosa do alto. Ela era retangular e estreita. Sua superfície tinha pedras lisas cobertas por gelo e neve, além de esparsos rochedos, montes e depressões. As árvores que conseguiam crescer eram baixas, contorcidas e tortas, exauridas pelo vento constante. A neve que caiu sobre a ilha se acumulou sobre as depressões e debaixo de rochedos, com o vento, e o penhasco cinza e liso estava limpo e escorregadio.

Sobre sua superfície, abrigos feitos de pedra contavam com buracos escuros como portas. Bem em frente à ilha havia uma depressão profunda e, em sua encosta, algo que se assemelhava a uma caverna. Uma espiral solitária de fumaça subia dali. O corvo se dirigiu até ela e aterrissou a seu lado.

A entrada era pequena e coberta por uma cortina grossa e suja. Ossos e crânios protuberavam da neve, como em todos os outros

lugares da ilha. Parecia ter havido uma tentativa de colocá-los em pilhas organizadas, como espantalhos rudimentares. As pedras em volta da boca da caverna estavam cobertas por inscrições brancas e pinturas.

Uma lugubridade desolada emanava do local, arrepiando inclusive o corvo curioso. Por não conseguir entrar, ele voltou ao ar e prosseguiu seu voo de exploração sobre a ilha.

Lutando contra rajadas furiosas de vento, o corvo se surpreendeu com a figura quase imperceptível de uma menina contra o penhasco cinza. Envolta por uma capa cinza, ela carregava um balde de madeira e lidava com bravura com as fortes correntes de ar do topo do desfiladeiro. Os cabelos loiros, quase brancos, voavam com força e a ventania não parava de retirar neve das depressões para jogá-la em seus pés, tornando ainda mais difícil o ato de andar. Um pouco de água caiu do balde quando ela adentrou na cabana decrépita, afinal.

O corvo voou sobre a construção e grasnou alto.

E teve de fazê-lo uma segunda e uma terceira vez para que ela saísse e o notasse sobre o telhado, lutando contra o vento. Com aspecto aterrorizado ao ver os olhos negros do pássaro, ela disse algo e desapareceu dentro da cabana.

A ave se despediu e voou até o continente, para um dos carvalhos da floresta.

FORTE DE UNHA DO DRAGÃO, NORIDIUM Outubro de 816

– O quê? – Astrid pulou de seu trono, gritando, e fez Floki, que estava diante dela, dar um passo para trás. Ela levantou os punhos cerrados no ar, espumando de raiva, e o fogo que ardia na lareira do Salão Branco congelou-se em uma estátua de gelo. O calor do ambiente desapareceu e o frio começou a rastejar sobre as peles dos que ali se encontravam. Embaraçados e confusos, eles se levantaram e partiram.

– Chame todos, Asbrand, Gunhilde, Focinho de Sangue, você sabe quem... Corra! – ordenou. Até o bardo, assustado, correu com

os cabelos prateados esvoaçando.

Quando chegaram ao salão, gelado, eles a viram andando de um lado para outro, nervosa como em poucas ocasiões. Gunhilde ficou impressionada ao ver que, no ambiente, sua única vela, a lareira e as chamas das tochas haviam se congelado, como chamas de gelo que gotejavam água em poças sobre o chão.

– Barra Fria foi tomada! – disse Astrid, com uma voz tão fria e cheia de ódio que Gunhilde sentiu arrepios. Naquele instante, a realidade lhe veio como um raio, sua cabeça ficou tonta e ela quase desmaiou. Asbrand, que estava ao lado, agarrou-a rápido e a levou para se sentar em uma cadeira próxima.

Astrid se postou à frente deles, segurando a raiva.

– Floki acabou de receber uma mensagem do Monte de Hiite. Barra Fria foi tomada há dias e Freya foi destronada.

– Quem? – perguntou Asbrand, controlando a própria fúria.

– Ingolf, de Negrum, com apoio do povo da floresta próximo dos hiisis.

– E Nonna e Fenris? – perguntou Gunhilde, com a voz trêmula, temendo a resposta.

– Não há informações deles. Olvir e Freya desapareceram, os *berserkers* de Eymund foram mortos e Ingolf está sentado no trono. Além disso, Sigfastr, do Monte de Hiite, é prisioneiro de Ingolf e o povo do Monte de Hiite já está se preparando para guerra. Temos de fazer algo – disse Astrid, sentando-se.

– O que podemos fazer? Atacar Negrum? – perguntou Focinho de Sangue, calmo como sempre.

– Isso não seria bom, pelo menos ainda não, pois daria início a uma guerra que ninguém venceria – Asbrand sabia que os guerreiros de Noridium, entediados com o outono e o inverno precoces, estariam mais do que preparados para lutar e, logo, o reino todo seria controlado por tribos em guerra, como acontecera antes. – O mais importante agora é Nonna e Fenris, apenas depois de descobrir seu destino podemos pensar em outra coisa.

– É verdade – respondeu Astrid. – Isso tinha de acontecer quando Skald, Nereid e Godmund não estão? Asbrand, vá para Barra Fria. Descubra sobre Nonna e volte para o Monte de Hiite. Tente

acalmar Thorvid e Bork. Ingolf não machucará Sigfastr, ao contrário, ele vai querer mantê-lo como refém.

– Eu vou com ele, minha... – disse Gunhilde, com determinação.

– Desculpe, mas você não pode vir – Asbrand foi firme. – Você me atrasaria. Levarei Hipocrina e partirei já.

Asbrand se levantou para partir, mas parou à porta e se virou, voltando-se para Astrid.

– Quanto severo posso ser? Devo ameaçar Negrum com nosso exército, se não revelarem onde estão as meninas?

– O exército inteiro estará pronto em cinco dias – vociferou Focinho de Sangue, levantando-se.

– O exército de Unha do Dragão não marchará para o outro lado da montanha, exceto se houver problemas extremos – disse Astrid, com serenidade e altivez. – Vocês sabem o que isso causaria. No dia que nosso exército marchar para o leste, Skald e Nereid virão com ele e, então, o destino será outro, não Barra Fria. Diga a Ingolf que ele irá responder pelo golpe na grande assembleia, mas que a libertação de Nonna, Freya e Fenris não se discute. Se ele se recusar, você pode ameaçá-lo com minha ira e lhe prometer que se acontecer algo a um deles, farei das terras de Negrum um pergelissolo e irei me vingar em pessoa – jurou Astrid. – Agora vá, Asbrand, e nos traga boas notícias.

Asbrand concordou com a cabeça e correu para fora do salão.

– De qualquer modo, como preço por isso, enviarei uma nevasca para as terras da mansão de Negrum que durará todo o inverno. No que depender de mim, ela pode muito bem ser enterrada na neve – resmungou Astrid para si.

FORTE DE BARRA FRIA **Outubro de 816**

As pessoas de Barra Fria pararam suas tarefas e ficaram em silêncio ao ver o galope de um cavalo preto, montado por um cavaleiro vestindo armadura e capa pretas. E logo abriram caminho ao ouvir os cascos pesados batendo no solo congelado. O grande cavalo relinchou, enquanto seguia para o castelo.

O medo perpassou os que estavam nas ruas na presença do cavaleiro, pois não puderam deixar de notar os crânios pendurados na sela e a poderosa espada visível nas costas, deduzindo que o demônio viera do Bosque de Hiite, com a névoa da manhã, e ia ao forte para acertar negócios com seu conquistador.

A ponte levadiça do castelo estava abaixada, embora fosse tão cedo que o sol da manhã havia apenas tocado as flâmulas imóveis no topo das torres. Na verdade, parentes de Negrum, mercadores para comprar objetos de valor de Eymund e bajuladores do novo rei, sim, eram aguardados. Ninguém dentro do castelo supunha a visita de Asbrand, portanto os guardas ficaram surpresos ao ver o cavaleiro negro subir o monte para o forte, com tamanha rapidez.

– Fechem o portão! – a ordem foi gritada dos muros para o pátio.

Os soldados sonolentos não o fizeram a tempo. Eles jogaram seus cafés para longe e só começaram a fechar o portão quando o cavalo de Asbrand já atingia sua segunda metade, derrubando guerreiros que caíram de costas sobre o chão coberto de neve.

Hipocrina fungou com orgulho ao entrar no pátio e ninguém ousou atacá-lo. Os guerreiros tentavam achar suas armas, confusos, mas quando o visor do elmo de Asbrand se virava na direção deles, logo as soltavam. O cavalo prosseguiu, imponente, enquanto seu dono, com muito esforço, continha a vontade de lutar. Hipocrina parou junto às escadas do prédio principal com tamanho entusiasmo que se posicionou com um dos cascos no primeiro degrau, pronto para entrar, se necessário.

Asbrand pulou do cavalo e nem se deu o trabalho de amarrá-lo nas argolas penduradas na parede do prédio. Retirando o elmo, subiu as escadas e abriu a porta principal do castelo.

Ingolf, Gils e Broddr, que estavam tomando café da manhã, tranquilos, quase engasgaram ao ouvir passos metálicos pesados se avizinhandos do salão do rei. A porta foi escancarada com violência e Asbrand entrou como o demônio trazendo seu julgamento.

– Ingolf, de Negrum! – Asbrand gritou com fúria, aproximando-se do fim da grande mesa, no meio da sala. Ao jogar seu elmo pesado

sobre ela, um caneco de cerveja caiu nas roupas de Ingmar, que não ousou se mexer e apenas se acomodou, envergonhado, com o líquido doce sendo absorvido pelo tecido.

– Asbrand – respondeu Ingolf, encostando-se em sua cadeira. – O que leva um lorde de Unha do Dragão a nos visitar tão cedo? Una-se a nós, à mesa.

O cavaleiro deixou seus olhos passarem pelo salão. Durante a época de Eymund, tudo sempre fora bem-arrumado. Naquele momento, porém, lembrava o salão de um liderzinho tribal qualquer. Havia baús e arcas por todo os lados, virados de cabeça para baixo, com seus conteúdos esparramados pelo chão. A palha sobre o piso estava suja de comida e cerveja, abrigando panos sujos, peles e roupas, além de um grupo de vira-latas que andava, abanando os rabos.

No entanto, o que fez o sangue de Asbrand ferver foi a presença de uma figura sentada, próxima a Ingolf.

– Então, você já é parceiro das cobras que infestaram o Salão Negro, hein? – disse Asbrand, fuzilando Agenald com um olhar enojado. Este tinha um prato enorme de comida diante dele e, a seu lado, um rolo de papel e um saco aberto, cheio de pequenas moedas de ouro.

O sacerdote, com o orgulho ferido, levantou-se.

– Como você ousa? –E com as mãos trêmulas, levantou o pentagrama pendurado no pescoço na direção de Asbrand, que, diante da provocação, caminhou com passos largos até o sacerdote. Quando Agenald tropeçou com sua vara entre o banco e a mesa, foi agarrado, erguido do chão e pressionado contra uma das colunas do salão.

– Cale essa boca, sua serpente negra! – disparou Asbrand, jogando-o sobre a palha suja. – No que depender de mim, todo seguidor do Senhor do Inferno que pisar nestas terras logo terá uma cabeça a menos de altura.

Broddr se agachou ao lado de Asbrand, como um rato com medo de um gato da floresta, mas Gils já buscava sua espada com a mão saudável. Ingolf o acalmou e abaixou sua mão.

Asbrand deixou o sacerdote envergonhado, falando e xingando no chão, pegou o rolo de papel e o atirou sobre o sacerdote.

– Posso adivinhar o que há aí! – em seguida, voltou-se para Ingolf. – Onde estão Nonna e Fenris?

– *Mim* não sei – respondeu Ingolf, com um sorriso maldoso, buscando o caneco de cerveja sobre a mesa.

Asbrand agarrou o saco de ouro destinado ao sacerdote e o atirou com tanta força sobre o caneco de Ingolf que pequenas moedas de ouro voaram no ar, junto com pedaços de madeira, todos molhados de cerveja.

– Não me provoque! – vociferou Asbrand. – Onde eles estão? E o que você fez com Freya e Olvir?

A expressão no rosto de Ingolf passou de calma para raiva sombria.

– *Agorra tus* está indo longe demais, Asbrand, de Unha do Dragão – disse entre os dentes. – *Mim* sou um rei e você...

– Você é o vômito de um cachorro sujo, comparado aos reis! – gritou Asbrand. – Você desrespeitou a decisão da assembleia e tomou o trono da filha de Eymund e ainda pagará por isso, diante das outras tribos, mas, agora, vai me dizer onde as garotas estão ou, que Cerbiurus me ajude, terminarei seu reinado com minha espada.

Nenhum dos homens no salão ousou levantar um só dedo contra Asbrand, tão somente ficaram se entreolhando, com nervosismo. Ingolf, porém, conhecido como um dos guerreiros mais selvagens de todo o reino, levantou-se, com autoconfiança.

– *Mim* fez o que tive de fazer. E não *comeche* a brigar com seu rei ou *irrá* descobrir que se propôs um desafio grande demais.

Asbrand cuspiu no chão, com desdém.

– Unha do Dragão jamais o reconhecerá como soberano deste reino. Ouça a mensagem da Senhora de Unha do Dragão: você responderá por seu ato na grande assembleia, diante de todas as tribos, e seu governo terminará lá, o mais tardar. Se quiser continuar vivo depois disso e manter, ao menos, resquícios da honra de sua família, revelará onde estão as meninas.

Ingolf fez um sinal com a mão e pegou outro caneco, do qual tomou um longo gole, limpando a garganta.

– Ouça, Asbrand – disse, com falsa paciência –, que razão *mim terria* para esconder qualquer uma delas? A criança-bruxa e sua besta não estavam no castelo quando o conquistei e Freya e o velho adivinho, *mim* os exilou já na primeira noite. *Mim* não sabe *parra* onde eles *forram*.

Encarando Ingolf, e controlando sua fúria, Asbrand acreditou ter ouvido a verdade.

– Onde Nonna estava, na ocasião?

– Como raios, em nome de Hamarr, *mim deverria* saber? Ela estava em algum lugar com sua besta e é bem provável que tenha ido para casa. *Procurre* por ela nas proximidades do Bosque de Hiite, se quiser. – Ingolf caminhou para o outro lado da mesa, em direção à porta. No caminho, apanhou objetos de valor jogados sobre cadeiras e banquinhos e os atirou ao chão, só para irritar Asbrand. À porta, um grande número de homens de Ingolf se reuniam, com suas armas.

– Espero que você saiba onde está Freya. Ela está na cidade?

Ingolf parou e ficou quieto. Então, como se houvesse se lembrado de algo incrível, ergueu a mão e apontou para Asbrand. – Acredito que ela possa ter ido na direção de Monte de Hiite. – Como um gatinho, Broddr caiu na gargalhada.

– E Sigfastr, de Monte de Hiite?

Dessa vez, Ingolf encolheu os ombros.

– Está vivo, ele participou da batalha e *mim* o manteve como *prisioneiro*. Nem *tus* pode ter alguma coisa a dizer sobre *issho*.

– Thorvid, certamente, pagará por seu resgate – disse Asbrand.

– Ah, *mim* acho que é melhor mantê-lo um pouco mais como *nossho* convidado. O sangue de Thorvid pode esfriar um pouco, antes de *comechamos* a falar sobre resgastes.

– Agora você está brincando com o destino de toda sua família, Ingolf. Se Astrid e Vermund de Valgard, sem mencionar Monte de Hiite, souberem que você machucou a única herdeira de Eymund ou a garota que é minha parente, então...

– Sim, então o quê? – Broddr teve tempo de se intrometer, antes da mão do primo o silenciar.

Asbrand se inclinou sobre a mesa, fitando Broddr cara de rato.

– Vocês descobrirão como é a ira da Bruxa do Gelo. – Ele rosnou, penteou os cabelos para trás e pegou seu elmo de cima da mesa. – Aproveite seu reinado, Ingolf Mentiroso, enquanto pode. Ele terminará mais rápido do que você espera! – Asbrand marchou para a porta e, um pouco antes de sair, voltou a cabeça para o sacerdote das trevas.

– Eu sei quem você é. Nonna o encontrou no Vale do Ferro, há um ano. Quando você deixar este forte, assegure-se de viajar logo, pois, fique sabendo, nenhum cavalo o levará embora rápido o bastante para que a sombra de Unha do Dragão não o capture. – Asbrand apontou o dedo para o homem.

Após colocar seu elmo, ele saiu do salão, empurrando os guerreiros que assistiam a cena.

PENÍNSULA DO PENHASCO DO CHIFRE **Fim de outubro de 816**

Nonna aguardava com Fenris há dois dias, à beira da floresta, observando a habitação do semi-hiisi. À noite, olhando para a lua, ela a viu ainda maior, e a certeza de não ser tarde demais diminuiu. Ela e Fenris se esconderam atrás de um grande rochedo e observaram as tarefas do semi-hiisi sobre o monte. A criatura passava a maior parte do dia dentro da cabana. À noite, caminhava perto dela, testava as condições da ponte e jogava enormes pedras no mar ou no Penhasco do Chifre, enquanto gritava de maneira hostil.

Havia momentos em que o guardião também exibia sua magia, embora Nonna soubesse não ter a menor pretensão de ser vista por alguém.

Assim, viu o semi-hiisi levantar do chão criaturas parecidas com sombras, que dançavam em volta do fogo aceso por ele. Ouviu sons estranhos, que lembravam música, e cantos distantes, sempre com um tom sombrio assustador. Havia sons, cujas origens ela não via e

nem queria ver, pois eram gritos de terror ou guinchos que davam arrepios em sua espinha.

Na manhã do terceiro dia, nuvens carregadas voavam baixo, anunciando uma tempestade de neve. Nonna viu o semi-hiisi no pátio, de novo. Desta vez, no entanto, ele tinha uma enorme bolsa, um arco e várias flechas nas costas, além de uma lança de ursos nas mãos. A criatura saiu pelo portão e o fechou, com cuidado. Depois, levantou a mão bem alto, resmungou palavras estranhas e, bufando, começou a andar na neve, para a floresta.

Escondidos, Nonna e Fenris esperaram o semi-hiisi desaparecer de vista e ficaram parados mais um pouco até saírem no sentido do monte de sua cabana.

Talvez não tivessem muito tempo. Não se podia ter certeza sobre o que a criatura tinha ido fazer. E se voltasse logo? Pior seria, obviamente, se isso se desse quando Nonna estivesse no Penhasco do Chifre. Daí, ela poderia ficar como prisioneira na ilha. Assim, ela pediu para Fenris aguardar do lado do continente, caso algo acontecesse. Nessas condições, tudo dependeria dele.

Ela abriu o portão e caminhou para o pátio. O vento abalava os trapos sobre os montes funerários, fazia tinir as correntes nos beirais e soprava flocos de neve inquietos no chão. O mar retumbava do outro lado da cabana. Nonna não via guardas em lugar algum, nem espíritos ou quaisquer outras criaturas, mas, naquele instante, Fenris passou com uma velocidade tremenda por ela.

Caindo no chão, entre palhas secas e neve, ao erguer a cabeça para saber o que havia ocorrido para que tomasse aquela atitude, ela viu que o urso galopava para a cabana, rugia e atingia algo que a espreitava nas sombras. Naquele instante, uma escuridão fétida caiu sobre o morro, uma sensação insuportável lhe subiu à garganta e Nonna vomitou de nojo.

Com um grito horrendo, remotamente semelhante ao de um humano, um ser horrível saiu da sombra da cabana. Vestia roupas pretas rasgadas, tinha o tamanho de Fenris, e era magra como um esqueleto. Seu corpo, visto através dos farrapos, parecia formado de névoa negra, sobre o qual trazia uma antiga e brilhante armadura de

bronze. Ele levantou uma enorme espada, cheia de entalhes, contra Fenris.

Os longos cabelos da criatura pavorosa eram cobertos por um elmo gasto, decorado com penas de pássaros. Debaixo do visor, viam-se olhos amarelos ardentes. O olhar pairou sobre Nonna por um tempo e ela sentiu um estranho carinho, como se sua alma tivesse sido alcançada por um momento.

– Fenris! – gritou Nonna, ao ver que uma mão que terminava em unhas afiadas abria feridas em seu dorso.

O urso rugia de raiva e de dor, embora prosseguisse em seu ataque, acertando a criatura nebulosa com suas garras e tentando capturar o espírito infernal com os dentes. Anéis de metal e pedaços da armadura caíam tinindo sobre o penhasco, à medida que Fenris os arrancava, mas ele não conseguia capturar o ser sob as vestes negras.

De repente, Fenris agarrou a mão que segurava a espada, o que causou um estalo audível quando o pequeno osso quebrou. Ao puxar com força, o tecido rasgou e ele jogou o braço quebrado do espírito do inferno, ainda com a arma, para longe, no penhasco.

Gritando como uma alcateia de lobos enraivecidos, aquele que levantara do túmulo acertou Fenris de modo ainda mais alucinado com a outra mão e jogou o urso-do-gelo dolorosamente contra a parede da cabana. A casa do semi-hiisi chacoalhou e os crânios pendurados nas correntes bateram uns nos outros, fazendo sons ocos, antes da criatura abrir mais três feridas no corpo de Fenris.

Teimoso, o urso não se rendeu, embora o sangue estivesse jorrando em seu pelo. Ele adotou uma postura ameaçadora, ficando de pé em suas patas traseiras, e acertou o inimigo repetidas vezes com as patas dianteiras e suas garras fortes. Os rugidos, batidas e rosnados ecoavam no pátio, a neve voava no ar com a luta e Nonna não tinha o que fazer, a não ser ficar encostada contra o muro e esperar a conclusão da batalha. Desconhecendo qualquer encanto que pudesse trazer ajuda, ela agarrou o amuleto de Cerbiurus e rezou por força para Fenris e proteção do deus negro contra o inimigo conjurado dos cantos escuros do inferno.

A menina estava em agonia ao ver um ferimento após o outro surgir no pelo branco de Fenris. Ele fazia caretas e rugia de dor, mas, no final, conseguiu saltar sobre o espírito do inferno com tamanha força que a perna da horrível criatura foi quebrada e ela caiu de costas no chão. O urso pulou em cima dela e lhe enfiou as garras. O ser repugnante terminou seus dias com uma mordida e um puxão ferozes. Ofegante, Fenris deixou cair a cabeça com elmo de suas mandíbulas, relaxou o corpo e se virou para Nonna, exausto.

Nonna estava em prantos ao correr para Fenris e pular em seu pescoço, assegurando-se de não tocar em seus ferimentos.

– Temos de fazer algo sobre isso... – Em pânico, ela apontava para os ferimentos abertos, mas, como resposta, o urso rugiu e a empurrou com o focinho para a ponte. Eles não tinham tempo e Nonna, apesar do imenso medo, via-se obrigada a segui-lo.

– Empurre! – Fenris atendeu seu pedido e agarrou uma das barras horizontais da ponte, que mal se moveu.

O urso-do-gelo empurrou com toda sua força, auxiliado por Nonna, no limite de suas condições. A madeira até cortou a pele de suas mãos, ferindo-as. Ambos lutaram muito, rangendo os dentes para mover a ponte para a frente.

Primeiro, ela se moveu muito pouco, depois, um tanto mais e, por fim, saiu do lugar.

– De novo, Fenris! – gritava Nonna, sem desistir. Ela sentia que eram observados e temia ver o grande semi-hiisi de volta, mas não podia capitular.

A ponte se levantou dos trilhos cada vez mais para o alto e para a frente e, subitamente, Nonna sentiu um puxão em suas mãos, pois ela começou a cair com grande velocidade e nenhum dos dois podia impedi-la. Com um enorme estrondo, sua outra extremidade caiu no lado oposto, em Penhasco do Chifre.

A neve voou em uma nuvem densa, a ponte ricocheteou com a força da queda, tornou a cair e ficou no lugar, oscilando de leve.

– Espere aqui, Fenris. Se o semi-hiisi voltar, vá embora, imediatamente! – Nonna estava muito cansada e deu a ordem com as mãos e os pés doloridos. Exausto, ele concordou, com gotas de sangue pingando de seu pelo sobre a neve.

Ela enxugou as mãos ensanguentadas e cheias de farpas em sua capa, abraçou Fenris com força e correu para a ponte.

O vento a agarrou ao caminhar sobre o cânion e lhe deu um enorme susto. A ponte balançava e chacoalhava sob seus pés, mas ela não se importava com isso nem com o mar revolto lá embaixo, que esticava suas ondas em sua direção como se quisesse puxá-la para dentro da água congelante com os dedos brancos.

Do outro lado da ponte, Nonna olhou para trás e viu Fenris andar, cambaleante e com a cabeça baixa, até a cabana. Dó e tristeza a seguraram por um instante, e ela logo voltou a correr para realizar sua missão.

Embora Freya fosse tão importante para Nonna, não seria capaz de deixar ninguém em um lugar como aquele. Ela sabia, pelo o que o corvo tinha visto, que a caverna circundada por ossos ficava em seu caminho. Divergir levaria muito tempo, pensou. Assim, correndo o mais rápido que pôde, ela conseguiu chegar ao penhasco escorregadio.

Nonna escorregou, deslizando sobre a superfície de gelo do penhasco castigado pelo vento, e caiu muitas vezes antes de chegar à próxima depressão, com bastante dor. Seguindo pela encosta, ela viu um buraco com pilhas de ossos e pedras que lhe pareceu familiar e correu até lá, evitando tocar em algo a mais que o necessário. Ela moveu a cortina para o lado, devagar, e olhou para dentro.

A caverna devia ser a habitação mais desolada e decrepita que Nonna já vira e quase não era grande o suficiente para Fenris se mexer. Suas paredes eram ásperas, o piso era de lama e areia batida e o teto estava repleto de teias de aranha cobertas por gelo e pó. No centro, havia um candelabro entortado, no qual um monte de gravetos criava uma tocha rudimentar que mal queimava.

O fogo ardia com dificuldade, mal iluminando as pinturas, escritos, runas e diferentes trapos que lembravam tapeçarias em suas paredes. Havia também um colchão rudimentar, cheio de diferentes tipos de cobertores e peles, ao pé do qual argolas presas às paredes da caverna serviram de algemas, muito tempo antes de terem sido partidas.

No chão, em meio a uma miscelânea de coisas, com as costas viradas para Nonna, um homem falava sozinho. Ele jogava pedaços de osso em um chifre que enfiara no chão e balbuciava, cada vez que errava.

Foi fácil perceber que o homem era muito velho. Seus cabelos brancos, longos e grossos, estavam tão emaranhados que nenhuma escova conseguiria mais desembaraçá-los. Seu corpo esquelético se cobria de peles grossas e sujas, pois a caverna era somente um pouco mais quente do que o lado externo, sob o vento das planícies da ilha.

Nonna limpou a garganta.

– Com licença... – disse, sem pensar em suas palavras, assustando-se quando o homem pulou como um animal selvagem. Apesar da idade avançada, ele se movia com agilidade e os olhos, que brilhavam sobre a barba emaranhada, pareciam furiosos e precisos.

– Quem diabos é você? – gritou o velho.

– Não há tempo, você quer escapar da ilha? A ponte está abaixada, o guarda não está. Se quiser, corra o mais rápido que puder. Preciso salvar minha amiga – ela falou tudo de modo atropelado e saiu correndo, deixando o homem parado e confuso, ainda segurando pedaços de ossos nas mãos.

– Freya! – gritou Nonna, longe da pilha desolada de pedras. – Olvir!

Por um instante, ela temeu que nenhum dos dois estivesse vivo. Porém, uma pequena espiral de fumaça surgiu e, após escorregar pelo penhasco liso, ela pôde ver Freya, confusa, pôr a cabeça para fora da pequena cabana miserável.

Nonna correu até ela e a segurou com toda a força que lhe restava. Ambas se abraçaram, sem conseguir dizer nada. Todo o medo e ansiedade foram liberados com gritos altos e risadas, misturadas às lágrimas.

No fim, Olvir interrompeu o momento, aparecendo à porta.

– O que foi, em nome... Nonna! – Olvir gritou, com os olhos arregalados. – Você também foi aprisionada aqui? Onde está Fenris?

– Eu vim resgatá-los. Não temos um instante a perder – disse ela, balançando Freya pelos ombros. – Peguem suas coisas rápido, temos de sair daqui antes que o semi-hiisi volte.

– Que coisas? – gritou Freya de alegria, fechando sua capa e começando a correr, segurando Nonna pela mão. – Vamos, Olvir, apresse-se! – ela gritou.

O adivinho balançou a cabeça, sem acreditar, e olhou para as garotas que fugiam. Então, começou a dar passos largos e rápidos atrás delas.

Quando as garotas e Olvir chegaram à ponte, viram Fenris sentado do outro lado, com um velho que pulava com uma pequena bolsa às costas. O sol estava se pondo e a neve brilhante ao redor começava a ficar azulada. A beira da floresta que, à distância, podia ser vista diante deles era como uma linha irregular sobre as planícies brancas.

– Quem...? – perguntou Olvir, surpreso de ver o velho.

– Explicarei mais tarde, agora vá – respondeu Nonna e empurrou Olvir para a ponte, seguido por Freya. Ela foi a última a entrar, correndo para ver como estava Fenris.

O urso estava totalmente exausto. Seu pelo manchado de sangue pingava na neve, agora vermelha. Nonna sabia que tinham de fazer algo com os ferimentos e rápido, mas antes precisavam passar pela cabana, pois o guardião poderia voltar a qualquer momento.

O velho olhava para tudo, confuso, pulando e chutando o chão.

– Há, nem posso acreditar nisto! Pelo traseiro preto de Baal, estou livre! – gritou, antes da menina ter tempo de dar-lhe um tapa na boca.

– Quietos, seu tolo! A criatura pode estar por perto! – Nonna deu uma bronca no velho, que não deu a mínima para os alertas. O homem deixou cair sua bolsa no chão e começou a dar socos furiosos na ponte.

– Maldita ponte, maldita ilha, maldito hiisi – gritava, como um maluco, sem parar de puxar os cabelos e balançar a cabeça.

Ela olhou para Freya e Olvir, que encaravam o velho de bocas abertas. Olvir girava o dedo e dava tapas na testa, indicando acreditar que o homem enlouquecera na ilha. Nonna se questionava

por quanto tempo ele teria ficado aprisionado, quando se lembrou que estavam com pressa.

– Temos de nos apressar – disse ela e fez um sinal para que todos a seguissem. – O semi-hiisi pode voltar.

– Deixe que volte! Eu empurrarei aquele traste no mar, lá nas ondas – gritou o velho.

– Fique aí, então, se é para isso que serve a liberdade para você!
– Nonna correu para o topo do morro para ver as redondezas.

As planícies entre a cabana e a floresta pareciam ainda estar vazias, mas a distância era grande.

– Freya e Olvir, vamos! – chamou Nonna e começou a correr em zigue-zague entre as pilhas de pedras do pátio, atravessando o portão com Fenris a seu lado. Depois, correu para a proteção da floresta, sem esperar mais nada.

Freya seguia Nonna, que ouvia seus passos rápidos, além da respiração forte de Olvir e as explosões de risada de nervoso e alívio do velho.

A floresta estava se aproximando muito devagar e Nonna começou a entrar em pânico. Era difícil correr na neve e ela estava exausta. As mãos doíam, os pés estavam machucados, as costas sentiam as batidas das quedas no penhasco e ela mal imaginava o quanto aquilo era difícil para Fenris, a seu lado.

Quando finalmente chegaram às primeiras árvores, ela parou para recuperar o fôlego. Ao olhar para trás, viu Freya e Olvir bem atrás deles e, mais ou menos no meio das planícies, o velho, que de quando em quando virava o corpo para olhar para trás, puxar os cabelos e chacoalhar a bolsa no ar.

No fundo de tudo isso estava o monte, e acima dele a assustadora cabana do semi-hiisi, de onde uma fumaça preta e densa subia. Naquele momento, chamas saíram da porta e o velho louco os alcançou em gargalhadas.

– Bem feito! – disse o velho e riu.

Nonna ficou aterrorizada.

– Você pôs fogo na cabana? – perguntou, sem acreditar no que via.

– Era o mínimo que eu podia fazer como recompensa por me ter salvo – riu o velho. – Acho que devemos correr um pouco mais, antes que o demônio veja a fumaça. – O velho deu um tapinha nas costas de Olvir. – Vamos, velhote!

Considerando a idade, o velho corria muito rápido para dentro da floresta.

– Velhote? Eu? Em nome de Forni... – Irritado, Olvir começou a perseguir o outro homem.

– Melhor fazermos o que ele diz – disse Nonna, embora não desejasse mais correr.

Todos estavam cansados, mas não tinham alternativa. Precisavam se afastar da cabana em chamas. Com Fenris por último, o grupo desapareceu nas sombras da floresta, pouco antes dos primeiros flocos de neve começarem a cair do céu cinza, cada vez mais escuro.

A maldição de Heriold

O INÓSPITO PENHASCO DO CHIFRE Fim de outubro de 816

– Peguei isto do quarto de seu pai. – Nonna deu o pingente à Freya, o único objeto que conseguiu trazer do forte de Barra Fria. Ela tinha acabado de lhe contar sua breve história e revelar à Freya que seu pai havia sido assassinado.

A filha de Eymunt pegou o berloque, hesitante, como se pudesse quebrar ao toque. Seus olhos se encheram de lágrimas ao tocar a superfície brilhante sob a luz tremulante da fogueira.

– Obrigada – disse Freya com a voz rouca, colocando a joia no pescoço com um carinho no gesto equivalente ao cuidado em sua execução. Logo depois, ela levou as mãos ao rosto e começou a chorar, de maneira inconsolável. Nonna se sentou a seu lado, enlaçou-a com os braços e a confortou como pôde.

– De qualquer modo, o espírito de seu pai está livre, agora. O assassino está morto e ele com certeza foi para os salões de Hamarr.

– *Asshasshino?* Quem são vocês? – Foi a vez do velho perguntar, ele que só tinha deixado de rir ao encontrarem um lugar adequado para o acampamento, dentro da floresta, sob o abrigo de um enorme rochedo e de uma árvore caída sobre ele. Até ousaram acender uma pequena fogueira, pois se uma criatura do tamanho do semi-hiisi visse aquele fogo, já teriam ouvido sua aproximação.

Enquanto Olvir se encarregava da fogueira, coletando galhos e folhas nos arredores, Nonna limpou o pelo de Fenris e seus ferimentos, dentro de suas limitações. O urso colocou a cabeça sobre as patas e desmaiou de sono.

– Eu sou Nonna, esta é Freya e este é Olvir – Nonna apresentou o grupo sem entrar em mais detalhes. – Quem é você?

O homem franziu a testa e moveu os lábios como se estivesse com dificuldade para lembrar o próprio nome.

– Brannhir. Ah, faz muito tempo que não digo *issho*. Eu sou Brannhir – disse, recolhendo-se em seus pensamentos como se, novamente, estivesse só.

– Olvir, você pode fazer algo pelos ferimentos de Fenris? – perguntou Nonna, após o adivinho obter chamas mais perenes.

Ele caminhou até o animal e o examinou.

– Eles são profundos e... Como ele se machucou?

– Na casa do semi-hiisi havia um espírito do inferno, conjurado para guardar o lugar. Ele fez isso com sua espada e suas unhas. Por quê?

– Os ferimentos já começaram a se infectar e não são comuns – disse, levantando-se e coçando a barba. – Eu precisaria de minha vara, mas...

– Você pode ou não fazer alguma coisa? – questionou a menina, com impaciência e preocupação. Fenris estava cansado demais, a forma como ele dormia, com a cabeça entre as patas e sem se mexer, evidenciava isso.

– Não tenho ferramentas. Uma floresta de inverno contém pouquíssimas ervas ou equivalentes – respondeu. – Nem há qualquer utensílio para poder ferver um pouco de água – lamentou.

– Mas *mim* tem – disse Brannhir, retirando um elmo antigo de sua bolsa. – *Tus* pode ferver a água aqui – disse, jogando o elmo aos pés de Olvir. – Faça o que precisar, velhinho, mas ajude a besta.

Olvir o xingou, agradecido, e pediu emprestada a adaga de Nonna. Depois de aquecê-la, pediu que ela pusesse neve no elmo e o colocasse sobre as pedras, no meio da fogueira. Em seguida, desapareceu na floresta.

Nonna fez o solicitado e voltou para perto de Fenris, para acariciar sua cabeça. Freya se aproximou, ficando bem ao lado da amiga.

– Obrigada, Nonna – falou Freya. – Você é mais do que uma pessoa de grande confiança. Se não fosse você, ninguém nos teria

salvo.

Nonna ficou quieta por um momento. Desde o golpe praticado por Ingolf, passava os dias atormentada pela ideia de que traíra a confiança de Freya. Além de tudo, suas mãos doíam muito, apesar da neve, que lhe trazia um pouco de alívio. – Freya... Sinto muito tê-la deixado justo na noite em que Barra Fria foi invadida – respondeu, com um enorme peso no coração.

– Você não poderia ter feito nada quanto a isso – riu Freya. – E veja só, se estivesse lá, estaríamos ambas naquela ilha horrorosa e ninguém nos salvaria.

– Talvez – Nonna concordou com a cabeça, fazendo carinho em Fenris.

– Pobre Fenris – lamentou Freya. – Olvir o curará, com certeza. – A jovem soberana deixou os olhos pousarem sobre as chamas, enquanto refletia. – E depois, Nonna, o que faremos?

– Ah, esse sim é o verdadeiro problema. O que farão agora? – Brannhir resmungou, ensimesmado. – Vocês não sabem o que fizeram – e olhou para o céu. – Falta muito pouco para a lua cheia.

– Quem diabos é ele? – sussurrou Freya.

Nonna balançou a cabeça e encolheu os ombros.

– Não sei. Ele era um prisioneiro na ilha, como vocês. Acho que não havia mais ninguém. – Brannhir, você ficou na ilha por muito tempo?

O velho desviou o olhar do céu para Nonna. Sua expressão era um pouco marota, misturando alegria e um riso um tanto sádico.

– Muito, muito tempo. Preferi não contar, *issho* não *farria diferencha*, de qualquer jeito. – O homem balbuciou e massageou as têmporas. Depois, aproximou-se das duas e olhou para Fenris. – Uma besta e tanto aquele urso. Ele vê coisas que os outros não veem.

– Quem era o rei quando você foi aprisionado e por que foi jogado na ilha? Espero não ter libertado um assassino... – perguntou Nonna, curiosa.

– *Asshasshino? Mim? Tus* pode dizer *issho* – disse o homem, encostando-se na pedra. – *Tus pode* dizer que *várrias* mortes *forram*

causadas por mim. –Brannhir enterrou a cabeça nas mãos com uma tremedeira incontrolável. E murmurou algo incompreensível.

– O quê? Você é um assassino? Então, deveria ter ficado na ilha! – exclamou Freya.

– Sim, *mim* sou – devolveu ele, com uma fala doída. – Mas os deuses sabem que não foi culpa minha. Não *quero* ser *responsável* por mais mortes, a liberdade foi uma *tentachão* grande demais para mim.

– Quem o prendeu na ilha?

– Heriold, o governante de Pedra do Dragão. Ele me acorrentou e me deixou *parra* apodrecer na ilha. Saemundr era o rei na época, se não me engano.

– Saemundr? Não minta – disse Freya, erguendo a vista, incrédula.

– Por que *mim mentirria*? Saemundr, da família de Fyris, governava o reino, sim. Seu símbolo era dois ursos de pé contra um fundo verde. *Mim* ainda me lembro dos navios que navegavam pela ilha com aqueles desenhos e de como *mim* queria ir *emborra* da ilha com eles.

– Isso não pode ser verdade... – disse Freya. – Saemundr foi o avô de Eymund e sua morte se deu há muito, muito tempo – acrescentou, estupefata.

– Tanto *asshim*? – perguntou Brannhir, sem graça. – Bem, *tus* não acha que minha *sentencha* foi longa o bastante até *parra* um *asshasshino*? Além disso, Saemundr *erra* jovem na época, então pode ser mais tempo ainda, quem sabe?

Durante a conversa, Olvir voltou, sorrateiro, e jogou pedaços semelhantes à madeira na água fervente, além de musgo e outras plantas.

– Felizmente, havia carvalhos nas proximidades – disse e, depois de um instante, levantou o elmo do fogo com a ajuda de dois fortes gravetos. Freya lhe contou a história de Brannhir, enquanto ele misturava a poção e repetia certas palavras.

Por um momento, o adivinho permaneceu quieto e pensativo. Depois, voltou o olhar para Brannhir, forçando a vista.

– Por acaso já ouviu falar da maldição de Heriold?

Brannhir abaixou a cabeça, balbuciou palavras enigmáticas e, inquieto, esfregou as mãos. Era impossível compreender algo do que falava.

– Responda-me! – disse Olvir, irritado. Em seguida, fez um movimento brusco para trás, como se tivesse sido golpeado no rosto. – Você é ela, a maldição de Heriold, que os deuses nos protejam! – gritou Olvir.

– Sim, *mim* é – respondeu Brannhir, com lágrimas nos olhos. – *Mim* sou a maldição de Heriold e trago nas mãos o sangue de dezenas ou centenas de *pesshoas inochentes* – gritou, batendo no próprio peito, desesperado. Entre urros, ele pegou sua bolsa da neve e, subitamente, correu para a floresta e desapareceu na escuridão, uivando, antes que qualquer um tivesse tempo de fazer algo para detê-lo.

– Não vá! – Nonna se levantou e gritou para ele, mas Olvir a deteve.

– Deixe-o ir – disse Olvir, com a voz trêmula. – Não sei o que devemos fazer, pois ele é uma coisa ruim, uma coisa muito ruim, Nonna.

– O quê? – Ela olhou para as sombras da floresta, ouvindo os passos e gritos agonizantes, cada vez mais distantes, até que silenciaram.

Olvir mexia a poção, concentrado.

Ele rasgou um pedaço da parte mais limpa de sua capa com a adaga de Nonna, mergulhou-o na poção e começou a pressioná-lo contra os ferimentos de Fenris.

– Eu não pude relacionar o velho com a antiga história, que pensava ser uma mera lenda. Queria tê-lo feito a tempo, pois aquele homem deveria ter sido deixado na ilha.

– Como assim? Ninguém merece tal destino e você viu que ele estava sofrendo. Não importa o que tenha feito, foi há muito tempo e ele já pagou seu preço – retrucou Nonna, apesar de refletir sobre como parecia saudável após tamanha reclusão. Estava claro que seu sangue tinha algo além de humano.

– A maldição de Heriold, ou seja, Brannhir, não é um homem comum, Nonna. Ele matará muitas pessoas, se não for pego outra

vez – suspirou Olvir. Fenris rugiu de satisfação com o líquido quente que limpava seus ferimentos. – Há mais de três ou quatro gerações, na vicinidade de Drekisteinn, ou seja, Monte do Dragão, coisas terríveis começaram a acontecer. Histórias foram contadas sobre um monstro que matava todos os humanos que encontrava, inclusive mulheres e crianças – disse ele, enquanto continuava a tratar os ferimentos de Fenris com o líquido herbáceo que preparava.

– Por anos, o monstro assolou a região, sempre no período por volta da lua cheia, desaparecendo após a terceira noite. Ele começou a ser chamado de maldição de Heriold, pois este, o chefe do exército, foi o que mais sofreu, tendo toda a família dizimada, por razão desconhecida. Depois de longo período de tormento, Heriold descobriu o assassino: um líder tribal que morava sozinho, perto de Pedra do Dragão, em uma cabana decrépita próxima ao castelo. Ele ordenou que fosse capturado e, conta-se, preso em algum lugar do qual nunca escapasse, e onde sofresse pelos atos cometidos. Nunca se soube o destino da maldição de Heriold, desde que desapareceu. Só que ele viverá para sempre.

– Para sempre? – Nonna se indignou. – Ninguém vive para sempre, exceto deuses e dragões.

Olvir começou a empurrar musgo, tirado de sob a neve e descongelado, nos ferimentos de Fenris. E prosseguiu.

– Há certas criaturas que também vivem para sempre, Nonna. Como as que são amaldiçoadas dessa maneira, para praticar seus atos destrutivos e sofrer. Como Brannhir.

O velho adivinho olhou bem para as meninas, com uma expressão bastante séria.

– Estou quase certo que Brannhir é um lobisomem.

Nonna olhou para Freya e ficou quieta, sem saber o que dizer.

Repousando uma das mãos sobre os ferimentos de Fenris, Olvir fechou os olhos e começou a balbuciar encantos. Um brilho fraco cercou a parte do pelo branco que tocava, como se um fogo o cobrisse de modo momentâneo. Ele se sentou, com calma, e fitou as duas, que pareciam paralisadas de medo.

– Bem, isso é tudo o que posso fazer por Fenris. Acredito que ele irá se recuperar, mas não poderemos nos mover muito rápido, o que

me assusta.

– Por quê? – perguntou Nonna. Ela não sabia exatamente o que era um lobisomem, mas o que Olvir lhes contava parecia um bocado apavorante.

Ele encolheu os ombros.

– Estamos no meio da floresta, à beira da qual vive um semi-hiisi, no meio da qual vaga um lobisomem centenário e, o que é pior – disse Olvir e suspirou desolado –, amanhã é lua cheia.

– Olvir... – sussurrou Nonna, sentando-se a seu lado. Freya e Fenris já dormiam, mas o velho adivinho ainda mexia na poção, pensativo.

– Fenris ficará bem, Nonna. Até amanhã, espero que os venenos da tumba já tenham saído de seus ferimentos – disse, tranquilo.

Ela suspirou de alívio.

– O que devemos fazer a respeito de Brannhir? Suponho que fiz uma bobagem, libertando o velho, sem saber que era um lobisomem – sua chateação era real. – Agora, ele vagará, causando destruição.

– Bem, não há muito a destruir, por aqui – riu Olvir. – Deixemos que ele lute com o semi-hiisi, para que ambos, ao menos, tenham algo a fazer.

– E se ele sair daqui para um lugar habitado?

Olvir tirou a poção do fogo.

– Se Brannhir sair daqui, poderá causar todo tipo de destruição, é verdade – suspirou o velho. – De certa forma, é só um humano e, temo, mais cedo ou mais tarde, a solidão o leve para áreas povoadas.

– Ele é um tipo de espírito mau? – perguntou Nonna.

Coçando a barba, Olvir se virou para ela. – Não, não é exatamente assim. Lobisomens são provenientes das criaturas mais adoradas por Ulva, seus lobos e seu povo. Eram capazes de se transformar em algo intermediário entre o lobo e o homem, mas, em sua ira, o Senhor do Inferno amaldiçoou alguns deles. O legado desses se espalhou com rapidez e, logo, quase todos se tornaram espíritos amaldiçoados, causando enorme estrago por onde passavam.

- É possível Brannhir ser morto?
- É preciso magia ou alguma arma lendária. Por exemplo, o Espírito da Primavera, carregado por Ealhere. Ferro comum não funcionará, disso tenho certeza. De qualquer forma, sua alma será condenada ao inferno, se for morto.
- Inferno? Verdade? – Nonna se lamentou. O pio noturno e assustador de uma coruja ecoava pela floresta.
- Verdade. Como todas as almas possuídas, ele também acabará no inferno, pois para lá deve seguir após tamanhas atrocidades – murmurou Olvir.
- Ele pode ser salvo de alguma maneira?
- Você é louca? Quem neste mundo iria salvar um assassino daqueles? Se você não nos tivesse salvo, ele também teria nos matado, amanhã à noite.
- Ela pensava e torcia os lábios.
- Se os lobisomens são amaldiçoados, a maldição não pode ser quebrada?
- Eu não sei, talvez com algum encanto ou com a ajuda dos deuses.
- Tenho dó de Brannhir – suspirou Nonna.
- Por que raios?
- Não sei. Deve ser terrível ter o espírito mantido no local dos espíritos maus do inferno – disse ela, abaixando a cabeça. – E fui eu que o libertei, afinal.
- O adivinho se resignou a balançar a cabeça.
- Eu, ao menos, desconheço um modo de afastar uma maldição dessas. Talvez saibam, em Unha do Dragão.
- Nonna respirou com força, olhando para as sombras da floresta.
- Queria estar em casa, e segura – sussurrou.
- Em breve, talvez, estejamos, se os deuses permitirem. Partiremos cedo.
- Aonde iremos e usando qual rota?
- Para Monte de Hiite, passando por Pedra do Dragão, do lado leste. E, de lá, para a Estrada da Velha Floresta.
- Ousaremos ir à Barra Fria? – perguntou Nonna, atemorizada.

– Viraremos para a floresta antes de Barra Fria e tomaremos a Estrada do Norte. De lá, chegaremos ao Monte de Hiite, desde que nada aconteça no Bosque de Hiite.

– Por que para Monte de Hiite?

– Para onde mais? Além disso, a tia de Freya, Asta, mora ali e a manterá segura. Não posso pensar em nada melhor, mas ela irá gostar, tenho certeza, pois é ligada a essa família, especialmente agora que Sigfastr... – Olvir parou de falar.

– Quando partiremos?

– Logo de manhã. Não há sentido ficar aqui mais do que o necessário.

Olvir jogou pedaços grandes de madeira na fogueira e se enrolou na capa.

– Agora, é melhor dormir um pouco, pois vai precisar de forças, amanhã – disse ele, movendo-se para deitar no colchão feito com galhos.

Nonna se postou bem ao lado de Fenris, cobriu-se e olhou fixo para as chamas diante dela. Olvir adormeceu em pouco tempo, enquanto Freya se mexia um bocado. Brannhir, no entanto, incomodou os pensamentos de Nonna por um bom período, até que ela caiu em um sono inquieto, repleto de pesadelos.

Eles caminhavam devagar por causa do estado frágil de Fenris e, quando o primeiro dia se aproximou do fim, haviam alcançado apenas a beira da grande área florestal. O urso mancava, mantinha a cabeça baixa e respirava pesadamente, expressando a dor que sentia. Eles tinham de parar a todo momento e, em seus pensamentos, Nonna lamentava a velocidade suportada.

Não bastasse isso, estava certa que Brannhir os seguia. De vez em quando, ouvia um galho quebrar, passos na neve ou um ruído nos arbustos. Quando tocava no assunto, Olvir dizia que Brannhir podia, de fato, estar no encalço deles.

O pobre velho estava atormentado pela solidão, de fato. Não tinha ideia do tempo que passara sem ver um único humano e o isolamento devorara sua alma. Mas Brannhir não ousava vir até eles, agora que seu segredo fora revelado, embora não entendesse o tipo

de perigo que podia gerar, caminhando tão perto do grupo, perto da lua cheia. Olvir achava que, em sua forma humana, Brannhir estaria um pouco senil e nem compreenderia mais que, na lua cheia, iria se transformar em uma criatura assassina horrível.

Freya se indagava sobre o destino das pessoas de Pedra do Dragão, se o lobisomem ficasse e os atormentasse. Ela acreditava que Brannhir ficaria ali, para desespero de Varg, apesar de Nonna não ter tanta certeza. Para a filha de Gunhilde, Brannhir iria segui-la por todo lugar que fosse e, talvez, passasse a ser chamado de "maldição de Nonna".

Então, a criatura começaria a atormentar Monte do Dragão ou iria até Unha do Dragão, atrás dela. Em sua mente, Nonna prometeu para si, e para Ylva, que faria o que pudesse para quebrar a maldição, para que Brannhir tivesse paz.

O sol pintava de amarelo o topo das árvores quando a noite chegou e eles acamparam à beira da floresta, no alto de um morro. Olvir escolhera aquele lugar por ser difícil de ser alcançado. Se o lobisomem os seguisse durante a noite, o local íngreme e pedregoso poderia protegê-los, ao menos. Após o urso conseguir subir o morro, o adivinho juntou uma enorme quantidade de lenha ao lado da minúscula fogueira e desapareceu dentro da floresta. Quando retornou, trouxe um galho de carvalho na mão com o qual começou a desenhar runas sobre a neve, em volta do acampamento. Além disso, palavras estranhas e misteriosas foram ditas. Nonna olhou com interesse os encantos sendo feitos no topo do monte para protegê-los.

Com facilidade, ela sentiu os poderes mágicos dos espíritos naturais em volta deles, ascendendo de dentro do penhasco e emanando como ondas, toda vez que Olvir levantou as mãos para o céu e enunciou seus encantos secretos. Porém, Nonna não viu o que Fenris percebeu, deitado no chão e exaurido de dor.

Com os espíritos conjurados por Olvir, vieram donzelas-azuis nebulosas, espíritos de pinhos e abetos e outros espíritos da floresta, atraídos pela presença de Nonna, sentados sobre as runas de Olvir, como proteção. Até gnomos travessos, à beira da escuridão que os circundava, ele teve certeza de ver.

O sol se pôs, o tom do céu se tornou mais escuro e melancólico e as estrelas começaram a cintilar. Apenas os ruídos da fogueira quebravam o silêncio. Pressentindo algo fora do normal, nenhum animal da floresta, nem um estalo, nem um grasnado de um corvo ou um uivo de um lobo podia ser ouvido.

Nonna subiu a outra encosta do penhasco e, à distância, para além dos pinheiros, viu as planícies de Pedra do Dragão, cuja escuridão não era devastada por qualquer relampejo de luz. Sua respiração era visível e o frio penetrava em sua capa, que apertava junto ao corpo, pondo a cabeça ao máximo dentro do capuz. Ela tremia de frio e medo, temendo o que podia ocorrer durante a noite. Depois de fixar a paisagem, ela se voltou para o acampamento.

– É lua cheia – disse Olvir, quando Nonna chegou à fogueira. – Hoje à noite, o lobisomem nascerá, uma vez mais.

– Pergunto-me por onde andará... – disse Freya, aterrorizada.

– Em algum lugar próximo. Temo que meus encantos não sejam fortes o suficiente para mantê-lo afastado – admitiu Olvir, pensativo.
– Embora Brannhir possa saber o que acontece, a solidão e a saudade de estar próximo das outras pessoas são uma tentação grande demais para ele. Ele deve nos seguir como humano, mas tentará nos destruir quando estiver na forma monstruosa – disse ele, jogando lenha no fogo que lutava contra o frio e a escuridão. Nonna e Freya se entreolharam, com um medo cada vez mais crescente.

A resina não parava de explodir na lenha que queimava quando foram se deitar. Nonna fingia estar dormindo e acompanhava o esforço de Olvir para manter os olhos abertos. A dificuldade do dia, entretanto, havia sido demais para o velho que logo estava roncando em um sono profundo, sem saber do que acontecia a seu redor.

Quando o silêncio da noite se quebrou com primeiro uivo, Nonna sentiu o sangue congelar. Aquela voz era mais aterrorizante do qualquer outra que já ouvira. Lembrando vagamente o uivo de um lobo, de tão triste e cheia de sofrimento, trouxe-lhe, além do medo, uma sincera sensação de pena e dor.

Prendendo a respiração, Nonna aguardou, torcendo para nunca mais ouvir tal som, mas, como que contrariando seus desejos, o uivo se repetiu ainda mais desolado e forte, acordando Olvir e Freya,

desta vez. O adivinho fechou sua capa, cutucou a fogueira e se levantou, com uma tocha na mão, murmurando palavras estranhas repetidas vezes.

O segundo uivo, trêmulo, ecoou e alcançou o coração de Nonna. A floresta inteira deu a impressão de estar no aguardo, temendo pelo pior, e nem um único som rompeu a curta espera, até um novo uivo ser ouvido, para o pavor deles, de algum lugar mais próximo.

Nonna e Freya se apertaram uma contra a outra, mas Fenris permaneceu dormindo, sem conseguir despertar para o que ocorria.

De repente, um corvo surgiu e, com ele, um bando de pássaros voou, guinchando de forma horrorosa. A neve caiu dos galhos movidos e passos puderam ser ouvidos.

– Agora, ele está vindo... – disse Olvir, olhando para o nível do chão com a tocha em punho. A madeira que queimava estalava alto e a fumaça densa subia no ar frio, parecendo, porém, uma arma muito pobre contra um lobisomem.

Ouviu-se um enorme estalo debaixo deles.

– Santa Ylva! – Olvir se afastou, apavorado, e começou a gritar preces para Forni e Ylva.

Passos pesados e rápidos foram ouvidos sobre o solo coberto de neve e Freya e Nonna gritaram quase juntas quando Brannhir saltou à beira da fogueira.

A criatura era enorme, do tamanho de um cavalo, e totalmente coberta por um pelo emaranhado. Não se parecia humana, tampouco com um lobo, mas sim algo intermediário. A cabeça era gigantesca com um focinho menor do que o de um lobo, os olhos terríveis se assemelhavam à lua cheia e brilhavam como discos amarelos ao encarar Olvir, como se medisse sua próxima presa.

Nonna rezou para Ylva por proteção, olhando o lobisomem, parado, agachado, com uma fumaça densa e um rosnado grave saindo de sua boca. O som pavoroso vinha como que das profundezas do subsolo e chacoalhava árvores e pedras. Abrindo a bocarra ameaçadora para Olvir, a criatura estava pronta para saltar sobre o adivinho. Suas presas amarelas brilhavam à luz da fogueira.

– Fique aí, coisa maldita! – Olvir se defendeu com a voz trêmula e cutucou Brannhir com a tocha. – Em nome de Ylva, sua deusa, vá

para longe!

Quando o lobisomem ouviu o nome da deusa dos lobos, saltou para a frente, cheio de ódio. Ele arrancou rapidamente a tocha da mão de Olvir, sem se importar com a parte acesa chiando em sua boca. Balançando a cabeça, jogou a parte apagada para longe, dentro da floresta, e voltou o corpo para o ataque.

– Brannhir, não! – gritou Nonna, levantando-se. – Vá embora, vá!
– Com os punhos cerrados, ela usou toda potência que possuía na voz.

O lobisomem se virou, faminto, instante no qual um enxame furioso de abelhas chegou para atormentá-lo. A criatura chacoalhou a cabeça, enquanto donzelas-azuis e outros espíritos começaram a martirizá-la com dedos e unhas invisíveis. Um grupo de gnomos, mais escuros do que sombras, puxou seu rabo e o golpeou com armas caseiras. Brannhir rosnou e se debateu, tentando agarrar os seres com a boca. Embora tenha conseguido deter alguns gnomos, atirando-os na floresta, a maioria dos torturadores era rápida demais para ele. No fim, os esforços dos espíritos da floresta, assim como os gritos perturbadores de Nonna e Olvir, foram demais, até para o lobisomem.

Com um uivo agonizante e desesperador, que chegou muito longe dali, ele saltou na direção de Olvir, derrubando o velho e fugindo, entre ganidos.

Busca

MONTE DE HIITE **Fim de outubro de 816**

Corvos grasnavam alto, sobrevoando os abetos ao pé da montanha. Seus guinchos agudos eram a única coisa que quebrava o silêncio sinistro, enquanto Asbrand cavalgava lentamente, saindo da floresta. Hipocrina galopara sem parar por todo o caminho, desde Barra Fria, e seu corpo soltava vapor no ar frio da montanha. Os cascos do cavalo faziam um som oco ao chegar à encosta e subi-la.

O Monte de Hiite estava pouco à frente. O caminho coberto por neve ziguezagueava entre antigos abetos solitários e grandes rochedos na montanha onde, entre dois penhascos, ficava o velho forte de madeira da família.

Um muro de pedras fora construído entre os penhascos, sobre o qual assentara-se uma cerca de madeira pesada, com duas torres de guarda. Logo após, contra o penhasco, havia um prédio de vários lances de altura com um telhado íngreme e gárgulas magnificamente decoradas em suas extremidades.

O remoto forte de Monte de Hiite. Asbrand sabia que mais adiante, pela Estrada do Norte, a menos de meio dia de distância, haveria um pequeno vilarejo protegido pela fortaleza, mas em volta do forte não havia outra população. Ninguém gostava de viver vizinho à velha habitação da família de Monte de Hiite. Talvez a razão fossem os hiisis, trolls e outras criaturas que vagavam na região ou, quem sabe, os métodos antiquados da família, que podiam parecer severos e sombrios. Asbrand sabia, porém, que ela

era reclusa e sempre dava preferência a cuidar de si, antes dos outros, em seu poderoso castelo.

Apenas corvos notaram sua chegada. Ele nem os viu, mas, quando chegou ao portão do forte, as aves voaram em um enorme bando, com grande alvoroço, e aterrissaram em seguida sobre os muros, um pouco além do portão, olhando para ele com curiosidade.

Asbrand puxou a argola pendurada ao lado da entrada, ouvindo o forte grasnado que ecoava no penhasco. Um sino de som grave tocou e ele esperou.

Nas vezes em que visitara Monte de Hiite, jamais constataria a presença de alguém nas torres de guarda. Na verdade, o castelo não precisava disso, pois era praticamente impossível de ser tomado. Além de tudo, dizia-se que Höggvandil, o deus louco e cruel da montanha e matador de humanos, protegia aquela família que era, ao menos para Asbrand, a única que ainda o adorava.

Passos vieram de dentro. Uma cabeça olhou para Asbrand e, após um instante, o portão começou a abrir. Vestindo peles cinzas de lobo, surgiu Thorvid Hiisimind, sem disfarçar sua surpresa.

– Asbrand! – gritou e fez um sinal para que ele entrasse com Hipocrina. – Um convidado *inesperado* é sempre duplamente bem-vindo aqui, inclusive em tempos de ódio.

O neto de Skafloc saltou de seu cavalo para cumprimentar Thorvid no pátio. Além deles, havia apenas alguns guerreiros que, depois do portão ser fechado, desapareceram no prédio lateral, calados e carrancudos.

O pequeno pátio ficava entre montanhas. Contra as encostas, haviam sido construídos depósitos e o prédio principal estava bem à frente. Coberto de neve, o espaço interno continha inúmeros bonecos e lanternas de gelo, cuja autoria foi-lhe fácil deduzir, sem precisar ver uma pequena menina de cabelos dourados, tentando manter um grupo de cachorros do lado de dentro. Asbrand acenou para Áurea e sorriu, enquanto um serviçal chegava para cuidar de Hipocrina.

Thorvid colocou a mão pesada sobre o ombro de Asbrand e o encaminhou para dentro.

– Acho que sei porque *tus* veio – disse ele, cerimonioso.

No salão de Monte de Hiite, aconchegante, apesar do estilo militar, Asbrand se sentou ao lado de uma mesa robusta e estudou o ambiente austero. Com o tamanho de dois andares, possuía paredes de madeira e parecia muito antigo. No piso superior, um terraço cercava o salão em três lados, com duas escadarias íngremes de acesso. No centro do salão, três colunas feitas com o tronco de várias árvores sustentavam o teto.

Correntes grossas dependuradas prendiam um lustre coberto de fuligem que lembrava uma roda de carroça. Das duas lareiras de pedra, uma estava acesa, trazendo calor e luz para o interior. A ausência de tochas, apesar de algumas lamparinas e velas, colaborava para manter o salão escuro. Asbrand admirou as antigas tapeçarias, cujas cores fortes brilhavam aconchegante na penumbra.

Os homens da família haviam se reunido à mesa tão logo Asbrand entrara.

As mulheres da família se encontravam um pouco além, em volta da irmã de Geirdis, esposa de Thorvid. Ela segurava um livro grande no colo e o lia em voz alta, com delicadeza, enquanto as outras a ouviam. A mãe de Sigfastr estava sentada ao lado delas, com uma expressão de pesar pelo destino do filho e, mais próxima da lareira, a velha mãe de Thorvid, Gunvor, que muitos chamavam de bruxa por causa de suas habilidades, descansava. Com seus cabelos brancos ela olhava para o fogo e Asbrand via seus lábios se movendo, ao falar com as chamas.

Aos pés do grupo feminino, deitava-se uma matilha de imensos *elkhounds*. No meio deles, três crianças brincavam, sendo a mais nova uma menina de cabelos dourados, Áurea, também chamada de Mente-de-corvo.

– Monte de Hiite recebeu alguma informação sobre Sigfastr, Freya e os outros? – perguntou Asbrand aos homens, cujos rostos estavam marcados por ódio. Com ele, como companhia à mesa, estavam sentados uma dúzia de sujeitos barbados, de aparência rude. Eles vestiam túnicas de cores claras e seus cabelos estavam escovados, mas pareciam mal-arrumados. Asbrand sabia que eram um tanto carrancudos e que, agora, esse caráter taciturno se

exacerbara por uma indignação violenta pelo que Negrum fizera. – Estamos preocupados com Nonna também, ninguém sabe onde ela está.

Os homens se entreolharam, em silêncio.

– Já imaginávamos que Ingolf *tomaria* o poder *parra* si. Minha mãe havia visto os presságios no fogo, mas nós, tolos, não entendemos, e deixamos que Sigfastr fosse à Freya – disse Thorvild.

– Os *presshágios* não são bons. Fala-se sobre uma *aliancha* com o Salão Negro.

– Os homens do Salão Negro estavam junto ao portão, anos atrás – lembrou um dos homens, segurando o queixo escavado por uma cicatriz.

A cabeça de Asbrand fez um gesto afirmativo.

– O sacerdote das trevas do Salão Negro está neste momento em Barra Fria, como convidado de Ingolf.

Os homens tremeram de raiva.

– *Issho* não é bom, Asbrand. Precisamos fazer algo – vociferou Bork, tio de Thorvid, socando a mesa.

Asbrand deu um sorriso zombeteiro e encolheu os ombros.

– Talvez ele nunca consiga voltar ao Salão Negro. Mas essa não é nossa maior preocupação, que é a segurança de Sigfastr e o paradeiro das meninas.

– Não aqui, pelo menos – assentiu Bork.

– E se os de Negrum *forram* tomados como *prisioneiros*? – suspeitou Thorvid. Asbrand discordou.

– Negrum foi evacuada. Toda a família de Negrum se mudou para Barra Fria. Não, eles não estão lá.

Um silêncio confuso pairou sobre a mesa.

– Ingolf não *ousaria* matar Freya – disse Thorvid. – Ele tem medo da *vingança* dos deuses, caso elimine uma criança *forra* de uma batalha. E os deuses são, de fato, a única coisa que ele teme, *issho* é certo. A criança pode estar em qualquer lugar, como, por exemplo, escondida na casa de Varg Barba de Osso. *Porrém*, independente *dissho*, Ingolf logo se *arrependerá* do que fez – disse Thorvid, com ódio ardendo em seus olhos.

– O que você pretende fazer? – perguntou Asbrand.

Bork reagiu com um movimento raivoso de ombros.

– As armas já *forram* reunidas, os homens estão prontos para derramar o sangue sujo de Negrum, hiisis *forram* chamados e logo *estarrão* aqui.

– Se vocês atacarem o castelo, Ingolf pode matar Sigfastr – lembrou Asbrand, fazendo o pai de Sigfastr virar o rosto encolerizado para o fogo.

– *Mim sei dissho!* – gritou Thorvid, acordando os cães. – Em nome de Höggvandil, *mim sei dissho* muito bem – sua voz grossa fez as mulheres ficarem quietas. – *Essha* é a única coisa que segura minha mão para não cortar a *cabecha* de Ingolf e dá-la de alimento para os cachorros, Asbrand.

– Aguarde um pouco mais – encorajou o visitante.

– *Convershar é parra mulheres* – disse Bork, levantando-se. – Höggvandil está conosco, *vencerremos* Negrum ainda que tenhamos de fazê-lo sozinhos, se Unha do Dragão resolver não se aliar.

– Você fará com que o menino seja morto – advertiu Asbrand.

A mão de Geirdis surgiu sobre o ombro de Bork.

– Ouça o que Asbrand tem a dizer – sussurrou ela com a voz triste e o olhar suplicante voltado para Thorvid. Depois, lembrou aos homens o motivo de Sigfastr ter ido até Freya.

– Bem, o que *tus sugerre?* – resmungou Bork, recordando a alegria do menino quando decidiu pedir a nova soberana de Barra Fria em casamento.

– Primeiro, vamos descobrir o paradeiro de Freya e Nonna – sugeriu Asbrand. Ele lamentava a ausência de Skald e Nereid, em especial desta, que passava muito de seu tempo com Nonna, e talvez a encontrasse tão somente sobrevoando o reino. Todos se entreolharam com claro desconforto.

– Ninguém sabe delas. A última vez que Nonna foi vista em Barra *Fria* foi antes de Ingolf atacar, depois *disso*, não se sabe *parra* onde foi a *garrota*. O certo é que não está por aqui. Bork vasculhou a *árrea* ontem e não há sinal deles. E depois que *forrem* encontrados? – quis saber Thorvid.

– Devemos *esperrar* a grande *asshembleia?* – Bork cuspiu, com desdém.

Asbrand pensou no assunto por um instante, depois tomou sua decisão e balançou a cabeça.

– Não. Se puderem esperar até lá, terão nosso apoio, o apoio de Unha do Dragão – comprometeu-se.

FORTE DE UNHA DO DRAGÃO

Fim de outubro de 816

A plataforma dos dragões parecia deserta, pensava Astrid, olhando para sua superfície pedregosa, na qual a neve tinha se acumulado como ondas. O vento formava redemoinhos distraídos sobre as planícies e as correntes dos enormes caldeirões rangiam e tiniam levemente. A tristeza e o silêncio fizeram um ninho no topo da torre, depois da partida de Skald e Nereid, deixando tudo mais vazio, lamentava-se Astrid.

O dia estava cinzento e as nuvens grandes no céu anunciavam muita neve, como nos dias anteriores. Astrid colocou a mão sobre o muro frio de pedra e se inclinou sobre ele para olhar para a vastidão de Unha do Dragão.

O inverno chegara e cobrira tudo com uma camada grossa de neve. As planícies se espalhavam até onde a vista alcançava, capas brancas onde nada se movia, exceto um ou outro urso-do-gelo. À direita de Astrid, ao longe, a Floresta da Raposa podia ser avistada coberta de branco e, sobre as encostas das montanhas, o vento espalhava nuvens inquietas de neve.

Astrid suspirou. Pensamentos incansáveis dominavam sua mente desde que soubera do acontecido em Barra Fria. Tinha recebido a mensagem enviada por Asbrand, de Monte de Hiite, atestando que ninguém vira nenhuma das garotas, tampouco Fenris. Em um acesso de ira, ela enviara uma terrível nevasca para a terra natal de Negrum, enquanto Runolf dissera que seu tenebroso iria visitar a família de Ingolf para causar a destruição que Negrum merecia. Era possível que até os mortos enterrados por lá se levantassem da terra para assombrá-los, se as habilidades de Rudolf fossem confiáveis.

O destino de Nonna era, obviamente, a maior preocupação para Gunhilde e ela andava de um lado para o outro no forte como uma

sonâmbula, quieta, nervosa e o tempo todo olhando para fora. Freydis e as outras amigas de Nonna a seguiam, preocupadas, como se sua presença pudesse levar embora um pouco da saudade que sentiam dela e de Fenris.

Astrid sabia que Nonna estava viva, pois, como Gunhilde, certamente o sentiria se a garota deixasse este mundo. Ela tinha de sobreviver, independente de onde estivesse, afinal, seu destino estava ligado mais e mais, e a cada dia, ao de todo o reino – em especial, ao de Unha do Dragão e dos dragões-negros.

O surgimento da garota fora a vontade dos deuses, Astrid sabia disso. Os deuses antigos tinham voltado, não havia como negar, e seu encontro com Cerbiurus não podia ter sido uma coincidência, mas sim parte do plano do deus dragão-negro. A menina ainda tinha algum tempo para crescer nas forças que eram característica de sua família e, logo, poderia assumir a responsabilidade que Skafloc há muito deixara para ela, algo que nenhum humano poderia ter.

Amaldiçoar Negrum com tempestades exauriu as forças de Astrid e, embora soubesse a razão, não queria admiti-la para si própria. Ela não se comparava à Gudrun em seus poderes e nem pertencia ao clã dos dragões. Embora seus recursos fossem vastos, não eram iguais aos daqueles do clã dos dragões e ela já usara a magia durante décadas para prolongar sua vida. Sentia-se velha e cansada e suas forças se esvaíam mais rápido diante da presença de Nonna. Com cada inspiração, a menina parecia sugar a força invisível que cercava Unha do Dragão e que mantinha Astrid viva e, durante o último ano e em muitas ocasiões, a mulher precisara guardar suas energias.

Fora uma ótima sensação liberar o encantamento que mantinha sua aparência jovem e bela, como há mais de um século. Por causa dos efeitos da magia, ela envelhecia o tempo todo, apenas mais devagar do que uma pessoa normal. De qualquer maneira, envelhecera, de fato. Ela ficava exausta à noite, quando ninguém a via e, muitas vezes, já andava pelo castelo e junto ao jardim como a velha que de fato era. Agora que Astrid encontrara aquela que continuaria a tradição e receberia os segredos, começava a ansiar

mais e mais pelo dia em que poderia partir e se juntar a seus ancestrais.

Se alguma coisa acontecesse à Nonna, ela não teria ninguém para revelar seus segredos. Isso poderia levar à destruição de Unha do Dragão e, ao mesmo tempo, ao fim de seu sonho e de Skafloc.

– Não, isso não pode acontecer! – Jurando em voz alta, sua raiva foi forte o bastante para liberar a neve das nuvens. Grandes flocos começaram a cair e Astrid esticou a mão, deixando que lhe tocassem a pele, observando-os derreter aos poucos, pensativa.

Em sua mensagem, Asbrand citara o sacerdote das trevas do Salão Negro, visto em Barra Fria. Aquela notícia ferira terrivelmente o coração de Astrid.

O mundo espiritual de Noridium havia sido escurecido por uma enorme quantidade de espíritos estranhos, trazidos por algum elemento. Quando Nonna lhe contara, um ano antes, sobre o encontro com um sacerdote das trevas, Astrid supusera que o maldito sacerdote do Salão Negro tivesse sido o responsável.

Ninguém no reino conhecia o paradeiro de templos, túmulos e lugares ímpios de sacrifício do Senhor do Inferno, mas tudo indicava que o sacerdote do Salão Negro encontrara alguns e libertara as almas que se escondiam neles.

Astrid estava convicta de que o líder do Salão Negro pretendia trazer seus métodos obscuros de religião para Noridium, encontrar as forças enterradas sob o solo para dominá-las e, assim, alcançar ainda mais poder. O único que se interpusera no caminho do Salão Negro havia sido Eymund, que nunca admitira uma aliança com a Caldia e, desde o início, anulara toda e qualquer tentativa.

Asbrand já havia aconselhado para que ela se livrasse do sacerdote das trevas, se oferecendo para cuidar do assunto. Ainda assim, ela temia que ele recebesse a maldição deste último e lhe pediu que aguardasse.

Erguendo uma das mãos, ela fechou os olhos e enviou uma mensagem para o mundo espiritual, que ecoou entre os espíritos como um grito reverbera nas encostas de montanhas. A neve se tornou mais densa, no aguardo do intento de Astrid e, com toda a

área coberta por uma camada de chuva branca, uma sombra escura se desanuviou.

Um wyrm negro surgiu no campo de visão da mulher, à toda velocidade. Ele abriu as asas e aterrissou bem a seu lado, com habilidade surpreendente. A criatura virou sua cabeça de cobra e rosnou como um cachorro.

– O que você quer, bruxa? – disparou.

– Você está só? – perguntou Astrid, levando a mão ao focinho gelado do wyrm. Ela, inclusive, não podia ter certeza se a criatura não a iria arrancar com uma mordida, pois os negros, em especial, eram bastante imprevisíveis. Em Unha do Dragão, porém, ela aprendera a conhecer alguns deles, que sabiam que era amiga de Nereid, a quem admiravam e temiam.

– Sim – respondeu o wyrm, afastando os dedos de Astrid do focinho.

– Você viu uma garota ruiva e seu urso-do-gelo, um par inseparável, em suas terras? – perguntou ela.

O wyrm fez um gesto afirmativo.

– Sim, vi. A garota é próxima do dragão-negro – ele retrucou e esfregou o chifre na ponta do focinho contra a beira do muro, como se retirasse o toque de Astrid de suas escamas.

– A menina desapareceu. Encontre-a.

O wyrm ergueu a cabeça e fitou os olhos de Astrid, incrédulo.

– Você quer que eu voe no mundo humano?

– Apenas à noite. Ninguém o verá e você não fará nada além de encontrar a menina e o urso-do-gelo. Ajude-os, se precisarem, e volte para cá. Quero saber onde estão. E lembre-se, se não seguir minha ordem, o dragão-negro o punirá.

Os olhos da criatura se enraivecaram e ela grunhiu ameaçadora. Não admitia receber ordens de mortais, mas o medo de Nereid era demais para desobedecer Astrid.

– Quer mais alguma coisa, senhora? – o tom de voz foi jocoso.

Astrid balançou a cabeça.

Rugindo de tédio, o wyrm negro concordou com a cabeça, virou-se e abriu as asas para decolar. Com algumas poucas batidas, desapareceu na neve que aumentava de intensidade.

FORTE DE BARRA FRIA

Fim de outubro de 816

– Agora, depende só de você – disse Agenald, coletando as poucas coisas que tinha no quarto de Olvir e sussurrando para Broddr, colocado atrás dele. – Irei ao Salão Negro assim que você pegar a criança-bruxa, se conseguir.

– O que *tus dirrá* a seu amo, o Senhor do Salão Negro? – perguntou Broddr, brincando com uma adaga, ignorando o desdém de Agenald. Ele não sabia porque a puxara da cintura, talvez tivesse passado por sua cabeça concluir a trama cada vez mais cansativa com um golpe certo, antes do sacerdote se virar e o amaldiçoar com poderes recebidos do Senhor do Inferno.

Agenald pôs sobre a bolsa um pacote, no qual Broddr viu uma runa que significava a aliança entre o Salão Negro e o atual rei de Noridium.

Ao convencer Ingolf que o modo mais garantido para manter o poder com Negrum era conseguindo aliados poderosos da Caldia, seu primo quebrou todas as tradições de Noridium. Porém, a sede por batalha e a ânsia pelo poder, aumentadas pelos encantos de Agenald, haviam suprimido todos os hábitos e tradições, assim como a maior parte do velho orgulho de Ingolf. Assim, no fim das contas, ele concordou com quase todas as exigências do sacerdote.

– O que direi para meu amo? – Agenald se virou para Broddr com um sorriso malicioso nos lábios secos. – Que nosso primeiro forte, construído com ferro e pedra do Vale do Ferro, começará a ser erigido em Pedra do Dragão no próximo verão. – Agenald agarrou o pentagrama no pescoço com entusiasmo. – E, em nome de Abaddon, onde certa vez houve o castelo de Skafloc, surgirá o maior de todos os templos do reino e eu... – seu olhar beirava a insanidade. – Eu serei seu sacerdote superior, embora odeie esta região coberta de neve mais do que qualquer coisa.

– *Tus* não vai contar nada mais ao Salão Negro? – desdenhou Broddr.

Agenald se acalmou.

– Bem, terei, de fato, de contar que a única ameaça real para nossa religião e aliança é a criança-bruxa de Unha do Dragão, isso se você não conseguir pegá-la – disse, com ódio brilhante nos olhos. – Do jeito que está indo, ela destruirá todas as bases do Senhor do Inferno no norte. E, Broddr, meu amiguinho – o sacerdote balançou o dedo à frente de seu nariz –, se você não der um jeito na garota, o reino dos dragões-negros poderá voltar, embora duvide disso. Então, o Senhor do Inferno também não terá lugar aqui. Nem você, traidor, que vendeu a própria família – riu.

A zombaria o machucou. Odiando o falatório autoconfiante do sacerdote, ele apertou a adaga, sentindo as unhas perfurando a pele da palma de sua mão.

– *Tus* devia ter feito uma *aliancha* com a bruxa – disparou Broddr, sem pensar mais nas palavras que dizia.

– Com a criança-bruxa? Unha do Dragão? Você não ouviu nada do que falei? – Agenald tirou as botas e se sentou na cama. – Peça às criadas que tragam água quente e ervas calmantes – ordenou o sacerdote, massageando os pés. – A família de Skafloc odeia o Senhor do Inferno e o Salão Negro tanto quanto Nawyr. Seu tolo, você ainda não entendeu que foi esta razão de termos tirado Eymund do caminho. Com a ajuda de Unha do Dragão, ele manteve antigas tradições como orgulho e honra, que não têm mais valor algum. Agora é tempo de mudar as coisas, finalmente. Esqueça suas tradições estúpidas e crenças em espíritos naturais e outras bobagens. O poder do Bosque de Hiite crescerá, agora que Eymund não existe para cortar as árvores à beira da Pedra do Dragão, e o Salão Negro terá um forte controle do norte. Todas as ferramentas de poder do Senhor do Inferno serão desenterradas de velhos túmulos e usadas para fortalecer a única religião correta! – Com o rosto todo vermelho, o sacerdote cuspiu entre as palavras. – Logo, os longos botes de Noridium terão grols e trolls negros no comando e, então, Nawyr e todos os outros reinos sentirão o poder do Salão Negro. Os nawyrianos verão vocês como há séculos dizem que são, canibais e malfeitores cruéis.

– *Tus* não pode estar falando *sério*? – disse Broddr, aterrorizado, erguendo o corpo com a adaga na mão.

Agenald riu, maldosamente.

– O quê? Você está começando a retirar o que disse? – perguntou e agarrou sua vara para cutucar o peito de Broddr, causando-lhe dor. – Não se preocupe. Você receberá suas riquezas e todo o poder que sempre quis, e este prosseguirá após sua morte, no reino do Senhor do Inferno. Com o que você se importa? Ou adquiriu uma consciência, agora?

Rangendo os dentes, Broddr se sentou, desolado.

– E, acima de tudo, você se livrará de seu último obstáculo. Sem a criança-bruxa, ninguém acreditará mais em profecias estúpidas e Unha do Dragão se despedaçará em suas planícies de pergelissolo.

– Sim, sem a criança-bruxa... – choramingou Broddr.

Satisfeito, Agenald respirou fundo e se espreguiçou, à beira da cama. O quarto de Olvir tinha provado ser um ótimo lugar para se morar e, por um bom tempo, a vara do velho adivinho, preenchida de espíritos naturais, oferecera um ótimo aquecimento, ardendo na lareira. Ele havia se divertido bastante enviando tais espíritos para alguma escuridão torturante do reino do inferno.

– Espero que a criança-bruxa logo esteja fora do caminho. Ainda que escape da fragilidade de Negrum, tudo o que ela precisa fazer é passar perto do Bosque de Hiite e desaparecer dentro dele – Agenald riu de uma maneira que congelou a alma de Broddr. – Grol e seus camaradas tomarão conta do assunto, pode contar com isso. Mas, agora, vá pedir água quente para meus pés – Agenald fez um sinal para que Broddr saísse, como se fosse só um dos serviçais.

Broddr se levantou e deu um suspiro profundo. Tendo perdido toda sede pelo poder, ele levou a adaga de volta à bainha e saiu do quarto, cambaleando. Os sons de festa, de homens rindo e de Solveig dando ordens às novas criadas reforçavam sua trama secreta e faziam com que ele se sentisse como um estranho em sua própria família.

MONTE DE HIITE
Fim de outubro de 816

A porta do prédio principal de Monte de Hiite se fechou, batendo, e um caçador vestindo peles se aproximou da mesa com passos rápidos, um arco e uma bolsa pesada de flechas nos quadris.

– Onde está Thorvid? – perguntou o homem, parado diante da mesa. Bork, que jogava com Ragnar sobre o tabuleiro à mesa, pensava muito em sua próxima jogada e balançava a mão no ar, distraído.

– Chamarei meu pai – disse Áurea, sentada no meio dos cachorros, brincando com cones de pinheiro e penas, antes de sair correndo e saltando os degraus, desaparecendo nas sombras. O homem que acabara de chegar tirou suas peles e se sentou ao lado de Bork.

– *Tus* não têm nada melhor para fazer? – ele caçou de Bork.

O tio de Thorvid moveu seu peão preto de pedra sobre o tabuleiro de madeira, cheio de anéis e linhas.

– Cale sua boca – resmungou, esperando a próxima jogada de Ragnar.

O caçador estava prestes a dizer algo, mas virou a cabeça ao ouvir passos pesados nas escadas. Thorvid descia com Áurea em seu colo e dois *elkhounds* a segui-los. No fim da escada, ele pôs a filha no chão e lhe pediu para continuar brincando. E ela correu de volta para os cones de pinheiro, as penas e os cães.

Thorvid foi até a mesa, carrancudo.

– Bem, Sigarr, caçou alguma carne?

– Não – respondeu o caçador, piscando os olhos. Embora fosse um dos melhores arqueiros, Sigarr sempre ficava nervoso ao falar com as pessoas. – Venho por uma razão *diferrente*. Há fogos à *beirra* do Bosque de Hiite.

– Sempre há fogos lá – retrucou Bork.

– Não como *esshes*. Os animais estão próximos da estrada, *esperrando* por algo, acreditem em mim.

– Sigarr apanhou um dos peões que haviam caído do tabuleiro de Bork e ficou brincando com ele, disfarçando a ansiedade.

– Quanto próximo? Quantos?

– Muitos. Os fogos estão queimando ao longo de toda a *florresta*, bem ao lado da estrada.

Thorvid pegou mais cerveja de um balde próximo.

– O que os *levarria* até lá? – ele bebeu e limpou a boca na manga da túnica clara. – *Tus* pode dizer?

– Não sei, não vi qualquer viajante. Perto do velho *vilarrejo* havia algumas pegadas, então *estiverram* pelo menos um pouco *forra* da *florresta*. *Mim* acho que eles estão *esperrando* por algo e que estão prontos.

– *Tus* sabe o que fazer, Thorvid. Bloqueie a estrada – Bork socou a mesa, irritado por ter perdido o jogo.

– Já é a segunda vez consecutiva – riu Ragnar. – Mais uma vez? *Tus* tem uma chance de empatar – sugeriu. Bork resmungou e concordou com a cabeça. Ele esticou a mão para Sigarr que deixou cair o peão com que brincava.

Thorvid fez um gesto com a cabeça. Sim, ele sabia o que fazer. Ninguém andaria pela Estrada do Norte com um tempo como aquele, tão próximo ao Dia dos Mortos, mas sempre podia haver um maluco. O Monte de Hiite era o último local de descanso antes do Bosque de Hiite, a caminho para Barra Fria.

– Sigarr, vá falar aos homens *parra* fechar a estrada – ordenou. Pelo menos, ninguém que estivesse indo para Barra Fria arriscaria sua vida nos próximos dias. Eles só reabririam a estrada quando a fumaça desaparecesse ou se eles próprios marchassem para invadir o forte. Se alguém viesse de lá até eles, seria deixado a seus próprios recursos, pensou Thorvid. – Ei, Bork – perguntou, vestindo sua capa –, quantos homens temos por aqui?

– Cerca de *chinco* dezenas, os *hiisis virrão* à noite, bem tarde. E não me perturbe *agorra* – respondeu Bork com mau humor, em sua primeira jogada.

Thorvid colocou o caneco ao lado do tio.

– Diga a todos *parra estarrem* prontos e mande um recado *parra* o *vilarrejo*, como *garrantia*. Ah, e fale *parra* Asbrand que ele também pode ir *parra* longe desse frio congelante.

– Já?

Thorvid riu e lhe deu um tapinha no ombro.

– *Tus* pode terminar o jogo. Ragnar vai ganhar, de qualquer jeito.

ESTRADA DA VELHA FLORESTA

Fim de outubro de 816

Nonna e Freya andavam lado a lado pela Estrada da Velha Floresta. Fenris, que já estava um pouco melhor, caminhava perto de Nonna e o velho Olvir seguia na frente das duas com uma nova vara na mão, coletada na floresta próxima a Pedra do Dragão.

A viagem desde península do Penhasco do Chifre, passando por essa floresta, fora de uma facilidade surpreendente. Haviam avistado cavaleiros à distância, em volta de Pedra do Dragão, correndo como se procurassem por algo.

Com a suspeita de que os cavaleiros estivessem à caça deles, tinham feito a opção por se esconderem em um monte coberto por árvores e somente prosseguiram viagem no dia seguinte. Eles esperavam que Brannhir não saísse da península de Penhasco do Chifre, mas suas esperanças se esvaíram quando a lua cheia no céu desencadeou um uivo choroso familiar, mas não menos pavoroso, emanado das terras de Pedra do Dragão. Não houve sinal de Brannhir, mas os uivos insistiram por algum tempo, só se acalmando após noite alta. Era evidente que Brannhir os estava seguindo.

A neve cobrira a floresta e apenas as pegadas de alguns veados, lobos e raposas podiam ser vistas. Estava silencioso e eles sentiam seguros, mas quando se aproximavam de uma taverna que marcava a metade do caminho, um estremecimento os atordoou ao ouvir o relinchar de um cavalo próximo.

– Alguém está vindo... – sussurrou Freya, temerosa, olhando para Olvir.

O adivinho olhou rápido ao redor.

– É melhor nos escondermos, embora nosso rastro possa ser visto – disse, apontando para a floresta com sua vara.

Eles andaram com neve até os joelhos e conseguiram ficar atrás de troncos grossos de árvores e, com isso, puderam ver três homens comuns cavalgando com seus cavalos de fazenda e um animal robusto de trabalho atrás deles, carregado de sacos cobertos por feltro.

Os homens vestiam peles grossas e haviam puxado seus capuzes sobre as cabeças. O que cavalgava à frente, com capa preta, parou no local de onde Nonna e os demais seguiram para a floresta. O homem acenou e os outros se detiveram.

– Os vestígios vão daqui para dentro da floresta – gritou o da dianteira, apontando para as árvores. Nonna só teve um vislumbre do rosto marcado sob o capuz. Os outros cavaleiros se viraram para a direção apontada e, naquele instante, ela os reconheceu.

– Thorgil! – gritou Nonna. Ela correu para a estrada lutando contra a neve profunda e pulou nos braços do líder de Praia Perdida, que tinha apeado. Ele levantou a garota, um tanto embaraçado, e outros riram alto.

– Bem escondidos mesmo! Nunca iríamos encontrar vocês. Dente Negro teve muita dificuldade para ver que haviam entrado na floresta – riu Frode, inclinando-se sobre o pescoço de seu cavalo, enquanto Freya, Olvir e Fenris vinham pela estrada.

– As pessoas têm procurado muito por você, ouvimos sobre o que aconteceu – Thorgil balançou a cabeça, recompondo-se.

Nonna esticou a mão para o cavalo de trabalho dócil, que Frode segurava pela rédea.

– Então, trouxe Gella com você? – O cavalo tentou morder sua luva, relinchando e ela tirou a mão de seu alcance. Thorgil fez um gesto afirmativo – Você não deveria tê-la deixado em Praia Perdida?

– É um animal de carga e precisava de exercício – Frode continuava rindo. – Você não vai ganhá-la, não sonhe.

– Está ficando escuro, há ainda algum caminho para a taverna – disse o homem de capa preta e Nonna pôde ver a enorme cicatriz e o dente preto em sua boca. O caçador de Praia Perdida, chamado Dente Negro, viera ajudar Thorgil e Frode a encontrar o caminho para Unha de Dragão.

– Dente Negro está certo, como sempre – disse Thorgil, subindo em seu cavalo. – Podemos conversar mais no calor da taverna. Mal espero para saber porque você está aqui, mas suspeito de problemas.

– Você está certo – disse Nonna, chateada, continuando sua andança.

TAVERNA DA VELHA FLORESTA

Eles chegaram à taverna quando a escuridão azul começava a cair sobre a região. O jovem que guardava o estábulo estava acendendo as lamparinas externas, cães de guarda rosnavam furiosos e Karttu, que cortava lenha, correu para Nonna e Fenris sem espaço para uma boa acolhida.

– Rápido, saiam daqui! – Karttu agarrou Nonna pelo ombro e a virou. – Os homens de Negrum estão aqui.

O aviso, no entanto, veio tarde demais. Os subalternos de Ingolf já tinham ouvido o relinchar de cavalos estranhos e um deles foi até a porta para saber do que se tratava. A cabeça do homem voltou correndo para dentro.

– Droga! – lamentou Karttu, agarrando seu machado com as mãos.

Thorgil entendeu o que estava acontecendo e saltou de seu cavalo sem hesitação.

– Quantos? – gritou, tirando a espada de debaixo da sela e correndo para Karttu com Frode e Dente Negro.

– Oito! – gritou Karttu, quando um grupo armado saiu da taverna.

Nonna e Freya se entreolharam ao ver os selvagens de cabelos cheios de nós e de aparência nada amigável. Um deles se postou à frente dos demais, com uma faca longa de lâmina larga, que Nonna vira algumas vezes em Noridium.

– Abaixem suas armas! – ordenou o homem, apontando para Nonna com sua faca. – Vamos só levar a garota e o resto de vocês pode dar o fora.

Engolindo em seco, de surpresa, ela se perguntou porque a queriam, em especial. Embora Nonna acreditasse que Thorgil e Karttu pudessem enfrentar mais de um homem cada um, eles estavam em menor número.

Thorgil riu alto e cuspiu no chão.

– Danem-se, vocês! – Ele marchou no sentido do homem que segurava a faca.

Quando Thorgil o atacou, o homem não teve tempo para mais nada além de levantar sua faca diante de si. A espada de Thorgil acertou a arma, que voou na neve, no momento em que Thorgil o acertou no rosto, com um soco. Enquanto o adversário caía inconsciente no chão, ele se virou para o próximo inimigo com sua espada pronta para o ataque.

Com urros furiosos, os homens da floresta reagiram e Karttu e Frode se somaram a Thorgil na disputa. A neve subia em volta dos homens, enquanto gritavam e se acertavam. Os selvagens da floresta eram guerreiros violentos, mas não estavam à altura de Thorgil, que derrubava os inimigos com poucos golpes.

Karttu logo perdeu seu machado, quebrado, continuando a lutar com os punhos. Após derrubar seu adversário, correu para outro, como um urso raivoso.

Frode riu alto e Nonna sentiu que ele estava brincando com o inimigo, antes de dar seu golpe final, que atravessou as vestes do homem e o fez cambalear para trás, contra a parede da taverna, e tombar sem vida sobre a neve.

O medo das meninas de que o grupo fosse derrotado foi rapidamente apagado, pois, embora lutassem duro, os homens da floresta não foram páreo. No fim, o último deles começou a correr para a floresta, ferido, mas seus esforços terminaram quando Dente Negro jogou uma lança em suas costas e ele caiu sobre a neve, junto aos primeiros abetos da floresta.

Karttu, Thorgil e Frode se cumprimentaram, urrando de satisfação. Seus rostos estavam manchados de sangue, suas roupas tinham marcas dos golpes recebidos, mas eles estavam radiantes com a vitória.

– Ah, eles não eram bons – riu Thorgil olhando para os corpos caídos a seus pés. – Precisamos nos livrar disso o quanto antes – disse.

Karttu gritou para que o menino do estábulo viesse ajudar, enquanto os que estavam na taverna olhavam para fora, assustados, vendo os homens começando a carregar os inimigos mortos para o outro lado da estrada.

Nonna, Freya e Olvir entraram na taverna e esperaram até escurecer para que os homens voltassem, pingando de suor e cheirando à fumaça.

Thorgil jogou oito sacos de couro diante do casal dono do local.

– Vocês ficam com isso, mas não devem abrir a boca. Se Negrum descobrir, destruirá tudo isso aqui. – Com medo, eles olharam para os sacos, sem ousar tocá-los.

Os homens se sentaram e Karttu carregou um grande jarro de cerveja para a mesa.

– Ele não precisa saber – disse Dente Negro. – Os vestígios já foram limpos e levaremos os cavalos conosco.

Karttu deu um tapinha no ombro do proprietário da taverna.

– Aceite-os, por favor. Foi uma luta justa – disse e pediu-lhe que sua esposa trouxesse comida para todos. Não havia mais ninguém além deles, a neve tornara a viagem mais difícil e os homens de Negrum haviam afastado até o último hóspede naquela manhã.

Os homens se lavaram com água quente e passaram o resto do tempo com Nonna e Freya, comendo e bebendo com grande apetite.

Quando a noite chegou, o menino do estábulo entrou na taverna com os cavalos, como fora instruído por Olvir, e até os cães foram trazidos para dentro, por precaução. O casal proprietário estava temeroso, assim como Thorgil e seus homens, mas Olvir, Nonna e Freya conseguiram convencê-los. A porta foi trancada da melhor forma possível e Olvir falou da existência de uma besta a espreitar na floresta na noite anterior.

As dúvidas desapareceram quando a noite chegou e os uivos aterradores de Brannhir ecoaram desesperados. O velho adivinho lhes contou apenas que estavam sendo seguidos por um enorme tipo de lobo, mas o olhar no rosto de Dente Negro acusou que ele suspeitava de outra coisa. Os uivos os mantiveram acordados por muito tempo noite adentro e eles passaram as horas conversando em voz baixa sobre os acontecimentos e planejando a sequência da viagem.

De madrugada, os cavalos relincharam com medo, os cachorros rosnaram, pulando contra a porta, furiosos, e Nonna jurou ter ouvido passos pesados do lado de fora. Mais uma vez, seus sonhos foram

atormetados por pesadelos sobre o grande lobisomem e ela sabia que não poderia se livrar deles antes de libertar Brannhir de sua maldição.

As maldições do Bosque de Hiite

ESTRADA DO NORTE Fim de outubro de 816

Nonna se sentou no dorso de Fenris no topo coberto de neve de um monte e olhou para a paisagem que se abria diante dela.

– Não se pode mais atravessá-la em um dia – disse Thorgil, apoiando-se contra a lança, olhando para a Estrada do Norte que seguia em zigue-zague, passando pelo Bosque Hiite abaixo deles.

– Nem a cavalo – suspirou Olvir. – Se ao menos pudéssemos chegar até a velha clareira antes de escurecer... – disse ele, com sua vara apontada para a parte em que o bosque se afastava mais da estrada. – Aquele seria o lugar mais seguro para passarmos a noite. Se continuássemos de lá, com sorte, chegaríamos às terras de Monte de Hiite durante o dia seguinte. De qualquer forma, teríamos de começar a nos mover já – completou. A enorme massa escura do bosque passava pela estrada em seu lado esquerdo, quase a tocando em certos pontos.

Nonna sabia que o Dia dos Mortos se aproximava e que todos os espíritos estavam bastante taciturnos. Na noite anterior, tentara espiar o Bosque de Hiite na forma de um corvo, sem sucesso. O corvo havia se recusado a voar a qualquer lugar próximo à floresta, dominada por espíritos sombrios, mas Nonna sentira algo diferente, um tipo completamente novo de conexão com a escuridão e as sombras. Por um lado, foi fascinante, mas, de tão poderoso, ela estremeceu e a conexão encantada com o corvo se perdeu. O assunto continuava a perturbá-la e ela passara a olhar para as

sombras de uma forma um pouco diversa. Agora, conseguia sentir o poder delas emanando.

O tempo estava calmo. Uma cobertura nublada cinza-claro flutuava no céu, indicando um período curto de luz naquele dia. A escuridão chegaria rápido e eles teriam de se apressar para conseguir chegar ao lugar citado por Olvir.

– Uma ajuda seria bem-vinda – suspirou o adivinho. – Temo o pior.

Frode levantou sua espada e sorriu, balançando-a em frente de Olvir. – Isto, ouça-me, é toda a ajuda que temos neste momento, velho.

– Chega de conversa, vamos – disse Thorgil e começou a descer a encosta. Ele ajudou Freya a subir em um dos cavalos tomados dos homens de Negrum, Olvir a subir em Gella e, então, saltou em outro, aguardando Nonna.

A menina foi a última. Ela olhava com hesitação para os redemoinhos de fumaça que subiam do Bosque de Hiite, alguns parecendo vir perto demais da beira da floresta e da estrada.

Algo, de fato, a incomodava, mas não sabia dizer o quê. Ela apertou sua vara com força e seguiu os outros, olhando para a floresta diante deles.

À beira do Bosque de Hiite, havia uma área coberta por pedras, cercada por abetos e pequenos carvalhos, no centro das quais, um dos antigos mirantes resistia. Ao longo de uma era que já fazia parte do passado, hiisis, trolls e outras criaturas obscuras se utilizaram do local e, através dos anos, muitos olhos se voltaram de lá para a Estrada do Norte e, mais além, para a Pedra do Dragão.

No centro das pedras, agora, ardia uma fogueira e, junto ao fogo que mal queimava, três hurgs e dois trolls da floresta dormiam sob céu aberto, e agitados.

Um dos colchões improvisados estava vazio e um hurg se sentava entre dois rochedos, de onde tinha uma vista sem obstruções da Estrada do Norte. Uma leve e ocasional brisa carregava a pouca fumaça em volta da criatura, cobrindo-a de uma névoa cinza inquieta.

Irritado com a situação, o hurg forçou a vista e observou um grupo caminhando pela Estrada do Norte. Ele pôde distinguir um urso-do-gelo que andava com uma menina de cabelos vermelhos em seu dorso. Pensativo, o hurg olhou para o céu por um momento e voltou os olhos para o grupo, que, naquela manhã, atravessara a Ponte do Cimo Negro. Não havia mais dúvida, era com certeza aquele que eles haviam sido ordenados a esperar. O urso-do-gelo e a menina ruiva, ao menos, pareciam exatamente os que aguardavam.

O hurg se levantou e pulou para fora do buraco, deu alguns passos para o acampamento e, aos chutes, acordou um de seus companheiros.

– Vá montar guarda, estou saindo para mandar uma mensagem. O grupo está na estrada – o hurg falava baixo. – Certifique-se de não os perder de vista.

Ainda sonolento, o outro esfregou os olhos, fez um gesto afirmativo e rugiu, levantando-se para cumprir sua tarefa. O hurg, então, aprofundou-se dentro da floresta, chegando no local em que uma enorme criatura lupina fora amarrada em uma árvore. Muito maior do que um lobo normal e com pelos emaranhados, ela fez um movimento brusco quando o hurg a soltou, momentos antes de ter a cabeça segura por rédeas. Em seguida, galopando como o vento em um corcel singular e furioso, o hurg penetrou ainda mais na densa mata.

Sobre o dorso de Fenris, Nonna observou a região. A Estrada do Norte, com a chegada do inverno, há semanas, compunha outra paisagem comparada àquela que vira ao viajar na direção contrária, com Asbrand e Astrid.

O feno seco e amarelado se dobrava sob a grossa camada de neve. Os troncos das enormes árvores do Bosque de Hiite cintilavam como prata, cobertos de gelo e seus galhos rangiam com o peso extra. Sobre a neve, umas raras folhas secas lembravam aos viajantes que o outono ficara para trás.

A estrada subia e descia, em dados pontos virava para o Bosque de Hiite e, em outros, para longe de suas sombras, rumo à Pedra do

Dragão. O tempo todo, no entanto, ela se mantinha próxima às árvores que tentavam alcançar a paisagem aberta.

Nonna tinha seus receios, pois continuava sentindo que estavam sendo observados. A sensação a incomodava e extenuava, obrigando-a a permanecer alerta durante toda a manhã, apesar de não ver uma única criatura além deles próprios. Para ela, a floresta escondia pares de olhos curiosos em suas sombras e seus olhares estavam dirigidos precisamente para o grupo em que se encontrava.

O silêncio parecia tão opressivo que ninguém ousava quebrá-lo. Em raras ocasiões, alguém sussurrava brevemente o que pensava, tomando cuidado para que a voz não fosse carregada por acidente para o interior do Bosque de Hiite.

De vez em quando, a estrada atravessava pequenas florestas que cercavam o Bosque de Hiite e os corvos e as gralhas, seus moradores, voavam para fora e para o alto, surpresos com o cortejo, e depois retornavam, pousando nos galhos cobertos de neve. O grasnado dos pássaros negros ecoava nas árvores e desaparecia nas planícies abertas à volta.

– Sinto que estou sendo observada – Nonna segredou para Thorgil.

– Temo termos sido notados – disse Thorgil, olhando ao redor. – Um dos fogos começou a soltar muito mais fumaça, assim que passamos por ele.

– O que isso pode significar? – perguntou Freya, temerosa.

Com a cabeça baixa e suspirando uma ou outra vez, a soberana cavalgava o caminho todo ao lado de Fenris. Nonna percebia o quanto ela estava cansada e abalada. Tudo o que haviam passado pesava nos ombros da filha de Eymunt e a saudade em seus olhos se mostrava como uma linha constante de lágrimas. O destino de Sigfastr a preocupava e ela, que já tinha tocado no assunto de forma insistente, escolhera afundar em seus pensamentos mais íntimos e sombrios.

– Espero que não signifique nada – respondeu Thorgil, forçando a vista. Sem pensar, suas mãos alisaram o cabo da espada, em um reflexo que lhe trouxe segurança. – Espero que as criaturas não estejam muito famintas.

– Ainda temos tempo para chegar ao lugar planejado – disse Olvir.

– Vamos ver se é um lugar seguro, de fato – disse Thorgil em voz baixa.

– Logo estará escuro. – Freya olhava para os lados, com o temor estampado no rosto. Tudo estava tão calmo, que era difícil acreditar que algum perigo os aguardava. – O que podem querer de nós, se não temos nada valioso?

– A clareira na qual passaremos a noite fica distante da estrada, mas é o lugar mais seguro – disse Olvir e apontou para a frente, à distância. – Não podemos viajar na escuridão, então, é nossa única chance.

O silêncio voltou a imperar, cada qual em seus próprios pensamentos.

Um corvo deixou um galho de abeto e, discreto, rumou para o nordeste.

CLAREIRA NO BOSQUE DE HIITE **Fim de outubro de 816**

Embora parecesse estranho para Nonna dormir em um monte tão alto, foi para lá que Thorgil resolveu guiar o grupo, aumentando o campo de visão até as fronteiras do Bosque de Hiite.

O sol começou a surgir atrás deles, brilhando entre nuvens fragmentadas com raios avermelhados, antes de se mostrar por inteiro. A beleza rubra repentina causou a todos uma cegueira momentânea, quando estavam sentados sobre um rochedo coberto por musgo e neve.

Enquanto Thorgil e Dente Negro preparavam o fogo, voltados para Pedra do Dragão, Nonna se sentou com Freya para admirar o um pouco pôr do sol.

– Não voltarei mais para Barra Fria – disse esta, de modo inesperado. – Nunca.

Nonna se voltou para a amiga cansada e viu outra lágrima.

– Não vai?

Freya balançou a cabeça, fungou e limpou o nariz.

– Não, não se trata mais do lugar que era, não me sinto mais em casa, agora que meu pai morreu.

– Você planeja ficar em Monte de Hiite?

– Sim – respondeu –, se puder, mas Sigfastr... – Freya agarrou a mão de Nonna e a olhou com intensidade. – É difícil deixar sua casa para sempre? Você sente falta dela? Quero dizer, é claro que sente, mas...

Nonna abaixou a cabeça.

– Tive de partir, minha casa foi queimada. A saudade é frequente, sim– suspirou Nonna. – Mas quando é preciso, é preciso. E eu já aprendi que nós conseguimos nos acostumar a tudo e que a saudade não é sempre um coisa ruim de sentir.

Freya respirou e virou os olhos cansados para o céu. As nuvens e o horizonte estavam coloridos de azul, amarelo e vermelho em tons de rara vivacidade. A beleza da paisagem pareceu exacerbar seu pesar.

Nonna olhou para as planícies cheias de neve à volta deles e teve saudades, mas não deixou que isso a entristecesse. Preferia desfrutar dos sentimentos que ela preservava. Lembranças vívidas são uma fonte de força, se mantidas assim. Ela não queria se tornar prisioneira de suas recordações nem deixar que atrapalhassem o que o futuro lhe reservava. Radulf queria que sua filha tivesse sucesso e assim Nonna decidiu fazê-lo. Por isso e por Skafloc, claro.

Algo se moveu perto da estrada e a despertou. Ela aguçou a vista.

– Thorgil – gritou Nonna –, venha aqui!

– O que é aquilo? – Freya, alarmada, olhava para a mesma direção.

O homem correu para o lado das duas e passou a observar o que indicaram. Ainda distante deles, bem na fronteira entre a floresta e a estrada, algumas pequenas criaturas escuras se moviam.

– Animais lupinos e têm alguém montado em suas costas – sussurrou Thorgil. – Alguma coisa está se movendo no Bosque de Hiite também, lá – ele apontou para sombras maiores atrás de árvores enormes.

Thorgil olhou para o outro lado do topo do monte e agarrou as meninas pelas mãos, levantando-as com rapidez.

– Vamos continuar nossa viagem! – gritou Thorgil. – Imediatamente!

– Por quê? – perguntou Freya. – O que você viu?

– Agora não há tempo, garota. Para a estrada, já – ordenou ele e jogou toda a madeira que haviam colhido na fogueira. Faíscas voaram na noite que se aproximava, estalando e estourando.

– Mas isso pode ser visto de longe! – Nonna estava horrorizada.

– Esta é a ideia, a escuridão não irá nos esconder dessas criaturas. – Thorgil segurou Nonna pela mão, enquanto Freya já corria para Fenris e Olvir. Frode e Dente Negro juntaram suas coisas no dorso de Gella e todos partiram em enorme velocidade na direção de uma serra que viam à distância.

Fenris, em recuperação, corria sobre a estrada coberta de neve e a corrente de ar fazia os olhos de Nonna lacrimejar. Ela segurava com força em seu pelo grosso, à medida que se aproximavam da floresta escura e das árvores aterrorizadoras do Bosque de Hiite. Já bem perto, a estrada que parecia seguir direto para lá apresentava uma curva para a direita, desviando e passando a acompanhar o bosque, com um leve declive.

Nonna olhou para trás e viu o fogo acendido por Thorgil se afastando cada vez mais, com sua fumaça desaparecendo atrás do monte. Para seu horror, pensou ter visto um grupo de sombras pretas em volta das chamas, iniciando nova perseguição.

Nisso, um grito aterrador transformou a bela paisagem em um mundo cheio de medo e ameaças. Era o grito de guerra de alguma criatura muito grande, Nonna não teve dúvida. O medo a tocou e ela ouviu os urros de Frode e Thorgil às suas costas, com os quais encorajavam os cavalos a galopar ainda mais rápido. Para ela, entretanto, talvez não houvesse mais esperanças.

As montanhas de Monte de Hiite, que lembravam uma linha preta, surgiram distante demais, temeu Nonna. Eles começaram a subir com alguma dificuldade uma longa encosta e a velocidade de Fenris diminuiu. Ainda machucado, o urso poderia não conseguir

manter o esforço por muito tempo, mas, com bravura, conseguiu chegar ao topo e ela olhou para trás.

A fogueira queimava distante, quase desaparecendo de vista. Estava mais escuro, embora não um breu completo, e Nonna podia distinguir as figuras contra a neve azulada vindo pela estrada, pelo menos tão rápidas quanto Fenris. Eram muitos deles e outros mais continuavam a sair da floresta.

Dentre os perseguidores, havia criaturas maiores que, para Nonna, lembravam o semi-hiisi da península de Penhasco do Chifre. Com passos enormes, elas alcançavam a depressão do monte, momento no qual, o grupo fugitivo, exceto Olvir, parava ao lado da menina. Gella, em algum lugar atrás deles, não tinha condições de ir mais rápido, embora Olvir tentasse encorajá-la.

– Em nome dos deuses, quem são eles? – gritou Frode, exausto.

– As maldições do Bosque de Hiite, o que mais? – praguejou Thorgil. – Queria que tivessem ficado em seu maldito bosque.

Dente Negro assistia tudo em silêncio. Após a subida, a encosta se transformava em uma descida íngreme e, no final, a estrada seguia para uma planície vasta, do lado oposto da qual mergulhava em uma pequena floresta, como uma ilha solitária no meio da neve. Depois disso, a paisagem caía na escuridão, com as montanhas de Monte de Hiite ainda a longa distância. Para Nonna, eles nunca chegariam em seu destino a tempo, com tanto pela frente.

– Vamos – sugeriu Dente Negro, apontando para baixo. – Agora!
– Gella estava prestes a alcançar o grupo e ele já iniciava a descida.

Freya parou de olhar para trás e Nonna a ouviu chorando, aterrorizada. Frode bateu nas traseiras do cavalo de Freya e de Gella com toda força e, balançando a cabeça, o animal de carga também começou a descer a encosta, seguido por Thorgil e Frode. Nonna, que ia por último, voltou a checar a situação atrás deles, com o medo provocando um nó em sua garganta.

O recente luar iluminava a obscura massa de rápidos animais lupinos trazendo estranhas criaturas nas costas. Nonna podia ouvir o tinido de suas armas, o rugido dos animais e os gritos agressivos das criaturas.

– Vamos, rápido! – gritou Thorgil. Irritada, Nonna mordeu os lábios e mandou Fenris correr atrás dos outros. Se ao menos houvesse um jeito de retardar os inimigos que se aproximavam, ela pensou. O som furioso de uma flecha a despertou de seus pensamentos.

Outra passou por Nonna e caiu um pouco adiante. Desesperada, ela viu os animais lupinos se aproximando muito mais rápido do que ela esperava. Na liderança, um animal ágil rosnavava com uma criatura nas costas, que parecia um troll da floresta, segurando um arco. A luz da lua brilhou na ponta da flecha atirada na direção de Fenris, zumbindo como uma abelha em ataque.

Os animais os alcançariam antes que chegassem ao pé do monte, pois eram muito mais rápidos do que os cavalos e nem Fenris poderia fugir deles. O urso passou a desviar da chuva de flechas e Nonna viu Thorgil e seu grupo a meio caminho na encosta e Gella, em seu limite, cada vez mais para trás.

Thorgil e Frode galopavam a toda velocidade em direção à pequena floresta diante deles. Seria seu único porto seguro, pois dentro de sua escuridão poderiam, pelo menos, tentar se defender.

De repente, toda a esperança se esvaiu por completo.

– Oh, não! – gritou Frode, quando figuras negras começaram a sair dali.

– Uma armadilha! – alertou Dente Negro, puxando as rédeas com força.

Ouvindo os gritos sanguinários das criaturas que desciam o monte, Frode e Dente Negro cavalgaram ao lado de Thorgil e puxaram suas armas, encarando as figuras negras que deixavam a floresta na direção deles.

– Lembrem-se disso – gritou Frode –, Hamarr odeia covardes! – Sua voz era plena de provocação e otimismo. Retirando seu capuz, ele balançou a cabeça e soltou um brado de ataque, com a espada em uma das mãos e o outro braço erguido no ar, desafiador.

Thorgil e Dente Negro levantaram as espadas em direção às figuras recém-saídas da floresta. O relincho excitado dos cavalos ecoou na escuridão, cascos castigaram a superfície branca da

estrada e eles se prepararam para golpear os primeiros que os atacassem, ainda que fossem em número bem maior.

Nonna e Fenris, parados ao lado de Freya e Gella, tinham os corações batendo de forma alucinada. Freya chorava de medo, Gella mal relinchava, tamanha sua exaustão e Olvir, atônito, olhava a cena sem saber o que fazer. As forças inimigas se aproximavam por duas frentes e não havia rota de escape.

– Freya, pule em Fenris e escape para as planícies! – gritou Olvir.
– É sua única chance, ele conseguirá carregar vocês duas.

Ambas sabiam que provavelmente não iriam longe.

Como que para confirmar seus pensamentos, o ar ficou repleto de flechas. Nonna viu quando elas passaram e Gella, de pé em duas patas, relinchou, atingida profundamente em uma das patas. Quase ao mesmo tempo, Olvir despencou na neve e, no instante em que Nonna tentou despertar Freya do estupor de seu pânico, um raio de dor quase nocauteou sua consciência, atingindo-a como nunca antes.

Confusa e com os ouvidos apitando, como em um sonho, Nonna olhou para baixo e viu uma flecha preta enfiada em sua perna. Freya gritou de horror em algum lugar perto dali, mas os sons se tornaram distantes e abafados. Por instinto, ela tentou agarrar a flecha cravada na própria coxa e, só por tocá-la, foi tomada por tontura e náusea.

O mundo começou a girar. Ela viu uma sombra se aproximando e entendeu que finalmente os inimigos da floresta tinham vencido. O som agudo se tornou cada vez mais alto em seus ouvidos e, apesar da dor vertiginosa, foi possível notar que as sombras escuras passavam por eles.

Fenris se contorcia debaixo dela, desesperado. As estrelas, a lua e a neve haviam se tornado uma mistura confusa de luzes e sombras e, junto com uma rajada de vento mais forte, Nonna percebeu que estava caindo.

A escuridão cobriu seu mundo, enquanto uma criatura incrivelmente forte a agarrou com determinação, causando-lhe ainda mais dor.

FORTE DE BARRA FRIA, NORIDIUM

Fim de outubro de 816

– Coberto de neve? – disse Ingolf, surpreso. Ele estava no meio do pátio de Barra Fria, olhando o treinamento de luta entre dois guerreiros. Apesar do tempo congelante e do vento fraco, os homens lutavam com bastões de madeira pesados como armas e com os troncos nus, e suas respirações transformavam-se em vapor. Duas criadas seguravam as capas de peles dos homens e ladeavam jarros de cerveja fresca para eles.

– Completamente coberta de neve, toda a área – disse um homem exausto, ainda segurando as rédeas de seu cavalo. Serviais vieram do estábulo para cuidar do animal. – O monte todo está *inteirro* coberto de neve e gelo.

– E o galpão de navios?

– Não é possível chegar perto dele. Uma nevasca vem *assholando* Negrum, há muitos dias. O povo até fala de alguma *maldichão*, dizem que à noite os mortos estão caminhando sobre a neve, que eles se *levantaram*. A área está *amaldichoada* e ninguém ousa chegar perto depois que *escurrece*.

Ingolf cerrou os dentes.

– Aquela maldita bruxa, Astrid! Foi ela que fez *issho* – disse, apertando os punhos.

Ele havia mandado seus homens para checar o castelo de Negrum, para ver se tudo estava bem e para cuidar de seu longo bote e de seu galpão, durante o inverno. Mas toda a área havia sido coberta por uma onda de neve incessante, além de um vento poderoso que se arremessava contra as paredes do castelo.

Não foi difícil para ele adivinhar que a Bruxa do Gelo estava por trás da tempestade. A mulher não havia se conformado com o que Ingolf fizera e provocara a ira do gelo, levantando os mortos como vingança. Embora a maldição da Bruxa do Gelo lhe fosse assustadora, o medo era apenas para covardes. Agenald poderia cuidar dos mortos-vivos, se fosse necessário.

– Deixe-o enterrado na neve, então. Encontre o melhor construtor naval em Barra *Fria*. Ordene-o a construir um bote longo antes da *primavera*, *pagarei* o que ele pedir – disse Ingolf, virando as costas.

O homem concordou.

– *Mim* tem notícias *parra* Broddr também. Posso levá-las *primeiro*?

– Como quiser, o porco *preguichoso* está no ócio em algum lugar lá dentro – disse Ingolf, com indiferença, abrindo a porta do prédio principal. Ele entrou, marchou para o salão do rei e jogou sua capa em um banco, furioso. – Broddr! – gritou e serviu-se de cerveja. – Maldito porco *preguichoso*, venha *parra cá*, *agorra!*

Caminhando até o fim da longa mesa, ele mandou uma criada procurar Broddr e abriu um mapa diante de si. Quando se sentou em uma cadeira alta, seu primo entrou. Sem lhe dizer nada, Ingolf apenas fez um sinal de que podia ir a outro lugar conversar com o emissário.

Broddr o levou até o saguão, fechou a porta e olhou em volta. Uma vez que ninguém se moveu pelos corredores, ele se virou para o homem.

– Conte-me, o que *tus* ouviu?

– Há uma maldição em *Negrum*...

– *Mim* não ligo *parra isshe*. Teve alguma *notícia* do Bosque de *Hiite* ou algo sobre a criança-bruxa?

– Ela voltou... – o homem sussurrou. Pelo cuidado com as palavras, Broddr notou que logo estaria ouvindo más notícias. Então, mandou-o continuar.

– *Parrece* que a criança-bruxa está com a filha do rei – disse o homem, coçando o rosto.

Vermelho de ódio e com o sangue enchendo os olhos, Broddr rangeu os dentes com tanta força que não conseguiu falar.

– O grupo de *nosshos* homens enviado à taverna da Estrada da Velha *Florresta* *desapareceu*, mas alguém viu um urso-do-gelo e muitos por lá *disherram* ter visto a filha de *Eymunt* com eles.

– *Erra* mesmo a filha do rei? – exclamou Broddr, desapontado. Ingolf não ficaria feliz com as notícias, certamente, e não seria ele

que lhe contaria aquilo.

O homem encolheu os ombros.

– Quem sabe? Eu não duvido.

Broddr fervia de raiva. Queria quebrar algo, mas só chamaria a atenção de Ingolf, o que não lhe interessava. Seria melhor se descarregasse sua cólera nos serviçais, o quanto antes.

– O que mais? Eles *vierram parra* a cidade?

– Eles *desviarram* da Estrada da *Florresta*, talvez pensando em seguir na *dirreção* da ponte do Cimo Negro.

Ouvindo isso, Broddr voltou a ficar interessado. A criança-bruxa fizera exatamente o que Agenald antecipara: tentou ir para Monte de Hiite pelo caminho do Bosque de Hiite. Uma faísca de esperança reacendeu, pois ele pagara as criaturas do Bosque de Hiite para capturar a criança-bruxa e a filha do rei. Seu coração começou a bater cheio de expectativa, embora ele precisasse se armar de coragem para ir até lá e pegar sua presa.

– Isso não é tudo – o homem falava cada vez mais baixo. – Sinais de *fumacha* têm sido vistos do Bosque de Hiite e eu mesmo vi muitas pegadas de bestas no *comecho* da Estrada do Norte, logo após o Cimo Negro.

Querendo rir e dançar de alegria, Broddr optou por esconder seus sentimentos.

– *Tus* viu outras pegadas?

O homem fez um gesto afirmativo.

– Quatro, *querro* dizer, cinco cavalos e um urso-do-gelo. Suas pegadas *forram* deixadas debaixo dos rastros das bestas. Eu não tive *corragem* de ir adiante.

Broddr mal podia esperar para ir para seu quarto pensar no que faria quando colocasse as mãos na criança-bruxa e em Freya. Ele não entendia como esta conseguira fugir do Penhasco do Chifre, nem se importava com isso. Ingolf viveria achando que ela ainda estava aprisionada e ele se livraria de Freya por seus próprios métodos. Agenald levaria a criança-bruxa embora para fazer o que bem entendesse com ela.

– Nem uma palavra *parra* ninguém ou *tus sofrerrá* – sussurrou e deu um saco de dinheiro para o homem, virando-se para sair,

entusiasmado.

Nisso, o homem limpou a garganta.

– Há mais uma coisa – a fala saiu hesitante.

Voltando o corpo, o rosto de Broddr não disfarçou seu sorriso de rato de contentamento.

– O quê?

– Há um lobo na *Velha Florresta*. Ele já matou o rebanho de carneiros de um homem da *florresta*, parece estar sedento de sangue e é muito grande.

– E daí?

– Ele não *deverria* ser *cachado* para não causar mais confusão?

Sua reação foi de desdém.

– *Tus* fazem o que *quiserrem*, *mim* não estou *intereshado*. – Ele fez um sinal com a mão e partiu para o corredor. Agenald poderia esperar um pouco mais para receber as notícias.

Ao chegar em seu quarto, que antes era de Freya, o lobo selvagem sumiu da mente de Broddr como a fumaça de uma pira funerária no vento de tempestade. Pela manhã, pegaria as prisioneiras do Bosque de Hiite, à noite, entregaria a criança-bruxa para Agenald e se livraria do sacerdote das trevas de uma vez.

Depois, sem ninguém saber, mataria Freya com as próprias mãos.

Monte de Hiite crepuscular

SERRA DE MONTE DE HIITE **Início de novembro de 806**

Nonna acordou com um som irreconhecível. Abrindo os olhos, tudo o que pôde ver foi a escuridão. Exausta e dolorida, teve de fazer um enorme esforço para virar a cabeça. O pescoço e a perna doíam muito.

Ela estava deitada em uma cama coberta por peles de lobo. Havia cheiro de fumaça e de peles úmidas e lhe parecia que o local em que se encontrava era um nicho fechado por uma cortina pesada.

Uma luz fraca e fria brilhava por baixo do tecido vertical e, de algum lugar à distância, era possível ouvir os grasnados de vários corvos, além do som de unhas, como se algum animal grande, talvez um lobo, andasse por trás da cortina.

Sem sentir a presença de Fenris, o que logo a deixou insegura, ela tentou se lembrar dos acontecimentos, mas pensar deu-lhe a impressão de apenas causar mais dor. As únicas coisas que lhe vieram à mente foram o Bosque de Hiite, as criaturas monstruosas e um enorme pavor. O medo que a acompanhou em sua fuga voltou e a fez pensar em onde poderia se encontrar. Nonna tentou se virar na cama sem chamar a atenção da criatura do lado de fora, mas as intensas dores por todo o corpo a fizeram gemer de agonia.

Ouviu-se um rosnado que a estancou, de súbito, como se houvesse recebido uma ordem para fazê-lo e Nonna sentiu que alguém agarrou a cortina. Ela fechou os olhos com medo do que

veria e fingiu estar dormindo. Uma luz piscou na escuridão, voltou a imperar e, após um momento, uma porta estalou.

Rangendo os dentes, Nonna abriu os olhos e conseguiu se erguer com grande dificuldade. Então, agarrou a cortina grossa e a abriu, bem devagar.

Estava em um nicho de um quarto de madeira. A única luz vinha de seu lado esquerdo, por um buraco estreito. Com a fraca claridade, o pó presente e que voava, etéreo, era visível. Sobre ela, o teto também era de madeira.

Na verdade, paredes, teto e piso eram feitos de madeira quase preta. Em cima das tábuas do chão, havia peles jogadas e, do lado oposto, uma cama ligeiramente maior do que a que Nonna ocupava. As paredes do quarto eram decoradas com chifres de diferentes animais e tapeçarias antigas e desbotadas. Um grande caldeirão de ferro, quente, estava pendurado em uma das paredes e no meio do cômodo havia um grande balde cheio de água.

O quarto era austero e sombrio. As lembranças a incomodavam, porém ela só recordava de uma coisa ou outra. A última imagem que guardava era a de ser agarrada. Como sobrevivente, teria ela se tornado prisioneira dos hiisis e trolls? O ambiente era escuro e o grasnar dos corvos se tornava constante e alto.

Com um medo crescente, ela tentou se levantar, mas a dor em sua perna a impediu. Naquele instante, a porta foi aberta.

Uma criatura grande, semelhante a um lobo, entrou. Ao vê-la sentada, foi com passos largos até o nicho, na direção de Nonna. Sem tempo para nada, esta fechou os olhos de medo e se surpreendeu, sentindo o rosto ser lambido.

– Éolo! – a voz chocada de uma menina jovem foi ouvida da porta. – Desça daí, *agorra!* – gritou, correndo para puxar a criatura de cima de Nonna, que abriu os olhos, completamente confusa.

Uma menina pequena e de cabelos dourados a olhou, segurando uma jarra em uma mão e, na outra, um cachorro cinza maior do que seu próprio corpo. O cão tentou mordiscar seu braço, mas ela o empurrou e lhe deu uma bronca em voz alta.

Apenas um momento antes, Nonna estava certa de ser prisioneira em uma cabana de hiisis ou trolls. Agora, via uma menina

bonita que a olhava, como se pedisse desculpas, e, adiante, um filhote de cachorro entrando no quarto.

– Por favor, perdoe o Éolo. Ele não tinha nenhuma má intenção – disse a menina, envergonhada. – Você quer água? Fui pegar um pouco.

Nonna tentou responder, mas, de tão seca a garganta, nenhuma palavra saiu. Ela fez um gesto afirmativo e a menina lhe serviu água límpida em uma caneca de madeira. O líquido gelado foi todo bebido.

– Obrigada – foi o que conseguiu dizer para a garota, cutucada por ambos os cachorros, com insistência.

Sem sinal de Fenris em lugar algum, o medo voltou em seu coração.

– Onde está Fenris?

– Você deve estar falando do urso-do-gelo – disse a menina. – Está lá embaixo, cuidado pela vovó Gunvor.

– Como ele está?

– Ele estava mal, atingido por uma flecha como você, e com muitos *ferrimentos* antigos – as palavras da menina eram quase inaudíveis para Nonna. – Mas não se preocupe, a vovó disse que ele ficará bem.

– E Freya?

– A *Senhorra* chegou muito mal, mas a vida dela também está vencendo – a garotinha suspirou.

Nonna se sentiu relaxada, com um alívio a atravessar seu corpo ao se localizar.

– Estamos em Monte de Hiite?

– Sim.

– Quem é você?!

O rosto da menina era tímido e inseguro, mas trazia algo de rude. Ela encarou Nonna com olhos de um azul profundo.

– Sou Áurea Mente-de-Corvo – disse a menina, fazendo uma corte educada. – *Tus* não precisa dizer seu nome, *mim* já sabe. *Tus* é Nonna, de Unha do Dragão. Radulf era seu pai, Gunhilde é sua mãe e Skafloc de Pedra do Dragão era seu ancestral. *Tus* é uma bruxa, não é?

– Como você sabe de tudo isso?

– Ouvi falar *disho* muito antes de *tus* vir *parra* cá. *Tus* é chamada de criança-bruxa, mas *mim* acho *issho* muito bobo, pois tem um nome de verdade.

Com a ajuda de Áurea, Nonna venceu as dores e, no fim, sentou-se no meio das peles que a cobriam. A correnteza fria que vinha da porta a atingiu, trazendo os cheiros das árvores e da neve.

– *Tus* está com fome? – perguntou Áurea, sentando-se ao lado de Nonna. – *Possso* ir pegar alguma coisa *parra* *tus* comer, se quiser.

– Prefiro que você me conte o que aconteceu – solicitou Nonna, empurrando os cabelos para trás. Ela notou que, quase sempre cheio de nós, ele fora escovado, com a trança sendo mantida.

– Ah, é uma história muito selvagem. Tem certeza de que quer ouvir?

– É claro. – Nonna riu.

Alguns dias antes, brincando com os corvos, Áurea ouviu que um grupo de pessoas estava andando pela Estrada do Norte com uma garota em cima de um urso-do-gelo entre eles. Ela correu para avisar seu pai, Thorvid.

Este deu ordens a todos os homens de Monte de Hiite, que já estavam preparados para uma batalha, para que pegassem suas armas. Assim que os primeiros hiisis desceram de suas cavernas ao ouvir o chamado de Thorvid, os homens partiram em direção à Estrada do Norte. Eles chegaram à clareira no exato momento em que Nonna e seu grupo, nas planícies, foram atacados pelos monstros do Bosque de Hiite.

Para surpresa de Nonna, Áurea contou que Asbrand estava com os homens de Monte de Hiite. Então, as sombras que Thorgil, ela e os outros pensavam ser os inimigos, eram, de fato, as forças de Monte de Hiite, que corriam para atacar as criaturas do Bosque de Hiite, e salvar o grupo.

Todos os homens da tribo haviam se divertido, pois há muito tempo não tinham a chance de participar de uma batalha de verdade. O bando das criaturas do Bosque de Hiite era um adversário poderoso, mas, apesar da perda de muitos dos homens

de Thorvid, a vitória foi alcançada, embora a fuga de alguns dos inimigos para o bosque amaldiçoado não tivesse sido evitada.

– O que aconteceu com nosso grupo, com Thorgil e os outros? – perguntou Nonna, ansiosa.

Áurea teve de pensar um pouco antes de responder.

– Thorgil e Frode *ficaram* gravemente *ferridos*. O homem chamado Dente Negro, o velho Olvir e Bork, de nossa família, *foram* mortos, infelizmente.

Nonna abaixou a cabeça, lamentando o destino de Olvir. Iria sentir falta do velho adivinho e de seus conselhos.

– Mas algo muito estranho aconteceu por lá – disse Áurea e Nonna tornou a erguer a cabeça, surpresa.

– *Nossos* homens não *poderiam* tê-la salvo, pois as *criaturas* horríveis do Bosque de Hiite já estavam bem atrás de *tus*. Então, algo aconteceu – Áurea levou a cabeça para mais perto de Nonna. – Da *escuridão*, uma *criatura aterrorizadora*, mais escura do que a própria noite, *apareceu*. Ela veio sobre os homens com uma *força* incrível, *aterrissou* e *assustou* os monstros. Antes de agarrar você com suas garras e sair voando para a segurança da floresta, ela matou muitos dos animais lupinos e trolls. A *criatura* não foi vista de novo, mas você foi encontrada na Estrada da *Florresta* com pegadas enormes por *perto*. Sem ela, os lupinos e os trolls *teriam* pego vocês. Só que nem ela pôde salvar o velho de uma flecha negra – sussurrou Áurea.

Agora, Nonna compreendeu porque estava toda dolorida. Quando olhou para seus braços, ela viu hematomas que podiam ter sido causados por um wyrm. Mas o que um wyrm faria por ali, no lugar certo e no instante certo?

Áurea acertou a postura e tomou fôlego.

– *Nossos* homens *tiveram* de lutar muito para derrotar as *criaturas* do Bosque de Hiite, mais de vinte *foram* para os salões de Höggvandil, como os guerreiros honrados devem ir, e os *funerais* *aconteceram* no dia seguinte. *Forra isso*, todo mundo está triste com o destino de meu irmão, sem saber o que aconteceu com ele, em Barra *Fria*.

Abalada com a morte de Olvir, Nonna voltou a se deitar.

– Como você consegue falar com corvos?

A menina pulou da cama, pegou uma caixa com belos entalhes, feita de cerejeira, e a abriu diante de Nonna. Ela trazia uma pena brilhante de corvo.

– Por *tradichão*, toda *crianचा* é levada para os *murros* do forte no dia em que nasce. Dizem que o *primeirro* animal que a *crianचा* vê é, *parra* o resto de sua vida, seu *espírrito berserker*. Quando minha mãe me levou lá, um bando *inteirro* de corvos veio até ela. Eles se *sentaram* e *olharram parra* nós por um tempo e, depois, *saírram* voando. Só esta pena ficou *parra* trás – disse Áurea, mostrando o objeto para Nonna.

– Depois *dissho*, os corvos sempre *estiverram* comigo e meu pai diz que antes de aprender a falar, eu já ouvia e via os pensamentos deles. Por *issho*, sou Áurea Mente-de-Corvo – ela pôs a pena de volta na caixa e a fechou.

– Que lindo... – disse Nonna. – Então, você sente o que eles pensam?

Áurea fez um gesto afirmativo com a cabeça e sorriu.

– São meus *melhorres* amigos, além dos cachorrinhos, mas não há muito mais deles por aqui.

A perna de Nonna latejava muito e, às vezes, fazia seus olhos lacrimejar.

– Não se preocupe, minha avó *cuidarrá* dela e de seus *ferrimentos*. *Tus* está deitada há três dias, *delirante* de febre. Ah! – Áurea levou a mão à boca. – *Mim* esqueceu de lhe contar. Um grupo de Unha do Dragão chegou ontem. A própria Bruxa do Gelo veio em um trenó, puxado por ursos-do-gelo, junto com um *poderroso* exército. E *tus ficarrá* feliz de saber que sua mãe também veio.

– O quê? Minha mãe? Ela está aqui? – Nonna se sentou, apesar da dor.

– *Mim* irá trazê-la *agorra* – disse Áurea, largando a caixa e saindo correndo, feliz, deixando os cachorros cinzas de guarda.

Gunhilde veio até Nonna com os cabelos ao vento. Astrid, Asbrand e Thorvid a seguiram. E, Nereid, por último, só sorriu, de modo enigmático.

Sentada ao lado da filha, Gunhilde segurou sua mão com firmeza e se sentiu feliz por tê-la a salvo. Os demais precisaram esperar a vez, com paciência, pois Nonna e Gunhilde se abraçaram sem pressa, felizes com o reencontro.

– Graças aos deuses – sussurrou a mãe, com um nó na garganta.
– Jamais se perca assim de novo! – Gunhilde tirou os cabelos do rosto de Nonna e o segurou entre as mãos. A filha balançou a cabeça e se apertou à mãe.

Nonna queria contar para as pessoas de Unha do Dragão tudo o que acontecera. Elas se sentaram em volta da menina para ouvir suas aventuras, do começo ao fim. Quando ela terminou sua história, Gunhilde olhou para os outros, antes de se voltar para a filha.

– Em nome dos deuses. Se seu pai ouvisse tudo isso – disse, brincando com as tranças de Nonna.

– Ele ouve, mãe – respondeu Nonna. – E deve ter muito orgulho disso.

Gunhilde balançou a cabeça e riu.

– Seu pai certamente tem orgulho de você e fala para todos os guerreiros nos salões de Hamarr sobre a filha.

– Falei com Berenhard, ele mandou lembranças para você e, sabe o que mais? Sua tumba fica na Floresta dos Sussurros, junto de um velho templo. Eu já a visitei e... Bem, contarei mais quando estivermos sozinhas – sussurrou Nonna.

A saudade visitou o rosto de Gunhilde.

– Fenris devia tê-la carregado, ainda que fosse nos dentes, assim que Astrid e Asbrand deixaram Barra Fria – Gunhilde bronqueou e mexeu nos cabelos de Nonna, pondo-os e tirando-os de seu rosto. – Felizmente, ele está se recuperando.

Nonna notou um grande alívio na voz da mãe.

– O que acontecerá agora? – perguntou Nonna, sem ter ideia do futuro.

Astrid olhou para Nereid e Asbrand.

– Voltaremos para Unha do Dragão.

– E além disso?

– Você, pelo menos, não vai voltar para Unha do Dragão sem a devida segurança – disparou Gunhilde, com genuína seriedade.

– Sua mãe está certa. Há tramoias demais acontecendo no reino agora e, antes que tudo seja resolvido, você não poderá ir, sem guardas, mais ao sul do que as montanhas de Unha do Dragão.

A garota riu e abriu um sorriso largo.

– Suponho que nem vá querer, à exceção daqui. Posso vir aqui, às vezes? Para ver Freya e Áurea?

– Sim, pode, mas não sem acompanhantes. Não antes de você poder se defender melhor – disse Astrid, com seriedade.

– E Negrum e Sigfastr?

A Bruxa-do-Gelo riu.

– O lar de Negrum está coberto de neve, enviei uma nevasca para lá que já o cobriu quase por completo – disse Astrid, sentando-se em um banquinho em frente à cama.

– Como Nereid voltou, acho que não iremos esperar pela grande assembleia – segredou Astrid para Nonna. – Pode ser que recuperemos Barra Fria sem alarde, se pudermos fazer isso sem pôr em risco a vida de Sigfastr.

– Por que ela já voltou? – perguntou Nonna e olhou para Nereid, que estava sentada no fundo, quieta e um pouco triste. Asbrand estava de pé atrás dela com as mãos em seus ombros.

– Fracassei – respondeu Nereid. – Os nawyrianos chegaram antes e, sem que eu soubesse, tomaram de lá algo que era fundamental para nós.

– O quê?

Nereid encolheu os ombros com frustração.

– Uma pedra, dentro da qual há a alma de um dragão-negro. Ela foi cortada de uma grande estátua.

Nonna franziu a testa, com uma má suspeita começando a crescer dentro dela. Um suor frio brotou em sua testa.

– Que tipo de pedra?

– Preta e mais ou menos do tamanho de um punho.

Ela engoliu em seco.

– E que poderia ser anexada a uma peça que lembra o dedo de um dragão?

Foi a vez de Nereid franzir a testa. Ela se levantou e se inclinou para mais perto de Nonna.

– Como assim? Você a viu?

– Sim, sim, vi – a menina gaguejou, embaraçada, ao notar que todos olhavam para ela.

– Onde? – a voz de Nereid se elevou e o quarto ficou em silêncio.

– Estava na tumba de Berenhard, que conseguiu pegar dos nawyrianos, antes de morrer.

– Estava? Onde está, agora?

– Eu a levei comigo.

Nereid abraçou Nonna, entusiasmada.

– Você a levou? E ela está aqui?

Envergonhada, ela olhou em volta e seu rosto pareceu pedir o maior número de desculpas possível de uma só vez, com a cabeça a balançar.

– Ficou em Barra Fria – disse, desapontada.

FORTE DE BARRA FRIA Dia dos mortos 816

– Onde você esteve? – Com raiva, Gils agarrou a mão de Broddr, que entrava furtivamente pela porta principal do castelo. – Você pelo menos sacrificou pelos espíritos?

Ele olhou assustado para o primo. Não conseguia pensar em mais nada além do que estava em sua cabeça ao longo de todo o caminho do Bosque de Hiite até o retorno à Barra Fria.

Por dois dias, estivera fora. Tinha cavalgado até o Bosque de Hiite sem ousar entrar nele e tentara contatar as criaturas com quem havia combinado o rapto de Nonna e Freya. Depois de esperar mais de um dia próximo à floresta aterrorizadora, um troll grosseiro e ferido fora até ele contar as más notícias.

Uma batalha ocorrera na planície, perto do vilarejo abandonado, entre as tropas de Monte de Hiite e aquelas de Grol. O bando do Bosque de Hiite estava em menor número e um caçador de crânios, vestindo uma armadura preta, matara sozinho o Grol que liderava o

grupo. Além disso, uma criatura negra voadora, que acreditava-se ser um *wyrm*, fora vista sobre o Monte de Hiite.

De qualquer maneira, as presas que Broddr ansiava ter haviam escapado por entre seus dedos, e ninguém sabia em qual estado. Uma sensação de terror o assomara ao ouvir tais notícias. De volta para seu cavalo, e meio adormecido, ele galopara devagar para Barra Fria, sem saber o que fazer.

Gils acordou Broddr de seus pensamentos, chacoalhando-o.

– O que há de errado com *tus*, imbecil? Ingolf e Agenald *estiverram procurando por tus*, eles têm algo a dizer. E, responda, *tus* já fez o sacrifício para os *espírritos*? – vociferou Gils, tentando fazer Broddr se recompor.

– Não importa onde *mim* estive, não é problema seu. E *parra* o diabo com todos os *espírritos* – disparou Broddr, soltando-se e indo para seu quarto.

– Em nome de Hamarr, Broddr! Venha *parra* o salão logo ou Ingolf mesmo *irrá* pegá-lo! – o grito de Gils ecoou no momento em que a porta bateu.

Broddr enxugou o rosto suado com a mão, enquanto tentava encontrar uma saída para a situação. Seria melhor para ele ficar de boca fechada, decidiu. Ingolf e Agenald não saberiam de nada e o sacerdote poderia voltar para o Salão Negro sem a criança-bruxa. Talvez ele tivesse sorte e a criança-bruxa e a filha do rei não tivessem sobrevivido. Uma esperança fraca e vazia brilhou em sua mente.

Por alguma razão, porém, Broddr não acreditava nesse elemento. Se os deuses da boa sorte estavam do lado de alguém, nunca era do dele, praguejou, dando um soco na parede.

Acerto de contas

BARRA FRIA
Mês-de-inverno de 816

O momento mais escuro do ano estava se aproximando. Uma nevasca já assolava Barra Fria pelo terceiro dia seguido, bloqueando toda luz que brilhava no céu. As pessoas haviam se retirado para suas casas, fechado as janelas com tábuas contra a tempestade e apagado as lamparinas e as luzes nas ruelas, evitando perturbar os espíritos. Nem uma única fonte de luz quebrava a calma da escuridão na cidade de Barra Fria.

A neve não parava de bater nos muros sólidos do forte de Barra Fria. As lamparinas dos guardas permaneciam acesas debaixo das coberturas, mas ninguém se movia sobre os muros, e o vento podia empilhar a neve nos cantos sem obstrução. A ponte levadiça estava erguida, o portão do castelo, firmemente fechado, e até as barras de ferro tinham sido abaixadas e presas com correntes.

A crença em espíritos inquietos que vagavam durante o solstício de inverno era tão forte que ninguém se surpreendia com a ansiedade e o medo aterradores que tomavam a cidade, logo após a primeira metade da noite.

As pessoas se juntavam em suas casas, caladas e próximas umas das outras, com o temor ocupando seus corações, os cavalos passavam a relinchar nos estábulos, aterrorizados, e os cachorros de rua fugiam com os rabos entre as pernas, ganindo de medo. Embora o solstício de inverno fosse sempre tido como um dia sombrio e desolado, ninguém se lembrava de ter passado por algo como

aquilo, o medo e o pânico entranhados com ferocidade nas mentes das pessoas.

Ainda que fosse a mais bela das noites de inverno, ninguém ousaria sair de casa com aquele tipo de sentimento pairando no ar.

Quase todos os habitantes do castelo de Barra Fria estavam reunidos no salão do rei para a noite do solstício de inverno. Esperavam a metade da noite chegar para ter coragem de ir dormir. As lareiras haviam sido acesas para oferecer uma sensação de segurança e toda a família Negrum estava disposta em uma grande mesa, assim como os poucos parentes de Eymund que moravam no castelo. Cachorros grandes descansavam sobre feno novo no chão e a maioria das crianças dormia sob cobertas em bancos laterais.

A atmosfera era silenciosa, pois, além dos espíritos inquietos, dizia-se que o fantasma rancoroso de Eymund ainda assombrava o local, assustando pessoas nos momentos mais escuros das noites com seu gemido desolador.

Só quem emitia sons altos era Agenald, que não cessava de repetir seus encantamentos para manter os espíritos afastados. Os outros sussurravam entre si, temendo enfurecê-los ou o sacerdote, que parecia estar em transe.

Com a passagem do tempo, muitos começaram a suspirar de alívio. O súbito aumento da força da tempestade, porém, obrigou até os últimos guardas a fugirem dos muros e entrar.

Naquele momento, Agenald silenciou. Todos se entreolharam, sentindo arrepios e os grandes cachorros se levantaram para fugir do salão, ganindo. As crianças despertas gritaram de terror e correram para suas mães, no momento em que uma violenta rajada de vento soprou as chamas das lareiras e a fumaça das chaminés retornou para o salão. O fogo brilhou azulado, as pessoas se engasgaram e Ingolf ordenou que as principais portas de acesso fossem fechadas.

Até os guerreiros mais corajosos começaram a se mostrar assustados.

As luzes das lamparinas de tempestade junto ao rio que separava os montes do castelo de Barra Fria e do sagrado círculo de rochas estavam acesas. O rio ficava em um canal profundo com margens íngremes e a luz em seu fundo não era vista de fora, especialmente quando a neve era muita.

No fundo do canal, onde cardos e arbustos densos cresciam, um grupo marchava, liderado por Nonna, que mancava, e Fenris. Portando uma lamparina, ela caminhava com alguma dificuldade e, toda vez que chegava a um lugar coberto de vegetação mais espessa, um dos hurgs de armadura preta que a seguiam cortava as obstruções com uma espada.

Após alcançar a metade do canal, Nonna viu uma placa de pedra, gasta pelo clima, ladeada por anéis de ferro enferrujados a ponto de quebrar. Ela levantou a lamparina de tempestade e iluminou a encosta.

Eles viram uma escada no meio da neve que caía em grande volume. Nonna sabia que mais para cima, cercada por colunas de pedra, haveria uma abertura para uma caverna, dentro da qual teriam acesso a um túnel secreto para o castelo de Barra Fria. Ela manteve a chama erguida e Asbrand se aproximou.

– Lá! – Nonna gritou contra o vento terrível e apontou para a entrada da caverna. O vento forte jogava neve contra seu rosto e batia contra a lamparina.

Asbrand deu um sinal e um grupo de guerreiros hurg de Unha do Dragão, com armaduras pretas de cota de malha, subiu os degraus até o patamar e, iluminado por lamparinas, mergulhou na caverna, desaparecendo de vista.

– Você consegue? – gritou ele para Nonna, apontando sua perna.

Embora Gunvor, de Monte de Hiite, e a própria Astrid tivessem feito o melhor que podiam, sua perna ainda não havia se recuperado do ferimento causado pela flecha e muitos acreditavam que ela mancaria para o resto da vida.

Nonna encolheu os ombros, sem dar a mínima para a dor. Apoiando-se em Fenris, começou a andar a passos largos atrás dos hurgs, seguida por Asbrand, que balançava a cabeça.

O corredor secreto da masmorra de Barra Fria era desconhecido da família Negrum. Com isso, apenas um dos guerreiros mais velhos, com a paciência adquirida com a idade, guardava o buraco nojento e fétido. Ele se sentava dia após dia na escuridão, guardando o único prisioneiro da masmorra, Sigfastr de Monte de Hiite.

Meio adormecido e resmungando, o guerreiro mal pôde acreditar quando ouviu tinidos e passos se aproximando, tornando-se cada vez mais altos através da abertura da parede. Quando o primeiro hurg surgiu, tudo o que ele teve tempo para fazer foi gemer, nocauteado por um soco. O velho caiu em uma poça gosmenta e os hurgs começaram a quebrar as barras.

– Olá, Sigfastr – Asbrand o cumprimentou e agarrou o jovem trêmulo pelos ombros.

– Estou sonhando? – sussurrou o jovem, com voz rouca, admirado com os guerreiros cuja raça não identificou por debaixo das armaduras pretas e dos elmos com chifres.

– Não. Consegue andar?

– Para fora daqui? Claro – disse Sigfastr, tentando arrumar sua postura. Nonna admirou a atitude do rapaz pálido e com uma cicatriz no rosto, que ajeitou os cabelos cobertos de sujeira, apesar dos olhos vermelhos e de estar tremendo muito, de uma bem provável febre.

– Leve-o para sua mãe e a noiva – Asbrand ordenou dois guerreiros, tirou uma capa grossa de peles do dorso de Fenris e a colocou sobre Sigfastr. Os guerreiros agarraram o jovem que, sem quaisquer objeções, desapareceu pelo corredor secreto.

– Fenris não conseguirá passar por aqui – sussurrou Nonna. Ela se ajoelhou à frente de seu urso-do-gelo, abraçou sua cabeça forte e pediu-lhe para que saísse e se juntasse aos outros. – Eu me cuidarei bem – prometeu. Fenris se afastou, um tanto hesitante e rugindo.

– E agora? – perguntou Nonna, olhando para Asbrand, que colocava o elmo, e para os guerreiros negros que esperavam no fundo do buraco.

– Ora, vamos reconquistar Barra Fria! – Asbrand falou das profundezas de seu elmo e os hurgs começaram a subir as escadas.

Eirik adorava sua nova condição na corte de Negrum. Bastaram poucos dias para que ele caísse, com a ajuda de Ingmar, nas boas graças de Broddr e Agenald. Ao revelar tudo o que sabia para a família Negrum, esta conseguiu banir do castelo todos os que eram, no mínimo, desagradáveis. Como recompensa por sua ajuda, teve permissão para ficar no castelo com o pai, tornando-se ainda mais insuportável e arrogante.

Ao chegar à metade da noite, ele saiu de seu quarto para o salão do rei quando o terror o congelou na escadaria da torre. No piso inferior ao dele, ficava a porta que levava às masmorras, diante da qual um guarda solitário roncava.

Quando o primeiro estrondo abafado atingiu a porta, o coração de Eirik quase saiu pela boca. A ideia da volta do fantasma de Eymund para se vingar dele lhe ocorreu. Eirik criou coragem e correu para escapar para o grande salão, para a segurança junto dos outros.

Ao chegar ao patamar de baixo, encontrou o guarda que, acordado de supetão, piscava os olhos e buscava uma lamparina no chão, sem saber a origem do enorme barulho.

Foi quando a lâmina de um enorme machado acertou a madeira, atingiu as dobradiças com um tinido alto e se recolheu, puxada para trás.

– Em nome dos deuses! – Eirik começou a descer o corredor correndo para o grande salão. O guarda, ainda sonolento, não soube o que fazer, exceto observar uma nova ação do machado de lâmina dupla acertar as dobradiças, que quebraram e caíram no chão, e uma bota coberta em cota de malha chutar a porta. Quando, enfim, entendeu do que se tratava, o homem levantou sua arma e gritou o aviso de alarme com toda a força de seus pulmões.

– Os mortos estão vindo! – gritava Eirik, correndo para o grande salão e tropeçando em um serviçal que estava no caminho, fazendo voar pedaços de lenha que voaram para o chão, gerando um forte barulho. O alarme gritado pelo guarda podia ser ouvido pela porta lateral do salão.

Ingolf foi o primeiro a reagir, saltando e agarrando sua espada que estava atrás da cadeira alta.

– Peguem suas armas! – Ele bradou aos homens ainda parados, com bocas abertas de surpresa, e correu para Eirik, sem se importar com os obstáculos no caminho. Porém, não deu importância ao garoto, que balbuciava coisas confusas, apontando para o corredor. Ao contrário, empurrou-o com força contra a parede e foi para o corredor, já identificando o tinido de armas e o grito de alerta do guarda sendo abafado.

Tão rápido quanto Ingolf, Solveig deu ordens firmes às criadas e às outras mulheres para que abrigassem as crianças e se recolhessem no canto mais distante do salão. Em seguida, arrancou uma lança que estava pendurada na parede e se recolheu com as criadas e crianças perto da lareira, sem conseguir pensar em outro esconderijo.

Ingolf e seus homens, que logo juntaram suas armas, saltaram para o corredor e viram um grupo de guerreiros enormes, vestindo armaduras grossas, surgindo da escuridão na direção do salão.

Furioso e sem titubear, o líder de Negrum parou no corredor, esperou o primeiro guerreiro despontar e o acertou com sua espada, de forma impiedosa.

Enquanto outro grupo de guerreiros de Negrum se juntava ao primeiro, os primeiros invasores padeciam sob os golpes raivosos de Ingolf. Furando a armadura de outro hurg com a ponta da espada e chutando-o para o lado, ele já atacava mais um inimigo e sua fúria era tamanha que até seus homens ficavam assombrados, antes de se unirem na luta.

Asbrand caminhou rápido e com passos largos para a escadaria da torre e começou a subir correndo. Distante do topo da torre, ele ouviu vozes de guardas se aproximando, confusos com o que ocorria.

Os primeiros guardas que desciam pararam assim que o viram, mas este os deteve com um único e impiedoso golpe. Ele continuou subindo, acertando cada homem que vinha no sentido oposto, embora tivesse dificuldade para usar sua arma na escadaria

apertada. Sem precisar fazer muito esforço contra guerreiros sonolentos e surpresos, Asbrand chegou ao primeiro piso, chutou a porta e correu para o outro lado do castelo com um grupo de hurgs a segui-lo.

Broddr disparou pela porta principal. A neve pesada o atingiu no rosto. Sem se importar, ele gritou um novo alarme e desceu as escadas para o pátio, forrado de branco. Sentindo o ar congelante atravessar a túnica fina e a neve entrar dentro das sandálias, correu para o quartel dos guerreiros o mais rápido possível e abriu a porta, com violência.

– Peguem as armas, *agorra*, vão *parra* o prédio principal e os *murros!* – Ele gritou o mais alto que seus pulmões permitiram. Os guerreiros sonolentos se ergueram, agarraram as armas e qualquer tipo de roupa que encontraram.

Um grande número de soldados deixou o local, ainda com sono, mas com armas e escudos nas mãos. Mordendo os lábios, Broddr se virou contra a neve e assistiu uma parte do grupo de homens subir o muro, um deles de posse de uma lamparina de tempestade.

– *Tus* pode ver alguém *forra*? – gritou Broddr para o muro, enquanto guerreiros passavam por ele para a porta principal.

O homem que portava a lamparina estava prestes a responder quando uma enorme nuvem de neve pareceu cercá-lo e aos que subiam o muro. De uma só vez, todos eles foram transformados em estátuas de gelo e caíram do muro no pátio coberto de neve. Broddr gritou de terror e os guerreiros que corriam pelo pátio entraram em pânico. Sem saber o que fazer, todos pararam em seus lugares, apavorados.

Branco como a própria neve, Skald surgiu como um fantasma do meio da nuvem. Suas asas enormes geraram um ar enregelado, voando tão rápido quanto um raio sobre o pátio. Como o vento da tempestade, ele lançou um sopro glacial nos guerreiros estáticos e atônitos.

O restante dos homens de Ingolf ainda tentou voltar para o abrigo, mas Skald, com Godmund montado às costas, soprou de novo, congelando-os sem reação. Os poucos sobreviventes

conseguiram chegar ao prédio principal, entre eles Broddr, todos estarrecidos com as cenas. O primo de Ingolf, gemendo e gritando, fugiu para o salão do rei, sem pensar em ajudar os guerreiros a fechar a porta principal e a trancar com uma grande barra de ferro.

Ao se voltarem para o interior do castelo, estes foram recebidos por Asbrand e seus hurgs, que chegaram ali pelo outro lado da grande construção.

Àquela altura Ingolf contava com apenas uma dezena de soldados dentro do forte, que não eram comparáveis aos hurgs ou a Asbrand. Ele próprio eliminara bravamente diversos hurgs, antes de se ver obrigado a recuar para o grande salão. Os gritos ameaçadores de Asbrand já podiam ser ouvidos do outro lado da entrada principal. Ao bater a porta, com ódio, ele a travou com uma barra de ferro antes de correr para o salão, suado e sangrando.

As criadas, serviçais e habitantes do castelo estavam encolhidos, confusos e tomados por terror, perto das lareiras, com as mulheres tentando acalmar as crianças que berravam de medo. Em um canto, agachado, Broddr chorava, com a cabeça enterrada nas mãos. Ingolf foi até ele, separar-lhe os braços e encarar o rosto do primo, que expressava sua falta de coragem.

– Que diabos *tus* está fazendo aqui, seu rato? – vociferou Ingolf, pondo-o de pé com um puxão. Ele bateu em seu primo, deu-lhe um tapa na cara e, ainda assim, não conseguiu ouvir uma única palavra coerente.

Ao ser largado, Brodd cambaleou de volta para o chão, com o corpo todo tremendo. Nesse instante, Gils Selvagem surgiu, segurando a espada com uma das mãos e ostentando um profundo ferimento na testa, com tempo apenas para olhar para Ingolf, encolher os ombros, como que desapontado, e desmaiar no chão.

Passando por cima de Gils, Asbrand entrou no salão e foi direto até Ingolf.

– Abaixе sua arma! – disparou e, não sendo obedecido, atingiu-o com sua enorme espada.

Apesar de Ingolf ter tempo de erguer sua arma frente à espada de Asbrand, o poder do golpe foi tão grande que ele tropeçou para

trás. Sob a luz tremulante das lareiras e das tochas, ele acabou reagindo, quase que com força idêntica, embora esta estivesse diminuindo após tantos adversários. Suas mãos perderam a firmeza por exaustão e ele teve de se afastar, passo a passo, para o centro do salão. Ingolf conseguiu se defender dos sucessivos golpes que recebeu e também respondê-los, mas sua espada, muito amassada e com a lâmina torta, foi sendo facilmente rebatida pelo escudo de Asbrand.

Por fim, após intensa luta, a espada de Asbrand acertou a arma de Ingolf de tal forma que ela foi lançada aos pés das pessoas amontoadas em um canto.

Fazendo uma careta de dor, e ofegante, Ingolf conseguiu se manter de pé diante de Asbrand e, a despeito do corpo ter desistido, sua mente não o fez.

– Dê-me a espada – disse Ingolf e tropeçou para pegar a arma com suas últimas forças. Solveig correu para ele e empurrou a lança com que se protegera para as mãos do marido. O líder de Negrum levantou a cabeça exausta e percebeu o olhar cheio de ódio da esposa.

– Acerte – ordenou Solveig e fechou a mão de seu marido na lança.

Asbrand, que estava de pé atrás de Ingolf, negou com a cabeça sem crer, virou a espada de cabeça para baixo, agarrando a lâmina com suas luvas de ferro e acertou Ingolf na nuca com o grande cabo da espada.

Solveig, de Negrum, gritou de decepção, enquanto Ingolf caía a seus pés.

Enquanto a batalha ocorria no andar de baixo com toda sua épica dimensão, Nonna mancava pelo corredor escuro do primeiro andar do castelo, segurando uma lamparina. Mal tinha chegado ao corredor do quarto de Freya e a porta da torre batia, acusando que alguém desaparecia por trás dela.

Ela levantou o braço, mas a luz em sua mão não foi suficiente. Encolhendo os ombros, correu para a janela mais próxima. Então, depositou a lamparina no chão, agarrou a janela e a abriu. Com

certa dificuldade, soltou a trava prendendo as tábuas de proteção e, em seguida, abriu-as.

O vento de tempestade arrancou as tábuas e as atirou contra as paredes do castelo com tanta força que se desfizeram em pedaços. Os flocos de neve afiados que bateram em seu rosto não a importunaram e ela se inclinou para a frente e olhou para o pátio logo abaixo.

Skald preencheria quase todo o pátio e, aqui e ali, estátuas cobertas de gelo lembravam guerreiros. O dragão dobrara suas asas para ir até o portão e tentava arrancar a barra de ferro que o sustentava. Godmund, de pé em seu dorso, vestia uma capa de peles e segurava uma lança enorme.

A nevasca criada por Astrid era tão forte que Nonna não via bem o que se passava, apesar de estar tão perto, mas o estrondo ouvido na sequência indicava que Skald tinha atingido seu objetivo.

Nenhum dos guerreiros de Negrum ousava mais olhar para fora, muito menos tentar desafiar o dragão que abria o portão quebrado para a entrada dos guerreiros de Monte de Hiite, trazendo Astrid, Freya e Sigfastr, envoltos em peles.

Nonna suspeitou que Nereid estivesse em algum lugar por perto, mas, ao ver Gunhilde entre as pessoas que chegavam ao pátio, suspirou de felicidade e desceu da janela, sem fechá-la. Ela pegou a lamparina e correu até os quartos de Eymunt e de sua filha.

Alguém os revirou por inteiro e Nonna não viu sua bolsa nem o tesouro de Berenhard em parte alguma.

– Droga! – praguejou, batendo sua vara no chão e parando para pensar. Uma única alternativa lhe veio à mente e ela saiu do quarto, mancando, refazendo o caminho feito, agora no sentido contrário.

Quando abriu a porta daquele quarto, a violência que usou transmitiu toda sua certeza e raiva, e ela viu duas figuras agachadas sob a luz de velas juntos de um baú aberto e de sua bolsa.

– Ah! – Nonna se expressou com firmeza e levou a lamparina para cima de sua cabeça. A luz tremulante alcançou as figuras: Eirik e Ingmar olharam para ela, pálidos e surpresos. O grimório de Bjollok que o garoto segurava caiu no chão com uma pancada surda.

– Eu sabia! – disse Nonna, furiosa. – No fim, vocês não o deram para Ingolf ou para aquele maldito sacerdote.

– Fora! – gritou Ingmar, agarrando o livro com a intenção de colocá-lo em uma bolsa.

– Tire as mãos disso! – ordenou Nonna, enviando medo nas palavras.

Aterrorizados, pai e filho derrubaram os pertences e recuaram, parando apenas contra a parede do quarto.

Apoiada em sua vara, ela foi até os homens, mancando, colocou a bolsa em uma cama e olhou seu conteúdo. Sob a luz das velas, Nonna atestou a presença da caixa, assim como de suas outras coisas. Ela enfiou o livro no saco, segurou-o com a outra mão e apontou para os homens com a ponta de sua vara.

– Vocês, suas cobras, pensam que podem sair ilesos de tudo, não é? – Em cada palavra ela aumentou a força do medo nas almas dos homens. Eirik e Ingmar se apertaram um contra o outro, fecharam os olhos e gemeram como um camundongo, implorando pela piedade de um gato.

– Saiam daqui e nunca mais mostrem suas caras medonhas! – disparou, saindo do quarto e deixando os homens chorando de medo para trás.

Quando os portões externos do forte estavam sendo fechados, após a rendição das tropas de Negrum, para surpresa dos guerreiros de Monte de Hiite um cavalo galopando em disparada saía do estábulo. Agenald era seu cavaleiro.

Jogando encantamentos, o sacerdote das trevas expulsou os guerreiros do portão e conseguiu passar, desaparecendo na nevasca poderosa e na escuridão.

Rindo como um louco e amaldiçoando todos os espíritos do inferno, Agenald galopou pela estrada de Barra Fria. Na metade da encosta, no entanto, seu cavalo se assustou tanto com algo que escorregou na neve, caindo de lado e aos poucos sobre o corpo de Agenald.

Em pânico, o animal tentou se levantar. Com os olhos arregalados de terror e o vapor emanando de seu focinho, o cavalo

procurou chutar a neve para se reerguer e conseguiu controlar as patas traseiras, voltando a ficar de pé com um relincho alto e fugindo daquilo que estava dentro da nevasca.

Agenald praguejou entre seus dentes, tentou agarrar a bolsa do cavalo antes que fugisse, caindo de novo sobre a neve. Como um raio, a cólera se espalhou por todo seu corpo e ele o dirigiu todo ao animal desengonçado, que se assustava com a própria sombra. Agenald apontou sua vara para o cavalo que começava a desaparecer dentro da nevasca.

– Pare! – gritou Agenald entre os dentes e jogou um encanto entre as palavras, cuja força pareceu queimar em seu coração. O encanto da morte do sacerdote das trevas alcançou o cavalo como o vento que zunia. Com um relincho doloroso, ele saltou sobre as patas traseiras e caiu sem vida no chão.

– Maldito cavalo! – xingou Agenald, começando a andar na neve até sua montaria, já coberta até a metade de neve. Porém, o medo agarrou seu coração.

Ele parou e sondou o entorno.

A escuridão era impenetrável, apenas redemoinhos de névoa açoitados pelo vento dançavam diante de seus olhos. Apesar de nada enxergar, ele sentia que uma criatura muito grande se movia, em algum lugar. Arrepios subiam por sua espinha e o terror que apenas uma criatura no mundo poderia causar chegava-lhe à mente, após tanto tempo.

Quando a terra chacoalhou e os olhos de um dragão brilharam diante de Agenald, ele gritou de terror. Por instinto, saltou para trás, tropeçou e caiu de costas na neve, e um grito parecido com um choro escapou de seus lábios.

– Desapareça de minha vista! – gritou e apontou para Nereid que crescia diante dele. Uma raio azulado piscou na ponta de sua vara e voou até a cabeça do dragão-negro.

Só o que a mágica de Agenald conseguiu causar em Nereid foi um tantinho de cócegas irritantes, que apenas fizeram crescer seu ódio pelo sacerdote das trevas. Nereid esticou o pescoço, abriu a boca e arrancou a vara das mãos de Agenald, quebrando-a em pedaços.

– O Senhor do Inferno a ordena! – gritou Agenald, arrastando-se com as costas contra ao chão gelado para longe de Nereid. Com as mãos tremendo, ele segurou o pentagrama pendurado em seu pescoço e conseguiu tirá-lo.

Levantando-o diante dele, usou seu poder para fazê-lo arder como fogo.

Poucas coisas no mundo deixavam Nereid tão furiosa como ver o maldito símbolo do Senhor do Inferno. Ela respirou tão fundo que a nevasca em torno de Agenald foi sugada pelas narinas do dragão. Com ojeriza crescente nos olhos, ela exalou uma chama inteiramente negra sobre o sacerdote das trevas.

O grito de terror de Agenald nem teve tempo de sair de seus lábios.

O salão do rei contava com inúmeras pessoas conversando alto quando Nonna entrou pela porta principal.

Os homens de Monte de Hiite acendiam tochas para trazer mais luz para o ambiente e as pessoas de Negrum e os poucos guerreiros sobreviventes se sentavam silenciosos no canto reservado aos derrotados.

Solveig se sentava ereta com a família, olhando para a frente com olhos de vidro, indicando seu desapontamento. Gils e Ingolf, que mal estavam vivos, eram tratados no meio do grupo. Broddr, como um rato, havia desaparecido, sabiam os deuses para onde.

Em meio ao feno sobre o chão, que havia sido manchado durante a batalha, Asbrand tirava sua armadura, fazendo caretas de dor, com Thorvid de Monte de Hiite a ajudá-lo. Astrid estava de pé a seu lado e, em uma cadeira perto deles, Sigfastr, coberto com peles, aguardava. Ao lado do jovem de Monte de Hiite, sua mãe e Freya, que lhe segurava a mão, entre constantes sussurros no ouvido do jovem, que Nonna não conseguia ouvir. O olhar do rosto de Freya era suficiente para mostrar a todos que aquelas palavras tinham um único destino.

Fenris empurrou sua cabeça debaixo da mão de Nonna e a lambeu quando Nereid entrou no salão, sorrindo alegremente. A

menina olhou para seu urso-do-gelo, coberto por neve derretida, bateu em seu pelo molhado e caminhou até Asbrand e Nereid.

– Encontrei! – disse Nonna, eufórica. Ela pôs a bolsa sobre a mesa e retirou a caixa, dando-a para Nereid.

Esta mal pôde acreditar no que viu. Primeiro, olhou para a caixa, depois para Nonna, sem dizer uma palavra, apenas acariciando sua tampa avariada.

– Bem, abra! – falou Nonna, impaciente.

Nereid não disfarçou o nervosismo ao abrir a caixa e revelar a pedra preta brilhante segurada pelo dedo do dragão. Depois, fechou-a em suas mãos, levou-as até o peito e suspirou com profundo alívio. Ela colocou a mão sobre a cabeça de Nonna e se agachou diante dela.

– Obrigada. – Ela a abraçou e encostou o rosto no de Nonna.

– Conte-me o que é isto – pediu a menina no ouvido de Nereid.

– Tudo o que resta de minha família – respondeu ela, ficando de pé. Ao devolver a pedra à caixa, ela sorriu para Nonna e a fechou.

Nereid deu a mão para Asbrand e, juntos, saíram do salão. Sem conseguir mais ficar de pé, pois uma dor lancinante tomava sua perna, Nonna caiu em um banquinho macio e sentiu Fenris se deitar a seus pés.

A andarilha das sombras

FLORESTA DA RAPOSA **Fim de janeiro de 817**

– Bem, lá está – disse Nonna, caminhando entre algumas árvores, apoiada em sua vara. Fenris a seguia, cuidadoso e vigilante como sempre.

A luz da lua cheia brilhava através dos buracos entre os galhos das árvores, à beira do cânion da floresta densa. Ela refletia, ofuscante, nas peles brancas sobre Erna, assim como na neve. Sentada no penhasco, Erna virou a cabeça para Nonna, que estava a seu lado.

– Embora a lua esteja brilhando, não ilumina aquele lugar, o Bosque de Hades. – Erna apontou para o outro lado do cânion, onde pinheiros e carvalhos curvos e cheios de nós esticavam os galhos tortos sobre o vale profundo. Como se algum tipo de sombra impedisse a luz de passar entre seus galhos secos.

– É maravilhoso que tenha vindo. Você se divertiu no casamento?
– continuou Erna, ainda olhando para a irmã.

Nonna encolheu os ombros. Tinha acabado de voltar de Barra Fria, onde, em meio a celebrações de meio de inverno, celebrou-se o casamento de Freya e Sigfastr. A festa durara dias e ela e seus amigos estavam entre os convidados de Unha do Dragão.

– Bem, foi muito mais divertido do que na última vez em que estive lá – respondeu Nonna, chutando um bloco de gelo do penhasco para as correntezas brancas retumbantes, debaixo das quais ficava a separação dos mundos dos mortais com o portão de Hades, do outro lado do cânion.

– Bem, conte-me. Noridium tem um novo rei ou rainha? – Erna sorriu.

– Freya permaneceu como soberana. Sigfastr não quis tirar o poder dela, embora muitos o tenham aconselhado a fazê-lo.

Erna riu.

– Bem, vocês têm sua primeira governante mulher. A propósito, vi Nereid a noite passada: ela voou para o leste, de novo.

– Eu sei, para fechar as criptas funerárias de sua família para sempre.

– Ela lhe contou mais alguma coisa sobre a pedra preta quando estavam sozinhas? Estou louca para saber – questionou Erna, tocando as mãos de Nonna.

Esta olhou para Fenris, acariciou sua cabeça e notou os olhos amarelos de Thori, o lobo que sempre protegia a irmã.

– Você sabia o que era uma pedra de dragão? – perguntou Nonna.

A menina balançou a cabeça.

– Não as conhecíamos muito bem, Skald às vezes nos contava histórias, mas nunca nada sobre eles, os dragões. Acho que temiam que entrássemos em suas almas.

– Sim, eles temem – Nonna sorriu. – Dragões evitam vocês, os divinos. Alguns destes parecem ser muito próximos daqueles. Bem, quer dizer...

– Você falava sobre a pedra de dragão – O entusiasmo nas palavras de Erna era claro assim como a luz das estrelas que atravessava as nuvens.

– Dentro delas estão as almas de dragões mortos... Tudo indica que dragões podem deixar suas almas dentro de tais pedras, se quiserem, para proteção de seus descendentes. – Nonna mostrou o amuleto de Gudrum para a irmã. A luz da lua refletiu na joia do amuleto como um lago sem fundo ou uma geleira infinita. – A alma de Gudrun está aqui, em algum lugar. As dos pais de Nereid estão na pedra que ela tanto queria ter, mais do que qualquer coisa.

– Então, era ainda mais importante do que você pensava – os olhos de Erna brilhavam de excitação.

– Nereid disse que dragões não têm valor sem seus ancestrais. É por isso que suas criptas funerárias são importantes para eles.

– Por que ela foi fechar a cripta funerária da família? Ela não quer mais reconstruir o forte?

Nonna colocou o amuleto dentro de sua capa, colocou a vara sobre as pernas e olhou para a água branca, quase totalmente congelada, na qual o luar cintilava como um arco-íris.

– Não. Os nawyrianos o destruíram por completo. Nereid vai cuidar para que ninguém possa entrar na cripta de novo e, depois disso, jamais voltará para lá. Seu lar é aqui e Asbrand está muito feliz com sua decisão. Além disso, ela fez um acordo com os hurgs para que tragam para Unha do Dragão o bebê dragão-negro que foi trazido à vida e encontrado por eles. Com Ermanaric e Halkin também se comprometendo com uma aliança com Unha do Dragão, em vez do Salão Negro, o bebê estará mais seguro aqui do que no Grande Tronco.

Erna suspirou, olhou para Nonna e um sorriso surgiu em seu rosto.

– Então, você encontrou mais rápido do que podia acreditar?

– O quê?

– Não finja que não sabe. Quando veio aqui, da última vez, o guarda florestal Godvardur e o adivinho Snörtur tiveram de segurar alguns espíritos, para que eles não corressem até você, de tão curiosos. E eu posso ver isso também, agora que sei procurar.

Confusa, Nonna olhou para a irmã e, por um instante, não soube dizer nada.

– Espíritos? Bem, Runolf disse que algo em mim mudou, além dessa perna que me incomoda o tempo todo – ela lamentou.

– Bem, você não notou nada?

Nonna empurrou a irmã.

– Pare! Por que vocês todos sempre falam em enigmas? Você é igualzinha ao Skald. Fale direto o que eu devia ter notado.

– Snörtur disse que você já é uma mykrida...

– O quê?

Erna ficou séria e fechou as mãos de Nonna nas delas, olhando para a irmã no fundo dos olhos

– Uma bruxa que caminha na escuridão, também chamada de andarilha das sombras. Não fique chocada. É o termo que os divinos usam para as bruxas do clã dos dragões, para os que sabem o segredo subterrâneo.

– Você só está me deixando mais confusa.

– Snörtur disse que você aprendeu a usar o poder que flui no subterrâneo, a força que os dragões também usam. Foi por isso que Snörtur e Godvardur tiveram de trabalhar duro para manter os espíritos longe de você, da última vez. Não reparou em nada?

– Bem... Para ser honesta, eu, de fato, noto – um sorriso maroto surgiu em seu rosto. – Só não sei o motivo. Na verdade, sinto o mundo espiritual em volta de mim de um modo bastante diferente. Como se os espíritos dessem conselhos, eu os ouço sussurrando para mim, de vez em quando.

– Então... Uma myrkrida – Erna riu e empurrou Nonna. – Segundo Snörtur, uma bruxa dessas não vem aqui desde a época de Gudrun.

– E é uma coisa boa? Snörtur disse algo sobre isso? – perguntou Nonna, hesitante, mordendo o lábio inferior e acariciando Fenris.

– Para você e Nereid é bom. No entanto, sem dúvida, é perturbador para Snörtur, pois você causa uma confusão na magia dele quando vem aqui. Já para os nawyrianos, bem, deve ser uma coisa muito ruim – Erna deu um sorriso largo. – Imagine se eles ficarem sabendo disso.

– Não me fale sobre Nawyr – disparou Nonna. – Não quero ouvir falar disso nem do Salão Negro ou de qualquer uma dessas coisas malditas. Pretendo ficar calminha em Unha do Dragão e não ir a lugar algum por muito tempo.

Erna suspirou.

– Espero que não vá – disse, aliviada, abraçando a irmã.

Um retumbar profundo e suave pôde ser ouvido da água branca no fundo do cânion. O tempo frio bateu nas árvores da Floresta da Raposa e a Aurora Boreal coloriu o céu coberto de estrelas com suas ondas brilhantes.

PERSONAGENS

AGENALD

Sacerdote das trevas do Salão Negro e um dos Senhores da Corte da Dor. Vaga por Noridium, tentando conjurar os segredos do Senhor do Inferno que lá haviam se perdido.

ALFGEIRR CHIFRE

Um dos primos de Ingolf, de Negrum e guerreiro forte, carrega um caneco de cerveja na mão com mais frequência do que uma espada ou uma lança.

ARNORA

Bruxa do Gelo que sucedeu Gudrun e predecessora de Astrid.

ASBRAND

Caçador de crânios de Unha do Dragão e guerreiro dragão, é neto de Skafloc e muito próximo de Nereid, dragão-negro que também habita ali.

ASTA

Tia de Freya que se mudou de Barra Fria para Monte de Hiite após a morte da esposa de Eymunt, jurando que jamais retornar.

ASTRID

Governante de Unha do Dragão, é a Bruxa do Gelo.

AUDUN

Um deus antigo dos dragões-de-fogo.

ÁUREA MENTE-DE-CORVO

Filha de Thorvid e Geirdis, de Monte de Hiite, acredita-se que é abençoada pelos corvos e capaz de falar com eles. Em qualquer lugar que vá, há sempre um bando dessas aves próximo dela. Prefere ficar sozinha, mas possui dois cães de estimação, os *elkhounds* Éolo e Brisa.

BEDA

Adivinho cego e louco que viveu no norte de Nawyr depois da Guerra dos Deuses. Viu e viveu o ataque de Gudrun pela Baía da Caldia congelada com um exército de bestas-do-gelo, hurgs e trolls. Diz-se que se encontrou com Gudrun na época, escrevendo uma profecia em um pedaço esfarrapado de couro, ainda pendurado na parede do maior salão do forte do suprassoberano de Nawyr. Tal predição tem sido, desde então, considerada tão importante que todos os governantes de Nawyr a sabem de cor e nela confiam cegamente.

Segundo o escrito, uma enorme força militar de Noridium atacará, um dia, atravessando o gelo e destruindo todo o reino de Nawyr, como vingança pelo que os nawyrianos fizeram no norte, certa vez. As tropas de Noridium contarão com a liderança de uma Bruxa do Gelo pertencente ao clã dos dragões.

BERENHARD

Tio materno de Nonna, nascido no norte de Nawyr. Junto com a irmã, precisou fugir de um aristocrata nawyriano, chamado Gerhard, de Campo Negro. Eles escaparam juntos com Radulf, Senhor de Guerra de Bariadia. Por um tempo, Berenhard ficou em Nascente Negra, o vilarejo de Radulf, mas depois o deixou buscando encontrar seu destino, no norte. Sua alma está acomodada em Fenris, protegendo Nonna e Gunhilde.

BJOLLOK

Bruxo de Noridium que foi aprendiz de Skafloc antes da Guerra dos Deuses e que, com seus poderes, lutou contra os exércitos de

Nawyr. No fim dos combates, os nawyrianos conseguiram derrotá-lo e seus monstros, mas, temendo seus poderes, não ousaram matá-lo, optando por seu exílio. Bjollok se retirou para as profundezas da Floresta da Raposa e seguiu como um bruxo temido até sua morte. Na Floresta da Raposa, escreveu o grimório que leva seu nome, um livro grosso de capa preta. Dizia-se que continha tudo o que sabia sobre bruxaria e os grandes segredos sobre os dragões-negros e, acima de tudo, encantamentos sobre medo, sombras e escuridão. Das mãos de Bjollok, o livro acabou em Unha do Dragão, onde é mantido em um cofre.

Grimórios são livros de segredos, cujos textos contém poderes mágicos e encantos. Estão relacionados com magia negra e diz-se que, com sua ajuda, é possível até conjurar os mortos e os espíritos maus. São escritos pelos mais poderosos bruxos e magos e sua compilação leva décadas, sendo por isso muito valiosos. O suprassoberano de Nawyr proibiu a posse de qualquer tipo de grimório em seu reino.

BORK

Tio de Thorvid, de Monte de Hiite, guerreiro grande, mal-humorado e cheio de opiniões.

BRANNHIR

Aristocrata que, há muito tempo, vivia nas terras de Pedra do Dragão e possuía imenso fascínio por coisas diferentes e misteriosas. No fim do século VII, partiu para uma exploração no Kheanh, retornando tão mudado que sua família e os serviços o abandonaram. Em suas terras, só se sabia que passara a ser odiado pelo governante de Pedra do Dragão. Depois disso, desapareceu.

BRODDR RATO

Outro primo de Ingolf, de Negrum, famoso por ser esquisito, covarde e irritante. Ainda não se casou, pois as mulheres não o toleram. Porém, tem talento para encontrar soluções para todos os tipos de situações e problemas, dando preferência por realizá-las em segredo.

BRYNJOLF KNOT

Chefe de Cinovila que gosta de passar o tempo com cachorros e tem os cabelos e a barba sempre cheios de nós.

CERBIURUS

Antigo deus dragão-negro, que Nonna encontrou após Pedra do Dragão.

DEWIAN

Principal deus da religião dos nawyrianos, levantou-se contra o Senhor do Inferno na Guerra dos Deuses. Uma das duas divindades humanas para quem os antigos deuses deixaram a Terra após partirem. Segundo a lenda, Dewian fez para si espadas das quatro estações, das quais a Canção de Inverno foi abençoada por seu filho, Riarch Mão-de-prata. Diz-se que a espada congela seus inimigos com o contato e que uiva como o vento quando é agitada. A arma desapareceu durante a Guerra dos Deuses, embora acredite-se que o próprio Riarch tenha sido o último a usá-la. Outra espada, o Espírito da Primavera, foi abençoada por Deas, a deusa da beleza na religião de Nawyr e irmã gêmea de Mão-de-prata, funcionando como arma valiosa contra os poderes maléficos. Segundo rumores, está nas mãos de Ealhere, herói de Nawyr.

EALHERE

Ealhere Modesto, conhecido como “maldição do Salão Negro”. Conta-se que Deas deu uma das espadas feitas por seu pai, o Espírito da Primavera, a um herói nawyriano, chamado Ealhere. De posse de tal arma, ele lutou a batalha final da Guerra dos Deuses, e no fim, matou Fadah, o filho do Senhor do Inferno. Nas lendas de Nawyr, Ealhere vaga pelo mundo protegendo o reino dos inimigos.

ERMANARIC

Chefe das tribos hurgs em volta de Unha do Dragão.

ERNA

Irmã gêmea de Nonna que morreu no parto. Seu pai levou o corpo para o bosque sagrado de Nascente Negra, mas sua alma foi encontrada por um dos mensageiros dos divinos e levada para a Floresta da Raposa, onde vive.

EYMUND

Eymund de Fyris, rei de Noridium. Perdeu a esposa no próprio século IX e, depois, amargou a ausência do único filho, que partiu para o sul em uma viagem de saques e nunca mais regressou. Sua única herdeira é Freya, a filha.

FAHD

Assassino de Wyr que Nonna encontrou no grupo de Sigwulf, retornando de Pedra do Dragão.

FLOKI

Contador de histórias, músico e adestrador de pássaros de Unha do Dragão.

FOCINHO-DE-SANGUE, JARNSKEGG, BARBA-DE-FERRO

Líder dos ursos-do-gelo de Unha do Dragão, é um guerreiro com uma enorme cicatriz no rosto que, aparentemente, possui o dom de assumir a forma de um urso-do-gelo, quando quer.

FREYA

Filha do rei de Noridium, Eymund. Após ficar viúvo, ele tomou a filha para mais próximo de si e a mimou o quanto pôde. Freya herdou a severidade da mãe, mas sua educação não a fez corajosa como ela ou o pai teria gostado. O rei desejava que a filha se tornasse a primeira governante mulher de Noridium

FREYDIS

Amiga de Nonna, mora em Unha do Dragão.

GEITIR

Antigo deus dos dragões-verdes

GERHARD

Governante de Campo Negro e aristocrata de Nawyr, queria Gunhilde para si, mas sucumbiu à inveja e ao ciúme para destruir a família dela e fazer com que fosse para o norte com o irmão. Ele a buscou por anos e, ao descobrir que esta já tinha uma filha, ordenou que a menina, Nonna, fosse sequestrada, para que pudesse fazer a mãe voltar e implorar por clemência. Após a fuga da garota, Berenhard o venceu em um duelo, ele enlouqueceu e foi destruído ao conjurar um espírito mau para vir e se vingar de mãe e filha.

GILS SELVAGEM

Mais um dos primos de Ingolf, de Negrum, é conhecido como um homem de pavio curto que se enfurece com as menores coisas.

GODMUND

Caçador de crânios de Unha do Dragão e montador de dragões, no caso, Skald, o dragão-do-gelo.

GRIMARR

Parente distante de Negrum, não se dá com Ingolf. É um guerreiro retesado e de aparência cruel que vive em um forte de madeira, em Monte do Poço de Piche. Por cheirar a piche, recebeu outro nome: Pichú.

GUDRUN

Esposa de Skafloc, o arquimago que fundou o forte de Unha do Dragão, fez uma aliança com as bestas-do-gelo e desenvolveu impressionantes poderes de bruxa. Foi a primeira a ser chamada como uma misteriosa Bruxa do Gelo, tendo sido a mais poderosa que já viveu em Noridium. Dizia-se, na época, que apenas sua futura filha seria capaz de superá-la em poderes mágicos.

GUNHILDE

Mãe de Nonna, nascida no norte de Nawyr. Sua beleza atraiu e levou Gerhard, de Campo Negro, a perturbá-la. Casou-se com

Radulf, um Senhor de Guerra de Bariadia e, depois de muitos anos tentando, concebeu Nonna.

GUNVOR

Avó de Áurea, a quase centenária mãe de Thorvid possui cabelos muito brancos, levando a ser chamada de bruxa. Possui uma cabana externa ao forte de Monte de Hiite, na floresta de abetos mortos, local de sacrifícios de Höggvandl. Diz-se ser capaz de prever o futuro. A cabana foi queimada mais do que uma vez.

HAIKIN

Rei dos hiisis que habita as montanhas próximas às planícies de Unha do Dragão.

HERIOLD

Governante de Pedra do Dragão, entre os séculos VII e VIII.

HIPOCRINA

Cavalo de guerra de Asbrand, da muito rara raça Caldia, que pode ter mais de dois metros de altura e pesar mais do que uma tonelada. A linhagem tem um porte robusto e muito forte, sendo destemida por natureza. Tais animais são utilizados em todas as tarefas mais pesadas, mas os melhores são treinados para uso em guerras. Por serem tão valiosos, poucos são os que podem adquiri-los.

HJALMAR, MIKKEL, JOREKR, e SIGERIC

Serviçais de Petrus, o cervejeiro de Barra Fria.

INGMAR

Primo da esposa de Eymund, é um homem preguiçoso e indulgente, afeito a terríveis mudanças de humor, vivendo no forte de Barra Fria com o filho, Eirik. A esposa fugiu do castelo, há muitos anos.

INGOLF

Líder da tribo de Negrum e um dos guerreiros mais fortes e famosos de Noridium, é celebrado como intolerante, orgulhoso e cruel, tendo liderado mais de uma dúzia de saques do lado nawyriano. Em toda situação possível, encontra razões para criticar o rei, não escondendo o sonho de se tornar o novo soberano.

ISRID

Menina que vive em Unha do Dragão e amiga de Nonna, pertencia a um tribo selvagem do norte.

KARTTU

Mercenário das montanhas e jogado nas masmorras de Steinarr, do Vale do Ferro, por um crime questionável, foi salvo por Nonna quando esta pediu sua soltura em troca de um favor, após também ter sido aprisionada no local.

LOBISOMENS

O povo dragão, certa vez, gerou criaturas para servi-los que eram capazes, em certas situações, de assumir a forma animal. Lobisomens são um exemplo e podem, quando querem, assumir a forma humana ou lupina. Desde o início, considerados perigosos e guerreiros sedentes de sangue, quando alguns foram amaldiçoados pelo Senhor do Inferno, estes perderam controle de suas habilidades de metamorfose e se tornaram mais imprevisíveis e perigosos. Os descendentes dos espécimes amaldiçoados podem até transferir a maldição para seres humanos normais.

NEREID

Dragão-negro fêmea que é capaz de assumir a forma humana, quando deseja. Conheceu Nonna no forte em que habita, Unha do Dragão, salvando-a do espírito mau enviado por Gerhard.

NILLA

Responsável pela cozinha de Barra Fria

OGMUND

Um dos *berserkers* do forte de Barra Fria

OLVIR

Adivinho do rei de Noridium, é um homem velho e sábio, mas um pouco simplório, que sempre teve um interesse especial pelos espíritos naturais. Nascido em Barra Fria, vivendo toda sua vida na corte do rei, é muito admirado por sua sabedoria.

PETRUS

Cervejeiro que acabou em Barra Fria em sua viagem ao leste da Caldia, trabalha para o rei de Noridium e faz a melhor cerveja da cidade. Obeso, com o rosto inchado e um enorme apetite, é gentil e amigável por natureza.

RADULF

Pai de Nonna e Senhor de Guerra de Bariadia, cujo ancestral distante era Skafloc. Certa vez, o bisavô de Radulf se mudou de Noridium e, assim, viu-se fora da proteção do deus urso, Forni. Como chefe do vilarejo de Nascente Negra, conheceu a mãe de Nonna em sua viagem ao norte de Nawyr.

RAUDOLF

Cuidador dos dragões de Unha do Dragão.

RUNOLF

Adivinho temido e misterioso do forte de Unha do Dragão, é um mago-da-morte que gosta de ficar no escuro.

SAEMUNDR

Avô do rei Eymund, de Noridium, também governou o reino, no fim do século VII. Passou a maior parte da vida nos mares e em saques. Seu nome ainda é conhecido em muitas cidades costeiras de Nawyr e Thuarian

SENHOR DO INFERNO

Abbadon, deus das trevas. Uma das divindades para as quais os antigos deuses dragões concederam poder ao partir. Traiu os outros deuses e com seu filho, Fadah, incitou toda a população do norte, assim como os dragões-negros, contra os humanos. Foi vencido na batalha do Salão Negro e desapareceu da face da Terra após a morte de seu filho por Ealhere. Diz-se que se suas ferramentas mágicas mais poderosas fossem encontradas, poderia ser conjurado de volta.

SIBYRHT

Velho adivinho de Nawyr que há décadas vaga pela Galdia e Noridium, cumprindo tarefas enviadas pelo suprassoberano de Nawyr, principalmente a obtenção de informações. A idade avançada começou a afetar sua sabedoria.

SIGARR

Peculiar caçador e viajante de Monte de Hiite, enerva-se perto das pessoas e, por isso, passa grande parte do tempo no meio do mato. Acredita-se que seja capaz de falar com os espíritos da floresta e animais.

SIGFASTR

Filho de Thorvid e Geirdis, de Monte de Hiite, e herdeiro da família, é um *hiisimind*, ou seja, abençoado pelos hiisis. Jovem despreocupado e feliz, carrega uma cicatriz profunda, que lhe atravessa o rosto, como lembrança de uma batalha contra o Bosque de Hiite, ainda garoto.

SKAFLOC

Antigo arquimago de Noridium que adquiriu os conhecimentos e a posição do deus dragão, Cerbiurus. Viveu em Pedra do Dragão e foi morto no fim da Guerra dos Deuses. Seu espírito lá se escondia até a chegada de Nonna.

SKALD

Dragão-do-gelo que vive em Unha do Dragão, é um contador de histórias, além de ser um dos principais adivinhos e sábios dentre os dragões.

SKEGGJA

Um dos mais famosos caçadores de crânios de Noridium, é chamado de Skeggja-Oco, por não possuir sentimentos. Homem de dimensões avantajadas, vaga pelo continente setentrional em seu enorme cavalo de guerra, procurando inimigos de Noridium e, em especial, da família de Valgard. Sabe-se onde mora, embora muitos o confundam com Höggvandil, que perambula pelas montanhas.

STEINARR CALVO

Líder tribal de Vale do Ferro junto às montanhas, é um homem calvo, muito rico e de influência, cuja família, entretanto, mantém íntima ligação com os aristocratas da Caldia. Costuma apregoar as vantagens do Salão Negro e muitos suspeitam que tenha negócios com a religião das trevas.

THORBARD

Mercador da Terra dos Hiites, acredita-se que tenha caminhado por todo o mundo conhecido. Vive na cidade de Barra Fria e vende o saque de soldados de Noridium vindo de Nawyr ou de outros lugares. Como a maioria dos hiitis, é cativante por natureza, além de baixo e robusto.

THORGEIRR, O DESAFIADOR

Governante de Barra do Alce, é um homem teimoso, como o nome sugere, e quase sempre contrário à opinião geral – segundo ele, trata-se de um princípio.

THORGIL

Líder tribal de Praia Perdida, conhecido como guerreiro forte, também é chamado de Thorgil de Ferro.

THORVID

Patriarca da família de Monte de Hiite, é referido como *hiitemind*. Trata-se de um guerreiro severo, destemido e que honra velhas tradições e crenças, evitando o contato com estranhos. Acredita-se que adora e tema Höggvandil, apesar de não parecer ter medo dos outros líderes tribais de Noridium.

THURGALD

Governante do Salão Negro e de toda a Caldia.

TYRFING

Antigo deus dos dragões-do-gelo.

ULFAR

Líder dos *berserkers* do rei Eymund e bravo guerreiro, jamais se rende.

ULFRIC II

Suprassoberano de Nawyr e guerreiro corajoso e orgulhoso, é parente distante do clã dos dragões-do-fogo. Possui extrema severidade e não permite qualquer tipo de adoração ao Senhor do Inferno em seu reino. Governa com mão de ferro, ajudado pelos guerreiros da Irmandade do Lobo Negro, assim como a temida e misteriosa Irmandade do Silêncio, composta de assassinos e espiões.

VARG BARBA DE OSSO

Trata-se de um homem grande e endurecido, cuja barba sempre traz ossos como enfeites, e que tem um dos olhos embranquecido por causa da catarata. Aliado mais próximo de Negrum, governa a região de Pedra do Dragão.

VERMGARD

Misterioso lorde dragão de Thurian e membro do clã dos dragões-do-fogo. Nonna o encontrou no forte de Vale do Ferro após salvar a vida de seu filho.

VERMUND, O QUIETO

Guerreiro calado e forte, da família de Valgard

VÖRDUR

Guarda da Floresta dos Sussurros, é misterioso e cercado de inúmeras histórias, criadas há séculos, sobre sua aparência. Nunca esteve fora da floresta.

REINOS E OUTRAS LOCALIDADES

BARRA DO ALCE

Antes conhecida como Aelfhulm, a cidade é controlada por Thorgeirr, o Desafiador. Seu símbolo é uma rena com fortes chifres.

BARRA FRIA

Foi fundada antes da Guerra dos Deuses, sob um templo construído na região, junto à abertura de uma rachadura do penhasco. Até o fim da guerra, era um pequeno vilarejo acima da qual havia apenas uma torre de guarda, bem ao lado do templo. Com o término do conflito e o vilarejo em ruínas, a família de Fyris assumiu controle das terras e construiu o primeiro forte sobre um monte. Após sucessivas guerras tribais, Barra Fria cresceu e floresceu. A cidade se espalha no sopé de um monte bastante grande, em cima do qual, sobre o penhasco, desponta o forte de Barra Fria e, ao norte, um círculo do templo. Partindo deste, uma escadaria leva a um porto de guerra, na base do penhasco. O porto fica a uma pequena distância do forte, em uma planície, possui um quebra-mar feito de pedra, galpões de navios e oficinas navais, assim como habitações para marinheiros, mercadores e construtores navais. No ano de 816, Barra Fria era governada por Eymund.

BOSQUE DA NÉVOA

No extremo sudoeste de Geada Profunda, há uma área florestal coberta de uma névoa quase perene, que desaparece somente no meio do verão, ainda assim, por muito pouco tempo. Em seu setor central, um pântano fica cheio de azaléas, no verão. Acredita-se que numerosos seres espirituais vivam na região.

BOSQUE DE HIITE

Enorme floresta cujos pântanos e lagos são cercados por abetos e carvalhos robustos e altos. O Bosque de Hiite é uma área inexplorada com um terreno de difícil locomoção, que tem sido governado desde o início dos tempos pelos pré-hiisis, os ancestrais dos hiisis. Conta com fortes e cavernas escavados em montes que, dentro de sua escuridão, abrigam os descendentes de todas as criaturas da escuridão que fugiram para lá no fim da Guerra dos Deuses. De maneira misteriosa, ele não para de se expandir, pois as raízes das árvores continuam se esticando cada vez para mais longe. Seus habitantes fazem saques na Estrada do Norte, à noite, o que ajudou a afugentar todas aqueles que costumavam viver por perto.

CASTELO DO BRAMIDO

O forte de Vermund, o Quietos, da família Valgard, é o maior de Noridium, depois de Unha do Dragão. Localiza-se sobre uma cachoeira, na ponta nordeste do Vale Frio.

CINOVILA

Vilarejo de tamanho médio na costa noroeste da Península de Hiite, suas terras pertencem a Brynjolf Knot.

CORTE DA DOR

Centro da religião do Senhor do Inferno, sua função principal é de um templo, construído dentro de uma montanha, no qual sacerdotes das trevas da religião são ensinados. Fica muito próxima do Salão Negro e, à exceção da realeza da Caldia, ninguém têm acesso a ela além dos sacerdotes.

DEPRESSÃO DE HALLA

Longa depressão que constitui um vale e funciona como fronteira entre Bariadia e Noridium, é mais de duzentos metros mais profunda do que a área que a circunda. Inicia-se no nordeste, na cachoeira de Valgard, e segue até a cidade de Barra do Alce, no sudoeste. Embora povoada, é uma área verde que, entretanto, sofre com a

terrível geada no outono e na primavera. O Rio Gelado a atravessa, assim como corredeiras e cachoeiras vindas da Pedra do Dragão.

O lado nordeste da depressão pertence à família Valgard, enquanto no sudoeste, a área Hallarine pertence à tribo de Dyri, o Gritador.

FLORESTA DOS SUSSURROS, FLORESTA SUSSURANTE, FLORESTA QUE SUSSURRA

Grande área florestal a menos de um dia a pé de Barra Fria, ao lado da Terra do Gelo. Seu nome se refere a um vento que não para de sussurrar entre as árvores e ao fato que a floresta é cheia de abelhas no verão. Com frequência, avistam-se fogos-fátuos em seu entorno e diz-se ter sido centro do culto de Forni. Há diversas histórias sobre um homem que guardaria a floresta, um apicultor. Alguns o viram como jovem, outros, como velho, mas os relatos coincidem na companhia constante de um animal de inverno: um leopardo das neves, um tigre das neves ou um urso-do-gelo.

HALLARINNE

Área em volta da Depressão de Halla, governada pelo trio de Hallarine, com Dyri, o Gritador, e sua voz rouca como líder.

ILHA DOS MORTOS

Grande ilha a oeste de Unha do Dragão, tem a má reputação de ser pródiga em corpos e esqueletos. Em tempos antigos, era usada como local de desterro, sendo comum as pessoas dizerem que espíritos e outras coisas más ainda vagam por ali. Ninguém deseja se perder nela, apesar das histórias que afirmam haver uma entrada para Hades e que atestam que Kolrun mora na ilha sob a forma de um eremita negro.

LUPISTARA

Forte de Deneblain, que governou Nawyr durante a Guerra dos Deuses, situava-se na fronteira norte de Nawyr, tendo sido destruído pelo Senhor do Inferno, no início do conflito. Embora tivesse sido reerguido, no ano de 127, Gudrun, esposa de Skafloc, realizou novo

ataque, destruindo-o uma vez mais. Apenas um jovem, Beda, um aprendiz de adivinhos, sobreviveu.

MONTE DE HIITE

Forte de madeira construído em um terreno íngreme e montanhoso, é habitado pela reclusa família de Monte de Hiite. Localiza-se nas terras dos hiisis, em uma área selvagem e distante, sem qualquer outra população com exceção dos eremitas, hiisis, trolls e algumas tribos da montanha, mais no alto. O vilarejo, propriamente dito, está a alguns quilômetros ao leste do forte, que se encontra junto à Estrada do Norte e, de sua própria maneira, protege a segurança do trajeto. É provável que as terras de Monte de Hiite contemplem um dos últimos locais de sacrifício de Höggvandil.

MONTE DO POÇO DE PICHE

O vilarejo de Grimarr Wolfclan, ao qual pertence a Península de Hiite, produz a quase totalidade do alcatrão de Noridium.

NEGRUM

Forte da família de Negrum, na costa do Mar Gelado, liderado por Ingolf. Rumores indicam ter sido construído sobre ruínas de um templo do Senhor do Inferno e que as forças da escuridão, com o passar dos anos, tenham estimulado a crueldade entre os membros da família.

PEDRA DO DRAGÃO

A cidade recebeu este nome em decorrência de um rochedo enorme, no topo do qual reluzia a estátua de um dragão, reduzida muitos anos depois, tão somente a escombros. O rochedo, na fronteira leste da cidade, pode ser visto ainda do Rio Dragão. Pedra do Dragão está sob o controle de Varg Barba de Osso.

PENHASCO DO CHIFRE

Ponta da península abandonada nas terras de Pedra do Dragão. Poucos sabem de sua existência e, ainda menos, que é usada como

prisão para os que são considerados perigosos. Há um século diz-se que qualquer um que seja jogado na ilha não sobrevive mais do que um mês e que nenhum prisioneiro escapou ileso. O local foi assolado por uma maldição, cujas origens ninguém lembra mais, há centenas de anos. A área que o cerca é inabitada, exceto pelo guarda da península – um semi-hiisi conhecedor de magia.

PRAIA PERDIDA

Vilarejo de Thorgil de Ferro na costa ocidental da Península de Hiite, teve um início difícil, pela constante presença de lobos que, só mais tarde, moveram-se mais para cima, para as montanhas. Acredita-se que guarde o túmulo de Ylva.

SALÃO NEGRO

Enorme forte construído com o aproveitamento de parte de uma montanha, na costa do norte da Baía da Caldia. Ao pé dessa encosta, assenta-se a cidade de Salão Negro, uma cidade-porto movimentada e emergente. Parcialmente destruído na Guerra dos Deuses, foi reconstruído com surpreendente rapidez – entre boatos de que os construtores eram misteriosas pessoas escuras e baixas que vieram do interior da montanha – e o rei Thurgald, do reino da Caldia, ocupou-o na função de novo líder. Perto de lá, em terras altas das Montanhas da Dor, há uma área do templo do Senhor do Inferno, centro da religião das trevas. Muitos acreditam que o Rio das Sombras, um curso de águas escuras e rápidas que corre em Salão Negro, nasce nas montanhas onde o próprio Senhor do Inferno se esconde, embora várias pessoas tenham vasculhado o local sem êxito. Diz-se que a caverna do Senhor do Inferno é guardada por um chamativo Profeta de Ferro – enorme estátua de ferro que emana um brilho vermelho, graças ao fogo eterno que arde em seu interior.

UNHA DO DRAGÃO

Misterioso lugar que serve de residência para a Bruxa do Gelo. O forte de Unha do Dragão se situa em planícies protegidas por altas montanhas que se supõe serem habitadas por monstros. Ao leste,

elas vão até a Floresta da Raposa e, ao norte, até as planícies de pergelissolo da Terra do Gelo. No local atual do forte houve outro, destruído antes da Guerra dos Deuses, cabendo sua reconstrução à esposa de Skafloc, Gudrun, findas as batalhas.

VALE DO FERRO

Terras da família de Steinarr Calvo, na fronteira sul da montanha de Unha do Dragão.

AS VIRTUDES DE NORIDIUM

Já no início dos tempos, esperava-se que os noridianos mantivessem suas virtudes, regras que não podiam quebrar sob nenhuma hipótese, incluindo:

Manter uma promessa

Ser justo

Ter coragem

Proteger a liberdade

Proteger a família e a honra

Considerar a família e a honra mais valiosos do que o ouro

Mostrar respeito aos pais

Mostrar lealdade aos amigos e à família

Oferecer hospitalidade

Manter a dignidade em todas as circunstâncias

Lutar contendas honestas com inimigos

Não machucar as mulheres, sendo homens

Dizer não ao abuso de poder

RELAÇÕES DE PODER

No passado, o mundo setentrional, antes da Guerra dos Deuses, era dividido entre três grandes reinos. O coração de tudo era o Antigo Reino Dragão, onde se acredita que todos os dragões tenham nascido. A moderna Thurian foi toda constituída por esse reino.

A oeste, estava Nawyr, quase tão brilhante quanto seu modelo do leste, mas um pouco menor. Do lado norte, havia o reino da Caldia, uma área rude e fria, que não interessava muito a ninguém, exceto aos dragões-negros, aos gigantes e aos selvagens que lá haviam vivido muito tempo antes. O resto do mundo era colorido por diferentes tipos de reinos, pontuado por fortes e palácios de aristocratas dragões. O magnífico reino dos dragões-do-fogo; o pequeno clã dos dragões-do-gelo, que morava no canto mais setentrional do mundo, a Terra do Gelo; os dragões-verdes, habitantes das florestas do sul; e os dragões-azuis, que viviam longe, no meio do oceano.

O Senhor do Inferno começou a Guerra dos Deuses pelo norte, no continente da Caldia. Por séculos, ele formou um exército em suas sombras escuras, apenas esperando o momento certo para atacar o sul. Odiando outros deuses e os reinos por eles criados, sua intenção era a destruição de todos. Depois de obter a aliança com os dragões-negros, com base em várias tramas e magias, o Senhor do Inferno atacou pelo norte e pelo leste, conseguindo destruir quase todo Continente Central, antes que outros deuses o detivessem com a ajuda de todos os dragões, à exceção dos dragões-negros.

Derrotado, ele se refugiou no norte, mas os líderes do Continente Central, assim como seus deuses, não o perdoaram, decidindo atacar pelo Mar do Norte. Temendo o ódio do exército que atacou o

Continente Setentrional, os dragões-negros, até então neutros, uniram-se à batalha para defender suas terras. No fim, a capital e o forte do Senhor do Inferno – Salão Negro – foram destruídos e, embora os exércitos derrotados do Senhor do Inferno tenham se retirado ainda mais para o norte, as tropas do Continente Central não se deram por satisfeitas. Na sequência, decidiram destruir todos os que haviam apoiado o Senhor do Inferno. Em sua fúria, dizimaram inúmeras criaturas inocentes, parando apenas ao chegarem à fronteira com a Terra do Gelo.

A captura do Senhor do Inferno não foi lograda.

Quando as tropas do Continente Central finalmente retornaram para seus próprios reinos arruinados, a destruição da Caldia era quase total. A guerra fora equilibrada entre os exércitos e tão violenta que a imensa maioria de todos os dragões e clãs dos dragões desaparecera dos olhos dos humanos, restando uma pequena fração sobrevivente e seus descendentes. Finda a Guerra dos Deuses, não se avistaram mais dragões, salvo raríssimas vezes em áreas mais remotas.

Desde o grande conflito, alimenta-se o ódio entre a Caldia e o Continente Central. Todos no continente da Caldia nutrem rancor e desprezo aos nawyrianos, em especial. No entanto, com a separação pelo mar, não há grandes guerras há séculos. Os nawyrianos e os thurianos, povos do Continente Central, temem toda a população da Caldia, pois os consideram cruéis seguidores do deus das trevas.

A Caldia foi dividida em três partes e é um continente muito fragmentado e contraditório. Os noridianos no norte são hostis às pessoas do reino da Caldia, por ser notório que os caldianos iniciaram a Guerra dos Deuses, levando à destruição de Noridium. Bariadia, que fica entre Noridium e Caldia, tem uma visão um tanto neutra dos fatos: embora não tenham apreço ao povo da Caldia, preferem não manter o antigo ódio. Acrescente a isso o fato que, apesar dos caldianos não terem apreço ao povo de Bariadia, execram muito mais as pessoas do sul – Nawyr e Thruriania.

O equilíbrio se mantém por um fio, como há séculos. Nenhum reino tem recursos para grandes guerras e, de fato, nem vontade. Os noridianos saqueiam a região da costa de Nawyr e transportam

os tesouros pelo Mar do Oeste para o leste. Todos parecem se concentrar no desenvolvimento do próprio reino, conquanto outro tipo de conversações também existam.

Acima de tudo, os nawyrianos temem que o Senhor do Inferno governe o norte, mais uma vez, e inicie uma guerra parecida com a anterior. Pois, nesse caso, não haveria o clã dos dragões para salvá-los. Portanto, eis o motivo de Nawyr considerar qualquer fato relacionado com o Senhor do Inferno com extrema cautela, preferindo destruir tudo que lhe diga respeito sem piedade para evitar que ele volte a ascender. Os nawyrianos creem, com convicção, que o governo do Senhor do Inferno, na época, dependeu dos objetos mágicos que ele criou, nos quais o mau que ele reuniu por séculos se concentrou. Tais artigos desapareceram no fim da Guerra dos Deuses, mas especula-se que se todos acabassem em mãos erradas, seria possível conjurar o encontro do Senhor do Inferno e o rei da Caldia, líder do Salão Negro. Enquanto há um esforço silenciosos para trazer o Senhor do Inferno de volta a este mundo, outros – como Nawyr, em especial – tentam ao máximo evitar isso.

Com a crença recente na volta dos velhos deuses, os nervos de todos estão ainda mais à flor da pele. Ninguém prevê o que irá ocorrer, embora seja unânime que o primeiro a entender a nova ordem irá se situar em uma melhor posição.

Copyright © 2006 Ilkka Auer

Copyright © 2015 Editora Gutenberg

Publicado originalmente por Otava Publishing Company Ltd. com o título em finlandês *Varjoissa vaeltaja*.

Publicado em português por acordo com Otava Group Agency Helsinki e Vikings of Brazil Agência Literária e de Tradução Ltda., São Paulo.

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

PUBLISHER

REVISÃO

Alessandra J. Gelman Ruiz Andresa Vidal Branco

EDITORA

CAPA

Silvia Tocci Masini

Marina Ávila

ASSISTENTES EDITORIAIS

DIAGRAMAÇÃO

Felipe Castilho

Christiane Moraes

Carol Christo

PREPARAÇÃO DE TEXTO

Geisa Oliveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Auer, Ilkka

A andarilha das sombras / Ilkka Auer ; tradução Pasi Loman e Lilia Loman. -- Belo Horizonte : Editora Gutenberg, 2015. -- (Série Terras de Neve e Gelo ; v. 2)

Título original: Varjoissa vaeltaja.

ISBN 978-85-8235-254-0

1. Ficção finlandesa I. Título. II. Série.

15-03089 CDD-894.541

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura finlandesa 894.541

A **GUTENBERG** É UMA EDITORA DO **GRUPO AUTÊNTICA** 

São Paulo

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I, 23º andar, Conj. 2301

Cerqueira César . 01311-940 . São Paulo . SP

Tel.: (55 11) 3034 4468

Teleendas: 0800 283 13 22

www.editoragutenberg.com.br

Belo Horizonte

Rua Aimorés, 981, 8º andar

Funcionários . 30140-071

Belo Horizonte . MG

Tel.: (55 31) 3214 5700

ILKKA AUER

VENCEDOR DO PRÊMIO KUUSISTAJA DE MELHOR LIVRO DE FANTASIA,
CONCEDIDO PELA TOLKIEN SOCIETY DA FINLÂNDIA



O CLÃ
dos
Dragões

TERRAS DE NEVE
E GELO • VOL. 1

GUTENBERG

O Clã dos Dragões

Auer, Ilkka

9788582350942

336 páginas

[Compre agora e leia](#)

Nos tempos antigos, o reino de Noridium era governado pelos temíveis Dragões Negros. Durante séculos, na fria região de Caldia, circularam lendas sobre a Bruxa do Gelo, que seria a descendente cruel e imortal dessas criaturas. Porém, tais lendas se tornarão realidade para a adolescente Nonna e para seu protetor, o urso polar de estimação, Fenris. Depois de ver sua aldeia atacada e destruída, ela é forçada a deixar sua casa e sua vida para trás. Os rumores de que os deuses antigos voltaram à Terra aumentam a cada dia, e tudo começa a mudar. O grande temor é de que o Clã dos Dragões recupere seu domínio. Nonna se vê, então, em meio a uma luta pelo poder, e ameaçada por um grande mal. Ao

procurar defender-se, descobre mais sobre seus ancestrais, mas percebe que está mais envolvida com o futuro do reino do que poderia imaginar.

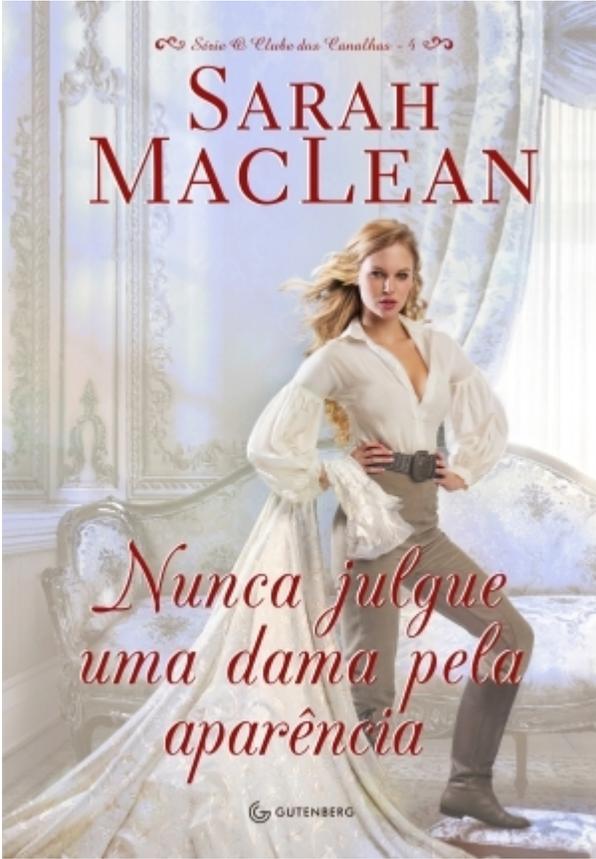
[Compre agora e leia](#)

Série O Clube das Canthas - 5

SARAH MACLEAN

*Nunca julgue
uma dama pela
aparência*

GUTENBERG



Nunca julgue uma dama pela aparência

MacLean, Sarah

9788582353561

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Duncan West, assim como todos os homens, enxerga apenas o que quer...

Mas ele estava prestes a ver o que não queria.

Para a aristocracia, Lady Georgiana é a pobre irmã de um duque, rejeitada pela família após ter sido arruinada no pior tipo de escândalo possível: uma mulher que fez escolhas infelizes ao entregar-se de corpo e alma para um rapaz que todos desconhecem.

Mas a verdade é sempre muito mais chocante! Nos

recônditos mais obscuros de Londres, Lady Georgiana é a mulher mais poderosa da Grã-Bretanha, a rainha do submundo londrino, e atende pelo nome de Chase, o lendário e temido fundador do cassino mais exclusivo da cidade, o Anjo Caído.

Circulando disfarçada pelos corredores de seu império, Chase sabe dos piores segredos dos figurões da sociedade e tem todos os poderosos na palma de sua mão, mas durante anos os seus próprios mistérios nunca foram descobertos... Até agora!

Brilhante, inteligente e bonito como o pecado, o jornalista Duncan West está intrigado com a linda mulher – que de alguma forma está ligada a um mundo de trevas e perdição. Ele sabe que Georgiana é muito mais do que parece e promete desvendar todos os seus segredos, expondo seu passado, ameaçando seu presente e arriscando tudo o que ela tem de mais precioso. Inclusive seu coração.

[Compre agora e leia](#)



MONICA SIFUENTES

ROMANCE

UM
POEMA
para
BÁRBARA

A história de amor
que ajudou a escrever
a História do Brasil

Apresentação de Mary del Priore

 GUTENBERG

Um poema para Bárbara

Sifuentes, Mônica

9788582353363

432 páginas

[Compre agora e leia](#)

São João Del Rei, Minas Gerais, 1776. A cidade recebe o novo ouvidor da comarca, vindo de Portugal: o jovem intelectual e bon-vivant José Inácio de Alvarenga Peixoto. Pronto para assumir sua responsabilidade na próspera Colônia da Coroa, o caminho do magistrado se cruza com o de Bárbara Eliodora, moça de gosto apurado e ideias à frente de seu tempo, que encontra expressão na poesia, assim como Inácio. Do encontro dos dois nasce uma paixão repleta de sonhos de liberdade e revolução, e de um país livre dos grilhões da realeza. Retratando a jornada que culmina na turbulenta Inconfidência Mineira, Um poema para Bárbara é uma história de amor e coragem que jamais será apagada pelo

tempo. Um legado de sangue e lutas, de ideais e heroísmo, que marca até hoje a História do Brasil.

[Compre agora e leia](#)

AUTORA BEST-SELLER N° 1 DO THE NEW YORK TIMES

MAYA
BANKS



SALVE-ME

Trilogia Slow Burn - Volume 2

 GUTENBERG

Salve-me

Banks, Maya

9788582353004

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

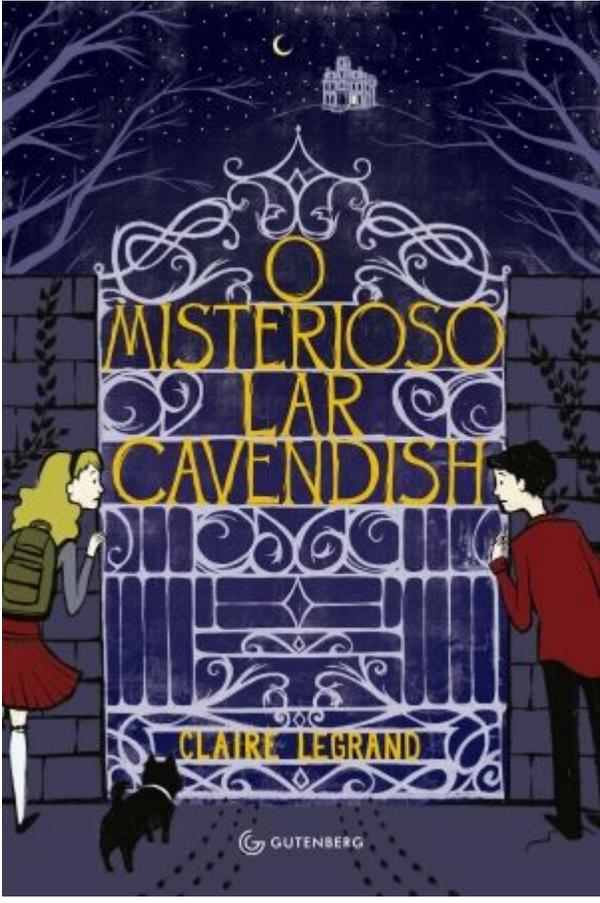
O que pode acontecer quando uma heroína determinada encontra um herói alfa sexy?

Abandonada quando bebê e adotada pelo jovem e rico casal Gavin e Ginger Rochester, Ariel cresceu em um mundo de privilégios. Sua única ligação com o passado é algo que a distingue de todos os outros: seus poderes telecinéticos. Protegida por seus pais adotivos para manter seu dom em segredo, Ari cresce no colo do luxo, mas também do isolamento. Até que, quando jovem, alguém começa a ameaçar sua vida...

Beau Devereaux é um homem frio, rico e poderoso, C.E.O. da DSS, empresa de segurança criada pela família após todos os sinistros acontecimentos com o irmão Caleb e a cunhada Ramie. Beau é mais que familiarizado com as realidades de poderes psíquicos. Assim, quando Ari o procura, dizendo que seus pais haviam desaparecido e que ela precisa de proteção, ele se prontifica a ajudar. O que Beau não está preparado é para a extensão de sua atração por sua bela e poderosa cliente.

O que começou apenas como mais um trabalho, rapidamente se transforma em algo pessoal, e Beau descobre que é capaz de qualquer coisa para proteger Ari. Mesmo que isso lhe custe a vida.

[Compre agora e leia](#)



O misterioso Lar Cavendish

Legrand, Claire

9788582351802

264 páginas

[Compre agora e leia](#)

Victoria é sempre impecável. Seus cabelos e unhas brilham, seu quarto não tem nada fora do lugar, sua rotina é precisa. Se há algo que ela pode considerar como um defeito em sua vida é Lawrence, que parece seu oposto: é preguiçoso, desorganizado, anda com a roupa desgrenhada e vive sonhando no mundo da música. Ela nem entende como eles vieram a se tornar amigos. Mas, exceto por isso, sua vida é perfeita na cidade de Belleville.

Até que Lawrence desaparece. Ela começa a investigar, e percebe que ele não é o único a sumir na pequena cidade. Por trás de suas ruas tranquilas, há segredos sombrios e assustadores, e as pistas

que Victoria encontra parecem apontar para um lugar em especial: o Lar Cavendish. As pessoas entram lá mas saem... diferentes. Ou então não saem.

Ignorada pelos adultos, ela se vê como a única capaz de tentar resolver o mistério e trazer seu amigo de volta. Mas, para isso, terá de abrir mão de sua vida perfeita.

[Compre agora e leia](#)